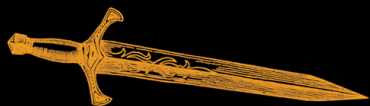
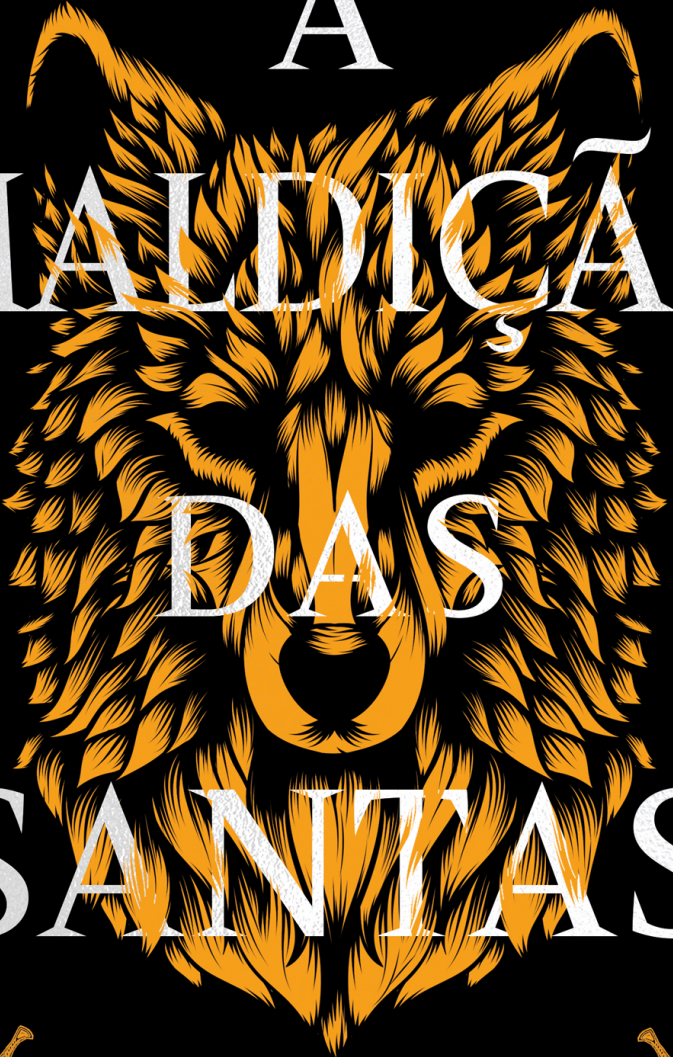


Ela foi enviada para salvar o reino ou para o destruir?

A MALDIÇÃO DAS SANTAS



Kate Dramis



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Ela foi enviada para salvar o reino ou para o destruir?

A MALDIÇÃO DAS SANTAS



Kate Dramis



FICHA TÉCNICA



SUA DESEMPENHA

livros para fugir da rotina

Título: *A Maldição das Santas*

Autoria: *Kate Dramis*

Editor: *Célia Almeida Nogueira*

Esta edição © 2023 Edições Saída de Emergência

Título original: The Curse of Saints © Kate Dramis 2023. Tradução da edição publicada em 2023 por Michael Joseph, uma empresa do Grupo Penguin Random House.

Tradução: *Luís Filipe Pontes*

Revisão: *Luís Guimarães*

Design de interiores: *Saída de Emergência*

Design da capa: © *jamespauljones.tumblr.com*

Mapas/imagens do miolo: © *Sally Taylor Represented by Artist Partners Ltd.*

Data de Edição E-Book: *setembro, 2023*

isbn: *978-989-773-535-6*

Edições Saída de Emergência

Taguspark - Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva,

Edifício Qualidade – Bloco B3, Piso 0, Porta B

2740-296 Porto Salvo, Portugal

Tel e Fax: *214 583 770*

Acompanhe as nossas novidades em

www.sde.pt

[facebook](#)

[instagram](#)

[e twitter](#)

ÍNDICE

FICHA TÉCNICA

DEDICATÓRIA

MAPA

EXCERTO DO CONOSCENZA

PRIMEIRA PARTE

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

SEGUNDA PARTE

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58

TERCEIRA PARTE

59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78

EPÍLOGO

GLOSSÁRIO

AGRADECIMENTOS

BIOGRAFIA

PUBLICIDADE

GILD

DEDICATÓRIA

**PARA A CASSIE E A MOLLIE, QUE LERAM TODAS
AS VERSÕES QUE FORAM FEITAS DESTA HISTÓRIA.
AMO-VOS DAQUI ATÉ À LUA, IDA E VOLTA.**

MAPA



OS REINOS
ETYERINUS

TRAFIR

RINDLA

MILSAIO

CHAMEN

OUTREAR

NOVA

Mar de Anath

Excerto do Conoscenza, do Livro de Exousia 23: 14–23

Mas, depois da guerra, os deuses foram misericordiosos. Em vez de banirem os Visya — os abençoados com fragmentos de poder divino em bruto —, eles limitaram as suas semelhanças, para que nenhum Visya se pudesse tornar tão poderoso que desafiasse os Divinos Nove outra vez. Esta foi a criação das três ordens:

A Ordem dos Corpsoma: poderes físicos

Zeluus: o poder da força

Anima: o poder da vida e da morte

A Ordem dos Dultra: poderes dos elementos

Incend: o poder do fogo

Caeli: o poder do ar

Terra: o poder da terra

Auqin: o poder da água

A Ordem dos Espri: poderes da mente,

da emoção e das sensações

Sensainos: o poder das sensações e da emoção

Persi: o poder da persuasão

Saj: o poder do conhecimento

Que nunca esqueçamos a graça dos deuses nem Santa Evie, que sacrificou a sua vida de maneira altruísta pela salvação do reino.

Acarinhamos o equilíbrio que os Divinos ordenaram.

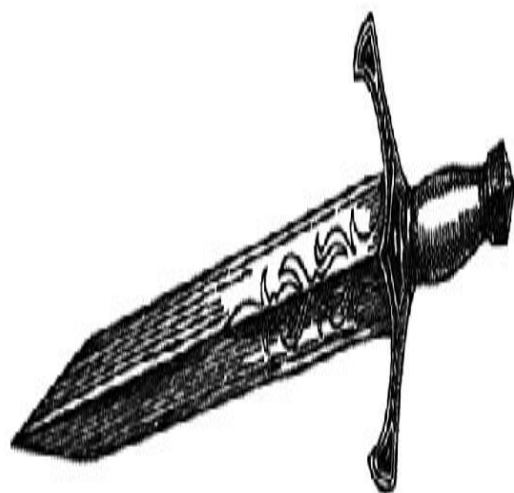
Rejeitamos a escuridão de acordo com a fúria dos deuses.

Honramos o sacrifício que manteve a vida no nosso reino, para que possamos um dia encontrar verdadeira vida no Além.

PRIMEIRA PARTE

OS PREDADORES E A PRESA





C om o sangue que tinha nas mãos, e cerveja a escorrer pela capa, a noite começava bastante mal.

— Cabra! — rosnou o homem, agarrando o nariz. O sangue que escorregava por entre os seus dedos juntou-se à cerveja que pingava do balcão, espalhada junto à caneca partida.

Aya limitou-se a passar as palmas das mãos pelo couro das suas calças, franzindo vincadamente o sobrolho ao vê-las ficar manchadas de vermelho.

Tova nunca iria deixar de falar sobre isto. A amiga comentava sempre sobre a sua capacidade em voltar para os Aposentos coberta pelos fluidos corporais de alguém e a cheirar como se tivesse tomado banho numa gamela de porcos. Mas nunca ficava surpreendida. Aya, a Terceira da Rainha, já tinha seguramente visto a sua quota-parte de sangue. «Os Olhos da Rainha», era como lhe chamavam. A mestre-espia de Gianna.

— Toca-me outra vez e parto-te uma coisa que estimas ainda mais — sussurrou Aya ao homem. Ela não era estranha à desordem daquela zona, tendo seguido esses homens três vezes para aquele sítio, só nas últimas duas semanas. Mas o cliente bêbedo e de mãos atrevidas tinha rompido a rédea curta com que ela refreava o temperamento.

Ninguém tinha sequer piscado um olho quando ela o atingiu. O Bairro Imundo atraía o pior em Dunmeaden e nos seus visitantes — apostadores, arruaceiros e ladrões. Aparentemente, Aya integrava-se bem.

O homem fugiu, furioso e ainda a praguejar, e Aya lançou ao taberneiro um sorriso tímido. Ele tinha estado a olhar para ela toda a noite — na verdade, *todas* as noites em que ela tinha aí estado. Agora aproximava-se dela, com a sua larga silhueta a esconder a pouca luz que estremecia por trás do balcão.

— Boa forma — disse ele com um sorriso malicioso. Passou uma mão na sua cabeça calva, e os bíceps evidenciaram-se com o gesto. Todos os Zelus — os abençoados com força superior — eram gigantes. E este tinha um ego a combinar.

— Mas vou ter de te cobrar pelo copo.

Aya desapertou a sua capa e atirou-a para o banco junto a si, enquanto encostava uma anca ao balcão.

— Talvez arranje outra maneira de te compensar.

Os olhos dele iluminaram-se com a sugestão, e apoiou os seus grossos antebraços no balcão.

— Também sei dar um soco, sabes? Já te contei de uma vez em que lutei com dois Anima só com as minhas mãos?

Ela já tinha ouvido a história duas vezes. Ele adorava gabar-se dos tempos em que fora um lutador de ringue. Na primeira vez que ele contara a história, Aya quase não conseguira evitar revirar os olhos. Os Anima usavam o seu poder de vida e de morte para atuarem principalmente como curandeiros, mas podiam ser letais. Bastava um simples toque e as pulsações de alguém caíam em segundos. Nem um Zeluus como o taberneiro poderia lutar contra eles.

De qualquer maneira, ela tinha quase a certeza de que os Anima estavam proibidos de lutar no ringue.

Aya inclinou-se para se aproximar, fingindo mostrar um interesse admirador quando ele começou o seu relato mais uma vez. Sorriu suavemente e enrolou o seu cabelo castanho-escuro num dedo, enquanto o taberneiro continuava a falar, gesticulando com entusiasmo.

Cuidadosamente, deixou o seu poder fluir dela.

Não havia escudo. Excelente.

— Como é que um lutador tão forte como tu acabou num sítio como este? — perguntou, enquanto bebia um gole de cerveja. O olhar dele seguiu a língua dela, ao lambear a espuma dos lábios.

— Não é tudo mau. Sou o chefe — respondeu, encolhendo os ombros. Aya arregalou os olhos de propósito.

— És *mesmo*? Então é para o teu gabinete que tu te esgueiras tantas vezes? — ela acenou com a cabeça para o corredor fechado à esquerda do balcão. Sabia muito bem que um pardieiro como aquele não tinha um gabinete. A mão dela dançou pelo espaço entre eles e os seus dedos desenharam o traçado da tatuagem dos Corpsoma no pulso dele: um círculo com uma linha no meio.

— Talvez pudéssemos ir para lá. Parece ter mais... privacidade.

O taberneiro abanou a cabeça.

— Não é o meu gabinete. — Fez uma pausa e olhou à volta. — Não devia dizer, mas...

Ela concentrou o seu poder com mais força, e o homem continuou, ignorando a forma como ela obtinha informação da sua mente e da sua boca.

— Dois homens têm vindo aqui desde há semanas. De Tahir, parece-me, por causa do sotaque. Não se preocupam em esconder as conversas deles de mim. Mas eu ouço. — Olhou novamente em redor antes de se inclinar mais, baixando o tom de voz até sussurrar. — Andam a comprar armas nas costas do Conselho. Estou a pensar em ganhar uma comissão em troca de não os denunciar.

— A sério? — sussurrou Aya. O Conselho Mercantil de Tala, como principal fornecedor de armas ao reino, tinha sido sempre zeloso na regulação

do comércio de armas e na quantidade que vendiam aos outros reinos.

Pelos vistos, Trahir tinha-se fartado disso.

— Negociar por baixo da mesa não é fácil. Eu tenho influência. — O taberneiro sorriu. O seu olhar desceu pelo corpo dela, demorando-se no decote profundo da camisola preta de Aya. — Talvez compre algum do teu tempo. És demasiado bonita para trabalhar no Bairro Imundo.

Aya continuou a sorrir timidamente, quando ele se debruçou para ela e lhe segurou no queixo, com o polegar a acariciar-lhe uma face.

Repugnante. E repugnantemente fácil.

Os Persis não podiam manipular. Só podiam persuadir alguém a fazer o que estivessem dispostos a fazer. Mas essa disposição não tinha de ser forte — especialmente para uma Persi como Aya.

Ela inclinou-se mais, o suficiente para a sua respiração roçar nos lábios dele.

— Não me podes pagar.

Com a mão agarrou na sua caneca e partiu-a na cabeça dele, estilhaçando-a e fazendo o taberneiro cair como um pedregulho.

Aya rodopiou e bateu com o ombro no cliente junto dela, fazendo-o cair de frente para cima da mulher que ele tinha estado a seduzir. A mulher engasgou-se e arrancou-lhe um punhado de cabelo branco, ao empurrá-lo contra um cavalheiro corpulento que jogava bilhar atrás dela, e em seguida...

Um pandemónio.

Aya agarrou uma das bebidas abandonadas no balcão e engoliu-a de um trago antes de se dirigir ao corredor dos fundos. Tinha de ser rápida. A informação dada pelo taberneiro confirmara aquilo de que ela suspeitava há muito: a rainha tinha razão. Trahir estava a armazenar armas — e talvez mesmo a preparar-se para a guerra.

E, com aquele caos na taberna, ela só tinha alguns instantes até os negociantes escaparem.

Aya sentiu aquela boa e calma sensação a crescer dentro dela — aquilo que sentia quando o passo seguinte de uma missão se tornava claro. Deixou-a invadi-la até tudo estar silenciado, até as suas próprias veias serem como gelo, e deslizou por entre os clientes a lutar, evitando os golpes graças à sua pequena silhueta. Escondeu-se por baixo de uma cadeira que lhe fora arremessada à cabeça, sempre sem vacilar.

Quinze passos até à sala das traseiras.

Dez.

Cinco.

Os guardas finalmente repararam nela no meio da briga. Começaram a desembainhar as espadas, com avisos nos lábios. Mas não foram suficientemente rápidos para «os Olhos da Rainha». O punhal dela já estava liberto da bainha que trazia na coxa.

— Os Dyminara mandam cumprimentos.

Lançou-se ao primeiro guarda, enfiando o punhal no peito dele, por baixo do braço direito. Estava morto antes de cair no chão. Aya girou e a sua lâmina cortou a garganta do outro guarda. O sangue espirrou para a cara dela, mas não parou. Saltou por cima dos corpos caídos e correu para a porta à esquerda, abrindo-a com o ombro.

A sala era estreita e escura. A pequena mesa de madeira e as cadeiras tinham sido viradas para a saída, que dava para um beco. Aya empurrou caixas e caixotes ao correr para a porta, escorregando nas pedras da calçada gelada quando chegou à rua. Os dois homens já iam pela rua abaixo, afastando-se das docas.

Como se aquelas ruelas fossem mais seguras.

Idiotas.

Aquelas ruas eram um labirinto, cheias de contracurvas e becos sem saída. Fixou os olhos no casaco castanho ondulante do negociante mais próximo e ajustou a força que fazia no punhal, puxando o braço para trás, inspirando profundamente. A arma voou da sua mão e alojou-se no ombro do homem com um baque suave. Ele caiu, soltando um grito.

O seu colega olhou para trás, sentindo os pés a ficarem presos quando viu o sangue no rosto dela.

Aya lançou um punhal na direção da sua cabeça, passando a roçar-lhe uma orelha.

— O próximo entra no teu crânio — disse-lhe ela. — Só preciso de um de vocês vivo. — Ele parou, levantando lentamente as mãos em sinal de rendição e caindo de joelhos.

— Decisão sensata.

Aya caminhou para junto do primeiro negociante no chão, cujos urros de dor ecoavam nos edifícios de tijolo ao longo da rua.

— Quietos! — ordenou, levantando-o do chão. — Como disse, só preciso de um de vós.

O homem gemia, mas cerrou os lábios, tremendo. Aya olhou em direção das docas. Não havia sinais de Ronan, o Guarda Real destacado para o beco.

Também faltava o fornecedor.

— Vocês deviam ser três — disse ela, fitando os negociantes. — Onde é que está o vosso fornecedor?

— Não há mais ninguém — disse o homem ajoelhado, abanando a

cabeça.

Aya suspirou e tirou uma corda de onde a trazia junto a si. Arrastou à sua frente o negociante que apunhalara ao aproximar-se do seu companheiro, deixando-o só quando se baixou para amarrar as mãos do homem. Ele não iria a lado nenhum, com aquela lâmina espetada no ombro.

— Mintam-me quanto quiserem — sussurrou ela —, mas aviso-vos: o Justiceiro não acha graça a isso.

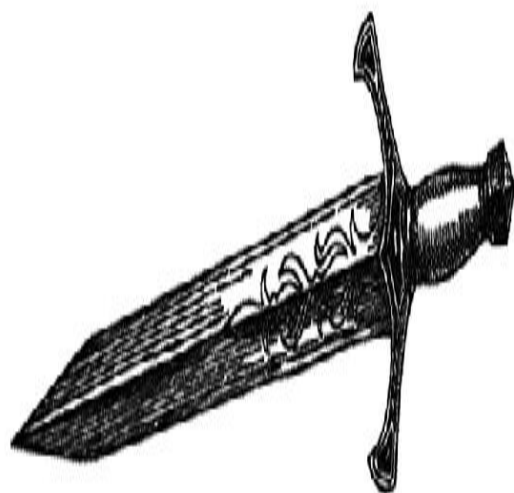
A garganta do homem mexeu-se quando engoliu em seco. Sim, o Segundo da Rainha tinha uma reputação que o precedia; até os conselheiros estrangeiros sabiam que não se devia brincar com ele.

Aya levantou-se, com as articulações rígidas e doridas com o frio. Tirou outro bocado de corda e amarrou os pulsos do segundo homem enquanto olhava para as docas novamente. Nem sinal de Ronan. Talvez tivesse ido atrás do fornecedor.

Resistiu à inquietação que lhe esvoaçava nas entranhas e procurou, em vez disso, invocar o seu poder.

— Imagino que vocês queiram viver — afirmou, inclinando a cabeça para avaliar os homens. Eles olharam um para o outro angustiados, antes de acenarem com a cabeça. Ela deixou o seu poder fluir, envolvendo essa vontade de sobrevivência.

— Então comecem a andar.



Vinte malditos minutos. Foi quanto demorou para levar os trémulos negociantes para o armazém abandonado nos arredores da Rouline, a zona de entretenimento que circundava o porto de Dunmeaden. Aya esperava encontrar aí Ronan com o fornecedor, mas quem achou foi Liam, um outro Persi nos Dyminara, que estava à espera conforme o combinado.

— O Ronan não veio? — murmurou ele ao fecharem a pesada porta de madeira atrás deles deixando lá dentro os negociantes amarrados a duas cadeiras.

— Não — disse Aya laconicamente. Esfregou as mãos uma na outra, desejando as luvas que não tinha conseguido encontrar no seu quarto.

Juro que se esta maldita noite não acaba depressa...

— Pensei que ele tinha ido atrás do fornecedor, mas se ainda não está aqui...

Liam suspirou. O luar claro lançava sombras na sua pele castanho-escura e no seu cabelo negro, rapado nos lados da cabeça e farto no topo. Passou uma mão pelo seu maxilar quadrado e sorriu ironicamente ao frio.

— Não seria a primeira vez que um Guarda Real estragava um trabalho — disse de maneira sombria.

A rainha insistira que os Dyminara trabalhassem com a Guarda, que estava encarregada da sua proteção diária e do policiamento da cidade. Mas ameaças mais substanciais eram apenas da responsabilidade dos Dyminara, a força Visya de elite da rainha, com guerreiros, estudiosos e espiões abençoados com fragmentos de poder dos Divinos Nove. Não havia ninguém melhor para essa tarefa. A clara divisão entre a Guarda e os Dyminara tinha causado bastante tensão. Mas nem mesmo a Guarda seria tola ao ponto de insistir nela. Os Dyminara eram letais.

Ao longe, os sinos do centro da cidade soaram. Uma hora depois da meia-noite. Aya endireitou-se, desencostando-se da porta.

— Eles dizem que não estava ninguém com eles; que não havia fornecedor nenhum. Aperta com eles quanto a isto até que ele chegue — instruiu ela, apontando com a cabeça para o armazém. Liam iria começar o interrogatório, utilizando o seu poder de persuasão para conseguir toda a informação que pudesse até que o Justiceiro chegasse para fazer o trabalho duro. Se havia alguém que conseguisse revelar coisas escondidas, era o Segundo da Rainha.

— Que Saudra me guie — murmurou Liam, meio em despedida, meio em prece à sua deusa protetora. Aya acenou com a cabeça, em concordância.

A ajuda era muito bem-vinda.

O vento uivava quando Aya entrou no caminho de terra que a conduziria à cidade, com a cabeça curvada contra o frio. Quando o vento Ventaleh soltava a sua fúria contra a cadeia montanhosa de Mala, a sua mordida até congelava o granito. Dizia a lenda que o Ventaleh era um aviso dos deuses: apesar de os Visya possuírem fragmentos de poder, os Divinos tinham a capacidade de purificar o mundo. Quase o haviam feito antes, e fá-lo-iam novamente se os Visya se esquecessem do seu lugar.

Mas o único aviso que estava na cabeça de Aya era contra a queimadura do frio. Havia um motivo para o Conselho querer tanto manter contentes os criadores de ovelhas. Como os mercadores muitas vezes cantavam, para se ter sucesso em Dunmeaden tudo o que era preciso era lã e armas. A camisola dela tinha sido eficaz para atrair o taberneiro, mas podia pouco contra a temperatura gelada.

Devia ter agarrado na capa.

Aya apressou-se através do coração da Rouline, acelerando o passo à medida que se aproximava do piso de calçada que assinalava o fim do bairro de entretenimento e o começo do bairro mercantil. Quanto mais longe estivesse das docas fluviais, melhor. O rio Loraine, que corria das montanhas pelo meio da cidade e para o mar de Anath, trazia o vento da cadeia das Mala, com um frio insuportável.

Chegou por fim ao bairro dos mercadores, onde o único som que se ouvia era o lamento do vento, além do ranger das tabuletas de madeira penduradas à entrada das lojas e dos restaurantes. Meteu-se por uma rua lateral junto ao Éden, o melhor restaurante da cidade. A luz estremecia nas suas janelas de vitrais, espalhando pequenos pontos de cor pelo preto, cinzento e castanho da ruela. Se fechasse os olhos e acalmasse a respiração, ela quase poderia sentir o calor da lareira principal a escapar para a rua.

De vez em quando, sons de risos e música enchiam o ar quando a porta de mogno se abria e foliões saíam para a rua principal. Nem sequer um deles olhou na direção dela. Duvidava que alguém reparasse que ela estava ali. Aya sabia como desaparecer nas sombras. A invisibilidade tinha-lhe servido desde há muito.

Quando os sinos da praça principal soaram as duas horas, um grupo numeroso e barulhento saiu do restaurante, gritando promessas de longa parceria e paz durante todos os seus dias.

Aya revirou os olhos, sabendo que no dia seguinte voltariam a discutir uns com os outros sobre tarifas e rotas comerciais e sobre tudo aquilo que lhes pudesse pôr mais dinheiro nos bolsos do que mereciam.

Imbecis. Todos eles.

O grupo despediu-se, a maioria regressando às suas propriedades e às estalagens douradas nos limites do bairro. Alguns seguiram para a Rouline, para continuar a sua noite de farra. Ficou apenas um: um homem jovem seguiu a passo vagaroso para o coração da cidade.

Aya manteve-se na sombra enquanto o seguia, ficando vários passos atrás para garantir que não estavam a ser seguidos. Ele era alto, com um pesado casaco de lã que não conseguia esconder a sua forte compleição física. Estava despenteado por causa do vento e a parte de trás do cabelo quase não tocava a gola do casaco.

Aya podia ver o à-vontade que ele irradiava à medida que caminhava pela rua principal a um ritmo descontraído, como se não tivesse qualquer preocupação no mundo.

Perigoso para um passeio sozinho a altas horas da noite...

Ela encurtou a distância entre eles, esperando até que ele virasse para um beco sinuoso, um atalho que iniciava a íngreme subida para os Aposentos, antes de aparecer silenciosamente ao lado dele.

Com um movimento rápido, ele imobilizou-a contra o muro de pedra com um braço, e com o outro encostou-lhe um punhal à garganta.

— É bom saber que estás atento — arquejou ela.

— Raios, Aya! — Will baixou o punhal, com os seus olhos cinzentos a faiscar de raiva e o rosto corado. — Tens sorte em não te ter matado.

— E tu tens sorte em eu não ter feito um favor a todos nós e apunhalar-te enquanto caminhavas para casa — disse ela.

Will apertou-a mais contra o muro e endureceu a sua expressão, mas parou quando o vento assobiou pelo beco, e torceu o nariz.

— Cheiras como se tivesses tomado um banho de cerveja e mijo.

— É *assim* que te consegues enfiar na cama de tantas senhoras?

— Queres descobrir? — disse ele lentamente, sorrindo maliciosamente e aproximando-se mais, com os olhos fixos nela, por baixo das suas espessas pestanas.

— Preferia empalar-me no meu próprio punhal. — Aya empurrou-o com dureza.

Will agarrou na mão dela, vendo o sangue seco nos nós dos dedos e no seu rosto.

— Estou a ver que arranjaste confusão. Outra vez.

Num piscar de olhos, ela libertou-se dele, que caiu com um baque no chão quando ela o rasteirou.

— Toca-me outra vez e veremos se a tua cara sangra tanto como a dele.

O riso de Will era baixo e sombrio, mas ressoou pelos ásperos muros do beco.

— Como sempre, espantas-me com o teu encanto. Que os deuses ajudem quem te vir e pensar que és tão dócil como pareces — disse ele, pondo-se em pé. — Tens algo de útil para partilhar? Se sim, então despacha-te. Estou gelado e tenho, realmente, uma das tais camas quentes à minha espera. E tu precisas desesperadamente de um banho.

Aya reprimiu a resposta amarga que ameaçava soltar-se dos seus lábios. Podia atravessar uma luta de taberna de modo imperturbável, mas Will...

Will conseguia sempre mexer com ela; provocando-a até que a rédea que refreava o seu temperamento não só afrouxava como rompia.

O pai dele, Gale, era o primeiro Visya na história de Dunmeaden a sentar-se no Conselho Mercantil de Tala. Ajudou a consolidar o lugar de Tala no comércio, apesar de reinos como Trahir terem mais para oferecer com as suas ricas iguarias.

Isso não alterava o facto de ele e o seu filho serem dois dos maiores canalhas que ela alguma vez encontrara. Ela ressentia-se deles desde que Will chegara à sua porta, 13 anos antes, com a notícia de que a mãe dela tinha morrido numa das viagens de Gale.

Sem falar da altura em que ele quase tinha custado a Aya o seu lugar nos Dyminara.

Mas não estava errado quanto ao frio. Nem quanto ao banho. Já quanto a quem lhe estava a aquecer a cama... o azar era deles.

— Uma vez que és preciso no armazém, o teu prazer vai ter de esperar. Eles andam atrás de armas. Os compradores estão no armazém, mas o fornecedor escapou antes que eu chegasse à sala. Ronan não apareceu.

Will parou de se sacudir, com uma mão no cabelo.

— O que queres dizer com *não apareceu*? — rosnou.

Apesar daquilo que Ronan a tinha feito passar nessa noite, a sua frustração arrefeceu com o tom de voz ameaçador de Will. Nunca era bom ser um alvo da ira dele.

Quando eram mais novos e nada mais do que colegas de escola, tinha sido fácil esquecer que o poder de Sensainos de Will — a sua capacidade para sentir e manipular as emoções e sensações dos outros — abarcava o medo e o desespero, e até mesmo a dor. A sua beleza escondia-o bem. O seu cabelo negro era espesso e ondulado, a pele pálida tingida com azeitona dava-lhe um aspeto constantemente bronzeado. E com as suas características e as roupas perfeitamente ajustadas que ele usava, parecia completamente um jovem nobre. Todos tinham esperado que tomasse conta do império mercantil do pai.

Mas em vez disso, quando Will se juntou aos Dyminara, tornou-se evidente que o seu verdadeiro talento não estava somente em ser o superintendente da rainha no Conselho Mercantil de Tala, mas em ser o seu

Justiceiro.

O Príncipe Negro de Dunmeaden.

Aqueles que o tinham visto a distribuir punições contavam histórias suficientes para inspirar uma ponta de medo que o acompanhava para todo o lado.

— O Ronan está provavelmente bêbedo nalguma taberna — murmurou finalmente Aya.

— Então falhaste — replicou lentamente Will. — Perdemos o fornecedor.

Aya ignorou a vontade de agarrar o seu punhal ao olhar para ele de cima.

— Talvez os tivesse alcançado se tu não insistisses que fizesse de teu mensageiro — silvou ela. Relatar-lhe aquilo que ela descobria como se fosse algum cãozinho de colo fazia-a querer bater nalguma coisa.

Will virou-se simplesmente para o caminho sinuoso que conduzia aos Aposentos, olhando para ela com expectativa. Ela arrastou os pés para se colocar ao lado dele e deixou o vento preencher o silêncio enquanto caminhavam. Tinha esperado que ele fosse diretamente para o armazém e a deixasse ir em paz para casa.

Casa. Por um instante, pensar no calor que a aguardava nos Aposentos — o pequeno palácio que era a casa dos Dyminara — foi suficiente para quase arrebatrar um gemido dos seus lábios. Tinha o corpo dorido do frio e da contenda na taberna. Com um pouco de sorte, Elara teria guardado um pouco de *chaucholda* no salão de jantar. Era tradição que essa bebida quente e doce fosse servida quando o Ventaleh começava a uivar. *Para manter os espíritos afastados e a vossa carne intacta*, diria a cozinheira-chefe das cozinhas reais, com os olhos postos nos picos das Malas. *O Ventaleh não faz vénias a ninguém, nem sequer aos Dyminara.*

— Talvez os nossos amigos do Ocidente sejam generosos com informação sobre o fornecedor e te possa poupar ao esforço de o encontrares — murmurou Will por fim, com os olhos fixos no caminho. Aya percebeu a ameaça nas suas palavras. — Como foi que conseguiste confirmar que eles estão a comprar armas?

Ela olhou para ele, mas o seu olhar, ainda fixo, era perspicaz e não condescendente.

— O taberneiro era o único que eles permitiam que fosse à sala dos fundos. Só foi preciso pô-lo com o pensamento certo e provocar uma diversão.

Will soltou uma gargalhada.

— Então iludiste-o com a tua beleza, persuadiste-o a vazar todos os seus segredos e depois destruíste-lhe a taberna. — Olhou para as roupas dela,

manchadas de cerveja e de sangue. — Incrível.

— És insuportável.

— Já me disseram. O sentimento é recíproco, querida Aya.

Três anos de trabalho lado a lado na «Tríade» da rainha — as posições reservadas aos três Dyminara em quem a Coroa mais confia — não tinham sido suficientes para fazer desaparecer a amargura entre eles.

Ela ignorou-o, preferindo focar-se no palácio que se aproximava. Os Aposentos localizavam-se nas traseiras das Terras Reais da rainha, que ficavam aninhadas nas florestas, mais acima nas montanhas, sobre a cidade.

— Suponho que tenho de fazer uma visita ao Ronan depois de ter terminado com os negociantes — suspirou Will.

Aya levantou uma sobancelha quando passaram pelos portões de ferro do palácio e entraram no caminho pedregoso, rodeado por altos pinheiros, que os conduziria aos Aposentos.

— Porque é que *não estás* a caminho do armazém?

Will sorriu.

— Já te disse, tenho uma cama para aquecer. — Riu da repugnância estampada na cara dela. — Deuses, esse *olhar*...! Tem calma, está bem? Quero mudar-me. — Apontou para o casaco trespassado e para as calças negras. — Detesto estes trajes nobres.

Ela pensou dizer-lhe que, de entre todas as coisas que ele poderia detestar sobre si próprio, as roupas eram com certeza as menos importantes. Mas conteve-se ao passarem pelos estábulos, seguindo a curva até que o caminho abria para uma larga clareira, em cujo centro se localizavam os Aposentos.

Eram bastante mais pequenos do que o palácio da rainha, mas eram magníficos, com a sua fachada de pedra cinzenta, as janelas com vitrais cintilando com a luz que vinha de dentro.

Apressaram-se em passar pelo arco que separava a área dos Dyminara das terras da rainha e subiram o caminho sinuoso até às muralhas exteriores que cercavam os elaborados jardins. As rosas brancas de inverno só eram visíveis à luz das tochas que continuavam a arder, sem dúvida graças aos Incends, cuja chama podia combater o Ventaleh.

Empurraram as grandes portas de carvalho e entraram no salão principal. Apesar da sua grandeza, com as altas paredes de pedra a subirem até ao teto arqueado feito de madeira, era confortável. Acolhedor. Um precioso tapete carmesim cobria o centro do chão de pedra, onde estava uma longa mesa de madeira. À direita as desgastadas portas de madeira que abriam para o salão de refeições, e à esquerda uma enorme lareira, onde ainda tremeluziam algumas chamas.

Aya correu para a lareira, estendendo as mãos para as brasas, à procura de

calor. Um olhar para a mesa fê-la franzir o sobrolho. A *chaucholda* tinha sido toda bebida.

— Há alguns mirones do Bairro Imundo com que tenhamos de nos preocupar? — perguntou Will quando se pôs ao lado dela.

Aya conteve-se de bufar, pensando no caos em que a taberna se transformara.

— Não. Se alguém *estivesse* mais atento pensaria provavelmente que era a guilda de Mathias a causar distúrbios.

Mathias mantinha um controlo férreo sobre o submundo de Dunmeaden. Os seus ladrões e assassinos destacavam-se. Era uma bênção a rainha não os ter removido da cidade. Eles tornavam mais fácil desviar um certo tipo de atenções da Coroa.

— E tratei dos guardas deles — acrescentou ela.

Estas palavras trouxeram com elas uma vaga de cansaço.

Aya não era estranha à violência. Os Visya eram chamados pelos deuses para proteger e servir o reino e os humanos que nele habitavam, e os Dyminara eram a manifestação mais verdadeira dessa vontade. Nem todos os Visya serviam dessa forma, mas Aya fora feita para isso, de várias maneiras. Mas não se deliciava com os momentos em que tinha de pôr fim a uma vida. Ou talvez, simplesmente, não se importasse com as recordações que esses momentos evocavam.

O olhar de Will continuava fixo nas mãos dela, observando o sangue, tal como fizera no beco.

— Agiste em nome do nosso reino — disse por fim, calmamente.

Ela sentiu o poder dele a atuar sobre ela, sentindo a profundidade abaixo da superfície.

— Não preciso das tuas graças — murmurou —, por isso fica fora da minha cabeça.

Will levantou uma sobranceira. — Estou apenas a pensar porque é que esse sobrolho carregado estraga um rosto adorável. Além disso... a tua culpa torna-te vulnerável. É quando a tua proteção fica mais fraca. Aprendi isso há muito tempo.

— A minha culpa quer dizer que não me tornei num monstro.

Mais uma mentira para a lista, sempre a aumentar.

Will eriçou-se e um músculo estremeceu na sua face.

— Como eu — concluiu friamente. — Se me queres insultar, Aya, pelo menos tem a cortesia de ir até ao fim.

Ela estava demasiadamente cansada para discutir com ele, e a exaustão sentiu-se ainda mais à medida que o calor do fogo se infiltrava nos seus ossos. Ela precisava de dormir, especialmente antes de se encontrar com a rainha.

— Encontramo-nos antes do amanhecer — sussurrou. — Tenta descobrir alguma coisa útil até lá. E está atento. Vais fazer com que te matem, a pavoneares-te pela rua dessa maneira.

Os olhos de Will reluziram à luz do fogo, as chamas iluminando os salpicos verdes espalhados pelo cinzento das íris. Ele inclinou a cabeça enquanto olhava para ela, e mechas do cabelo agitaram-se na sua testa com o movimento.

— Se eu não te conhecesse, querida Aya, diria que te importas mesmo.

— Não te lisonjeies — retorquiu ela. Quando muito, a existência de Will era um lembrete permanente dos títulos mercantis que ela tanto detestava. Mas mesmo Aya não podia negar que o poder e a astúcia dele seriam úteis se se viesse a verificar um conflito com Tahir. Tanto nas reuniões do conselho, como — que os deuses os livrassem — nos campos de batalha.

— É em Tala que estou a pensar. Se a situação piorar, não teremos tempo para te substituir.

— Sinto-me *honrado* por me teres em tanta consideração — respondeu Will, de forma jocosa, pondo uma mão no peito.

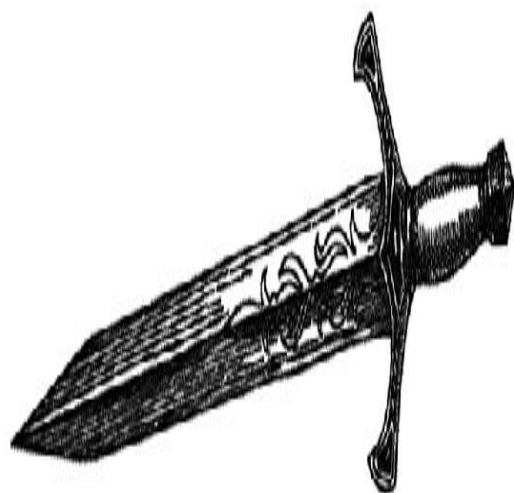
A raiva na cara dela era evidente quando se levantou e dirigiu para a escadaria, na parte mais distante do salão.

— Não te esqueças de tomar banho — atirou-lhe Will —, consigo cheirar-te daqui.

Ela apontou-lhe o dedo do meio por cima do ombro, as gargalhadas dele seguindo-a escada acima depois de o ter deixado no salão. Andava devagar ao arrastar-se para o seu quarto, e quanto mais tempo passava mais espesso ficava o sangue que cobria as suas mãos e o rosto.

Era uma honra servir os deuses e o reino, disse para si própria.

E, para alguém como ela, talvez fosse também uma penitência.



Aya gritava.

O som saía da sua garganta enquanto ela olhava pelo bordo da muralha. O corpo quebrado dele estava lá em baixo, e os seus gritos de dor cortavam o ar enquanto ele agarrava o braço despedaçado, o branco dos ossos expostos surgindo através da pele.

Ela não tinha feito de propósito.

Ela não tinha feito de propósito.

Ela não tinha feito de propósito.

Não importava. Porque era sangue, aquilo que fluía de Will, e encharcava a erva a uma velocidade alarmante.

Aya voou pelo caminho abaixo, tremendo enquanto corria em direção à base da muralha. Um par de braços agarrou-a pela cintura, apertando-a com tanta força que ficou sem ar nos pulmões ao ser puxada para trás. Um curandeiro de cabelo preto como um corvo, pele pálida e olhos azul-cobalto afastou Aya do corpo de Will, com uma expressão sombria.

O rosto de Will voltou-se para o lado, e os seus olhos cinzentos ficaram brancos quando encontraram os de Aya.

Ela gritou outra vez.

Aya lutou perante o aperto do curandeiro, tentando chegar-lhe, para provar que ele não estava morto, para provar que ela não era o monstro que temia ser.

Um clarão de luz ofuscante atravessou o céu e de repente ela estava livre das garras do curandeiro. Aya voltou-se a tempo de ver o corpo da mulher cair no chão com um baque horrível e definitivo. E então...

Escuridão.

Aya acordou em sobressalto, agarrando instintivamente na pequena adaga na sua mesinha de cabeceira feita de ferro.

Um sonho. Foi um sonho.

Mas o seu coração ainda batia acelerado, e suor frio encharcava o algodão macio da camisa de noite que ela roubara no seu último encontro com Elias, um belo e jovem nobre da cidade. Ela examinou os quatro cantos do quarto, incapaz de se livrar da sensação de que alguma coisa estava nas sombras.

Os Phanmata, diria o seu pai na Língua Antiga, a língua dos deuses. *Os fantasmas permanentes dos teus pesadelos não podem fazer-te mal, «mi couera».*

Meu coração. Uma expressão que ele reservava para a mãe dela, até ela

ter morrido.

Devagar, os ombros de Aya começaram a relaxar. Largou a arma quando se recostou novamente nos travesseiros, obrigando a respiração a desacelerar.

Tinha feito um ano desde que ela fora visitada pelo curandeiro no sono. O pesadelo começava sempre da mesma forma, com uma reminiscência que lhe revirava o estômago. E depois transformava-se em algo totalmente diferente.

A rainha a recusar-lhe um lugar nos Dyminara.

Will a matá-la por ela o ter persuadido a saltar.

Saudra, a deusa da persuasão, a retirar-lhe o seu poder.

Mas os piores eram os pesadelos como o dessa noite, onde Will não se levantava do chão e Aya tirava duas vidas em poucos minutos.

Fechou os olhos e respirou fundo mais uma vez, soltando-se dos dedos invisíveis do medo. Aya tinha trabalhado muito com Galda, a treinadora dos Dyminara, sobre como controlar o seu estado emocional. Começou quando tinha 8 anos — no próprio dia em que soube que a mãe tinha morrido.

A mãe dela, tal como a maioria dos Caeli, tinha nascido a ouvir os sussurros do vento. O pai de Aya costumava dizer que era por isso que ela precisava de viajar para os mercadores — ela tinha de ir para onde o vento a chamasse, senão estaria a trair a sua própria alma. Mas Aya ouvira os seus pais discutir antes de a mãe partir para aquela viagem fatídica. Tinha ouvido o pai implorar para ela não ir com aquele tempo instável de outono, e tinha ouvido a mãe dizer que Gale não iria apenas reter-lhe o salário se não fosse, como queria ser reembolsado pelo trabalho perdido, e isso era algo que eles não poderiam pagar.

E ela ainda podia ouvir o modo como o mensageiro de Gale lia o nome de Eliza na lista de pessoas e bens perdidos no naufrágio... como se os objetos tivessem o mesmo valor que as vidas humanas.

Gale, o cobarde, tinha enviado o filho para dar as notícias. Uma criança para fazer o trabalho de um adulto. E Will, um magricela de 10 anos naquela altura, tinha simplesmente olhado fixamente para Aya com a cabeça inclinada para um lado e o sobrolho franzido quando o pai dela desabou. Como se...

Como se ele pudesse sentir as coisas horríveis que ela dissera à sua mãe antes de Eliza partir. Como se ele estivesse a perguntar-se porque, com tanta culpa a arder dentro dela, não tinha ela desabado também.

Will perdeu a própria mãe alguns anos depois, e Aya questionou-se se lhe teriam dado a hipótese de se lamentar em sossego. Talvez os ricos tivessem direito a tal coisa.

Foi Galda quem encontrou Aya naquela noite na floresta, quando a dor de Aya invocara o seu poder com tanta força que a fez ficar inconsciente. E foi Galda quem lhe ofereceu a única coisa de que ela, mesmo aos 8 anos,

precisava tão desesperadamente: controlo.

Mas se havia alguma coisa que o incidente na muralha tinha ensinado a Aya, era que o controlo não era constante.

Era necessário disciplina.

Foco.

Vigilância.

As qualidades que lhe tinham ensinado nos últimos 13 anos.

Porque ela não tinha feito de propósito. Não tinha pensado duas vezes nas palavras que atirara a Will naquele dia, na muralha, quando ele a provocara.

Odeias-me, isso é evidente. Mas acho que há mais alguma coisa, não há, querida Aya? Algo que preferes não explorar.

A mãe dela tinha sempre afirmado que mesmo que Hepha, a deusa patrona dos Incends, não tivesse abençoado Aya com a sua chama, tinha-lhe certamente conferido o seu orgulho.

Will irritara-a, provocara-a o suficiente para que ela explodisse. E quando o fez... destruiu tudo aquilo que não fosse uma profunda amargura e ódio entre eles.

Ela é muito perigosa.

Aya arrastara-se até casa do pai de Will naquela noite, para ver como é que ele estava; tinha esperado no corredor, ouvindo Will no seu quarto a discutir com Galda, apelando-lhe para retirar Aya do treino dos Dyminara antes que ela pudesse magoar mais alguém.

Disse-lhe que Aya podia tê-lo matado, e que não havia lugar nos Dyminara para alguém com tanta falta de controlo.

O sonho dela. A única oportunidade que tinha para garantir que o pai podia estar em sossego nos invernos frios e deixar de precisar de lutar para sobreviver. O único lugar onde ela podia fazer algum bem.

Ele ficava contente por destruir isso tudo.

Ela nunca lho perdoou.

Pela maneira como ele tinha tentado tirar-lhe o futuro, sim. Mas também pela maneira como ele a afetava. Pelo modo como ele despertava o formigueiro debaixo da sua pele, que ela tinha aprendido a refrear tão duramente; a falta de controlo que ela enterrara cada vez mais fundo ao longo dos anos, até se convencer de que o seu poder era para ser exercido só por ela.

Era como se a escuridão dele tivesse chamado a dela, e ela não tinha sido capaz de resistir a respondera-lhe.

E, por essa razão, ela odiava-o.

Aya franziu a testa ao ver a pálida luz cinzenta que anunciava a chegada do

amanhecer, que entrava pela arcada da sua janela. Seria impossível cair no sono outra vez. O seu olhar pousou no *Conoscenza* — o Livro dos Deuses — que estava na sua mesa de cabeceira. Com a gasta encadernação de couro, estava aberto na Oração da Certeza, dirigida a Sage, a deusa da sabedoria. Tinha encontrado conforto nos seus versos na noite anterior. A sua mente estava inquieta, pensando em cada pedaço de informação que ela descobrira sobre Trahir estar a encomendar armas nas costas do Conselho.

Antes que Aya pegasse no livro outra vez, a porta do quarto abriu-se e apareceu uma cabeça com cabelo loiro-claro. Tova sorria.

— Estás uma trampa — disse ela ao entrar no quarto, com duas canecas de *chaucholda* ainda fumegante nas mãos.

— Estou sempre a ouvir isso.

Aya olhou para o espelho ao fundo da cama. O cabelo castanho-escuro tinha-se soltado da sua longa trança, e cobria-lhe, desgrenhado, o rosto. Parecia mais pálida que o habitual: qualquer indício de calor que tivesse entrado na sua pele durante o verão, e alterasse a tez morena como a do seu pai, tinha desaparecido há muito tempo com os meses mais frios, e estava pior devido à noite agitada. As olheiras escuras salientavam o azul gelado dos seus olhos, que, como Will dissera uma vez, combinavam perfeitamente com a sua disposição.

Não se importava de dormir mais algumas horas. Mas pelo menos tinha lavado o sangue.

Tova deu-lhe uma caneca e caiu pesadamente na borda da cama, acendendo o fogo numa braseira do outro lado do quarto, com um movimento do pulso. Aya amava fortemente a sua amiga por mais motivos do que pudesse imaginar. Eram inseparáveis desde que podiam andar. E, durante o treino para entrar nos Dyminara, tornou-se claro que Tova era alguém que toda a gente gostaria de ter a lutar ao seu lado, não contra si. Não era à toa que ela era a general da rainha.

E se a sua lealdade e ferocidade eram algumas das características que Aya mais gostava, a capacidade de Tova para aquecer um quarto no inverno também era muito apreciada.

— Ouvi dizer que tiveste uma noite interessante — disse Tova com ar curioso enquanto bebia. A luz do fogo tremeluzia no seu rosto pálido, que tinha permanentemente um rubor rosado, como se o calor do seu fogo interior de Incend estivesse sempre logo abaixo da superfície. — É bom ver que lavaste a porcaria.

— As nossas suspeitas quanto a Trahir estar a violar os tratados de comércio confirmam-se e tudo aquilo de que ele fala é da bisbilhotice a respeito de uma briga de taberna. Patético. Mas quando foi que ele te contou?

— Esta manhã — respondeu ela, pondo o longo cabelo para trás dos ombros. Aya conseguia ver a tatuagem de um triângulo invertido a espreitar por trás da orelha de Tova, com três linhas horizontais que o dividiam em quatro partes. Enquanto alguns Visya tatuavam os símbolos da sua ordem neles próprios, outros honravam as suas de maneiras mais simples, como a mãe de Aya, que usara aquele mesmo triângulo invertido, a marca da Ordem dos Dultra, os manipuladores dos elementos, num fio de prata que nunca tirava. Agora estava algures no fundo do mar de Anath.

Quando Tova tinha levado Aya ao tatuador, três anos antes, Aya havia pensado tatuar dois círculos concêntricos no pulso, o símbolo dos Espri, os manipuladores da mente, das emoções e das sensações. Mas a cicatriz deixada na palma da mão esquerda pelo juramento de sangue aos Dyminara ainda ardia, e ela sentia uma vaga de orgulho sempre que olhava para ela.

Os Dyminara eram a sua nova ordem. A sua casa. Uma maneira de ela honrar aquilo que Saudra lhe tinha dado, fazendo exatamente aquilo que os deuses tinham decretado aos Visya: proteger o reino.

Não precisava de qualquer outra marca.

— Levantou-se cedo, à espera que Elara servisse a *chaucholda* — disse Tova. — Parecia tão cansado como tu. Como se tivesse passado a noite com alguém *especial*.

— Provavelmente fez uma visita à Marie para celebrar uma noite produtiva — murmurou Aya, imaginando a morena de rosto doce que ela vira a jantar com Will na semana anterior. — Que os deuses a ajudem.

Tova suspirou para a sua caneca de barro.

— Suponho que haja pessoas piores com quem ela pudesse passar a noite.

— Há?

Tova encolheu os ombros.

— A arrogância dele não esconde a beleza que tem. Não que isso o torne mais tolerável de cada vez que abre a boca. Se ao menos não fosse tão bom no trabalho dele, não tínhamos de o aturar. — Os seus grandes olhos cor de avelã brilharam, travessos, quando ela deu uma cotovelada em Aya, que olhou para o conteúdo da caneca de Tova cautelosamente. — E *tu*, recompensaste-te com uma brincadeira pela vitória?

Aya revirou os olhos. Tova sabia que Elias era demasiadamente respeitável para ir aos Aposentos a uma hora tão tardia. Ou covarde. Porque tinha ele aceitado envolver-se com ela, era algo que Aya ignorava, especialmente sabendo que uma relação permanente entre eles era impossível. Elias precisaria de uma mulher nobre. E Aya...

De qualquer modo, ela aprendera há muito tempo que não se podia dar ao luxo de pensar nessas coisas.

Tova pousou a sua caneca na mesinha de cabeceira e pegou no *Conoscenza*, folheando páginas à toa antes de o atirar para a colcha branca. Aya mordeu uma bochecha por dentro. Tova era caos permanente, sempre a pegar em coisas e a deixá-las nos sítios errados. A amiga adorava perturbar o precioso equilíbrio que Aya mantinha na sua vida.

Aya amava a ordem. A estrutura. O controlo. Havia algo calmante em saber que as coisas estavam exatamente como as deixara; na previsibilidade de colocar algo de uma maneira e mantê-lo assim, independentemente de tudo o que se passava em redor dela.

— Tu alguma vez lês alguma coisa *boa*? — queixou-se Tova.

— Quando dizes *boa* referes-te àqueles romances horríveis de que não te fartas?

— Tu dizes que são horríveis, mas eu acho que são apaixonantes.

Aya sorriu com malícia. — General sanguinária de Tala durante o dia, romântica sem emenda à noite — concluiu.

Tova encolheu um ombro. — Não podemos todos ser sérios e estoicos permanentemente.

— Eu divirto-me — retorquiu Aya.

A amiga olhou para ela. — A tua ideia de diversão é esculpir um bloco de madeira. As lâminas já fazem parte das tuas mãos. E se experimentasses um passatempo que não envolva armas ou adoração?

Aya recostou-se nas almofadas, cruzando os braços. — Saí contigo há duas noites.

— Sim — suspirou Tova dramaticamente, agarrando a colcha —, e detestaste.

Ela não *detestara*. Tinham-se encontrado com alguns Anima que serviam nas forças da rainha. Tova ria facilmente com eles. Conhecia-os de uma maneira que Aya nunca conheceria nem se importava em conhecer. Para Aya, estar perto chegava. Nunca tinha sido vibrante; não era como Tova, cuja paixão ferosa atraía toda a gente. Tova era uma líder nata, e os guerreiros que comandava amavam-na e respeitavam-na profundamente. Aya preferia ficar nos limites, passando despercebida e invisível. O silêncio ficava-lhe muito bem.

— Então — começou Tova, fazendo-a sair dos seus pensamentos —, além de falar na iminente ruína de Trahir com Gianna, o que está na agenda para hoje?

— Os preparativos para a Aurora.

Tova resmungou e atirou-se para as almofadas. — Que Hepha me ajude. A minha mãe já está quase de certeza a ficar maluca. Lembras-te de quantas grinaldas tivemos de pendurar no ano passado? Os meus dedos ainda têm

seiva.

O festival de inverno comemorava Santa Evie. O seu sacrifício, centenas de anos antes, na guerra, rasgou o véu posto entre o reino e o Além e chamou os deuses para abolirem o «Decachiré», o perigoso poder que tinha feito Visya ambiciosos tentarem ser deuses, ao pretenderem tornar ilimitado o seu poder.

Apesar de antes da guerra o poder dos Visya estar em bruto, capaz de ser moldado em qualquer um dos nove poderes em vez de ficar sempre ligado a um deles, ainda estava contido; colocado naquilo que era conhecido como o *poço*, a reserva de poder de alguém, que limitava a profundidade de até onde um Visya poderia ir antes de se consumir completamente.

Mas os praticantes do Decachiré testaram a profundidade das suas reservas de poder, avançando cada vez mais para se tornarem mais e mais poderosos. Não conheciam limites.

Não lhes chegava serem abençoados pelos deuses. Queriam *ser* deuses. Alguns tentaram atribuir poderes aos humanos, acreditando que não havia maior prova de poder divino do que criarem eles mesmos um Visya. E usá-los pelo lado da sua causa na guerra.

Era uma prática perigosa à qual poucos sobreviveram.

O Decachiré quase destruiu o reino, pois os seus praticantes expandiram o seu poder obscuro com um objetivo: tornarem-se suficientemente poderosos para matar os deuses.

Mas Evie... salvara-os a todos.

A celebração da Aurora era daí a três dias e a cidade estava numa grande agitação. Eram penduradas grinaldas, acesas velas, e até os Athatis, os lobos sagrados que guardavam os Dyminara, festejavam, com uma caçada comemorativa.

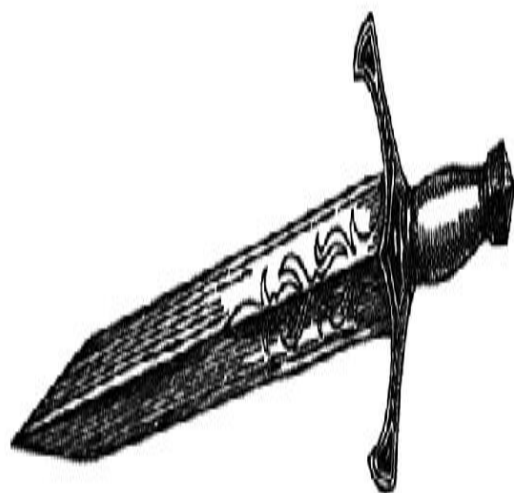
— Vem antes comigo. Deixa as decorações para a Caleigh. — A irmã mais nova de Tova era muito melhor nisso. Sendo uma Terra, o seu poder telúrico tornava-a numa cultivadora natural, com uma paciência que Tova não tinha. — Vou fazer tartes com o meu pai.

Tova murmurou em concordância e deitou a cabeça no ombro de Aya. Esta deixou-se unir com a amiga, encontrando um raro momento de paz à medida que o aroma a canela vindo de Tova se enovelava em redor dela.

— Usas isso todas as noites? — sussurrou por fim Tova, olhando para a camisa de Elias. Deu um gritinho ao tentar esquivar-se ao carolo de Aya. — Por falar nisso, tenho as tuas luvas — acrescentou. — São muito mais bonitas do que as minhas.

— És do piorio — disse Aya meio a sério, ao sair da cama e sentindo o frio nas pernas nuas.

— Eu sei — disse Tova a sorrir.



W

ill tinha quase a certeza de que não chegaria ao fim do dia sem antes matar alguém.

A luz do sol da manhã passava através dos arcos que percorriam um dos lados do salão de entrada do Grande Palácio, fazendo o chão de pedra iluminar-se num tom cinzento-claro. Beliscou a cana do nariz. A *chaucholda* não tinha ajudado a acalmar a dor de cabeça permanente que se instalara por trás dos seus olhos.

Toda a noite. Tinha sido preciso toda a noite para fazer ceder os negociantes, e eles nem sequer tinham um pedacinho de poder. Supostamente, era um crime e um pecado usar um poder para magoar um humano, mas tinha-lhe sido sempre dada carta-branca para fazer o que fosse preciso em defesa do reino. Gianna garantia-o.

Há muito que deixara de rezar pelo perdão dos deuses por isso. Duvidava até que eles ouvissem alguém como ele.

Will respirou fundo, piscando os olhos quando Aya e Tova se aproximaram, como se fosse suficiente para se livrar da dor de cabeça. A general murmurou uma saudação e Aya manteve-se em silêncio, com o seu olhar gelado a varrê-lo de alto a baixo. Ele detestava quando ela olhava para ele assim, como se pudesse ver até à sua alma.

Ele devolveu o favor, percorrendo-a com o olhar.

Calças pretas de couro que lhe realçavam a curva das ancas, botas pretas resistentes e uma camisola preta com um decote, que era suficientemente profundo para revelar o volume dos seus pequenos seios. Tinha o espesso cabelo castanho-escuro arranjado num rabo-de-cavalo amarrado com um laço branco — um toque de inocência.

Uma ideia risível, se se acreditasse em Elias. O jovem nobre não fora capaz de manter a boca fechada na taberna, na semana anterior. Will tinha pensado em usar um pedacinho do seu poder para fazer cessar a sua tagarelice e poder desfrutar da sua própria companhia em paz.

Não teria sido preciso mais. Pelo menos com um fracote como Elias.

Aya viu o descaramento no seu olhar e ele lançou-lhe um sorriso que, ele sabia, a faria ficar furiosa, enquanto percorriam o salão.

Ele adorava provocá-la.

Os aposentos privados de Gianna ficavam na ala oriental do palácio. As muralhas cinzentas e ásperas faziam com que parecesse que o castelo fazia parte da própria montanha. E pode ter feito, dada a forma como se aninhava no desfiladeiro montanhoso que dominava a cidade. As suas muitas janelas e

arcos davam, a quem estivesse lá dentro, uma vista desimpedida sobre Dunmeaden, que se estendia até à bacia do porto. Quase se podia ver o lugar onde as águas do rio Loraine se tornavam no mar de Anath.

O palácio estava decorado com uma riqueza subtil. Havia quadros que representavam várias passagens do *Conoscenza* pendurados nas paredes, e fragmentos de prata e de ouro misturados em variadas estruturas de ferro.

— Estás terrivelmente calmo, William. Não dormiste bem? — provocou Tova, ao lado de Aya, quebrando por fim o silêncio.

— Alguns de nós, Tova, não têm o privilégio de ter um sono de beleza. Temos de trabalhar.

Ele não detestava completamente a general. Não eram certamente *amigos*, e ele pensava que teria de agradecer a Aya por isso. No entanto, a sua teimosia mútua também teria provavelmente culpa. Já tinha, de resto, conduzido a discussões que envolviam esmurram-se um ao outro em várias ocasiões.

E, na verdade, havia fogo a serpentear pelas pontas dos dedos de Tova enquanto sorria para ele, preparando-se para um desafio.

— Para com isso — murmurou Aya. Tinham chegado aos aposentos de Gianna. Acenou com a cabeça aos guardas.

— Desmancha-prazeres — sibilou a amiga. O fogo desapareceu no momento em que as portas duplas de carvalho se abriram.

Gianna estava sentada a uma mesa de vidro baixa e oval, no centro da sua sala de estar em forma de círculo, usando um longo vestido branco que era apenas um pouco mais claro do que a sua pele cor de nata. Cortinas brancas transparentes enquadravam as grandes janelas do lado esquerdo, que inundavam o compartimento com o sol da manhã. Todos puseram um joelho no chão, mas Gianna já os chamava para dentro.

— Venham e sentem-se — convidou, indicando a mesa coberta de bolos. — Sirvam-se.

Aya instalou-se no pequeno sofá onde se costumava sentar, em frente da rainha, e Will sentou-se junto a ela. Tova sentou-se numa maciça cadeira de braços castanha, à direita deles. Gianna ofereceu chá enquanto eles se serviam de comida, como se estivessem entre iguais.

No início, Will não sabia o que pensar disso — da insistência de Gianna na informalidade. Mas adaptou-se. Tal como o reino se tinha adaptado quando a jovem rainha assumira o trono sete anos antes, depois de o rei ter sucumbido à doença. A altura ideal, na verdade, que os deuses tenham a sua alma em descanso. Porque, dois anos mais tarde, Will estava a treinar para os Dyminara e Gianna anunciava que iria criar a sua própria «Tríade».

Era precisamente onde era necessário que ele estivesse: próximo da sua

rainha.

E foi exatamente onde ela o manteve.

Ela tinha 35 anos — era 12 anos mais velha do que Will. Mas isso não travou os rumores que o haviam acompanhado desde há anos. Boatos que diziam que a sua relação com Gianna não era somente como o seu Segundo, mas como sendo algo mais.

Não que a rainha tivesse falta de amantes. Era muito bela. O seu cabelo castanho-dourado parecia ter luz própria, especialmente quando lhe dava a luz do sol, como agora. E com as suas faces rosadas e suaves olhos castanhos, quase se poderia pensar que era delicada.

Mas ela era a líder do reino mais antigo de todas as terras, e uma posição dessas necessitava de ardileza, ambição e poder.

— Quais são as notícias? — perguntou Gianna, com um olhar de expectativa posto em Aya.

— É como vós suspeitáveis. Estão a encomendar armas sem conhecimento do Conselho. Os dois negociantes foram capturados, mas não havia sinais do fornecedor. Ronan não estava no seu posto.

Will observou Aya a falar. Não precisava do seu poder para saber que ela sentia uma onda de irritação. Tinha aprendido a ler-lhe o rosto há muito tempo. Era um tipo de desafio. «Os Olhos da Rainha»: calma, sem emoções, imperturbável.

Teimosa como os infernos, também.

Ele conhecia Aya suficientemente bem para saber que ela odiava falhar a Gianna.

— Passei em casa dele, mas nem sinal — atalhou Will. — Quando o encontrar, garantirei que ele receba um castigo apropriado pela sua ausência.

Gianna assentiu, com um rosto pensativo.

— E os negociantes? — perguntou.

— Não deram qualquer nome. Mas disseram que estavam a comprar em nome de Kakos.

Um silêncio, tenso e mortal, seguiu-se às suas palavras; só se ouvia o garfo de Gianna a tinir no seu prato.

Mesmo se Kakos ocupava o terço mais a sul do continente onde se encontravam, já tinha passado mais de uma década desde que alguém fizera comércio com esse reino meridional ostracizado. Desde que tinham começado os rumores. Diziam que em Kakos procuravam um modo de obter o poder em bruto que os Visya haviam tido antes da guerra. «Diaforaté», assim lhes chamaram os outros reinos.

A descoberta da tentativa de heresia por parte de Kakos amedrontou os outros reinos, e o falecido rei decretara um embargo que banira Kakos de todo

e qualquer comércio. Fora talvez a única vez em que todas as terras se puseram de acordo numa ação a seguir.

Isso destruiu o Reino do Sul.

Will supunha que se esperava que acabasse como Chamen, o reino no extremo sul, cujo clima gelado e localização remota tornavam o comércio difícil e tinham atingido severamente a sua economia.

Mas se Kakos estava a adquirir armas... planeava alguma coisa. Vingança, se Will tivesse de adivinhar, pelos anos em que as outras terras os tinham deixado a definhar.

E não eram tão fracos como o reino tinha pensado.

Tova praguejou baixinho.

— Os mercadores estavam a comprar por ordem de Trahir? — perguntou Gianna, de modo acutilante.

— Disseram estar a trabalhar sozinhos, e senti que era verdade. — Uma dor atravessou Will, um simples sussurro da noite anterior, mas, ainda assim, visível. O seu rosto manteve-se calmo. — Vamos querer confirmação do fornecedor das armas, é claro, mas...

Não precisou de terminar. Todos sabiam que ele tinha uma forma particular de arrancar a verdade àqueles que se atreviam a mentir na sua presença.

— Não disseram muito mais. Foi necessário toda a noite só para esta informação.

E ainda não tinha obtido o que queria.

Forçara até terem quase quebrado completamente, e mesmo aí tinha pensado em acabar com eles de uma vez por todas. Mas Gianna proibira-o expressamente, e a confiança que ela depositava nele dependia da sua obediência.

Uma confiança que ele não podia perder; não agora, quando Kakos se tinha começado a mexer.

Tova aclarou a voz. — E quanto aos outros mercadores de Trahir que estão em Dunmeaden? Não são apenas aqueles dois. Há um exército inteiro deles aqui para o fecho da temporada de comércio.

Gianna desviou o olhar do ponto que fixara, para fora da janela, com os lábios cerrados. — Não os podemos atacar. Sobretudo se aqueles dois atuavam sozinhos. Se atuavam, e agirmos contra os outros, Trahir podia encarar isso como uma razão para a guerra.

— Então vamos para a guerra. — Os olhos cor de avelã de Tova brilhavam, como se chamas dançassem dentro deles. — O nosso exército é forte que chegue para enfrentar esta batalha, em especial se atacarmos primeiro.

— E o que dirias aos cidadãos de Tala? — retorquiu Gianna. — Uma guerra com Trahir atingiria a nossa fonte de comida. Sem tempo para nos prepararmos e sem aliados a apoiar-nos, não sobreviveríamos ao inverno.

O Ventaleh uivou do lado de fora da janela, como se concordasse.

As relações com Trahir sempre tinham sido frágeis. Eram aliados, julgava Will, mas apenas nominalmente. O reino ocidental era de longe o mais rico e o mais poderoso, e tinha desde há muito mostrado a sua posição de poder em relação a Tala, fosse na profundidade dos seus cofres, nos seus aparentemente intermináveis abastecimentos de comida ou no tamanho dos seus exércitos — tudo moedas de troca avançadas pelo Conselho Mercantil de Trahir para conseguir melhores acordos comerciais que lhes enchiam os bolsos.

Um ataque impulsivo contra os seus mercadores de passagem poderia realmente significar a guerra... e seria uma guerra em que eles lutariam sozinhos. Will duvidava que Milsaio, o reino de quatro ilhas situado entre Trahir e Tala, fosse querer atravessar o inverno sem a ajuda do mais poderoso dos reinos. E as Midlands não iriam seguramente apoiar — quando já eram um tampão entre Tala e Kakos. A sua vizinhança ao reino ostracizado já os prejudicava que chegasse.

Estariam mortos antes da primavera. O inverno era uma estação muito dura no Norte, e o comércio com Trahir era a única coisa que os impedia de ficar para trás.

Tova atirou o *scone* que segurava para o seu prato. — É nos cidadãos de Tala em quem eu estou a pensar. Se deixarmos Trahir comprar armas para Kakos não haverá cidadãos para alimentar. Se vós pensais...

— Basta. — interrompeu Gianna. — Não agiremos sem ter a confirmação de que aqueles dois atuaram sozinhos. Trahir é nosso aliado. Não vou tirar conclusões precipitadas e pôr em risco a paz com que os deuses nos abençoaram durante séculos. Além disso, estavam no *meu* reino à procura de armas. E há um fornecedor em Tala que simpatiza com Kakos. Não vamos ser imprudentes, Tova.

Will reparou no maxilar de Tova a endurecer, mas ela anuiu. Por mais audaz que fosse, Tova não iria desautorizar a sua rainha.

— Por agora — continuou Gianna, virando-se para Will — notifica a corte de Trahir de que prendemos dois dos seus negociantes e que eles serão acusados dos seus crimes. E leva o resto dos mercadores em visita a jantar. Certamente ficarão abalados ao ouvir as notícias. Garante-lhes que não lhes queremos mal.

Will quase escarneceu. Como se um bom jantar pudesse aliviar aquilo que Gianna planeava fazer aos dois colegas deles.

— Dominic procurará uma retribuição através dos acordos pendentes,

majestade — murmurou Will. Deveria estar em Rinnia, a capital de Trahir, daí a poucas semanas, para acertar os detalhes de acordos comerciais com o Conselho de Trahir. Não tinha dúvidas de que os meses que tinha passado a planear seriam deitados fora assim que o rei recebesse a sua carta. Dominic era orgulhoso e arrogante, e iria seguramente olhar para este incidente como um golpe ao seu frágil ego e uma forma perfeita para encher os bolsos de Trahir, modificando os termos dos acordos em seu benefício.

Will conhecia intimamente a ganância dos mercadores. Tinha sido criado por um, no fim de contas. Era exatamente a jogada que o seu pai faria. Procurar uma fraqueza e explorá-la.

— Não duvido de que este incidente com os negociantes irá causar tensões com Dominic — suspirou Gianna —, mas seria uma idiota se os deixasse ir em liberdade. Confio em ti para suavizares a situação em nome do nosso Conselho.

Will baixou a cabeça, em consentimento. Estava habituado a acalmar ânimos e a bajular egos.

Os olhos de Gianna viraram-se para a sua Terceira.

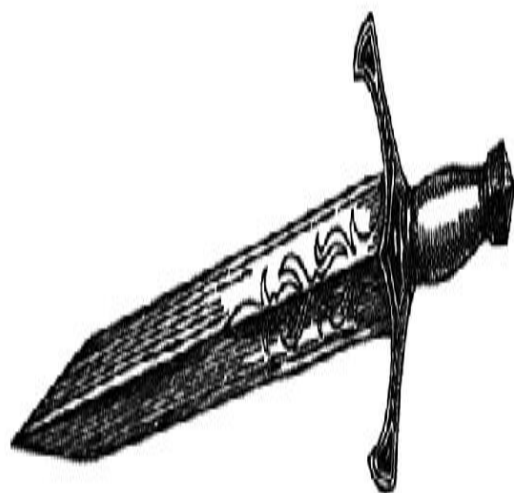
Aya tinha estado silenciosa durante a conversa, mas Will sabia muito bem que estava a analisar todos os bocadinhos de informação dentro da cabeça dela. Aya era especialista em esperar, em observar e calcular, e depois agir no momento certo.

— Quero saber quem em Dunmeaden está a vender armas ao reino que ameaça a paz — ordenou Gianna.

Os lábios de Aya formaram um pequeno e frio sorriso. Will reconheceu a luz nos olhos azuis dela.

Um predador solto atrás da sua presa.

— Considerai que está feito — foi tudo o que ela disse.



Aya atravessou a cidade num passo acelerado, com as mãos enfiadas nos bolsos do seu casaco cinzento-escuro. Tova seguia em silêncio ao seu lado, enquanto passavam pelas hordas de cidadãos que faziam as decorações para a Aurora. O aroma nítido da vegetação estava no ar, transportado pelo vento, e Aya inspirou-o profundamente, ao seguirem no seu caminho em direção às docas.

Aya sabia que a sua amiga não gostava de ceder. Ela não dissera uma palavra desde que haviam saído dos aposentos de Gianna.

A rainha pedira a Will para ficar e Aya tinha reparado no sorriso de autossatisfação na cara dele, e na maneira como o olhar de Gianna se demorara no seu Segundo. Aya detestava pensar que os rumores a respeito deles fossem verdade; pensar que Gianna pudesse curvar-se tão baixo. Mas...

Não tens nada que ver com isso.

— Queres falar? — perguntou, olhando para a amiga.

Tova olhou fixamente em frente. — Não.

— De certeza?

O olhar de Tova queimava quando fitou Aya. — Não é assim tão divertido ficar de fora da cabeça das pessoas, pois não?

— Não queiras estar dentro da minha cabeça — murmurou Aya. — Acredita em mim. Não é um sítio agradável.

Tova resmungou, ainda muito irritada. Mas Aya estava bem ciente de que a raiva não era dirigida a ela, e sabia que não devia desistir. Ela conseguia ver as palavras a aparecer lentamente no rosto de Tova, com o maxilar a mover-se à medida que trabalhava a sua frustração.

— Não devíamos ser tão dependentes de Trahir — disse por fim. — Todos os anos é a mesma coisa: rastejar pelos Conselhos estrangeiros para não ficarmos para trás.

Aya não tinha a certeza de que se podia chamar a esses encontros «rastejar». Tala tinha armas e lã para oferecer como moeda de troca nas negociações. Mas também não discordava de Tova.

O ar turvou-se à frente de Aya, com a sua respiração regular. — A rainha tem razão. Atacar os mercadores de Trahir seria catastrófico. — Tova franziu o sobrolho, mas Aya continuou, antes que a amiga dissesse algo. — A luta é aqui, Tova. Paramos o fornecedor, paramos isto tudo antes que fique fora de controlo.

Não queria pensar no que poderia acontecer se Kakos pusesse as mãos em armas.

Tova não disse nada ao pisarem nas pranchas de madeira das docas, na Rouline.

— Não esperes ser bem recebida — sussurrou Aya, com os olhos postos nos tijolos do Bairro Imundo.

— Raramente sou, quando estou contigo — disse Tova.

Fora por isso que ela escolhera Tova para vir com ela. Podia ser uma comandante formidável, mas Tova também era naturalmente atraente. Sabia ser magnética e como pôr as pessoas à vontade. Enquanto Aya tinha sido treinada para se misturar em qualquer ambiente, este em particular não precisava do seu charme fingido. Precisava dos «Olhos da Rainha». A presença de Tova podia atenuar o medo de modo a que conseguissem o que queriam.

Aya abriu com o ombro a porta de madeira apodrecida e o seu olhar varreu a taverna escura e decadente. Tinha feito bem o seu trabalho. Pedacos de vidro cobriam o chão, brilhando como diamantes à luz difusa dos castiçais pendurados ao longo das paredes. A maior parte das mesas estava de pernas para o ar, e parecia que várias pernas de cadeiras tinham sido usadas como armas.

— Estamos fechados — disse uma voz dura vinda do balcão. Um homem mais velho estava curvado com as costas viradas para elas, apanhando garrafas partidas. Passou uma mão pelo cabelo cinzento ao levantar-se, suspirando ao observar os danos.

Aya passou por cima de uma poça castanha, torcendo o nariz perante o cheiro que envolvia a sala.

— Não para nós. — A voz dela era calma, apesar de sentir a tensão instalar-se entre os ombros. Perdera a sua presa mais importante nessa taberna, na noite passada.

O homem virou-se, perdendo a cor das faces quando viu quem era. Os donos de tabernas faziam questão de saber quem era a Tríade de Gianna. Não era bom ser apanhado desprevenido.

— As minhas desculpas. Como é que posso ajudar? — Havia um ligeiro tremor na sua voz. Talvez Aya não precisasse de o persuadir, afinal.

— Dois negociantes foram apanhados ao fugirem da sua taberna a noite passada, depois de terem feito negócios ilegais à revelia do Conselho. — Aya encostou uma anca ao balcão, metendo as mãos nos bolsos do casaco. — O fornecedor desapareceu. E, uma vez que acolheu tão generosamente esses encontros, pensámos que talvez estivesse disposto a dar-nos a informação de que precisamos.

As mãos do homem tremiam ao pegar no pano que pusera ao ombro. Torceu-o nervosamente. — Não sabia que estavam a fazer algo ilegal.

O riso de Tova troou pela sala. Pôs o cabelo para trás dos ombros e piscou amigavelmente o olho ao homem. — Vamos dar uma vista de olhos aos teus registos, então? Vamos ver o quão ético é esta chafarica?

— Andam a ver outros estabelecimentos?

— Os outros não servem de anfitrião a um fornecedor de armas disposto a vender a Kakos — respondeu Aya. O homem empalideceu ainda mais. Ninguém queria ser apanhado a ter uma ligação que fosse com o reino ostracizado. Pelo menos se quisesse viver para ver outro dia.

Os olhos dele imploravam ao olhar para Tova, como se ela fosse a única com quem ele pudesse falar.

— Nunca os vi — gaguejou —, só os negociantes e os seus guardas. Com quem eles se encontravam usava a entrada lateral. Não sabia que tinham alguma coisa que ver com Kakos.

Tova inclinou-se para a frente, apoiando os braços no balcão, com ar inquisitivo.

— Nunca pensou em perguntar?

O proprietário atreveu-se a parecer envergonhado.

— Geralmente é melhor não fazer perguntas.

Tova bufou, murmurando algo sobre honra enquanto Aya observava o homem. Ela não tinha usado o seu poder, não precisava. O treino ensinara-a a ler as pessoas e o homem não estava a mentir.

O que significa que não temos nada.

Podia talvez levá-lo para lhe fazer mais perguntas. E Tova poderia tomar conta das coisas. No mínimo, veria se havia alguma coisa em que Aya não tivesse reparado quando vigiou o lugar.

Mas ela duvidava.

— Ela tem algumas perguntas para si — disse Aya, apontando com o queixo para a amiga. — Se decidir não cooperar, o Justiceiro de sua majestade tratará do resto quanto a este assunto.

O homem engoliu em seco.

— Quando terminares aqui chama alguns Incends — disse Aya a Tova. — Vamos querer que alguém esteja aqui a toda a hora. — Depois fitou o proprietário. — Se sentirmos que um grama da sua lealdade mudou, eles vão queimar este casebre até ao chão. E se se recusar responder às perguntas da minha amiga, ela fá-lo-á agora.

Tova sorriu para o homem enquanto o fogo faiscava na ponta dos seus dedos.

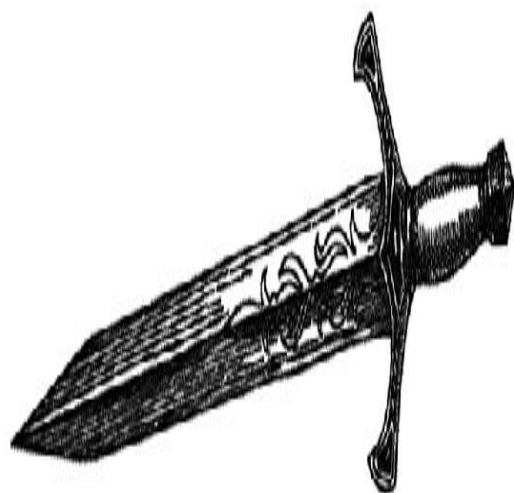
Aya resistiu à vontade de mover os ombros, para sacudir a tensão que lhe endurecera os músculos, ao caminhar para a porta. Estava a meio do caminho quando o homem recuperou a voz.

— Vocês vão assustar os clientes! Ninguém virá se souberem que os Dyminara estão aqui.

Como se eles não soubessem manter-se invisíveis.

Aya olhou por cima do ombro e o seu olhar percorreu os destroços espalhados pela sala. Tova observava, com a travessura a dançar nos seus olhos cor de avelã. Os lábios de Aya formaram num pequeno sorriso quando fixou novamente o olhar do homem. — Foi pena, a confusão.

Ela esperou até que o rosto enrugado dele mostrasse que tinha percebido e a indignação lhe tingisse as suas bochechas de vermelho-vivo, antes de dar meia-volta e sair.



Muito cheia. A mente estava muito cheia.

Foi assim que Aya se viu a correr pelo meio das gigantescas sequoias e a verdura perene das Malas, o suave silêncio do inverno abafando o som das folhas pisadas pelas suas botas. Flocos de neve giravam no ar, e a respiração queimava-lhe os pulmões enquanto ela mantinha um ritmo esgotante.

O barulho de um galho a partir chamou-lhe a atenção para a sua esquerda. Viu uma cor cinzenta por entre as árvores e aumentou a velocidade, fazendo as coxas quase gritarem ao correr pelo trilho.

Atirou-se para cima de um pedregulho coberto de musgo, e os seus pés deslizavam na base rochosa ao tentar fugir ao predador.

Aya caiu com estrondo no chão, com o seu braço a amparar o peso da queda e a arder de dor.

O lobo alcançou-a num instante. Pôs as suas patas poderosas em volta do rosto dela ao aproximar-se, e ela sentiu o seu bafo quente na cara.

Ele tinha-a conduzido como uma ovelha, direitinha para terreno instável.

— Batoteiro — disse Aya, ofegante.

Os olhos castanhos de Tyr estreitaram-se, e ele bateu no queixo dela com o focinho antes de a soltar. Ela gritou quando a dor lhe atravessou o ombro, e o seu braço pendeu estranhamente para um lado, deslocado.

Aya cerrou os dentes e olhou para cima, para as manchas de céu cinzento-pálido que espreitavam por entre os galhos das árvores. Ela queria treinar durante mais tempo. O corpo ainda fervilhava com uma energia ansiosa e a sua mente ainda dançava.

Ela tinha consultado as suas fontes nas docas. Os seus melhores espiões iriam reunir-se com Tova assim que a amiga terminasse no Bairro Imundo. Se o fornecedor fosse alguém de Tala, era preciso agir com cuidado — e isso significava mandar outros à cidade, caso o fornecedor soubesse que estava a ser procurado por Aya.

Mas ela não conseguia afastar a fúria que tinha entrado nos próprios ossos.

A rainha tinha contado com ela para terminar a missão na noite anterior e Aya falhara.

Tinha havido apenas uma outra missão em que Aya falhara de maneira tão clara. Foi nos inícios da sua tarefa, ao ser descoberta por uma fonte e quase ter sido morta.

Enterrara o punhal no crânio do homem antes de ter obtido a informação de que precisava.

Lembrou-se de estar nos aposentos da rainha, mais tarde, com as mãos encharcadas de sangue, incapaz de enfrentar o olhar de Gianna. Tinha esperado raiva e desapontamento. Algo diferente da gentil compreensão que recebeu quando Gianna lhe levantou o queixo, forçando-a a encontrar o seu olhar, e lhe sorriu de maneira triste.

— Lembras-me dela, sabes? — dissera a rainha. — A tua mãe. És muito parecida com ela, claro, mas também tens o espírito dela. Caloroso. Gentil. Orgulhoso. Pensei muitas vezes que Eliza deveria ter nascido uma Incend.

Aya ficou sem palavras durante um bom bocado. A sua mãe tinha sido realmente calorosa. E gentil. Não conseguira corrigir Gianna quanto às suas parecenças.

— Conheceste-la? — tinha por fim sussurrado.

Gianna assentiu.

— Encontrei-a numa visita às terras agrícolas com o meu pai. E outras vezes, em algumas das reuniões locais de comércio a que podia assistir com aquela idade. Ela era excecional. E falava sempre muito bem da sua pequena filha. Da tua astúcia, da tua inteligência, do teu orgulho. Estava encantada por ver-te, não apenas a subir nos Dyminara como a teres sucesso. Ela teria orgulho, Aya. Como eu tenho, em ter-te a defender o meu reino.

Era o perdão, pensou Aya, pela missão falhada. E também era uma espécie de confirmação. A confirmação de que Aya tinha escolhido bem o seu caminho; que aquilo era o que ela devia ser.

O que tornava o falhanço ainda mais amargo.

Tyr tocou na anca de Aya com a cabeça, voltando a chamar-lhe a atenção para ele.

— Tu só queres ir para junto da Akeeta — resmungou ela.

Ele tinha gostado desde cedo do animal de Will, e, apesar de se ter esforçado, Aya não o conseguia dissuadir. A lenda dizia que os deuses haviam criado os lobos sagrados para protegerem Tala, o Reino Original, juntamente com os Visya. Eram destinados a ser seus iguais, a sua família sagrada. E, para construir essa ligação, os deuses fizeram com que os Athatis fossem imunes aos poderes dos Visya, porque este laço só se podia construir através de autêntica vulnerabilidade.

Aya não sabia se era mesmo a vontade dos deuses que os lobos fossem imunes ou se eles tinham uma magia própria que os protegia. Aquilo que ela sabia era que por vezes era quase impossível lidar com um lobo teimoso como Tyr.

Todos os membros dos Dyminara tinham tomado para si um animal a que se ligaram. Ninguém tinha ainda querido o mais frágil da ninhada quando chegara a vez de o grupo de Aya escolher. Ela vira o que os outros não tinham

visto: o que faltava a Tyr em tamanho, sobrava-lhe em espírito.

O animal olhou para Aya com ar de entendimento quando ela deu uma torção ao braço para o pôr no sítio e quase se dobrou com a dor. Não ia de certeza treinar mais.

Já tinha visto lesões bem piores. Na verdade, ela podia provavelmente compor o próprio ombro, já o tinha feito antes. Mas com os músculos ainda doridos da última missão, o seu corpo não toleraria um tratamento feito de qualquer maneira. Era melhor deixar uns dos Anima fazê-lo.

Tyr andava devagar ao descer a montanha com ela, a as pernas de Aya tremiam quando avistaram o complexo dos Athatis. Os lobos tinham mais de metade da montanha para eles, assim como as extensas terras que conduziam ao desfiladeiro de Pelion. O complexo deles situava-se longe dos Aposentos e ainda mais longe da cidade. Uma muralha construída pelos Zeluus separava esta parte da montanha da zona mais baixa. Os lobos sagrados eram perigosos para quem não estivesse treinado para andar com eles. Uma interação mal feita podia ser fatal, em especial se um Athatis estivesse a caçar.

Também ajudava o facto de os lobos evitarem as ruas calcetadas, as margens do rio e o caos das docas. Especialmente Tyr. Mas o animal ligado a Aya detestava a maior parte das coisas sem ser ar fresco, carne crua e ela própria.

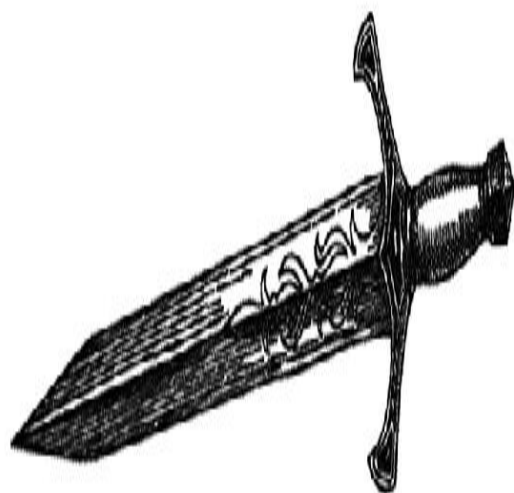
E ela também preferia a companhia dele à da maioria das pessoas.

Sentiu um formigueiro na pele ao aproximar-se do grande celeiro de madeira. O poder dos deuses era aí mais forte.

Ainda que os deuses tivessem criado o véu que separava o mundo mortal e o Além do seu próprio poder — uma medida para os impedir de interferirem nos assuntos dos mortais e para negar aos mortais irem à procura da eternidade demasiado cedo —, Aya jurava que podia às vezes sentir a presença deles.

Como no velho templo junto às docas, quando a luz que refletia na superfície do rio batia nos vitrais das janelas e os fazia brilhar. Ou nas pequenas carícias que Saudra por vezes lhe fazia quando ela utilizava o seu poder. Ou quando caminhava pelos espaços dos Athatis, ou olhava para dentro dos profundos olhos castanhos de Tyr.

Os deuses podiam ter deixado a terra dos mortais depois da guerra, mas Aya gostava de pensar que não tinham desaparecido — pelo menos não verdadeiramente.



Will tinha perdido a conta ao tempo em que estivera sentado no celeiro, com os dedos acariciando o pelo branco de Akeeta.

Gianna tinha-o encurralado após a reunião. Ela preferia sempre ouvir em privado um relatório detalhado dos seus interrogatórios.

— Pareces cansado — observou ela quando ele terminou, pondo uma mão no seu braço. — Tens mais alguma coisa que te preocupe?

Ele olhou para a mão dela, deixou-a ficar no seu braço durante uma inspiração e afastou-se dela com suavidade.

— Foi uma noite longa — respondeu.

Esperara que isso servisse de explicação e de desculpa. Estava demasiadamente cansado para manter aquele equilíbrio e reter o interesse dela sem entrar muito numa zona que certamente colocaria em risco o seu lugar como Segundo da rainha, se cometesse algum erro. Ele não se podia dar a esse luxo.

Tinha de jogar de forma muito cuidadosa. Forçando o suficiente, sem ser demasiado. Sempre cuidadoso, sempre vigilante, sempre *à espera*.

Will encostou a cabeça à parede do estábulo. Os ecos de dor permaneceram mais tempo desta vez; talvez porque os negociantes tinham mantido a verdade tão escondida. Ou talvez ele tivesse de encarar uma verdade amarga: o problema da sua proteção estava a piorar.

Fechou os olhos e respirou fundo para acalmar os medos, mas o seu corpo dorido ficou tenso ao sentir que alguém entrava no celeiro.

Os passos quase silenciosos pararam de repente.

Raios! Havia só uma pessoa que se podia mover daquela forma.

— Podias ao menos dizer olá — atirou Will, olhando para as montanhas. — Tem maneiras.

— E distrair-te de toda a concentração de que precisas para pensar? — perguntou Aya suavemente. — Isso seria cruel.

Ele não conteve o riso. Ouviu Tyr a afastar-se dela, e o pequeno lobo foi tocar Akeeta antes de ir para uma estrebaria.

— O que fazes aqui? — perguntou Aya.

— Estou à procura de paz e sossego. — Os seus olhos voltaram-se para ela. Aya vestira as suas roupas de combate e o couro negro ajustava-se a cada centímetro do seu corpo, e estava em pé, exibindo um rosto orgulhoso e austero.

Ela fez-lhe uma vénia de escárnio.

— Então continua, por favor.

Tinha quase chegado à porta quando ele falou novamente.

— Quero esta noite uma atualização sobre o fornecedor.

Ela virou-se para ele, cerrando os lábios.

— Dá-me lá outra ordem — disse, ousadamente, no seu tom calmo e letal.

Pelos vistos, estava desejosa por uma luta.

Will fechou outra vez os olhos. Estava muito cansado e demasiadamente perturbado para lidar com aquilo.

— Não é uma ordem, Aya, é apenas um pedido. Mas interpreta como quiseres. Os deuses sabem que o farás, de qualquer forma.

Ele ouviu-a a dar um passo na sua direção e abriu a boca para dizer alguma coisa que a fizesse ir embora, mas a dor trespassou-lhe o ombro, uma dor afiada como uma faca. Estremeceu ao olhar para ela.

— O que é? — perguntou-lhe Aya.

Ele olhou para ela de cima a baixo. O braço dela baloiçava de modo estranho. Não tinha visto o ferimento; estava demasiado absorto nas próprias feridas.

— O que te aconteceu ao ombro?

Aya abriu a boca, mas as palavras morreram antes de sair, e ela franziu a testa. O maxilar endureceu, como se ela se estivesse a preparar para a luta, e então moveu-se mais rapidamente do que ele pudesse dar conta. Ele silvou de dor, quando ela balançou o seu braço deslocado.

— Para! — disse ele, rangendo os dentes.

— Mas não estou a sentir o teu poder. Não estás a tentar sentir-me.

— Ainda posso sentir — berrou ele. Olhou para as vigas acima deles, rangendo os dentes ao soltar o seu temperamento. Tinha tido sempre cuidado em evitar tudo aquilo que pudesse expor a sua fraqueza, em especial à medida que piorava. Normalmente podia contê-la, mas ultimamente, depois de interrogatórios mais longos...

Estava pior. Muito pior.

E agora Aya tinha mais coisas para usar contra ele.

Ela deu um passo na direção dele.

— O que queres dizer com isso, que ainda podes sentir?

O celeiro desvaneceu-se quando o poder de Will desmoronou dentro dele, como se estivesse a ser atacado. Muitas coisas. Sentira muitas coisas durante o interrogatório da noite anterior.

Gritos, e dor, e meias-verdades, e mentiras, e...

Ainda estava no celeiro?

— Will — a voz de Aya atravessou o seu torpor como uma lâmina, brutal e precisa. Pestanejou uma vez, apercebendo-se do seu corpo vestido de couro,

do rosto dela coberto de suor, dos olhos que o observavam com muito ceticismo.

— Posso sentir — disse ele — cada grama de medo, cada pedaço de dor. Quando a sensação é suficientemente nítida, o meu escudo não a pode parar. E, ultimamente, os ecos da sensação duram mais. Torna o meu poder mais sensível. Daí, *isto* — explicou, com um aceno de mão.

Os olhos azuis dela brilharam quando juntou as peças; percebeu que não era somente a dor *dela* que ele sentia agora, mas todas as sensações que tinha infligido em todos os interrogatórios que fizera.

— Mas... com certeza haverá alguma coisa que possas fazer com a tua proteção...?

— Achas que não tentei? — Will forçou a voz a parecer calma, aborrecida até. Porque, de facto, todos os Visya aprendiam a como usar o seu escudo protetor. Era uma das primeiras coisas que lhes ensinavam quando os seus poderes se manifestavam na infância, e era fundamental para aqueles que tinham o poder das sensações. Porque os Sensaios podiam sentir emoções tão facilmente como as conseguiam manipular, e arriscavam ser esmagados por elas antes de aprenderem a como proteger-se.

Antes de aprenderem que podiam *controlar* quando sentiam o estado de outra pessoa.

Will era um dos Visya mais poderosos na história dos Dyminara. A proteção era a sua segunda natureza. E, ainda assim, quanto mais usava o seu poder, mais frágil o seu escudo se tornara ao longo dos anos.

Quando uma sensação era muito intensa, muito *forte*... era como se não tivesse proteção alguma.

Isso era uma fraqueza. Uma fraqueza que nenhum curandeiro conseguira explicar, e que ele já tivera de revelar a Gianna quando ela fizera dele o seu Justiceiro.

Não suportava a ideia de que alguém poderia explorá-la. Era melhor fazer com que Aya pensasse que não tinha importância.

Will encolheu os ombros e levantou-se. — Os deuses exigem equilíbrio. Parece que esta é a maneira de Pathos me dar o meu. — Um castigo adequado do deus das sensações. Will fez uma festa a Akeeta antes de se dirigir a Aya, parando perto dela. — Acho que ele decidiu que não era justo que eu fosse perfeito — disse, e a franja do seu cabelo caiu-lhe para a testa ao olhar para Aya. — Não te preocupes. Tudo o resto funciona *excecionalmente* bem.

— Não te incomoda?

— Não.

Não era totalmente mentira.

Aya pestanejou, com escárnio nos lábios.

— Claro que não — atirou. — Porque esperaria outra coisa do Príncipe Negro de Dunmeaden? Tu adoras usar o teu poder para causar medo.

Aproximou-se, levantando o queixo para encontrar o olhar dele.

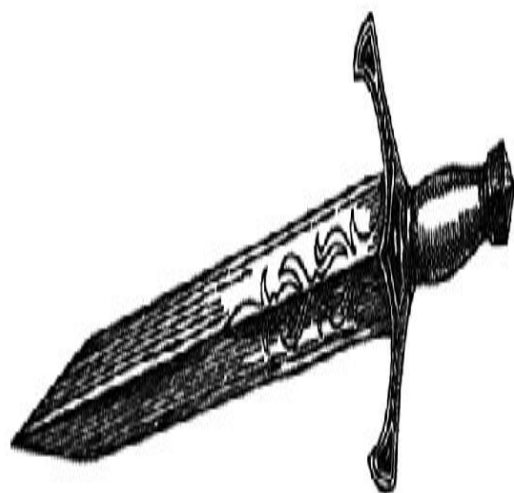
— Gostas disso, não gostas? A vaidade disso. O facto de as pessoas tremerem na tua presença. O facto de *sentires* o medo que provocas.

Ele podia sentir o calor que irradiava do corpo dela, sentia o peito dela a roçar no seu, quando ela respirou fundo.

— És doentio.

Ela voltou-se, mas ele agarrou-lhe no braço, puxando-a para si. Aya gritou ao sentir a dor aguda que lhe percorreu o braço, a mesma dor que ecoou dentro dele quando ela lhe mexeu.

— Não preciso de um poder para provocar medo, querida Aya — disse, num silvo, antes de a empurrar para longe dele. Uma corrente de ar frio passou entre eles quando ele se dirigiu para a porta do celeiro. — Farias bem em lembrar-te disso.



— **V**ais ficar sem apetite, *mi couera*. — O pai de Aya limpou a

testa ao pôr outra tarte no forno. O aroma de maçã e canela percorria a pequena cozinha, e o calor juntava-se àquele que vinha da lareira de pedra na sala de estar. A casa onde passara a infância era pequena e modesta. Era quase igual às outras casas das quintas que pontilhavam os vales. Mas os seus pais tinham sempre feito dela uma bela casa.

Não da mesma forma que os mercadores da cidade, com as suas casas opulentas e canteiros de flores sempre impecáveis. Mas com a tinta amarela, que fazia com que as paredes dessem a sensação de reter o sol. Com o aroma de uma refeição caseira, que vinha sempre da pequena cozinha. Com o riso e o canto, e um amor tão forte que ela nunca julgara ser possível existir entre duas pessoas.

A magia da mãe ainda estava ali. E era isso que, frequentemente, mantinha Aya longe.

É claro que ela culpava o treino e os seus deveres. Mas, ainda antes de se ter mudado para os Aposentos, Aya já pouco aparecia em casa.

O seu pai, que era sempre a mesma alma gentil e generosa, compreendia — ou, pelo menos, pensava que sim. Sabia que o espaço vazio que a mãe deixara ainda hoje magoava Aya. E que as recordações felizes e perduráveis que enchiam a casa eram demasiado para a sua estoica filha.

Aya nunca se preocupou em corrigir os pensamentos do pai. Nunca se incomodou em dizer-lhe que ainda podia ouvir as palavras que tinha gritado à mãe — as últimas que lhe tinha dito — antes de ela embarcar naquele navio maldito.

— Não te dão de comer lá no teu palácio? — O pai puxou uma velha cadeira de madeira e sentou-se em frente de Aya com um leve suspiro.

— Tu cozinhas melhor — disse ela, mastigando uma empada de carne.

Era um elogio enorme, porque Elara não era uma cozinheira qualquer.

O riso do pai veio de dentro do peito, e os seus olhos enrugaram-se ao sorrir para a filha. Ele, tal como a maioria das pessoas que tinham conhecido Eliza, dissera sempre a Aya que ela era tal e qual a mãe. A pele dele era mais morena e a delas pálida. Tinha olhos de uma cor castanha e quente, e os delas eram de um azul gélido. Ele era alto e largo, elas eram baixas, com curvas subtis. E ele tinha o cabelo preto, enquanto o delas era castanho-escuro.

Mas Aya identificava facilmente as características que herdara do pai.

As suas pestanas escuras e compridas. A sua boca larga. O nariz direito. Os olhos voltados para baixo. O modo como se enrugavam quando sorria.

— Ela diz a verdade. — A voz de Tova gorjeou desde a pequena sala de estar. A amiga tinha deixado os cozinhados já há um bocado, para se ir enroscar com um livro, com as suas longas pernas deitadas sobre o braço de uma poltrona de couro onde se tinha instalado. — E nunca para de comer.

Como se tivesse havido tempo para comer alguma coisa, entre treinar com Tyr e ir curar o ombro.

Aya atirou um biscoito a Tova, sorrindo quando a amiga deu um gritinho.

— Ela treina no duro. Vocês as duas treinam no duro. — A voz do pai estava cheia de orgulho ao olhar para as duas amigas. — A pausa para o festival vai saber bem.

A Aurora era uma noite de veneração e celebração para toda a gente — agricultores, fabricantes de armas, mercadores e nobres. E para a Guarda Real e os Dymnara. Algumas pessoas percorriam o reino de Tala até à capital, para assistirem às cerimónias que duravam até ao amanhecer.

Aya tinha sido criada a ouvir as histórias do sacrifício de Evie. De como os seus pais, que eram dos piores praticantes do Decachiré, tinham procurado a imortalidade, que era a verdadeira marca de um deus. Tentaram atingi-la por meio de um ritual horroroso, que sacrificara as suas vidas mortais. Evie tentou travar o ritual, mas os pais morreram e o seu poder passou para a filha pequena, tornando-a no mais poderoso Visya que alguma vez existira ou veio a existir.

Anos mais tarde, quando a guerra atingiu o seu pico e tudo parecia perdido para os seguidores do Decachiré, Evie, de quem se dizia ter um poder que rivalizava com o dos deuses, subiu ao cume do pico mais alto da cadeia das Malas e conseguiu invocar o véu.

Abriu-o, chamando os deuses para que eliminassem o Decachiré do mundo.

Esse esforço matou-a.

Mas os deuses baniram os praticantes do Decachiré para os sete infernos, e ligaram cada Visya a um só poder, para que ninguém pudesse utilizar poder em bruto para ir além dos limites das suas capacidades, dos seus *poços*.

Antes de se retirarem para o Além, antes de fecharem o véu mais uma vez e declararem que da próxima vez que fossem chamados para atuar não poupariam o mundo, os deuses espalharam os Visya pelas várias terras e decretaram que nenhum deles governaria de novo — só os humanos o fariam.

O propósito dos Visya seria utilizar os seus poderes ao serviço dos deuses e da proteção dos humanos — os inocentes, que tinham sofrido por causa de um conflito que não era deles.

Como é óbvio, as interpretações desses diferentes papéis tinham evoluído ao longo dos séculos e através dos reinos. Muitos já tinham abandonado,

desde há muito, os Costumes Antigos de venerar os deuses, alargando o uso dos poderes dos Visya, especialmente em Trahir, onde a maior parte dos Visya não utilizava os seus poderes para proteger e servir, mas para aumentarem a sua influência e prosperarem.

Mas Tala tinha-se mantido fiel às intenções dos deuses desde a guerra. Os Visya do reino percebiam que o seu poder era uma bênção dos deuses. Era uma honra proteger os humanos e servir o reino. E ainda que nem todos os Visya servissem dessa forma — alguns eram mercadores, e Gale tinha até alcançado uma posição de poder no Conselho de Tala —, eles ainda faziam parte do Reino Original, o lugar de origem dos Visya. Veneravam os deuses mais do que os outros.

Aya suspirou ao sentar-se novamente na sua cadeira. Além do festival, ela não estava certa de que haveria grande pausa, sobretudo se Will levasse a dele avante.

Tova também suspirou de modo pronunciado, como se estivesse a seguir o pensamento da amiga.

— Se conseguirmos. Com mais três dias de treino, os problemas com Trahir e a demonstração na escola, posso morrer de exaustão antes do festival.

Esperava-se que os Dyminara estivessem na escola dos Visya no dia seguinte para conduzirem exercícios de treino. Sendo os mais fortes dos Visya, a sua presença era sobretudo para que transmitissem sabedoria. Mas também estariam atentos àqueles que se destacassem, que poderiam ser uma boa aquisição para a força de elite nos anos seguintes.

— Problemas com Trahir? — perguntou o pai de Aya, franzindo a testa.

— Não é nada, pai — disse Aya rapidamente, lançando um olhar a Tova. A amiga bem podia ter mantido a boca fechada.

Tova deu um ligeiro suspiro. Era fácil ficar à vontade na casa do pai de Aya.

— Bem, seja como for, uma noite de festejos e de dança vai fazer-vos bem — disse o pai de Aya mudando de assunto —, vocês merecem.

Aya riu.

— Não a encorajes a dançar. Sabes bem o que aconteceu da última vez.

Tova virou o seu cabelo prateado para trás e voltou ao livro.

— Não sei do que estás a falar.

— Quase partiste o pé da pobre Nel. — Um rubor inundou o rosto de Tova. Levantou o livro até lhe esconder a cara.

— Ela não tinha ritmo. E aquela mesa estava demasiado perto da praça. Aliás, quem é que põe vinho assim tão perto da dança? É perigoso.

— É perigoso para quem dança como tu. Aquela mulher de mercador gritou tão alto que pensei que alguém tivesse morrido. — O vestido branco da

mulher tinha ficado encharcado de vinho quando Tova rodopiou Nel e ela foi para cima das bebidas. O vestido ficara arruinado.

Nel e Tova pararam de dançar logo a seguir, e se foi por causa do orgulho de Tova ou do desejo de Nel por uma vida mais... *calma*, Aya não tinha a certeza.

— Devo avisar o pobre Danté daquilo que o espera?

Tova tinha andado a namoriscar com o charmoso e jovem mercador desde há semanas. E Aya sabia que ia querer dançar com ele nessa noite.

Ou ia querer uma «farra» para ela mesma.

O livro fechou-se.

— Vou queimar-te viva — resmungou Tova.

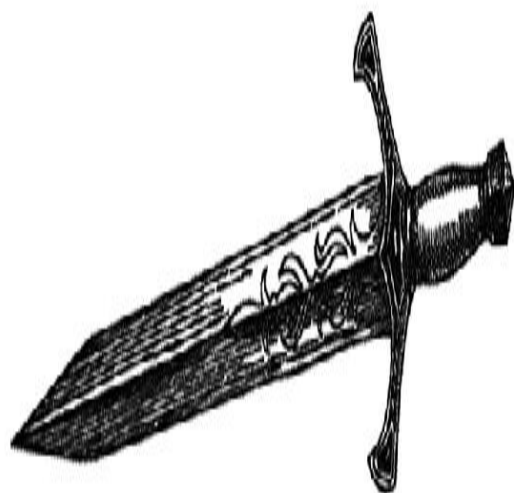
— Se fizeres o favor, querida Tova, vê se o fazes fora de casa e longe do meu jardim. As rosas de inverno gostam de água, não de fogo. — O olhar do pai de Aya faiscava, divertido. Tal como a irmã de Tova, Caleigh, ele era um Terra. Mesmo quando o inverno estava no seu pico, garantia que o seu jardim não morria.

Tova resmungou, fechando o livro e afundando-se ainda mais na grande poltrona.

— É assim *tão* mau? — murmurou ela, por baixo do braço que pusera sobre a cabeça.

Aya olhou para o pai, antes de dizerem em uníssono:

— Sim!



— Achas que ele sabe que elas estão a imaginar como é que ele fica sem camisa?

Aya conseguia ouvir o divertimento no sussurro da amiga, e seguiu o olhar de Tova através do grande espaço aberto que era o salão de treino onde os estudantes Visya se juntaram.

Os estudantes que regressaram aos Aposentos, depois de terem terminado as demonstrações básicas dos poderes na escola, estavam interessados em combate. O grupo incluía três raparigas adolescentes que se sentaram em frente do ringue elevado e olhavam fixamente para Will.

— Parece que o querem comer.

— Poupavam-nos o trabalho de termos de o matar um dia — brincou Tova.

Aya tossiu, tentando esconder o sorriso por trás do punho erguido. Galda lançou-lhe um olhar fulminante de onde estava, no centro do ringue, com a pele negra encharcada e o cabelo encaracolado já totalmente branco. E, no entanto, os seus redondos olhos castanhos ainda lançavam o olhar mais feroz que Aya alguma vez tinha visto.

Ela podia ter envelhecido, mas Galda ainda conseguia encarnar o medo dos deuses.

Will encostou-se às cordas do outro lado do ringue, parecendo aborrecido ao brincar com uma tira solta na sua gasta roupa de couro para combate. Aqueles trajes eram flexíveis nos sítios onde deviam ser, e reforçados nos pontos mais fracos — eram a armadura perfeita para as armas que eles próprios eram.

— És tão má quanto elas — disse Tova ofegante, seguindo o olhar de Aya. Esta endureceu a expressão e Tova estremeceu ao sentir o cotovelo dela na barriga.

— És nojenta.

Tova revirou os olhos e disse adeus a Aya quando os estudantes se dispersaram. Aya olhou para a amiga a sair, com o seu longo cabelo a abanar num rabo-de-cavalo, enquanto ia com os outros manipuladores dos elementos para o ringue exterior.

Os Corpsoma saíram logo atrás dos Dultra, pois também precisavam de muito espaço para praticar os seus poderes físicos.

No salão de treino ficaram apenas os Espri, os manipuladores da mente e das sensações. Aya agradeceu em silêncio por terem ficado dentro de portas. O Ventaleh ainda iria soprar, gelado, sobre a cidade.

Will pediu a Liam e à sua gêmea, Lena, para que se juntassem à demonstração. Cleo, uma outra Sensainos, também tinha vontade de assistir. Ela estava na parte de trás do ringue, vestindo o seu fato de luta sem mangas, que se ajustava às suas curvas flexíveis como uma segunda pele. A sua frente mostrava concentração ao vigiar os estudantes que restavam.

As três raparigas ainda ali estavam, com largos sorrisos quando Will se desencostou das cordas e foi para o centro do ringue explicar os exercícios.

— Vamos começar com algumas demonstrações de defesa e outros exercícios. Depois, vamos ver o que conseguem fazer com os vossos poderes. — Acenou a Liam e a Cleo, e eles subiram para o ringue, desembainhando longas espadas.

Cleo virou um pedacinho do seu cabelo curto para trás de uma orelha, sorrindo levemente para Liam.

Era um truque, parecer suave e despreparada. Aya também o tinha no seu arsenal. E era por isso que ela não se surpreendeu quando Cleo investiu sem aviso, com o corpo esticado como uma serpente pronta a atacar.

Liam levantou a espada a tempo de bloquear o ataque, e rapidamente o único som que se ouvia era o de metal a retinir, enquanto esgrimiam. Liam tinha jeito com uma espada, mas Cleo... o seu trabalho de pés era muito superior. Tinha-o deitado ao chão em poucos minutos, apontando a lâmina à garganta dele.

— É por causa disso que te disse para treinares o teu trabalho de pés — atirou Galda de um canto do ringue.

Aya mordeu um sorriso. Lembrava-se de quando era estudante, neste mesmo espaço, e de ver os Dyminara mais velhos a exercitarem-se e serem chamados à atenção por Galda, ainda que supostamente fossem eles os professores nesse dia.

Aya já treinava com Galda nessa altura — já o fazia há anos. Mas isso nunca eliminava a sensação de respeito que tomava conta dela quando via a treinadora a dar instrução aos Dyminara, como nesse momento acontecia.

Cleo e Liam recomeçaram, de forma lenta, para Will poder indicar cada passo aos estudantes, e depois dividiu o grupo em pares, com Galda a dar-lhes espadas de madeira para que pudessem praticar.

Aya misturou-se com os estudantes, corrigindo-os calmamente enquanto passava entre eles. Parou apenas quando uma das três adolescentes desarmou o parceiro de modo espetacular.

— Muito bem.

A rapariga voltou-se para Aya, com suor a brilhar na sua pele castanha e abrindo muito os olhos cor de avelã.

— Como te chamas? — perguntou Aya.

— Yara — respondeu a rapariga, respirando ofegante e virando uma das suas tranças negras para trás da orelha.

— Tens praticado, Yara. — Aya podia vê-lo na forma como os movimentos de Yara eram suaves, ao passo que os dos outros eram muito forçados.

Yara assentiu com a cabeça e o poder de Aya libertou-se. — Larga a tua espada. — A mão de Yara tremeu num espasmo, e a sua espada quase lhe caiu do punho até que a agarrou. A proteção dela ainda podia ser mais trabalhada, mas... não estava nada mal.

— Pensei que ainda não estivéssemos a usar os nossos poderes — disse Yara sombriamente, lançando um olhar a Aya.

— Um Dyminara tem sempre de esperar o inesperado. E protegem-se *sempre*.

Yara arregalou os olhos, com uma expressão de admiração no rosto.

— É para isso que tens praticado, não é?

— Vou fazer o juramento, um dia — disse, orgulhosa, levantando o queixo, como se estivesse a desafiar Aya para o negar. Ela não o faria. Também tinha tido aquela mesma determinação, aquela mesma vontade. Não havia outro lugar para Aya; nenhum outro lar que fizesse sentido.

— Trabalha mais na tua proteção. Pede a Galda que te ajude. Ela não morde... Na maior parte das vezes.

Yara acenou com a cabeça vigorosamente, apertando mais a espada quando se virou para o parceiro de treino.

Passado algum tempo passaram para o trabalho sobre os poderes. Lena e Will conduziram a demonstração, dirigindo os estudantes pelas complexidades da proteção e das diferentes manobras ofensivas e defensivas. O grupo dividiu-se novamente em pares, e desta vez Aya assistiu de longe, reparando em todas as vezes que Yara conseguia penetrar o escudo protetor dos seus parceiros e inundá-los de sensações.

— Ela tem talento. — Will encostou-se à parede junto a ela, vendo para onde Aya estava a olhar e cruzando os braços sobre o peito. — A proteção é que podia ser melhor. Atravessei-a muito facilmente.

— Com mais alguma prática vai ficar ótima. Quero que Galda trabalhe com ela — murmurou Aya, afastando o olhar da jovem Visya. — É melhor que tenhas cuidado com o nível de dor. Ela é uma miúda.

— Tem 15 anos. Daqui a um ano vai estar nas qualificações e aí vai enfrentar mais do que um mero momento de desconforto, como tu e eu sabemos. — Will franziu a testa ao encarar o olhar de Aya. — E, ademais, sei que *tu* podes não ter familiaridade com sensações positivas, mas elas também fazem parte do meu poder.

Aya levantou uma sobrancelha.

— É essa a única vez em que as pessoas sentem alegria na tua presença?
— perguntou friamente.

Will inclinou-se, com uma resposta pronta a surgir, mas Galda interrompeu-os do outro lado do salão.

— A última demonstração, vocês os dois — chamou ela.

Will sorriu com malícia.

— Vamos lá ver esse veneno todo que cospes, querida Aya.

Ela desencostou-se da parede, com os olhos postos no espaço entre as omoplatas dele quando saltitou para o centro do ringue. Bastava um ligeiro movimento do pulso e o punhal dela cravar-se-ia ali antes que ele pudesse pestanejar.

— Controlo — rosnou Galda, a um canto do salão.

Tinha lido a tensão nos passos de Aya e a violência nos seus olhos.

Aya quase revirou os olhos. Não o ia *mesmo* matar.

Pelo menos hoje.

Mas o rosto de Galda estava posto nela, por isso Aya assentiu com a cabeça e desembainhou a espada. Will fez-lhe um sorriso preguiçoso ao desembainhar a sua. E então estava em frente dela, atacando ferozmente. As espadas chocaram com um ruído ensurdecedor quando ela bloqueou a carga. Usou o impulso dele para o atacar, virando-se para o afastar dela.

Aya ouviu a profunda gargalhada quando ele se voltou para a encarar, com os olhos brilhando com a excitação de uma luta. Estudaram-se como gatos, vendo cada movimento. Will investiu, uma vez, mais uma, ainda outra.

Respondiam um ao outro, golpe a golpe. Ela conhecia o estilo de combate dele como a palma da sua mão — tinha passado meses a estudá-lo, há todos esses anos antes, quando tinham estado em competição por um lugar na Tríade.

O sorriso de Will desaparecera e o seu maxilar estava fechado, concentrado enquanto esgrimiam. Uma calma determinada percorreu as veias de Aya, dando-lhe uma sensação magnífica de paz. Entregou-se à luta totalmente, deixando que os seus instintos a guiassem enquanto combatia. Aya conseguiu repeli-lo, pô-lo na defensiva, com os seus braços a tremer de cada vez que ele bloqueava um ataque seu. O poder dela soltou-se, procurando por pontos fracos na proteção dele, tentando persuadi-lo a fazer algum movimento que lhe desse vantagem a ela. Assobiou de frustração porque não encontrou nenhum.

A espada de Will atacou o seu flanco e Aya mergulhou por baixo do braço dele, aproximando-se o suficiente para que o cabo da sua espada lhe tocasse no pulso. Will era mais forte, mas ela era mais rápida. A espada dele

vouu da sua mão. Ela levantou o braço para lhe apontar a lâmina à garganta, mas ele agarrou-a. Caíram no chão com um baque, e com uma mão ele prendeu-lhe o braço que segurava a espada.

Ela contorceu-se debaixo dele, e com o punho esquerdo tentou dar-lhe um soco, mas ele bloqueou-o, prendendo-lhe também esse braço. O seu peso estava todo em cima dela e o corpo dele era só músculo e calor da batalha ao pressioná-la contra o chão.

— Boa tentativa — sussurrou Will, com a cara tão perto de Aya que ela conseguia contar todas as pestanas dos seus olhos. O peito dele arfava contra o dela, e o coração dela batia tão forte que ele podia senti-lo.

Algo nos olhos dele mudou quando ele a olhou, e Aya congelou, suspensão em cada respiração ao vê-lo indagar o seu rosto.

E então ela sentiu-o: um manto de silêncio suave, como a paz que a inundara durante o combate, sem a dureza que a violência trazia. Instalou-se nos seus ossos, relaxando-lhe cada músculo à medida que a sua respiração profunda se acalmava, sentindo-se como se estivesse a pegar numa caneca fumegante de *chaucholda*. Como se estivesse sentada à lareira numa noite fria. Como se voltasse para casa.

Will sorriu timidamente.

— Eu disse-te — murmurou.

E num ápice a sensação desapareceu, quando Aya recuperou a sua proteção, ativando o seu escudo com um rosnar feroz. Insultando-o, tirou partido do seu regozijo para pôr uma perna à volta da dele e fazê-lo cair de costas.

Acho que há outra coisa qualquer, não há, querida Aya? Algo que preferes não explorar.

Aya agarrou o couro da roupa de Will, puxando-o para ela e para o punho que o esperava.

Esta... esta *fraqueza* quase lhe tinha custado o seu lugar nesse salão, logo no começo.

— Basta! — a voz de Galda sobrepôs-se à raiva na sua mente. Aya largou imediatamente o peito de Will, deixando-o cair no chão. A respiração dela estava ofegante e irregular quando olhou para ele. O olhar brilhante tinha desaparecido, substituído por um sorriso de escárnio que a fazia ficar furiosa. Galda foi para a frente do ringue, explicando a dinâmica do combate com o físico e com os poderes da mente, e Aya levantou-se do chão, afastando-se de Will com um formigueiro nas mãos. Ele ficou onde estava, pondo uma mão atrás da cabeça.

— É sempre um prazer, amor.

— Levanta esse traseiro preguiçoso antes que limpe o chão contigo —

rosnou Galda, passando por ele depois de dividir o grupo em pares, por uma última vez. Até mesmo o Príncipe Negro de Dunmeaden não discutia com Galda.

Ela esperou que ele fosse embora antes de se voltar para Aya, com um olhar penetrante. — O teu escudo é quase sempre inquebrável. Tornaste-te descuidada. — Aquelas palavras fizeram arder-lhe as veias. Era verdade, a proteção era a sua segunda natureza. A maior parte das pessoas, Galda incluída, precisaria de se esforçar muito para lhe enfraquecer as defesas.

Mas Will...

Podias persuadir-me a confessar, suponho. Isto é... se pudesses atravessar o meu escudo tão facilmente como eu faço com o teu.

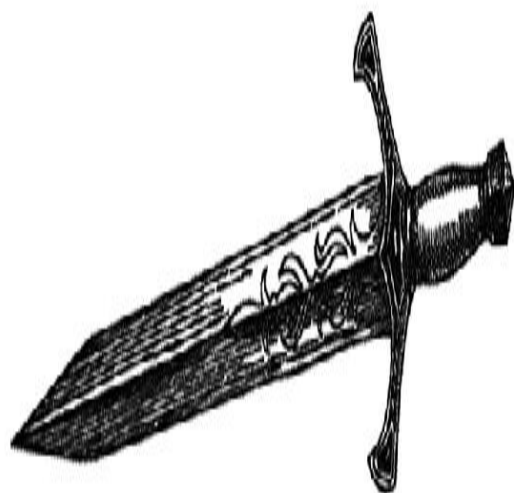
As mãos de Aya fecharam-se em punhos.

— Uma mente confusa é uma mente desprotegida — recordou-lhe Galda antes de sair. Aya olhou para a treinadora, lembrando-se dessa lição na sua cabeça.

— Podes sempre juntar-te às minhas aulas de proteção — cantarolou Yara, aparecendo junto a Aya. Esta virou-se para a rapariga, reparando num sorriso provocatório que ela se esforçava por esconder. Era corajosa, esta jovem Visya. Não vacilou com o olhar de Aya e o sorriso só desapareceu após um longo instante.

Por fim, os lábios de Aya formaram um sorriso.

— A nossa general vai adorar-te.



Aya observava os violinistas que começavam a tocar as suas melodias mais alegres na praça principal, e os pares corriam sobre as pedras da calçada para iniciar a primeira dança. Grandes tochas estavam dispostas a toda a volta da praça, e o fogo aceso pelos Incends dava um toque de calor à celebração, que se alargava às praças mais pequenas. Os Caeli também tinham ajudado com os seus poderes, criando um escudo de ar quente sobre cada praça para ajudar a manter afastados os ventos frios.

A Grande Sacerdotisa, Hyacinth, uma mulher da idade de Gianna, tinha terminado a cerimónia da Aurora, chamando aqueles que quisessem começar de novo a deixar perante o altar de Evie aquilo que lhes pesava. Lembrou-os de que a escuridão não tinha poder no reino. Que os deuses tinham sido generosos ao poupá-los, e que cada geração tinha a tarefa de continuar a evitar que a escuridão consumisse o mundo mais uma vez.

Porque a ganância dos mortais... nunca poderia ser verdadeiramente eliminada.

No entanto, o *Conoscenza* também falava na misericórdia dos deuses, e em como eles não tinham realmente subestimado o desejo dos mortais por poder, e haviam assegurado que haveria uma última resistência, se o mal reaparecesse.

Se a escuridão regressar, os deuses não nos esqueceram. Porque uma outra como ela surgirá, renascida, para corrigir o mal maior.

É claro que existiam leis que ajudavam a garantir que o Decachiré não voltava, em especial no Reino Original. Em Tala, todo aquele que fosse descoberto com a mais pequena relíquia do Decachiré era executado imediatamente. Não havia julgamento nem nova oportunidade. Era uma lei antiga, que não tinha sido aplicada em mais de um século. Se isso se devia ao medo da morte ou à veneração pelos deuses, Aya não sabia.

Aya tinha-se ajoelhado perante a grinalda feita de plantas sempre verdes, tal como fazia todos os anos: cabeça inclinada, com gravidade, e a mente vazia.

Há muito que aprendera que a cerimónia da Aurora era demasiadamente breve para a aliviar daquilo que a perseguia.

Tova pôs-lhe um copo de vinho nas mãos, abstraindo Aya dos seus pensamentos.

— E quem terá o prazer de te rodopiar pela praça fora? O Elias, talvez?

O olhar de Aya procurou o lugar onde ele estava, ligeiramente afastado dos nobres mais velhos. O seu rico casaco azul combinava maravilhosamente

com a sua pele tom de pêssego. Passou a mão pelo cabelo loiro-sujo, olhando para os nobres apreensivamente. Tendo herdado o título há pouco tempo, a geração mais velha ainda não o tinha integrado totalmente.

— Velhos filhos da mãe — costumava chamar-lhes assim o pai de Aya, dizendo-lhe que não usasse esse tipo de linguagem. Ela tinha a tendência da mãe para praguejar.

Elias era um pouco suave, para os gostos habituais de Aya. Apesar de ela ter dado por si exausta, junto ao corpo suado dele, por duas vezes só na semana anterior, o tempo deles estava a chegar ao fim. Elias era um bom partido para quem realmente o quisesse.

Além disso, ela podia apenas imaginar o choque que ele teria se soubesse a quantidade de lâminas que ela trazia presas por baixo das suas calças de couro e da camisola creme que vestia nessa noite.

Abafando um riso, voltou-se para dizer a Tova que preferiria passar a noite a vê-la a causar o pânico com a sua forma de dançar, quando ouviu uma voz grave a interpelá-la.

— Aya. Só um instante.

Mathias Denier surgira junto a ela, tão ricamente vestido como qualquer mercador ou nobre. A sua jaqueta preta caía-lhe muito bem, com fios de prata que combinavam com o seu cabelo curto. O senhor do crime era muito atraente, e ele usava isso como uma máscara, da mesma maneira que Aya tinha aprendido a usar as roupas como armas — tudo servia para esconder o monstro que espreitava por baixo delas.

O seu rosto pálido e anguloso estava barbeado e parecia estoico, quando lhe fez uma vénia.

— Detesto interromper, mas é urgente.

Aya olhou em volta da praça. Não era a primeira vez que era abordada pelo rei do submundo de Dunmeaden. E sabia bem que não podia ter aquela conversa ali.

— Claro. Vamos para um lugar mais privado?

Ele acenou com a cabeça, voltando-se para indicar o caminho.

— O que foi que aconteceu à noite *sem* trabalhar? — resmungou Tova. Aya apenas abanou a cabeça.

— Volto em cinco minutos. E o que ainda estás aqui a fazer? Danté está de olho em ti desde que chegámos. Mata-lhe o desejo e vai dançar com ele.

Isso era verdade. Os olhos de Danté haviam imediatamente encontrado Tova, e isso não era uma surpresa. Tova estava resplandecente, com um vestido vermelho que se ajustava às suas formas esbeltas e musculadas. Tinha o cabelo preso para um lado, exibindo o seu longo colo. E Danté — vestindo uma casaca vermelha bordada com o brasão da sua casa mercantil e uma

camisa branca e brilhante, desabotoada o suficiente para mostrar a pele negra do seu peito — era um perfeito cavalheiro para a cortejar. Passou uma mão nervosa pelas espessas ondas do seu cabelo preto ao olhar para ela outra vez, antes de fingir estar interessado numa conversa.

— Quem pode censurá-lo? Estou fantástica.

— Pois estás. Agora vai. Volto já. E depois disto prometo que vou usufruir de uma noite de farra — era uma promessa vã, e ambas sabiam. Aya nunca tinha sido vibrante. Mas ainda assim Tova assentiu, fazendo-lhe um pequeno aceno quando ela começou a atravessar a praça.

Aya seguiu Mathias pelo beco por onde ele se tinha metido. Sentiu olhos a vigiá-la, mas quando observou por cima do ombro o olhar de Tova estava apenas a dirigir-se para Danté, que a conduzia ao centro da praça para a próxima dança. Aya inspecionou a zona outra vez e a sua atenção focou-se em Will.

Com o seu cabelo preto como um corvo, a jaqueta preta justa e as calças negras, parecia ter sido esculpido a partir da própria noite. Inclinou-se contra a pedra da fachada de uma loja, inclinando a cabeça para ouvir uma bonita ruiva, que tentava falar mais alto do que a música. Ele devia ter acabado de chegar. Ela reparara que ele não se tinha dignado a assistir à cerimónia da sacerdotisa. Era típico dele, ligar apenas às frivolidades que se seguiam.

A cabeça dele inclinou-se para trás ao rir de algo que a mulher dissera. Aya perguntou-se se, tal como sentia aqueles fortes picos de dor contra os quais não se conseguia proteger, também sentia o desejo da mulher.

Aya podia vê-lo de onde estava.

Sacudiu o pensamento da mente e entrou no beco.

Mathias estava à espera num recanto, com a sua alta estatura escondida parcialmente pelas sombras.

— Sê rápido, Mathias — suspirou Aya. Ele eriçou-se ao receber a ordem, e o seu rosto endureceu quando olhou para ela. Com 40 anos, Mathias era 19 anos mais velho do que ela e ele brandia essa diferença de idades como uma faca.

— Ronan está morto.

O punhal dela estava na sua mão antes que ela pudesse pensar sequer, empurrando-o contra a parede de tijolo e encostando-lhe a lâmina à garganta.

— O que foi que fizeste?

Mathias levantou as mãos, com as palmas viradas para ela num gesto de inocência.

— Nada, minha querida. Só te quis informar para que não haja qualquer,

digamos, confusão sobre quem é o responsável. Garanto-te que os meus homens não tiveram nada a ver com isso.

— Tretas.

Começou a aparecer sangue na lâmina.

— Juro perante os deuses. Narina encontrou-o no quarto de hotel dele hoje à tarde. Eles tinham um encontro marcado. Parece que foi esfaqueado e morreu há vários dias. Entrou no hotel há mais de uma semana com um nome falso. Ela deixou-o lá para que fosses inspecionar.

Aquilo explicava porque Ronan não tinha estado no seu posto no Bairro Imundo.

Mathias agarrou levemente no braço de Aya que segurava o punhal, e ela deixou que ele o afastasse do pescoço.

— Como sabes, nós não deixamos vestígios desses.

Isso era verdade — os assassinos de Mathias não eram tão explícitos. Se se encontrava um corpo, tinha sido provavelmente envenenado. Senão, só se encontrava sangue. Era uma espécie de cartão de visita dele.

— Narina conta que ele falava muitas vezes de jogar às cartas perto das docas. Suspeitas de que ele tivesse dívidas?

Era possível. A sede de Ronan por álcool, sexo e dinheiro não era exatamente um segredo. Ela não tinha ficado surpreendida por ouvir que ele tinha encontro marcado com uma prostituta.

Mathias interpretou o silêncio dela como uma confirmação.

— Bom, então sugiro que te vires para os apostadores. Não seria a primeira vez que esses canalhas arranjam problemas.

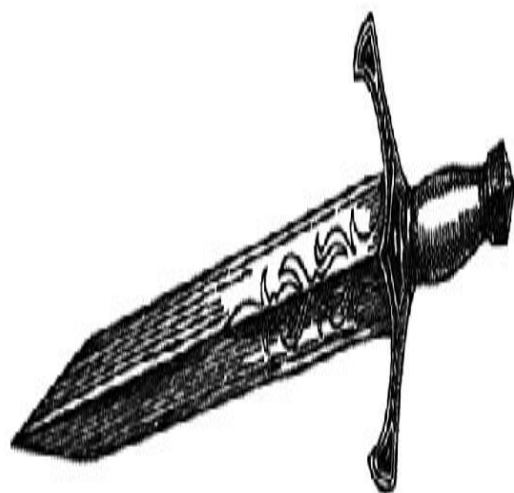
— Isso é giro, vindo de ti — retorquiu ela.

Ele desencostou-se da parede, pondo a mão no queixo dela. A pele de Aya eriçou-se quando a puxou para si.

— Eu, minha querida, sou um cavalheiro. Não faço batota para ter dinheiro — disse, com uma suavidade letal.

— Pois não. Só matas para o ter. — Libertou o queixo da mão dele e afastou-se. — Obrigado pela dica, Mathias. Vamos nós mesmos investigar esse assunto. Terás notícias nossas se acharmos que a tua informação é insuficiente.

— Não espero outra coisa daqueles a quem foi confiada a nossa proteção. Em especial quando um elemento da Guarda Real foi atacado. E o que *isso* significa para a nossa segurança, enquanto cidadãos comuns. — Fez uma vénia zombeteira. — Feliz Aurora, minha querida. Que os deuses estejam contigo. — E desapareceu, assobiando enquanto caminhava por uma ruela sinuosa que desembocava no centro da celebração.



Não havia álcool no mundo que chegasse para fazer Will querer ficar no festival mais um momento que fosse. A ruiva com quem estivera a conversar — Sara, se bem se lembrava — estava a apalpá-lo há mais de uma hora, implorando por uma dança. Agora que a tinha finalmente puxado para a praça, não conseguia arranjar um modo de sair sem provocar uma cena.

Ela sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido, com um hálito quente e pegajoso, mas a atenção dele focava-se no beco de onde Aya estava a sair. Caminhou para a mesa das bebidas, agarrou num copo com um líquido cor de âmbar e bebeu de um trago.

Mathias tinha-a claramente chateado.

Will voltou a atenção para a mulher nos seus braços.

É Zena, não é Sara.

Sinceramente, ele não se lembrava. Estava distraído quando ela lhe murmurara o nome, num tom que ele sabia que *ela* pensava ser sensual.

— Estás a ouvir-me, sequer?

— Claro — respondeu com suavidade, pondo um sorriso no rosto. Apertou-a mais e ela sorriu, rapidamente contentada.

Se ao menos toda a gente pudesse ser acalmada tão facilmente...

— Precisamos de falar.

Will ficou tenso quando Aya apareceu por trás dele, parecendo que queria matar alguém. Zena — Sara — olhou para ele, apertando Will de forma possessiva.

— Como podes ver, Aya, minha querida, estou um bocadinho ocupado.

Um risinho agudo borbulhou dos lábios da mulher quando ele a apertou ainda mais para si.

O nojo que fez estremecer o rosto de Aya refletiu o dele próprio ao ouvir aquele som, mas era melhor do que enfrentar a fúria que Mathias provocara à espia.

Aya agarrou-lhe no braço e puxou-o da mulher.

— Como podes ver, não estou a pedir. Precisamos de falar. *Agora.*

A mulher tentou chegar a Aya, roçando a mão na sua camisola de cor creme. Mais rápido do que uma víbora, Will meteu-se entre elas e afastou a mulher, pondo-lhe os braços em volta da cintura, e ela deixou escapar uma exclamação de surpresa.

— Não faria isso, se fosse a ti — avisou-a, e viu o modo como os olhos de Aya se encolheram. — Ela parece inofensiva, mas não deixes que a baixa estatura dela te engane. Não gostava que perdesse essa mão. Eu sei que,

pessoalmente, ficaria triste se isso acontecesse.

A mulher bufou e foi-se embora, com as ancas a baloiçar a cada passo firme.

— Parece ser encantadora.

— Tu não saberias o que é uma coisa encantadora mesmo que ela te encostasse uma faca à garganta — resmungou ele, dirigindo-se a Aya de rosto fechado.

Uma noite de paz, raios. Ele não conseguia recordar-se da última vez que tinha tido isso.

A música transformou-se num ritmo mais lento e meloso, e os dançarinos em volta deles abraçaram-se aos parceiros. As chamas das tochas e as velas nas janelas lançaram sobre a praça um brilho caloroso e dormente, servindo como principal fonte de luz nessa noite sem luar.

A mão de Will aninhou-se em volta da anca de Aya e puxou-a bruscamente para si, e a pele dela, no espaço entre as calças e a camisola, estava quente quando os dedos dele aí pousaram.

— O que estás a fazer? — perguntou ela.

— Já te meteste num beco uma vez, esta noite. Duas vezes daria nas vistas, não achas? Vamos ter esta conversa aqui.

A sua outra mão encontrou a dela, e a sua pele estava em desacordo com a atitude dela; suave e quente, e zumbindo com algo que ele não conseguia distinguir com o seu poder.

Aya olhava para ele, pestanejando, e ele começou a guiá-la ao som da música.

— E dizem que és uma espia — repreendeu ele.

Ela tropeçou e o seu corpo estava teso nos braços dele. Will puxou-a mais para si, cruzando os seus dedos nos dela.

— Ainda morres, se me deixares conduzir a dança — sorriu, ao rodopiá-la e puxá-la outra vez para o seu peito.

— Resisto só para te negar o prazer da minha morte.

— Encantadora — murmurou Will. — Vais atrair ainda mais atenções do que fizeste ao sair daqui com o Mathias, se pelo menos não fingires que suportas estar perto de mim.

Aya olhou para os seus corpos. Ele podia sentir cada ponto quente dela.

— Isto é muito mais do que *perto* — disse Aya categoricamente.

— Agrada-me. — Ele inclinou a cabeça e o seu queixo tocou na têmpora dela enquanto dançavam. Ela respirou fundo, e ele sentiu-lhe os músculos a relaxar ligeiramente; e depois mais, à medida que a canção continuava e o corpo dela se moldava por fim ao seu, seguindo as ondulações da música.

Para qualquer pessoa, eram apenas mais um par engolido pela melodia

lenta e gotejante que enchia o ar de inverno. Não adivinhariam que eles estavam a discutir alguma coisa — nem que Aya estava provavelmente a debater-se com a ideia de mergulhar no peito dele a lâmina que tinha presa às costas.

Os dedos de Will deslizaram para a base da espinha dela, e encontrou o cabo do punhal que ali estava. O riso dele ressoou entre ambos. — Eu devia saber. — Os lábios tocaram na concha da orelha dela quando sussurrou: — Então, o que há de tanta urgência, Aya, meu amor?

Não quis pensar porque é que o corpo dela estremeceu.

— O Ronan está morto.

Will sabia que ela podia sentir o modo como os músculos dele se retesaram, mas ela não se incomodou em olhar para ele, e continuou: — O Mathias jura que eles não tiveram qualquer envolvimento nisso, e que Narina o encontrou esta tarde, apunhalado. Acham que está morto há dias.

— Desde antes do que aconteceu no Bairro Imundo?

Ela assentiu.

— Isso não quer dizer que o sacana não esteja a mentir — murmurou Will.

— Vou pôr a Lena a tratar disso. — A Persi podia exercer o seu poder de persuasão pela cidade fora num piscar de olhos.

— Não — a palavra escapara-lhe da boca antes que o pudesse evitar —, deixa-me falar com ela — continuou, obrigando a voz a suavizar-se. Lena devia-lhe um favor — um favor que iria cobrar, por este assunto. Não precisava que Aya continuasse metida nisso.

Para sua surpresa, Aya não lhe disse mais nada. Apenas puxou a cabeça para trás, fitando-o com os seus olhos azuis.

— Se o Mathias está de alguma forma envolvido no que está a acontecer em Kakos...

— Eu sei aquilo que está em jogo. — Ele não precisava que ela o recordasse daquilo que era necessário fazer, daquilo que *ele* tinha de fazer, se o pior acontecesse.

Pararam quando a música chegou ao fim, uma vaga de aplausos troando em volta da praça enquanto a banda se preparava para outra canção.

— Vês? — disse-lhe, com os braços ainda em torno da cintura dela e os dedos a desenhar círculos na sua pele, antes de se convencer a si mesmo que tinha de parar. — Não morreste. Na verdade, diria que gostaste.

O seu olhar percorreu o corpo dela, todos os sítios onde ela se aninhara a ele.

Um rubor apareceu no rosto de Aya quando abriu a boca, possivelmente para o insultar, mas as palavras morreram-lhe nos lábios quando um uivo

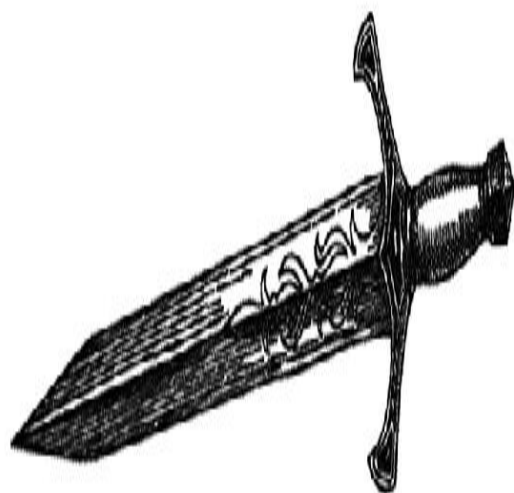
penetrante cortou o ar.

Foi seguido de gritos.

Correram para a praça mais pequena, a alguns quarteirões de distância, e Will franziu o sobrolho ao inspecionar as ruas.

— Aquilo era...?

— Os Athatis — disse Aya, ofegante. — Os Athatis entraram na cidade.



Tova estava ao pé de Aya num instante, com chamas a crepitarem-lhe nos dedos. A voz dela era firme quando disse:

— Temos de evacuar.

As pessoas já tropeçavam umas nas outras ao tentarem chegar à rua principal, e ouviam-se cada vez mais gritos ao longe.

Os Athatis eram perigosos, numa situação normal. Mas quando caçavam eram letais. Era quase impossível fazê-los sair do seu frenesim, exceto se se tratasse daquele a que se estava ligado. E numa caçada durante a Aurora...

— Tirem estas pessoas daqui, eu vou...

Um novo uivo cortou as ordens de Will e Aya ficou gelada. Ela conhecia aquele chamamento tão bem como o seu próprio pulso.

— Tyr.

Não esperou que lhe dissessem mais antes de disparar a correr através da multidão, com o caos abafando os gritos de Will para que voltasse para trás.

Passou pelos cidadãos em pânico, que lutavam uns com os outros para se afastarem o mais possível dos lobos. Os gritos ecoavam por entre os edifícios de tijolo e pedra, e Aya virou numa esquina para entrar na praça seguinte.

Escorregou antes de parar, deparando-se com uma carnificina que lhe entrou pelos olhos dentro.

Havia destroços por todo o lado. Pedacos de cristal cobriam o chão, como se alguém tivesse atirado copo atrás de copo para afastar os Athatis. Um pequeno grupo de aldeões formara uma linha, pegando em mesas e pernas de cadeiras partidas para enfrentar os lobos que se aproximavam. Atrás deles, três corpos jaziam no chão.

Aya correu para eles primeiro, chapinhando no sangue. Tinham a carne despedaçada, mas... respiravam. Levantou-se, colocando-se à frente dos aldeões e tirando da bainha a adaga que trazia às costas.

— Levem-nos a um curandeiro — ordenou. Os aldeões não precisaram de ouvir duas vezes.

Quatro lobos avançavam, arreganhando os dentes e de pelo eriçado. Brien, um lobo castanho desgrenhado, famoso pela sua destreza a caçar, liderava-os. Dois lobos flanqueavam-no. E atrás deles vinha Tyr.

Ela não os podia matar. Os Athatis eram sagrados e Tyr...

Eliminou o pensamento ainda antes que ele se esboçasse.

Com voz de comando, chamou-o.

Tyr ignorou-a, com os olhos brilhando à luz criada pelos Incends. Eram escuros, tão, mas tão escuros!... Não havia sinal do castanho que ela

habitualmente via neles.

Brien deu mais um passo em frente, soltando um rosnar que fez com que os cabelos da nuca de Aya se arrepiassem. Pingava sangue das mandíbulas e os dentes brilharam quando os mostrou.

Ajuda-me, Saudra. Pelo meu juramento, ajuda-me.

Devagar, Aya embainhou a adaga. Levantou as mãos à frente dos lobos.

— Tyr, para baixo.

Não serviu de nada.

Brien investiu.

Aya caiu no chão pesadamente e rebolou para longe dele, levantando-se em seguida, para manter os lobos à sua frente. A pele ardia no sítio onde vidros partidos lhe tinham cortado as costas, os braços e a cara, mas reprimiu a dor, com os olhos a seguir os lobos ao ver que eles se separavam em dois grupos para a levarem para uma parede.

Se os conseguisse atrair para as montanhas, talvez sentissem o cheiro de algum animal para caçar. Só tinha de correr mais depressa do que eles. E com todo o treino que tivera com Tyr, talvez conseguisse, se tivesse um avanço.

Ela não conseguia igualar a velocidade deles. Mas podia bater a sua resistência, e se calhar, se os deuses quisessem, podia mantê-los em sua perseguição pelo tempo suficiente para os tirar dali.

Guia-me, bendita Saudra.

Aya deu alguns passos para o lado, devagar, avançando até à ruela mais próxima. Ouviu-se um estrondo na rua por onde ela tinha vindo — um aldeão que chocara com uma carreta quando tentavam fugir.

Era tudo o que ela precisava.

Aya correu.

Os lobos perseguiram-na, e o rosnar deles ecoava pelas paredes das lojas que enquadravam a rua pavimentada de pedra à medida que ela seguia pela ruela, dobrando uma esquina e entrando na rua seguinte, que ia ter aos limites da cidade. Tinha de continuar a correr. Tinha de se manter longe das zonas residenciais, para onde os cidadãos ainda estavam a fugir.

Fez mais uma curva e chegou a uma rua mais larga com restaurantes dos dois lados. O som de algo a raspar em mesas e cadeiras ecoava, à passagem dos lobos que se aproximavam, semeando a destruição. Longe do festival, as ruas de pedra estavam escorregadias por causa do gelo. Escorregou na curva seguinte, amaldiçoando os sapatos de camurça que calçava.

Brien encurtava a distância. Ela sentia-o.

Ouviu-o a esticar-se para investir, sentiu o seu hálito quente no pescoço...

Alguna coisa dura bateu de lado em Aya, lançando-a ao chão. Braços

envolveram-lhe a cintura, girando para que ela evitasse levar com o maior impacto ao rebolarem, parando a alguns metros do sítio onde Brien quase lhe tinha rasgado a garganta.

— Estás louca? — rosnou Will ao olhar para ela, com os olhos brilhando de fúria. O olhar dele reparou no sangue na cara dela, como se estivesse a contar os cortes de vidro.

Um líder guerreiro avaliando o seu soldado.

Levantou-se, levando Aya com ele. Os lobos voltaram-se para eles, avançando em passo lento.

— Temos de os levar para as montanhas — arquejou ela. A queda roubara-lhe o ar do peito, e lutava para o recuperar, com aquele tempo tão frio.

Will ignorou-a, tirando uma adaga da bainha que trazia à coxa. A dureza da sua expressão disse tudo a Aya.

— Sai daqui — murmurou, com os olhos fixos em Brien.

Aya deu um passo para os lobos.

— Tyr! — tentou novamente, detestando o som esganiçado da sua voz. Mas ela imploraria, se fosse preciso. Lutaria por ele, faria tudo o que pudesse para o afastar da lâmina que Will brandia agora à frente dele.

Mas Tyr arreganhava os dentes.

— Maldição, Aya, vai! — Will não tirava os olhos de Brien, que deu outro passo. E mais outro. E então, quando Will abria outra vez a boca para lhe dizer para ir embora, Brien atacou.

Will empurrou-a, com brusquidão, para fora do caminho de Brien. Aya tropeçou, batendo numa mesa de restaurante. Conseguiu equilibrar-se antes de cair, virando-se para ver Will a alguns metros dela agachado e com a adaga pronta. Brien andava à volta dele e Tyr... Tyr aproximava-se. Os outros lobos mantinham a distância, à espera que a caçada terminasse.

Aya correu, metendo-se entre eles antes que Tyr pudesse atacar e que Will enfiasse aquela adaga no coração do lobo dela.

Will praguejou, e o seu braço parecia aço quando a empurrou para trás dele.

Tyr fez estalar as mandíbulas.

Will preparou a adaga.

— Não lhe faças mal — rosnou Aya, puxando-lhe o braço para baixo. Will lançou-lhe um olhar assassino e pagou por isso. Brien atacou de novo, com Tyr a acompanhá-lo.

Will e Aya separaram-se, com Aya a deslizar pelas pedras da rua, escorregando no gelo.

Ouviu o grito de dor de Will antes de cair ao chão.

Brien tinha-o imobilizado e os seus dentes estavam a centímetros do pescoço de Will, sangue pingando à sua volta. Os olhos de Tyr reluziam quando se aproximou do seu caçador.

Aya nem pensou quando libertou o seu poder, chamando os lobos desesperadamente.

Para mim, para mim, para mim!

Ela sabia que o seu poder não servia para nada contra eles. Mas isso não a impediu de lançar tudo o que tinha para a corrente de persuasão que atravessava as pedras.

Brien parou o ataque, voltando a cabeça para Aya.

Era... impossível. Mas o lobo fitou-a, como se estivesse à espera de alguma coisa.

Aya aproveitou a oportunidade, recuando para se distanciar mais deles, ao lançar cada grama de si naquela persuasão.

Para mim, para mim, para mim!

Brien deu um passo para longe de Will. E depois outro. E então avançou, com Tyr e os outros a segui-lo. Aya tropeçou nos próprios pés ao começar a correr, com o corpo a gritar de dor ao tentar afastá-los de Will.

Não foi suficientemente rápida.

As poderosas patas de Brien batiam na estrada enquanto avançava, e cedo estava em cima dela, atirando-a ao chão. Um craque repugnante ecoou pelas ruas quando a cabeça de Aya bateu nas pedras escorregadias, fazendo-a ver estrelas. O hálito quente de Brien roçou-lhe uma face quando rosnou, e Tyr atrás dele.

Com a visão a falhar, o olhar de Aya encontrou o de Will. Ele tinha-se posto em pé e corria para ela, com a camisa ensopada de sangue e os olhos a brilhar de dor.

A dele... e a *dela*.

Ele era capaz de a sentir. A cada momento.

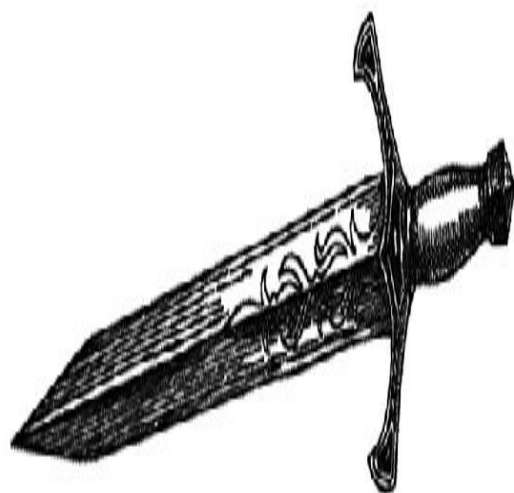
Com aquele problema no seu escudo protetor... a morte dela atingi-lo-ia e ele não seria capaz de escapar.

Não seria capaz de escapar *aqui*. Uma dor como essa... seria extenuante. Os Athatis acabariam com ela e depois com ele.

Aya esticou um braço, à procura de algo, de alguma coisa que pudesse usar contra o lobo que a imobilizava contra o chão. Os dedos sentiram uma pedra solta e ela arrancou-a, brandindo-a com toda a força contra a cabeça de Brien.

O lobo rosnou ao recuar, e Aya ergueu-se nos cotovelos para fugir. Mas, mais uma vez, o lobo foi mais rápido. Deitou-a novamente ao chão e a cabeça dela explodiu de dor ao bater outra vez nas pedras.

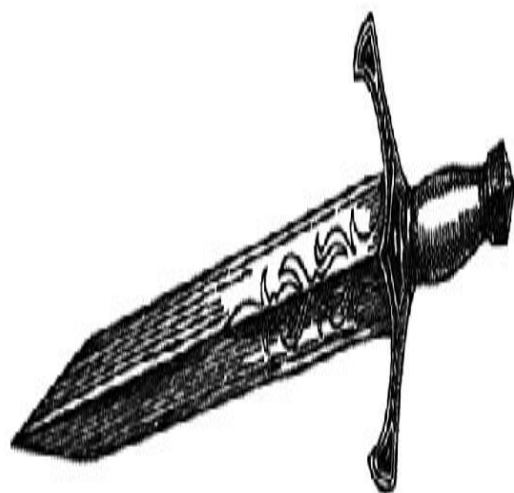
A última coisa que viu foi Will a ajoelhar-se, agarrando o peito com a mão enquanto gritava o seu nome.



Alguém estava a berrar. Uma e outra vez, com uma voz que era uma mistura de terror e de dor. Flutuava através do silêncio abafado que enchia a cabeça de Aya — não, que lhe enchia o próprio corpo, cujo peso a esmagava. Lutou para romper a escuridão, para acalmar aquele apelo desesperado.

Estou aqui, queria dizer. Estou aqui.

Mas o silêncio puxou-a para baixo, afogando tudo, até que só restava escuridão.



Will deu a si mesmo uma hora.

Uma hora para lavar o sangue e a sujidade da pele, uma hora para mudar a ligadura em volta da mordidela no seu bíceps, que Suja, a curandeira dos Dyminara, lhe tinha dito para manter coberta, uma hora para voltar a si e afastar o vazio penetrante que ainda sentia no peito.

Uma hora era quanto tinha antes de encarar a sua rainha.

Gianna correu para ele assim que a porta para os seus aposentos se fechou, com o seu manto de seda branca a esvoaçar de tal maneira que ele percebeu que ela não estava a usar nada por baixo.

— Estás bem? O que raio aconteceu?

Will tocou com um joelho no chão, mantendo o seu olhar em baixo.

— Estou bem. — A voz dele era rouca, com a garganta a doer-lhe por causa do frio. Todo o seu corpo lhe doía.

— E Aya? — Ela puxou-o e levou-o para o pequeno sofá, onde se sentou ao lado dele, no lugar habitual de Aya. Puxou-lhe a manga da camisa negra para cima, revelando a ligadura em volta do bíceps.

— Está com Suja. Vai ficar bem. — As palavras saíam-lhe pesadas. Suja tinha-o expulsado do quarto de Aya, ordenando-lhe que descansasse, dizendo que a espia continuaria inconsciente durante horas enquanto recuperava, e estava em boas mãos, com ela e com Tova.

— Graças sejam dadas a Mora — disse Gianna num suspiro.

Sim. Por uma vez, a deusa do destino parecia ter estado do seu lado.

— O que foi que aconteceu? — repetiu Gianna, com o seu rosto meio escondido pelas sombras que lançavam as tochas penduradas na parede.

Não era uma pergunta. Era uma ordem.

E, assim, ele voltou a contar a história, respondendo a todas as questões detalhadas, com o tipo de precisão que ela sempre procurava nele.

Que caminho seguiram os lobos? Foram direitos ao coração da cidade.

Porque não deixaste Aya ir sozinha? Porque ele achava que ela não os conseguiria despistar. Porque jurara proteger aqueles que lutavam ao seu lado.

Porque pararam os Athatis a sua perseguição? Ele não sabia.

Como é que vocês se safaram? Ele não sabia.

Ela franziu a testa, com preocupação marcada nas linhas delicadas do rosto, ao pôr uma mão na coxa dele.

— A Lena encontrou danos importantes na muralha dos Athatis — disse. — É provável que tenha sido assim que aqueles quatro lobos se escapuliram. Mandeí-a procurar quem fez aquilo com o animal dela.

Will tentou não se irritar, procurou que os músculos não se retensassem ao toque dela. Mas Gianna levantou o sobrolho, perguntando:

— Há algum problema?

— Sou totalmente capaz de comandar esta caçada.

— E se eu perguntar a Suja a opinião dela sobre isso? — Will lançou-lhe um olhar vazio, e o rosto de Gianna suavizou-se, num sorriso compreensivo. — Descansa hoje. A tua ajuda vai ser necessária muito em breve.

Disso ele não tinha dúvidas.

O sorriso dela esmoreceu quando viu a cara fechada dele, e Will obrigou-se a recostar-se no sofá, com o braço posto nas costas de veludo verde e os dedos a acariciar o ombro de Gianna. Uma batida na porta fez com que a mão dela voltasse para o seu colo, e um criado entrou, curvando a cabeça.

— A Grande Sacerdotisa estará aqui em meia hora, majestade.

— Excelente — disse, levantando-se. — Vou recebê-la na sala de reuniões.

Os seus olhos castanhos viraram-se para Will, e ele quase não conseguiu disfarçar o semblante carregado que exibia.

Gianna procurava frequentemente o conselho da sua orientadora espiritual, mas encontrar-se com ela àquela hora...

Mas não lhe fez perguntas. Ela olhou para o seu corpo ainda repousando no sofá e disse-lhe:

— Podes ficar.

Ele não estava certo quanto à intenção daquele convite. Ela exibia um olhar aberto e inocente. Mas os dedos dela brincavam quase inconscientemente com o cinto do manto que trazia, como se...

Will ergueu-se, sentindo o seu corpo protestar.

— Se ao menos houvesse tempo suficiente para o que essas palavras podem querer dizer...

Estava a ser mais audaz do que alguma vez fora. Ela arrebitou uma das suas sobranceiras douradas, com um ligeiro sorriso nos lábios cor-de-rosa.

— Se precisas de mais do que meia hora, William, então não sabes como dar prazer a uma mulher.

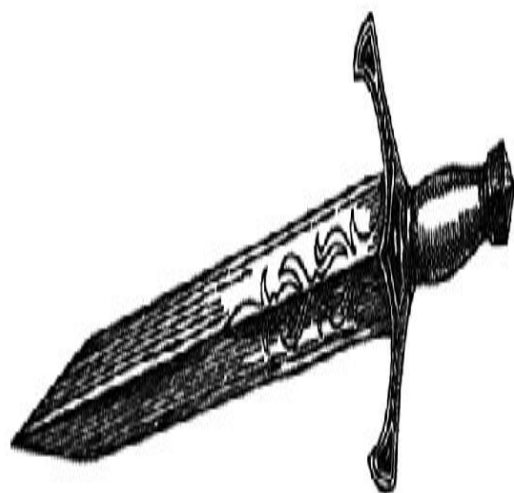
Will sorriu maliciosamente.

— Se não aguentaís meia hora, majestade, então não sabeis como experienciar o verdadeiro prazer.

Ele reparou no estremecimento dela, ao dirigir-se para a porta, mas sabia que não podia ceder.

Gianna adorava uma pequena perseguição.

E ele tencionava oferecer-lha.



Pelos deuses, que claridade.

Os olhos de Aya ardiam quando os abriu, devagar.

Tudo lhe doía.

A cabeça latejava, a respiração fazia-lhe doer de um lado, mesmo a pele parecia queimar. E, por baixo de tudo isso, uma dor profunda nos ossos, que a fazia ter saudade da calma que tinha acabado de deixar ao acordar.

Se isto era a morte, os deuses tinham mentido — não era pacífica.

Admiras-te que os infernos te tenham reclamado?

O rosto sulcado de lágrimas da sua mãe apareceu-lhe à frente, e Aya pestanejou, dissolvendo a imagem no teto cinzento-pálido.

Absorveu o conforto luminoso. A janela pela qual o sol entrava, iluminando tudo com uma claridade radiosa.

Não eram os sete infernos.

Era o seu quarto. Ela estava no seu quarto.

Sentou-se, e a cabeça oscilou com aquele movimento.

— Calma. O teu cérebro foi sacudido. — Tova inclinou-se para a frente na cadeira de madeira que tinha trazido para ao pé da cama. O cabelo dela estava desarranjado, com sujidade e sangue, e o vestido que levava para o festival rasgado da barriga das pernas até ao meio das coxas.

Tova respirou fundo quando os seus olhos se encontraram.

— Graças a Mora. — A cadeira raspou no chão ao recostar-se outra vez.

— Não queria mesmo ter de encontrar uma nova melhor amiga.

Apesar do seu estado, Aya cacarejou um riso, estremecendo quando a dor a atingiu de lado.

— Costelas partidas. E uns pedaços de vidro que Suja teve de tirar do teu corpo, um corte feio no teu couro cabeludo que ela teve de suturar, e também um traumatismo. — Tova contou cada lesão pelos dedos.

Aya tocou ao de leve no seu lado, fazendo uma cara feia ao aperceber-se da sensibilidade. Suja era uma das melhores curandeiras de Dunmeaden. Mas mesmo ela não podia eliminar a dor de ossos a recompor-se. Ficaria dorida por uns tempos. Quanto ao traumatismo... os curandeiros não eram deuses.

— Por quanto tempo estive apagada?

— Oito horas.

Aya praguejou baixinho ao olhar de novo para o vestido de Tova e para a cara dela, toda suja.

— Estiveste sempre aqui?

As narinas da amiga dilataram-se quando agarrou os braços da cadeira.

— Também pareces um trapo, sabes? Suja pensou que estivesses morta quando o Will te trouxe.

Então ele saiu de lá vivo. Mas será que isso queria dizer...?

— O Tyr está ótimo — disse Tova, suavemente. — Estão todos ótimos. Voltaram ao celeiro.

Aya soltou um suspiro que não sabia estar a reter. Nunca iria suportar o facto de Will a ter trazido de volta aos Aposentos, mas isso não importava. Tyr estava salvo.

— O Liam passou aqui há um par de horas — prosseguiu Tova. — A muralha foi destruída. Gianna mandou a Lena para o território dos Athatis à procura de quem fez aquilo. O animal dela apanhou um rasto. Capturaram o homem a tentar fugir pelo desfiladeiro de Pelion.

Aya arregalou os olhos. Ninguém passava pelo desfiladeiro de Pelion a não ser que estivesse desesperado. Não com os Athatis na zona, e nunca no inverno. Sobreviver aos penhascos terríveis e aos ventos gelados era quase impossível, sem falar nos lobos. Não era de admirar que a Lena e o seu lobo o tivessem apanhado em algumas horas.

— Quem era? — A pergunta de Aya saiu calma e fria.

Tova suspirou e sentou-se outra vez.

— É isso que a Cleo está a tentar descobrir neste momento.

Aya franziu o sobrolho. Cleo era uma das melhores Sensainos dos Dyminara, mas não era Will. Se alguma vez houvesse uma altura para usar os talentos do Justiceiro era agora.

— Porque é que o Will não está a fazer o interrogatório?

Era o máximo que ela podia dizer para perguntar como é que ele estava.

Tova encolheu os ombros.

— Suja diz que precisa de descansar. Pensei que ela o fosse matar. Não parava de rondar por aqui. Parecia que nem acreditava quando ela disse que estavas bem.

Aya sentiu tensão nos ombros. Não pensava ter imaginado a centelha de choque que vira no rosto dele quando os lobos o deixaram.

Sentiu o estômago a apertar-se. Os Athatis eram alegadamente imunes aos poderes deles. Influenciar um seria um ato contranatura e vil. *Tentar*, sequer, era abusar da parceria entre eles — abusar do poder que os deuses tinham conferido.

Mas Aya não pensara duas vezes. E Brien e Tyr tinham, inexplicavelmente, *impossivelmente*, seguido as suas ordens.

Estava a cumprir o meu dever. Defendi aqueles que lutam ao meu lado.

Saberia Will aquilo que ela tinha feito? Será que ele queria que Suja descobrisse algo antinatural que espreitava dentro dela?

A mente de Aya focou-se na lembrança do seu lobo. Era bem sabido que os Athatis podiam ser mortíferos para aqueles que não estavam preparados para lidar com eles. Era por esse motivo que existiam tantas precauções em mantê-los longe dos cidadãos. Quem os tivesse soltado devia conhecer bem os lobos. Devia saber onde estava a barreira, como a retirar, e isso, para causar maior carnificina, durante uma caçada.

Mas nada disso explicava o comportamento de Tyr. Ela já o tinha visto anteriormente no frenesim da caça. Mas na noite passada tinha um olhar vazio.

O olhar dela encontrou o de Tova, e havia medo no rosto da amiga quando sussurrou:

— Podias ter morrido.

A verdade instalou-se pesadamente entre elas. A morte não era uma estranha, mas esse facto não fazia dela uma amiga.

Aya sorriu e acenou com a mão despreocupadamente, ao pôr os pés fora da cama, e o movimento fê-la sentir outro pico de dor no flanco. Olhou para o tapete castanho, pensando se as pernas estariam suficientemente fortes para poderem com ela.

— Estou bem. Mas tu... mais um vestido da Aurora estragado.

— Isto não é brincadeira. Pelo meu juramento, Aya... Em que raio estavas a pensar?

— Ele teria matado o Tyr. — As palavras pareciam cinza na sua língua.

Obrigou as outras imagens a ir embora — a imagem do sangue de Will nas pedras da rua e a maneira como ele correu para ela, ajoelhando-se quando ela estava em sofrimento. A maneira como ela sentiu pânico ao lembrar-se de que ele sentiria cada momento da sua morte. O modo como ela libertou, desesperada, o seu poder para o salvar, sem sequer pensar na impossibilidade de o fazer nem porque o fazia.

Estava a cumprir o meu dever. Defendi aqueles que lutam ao meu lado.

Aya respirou fundo e agarrou no colchão.

— O que pensas que estás a fazer? — disse Tova, ceticamente, com os braços cruzados.

Aya saiu da cama, rangendo os dentes, e o quarto andava às voltas na sua cabeça.

Devagar. Só tinha de ir devagar.

A tremer deu um passo em frente, apoiando-se na mesinha de cabeceira de ferro.

— Vou ver o meu lobo. — Fez uma careta ao sentir a dor nas costelas, mas deu mais um passo. — O Liam tinha alguma novidade sobre o Ronan?

— Sim. Parece que o Will enviou alguém para falar com os apostadores,

pois a Lena estava no território dos lobos. Disseram que o Ronan pagou as suas dívidas uma semana antes, e estava constantemente a trazer novos negócios para as docas. Não tinham razões para o matar. O Liam viu o cadáver esta manhã e disse que os ferimentos tinham sido feitos com uma lâmina peculiar. O Will quer que ele vá falar com a cuteleira hoje, e ver se ela nos pode dizer quem comprou tal lâmina.

Aya resmungou ao dar outro passo para a sua cómoda de bétula. Pôs de lado as roupas sujas e manchadas de sangue, trocando-as por um par de calças pretas e uma camisa negra de mangas compridas. Foi mancando, lentamente, para o seu pequeno quarto de banho, e sentiu o chão de mármore gelado nos seus pés descalços. Abriu a torneira até que a água corresse tão fria como o chão enregelado e lavou o rosto. Um banho teria de esperar.

— A rainha chamou por mim? — perguntou ela a Tova ao sentar-se na cama, com as mãos a tremer com o esforço de calçar as botas.

— Não. Encontrou-se com o Will logo depois do ataque. Quer que ambos *recuperem*.

Aya ignorou-a e olhou em volta, à procura da sua capa e das luvas, franzindo a testa quando as viu no chão.

— Precisava de um sítio para me sentar — disse Tova para se defender.

Aya abafou um riso ao arranjar-se com uma lentidão que a enfurecia. Mas a cara de Tova exibia perturbação. Mordeu os lábios como se pensasse bem naquilo que queria dizer.

— Como foi que escapaste?

Aya ficou congelada, acabando de calçar uma luva.

— O Will não te ofereceu o prazer de um relato emocionante? — perguntou simplesmente.

— Ele disse que não sabia. Que num instante estavam em cima dele, e logo a seguir foram atrás de ti, e que quando desmaiaste saíram do transe, ou lá o que fosse, em que se encontravam.

Aya pôs as mãos nos bolsos ao olhar para a amiga. Ela podia mentir. Os deuses sabiam como ela era boa nisso. Mas tratava-se de Tova, a sua melhor amiga. A sua única amiga. Alguém de quem ela já escondera muitas verdades.

— Acho que os persuadi.

A luz dos olhos de Tova flamejou ao de leve, enquanto procurava as palavras.

— Tu... isso não é... *Como?*

Aya cerrou os lábios e pensou novamente na teoria que se construía na sua cabeça.

— Acho que alguém não os soltou, apenas... envenenou-os. O Tyr não me reconhecia, o pensamento dele não estava certo.

Tova não parecia convencida.

— O quê? — Aya não gostou do tom da voz dela.

Mas Tova levantou-se da cadeira e pegou nas mãos de Aya.

— Com Kakos a encomendar armas, e com a história de que estão a fazer experiências com os poderes, sabes bem que as pessoas vão andar à procura de *qualquer* sinal das trevas.

Aya recuou, sacudindo as mãos para se soltar de Tova.

— Tu achas que eu ando a mexer em poderes obscuros?

— Não! — Os olhos de Tova estavam bem abertos ao segurá-la bem. — Pelos deuses, não. Só estou preocupada contigo. Não quero que sejas apanhada em algo que nada tem que ver contigo.

Porque com aquelas leis arcaicas que permitiam uma imediata execução...

Aya reprimiu um arrepio.

— Guarda isso para ti — ordenou Tova, com suavidade.

— Pedes-me que minta à nossa rainha?

— Estou a pedir-te que não fales do que não tiveres a certeza. Deixa que a explicação do Will seja suficiente.

A explicação dele era que ele não sabia *o que* tinha acontecido.

E *ela*? Estaria ela certa de que tinham sido afetados por alguém, e que tinha sido por *isso* que ela tinha conseguido usar o seu poder de uma forma tão proibida? Seria possível que não tivesse sido, de todo, o seu poder de persuasão, mas o barulho que ela produzira, o que fizera com que os lobos se distraíssem? Talvez Saudra tenha respondido ao seu pedido de ajuda; talvez a sua deusa protetora lhe tenha concedido essa mercê.

Estava a cumprir o meu dever. Defendi aqueles que lutam ao meu lado.

Tova apertou as mãos dela nas suas, mais uma vez, tirando Aya dos seus pensamentos. — Promete-me que abandonas as imprudências, está bem?

Aya lutou contra a perturbação que crescia dentro de si e fez um sorriso forçado.

— Eu *alguma vez* faço coisas imprudentes? E devias falar por ti. Pareces mesmo um monte de trampa.

— Mas ainda pareço melhor do que tu — resmungou Tova, claramente satisfeita.

Libertou as mãos de Aya e foi para a porta. Mas parou, olhando outra vez para Aya.

— Estou feliz por estares bem.

Aya sorriu-lhe, com um sorriso autêntico, desta vez.

— Eu também.

Cada passo dado pelo íngreme caminho, montanha acima, parecia um punhal que se espetava no flanco de Aya. Quando Suja descobrisse que tinha saído da cama iria matá-la. Mas estava demasiado em jogo para que ficasse simplesmente a descansar.

Aya parou quando finalmente chegou ao topo da colina que dava para as instalações dos lobos, respirando irregularmente.

O buraco feito na muralha era enorme. Aquilo explicava como é que os Athatis tinham saído do seu covil, mas não explicava porquê. Aya conhecia o seu lobo — nada o faria deixar as montanhas para ir vaguear pelas ruas. Nada, exceto o frenesim de uma caçada. Tinham sido atraídos para a cidade.

Pelo juramento que tinham feito, ela mataria a pessoa responsável por aquilo e quem estivesse envolvido.

Com o polegar, afagou a cicatriz quase impercetível na palma da mão, que parecia mais pálida àquela luz cinzenta do meio da manhã. Ela pensava que aquela marca lhe dava segurança. Nada apagava um juramento de sangue. Bem, nada exceto o castigo por o renegar, o que implicava remover a cicatriz com uma faca.

Pelo meu sangue e pelos meus deuses, dedico a minha vida à proteção do Reino Original, dos seus cidadãos e daqueles que servem junto a mim.

Ela sabia que tinha sido o juramento aquilo que tinha feito com que Will a fosse defender — e que o juramento não era suficiente para esbater a fúria que ele sentira por ela ter ignorado as suas ordens para ir embora.

O que estava certo. Ela também estava furiosa.

Com a disposição dele em matar o seu lobo.

Com a ordem para ela ir embora, para que ele pudesse usar aquele punhal de uma forma que ela nunca conseguiria.

E, talvez, com a sua própria fraqueza.

Aya passou pelo buraco na muralha, transpirada por causa da subida. Tyr não estava no celeiro — mas Akeeta estava. E olhou para ela com os seus olhos de um azul penetrante quando se pôs em pé e se espreguiçou. Olhou para trás, para ela, fazendo entender o que queria.

Aya seguiu-a através da floresta. A loba levou-a até um pequeno prado, onde um riacho com pedaços de gelo a flutuar corria por entre erva e rochas. Junto a ele, com a cabeça a descansar sobre as patas, estava Tyr. Olhava para a água, sem se mexer à medida que Aya se aproximava dele devagar. Mas ele sabia que ela estava ali — Aya podia sentir a sua consciência a transferir-se para ela, assim que pisou na clareira. Quando se ajoelhou ao pé dele, Tyr olhou por fim para ela.

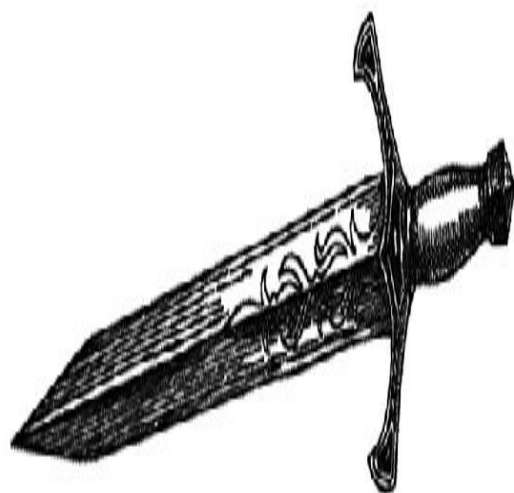
O coração de Aya doeu-lhe, ao ver a devastação no olhar dele, de tão perdido e desolado que parecia. Tyr suspirou baixinho e baixou novamente a

cabeça.

— A culpa não é tua. — Mergulhou os dedos no pelo espesso por trás da cabeça dele, inclinando-se para lhe ver o focinho. — Vou descobrir o que te aconteceu — jurou Aya. — Pelo meu juramento, vou fazê-los pagar por isso.

Devagar, Tyr sentou-se. Deu com a testa na dela, com um rosnado gutural a subir-lhe do peito.

Era a promessa dele em como os faria pagar.



Will colocou-se à direita do lugar vazio de Gianna, à cabeceira da longa mesa de mogno da sala de reuniões formais, e a Grande Sacerdotisa colocou-se à esquerda. Tamborilou os dedos na superfície polida e Hyacinth manteve-se em silêncio enquanto esperavam pelo resto do grupo. De vez em quando, as suas vestes acastanhadas, apenas um pouco mais escuras do que o seu cabelo ruivo, mexiam-se, assinalando a sua inquietude.

Apesar de ela ter o rosto coberto por um véu quase branco, não chegava para ocultar a tensão.

O que quer que Cleo tivesse descoberto era grave.

Devia ter sido eu a fazer aquele interrogatório.

O pensamento era amargo, e furioso, e retinha com uma espécie de tensão que lhe retesava os músculos. Porque agora...

Cinco malditos anos à espera; cinco malditos anos a aguardar, para ser afastado no preciso momento em que mais precisava de estar presente. O cuidadoso controlo que ele construía escapava-se-lhe por entre os dedos.

O olhar de Will virou-se para a porta quando Aya e Tova chegaram, e ele observou a Mestra dos Espiões, lutando contra o modo como o seu maxilar se cerrou.

Ainda tinha a porcaria do sangue agarrado ao cabelo.

Aya escorregou para a cadeira ao lado dele, olhando em frente de modo resoluto, enquanto Tova se instalou junto à sacerdotisa.

Gianna entrou atrás delas, pouco depois. O seu vestido branco roçava no chão de pedra, e mexia com os dedos no elaborado colar de ouro que trazia ao pescoço. Tinha os lábios cerrados ao sentar-se na cadeira de costas altas, à cabeceira da mesa.

— O homem é um Diaforaté de Kakos. Usou poderes de força e de persuasão — disse por fim. — Kakos encontrou alguma forma de reproduzir o poder em bruto.

Will endireitou-se no seu assento.

Muito depressa. As coisas estavam a acontecer muito depressa.

Fez um rosto frio e contemplativo ao focar-se na rainha. A voz de Gianna era pesada, ao continuar. — Temo que isto seja o começo da segunda ascensão do Decachiré.

Seguiu-se um silêncio tenso e Will olhou para a sacerdotisa. As suas mãos estavam apertadas uma na outra e os nós dos dedos brancos. Podia aperceber-se da tensão em torno dos olhos dela através do véu e do rubor que substituíra o habitual e suave brilho dourado do seu rosto.

Hyacinth estava zangada.

— Pensais que eles se estão a preparar para a guerra — disse Aya num sopro. — Pensais que vão desafiar os deuses outra vez. O regresso do Decachiré.

Hyacinth baixou o queixo.

— O *Conoscenza* avisa sobre o regresso da escuridão. Quando os deuses ligaram a magia a um só poder, isso foi feito para que os Visya possuíssem apenas um e assim não terem força suficiente para desafiar os seus limites. Pensamos que os Athatis foram um teste para que o Diaforaté visse se o seu poder obscuro é verdadeiramente eficaz a quebrar os limites da ordem, para que possam começar a extravasar as fronteiras e consigam poder ilimitado.

A sua voz cadenciada era mais fria do que Will alguma vez tinha ouvido.

— E é? — perguntou Tova.

A sacerdotisa cerrou os lábios, em contemplação.

— Sim. E não. Ele mostrou poder de força e poder de persuasão... isso indicia poder em bruto. E a persuasão dele era mais forte do que um Persi geralmente consegue. Exercer persuasão sobre os Athatis deveria ser impossível, o que nos poderia fazer pensar que a capacidade dele é muito maior do que algo que tenhamos visto antes. Mas exercer poder obscuro teve sempre consequências. O homem estava enfraquecido por causa do uso do seu poder. E a persuasão cansou os lobos, como foi comprovado com a vossa sobrevivência — explicou ela, indicando Aya e Will.

Pelo canto do olho, Will viu a expressão de Aya mudar, mas continuou a olhar fixamente para Hyacinth.

— Se o poder em bruto tivesse verdadeiramente funcionado, a persuasão nunca teria sido quebrada. Suspeito que isso queira dizer que Kakos *ainda* não encontrou uma maneira de estabilizar o poder em bruto de forma a ser uma ameaça significativa — continuou a sacerdotisa. — Mas é só uma questão de tempo. E quando conseguirem... — Hyacinth parou, cerrando os lábios.

— Como conseguem eles reconstituir o poder em bruto? — perguntou Aya.

Hyacinth abanou a cabeça.

— Não confessou os métodos que usam.

— Cleo vai continuar a questioná-lo — atalhou Gianna —, e talvez seja mais expansivo quanto às experiências deles até agora, com a... motivação certa.

Will pôs os cotovelos na mesa, olhando para a rainha.

— Sou mais do que capaz de conduzir o interrogatório — disse. Gianna arqueou a testa. — Majestade... — concluiu Will.

— Preciso que vocês os três procurem o fornecedor — replicou Gianna

concisamente. — Quero garantir que aquele carregamento não caia nas mãos deles, e que qualquer pessoa que queira alinhar com Kakos seja presa imediatamente. Não podemos permitir que o Reino do Sul reforce o seu armamento.

Will reparou que ela rebatia constantemente o que ele dizia.

Cuidado. Ele tinha de ter cuidado. Gianna não era parva — era muito mais astuta do que a maior parte das pessoas pensava. E os seus objetivos não tinham mudado, pelo menos verdadeiramente.

Encontra o fornecedor. Encontra o fornecedor e faz a tua jogada seguinte.

— Não são a mesma pessoa? — perguntou Aya, olhando para a rainha e para a sacerdotisa. A rainha abanou a cabeça.

Cleo deve ter sabido isso durante o interrogatório.

A atenção de Gianna voltou-se para Will.

— Vou antecipar a tua viagem para Rinnia para o encontro com o rei Dominic. Partirás, o mais tardar, no final da semana. Quando lá estiveres, quero garantias totais em como eles nada tiveram que ver com os dois negociantes, e quero que se comprometam a ajudar-nos. A guerra vem aí e não sobreviveremos sem eles.

Will contorceu-se no seu lugar. Dominic não iria apreciar mais interferências de Gianna. O rei apostava na neutralidade. Will tinha dúvidas de que ele fosse arriscar a riqueza de Trahir para ajudar numa guerra tão longe das suas terras isoladas, fossem ou não aliados.

Gianna continuou, como se lhe estivesse a ler os pensamentos.

— Avança com cuidado. Conheço Dominic e um Diaforaté com poder instável não será, provavelmente, suficiente para o convencer de que existe uma ameaça séria. A nossa parceria é delicada. Tem paciência. Usa a tua posição no Conselho para apelares a ele, e utiliza as negociações comerciais como ponto de partida. Mas lembra-te: não podemos dar-nos ao luxo de os perder.

Tova abriu a boca, quase de certeza para falar contra aquele tipo de abordagem, mas Gianna ergueu a mão, ainda de olhos postos em Will.

— Já enviei mensagens anunciando que chegarás antes do previsto. Estão preparados para te receber numa permanência prolongada. Aproveita-a.

— Tova — prosseguiu, virando-se para a general —, quero que comeces a mobilizar, subtilmente, as nossas forças. Precisamos de números, especialmente se Trahir não enviar apoio. Procura entre os lutadores — todos os que possam ser treinados. Entretanto, quero que os três percorram as docas antes da partida de Will. — Os olhos de Gianna fixaram-se em Aya. Talvez também tenha reparado no sangue, porque a sua voz suavizou-se ao dizer:

— Lamento que não tenhamos mais tempo para descansar.

Parecia que ia dizer mais alguma coisa, mas Will passou uma mão pelo cabelo, dizendo rapidamente:

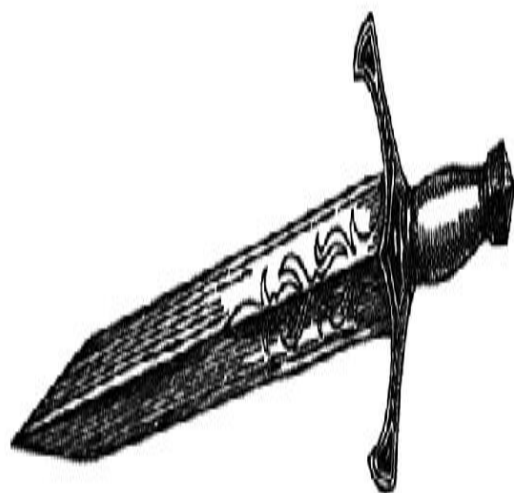
— Devíamos começar já. Se o fornecedor ainda estiver na cidade, a notícia da captura deste homem vai fazer com que fuja.

Ele não poderia permitir isso.

Gianna assentiu com a cabeça, respirando fundo ao olhar para cada um deles, um de cada vez. — Sei que não me deixarão desapontada. — Como se fossem só um, bateram com o punho esquerdo no peito.

Will podia sentir a ponta dos dedos a tocar a cicatriz na palma da mão. Uma recordação de tudo o que tinha feito para ali estar. E do que perderia se falhasse.

— Pelo meu sangue — murmuraram ao mesmo tempo.



As docas estavam movimentadas quando Aya, Will e Tova chegaram.

O sol do fim de tarde refletia na água e os estivadores descarregavam produtos vindos dos reinos estrangeiros. Aqueles que procuravam prazeres desde já misturavam-se entre os trabalhadores, berrando uns aos outros sobre onde é que poderiam fazer as melhores apostas e quais eram as melhores mesas, e começavam a dirigir-se para as salas de jogo da Rouline.

Esta parte da cidade nunca dormia. E continuava a encher-se de gente, enquanto os três passavam por todos os estabelecimentos, à procura de mais informações sobre o fornecedor de armas.

— Detesto a Rouline — resmungou Tova, olhando com desdém para um grupo de viajantes barulhentos. Ela quase arrancara a cabeça a um homem que tinha ido contra ela alguns quarteirões antes, e quanto mais andaram mais irritável ficou, parando aqui e ali, nas tabernas e nos bordéis, para ver se alguém tinha uma história para contar. Aya não a culpava. Andavam naquilo há horas, estava frio e não tinham conseguido saber nada. Aya conseguia sentir uma dor de cabeça a formar-se.

Lançou um braço à volta da amiga, afastando-a com suavidade do grupo para o qual ela ainda olhava. A última coisa de que precisavam era que Tova desembainhasse a espada contra um bando de turistas.

Will seguia à frente das duas mulheres, abrindo caminho pelos grupos de viajantes que se amontoavam na rua principal que bordejava as docas. Além de ter berrado com Aya para que lavasse o sangue do cabelo antes de saírem do palácio, e de ter murmurado umas perguntas aos donos de tabernas, restaurantes, casas de prazer e prostitutas, não tinha dito uma só palavra. Mas o corpo dele estava eriçado como a corda de um arco, os lábios cerrados, enquanto andavam de um sítio para outro.

— Ele hoje está um encanto, não achas? — sussurrou Tova, observando-o a entrar em mais uma taberna sem sequer se voltar para elas.

— Sê rápido. Estou cansada de estar aqui em pé à espera de nada. Está frio e tenho fome.

— E rabugento — disse Aya, tocando o seu flanco dorido. — Podias entrar, sabes?

— E deixar-vos a retaguarda desprotegida? Onde é que está o teu sentido da batalha, Aya?

Aya revirou os olhos.

— Tu detestas é tabernas.

Tova suspirou, encostando-se à parede de tijolo.

— Prefiro estabelecimentos melhores.

— Convencida...!

Aya empurrou a porta. A sala estava escura e húmida, e torceu o nariz ao sentir o odor da brisa do rio misturada com o cheiro de cerveja.

Will estava sentado ao balcão. Aya engoliu um som de frustração quando chegou junto dele e se sentou num lugar vazio, enquanto o taberneiro alcançava uma garrafa de bebida na prateleira mais alta.

— Achas que temos tempo para uma bebida?

Will continuou a olhar em frente, com o olhar cravado nas garrafas por trás do balcão. — Acho que *eu* tenho tempo para uma. — O taberneiro pôs um copo com uma bebida cor de âmbar à frente de Will e levantou uma sobrancelha interrogativa para Aya. Ela abanou a cabeça.

— Temos trabalho a fazer — lembrou-lhe ela, entre inspirações.

Will bebeu um gole do copo, silvando quando a bebida lhe queimou a garganta.

— O que achas que estou a fazer?

— A perder tempo. Temos pelo menos mais três paragens a fazer e a paciência da Tova está a esgotar-se. E a minha também.

— Diz-lhe para ir à frente até ao próximo sítio. Nós tratamos deste.

— Uma ova é que fico aqui contigo — murmurou Aya, escorregando do banco. Will levantou-se, barrando-lhe o caminho da porta. — O que foi? — atirou-lhe ela, quase sem paciência. — Estás chateado porque a Cleo conduz o interrogatório? Há uma pessoa que não podes torturar e isso é o fim para ti, é isso?

Will pousou bruscamente o copo e as manchas verdes dos seus olhos brilharam à luz baça da taberna quando a fitou.

— Para de falar e senta-te — rosnou —, antes que te obrigue.

Ele voltou-se e afastou-se dela, saindo da taberna, sem dúvida para mandar Tova ir à frente. Aya reprimiu a fúria que se lhe formava, sentando-se no banco e bebendo do copo dele.

Ela estava desejosa de uma luta; de alguma forma de libertar a tensão dentro dela, que se tinha acumulado paulatinamente desde que acordara depois do episódio dos lobos.

Em vez disso, bebeu toda a bebida dele, fazendo sinal ao taberneiro para que trouxesse outra.

Quando Will regressou, alguns momentos depois, o rosto mostrava frustração.

— Suponho que tenha corrido bem — disse ela de modo doce, bebericando do copo. Ele encolheu um ombro e sentou-se.

— Pelo menos foi embora. Por fim faz alguma coisa útil.

— Ela tem-nos vigiado a retaguarda, durante todo o dia.

— Não preciso de ajuda para isso.

Aya revirou os olhos, forçando a perturbação dentro dela a acalmar. Tova era mais do que capaz de tomar conta de si própria, mas...

— Achas que é sensato mandá-la sozinha?

— Acho que seria menos sensato deixar que *tu* saias da minha vista — disse Will, seguindo o taberneiro com os olhos quando ele foi até uma mesa no canto mais escondido da sala — e acho que quanto mais depressa acabarmos com isto, melhor.

Aya olhou fixamente para a bebida que tinha na mão, com uma resposta a aflorar-lhe aos lábios. Mas ele falou outra vez antes que ela o fizesse.

— Devias tê-los matado. — As palavras foram ditas suavemente, mas cortaram o ar como uma lâmina. Ele ainda não olhava para ela.

— Os Athatis são sagrados — replicou ela, devagar — e Tyr é o meu lobo.

— Não quero saber do teu lobo para nada — atirou Will, com os olhos a faiscar ao fitar os dela. Estava numa disposição peculiar, para que deixasse que o seu temperamento se expusesse daquela forma.

— Se fosse a Akeeta...

— Teria feito o meu dever. — De facto, era raiva aquilo que estava na sua voz, que baixou uma oitava em seguida. — Mande-te evacuar a praça. Mande-te ir embora e puseste-te em perigo por causa de sentimentos.

— Isto tudo é por causa disso? Estás zangado porque te *desobedeci*?

— Fizeste um juramente a Tala e aos deuses. Um juramento para proteger este reino e os seus cidadãos...

— E *a ti* — resmungou Aya, pousando a bebida. — Estou obrigada, por juramento, a proteger-te e teria sido capaz de cumprir o meu juramento se tu não te tivesses envolvido.

O peito de Will agitava-se, como se não pudesse respirar.

— Diz-me — sussurrou calmamente —, *como* é que os Athatis se afastaram de mim? Será que imaginei o poder que senti contra a minha proteção, mesmo antes do danado do teu lobo ter tentado rasgar-me a garganta? — A voz dele era como uma carícia mortal, uma promessa de violência disfarçada sob o tom suave.

E o modo como olhava para ela...

Ele sabia.

O temor manifestou-se no âmago do estômago de Aya, a enroscar-se como uma serpente.

Ela é muito perigosa.

— A sacerdotisa estava certa. Parece *mesmo* que as trevas estão a

regressar — disse Will. — E imagino que se pareça muito com coisas como persuadir um animal sagrado, que os deuses decretaram ser impossível de influenciar. E tu sabes aquilo que acontece àqueles que exibem a mais pequena demonstração das trevas, Aya.

Ela ergueu o queixo, sentindo um formigueiro nas mãos ao apertar o copo. Não ia deixar que Will a intimidasse com ameaças sem fundamento.

Mesmo que... mesmo que Tova tivesse dito quase a mesma coisa há algumas horas.

Mesmo que ela tenha relembrado a si mesma, em cada inspiração, que as suas ações vinham do seu dever: dever para com o reino e para com os deuses.

Ela escarneceu, baixando a voz ao dizer:

— O Príncipe Negro de Dunmeaden quer acusar-me de heresia?

Os rostos deles estavam separados por centímetros, e ambos os olhares exibiam ódio.

— Talvez sejas tu o salvador, então? Aquele que está marcado pela divindade? — Os lábios dele retorceram-se num sorriso sarcástico, olhando para ela. — Não — respondeu Will. — Ambos sabemos que não é a luz que te orienta. Tive alguns ossos partidos para comprovar isso.

Aquelas palavras acertaram-lhe como um soco.

Aya recuou, com o coração a bater forte no seu peito.

Mas não era a imagem do braço partido de Will que a assombrava nesse momento. Era a maneira como ele a observava, há todos aqueles anos, quando fez de mensageiro para dar a notícia da morte da mãe dela. A maneira como inclinou a cabeça, com a testa franzida, como se...

Will indicou a mesa atrás dela com a cabeça.

— Ali está o dono. Vamos. — Levantou-se sem dizer mais palavra.

Aya parou um instante para engolir a raiva que ainda se formava dentro dela. Estava a levantar-se quando ouviu os gritos.

Olhou para a porta, franzindo o sobrolho quando ouviu botas a marchar no chão de pedra. Will pegou-lhe no cotovelo, com um olhar de irritação. — Deixa, temos trabalho para fazer.

— Isto é o nosso trabalho — respondeu-lhe, puxando o braço. — E além disso...

Um grito rouco fê-la calar-se.

Aya ficou paralisada, com o sangue a congelar ao reconhecer a voz da amiga. Num segundo estava na rua, com o corpo a doer-lhe quando correu em direção ao Mercado dos Artistas, seguindo o som dos gritos.

O mercado estava habitualmente cheio de artistas, vendedores e visitantes, em

especial num dia claro como aquele. Mas agora estava vazio, exceto sete membros da Guarda Real. Dois deles seguravam Tova, que se debatia entre eles. Arrastaram-na para a frente de um guarda alto que estava no centro, com um olhar de satisfação sombria a observar a cena.

— O que é isto? — perguntou Aya, ofegante. O flanco ardia-lhe de dor, mas engoliu-a, observando como todas as portas se fechavam e as persianas e cortinas eram corridas.

— A general da rainha está presa, sob a acusação de traição — disse o homem, sem tirar os olhos de Tova.

— O tanas! — rosnou Aya.

Will chegou junto dela, com as mãos nos bolsos. A voz dele estava calma, quando disse:

— Isto parece ser um assunto que está acima de ti e da Guarda Real, não parece, Finnias?

O guarda corou com o insulto.

— Fomos enviados aqui por sua majestade, com ordens de prender a general. Temos provas de que ela conspira contra o reino.

— Mostra-as então, ratazana! — silvou Tova, cuspiendo-lhe para os pés.

Finnias sorriu maldosamente.

— Encontrámos no teu quarto a lâmina que corresponde aos ferimentos de Ronan, general.

Aya piscou os olhos. Will mandara Liam à procura do dono dessa arma nessa mesma manhã. Ela olhou para ele, mas a expressão de Will nada deixava transparecer.

Apareceu fogo nas palmas das mãos de Tova quando outro guarda avançou para ela.

— Não faças nada, Tova — ordenou Will, numa voz firme. Tova fixou-lhe o olhar e o guarda aproveitou para avançar, agarrando a sacola de Tova. A expressão dela era dura como granito quando tirou de lá um rolo de pergaminho.

Quase parecia...

— Encomendas. De armas, se calhar?

Os músculos de Aya retesaram-se e olhou para a amiga.

— Isso... isso não é meu. — Tova viu o olhar de Aya. — Isso não é meu!

— Revistem-na — murmurou Finnias para o guarda. Tova debateu-se com os dois homens que a seguravam e os olhos dela mostravam pânico.

— Isso não é meu! — gritou.

Aya sentiu a mão de Will nas suas costas, e os olhos dele percorriam o mercado.

Chegavam mais guardas reais. Agora estavam na praça pelo menos 15.

— Encontrei algo! — O guarda que revistava Tova pegou num pequeno livro encadernado a couro, tirando-o da sacola. O livro estava gasto e a encadernação tinha gretas. O couro era de um azul muito escuro, tão escuro que era quase preto. E na capa, bordada com finas linhas prateadas, estava uma Lua em quarto crescente, com os dois vértices voltados para baixo.

O símbolo do Decachiré.

O silêncio durou uma pulsação, ou nem isso, antes de o caos explodir em toda a praça. Ecoaram gritos por entre os edifícios, e mais guardas ainda avançaram para Tova, que tinha chamas flamejantes nas mãos quando eles a cercaram.

Aya deu um passo na direção da amiga antes de Will lhe pôr um braço em volta da cintura e a puxar para trás. Ela lutou contra a força dele, e os berros dos guardas subiam de tom. Tova caiu, com o cabelo voando atrás dela quando tentou soltar-se. Um dos guardas gritava, ao ser queimado pelo fogo dela.

— Aya...

— Eu não a vou deixar!

— Pelo menos por uma vez no raio da vida ouve-me! — Will rodopiou-a para si, com o seu rosto a centímetros do dela.

Ouviram um baque, seguido do barulho de metal feito por uma espada a ser desembainhada, e viraram-se os dois na direção do som.

Will praguejou quando viu Tova de joelhos, imobilizada por um guarda, e outro com a espada na mão.

Iam cumprir aquela regra arcaica.

Iam matá-la.

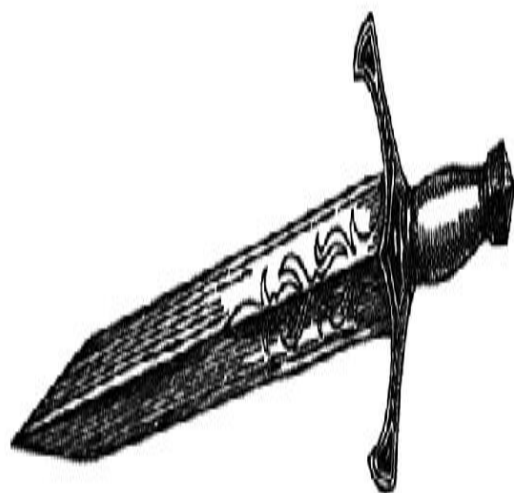
Ali mesmo. Sem julgamento.

Iam matá-la.

O mundo desacelerou e cada momento parecia uma eternidade. O guarda ergueu a espada e o olhar de Tova encontrou o de Aya. O desespero que Aya viu fez com que um grito lhe rasgasse o peito. Lutou contra os braços de Will e os pés dela levantaram do chão quando ele a puxou para trás, recusando-se a desistir.

Will berrou alguma coisa ao guarda, que Aya não conseguiu ouvir por causa da trepidação do seu coração, que lhe enchia os ouvidos. E então essa trepidação transformou-se num rugido, tão alto que ela o podia *sentir* nas veias, podia senti-lo por ela acima, no momento em que a espada do guarda apontou para o céu, brilhando ao sol antes de se abater sobre a amiga.

Aya explodiu.



Um estrondo ensurdecedor reverberou pela praça fora, seguido de um clarão de luz, tão brilhante que apagou completamente a visão de Aya. Will atirou-a ao chão, cobrindo-a com o seu corpo, e gritos ecoaram juntamente com o tinir de armaduras. Os guardas dispersaram e os gritos deles ecoaram na cabeça de Aya até que...

Silêncio.

Aya pestanejou ao abrir os olhos. A praça estava cheia de fogo e de fumo, e um cheiro nauseabundo a queimado picou-lhe o nariz e fez com que as lágrimas lhe toldassem a visão. O chão estava juncado de guardas feridos, e os gemidos começaram a fazer-se ouvir através do silêncio abafado que lhe enchera a cabeça.

Tova estava no meio da praça, rodeada por um escudo de fogo.

Quatro guardas jaziam mortos aos seus pés.

Estavam em carne viva, e algumas partes completamente carbonizadas, e contorciam os rostos ao gritar de terror. Ou de dor. Ou ambas as coisas.

A amiga afastou-se dos seus corpos fumegantes, com os olhos arregalados de temor. Um temor que não fugiu do seu semblante ao voltar o olhar para Aya, do outro lado do chão da praça, coberta de sangue. O escudo de Tova não parava de arder, como chamas que devoravam os cavaletes, as carretas e os corpos feridos por todo o mercado.

Olhava para Aya como se *ela* tivesse...

Não.

Aya não tinha o poder da chama, e Tova tinha lutado, e...

A chama não cegava daquela maneira.

Tova continuou a olhar para ela, com o horror estampado no rosto, à medida que o seu escudo de fogo se extinguiu.

Aya desviou o olhar da amiga, para as formas que gemiam no chão; os guardas mortos, apenas silhuetas de vermelho e negro. Tinham-se aberto fendas nas pedras do chão, que se espalhavam diretamente desde o sítio onde Aya estivera deitada, como raízes que cresciam de uma árvore.

Tu e eu sabemos que não é a luz que te conduz.

Um retinir agudo substituiu o rugido nos seus ouvidos. Apercebeu-se de outro barulho ainda, como se alguma coisa batesse em algo. Procurou o que era antes de perceber que vinha dela própria, pois o seu corpo tremia tanto que até batia os dentes.

Cerrou o maxilar e o barulho parou.

Will afastou-se dela lentamente, com os olhos postos no fumo a levantar-

se. Por um segundo esteve quieto. Mas os guardas que tinham conseguido escapar para as ruas laterais voltavam ao mercado, com o desejo de vingança nos rostos, e ele agarrou em Aya, levantando-a do chão, apertando-a tanto que a magoou.

Ela não se importou. Apoderou-se dela uma dormência, como se aquilo que a inundou alguns momentos antes lhe tivesse arrancado todas as sensações.

— Tínhamos o herege errado — rosnou uma das guardas, puxando Tova do chão, e os seus camaradas correram para ajudar os colegas feridos. O seu olhar fixou-se nas fendas no chão, que conduziam diretamente a Aya. — Nunca vi uma Persi manipular a luz.

— Eu proponho que cortemos o pescoço às duas, por precaução — silvou outro ao agarrar Aya por trás, puxando-a de Will, com a ponta da espada a beijar-lhe o pescoço. Antes que pudesse reagir, o punhal de Will estava na mão do guarda que segurava a espada e ele agarrou-lhe no braço.

— Se mexeres esta mão, juro pelos deuses que a cortarei do teu braço tão devagar que vais sentir cada bocadinho. — A voz dele era baixa e o guarda afrouxou o aperto em torno de Aya, mas não o suficiente. — Ela é minha — rosnou Will suavemente, com violência a brilhar nos seus olhos cinzentos.

O guarda soltou-a, afastando-se com as mãos no ar.

Por um breve instante, a esperança aqueceu o peito de Aya.

Os nossos juramentos ligam-nos. Ele vai tirar-nos daqui. Ele não...

— Idiotas — disse Will aos guardas. — Matam-nas e qualquer informação que tenham morre com elas. Elas são mais úteis a sua majestade vivas do que mortas. — Observou-os, à espera que alguém o desafiasse.

Ninguém o fez.

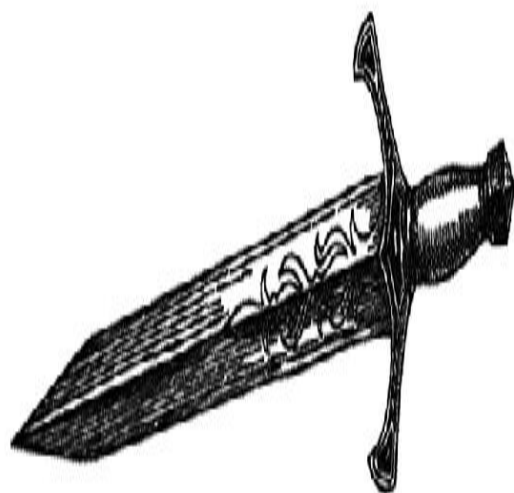
Finnias espreitou desde a rua lateral por onde tinha reaparecido, mas até ele ficou em silêncio, sob o olhar do Justiceiro. A breve esperança que Aya sentira desapareceu quando Will se virou para ela, com frieza estampada no rosto.

Isto era o Príncipe Negro de Dunmeaden. O Justiceiro da rainha. Não havia escapatória — não havia como *lhe* escapar.

O coração de Aya acelerou, e algo parecido com pânico ameaçava destruir-lhe os sentidos, ainda que não conseguisse sentir nem um sopro do poder dele.

Não preciso de ter um poder para provocar medo, querida Aya.

Algo brilhou então nos olhos de Will, como se ele também se estivesse a lembrar dessas palavras que dissera, apenas há alguns dias. Apertou-lhe mais o braço. — Vamos levá-las para o palácio. O destino delas pertence à nossa rainha.



O s gritos eram ensurdecedores.

Ecoavam pelos escuros corredores da prisão, cortando o ar frio e húmido como uma espada afiada.

Aya atirou-se contra a rudimentar porta de madeira com tanta força que a abanou, e mais uma vez o ombro doeu-lhe ao fazê-lo.

E outra.

E ainda outra.

Sabia que aquelas celas eram inexpugnáveis. A porta tinha reforços de ferro, forjado pelos Zeluus. Não havia janelas, e a única fonte de luz vinha de chamas criadas pelos Incends, que brilhavam em bases ovais que estavam colocadas muito acima, nas paredes, impedindo que os prisioneiros pudessem usá-las fosse para o que fosse.

Não havia nada. Nada a não ser paredes de pedra, aquela porta que não cedia e os gritos. Cheios de dor e súplica. Cortavam-lhe o próprio âmago e faziam com que se lançasse contra aquela porta inamovível até que o corpo lhe doesse, até que a garganta lhe ardesse por causa dos seus gritos.

E os gritos não cessavam.

Aya recuou até chegar à parede, atrás dela. Tapou os ouvidos e deixou-se escorregar para o chão, mordendo o lábio até que sentiu sangue.

Os gritos de Tova eram ensurdecedores.

E Aya estava destruída.

Alguns minutos depois, ou horas, naquilo que pareceu uma eternidade, os gritos pararam por fim. Por um instante, o único barulho que se ouviu foi o de violentos vômitos, seguido de passos abafados. Depois, a masmorra caiu no silêncio. Os olhos de Aya estavam vidrados na porta.

Não sentiu nada. Nenhuma das dores causadas pelos Athatis. Nenhuma da dor de Will, que a atirou ao chão. Não sentiu nada, a não ser a dormência que se espalhava pelo seu corpo, que tremia independentemente de ela estar a abraçar os joelhos contra o peito.

Não vinham gritos da cela de Tova. Não havia qualquer som, exceto o constante pingar de água, algures no corredor.

Ela tinha de estar viva. Aya tinha de acreditar que teria sentido alguma mudança no mundo se Tova tivesse morrido, alguma falha a abrir-se no reino se ele lhe tivesse tirado a vida. Ela tinha de estar viva. A alternativa a isso era demasiado imperdoável.

Mas a arma. Os papéis. O livro.

Ela recusava-se a crer. Recusava acreditar que a amiga conspirava para destruir o seu próprio lar. Alguém estava a incriminá-la — alguém *tinha* de estar a incriminá-la. O simples facto de isso ser posto em causa, e Gianna estar a fazer *aquilo* à sua própria general...

Aya fechou os olhos ao encostar a cabeça à parede atrás de si.

Devia levantar-se. Devia preparar-se para enfrentar o que lhe fossem fazer. Porque ele vinha ter com ela a seguir, disso estava certa. E seria pior. Seria muito pior depois do que acontecera no mercado.

Admirava-se se ficasse viva para ver nascer o dia seguinte.

Aya respirou profundamente, sem querer passar muito tempo a lembrar-se do que fizera. De cada vez que o tentava tremia ainda mais. Talvez ainda estivesse em choque. Ou talvez fosse porque, ainda com os gritos de Tova a ecoarem-lhe nos ouvidos, não conseguisse pensar. Menos numa coisa.

Que, mais uma vez, tinha trazido dor e sofrimento a alguém que amava.

Que, se aquilo que tinha acontecido servisse de indicação, a pergunta que se punha a si mesma desde há 13 anos era verdade.

Era, de facto, um monstro.

Perdoem-me, seres divinos. Perdoem-me.

Aya pôs-se em pé, com as pernas a tremer. Ficou tensa ao olhar fixamente para aquela porta. Devagar, esticou as mangas que tinha arregaçado e passou o polegar na palma da mão esquerda, em busca do conforto calmante que lhe dava a sua cicatriz.

Não teve nenhum.

Aya gelou e o mundo parou ao olhar para baixo.

A sua cicatriz, o pacto de sangue que tinha feito com os Dyminara, tinha desaparecido. Esfregou outra vez o polegar na pele, espetando as unhas no pulso ao aproximar a mão do rosto, procurando por algum vestígio da linha branca.

A palma da mão estava nua, como se nunca tivesse feito aquele pacto. Como se os deuses soubessem que ela tinha renegado o seu juramento.

Como se soubessem que a própria existência dela era uma afronta à ordem e à paz que tinham criado.

O peito começou a arfar, e antes que se apercebesse da dor nas costelas pôs os braços em volta de si mesma, como se isso pudesse conter o pânico.

Nem pestanejou com a força que fez.

É a adrenalina, tentou raciocinar. Mas os dedos tremiam-lhe quando levantou a camisola para ver como estava o seu flanco.

Não havia sinais dos ferimentos causados pelos Athatis.

Como se nunca tivesse sequer sido ferida.

— O que me está a acontecer?

A pergunta saiu num sufoco, a sua voz era grossa e a histeria subiu por ela tão rapidamente quanto aquele ardor que sentira nas veias, no mercado.

O que me está a acontecer, o que me está a acontecer, o que me está a acontecer?

Um suor frio encharcou-lhe o corpo, o estômago dava voltas e a visão esbatia-se. Uma oração agitada veio-lhe à mente, ao tentar acalmar-se — tentando usar as técnicas de relaxamento que aprendera —, mas só conseguiu vomitar, deitando fora o que tinha no estômago. O pânico percorreu-a, crescendo como uma parede de terror que ameaçava consumi-la à medida que arfava.

À distância, aproximavam-se passos.

O medo embota todos os sentidos — mata, antes mesmo de qualquer golpe ter sido desferido. Galda costumava dizer isso, sempre que durante os treinos os Sensaios soltavam sobre eles os seus maiores medos. Aya inspirou uma golfada de ar.

És melhor do que isto.

Dobrou outra vez as mangas, lutando contra o peso que sentia no estômago ao pensar na palma da mão, agora totalmente suave.

Foste bem treinada, não o esqueças.

Aya levantou-se a custo, com os olhos fixos na porta, e empurrou o pânico para longe, cada vez mais longe, até que apenas restou um zumbido oco na sua cabeça, uma espécie de foco onde se concentrou, enquanto esperava pelo que se seguiria.

Will parecia saído do inferno. A sua camisa negra estava toda enrugada e a pele era pálida à trémula luz da masmorra. A porta fechou-se atrás dele, e por um instante só houve silêncio enquanto ele observava Aya cautelosamente, com o rosto fechado.

Ela tremeu sob o olhar dele. Não de medo, mas de raiva.

Raiva, pura e simples.

Will afastou-se da porta, com movimentos largos ao avançar.

— Vais querer respirar fundo. — Passou a mão no cabelo já desganhado, com um suspiro. — Por mais furiosa que estejas, acho que lamentarias se juntasses mais uma morte à tua conta de hoje.

Aya atravessou a cela num piscar de olhos, com a mão à procura da garganta dele. Will grunhiu quando ela o deitou ao chão de pedra dura.

— Não lamentarei um só instante que gaste a acabar com a tua vida miserável — rosnou ela, com as unhas a arquear, quando as enterrou na pele macia do pescoço dele. — E vou adorar levar o tempo que for preciso.

Ela matá-lo-ia — mas a raiva consumiu-a, tornando fácil para Will soltar-se dela. Girou, fazendo Aya cair de cabeça para a frente e prendendo-lhe um braço atrás das costas. O rosto ardeu-lhe quando raspou na parede áspera.

— O dia foi longo e não tenho disposição para isto — rosnou, ao dobrar-se para ela. — Por isso, só digo mais uma vez. Respira fundo, com mil raios!

Ela lutou contra ele, contorcendo-se como um animal feroz.

— Ela é inocente! — O grito troou, vindo de algum sítio profundamente dentro dela, do mesmo lugar onde trancara o medo que sentira.

— Eu sei — silvou Will, com o hálito quente a roçar-lhe na orelha —, ela está viva por causa disso. Se Kakos quisesse realmente atingir-nos, de que melhor forma o faria senão matando a nossa general sem sujar as mãos?

Então ele concordava com ela. Alguém estava a incriminar Tova. E torturou-a, apesar disso, de qualquer forma.

— És um monte de esterco — atirou-lhe Aya, lutando para se soltar. Tudo o que conseguiu foi ferir-se ainda mais na pedra áspera. Mas a raiva era mais fácil de enfrentar do que as camadas de medo que ameaçavam derrubá-la por inteiro. — És um monte de esterco sádico.

— Força — ofegou Will, apertando-a mais ainda. — Diz-me que monstro eu sou, para que não tenhas de encarar o facto de que também o és.

Atirou-a para longe de si e foi para o outro lado da cela.

O peito de Aya arfava ao inspirar pesadamente, fechando e descerrando os punhos. Procurou às cegas pelo poder que a tinha percorrido no mercado, mas tudo o que encontrou foi um vazio, que fazia eco em todo o seu corpo. Will observava, com uma risada sombria que encheu o espaço. — Temos problemas com o poder, é isso?

— Uso as minhas mãos nuas, se tiver de ser.

Ele deixou escapar um suspiro, encostando-se à parede em frente dela, e cruzando os braços sobre o peito.

— Não me vais matar. Já agora, os guardas que feriste estão bem — acrescentou com leveza.

Ótimo, tirando os quatro que ela tinha matado. Aya reprimiu um arrepio.

— Um curandeiro tratou deles — disse Will, deixando descair os braços. — Eu sei que não lhes querias fazer mal.

— É essa a diferença entre tu e eu — silvou Aya.

Um clarão de raiva brilhou nos olhos dele, quase incontido quando se desencostou da parede.

— Eu estava a seguir ordens...

— Não quero saber das tuas ordens.

— Mas devias — atirou ele —, ou talvez os guardas no mercado tivessem razão. Talvez *tenhas* renegado o teu juramento. Diz-me, Aya, como é que te

foste envolver com Kakos?

Tu e eu sabemos que não é a luz que te conduz.

— Estás a dar-me lições de moral sobre o meu juramento mas torturaste alguém que juraste proteger. — A bÍlis subia por ela mais uma vez, e o maxilar de Aya doeu-lhe, ao ranger os dentes. Ela matá-lo-ia por causa do que tinha feito a Tova.

— Interroguei-a sob ordens de Gianna — respondeu. A ira era perceptível na sua voz, à medida que o seu temperamento finalmente emergia. — Kakos infiltrou-se neste reino, não há lugar para dúvidas.

— Metes-me nojo — silvou-lhe Aya.

— Sei bem disso. Foi uma *alegria* não ter de o sentir durante um dia inteiro!

Ela ficou parada e Will observou-a atentamente, como se a cara dela pudesse dar resposta a algum enigma. Ela conhecia aquele olhar — era o que ela também usava ao pressionar uma fonte para obter informação.

— Como assim, não o sentiste? — disse ela por fim, e as palavras saíram-lhe quase num grunhido.

Will inclinou a cabeça e o cabelo negro caiu-lhe para a frente. — Não consigo ler-te.

O ar na cela ficou mais pesado. Mesmo com o frio que estava, ela podia sentir as gotas de suor a formarem-se por baixo da camisola que trazia.

— Como agora — prosseguiu Will, dando um passo em frente, como um predador fixado na sua presa —, posso ver o pânico no teu rosto. Mas não sinto nada. Não te consigo sentir desde o ataque dos Athatis. Num momento senti a tua dor como se fosse minha. No instante seguinte...

Aya passou o polegar sobre a pele sarada da palma da mão e o coração batia-lhe furiosamente ao recuar, tocando com as costas na parede.

Ele concordava que alguém estava a incriminar Tova.

Talvez pensasse que fosse ela.

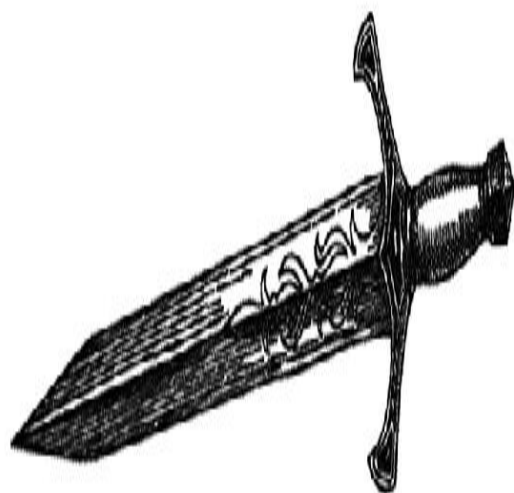
Ela sabia exatamente como é que ele ia tentar confirmar as suspeitas, e agora que ele não a podia sentir... o problema com a proteção já não importava.

Não iria sentir a dor.

— Bem, acho que isso torna o teu trabalho mais fácil — soprou Aya.

Will ficou mortalmente quieto — quieto como ela nunca vira, e o brilho nos seus olhos desapareceu. Mas bateram à porta antes que o poder dele lhe pudesse tocar.

Ele virou-se para a porta, com uma expressão de frustração. E de repente estava de novo à frente de Aya, com os dedos em volta do braço dela, virando-a para a porta, para enfrentar o que estivesse do outro lado.



Aya sentiu o estômago apertado quando a porta se abriu e Gianna surgiu na masmorra, com os seus olhos castanhos alerta ao entrar naquele espaço. A Grande Sacerdotisa seguia-a, com passos ligeiros; provavelmente estava ali para ler a Aya uma última passagem do *Conoscenza* antes de a sua alma deixar este mundo.

Aya não seria recebida por Saudra no Além. Agora sabia disso.

— Liberta-a — ordenou Gianna numa voz firme.

Pelos vistos, a rainha nem sequer se iria dar ao trabalho de utilizar o seu Justiceiro, pensou Aya. Pelo menos depois daquilo que tinha acontecido no mercado. Talvez fosse imediatamente sentenciada à morte.

Os dedos de Will soltaram lentamente o braço de Aya, e Gianna parou à frente deles.

— O navio está à espera nas docas.

Navio?

Será que ela iria ser exilada, em vez de executada? Será que os deuses eram tão misericordiosos?

Gianna agarrou a mão esquerda de Aya, e o seu toque era frio, no ar húmido da masmorra.

Aya preparou-se para a dor da faca, para a cicatriz que se fazia nas palmas das mãos dos traidores. E então...

— Deuses!

A voz de Gianna era suave, quase numa reverência. Os olhos da rainha estavam húmidos quando voltou o olhar da mão de Aya para a sacerdotisa.

— É verdade. Os Divinos não nos abandonaram.

Hyacinth chegou-se à frente ao ouvir aquelas palavras e Aya conteve um arrepio quando a sacerdotisa passou um dedo no sítio onde tinha estado a cicatriz do juramento, com uma expressão contemplativa por trás do véu.

— Renascida — ofegou a sacerdotisa. — Já começou.

Aya pestanejou, levando um momento para registar as palavras. Sentiu que Will ficava hirto atrás dela, a mexer com o braço de encontro aos seus.

— O que... o que estão a dizer? — conseguiu finalmente pronunciar Aya.

— Aya — disse Gianna, apertando-lhe a mão com os olhos brilhantes a fitá-la —, a escuridão começou a ressurgir. E o *Conoscenza* afirma que, quando isso acontecer...

Uma outra como ela surgirá, renascida.

Aya engoliu em seco e o seu coração batia tão depressa que até doía.

Com certeza que Gianna não podia acreditar que...

A profecia aludia a uma santa. E Aya...

Olhou para Will, que continuava junto a ela. Estava hirto, de pés juntos, os ombros direitos e com um olhar inexpressivo ao fitar Gianna. Mas ela conseguia sentir como os músculos dos seus braços estavam tensos, como se estivesse pronto a atacar.

— Esperávamos por um sinal assim — dizia Gianna, parecendo que a sua voz se diluía no rugido que ia na cabeça de Aya.

— E então, William descreveu o teu poder...

— O *Conoscenza* — disse Aya, ofegando, quase não a ouvindo. — O *Conoscenza* diz...

— ... que «quando a escuridão ressurgir, aquela que os deuses escolheram renascerá, com o poder de corrigir o mal maior — concluiu Hyacinth por ela. — Nem mesmo um curandeiro pode remover a cicatriz de um pacto de sangue. E tu já não tens a tua marca, criança.

Aya podia sentir a sua garganta a pulsar.

Era um erro. Um erro terrível, terrível.

Diz-lhes.

Gianna agarrou novamente na mão de Aya, como se sentisse a sua dúvida.

— A tua dor com os Athatis, os teus ferimentos... também desapareceram, certo?

Diz-lhes porque não podes ser tu.

Não era possível. Não podia ser.

— Majestade — soprou Aya —, não posso ser...

— Questionas os teus deuses? — interrompeu a sacerdotisa. Aya podia ver os lábios retorcidos de Hyacinth quando a sacerdotisa a olhou fixamente através do véu. — Dizem que a Segunda Santa guiará os justos se a guerra começar. Dizem que a Segunda Santa corrigirá o mal maior se o Decachiré ressurgir. Negarias ao mundo a oportunidade de sobreviver?

Aya não conseguia respirar. Os pulmões doíam-lhe quando tentava inspirar, tentando acalmar o seu coração sobressaltado.

— Que outra explicação pode haver para o poder que mostraste, Aya? — perguntou Gianna com um sorriso suave nos lábios, largando-lhe a mão. — Acabámos de ver o preço que o poder obscuro cobra a alguém que o usa. O Diaforaté era fraco e mostrava sinais claros da corrupção do seu poder. Nós sabemos que não é o teu caso. Tu... és uma bênção.

Uma mentira.

Aquilo não era a confirmação que elas pensavam ser. Ela não merecia aquelas palavras de louvor. Quando muito, merecia o seu escárnio. Devia estar de joelhos, pedindo perdão aos deuses.

Implorando a Mora que lhe desse um destino diferente.

Diz-lhes.

— Mas é verdade que precisamos de mais confirmação. *Temos* de ter a certeza de que estamos corretas no nosso julgamento de que tu és aquela de quem fala a profecia.

Gianna voltou-se para Will:

— Ela vai para Trahir contigo. Esta noite. Os Saj da Maraciana vão ser capazes de pressentir o poder dela e os estudos deles podem ajudar no seu desenvolvimento. Talvez forneçam instruções específicas de como esse poder pode ser utilizado na guerra que aí vem.

Os Saj eram os guardiães do conhecimento, abençoados por Sage, a deusa da sabedoria. Alguns utilizavam o seu poder para estudar a lei religiosa; outros tornavam-se, eles próprios, sacerdotes e sacerdotisas. Mas aqueles que estudavam *o poder*... esses viviam sobretudo em Rinnia, onde a maior biblioteca, a Maraciana, tinha sido criada depois da guerra. Dedicavam as vidas a manter e aumentar o conhecimento sobre os vários poderes.

E, apesar de não se ocuparem dos Costumes Antigos dos deuses, dizia-se que não existia quem compreendesse melhor o poder dos Visya. Os Saj da Maraciana tinham desenvolvido a capacidade de instantaneamente identificar o poder de um Visya.

Tahir estava bem para eles.

— Nem uma palavra sobre o poder dela. Dominic espera que vás discutir sobre acordos comerciais, mas enviarei uma mensagem a dizer que Aya vai contigo para se encontrar com os Saj, para que nos ajudem a entender o que se está a preparar em Kakos. Talvez, se lhe dermos sinais de que nos estamos a preparar para algo, ele também leve esta ameaça a sério e *te* possa ajudar a garantir que Trahir intervirá se Kakos atacar.

Muito depressa.

As coisas estavam a andar muito depressa.

— Não posso ir — murmurou Aya numa voz rouca. — Tova, majestade, é inocente. Não podeis...

— Sim — interrompeu Gianna, assumindo uma expressão de aço ao voltar a olhar para Will —, eu disse-te para a *interrogares*. Certamente que sabes que aquelas provas podem ter sido postas nela. A tua severidade foi injustificada.

Will mexeu o maxilar, e o seu olhar era como pedra ao fixar a rainha.

— As minhas desculpas por ter interpretado mal as vossas ordens, majestade — disse por fim, vagarosamente.

— No entanto — prosseguiu Gianna, voltando-se outra vez para Aya —, não posso correr riscos. A escuridão *está* a ressurgir. E se tu fores mesmo

aquela de quem a profecia fala, temos de saber como é que o teu poder deve ser utilizado. Tentei avisar o meu pai, quando se ouviram os primeiros rumores sobre Kakos estar a fazer experiências com os poderes, de que eles não se limitariam a manter a heresia para sempre confinada ao seu reino.

— E Tova?

O rosto de Gianna exibia gravidade.

— Lena vai conduzir a busca pelo fornecedor. Até encontrarmos o responsável... temos de fazer com que quem a incriminou pense que teve sucesso. É mais seguro para ela ficar aqui. Garantiremos que esteja confortável.

Errado. Tudo aquilo era errado. A amiga cairia em desgraça.

— Mas vós sabeis que ela não está por trás de nada disto — asseverou Aya, franzindo o sobrolho ao olhar para a sua rainha. Will mexeu-se ligeiramente, tocando-lhe no braço com mais força. Um aviso subtil.

— Não serei vista como fraca — respondeu Gianna —, e deixar que a minha general saísse daqui livre, depois de ter sido apanhada com uma tal relíquia, faria com que o fosse. Sem esquecer que o verdadeiro autor poderia atentar outra vez contra a vida dela. — Gianna alisou os folhos do seu vestido branco. — Tova assumirá a responsabilidade pelo fogo que vos protegeu. Os guardas serão persuadidos a aceitar a mesma versão. E lidaremos com os mais recalcitrantes.

Tova ficaria desonrada perante o reino. Haveria sempre boatos de traição. Seria obrigada a ficar ali até que a verdadeira ameaça fosse encontrada. E quanto tempo demoraria até o ser?

Aya deveria conduzir essa busca. Ela poderia limpar o nome da amiga.

Porque tudo aquilo... custaria a Tova a sua reputação. E custaria a alguns guardas as próprias vidas, se não fossem persuadidos.

O sofrimento e as mortes por conta dela continuavam a aumentar.

— Ela será bem tratada, Aya — prometeu a rainha —, eu própria me encarregarei disso.

As mãos de Aya fecharam-se com força, tentando conter os estremecimentos que se apoderavam dela.

— Kakos pode estar à procura de Aya, majestade — interrompeu Will, pondo-se entre elas. — Devemos partir. Duvido que tivessem espiões no mercado, mas se o rumor se espalhar...

Diz-lhes, raios.

Mas Aya não conseguia pôr a garganta a trabalhar, nem atravessar o pânico que lhe subia ao peito.

— Vão diretamente para as docas — replicou Gianna.

A rainha voltou-se e Will agarrou no braço de Aya, levando-a com ele ao

seguirem-na para fora da cela. Aya tropeçava, pois as suas pernas tinham dificuldade em acompanhar aquele passo mais acelerado.

— Não se atrasem — prosseguiu a rainha. — Não parem por motivo algum. E não a percas de vista. — Gianna virou-se para olhar para Aya, com uma expressão suave ao levantar-lhe o queixo para cima com os dedos. — Esperámos muito, muito tempo por ti, Aya.

Aya não conseguia combater o vazio na sua cabeça, nem ultrapassar o modo como a sua boca recusava dar voz à sua oposição.

Will parou à frente da porta. — Pelo meu sangue, irei mantê-la em segurança.

E então levou-a para o meio da noite, para o navio que os aguardava.

O rugido estava de volta.

Percorria a mente de Aya como um rio, abafando os sons da tripulação que preparava o navio, quando Will a arrastou para o convés principal.

Mesmo o toque forte dele, que parecera tão apertado quanto um cadeado de ferro ao correrem pela cidade, se desvanecia e não era mais do que um sopro, perante o ardor que sentia dentro dela.

Não tinha sido capaz de dizer as palavras — não tinha sido capaz de fazer *mexer* a sua boca, para dizer à sua rainha a verdade, que não havia hipóteses de ela ser aquela de quem a profecia falava.

Não depois de tudo o que tinha feito.

Ela não desiludira somente Gianna como os deuses, e a devastação causada por essa verdade tinha-a mantido dormente e em silêncio.

Olhou para Will, vendo a tensão que lhe perpassava pelo rosto.

Ele, mais do que qualquer outro, sabia que ela não podia ser a Segunda Santa. Ele tinha-lhe, na prática, atirado isso mesmo apenas algumas horas antes, na taberna.

Não é luz, aquilo que te conduz. Os meus ossos partidos provaram-no.

Ele tinha arranjado palavras para a condenar aos sete infernos. Mas na masmorra nada dissera.

Porquê? Porque participava ele nisso, quando sabia...

O sangue de Aya gelou, quando o pensamento se apoderou dela.

Ele sabia.

Will estava a dizer alguma coisa. Algo sobre quantos minutos tinham antes de zarpar. Mas não o conseguia ouvir através do rugido que lhe ressoava na cabeça.

Ele sabia.

Ele sabia que ela persuadira aqueles lobos. Tinha pensado que isso era

um sinal da escuridão mas nada dissera a Tova a esse respeito. Nem a Gianna.

Exatamente como há todos aqueles anos, quando ela o fizera atirar-se daquela muralha.

Will soubera, desde que caíra, que ela era diferente. Que havia nela alguma coisa que não estava bem. Ele *deve* ter desconfiado nessa altura. E tinha querido expulsá-la dos Dymnara. A maneira mais fácil de o fazer teria sido dizer a alguém que o poder dela tinha ido além dos limites. Além dos limites de qualquer um.

Disse que era perigosa.

Disse a Galda que ela era imprevisível.

Disse que ela não tinha controlo.

Mas nunca tinha mencionado a única coisa que teria garantido que fosse expulsa.

Como se... como se ele nunca tivesse *desejado* que soubessem.

Quando Will a levou do convés até um longo e escuro corredor, Aya sentiu que se integrava naquele sítio fresco e pouco iluminado, que lhe trazia uma clareza acutilante. Ele ainda estava a falar — mas as palavras eram um zumbido pouco audível, ao passarem junto a uma fila de portas para os camarotes.

Ele sabia.

Ele sabia que Ronan estava em serviço no Bairro Imundo, naquela noite em que ela apanhara os negociantes, e o guarda tinha aparecido morto.

Will não tinha sido visto no começo das cerimónias da Aurora; e os lobos tinham fugido.

Ele tinha encarregado Liam de encontrar a arma que matara Ronan, tinha insistido em que Aya ficasse para trás quando Tova foi na frente, sozinha; e a amiga quase tinha sido morta.

Ele tinha estado em todos esses momentos.

Talvez não precisassem que Lena investigasse quem estava em conluio com Kakos.

Porque ele estava a bordo daquele navio com ela, naquele momento.

Como?

Como é que ela não tinha percebido?

Ele levou-a para um pequeno camarote, iluminado por uma lanterna.

Era um espaço apertado, com uma mesa de madeira pregada ao chão e uma pequena cama presa à parede do lado esquerdo. Foi para lá que Will a levou, com um toque surpreendentemente suave quando a fez sentar-se na cama.

Ele dobrou-se em frente dela, com os olhos cinzentos fixos no seu rosto. Não havia nada de verde neles, dessa vez.

— Aya.

Ouvir o seu nome foi como um rastilho para a fúria que ardia dentro dela. Agarrou no punhal que ele trazia ao cinto, empurrando-o para o chão com o ombro, ao levantar-se. Ele tentou equilibrar-se e Aya aproveitou para brandir o punhal ferozmente, mesmo à frente da cara dele.

Will levantou o braço a tempo.

O sangue correu do seu antebraço quando a lâmina lhe cortou a pele.

O urro de dor que deu só aumentou a raiva dela.

À distância, ouviu os gritos de Tova a ecoarem-lhe na mente.

O chão tremeu e Aya tropeçou.

O navio movia-se. Era a distração de que Will precisava.

Agarrou-lhe no pulso e passou-lhe uma rasteira, com um pé por trás do tornozelo dela, e Aya caiu para cima da cama. Will conseguiu tirar-lhe a arma da mão ao imobilizá-la, e ela sentiu o beijo frio da ponta de aço que se encostava à sua garganta.

Aya levantou o queixo, sentindo a ponta da lâmina a pressionar-lhe a pele.

— Fá-lo! — desafiou-o num sopro.

Ele não o faria. Porque Will precisava dela. Talvez pensasse que ela ajudaria a sua causa.

Ela preferia morrer.

Apertou mais o pulso dela, mantendo-a contra o colchão, segurando-lhe o outro braço com um cotovelo. Arreganhou os dentes, num clarão branco à luz baça da lanterna.

— Perdeste o juízo?

— Há quanto tempo? — atirou-lhe ela, a arfar. — Há quanto tempo é que andas a ajudar Kakos? Alguma vez foste leal a Tala? E aos deuses?

Ela sentiu os músculos de Will a retesarem-se, cada curva dele a ficar tensa, e manteve o punhal na garganta dela. O silêncio instalou-se entre eles, ficando mais pesado a cada segundo que passava. Emoções cruzaram-lhe a cara, antes que ela as identificasse. A respiração dele roçou-lhe nos lábios quando fez ainda mais força na lâmina.

— Nem parece teu, estares assim tão enganada. Estás a perder as tuas faculdades?

Aya tentou arquear as ancas, mas Will não cedeu um centímetro. O seu corpo era uma força quente e inamovível.

— Insististe que ficasse para trás contigo — disse ela —, e sabias que eles iam atacá-la.

— O Liam descobriu aquele punhal quando estávamos nas docas — rosnou Will. — E foi direitinho a Gianna. Foi por isso que ela enviou a

Guarda Real.

— Às tuas ordens.

— Achas que fui eu que pus aqueles papéis na sacola dela? Se o tivesse feito *não teria perdido tanto tempo*.

Aya gargalhou, e o som pareceu frio e errado. — Apesar disso, sempre suspeitaste de que o meu poder fosse diferente e nunca disseste nada.

Fez-se silêncio entre eles, tão tenso que o ar parecia ficar espesso. Os olhos de Will viajavam entre o rosto dela e a arma que segurava.

— Mais uma vez, tiraste conclusões erradas — disse.

O toque frio da lâmina desapareceu quando Will saiu de cima dela e caminhou até à parede mais distante. Fez um silvo quando viu a ferida que tinha no braço, de onde o sangue corria em bica.

— Qual era o teu plano? Fazer-me confessar uma traição enquanto me esvaía em sangue?

Sim.

Ela não conseguia ver o suficiente para lá da raiva que sentia, não via que tinha estado prestes a deitar fora anos de treino. Ela sabia que não devia eliminar uma fonte de informação. E, no entanto, a raiva tinha-a dominado totalmente.

— Eu sei que és tu — rosnou Aya —, só não sei porque não juntei as peças mais cedo. Nem porque demoraste tanto tempo para agir.

Os olhos de Will brilharam de fúria.

— Precisamente. Se eu estivesse a trabalhar para Kakos ter-te-ia expulso de Tala assim que me atiraste da muralha.

— Querias que eu fosse expulsa dos Dyminara, e no entanto não te serviste da única coisa que o teria conseguido fazer.

— Não queria pôr em risco o *meu* lugar. Estávamos a poucas semanas de fazer os nossos juramentos e competir por um lugar ao lado de Gianna. Não tinha a certeza de porque tinhas sido capaz de me fazer saltar. Se tivesse sido um problema com a minha proteção, eu não iria expor uma fraqueza dessas, assim sem mais.

As palavras dele inundaram-na e a cabeça dela tentava lutar contra a lógica que carregavam. As marcas que ela trazia enganavam sempre.

— E os lobos? Porque não fizeste soar o alarme quando te encontraste com Gianna?

Ele endureceu, mas o seu tom de voz era perigosamente sereno quando lhe disse:

— Tantas perguntas, Aya, minha querida.

— Responde.

Will caminhou de novo para a cama, com o rosto fechado ao colocar um

braço de cada lado dela. — Porque, como já te disse na taberna, se alguém devesse ser suspeito do uso de poderes obscuros esse alguém seria *tu* — silvou — e não havia melhor maneira de confirmar as minhas suspeitas do que não te perder de vista. Obviamente, estava enganado — disse, com uma ponta de repugnância ao fazer um aceno de mão na direção de Aya, olhando para ela como se pudesse ver cada sítio do corpo dela com cicatrizes, agora desaparecidas.

Aya pestanejou, olhando para ele, ficando totalmente quieta, ao tentar pensar nalguma falha no raciocínio de Will.

Ele não tinha ficado calado porque quisesse utilizá-la como uma arma obscura qualquer... mas porque pensava que ela poderia ser uma ameaça?

Porque nunca tinha pensado, nem sequer por um momento, que a profecia pudesse ter falado de alguém como ela?

— Então, porque tentaste hoje levar-me do mercado?

Ele perscrutou-lhe o rosto e ela sentiu as mãos dele fletirem-se no colchão.

— Porque assim que vi a porcaria daquele livro e o horror na tua cara, sabia que não tinhas sido tu. Não ia deixar que morresses.

— Mas não podes dizer a mesma coisa quanto a Tova, pois não?

Will endireitou-se, com uma expressão dura, recuando.

— Não. Não posso. — As palavras eram frias, sem emoção nem sentimento. — Fiz um juramento que devo seguir, e aquilo que sabia naquele momento, naquele mercado, era que Tova era uma ameaça ao nosso reino.

As mãos de Aya crispavam-se, pressionando os nós dos dedos contra o colchão, como se pudesse manter-se presa nele enquanto a raiva regressava.

Eu posso magoá-lo. Solta-me, pedia-lhe essa sensação.

Will lançou-lhe um riso frustrado, passando os dedos pelas madeixas.

— Pensa nisso, Aya. Tenho acesso direto à rainha. Se estivesse a trabalhar para Kakos, tinha-a matado *e* a ti. Teria sido muito mais fácil para eles ganharem a guerra se tu estivesse morta, e ter-me-ia poupado anos de maldita agonia ao ter de lidar contigo.

Solta-me.

Os braços de Aya tremiam ao agarrar mais o colchão. Precipitada. Tinha sido precipitada ao atacá-lo — precipitada ao tentar acabar com ele, quando ainda existiam tantas questões sem resposta.

— Achas que vou simplesmente confiar na tua palavra?

— Não tens escolha, pois não? — atirou-lhe Will. — Não consegues encontrar-te com os Saj sem mim.

Aya não tinha vontade nenhuma de se reunir com os Saj da Maraciana. Ela sabia exatamente aquilo que lhe iam dizer. E quando essa verdade fosse

revelada, quando sentissem que havia algo obscuro dentro dela — algo que nenhum santo poderia possuir —, o que iria ela fazer nesse momento?

Não seria capaz de regressar a casa.

Will franziu o sobrolho, como se conseguisse ler os pensamentos que lhe voavam na mente.

— Devo mandar dizer a Gianna que tu precisas de alguma motivação extra para cumprires a tua missão? Talvez reconsidere o conforto que tenciona dar a Tova — rosnou.

Aya arreganhou-lhe os dentes ao pôr-se em pé. — Não te atreverias.

Will endireitou as costas.

— Já viste o que me atreveria a fazer. Tenta uma merda destas outra vez e envio o raio de uma carta mais depressa do que consegues enfiar-me uma faca no peito.

O tórax de Aya arfava ao olharem um para o outro fixamente. Ele tinha-a onde queria, e sabia disso. Ela nunca colocaria Tova em risco. O que queria dizer que não importava aquilo que Aya pensava — santa ou não, teria de se encontrar com os Saj. Que outra escolha tinha?

O triunfo bailava-lhe nos olhos, quando Will sorriu. — Agora que nos entendemos, isto vai ser assim: vais deixar de me tentar matar e ficas neste camarote até que eu possa suportar ver-te, e quando isso acontecer vais trabalhar num plano comigo, ou, pelo meu juramento, farei com que Tova pague.

Atirou o punhal ao chão, entre eles. Aya olhou para Will e para a arma, cautelosamente.

— Pega-lhe — convidou Will. — Considera isso como uma oferta de paz. Como eu disse, se te quisesse morta já a teria usado há muito tempo.

Aya apanhou o punhal do chão.

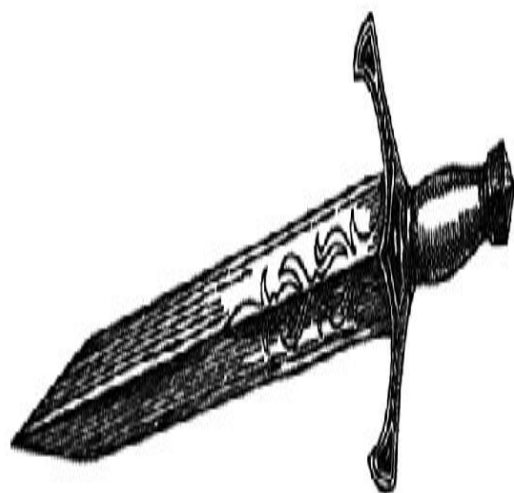
— Espero que apodreças nos sete infernos — silvou-lhe, enquanto ele se dirigia para a porta.

Will deixou sair uma gargalhada abafada e amarga, e o som deslizou pelos ossos de Aya.

— Acredita em mim, meu amor, já lá estou.

Inimigos e aliados





Aidon não conseguia deixar de pensar em sangue.

Quase conseguia ouvir o seu gotejar constante, ao bloquear o golpe da irmã, e o metal da espada dela brilhava à luz do sol que batia neles.

Tinha sido ideia de Josie, irem treinar na pequena praia em forma de crescente que se localizava no lado mais afastado dos penhascos. Com as falésias atrás deles e o oceano a estender-se até ao horizonte, não era provável que alguém pudesse perturbar a sessão.

Aidon nem se dera ao incómodo de pôr objeções. Dominic detestava encontrar Josie a treinar, e, uma vez que o tio andava tão furioso, Aidon não queria fazer nada que agravasse o humor do rei — ainda que os rios de suor que lhe escorriam pelo corpo o fizessem arrepender ainda mais dessa decisão.

Aidon não estava na sala do trono quando Peter, o Segundo do Rei, tinha lido a carta da rainha Gianna. Peter e ele eram amigos desde crianças. Aidon conhecia-o suficientemente bem para saber que ele não tinha exagerado quando dissera que a rainha tinha sido minuciosa, tanto na execução como no relato.

Uma morte de traidores, tinha ela dito, adequada para quem conspirava com os hereges. Aidon não tinha a certeza se a fúria do tio se devia ao facto de a rainha ter executado os seus comerciantes, ou se porque, apesar de o Justiceiro de Tala ter tido a confirmação de que os dois homens agiram sozinhos, ele estava a caminho de Trahir, trazendo atrás a Mestra dos Espiões da rainha.

Os «Olhos da Rainha».

Pelo menos, Aidon poderia finalmente associar uma cara ao nome.

— Então eles pensam que estamos envolvidos — disse Josie ao esgrimir. Ela quase não tinha uma ponta de suor na sua pele morena, apesar do calor e de vestirem roupas de combate, de couro castanho-claro.

Era ridículo. Ela podia superar a maior parte das suas tropas.

— Seja como for, Will era aguardado para discutir sobre os acordos de comércio, e dizem que a Terceira de Gianna tem assuntos a tratar com os Saj da Maraciana.

Josie fungou antes de rodopiar, abatendo com força a espada sobre ele. Aidon bloqueou o ataque, mas ela agiu de novo, rasteirando-o e fazendo-o cair na areia. Desarmou-o num instante e apontou-lhe a lâmina ao coração.

— Distráido, irmão? — Inclinou a cabeça para um lado e o seu cabelo castanho-escuro encaracolado ganhou alguns reflexos avermelhados, quando refletiu a luz do sol. Aidon revirou os olhos e levantou as mãos em sinal de

rendição.

— O tio quer que eu esteja atento a ela — disse em jeito de explicação, ao caminhar para a grande rocha onde tinha colocado a camisa. Usou o tecido de linho para sacudir a areia da sua pele castanha, um pouco mais clara do que a da irmã. Bebeu um gole do odre que tinha levado, antes de o passar a Josie. — Tu sabes o quanto eu odeio a política.

Podia ser o príncipe herdeiro, mas Aidon gostava mais das casernas e dos campos de batalha. Queria estar a treinar com as suas forças, a inspecionar a patrulha da cidade ou a fazer qualquer coisa, pelos deuses, *qualquer coisa* que não fosse ouvir mercadores a regatear, os nobres a exaltarem-se ou alguma outra coisa política que o facto de ter de espiar a Terceira de Gianna iria envolver.

— Não confio neles — murmurara Dominic ao andar pelo seu gabinete, e Aidon estava sentado com as costas direitas, na cadeira em frente da mesa de trabalho. — Quem me diz que eles não incriminaram os nossos homens para seu próprio benefício? Para usar isso como vantagem nas negociações com o Justiceiro? Nem sequer penses por um momento, sobrinho, que eles não estão aqui para proteger os próprios interesses.

— Achas que os nossos homens estavam a fazer comércio com Kakos? — perguntou Josie, atraindo a atenção do irmão novamente para o presente, ao sentar-se na rocha, com o olhar fixo na água azul ondulante. Aidon seguiu-lhe o olhar, observando os pequenos navios que pontilhavam o horizonte.

— Parece que o pai acha que não — respondeu ele —, apesar de estar relutante em falar do assunto. — Sendo o líder do Conselho de Mercadores de Trahir, Enzo saberia melhor do que ninguém. E, de acordo com Dominic, *deveria* saber que tinham dois traidores entre eles. A discussão entre os dois irmãos sobre os comerciantes tresmalhados tinha durado horas. Tinham-se acusado mutuamente de irresponsabilidade, indiferença e toda uma série de outras coisas, trocando palavras acaloradas que Aidon conseguiu ouvir e que ecoavam dos aposentos de Dominic.

O pico da discussão foi quando Enzo pareceu relutante em alterar os termos dos acordos comerciais que estavam a ser negociados, como forma de represália.

Rejeitas aquilo que diz o teu rei, irmão?

Isso fora o fim da discussão.

A mãe de Aidon tinha sempre afirmado que algo havia mudado de modo drástico em Dominic quando perdera a mulher, Madelyn, 10 anos antes. E que, quando Madelyn morreu, devido à sua doença, os sonhos de Dominic tinham morrido com ela — o sonho de ter família. Um herdeiro seu.

Mas Aidon dificilmente se lembrava de alguma altura em que o seu tio

não tivesse sido assim.

Teimoso. Arrogante. Frio. A antítese completa de tudo aquilo que Madelyn fora.

E a tensão entre os dois irmãos parecia estar a piorar, nos últimos tempos.

— Perguntei-*te* o que achas — insistiu Josie.

— Acho que Will é alguém que não comete erros quando se trata de obter a verdade — disse sobriamente.

— *Não* comeces. Vocês podiam fazer um esforço para ser civilizados. Especialmente se ele vai ficar cá bastante tempo.

Aidon soltou uma indignação divertida.

— *Eu* sou *sempre* civilizado. Além disso, isto era um elogio.

Mas não o era, e Josie sabia. Ela, por algum motivo, suportava o Justiceiro. Aidon não detestava Will, só o achava... irritante.

— Civilizado — riu a irmã. — Tu és um selvagem disfarçado de alguém encantador.

Aidon sentou-se na rocha junto a ela, suspirando. — É isso que dizem de mim, na cidade?

— Tento não ouvir — sorriu ela, vendo o sobrolho de Aidon, e sacudiu a areia das roupas. — Deve ser *tão difícil* ser o mais fiel e favorecido... — provocou ela, tocando-lhe com o ombro e com os olhos castanho-dourados a brilhar, divertidos.

Aidon soltou um riso forçado.

Já pedira ao tio em mais do que numa ocasião para que permitisse a Josie lutar, mas o rei recusara, mantendo-a ocupada com assuntos de Estado. Não eram mais do que peças de xadrez, movendo-se no tabuleiro pela mão calculista do tio, em nome do dever e da responsabilidade para com a Coroa.

Aidon sabia o que eram as obrigações do dever. As leis do reino eram claras: só o irmão mais velho poderia reinar, e depois a coroa passava à geração seguinte. Era assim que era passada através das gerações, sem cessar, e assim ele era o príncipe herdeiro, não o seu pai.

Josie, dois anos mais nova do que ele, nunca herdaria a coroa e nunca o quis, mas ainda assim sofria, de certa forma, com as suas próprias responsabilidades sufocantes, sem que se respeitasse o que ela mesma queria. Ele interrogava-se se o pai sentiria o mesmo — se havia mais alguma coisa que ele quisesse fazer, em vez de presidir a reuniões do Conselho. Ou o que a sua mãe faria, se não fosse a Conselheira do Rei.

Uma mediadora entre dois irmãos à bulha, é o que ela é.

Mas isso não estava em questão.

Aidon, o mais fiel e favorecido? Não tinha a certeza de que o tio concordaria com essa afirmação. Sob toda a sua teimosia e arrogância,

Dominic era o modelo dos reis: frio e convencional. Aidon era caloroso e desprezava a tradição. Odiava todos os sinais de realza, incluindo a coroa dourada, que ele usava como pisa-papéis na mesa de trabalho, nos seus aposentos. É claro que isso fazia o tio ficar furioso e o pai repisava as lições.

Dever.

Responsabilidade.

Lealdade.

Eram os valores que tinham sido repetidos em cada lição, desde que se lembrava.

Um dia, Aidon, reinarás...

Aidon lançou a sua camisa de linho sobre a cabeça.

— Tenho de me ir encontrar com a Guarda da Cidade — anunciou, levantando-se. O sobrolho de Josie ergueu-se.

— Outra vez os Bellare?

— Vandalizaram um restaurante na Cidade Velha, propriedade de um jovem casal de Visya.

O rosto dela torceu-se, com repugnância.

— Porque é que agora andam mais ativos?

Aidon encolheu os ombros e vestiu a camisa. Esse grupo de rebeldes existia há anos. Era sobretudo formado por humanos — e alguns Visya devotos — que rejeitavam os costumes modernos de Trahir, em particular que os Visya usassem os seus poderes fora daquilo que o *Conoscenza* preceituava de forma expressa.

«Fanáticos religiosos», era assim que o tio lhes costumava chamar. Aidon tinha tendência a concordar. Os Bellare levavam as suas crenças mais longe até do que aqueles que seguiam os Costumes Antigos.

Até então, os Bellare tinham sido quase sempre inofensivos, mas recentemente tinha-se assistido a um crescimento das suas atividades em Rinnia. Vandalismo aqui, uma briga de taberna acolá. Nada de muito perigoso, mas o suficiente para que Aidon quisesse garantir que a Guarda se mantinha vigilante.

Talvez os Bellare tivessem ouvido rumores sobre o que se passava em Tala. Até Aidon tinha ouvido falar nisso, na taberna que frequentava com Peter, e já antes da chegada da missiva de Gianna. O boato viajava sempre mais depressa do que as cartas régias.

A general de Tala atrás das grades, rumores de poderes obscuros a ressurgir, um ataque brutal dos lobos sagrados...

Era o tipo de coisas que os rebeldes assinalavam como uma indicação de que os deuses estavam zangados e que todos deviam arrepender-se ou enfrentar as consequências.

Bem, pelo menos as coisas estão a ficar interessantes.

— Aidon — chamou Josie, quando ele se dirigia para o íngreme caminho rochoso que o levaria penhasco acima. Ele levantou a mão para se proteger do sol quando olhou para a irmã. Ela parecia uma guerreira, ali sentada com a espada encostada à rocha, de costas direitas e as roupas de combate que lhe serviam como uma luva. Ela fitou-o por um instante, com o sobrolho carregado.

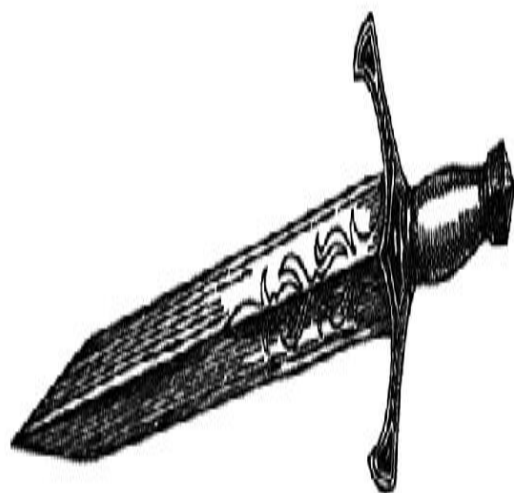
— Tem cuidado — disse-lhe.

Então, ela também sentia. Aquela sensação subtil, aquele pressentimento que se começava a instalar em Rinnia.

Os comerciantes. Os Bellare. Tala.

Alguma coisa estava realmente para acontecer.

Aidon sorriu com confiança para a irmã. — Eu tenho.



— O uço essa conversa toda sobre o teu poder de persuasão, Aya, mas sabes o que acho? — Will lançou-lhe um olhar preguiçoso enquanto subia pelas pedras gastas da muralha, com as mechas do seu cabelo preto molhadas de suor, depois de terem estado a treinar para as provas dos Dyminara.

Visível desde o porto, a muralha era um farol de força e poder, mesmo no estado delapidado em que se encontrava. Muitos panos de muralha haviam sido destruídos durante a guerra, mas ainda havia trechos que circundavam o território do palácio, e alguns confundiam-se com a encosta da montanha como se aquela estrutura tivesse nascido do granito das Malas.

Era habitual que as crianças trespassassem aquelas ruínas antigas, desafiando-se a ir mais e mais acima. Esses desafios tornavam-se verdadeiras competições nas zonas mais perigosas, à medida que as crianças cresciam — isso, claro, quando não iam para lá e se metiam nas suas crateras e recantos para arranjam outro tipo de sarilhos, daqueles que despontam nos adolescentes que começam a descobrir os seus corpos e poderes.

Will balançava numa dessas áreas mais altas, esticando os braços ao mover-se para a frente e para trás, com travessura a bailar-lhe nos olhos.

Odiava o modo como ele olhava para ela — e sentir o estômago apertado perante aquele olhar.

Havia algo de perturbador em Will, algum segredo que ele guardava, escondido por baixo dos sorrisos sedutores. Ela conseguia perceber fragmentos disso na forma como ele lutava, no jeito com que ele conseguia pôr até membros mais velhos dos Dyminara a tremer, com um simples sopro do seu poder. Havia algo selvagem nele — uma fera que ele mantinha cuidadosamente trancada. Assustava-a o facto de ela ter conseguido ver isso tão facilmente; e que talvez, há muitos anos — quando ele estava especado à porta de casa dela quando lhe foi dar a notícia da morte da mãe e a observava —, ele também tivesse visto alguma coisa semelhante nela.

— Vá lá, diz-me. Os deuses sabem que vais acabar por fazê-lo — respondeu por fim Aya. A sessão de treino com Galda tinha-a esgotado. O resto dos formandos já estavam mais abaixo, dirigindo-se para a cidade. Ela pretendia caminhar sozinha, mas Will tinha-lhe seguido os passos desde que haviam saído da zona de treino.

— Eu acho que tu não consegues persuadir um pássaro a voar — atirou-lhe Will, a andar ligeiro. Mostrou-lhe mais um sorriso provocador. — Acho que aquilo que se diz sobre o teu talento é só conversa.

Aya revirou os olhos, voltando as costas a Will. Ele podia cair da berma, que ela não se importava. As suas provocações tinham aumentado à medida que se aproximavam do fim das provas — e sobretudo depois de se ter sabido que estavam os dois na calha para integrar a Tríade de Gianna.

— Aí está, a vaga de repugnância de que aprendi a gostar — atirou ele a Aya. Ela voltou-se para ele.

— Sai da minha cabeça.

Mais um sorriso matreiro.

— Mas é tão divertido sentir-te em guerra contigo mesma... Tu odeias-me, isso é óbvio. Mas acho que há algo mais, não há, Aya, amorzinho? Algo que não queres explorar.

Aya ficou tensa, cerrando os punhos. A proteção dela estava ativa — estava sempre ativa, exceto quando havia alguns pequenos incidentes, quando sentia uma emoção demasiadamente forte. E se havia alguém que conseguia arrancar-lhe uma reação forte era aquele arrogante imbecil à frente dela.

Era uma fraqueza e ela odiava-a.

— Gostas demasiadamente de ti mesmo para veres que aquilo que sentes é a tua própria obsessão.

A voz dela era perigosamente grave quando avançou para ele.

Will apenas encolheu os ombros.

— Talvez. Ou talvez tenha razão, e tu só o ignores porque isso significava que terias de olhar para mim como uma pessoa e não como o monstro que imaginas que sou. — Meteu as mãos nos bolsos. Mesmo ali na borda do precipício, parecia à vontade. — Podias persuadir-me a confessar, suponho. Isto é... se conseguisses passar pelo meu escudo tão facilmente como eu passo pelo teu.

— Vai-te foder.

— Adorarias isso, não é?

Ela sentiu o pulso a acelerar.

— Sabes o que eu adoraria? — atirou Aya, dando mais um passo para ele. Retorceu os lábios. — Que saltasses deste penhasco.

O sorriso de Will desapareceu ao ser atingido pela persuasão dela, o poder de Aya concentrando-se sem que ela o tivesse sentido. E ele caía, e ela gritava, e por dentro uma voz sussurrava que ela estava certa, que a razão pela qual ela identificava a escuridão tão facilmente é porque também a trazia consigo.

Aya estava fora do próprio corpo, observando-se a correr para o rebordo da muralha, e os seus gritos ecoavam pelo ar plácido da montanha.

Ela sabia o que vinha depois — tinha visto e revisto esse pesadelo vezes suficientes para se lembrar de como terminava.

Os formandos ouviram e foram a correr. Ela foi colina abaixo, forçando as pernas a mexerem-se mais depressa ao tropeçar no trilho rochoso. Encontrou-o agarrado ao braço, a ranger os dentes de dor. Ajoelhou-se ao pé dele, esticando os braços, desesperada para estancar a hemorragia, para fazer *alguma coisa* que consertasse o que tinha feito.

— Fica longe de mim — rosnou ele, quando os colegas os alcançaram. Perguntaram o que tinha acontecido, querendo respostas, e ele olhou para ela um instante antes de se voltar para o grupo e dizer:

— Caí. Parem de olhar, e alguém que vá buscar o raio de um curandeiro, agora.

E mais tarde, quando o resto do grupo fora embora e Aya se arrastara até casa do pai para ver como ele estava, ela tinha ouvido Will a discutir com Galda no quarto dele, exortando-a a expulsar Aya das provas antes que magoasse mais alguém.

— Podia ter-me matado — dizia ele —, é muito perigosa.

Seguiu-se um longo silêncio até que Galda lhe dissesse de modo ríspido:

— Devias ter ativado o teu escudo.

E Will não tinha discordado.

— Interessante, não é? — disse uma voz por trás dela, abstraindo-a dos seus pensamentos. Aya deixou de se ver a si mesma a correr pela colina abaixo, e os olhos fitaram a curandeira de cabelo negro.

Soube imediatamente em que versão do pesadelo se encontrava.

Esta não. Por favor, deuses, esta não.

Mas a mulher nunca antes tinha falado. A sua voz era suave e ritmada, e o rosto gentil.

— O que é interessante? — perguntou Aya, cautelosa. A curandeira pôs-lhe os olhos azuis em cima, com os lábios cerrados ao fitá-la.

Era mais jovem do que Aya tinha julgado — perto dos 30, no máximo.

— É interessante que nunca tenhas percebido — respondeu-lhe a mulher. — Ele percebeu — disse, apontando com a cabeça para a muralha. — Ou tens apenas medo de aceitar o teu destino?

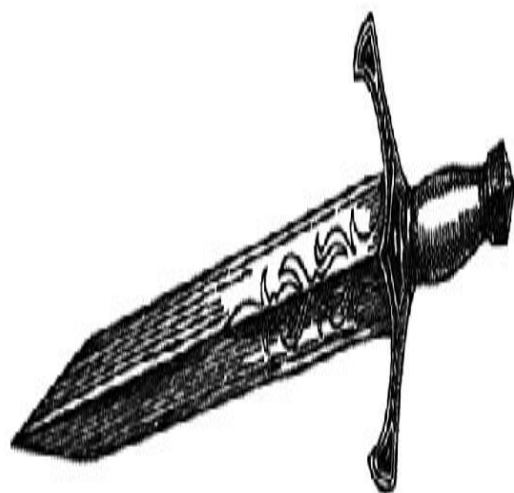
Aya sentiu um arrepio de cima a baixo, e esfregou as mãos nos braços.

— Que destino?

Mas antes que a mulher pudesse responder, Aya ouviu o seu próprio grito de angústia a cortar o ar.

Ela conhecia aquele som. Sabia exatamente o que queriam dizer os seus gritos.

Will tinha morrido.



Aya tropeçou para a frente, arfando. O pequeno camarote estava escuro, e só o luar entrava pela escotilha, que ela trancara, mas não precisou de luz para encontrar o balde junto à sua cama.

Levantou-se de um salto, e o seu estômago contorcia-se quando vomitou apenas um líquido claro.

O vento uivava pelas pequenas frinchas em volta da escotilha, e cerrou os dentes ao ouvir o som.

Sempre que a mãe de Aya regressava das suas viagens, contava-lhe histórias de sereias e criaturas marinhas quando ia deitá-la, criaturas que dançavam em volta do navio e que garantiam uma travessia segura pelos mares — o vento, Velos, canta no oceano, *mi couera*, dizia, com um olhar ávido que transmitia a Aya que, apesar de a mãe se sentir feliz por estar em casa, ela conseguia ouvir o vento do seu deus protetor, a chamá-la de novo para o mar — e para uma nova aventura que lhe preenchesse a alma.

Aya ouvia a sua voz calmante e agarrava-se ao seu calor, lembrando-se do seu aroma a caramelo, e esperando que, se a agarrasse o suficiente, a mãe não iria embora outra vez. Mas a canção do vento levava sempre a melhor.

Aya descobriu que aqui o vento não cantava. Gritava.

Respirava ofegante, com inspirações breves ao cair novamente sobre as almofadas, e tentou recordar-se que medo em particular a tinha tirado do sono.

Estavam no mar há duas semanas, e todas as noites os seus sonhos eram perturbados por gritos. Na maior parte das vezes os gritos de Tova, ou os daqueles guardas na praça, mas às vezes eram os da mãe — como se Aya estivesse com ela quando o navio onde seguia se afundou, nas profundezas do mar de Anath.

Viver de novo essas recordações, todas as noites, era uma agonia. E talvez a merecesse, como paga pelos pecados que tinha cometido.

Olhou para a pequena mesa de madeira pregada ao chão, onde estava colocado o jantar no qual, mais uma vez, nem tinha tocado. Alguém ia sempre ao camarote à hora das refeições, mas não conseguia distinguir na sua mente os vários rostos da tripulação. Não se incomodava em falar com eles, nem eles com ela — exceto aquele que lá tinha ido nessa noite, que lhe dissera que a esperavam no segundo camarote, ao amanhecer.

Parece que Will decidira que, por fim, conseguia suportar vê-la. Ele não se tinha dignado a visitá-la desde que ela lhe tinha cortado o antebraço. Não havia curandeiro a bordo e ela tinha desejado, meio a sério, que ele lhe fizesse um favor e sangrasse até morrer.

Ela tinha feito o que ele lhe tinha dito. Tinha ficado no seu camarote e obedeceria quando ele a chamasse. Faria tudo o que fosse preciso para manter Tova em segurança.

Além disso... Aya era especialista em mentir e aguardar.

E Will... Will escondia alguma coisa. A argumentação dele tinha sido convincente o bastante para que a certeza que Aya tinha da sua culpa se comesçasse a dissipar. Mas não o suficiente para que confiasse nele.

Porque faltava ali alguma coisa.

As explicações dele foram minuciosas, mas não eram bem estruturadas. Tanto secretismo para quê? Para proteger a sua reputação? Para garantir que seria *ele* a eliminar a ameaça, quando desconfiava da escuridão dentro de Aya?

Ela sabia que Will era arrogante, mas tudo aquilo parecia serem meias-verdades, ditas para ocultar mentiras completas.

Como a minha própria.

Aya endireitou-se, afastando esse pensamento.

Tinha sonhado outra vez com a muralha. Mas alguma coisa tinha sido diferente dessa vez... A curandeira tinha falado com ela.

Apertou o tecido áspero dos lençóis com os dedos, ao lembrar-se da referência que a curandeira tinha feito ao destino.

Tivera duas semanas para dar voltas às palavras que Gianna dissera. Duas semanas para, repetidamente, ver e rever o seu passado quando a noite se transformava em manhã, e perguntar-se se, quem sabe, os deuses não teriam um destino diferente para ela. Duas semanas para tentar reprimir aquela pequena semente de esperança que se instalara dentro dela, a esperança de que Gianna talvez estivesse correta quanto ao seu poder.

Porque, se a rainha *estivesse* certa, se a profecia falasse realmente dela, então isso queria dizer...

Aya afastou o pensamento imediatamente. Não lhe fazia bem agarrar-se a esperanças vãs. Gianna podia dizer o que quisesse. Aya sabia a verdade.

Não era uma santa. Não era aquela luz de que a mãe costumava falar, naquelas histórias que lhe contava à noite, sobre Santa Evie e a sua igual, que viria um dia.

Será que a mãe alguma vez imaginaria que, um dia, alguém iria pensar que a sua filha orgulhosa e teimosa era aquela de quem falava o livro do *Conoscenza*, a que os deuses escolheriam?

Não.

Mesmo naquela altura, Aya tinha sido uma criança séria e reservada. Era como um vento de inverno ao lado da brisa confortável e quente de primavera que era a sua mãe. *Uma alma cautelosa*, sussurrara-lhe uma vez a mãe, ao

sentá-la junto a ela. *Mas com uma chama de amor brilhante, reservada para aqueles que o merecem.*

Só que qualquer chama que ela tivesse pressentido em Aya tinha sido extinta, como a dela própria havia sido, sob as ondas do mar de Anath. E Aya tinha ocultado o medo, a dor, a culpa, e confiara somente nas únicas coisas que faziam sentido.

Controlo. Disciplina. Distanciamento.

Ela tinha encontrado o seu lugar nas sombras e na obscuridade, em becos frios e tabernas decadentes, no cabo polido de uma adaga e no aço afiado de uma lâmina.

Não era um farol de esperança.

Não era a salvadora de nações nem de reinos.

Se os deuses a tinham escolhido, então tinham escolhido mal.

Will tivera razão. Ela *era* perigosa.

Aya faria o que faz de melhor. Ocultaria o medo e transformaria a sua raiva em algo frio, calmo e mortífero.

Algo que se misturava com a noite, sem ser visto.

Algo de que as pessoas nunca se apercebiam.

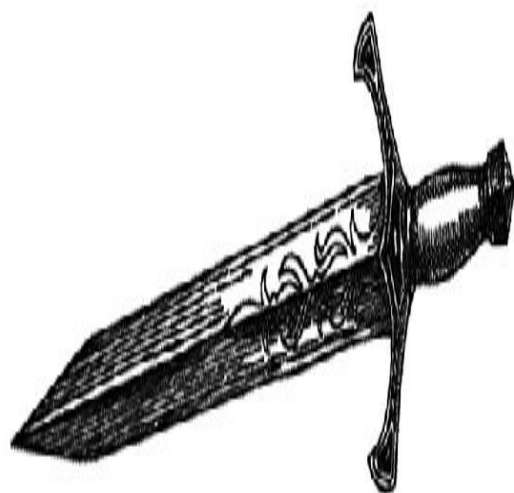
Algo que fazia revelar segredos, conseguir aliados, e talvez, se calhar, focar aquilo que estava dentro de si, para ajudar na guerra que se avizinhava.

Por Tova.

Pela rainha.

Pelo juramento que tinha feito, de proteger o reino e servir os deuses.

E, talvez, por si própria.



Ela tinha tentado matá-lo.

Tinham passado duas semanas e Will ainda estava rancoroso.

Suspirou ao sentar-se num dos maiores camarotes, batendo com os dedos na mesa de mogno, coberta de mossas. Ele apenas tivera um vislumbre — um clarão de *algo mais* nos olhos de Aya, quando ela o atacou.

Ela tinha sido sempre fria. Mas aquilo... aquilo era uma fúria tão gelada que até queimava.

Encostou a cabeça ao pulso e olhou para as escotilhas. Era quase manhã. Interrogava-se se ela se daria sequer ao trabalho de aparecer. Parecia que o tinha levado a sério, e tinha-se afastado. Não a tinha visto mais depois de ter fechado a porta do camarote dela, para que Aya o pudesse amaldiçoar à vontade sem que ele tivesse de a ouvir.

Esta viagem era uma missão impossível. Ganhar proximidade a Dominic, conseguir bons acordos de comércio, fazer com que Aya cooperasse e encontrar formas de disfarçar toda e qualquer traição que pudesse cometer.

Era uma tarefa totalmente impossível.

A porta abriu-se.

Mesmo a horas.

Os passos de Aya quase não se ouviam, e ela sentou-se na cadeira em frente dele, com o rosto fechado. Usava as suas calças de couro, mas tinha vestido uma camisa branca — uma camisa *dele*, que ele tinha mandado um criado levar-lhe, porque as roupas dela estavam sujas de fumo e de cinza — e a camisa caía-lhe do ombro quando ela pôs os cotovelos na mesa, inclinando-se e apertando as mãos.

O rosto dela estava exausto e magro. Ele sabia que ela não andava a comer nada. Tinha visto os pratos intocados a serem levados do camarote dela, ouvia-a a vomitar todas as noites e não era ingênuo para pensar que era só enjoo do mar. O olhar perturbado que ela exibia, e que tinha transformado o brilho frio dos seus olhos num azul opaco, dizia-lhe isso.

O poder dele libertou-se instintivamente e Will reteve um estremecimento quando não sentiu nada. Não conseguia pressentir sequer um sussurro, nem a fria essência do escudo de Aya. Parecia como se faltassem degraus numa longa escadaria. Mas não precisou dos seus poderes para ver a raiva a acumular-se no olhar austero dela.

Ela ainda não confiava nele. E ele não a podia censurar.

— Não há punhais, esta manhã? — disse Will com ligeireza.

— Está preso por baixo da camisa. A revista íntima também faz parte das

tuas exigências?

O riso de Will era soturno, erguendo as sobrancelhas quando se recostou na cadeira.

— Não sejas uma perdedora amarga, Aya. Não tenho culpa se te comportaste de maneira imprudente.

Aya inclinou-se para a frente, mexendo o queixo.

— Não me fales como se eu fosse uma criança.

— Então para de agir como se fosses — atirou-lhe ele, e a sua frustração estava perto de se mostrar, o que não era habitual. — Deixaste que o teu ódio te toldasse a razão. Não nos podemos dar ao luxo disso, em Rinnia.

Will agarrou os pergaminhos que estavam na mesa.

— Os acordos de comércio — explicou, desenrolando o primeiro. — E tudo aquilo que eu sei sobre a corte de Tahir — prosseguiu, desenrolando o segundo. — Queima-os depois de leres.

Aya fez um olhar interessado quando olhou para o pergaminho.

— Isto... é detalhado.

— Deve ser, estive a trabalhar nisso na maior parte dos últimos 15 dias.

A fazer isso, e a evitar esse brilhante olhar de ódio que trazes no rosto.

Will cruzou os braços ao recostar-se outra vez na cadeira, que rangeu.

— Não podemos obrigar Dominic a apoiar-nos na guerra que se avizinha, sobretudo com os acordos de comércio que queremos estabelecer. Mas o sobrinho dele, Aidon, pode ser recetivo.

Aidon era o general dos exércitos de Tahir. O melhor acesso.

Aya percorreu os papéis novamente, franzindo a testa ao ler o texto.

— Tu queres que eu me infiltre.

Não era uma pergunta, mas Will assentiu com o queixo.

— Porquê?

— Porque a relação dele com o tio está cheia de tensões, e tenho o pressentimento de que podemos utilizar isso em nosso favor. Aidon não tem a insensibilidade do tio. Talvez possamos cair nas suas boas graças.

— Julguei que tivesses dito que não será eficaz obrigarmos alguém.

— E eu julguei que fosses uma espia. Não me digas que, subitamente, ganhaste referências morais.

Ela atirou-lhe um olhar ao enrolar novamente o pergaminho, com uma mensagem estampada no rosto — ele não tinha qualquer autoridade para fazer perguntas sobre moralidade.

— E quanto aos Saj?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Já recuperaste a consciência, estou a ver.

Aya não respondeu. Ele esfregou o queixo ao olhar pela escotilha. Os Saj

da Maraciana sabiam mais sobre os poderes do que qualquer pessoa — mas entre eles havia alguém que se destacava.

Natali era a mais brilhante dos Saj e a mais discreta. Ele conhecia-os desde há anos, por isso sabia que podia ser difícil trabalhar com eles, sobretudo se sentissem que alguém não era merecedor da sua sabedoria.

— Tenho um contacto entre eles. Enviarei uma mensagem quando atacarmos, dizendo que gostaríamos de nos reunir com eles. Pode é levar algum tempo. Amanhã falamos dos costumes da Maraciana.

Will tinha a certeza de que, quando sentisse o poder de Aya, Natali seria mais que recetiva, apesar de toda a relutância de Aya. Não porque tivesse uma devoção profunda pelos deuses — não, os Saj da Maraciana estavam muito mais interessados nas leis do poder do que nas da religião. Mas, ter um poder como o de Aya para estudar? Qualquer dos Saj da Maraciana ficaria encantado.

Pelo menos, Will contava com isso. Senão... não tinha certeza do que faria em seguida.

— Não podes sinceramente acreditar que eu seja uma santa — não era uma pergunta, mas a voz de Aya saiu-lhe com aquele tom interrogativo que o fazia erguer o sobrolho.

— Desde quando é que te importas com aquilo em que acredito? — A evasiva não suavizou o olhar penetrante de Aya. — É bastante óbvio que não queres ser uma santa, por isso, o que importa?

Era a sua vez de questionar, porque ele não fazia ideia dos pensamentos que lhe davam voltas na cabeça.

— Tu acreditas nos deuses, sequer? — perguntou-lhe ela.

— Não podes estar a falar a sério. Primeiro acusas-me de traição, e agora de heresia? — Aya não se deixou influenciar pela frustração dele, que só aumentou quando Will a fitou. — É claro que acredito nos deuses. Pensa o que quiseses de mim, mas não sou um herege.

A voz dela era suave e cruel, quando lhe disse:

— É a isso que te agarras para conseguires viver contigo próprio?

Às vezes, Will pensava que a odiava mesmo.

— Engraçado — silvou ele —, eu ia perguntar se essa tua devoção é o jeito que tens para evitar assumir responsabilidades na vida.

O coração batia-lhe como um tambor, à medida que a raiva, pesada e ardente, se lhe acumulava nas tripas.

Era como se ela soubesse... como se ela pudesse ouvir as discussões que lhe rugiam na mente, noite dentro.

Nos últimos tempos, Will não agradecia a Pathos, o seu deus patrono, pelo seu poder.

Amaldiçoava-o.

Os olhos de Aya faiscaram de fúria. Mas ele prosseguiu, antes que ela pudesse dizer outro insulto, apontando com o queixo para o pergaminho nas mãos dela, levantando-se. — De qualquer modo, sugiro que comeces a ler. Tens muita coisa para saber.

— Justiceiro.

Will levantou os olhos do livro que tinha nas mãos, mais um livro de ficção histórica que o capitão lhe tinha emprestado. Lera quatro, durante o tempo em que estiveram no mar. Aya não tinha grande vontade em socializar com ele, sem ser as vezes em que ele tinha dito para passarem os planos em revista, no decurso dessa última semana.

— Acabamos de ancorar — disse o imediato do navio, à porta do camarote. — Dentro de meia hora vai chegar um esquife para vos levar para terra.

Era impossível que um navio da dimensão do deles se aproximasse mais de terra, devido aos penhascos imponentes que rodeavam Rinnia. Por essa razão, esquifes e outros botes atravessavam as águas agitadas, transportando mercadores e visitantes desde os grandes navios até ao pequeno porto que se encontrava no lado mais distante da linha da costa.

Will acenou com a cabeça, fechando o livro e dirigindo-se para o convés. Aya estava encostada ao corrimão, e o seu cabelo castanho-escuro agitava-se com a brisa quente. Tinha voltado a vestir o conjunto negro com que partira, parecendo um pedaço de noite que se destacava da cidade, em pano de fundo. Rinnia estendia-se desde a praia em forma de crescente e o seu casario era uma explosão de cores. Cor-de-rosa coral, amarelos brilhantes, brancos reluzentes e azuis carregados enchiam a paisagem, ao longo dos caminhos serpenteantes que subiam pelos penhascos e se prolongavam pela cidade fora.

— É imponente, não é? — disse ele, como uma saudação, seguindo o olhar dela até ao palácio de arenito brilhante, cheio de arcos e de janelões abertos, que ficava no topo de um dos penhascos. Ela anuiu com um aceno de cabeça, com as mãos postas na camisa. — É preciso algum tempo para que uma pessoa se acostume ao calor. Um guarda-roupa mais ligeiro ajudava. Vamos ver algumas lojas depois de nos instalarmos.

Franziu o sobrolho ao ver um pequeno esquife a aproximar-se de um navio vizinho. Tinha-se preparado para aquilo durante semanas, mas não tinha sido suficiente. Nunca era.

Ele odiava aquela cidade.

— Vamos primeiro ao castelo. Temos de ir cumprimentar a família real

antes de nos instalarmos nos nossos aposentos.

— Eu sei — murmurou Aya, com os olhos postos na cidade.

— Vão provavelmente convidar-nos para jantar...

— Eu sei — interrompeu ela outra vez, movendo-se como se se afastasse dele.

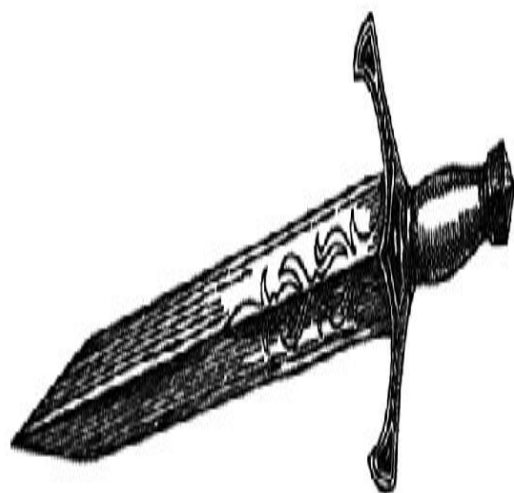
Will agarrou-lhe no braço, puxando-a para trás.

— Então, *também* sabes que te vou recordar aquilo que está em jogo. Preciso dos bons ofícios de Dominic, e tu precisas de ter acesso à Maraciana. Não dês cabo de tudo.

Ela passou por ele, atingindo-o com o seu ombro ossudo.

Ele tinha de tratar daquilo. De ela não comer, da náusea.

Era uma missão impossível, essa viagem. Uma merda de uma missão impossível.



Aya estava junto a Will no salão principal do palácio, situado no topo do penhasco, onde o chão de mármore pálido brilhava como areia e parecia baloiçar-lhe debaixo dos pés, depois de tanto tempo no mar.

As arcadas abertas tinham finas cortinas, que se agitavam com a brisa, sempre a soprar, que lhe trazia o barulho das gaivotas e das ondas, ecoando naquele vasto espaço arejado. Até cegava, o brilho que inundava esse palácio.

Aya reparou nas sentinelas que vestiam a cor verde-esmeralda do rei, que guardavam em sentido as entradas dos quatro salões aos quais se acedia a partir do átrio.

Aquilo era uma novidade, se as anotações de Will estavam corretas.

Lá se foi a confiança entre aliados.

Aya não censurava o rei.

— É uma honra que estejais connosco, príncipe. — O serviçal, um homem com pele de cor creme e cabelo crespo castanho, que se apresentou como sendo Ezekiel, fez uma educada vénia. — E vós, senhora. Sua majestade está entusiasmada com a vossa estada entre nós. Envia as suas desculpas, mas não vos pode vir saudar. Está ocupado a tratar de questões fora da cidade, mas deseja ver-vos ao jantar.

— Não mintamos aos nossos convidados, Ezekiel — disse uma voz suave. — O velhote está de certeza a caçar.

Um homem alto e esguio dirigia-se a eles, e os seus largos olhos castanhos brilhavam, divertidos. Estava vestido de maneira casual, com calças bege e uma camisa branca e larga, que deixava exibir a pele castanha do seu peito musculado. O cabelo encaracolado, castanho-escuro, estava cortado curto e as maçãs do rosto eram altas, o nariz largo e a mandíbula quadrada.

E aquela postura, orgulhosa e elevada...

Aidon. O príncipe herdeiro de Tahir.

— Ou então está a tratar do orgulho ferido, por causa desta trapalhada com os nossos comerciantes tresmalhados — acrescentou com leveza. — Sabes como ele fica chateado. — Parou junto a Ezekiel, e o serviçal estava irritado com a sua levandade. Os olhos de Aidon brilhavam com malícia quando acenou levemente com a cabeça, fazendo sinal a Aya e a Will. — Sem ofensa, é claro.

— Vossa alteza — respondeu Will, curvando-se —, esperamos limitar os estragos causados por essa trapalhada.

Aidon sorriu, dando um passo em frente e pondo-lhe uma mão no ombro.

— Não te incomodes com isso, amigo. É bom ver-te. Pareces-me bem. —

Voltou-se para Aya, levantando o sobrolho quando olhou para ela. — Ouvi dizer que trazias uma amiga. — Soltou um assobio, baixinho. — Com que então, *esta* é «Os Olhos da Rainha». Espero que compreendas porque é que algumas pessoas possam estar... *alarmadas* com a tua presença.

Piscou-lhe o olho.

Ah.!, então os guardas estavam ali por causa dela.

— Deveríeis ficar mais alarmado se a minha presença não fosse detetada, vossa alteza — replicou Aya, curvando-se numa vénia.

— *Touché* — sorriu Aidon, metendo as mãos nos bolsos. — Por favor, chama-me Aidon. É a primeira vez que estás em Rinnia?

Aya acenou com a cabeça, o sorriso dele tornou-se mais largo e estalou os dedos.

— Então temos de dar uma volta. Arranjas-nos uma carruagem, Ezekiel?

— Talvez os nossos convidados queiram instalar-se primeiro, alteza. Ainda tenho de lhes mostrar os aposentos onde vão ficar.

A expressão de Aidon mostrava esperança.

— Talvez mais tarde?

Will encolheu os ombros, num gesto descontraído.

— Infelizmente, a bagagem de Aya não chegou ao nosso navio. Planeávamos ir até à cidade para lhe arranjar algumas roupas. Adoráramos se viésseis connosco.

Era estranho ver Will assim, algo amistoso, em especial depois de ele exhibir tensão sempre que se falava em Aidon durante a viagem. Mas Aya ainda conseguia ver os sinais de tensão. O seu maxilar tenso, o modo como o sorriso não correspondia exatamente ao seu olhar... e quanto mais se tinham aproximado do destino, pior ele tinha ficado.

Mas Aidon parecia não reparar, ou não se importar. Só esfregava as mãos, ao dizer:

— Excelente. Encontramo-nos daqui a uma hora. — E saiu, assobiando ao deixar o salão principal.

Ezekiel tentou não suspirar ao ver o seu príncipe afastar-se, e conduziu-os aos seus quartos nos pisos superiores.

Primeiro passaram pelo quarto de Aya. Ezekiel empurrou uma porta dupla de cor branca, para lhe mostrar uma espaçosa sala de espera circular. Havia um sofá magenta, de veludo, e duas enormes cadeiras de braços, de um azul-pálido, de cada lado de uma mesa de vidro irregular, cuja base brilhava com aquilo que parecia ser conchas do mar. Havia grandes almofadas coloridas e tapetes, distribuídos com bom gosto por aquele espaço, e no outro lado da divisão finas cortinas brancas rodeavam duas portas abertas que davam para um grande terraço, que parecia estar suspenso sobre o mar.

— O quarto de dormir é por aqui. — Ezekiel fez um gesto com a cabeça para as portas do lado esquerdo da sala. — E o quarto de banho também. — Voltou-se em seguida para Will. — Instalámo-lo algumas portas abaixo, príncipe, se vier comigo...

Apesar de Aidon ter uma postura casual, eles tinham feito questão de os alojar em quartos separados. Aya afastou o pensamento disso e pisou o chão de terracota do terraço. O varandim de arenito marmóreo estendia-se ao longo do comprimento dos seus aposentos, e outras duas portas davam para o quarto de dormir. Tinha uma vista livre e aberta sobre o mar.

Aya olhou para as ondas que vinham bater nos penhascos, mais abaixo. O horizonte parecia não ter fim, e ao olhar para ele jamais se sentira tão pequena. Nunca tinha pensado como o mundo que ela conhecia era tão exíguo, tão confortável que se sentia e acostumara nos picos e nos vales das Malas.

Aya voltou-se, indo para o quarto. Uma cama enorme, com uma manta branca e fofa, e almofadas azuis-escuras ocupavam a maior parte daquele espaço, com um guarda-roupa espelhado na parede oposta. Havia um espelho alto, com uma moldura de mármore, no canto mais próximo da varanda. À esquerda estava a porta que dava para o quarto de banho — uma câmara de um branco resplandecente com uma banheira imensa, um lavatório duplo e latrina num espaço separado.

O palácio da rainha tinha-lhe sempre parecido opulento, com as suas passagens de pedra escura e salões cavernosos, as lareiras e as janelas com vitrais. Mas isto... isto fazia com que o palácio de Gianna parecesse uma casinha.

Aya foi até um dos lavatórios, deixando que a água fria com que lavou o rosto acalmasse a sua cabeça, que andava às voltas. Ouviu a porta do quarto a abrir, e alguns passos na sua direção. Will surgiu, encostando-se à ombreira da porta enquanto a observava no espelho.

— É muita coisa para absorver — murmurou, enquanto ela lavava a cara. Aya pegou numa fofa toalha branca, secando o rosto antes de olhar para ele através do espelho. O sorriso fácil tinha desaparecido, como se ele tivesse deixado cair a máscara de cortesia e tivesse voltado a ser como era habitualmente. — A cor e o barulho. Pode ser esmagador.

Ela encostou as ancas ao lavatório e virou-se para ele, ignorando a sua tentativa de a acalmar.

— Aidon parece ser encantador — disse suavemente, cruzando os braços.

— É essa a opinião geral.

Olharam um para o outro por um instante, e o silêncio só era perturbado pelo difuso bater das ondas nos penhascos.

— Mas tu não achas isso.

Will encolheu os ombros.

— Tenho as minhas próprias opiniões sobre o príncipe. E conheço-te o suficiente para saber que elas não te interessam.

Era justo.

Ela desencostou-se do lavatório, passando ao lado dele. Mas parou e levantou os olhos para os dele.

— Tens razão, *príncipe* — arfou ela, com os corpos tão próximos que o peito dela roçava no dele —, não me interessam.

Will agarrou a ombreira da porta, barrando-lhe a saída.

— Não me chames isso — rosnou, inclinando-se para Aya.

Ela ergueu o queixo, sem ceder, apesar de estar contra a ombreira da porta e com o corpo dele por cima do dela.

— Mas é uma honra, não é? — perguntou, sentindo o calor dele. — A tua reputação precede-te.

A ombreira da porta rangeu ligeiramente, com a força de Will.

— Acho que não queres começar a falar de reputações, querida Aya. — Os olhos dele brilharam ao olhar de cima para ela, sussurrando. — Pois não?

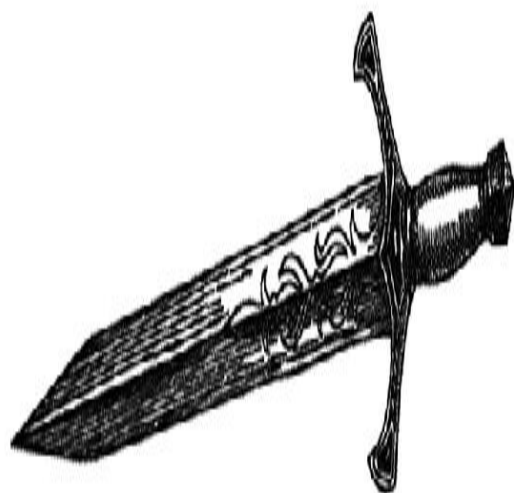
Aya levantou uma mão para o afastar, mas o olhar dele virou-se de súbito para o pulso dela e os seus olhos cinzentos reluziram ao aperceber-se das chamas que lhe saltitavam nos dedos — chamas de que nem ela própria se tinha dado conta. Uma parte dela recuou ao ver aquilo, e isso foi como se um balde de água tivesse sido lançado sobre aquela mão. As chamas desapareceram.

— Interessante... — murmurou Will, dando um passo atrás. Mexeu a cabeça, ondulando o cabelo ao observá-la. — Precisas de estar escondida até que Natali te ensine algum controlo?

Aya bufou perante a provocação.

— Não me podes esconder sem que o rei suspeite de que preparamos alguma. — Os olhos de Will arregalaram-se e Aya sorriu com ironia. — Que grande receção que ele te deu.

— *Nos* deu — corrigiu Will, caminhando para a porta e metendo as mãos nos bolsos. — Encontro-te no salão de entrada daqui a meia hora. Não te atrases.



As ruas de Rinnia eram tão alegres como coloridas.

Uma fina camada de areia cobria as pedras do chão, como se a praia quisesse estar perto dos cidadãos que andavam pela rua principal, muitos deles com os rostos virados para o sol.

— Tem sido um inverno anormalmente frio — explicou Aidon, ao ver o olhar de Aya fixo nas pessoas. — Damos graças pelo regresso das nossas temperaturas amenas habituais. Mas suponho que, para ti, este último mês tenha sido agradavelmente quente.

Aya não tinha certeza se lhe chamaria agradável. Gotas de suor formavam-se na sua nuca, apesar de ter apanhado o seu cabelo comprido. Mas esboçou um sorriso, e os músculos em volta da boca fizeram uma expressão que lhe pareceu estranha, após as semanas anteriores.

Continuaram adiante, para o coração da cidade — a Cidade Velha, explicou Aidon —, parando em lojas de roupa, cheias dos tecidos leves e reveladores que eram típicos da moda de Trahir. Aya sabia que devia prestar mais atenção às escolhas que fizesse. O guarda-roupa era uma das armas do seu arsenal. Mas com aquele calor, e o corpo exausto da viagem, não tinha grande energia para reparar nisso. Passou rapidamente pelas roupas, com a cabeça a girar devido à luz brilhante que lhe invadia os sentidos.

Os donos de lojas podiam ter ficado surpreendidos ao ver o seu príncipe ali, mas não o tinham demonstrado. Na realidade, saudaram-no com uma calorosa familiaridade que ele retribuía, lembrando-se do nome de cada um e perguntando-lhes pelos assuntos mais variados.

Chegaram até uma outra praça, onde existia uma pequena fonte no meio que tinha pequenos cafés à volta, cada um pintado com a sua cor, e abrigando os clientes do sol inclemente. Aya pensou que a sua mãe devia ter adorado esta cidade. Nunca lhe perguntou; nunca soube se ela preferia o calor de Rinnia ao frio de Dunmeaden, nunca soube que comida tinha provado e que bebidas tinham eles, em vez de *chaucholda*. Talvez tivesse temido que isso a fizesse querer partir mais cedo, novamente.

— O que foi que aconteceu aqui? — A voz de Will dissipou-lhe os pensamentos e ela viu que ele olhava para um restaurante pintado de azul, que estava vazio. A grande montra tinha sido partida e ainda havia pedaços de vidro no chão, no interior.

— Os Bellare — explicou Aidon sombriamente, franzindo a testa ao ver a porta de bétula pendurada nos gonzos, como se alguém tivesse tentado arrancá-la completamente.

— Os quê? — perguntou Aya.

O príncipe suspirou. — São um grupo de rebeldes. Dizem que são adoradores devotos dos deuses e recusam toda e qualquer inovação. Acreditam que, ao permitirmos que alguns Visya estejam no Conselho de Trahir e em outras posições importantes, ou em algo que não esteja *expressamente* indicado no *Conoscenza*, estamos a ir contra aquilo que os deuses quiseram. Dizem que defendem os interesses dos humanos; que, garantindo que os Visya ficam no seu lugar, estão a proteger os mais vulneráveis.

— Mas eles não são inofensivos? — perguntou Will, observando os estragos com o olhar.

— Eram. Mas recentemente tornaram-se mais ativos.

Aidon apontou para o restaurante. — O casal que é dono deste sítio é Visya. Estão demasiadamente assustados para voltar, mesmo com a Guarda da Cidade a vigiar a praça.

Aya sentiu o estômago a embrulhar-se. Tala podia ser mais tradicionalista na forma como seguia os desejos dos deuses, mas aquilo... aquilo era uma perversão do *Conoscenza*.

— Atacaram-nos porque têm um restaurante? — perguntou ela.

— São fanáticos — murmurou Aidon. — O meu tio... e o pai dele antes dele... e a mãe dele antes dele... tinham uma visão diferente para o nosso reino. Há muito que aprendemos que, se quisermos prosperar, se pretendermos que *todo* o nosso povo prospere, não podemos tratar os Visya como nossos servidores. Temos de ser iguais. E os Bellare detestam isso.

— Servidores — disse Aya de modo brusco. — Os Visya não foram destinados para isso, nós servimos os deuses.

Em Tala, os Visya procuravam defender o seu dever sagrado. Era uma honra.

Aidon franziu o sobrolho, inclinando a cabeça para a observar.

— Só quis dizer que não acreditamos que o propósito dos Visya seja tão... limitado.

— Perdoai-me por vos interromper, alteza. — Uma mulher surgiu por trás de Aidon, uma serviçal da corte a julgar pela cor verde que usava. Mas era para Will, que continuava a observar os estragos com o sobrolho franzido, que ela olhava.

— O conselheiro Lavigne deseja ver-vos, príncipe. Foi informado da vossa chegada e deseja falar sobre as tarifas mais recentes antes da reunião de amanhã.

Will praguejou baixinho.

— Isso não pode esperar?

— Receio que não. Avis insistiu bastante.

— Lá estarei em breve — replicou Will, telegraficamente. A mulher fez uma vénia e afastou-se.

Aya franziu o sobrolho e olhou para Will.

— Assuntos do Conselho, já?

A expressão dele estremeceu.

— Infelizmente.

— Terei todo o gosto em continuar o passeio — interrompeu Aidon. — Agora que fomos às compras, há outro lugar que adorava mostrar-te.

Ela devia ir com ele; seria má educação recusar. No entanto, ela estava muito curiosa por saber para onde Will se tinha esgueirado assim que eles haviam chegado.

Um dos guardas de Aidon pigarreou e aproximou-se, parecendo nervoso ao olhar para Aya e para Aidon.

— Nós acompanhamos-vos, vossa alteza.

Aya escondeu um sorriso, mas Will não se preocupou em ocultar o riso.

— Seguem-te sempre para todo o lado como cães, Aidon?

O sorriso que Aidon fez em resposta foi breve.

— Só estão a fazer o trabalho deles, príncipe. Mas eu sou perfeitamente capaz de me defender. Se bem me lembro, uma vez ganhaste um olho negro como prova disso.

Will encolheu simplesmente os ombros.

— Quando quiserdes a desforra, vossa alteza, sabeis onde me encontrar.

Aya pôs-se ao lado de Aidon e agarrou no braço que ele lhe oferecia.

— Vejo-te mais logo — disse sarcasticamente a Will. Nem esperou pela resposta e deixou que Aidon a levasse.

— Perdoa-me se fui inapropriado, ali atrás — disse-lhe Aidon ao levá-la para fora da praça. — Não quis ofender.

Aya encolheu os ombros. Ela sabia que os outros reinos gozavam com as tradições de Tala. Tinha ouvido muitos comerciantes a dizerem que as crenças deles eram arcaicas. — Não te preocupes com isso — alegou —, mas diz-me: o teu plano era ficares sozinho comigo?

Aidon riu e aquele som contagiou-a ao entrarem numa rua lateral mais estreita. — Por mais que gostasse de ter sido o causador da interrupção, não fui eu. Mas não nego que fico contente por ter acontecido. Acho que és *muito* menos pretensiosa do que o William.

— Há quanto tempo se conhecem?

— Há sete anos. — Passou por eles um casal e Aidon acenou-lhes com a

cabeça. Eram as únicas outras pessoas na rua, que começava a subir à medida que se aproximavam dos penhascos, nos limites da cidade. — Conhecemo-nos quando tínhamos 16 anos. O pai dele trouxe-o numa ocasião, para uma reunião do Conselho. Will pensou que eu era apenas o filho mimado do chefe do Conselho, e eu pensei que ele era o filho arrogante de um homem cuja única motivação comercial é a ganância.

Quería dizer muita coisa, pensou Aya, que, num reino tão rico e próspero, a ganância de Gale fosse conhecida.

— Faltámos ao jantar do Conselho nessa noite e embebedámo-nos furiosamente numa das tabernas da cidade. Os nossos pais ficaram fúlos. Foi essa a primeira vez que percebi que talvez tivéssemos mais em comum do que tinha pensado.

— A tendência para tomar más decisões?

— Isso e relacionamentos muito complicados com os nossos pais.

Will tinha mencionado a relação tensa de Aidon com Dominic, mas não tinha dito nada sobre a tensão com Enzo. Ela guardou a informação, não querendo naquela altura pressionar. Quanto a Will... ela nunca tinha pensado na relação dele com o pai. Parecia sempre que se davam bem, mas é verdade que ela nunca os tinha visto juntos sem ser por causa de assuntos do Conselho.

— E onde é que entra o olho negro?

— Ah, *isso*. Foi há dois anos. Convidei-o para vir treinar comigo e com as minhas forças. Tínhamos metido na cabeça que devíamos lutar um com o outro e, bem, digamos apenas que éramos os dois jovens, de cabeça quente e terrivelmente idiotas.

— E agora?

Ele fez uma pausa e os olhos castanho-escuros dele, cheios de calor, brilharam quando olhou para ela.

— Somos mais velhos, mais maduros e no entanto... ainda terrivelmente idiotas, acho eu.

Ela esboçou um sorriso e Aidon aclarou a voz, voltando-se para o edifício em frente ao qual tinham parado, dizendo:

— Cá estamos.

Era um pequeno templo branco que estava virado para o mar na falda dos penhascos, com janelas de vitrais que reluziam à luz do fim de tarde. Aidon levou-a para dentro, onde um humilde púlpito se encostava a uma parede de vidro, com uma vista extraordinária sobre o oceano. De cada lado dos bancos de madeira havia janelas com vitrais e imagens de cada um dos Divinos Nove.

Aí estava Nikatos, o deus da guerra, brandindo a sua espada lendária. Junto a ele estava Mora, a deusa do destino, com o seu brilho curativo a

rodeá-la como um véu de luz. A seguir a ela Velos, o deus do vento, com os braços esticados, e uma rajada feroz agitando-se à sua volta. Depois Cero, o deus da terra, com uma flor a brotar das palmas das mãos.

Do outro lado estava Aquine, o deus da água, e uma gota de chuva rolava-lhe pela face. Sucedia-se Pathos, o deus da sensação, com o seu coração a aparecer-lhe sob a pele. Seguidamente Saudra, a deusa da persuasão, com um sorriso tímido nos lábios. E junto ao púlpito estava Sage, a deusa da sabedoria, com uma coroa de rolos de pergaminho sobre a cabeça.

O resto das janelas não tinha figuras, exceto um pequeno quadrado de vitral que estava diretamente acima do altar. Era azul-marinho, com uma explosão de luz que irradiava do centro, como se o sol tivesse explodido ao tocar aquele painel.

Era uma homenagem a Evie.

Aya estremeceu ao ver o símbolo da santa.

— Este é o meu sítio preferido em toda a cidade — murmurou Aidon, caminhando para a porta do templo de olhos postos no mar. — É tranquilo. E simples. É um sítio onde posso estar em descanso. E a vista é espetacular.

— É lindo — concordou ela.

Aidon atirou-lhe um sorriso.

— Sei que os nossos reinos têm as suas divergências. Mas não somos pagãos, sabes? Temos grande estima pelos deuses.

Cerrou os lábios ao olhar para o interior, franzindo levemente o sobrolho, como se pensasse no que ia dizer.

— Mas tenho de admitir — disse lentamente — que não conheço outro reino que rivalize com o vosso em devoção.

Ela não se tinha atrevido a tocar no seu poder desde os acontecimentos no mercado. Mas procurar pelo seu poder de persuasão era a sua segunda natureza. A pele de Aya arrepiou-se e uma onda de frio atravessou-a ao lançar o seu poder sobre Aidon, esperando soltar-lhe a língua.

— Temo que o nosso compromisso com os deuses seja posto em causa muito em breve — acrescentou ele.

Aya agarrou nas costas de um banco até os nós dos seus dedos ficarem pálidos, ao tentar equilibrar-se. O seu poder vacilou ao alcançar o príncipe, e ela deixou sair um suspiro trémulo.

Aya deixou cair o seu poder, lutando contra a sensação de frio que lhe enchia as entranhas.

— O que queres dizer? — conseguiu por fim perguntar.

Aidon respirou fundo, esfregando a nuca com a mão. — Ouvi boatos sobre aquilo que se pode estar a preparar em Kakos. Suspeito que é essa a razão para os Bellare estarem a começar a arranjar problemas. E, apesar de o

meu tio apreciar o nosso isolacionismo, julgo que o mundo vai insistir para intervirmos nesses assuntos, senão *alguns* poderão pensar que temos simpatia por coisas mais obscuras. — Olhou para ela fixamente, mas suavizou a expressão ao observá-la. — Sentes-te bem?

Aya fechou os olhos e sentiu o teto girar.

— Acho que o calor me fez mal. Importas-te se voltarmos para o palácio?

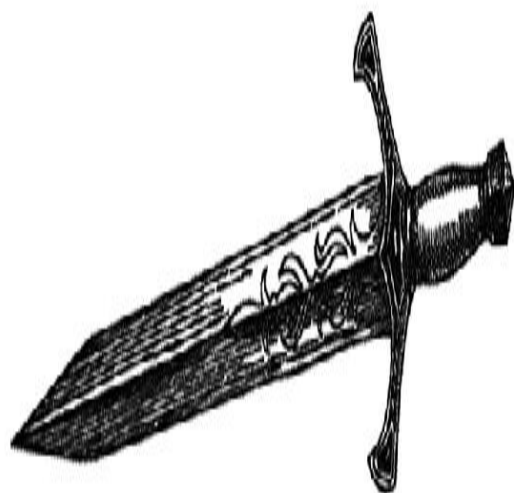
Aidon pôs-se ao lado dela num piscar de olhos, e ela sentiu o calor da sua mão quando a pousou nas suas costas.

— Claro que não. Vou chamar uma carruagem. Enquanto isso, precisas de água.

Aya encostou-se a ele enquanto a levava do templo, sentindo alívio quando se afastou dos olhares dos deuses. Olhou para ele, observando os traços do seu bonito rosto, e o seu cheiro — como brasas na brisa marinha — percorreu-a. Ao sentir a mão dele a deslizar das costas para a cintura, segurando-a mais fortemente para a equilibrar, ela viu porque é que tantos simpatizavam com ele e se lhe dirigiam. Aidon era caloroso, forte e gentil.

Ela faria o que fosse preciso para ganhar a sua confiança, mas havia algo em Aidon que era sólido e tranquilizador. Isso via-se na forma como os cidadãos reagiam à presença do seu príncipe.

Era como se ele fosse o Sol, e aqueles que o rodeavam tentassem, simplesmente, estar perto da sua luz.



Will estava deitado no sofá magenta da sala de estar dos aposentos de Aya, com a cabeça por cima de um braço e as pernas esticadas. Havia sacos e caixas, de várias lojas, espalhados pelo chão à volta, e não podia evitar erguer o sobrolho ao observar o estrago que Aya tinha causado.

As roupas *eram* armas, pensou.

Desviou o olhar para o teto branco, com a mente agitada ao olhar para o vazio.

Estava há menos de cinco horas nessa cidade e já tinha vontade de bater em alguma coisa. O encontro com Avis não tinha ajudado. Tentara controlar a língua, sobretudo porque Helene, a filha de Avis, estava noutra sala. Mas Will tinha mais que fazer do que andar a suavizar os egos de conselheiros débeis.

Os Bellare agitavam-se. Isso era um desenvolvimento interessante, e algo que podia ser vantajoso. Se já andavam a chatear Dominic, ele podia...

A porta a bater bruscamente arrancou-o dos seus pensamentos. Levantou-se num salto. Aya estava na entrada, corando quando o viu, com madeixas de cabelo a cair-lhe sobre as faces húmidas.

— O que foi? — perguntou Will. Ela passou por ele ao dirigir-se para o quarto de banho — Aya!

Ouviu a porta a ser fechada e os vómitos a ecoar.

Deu com ela dobrada sobre a latrina, com a cabeça pousada num braço. Parecia tão pequena, assim enroscada, a tremer, e Will ajoelhou-se por trás dela e pôs-lhe cautelosamente uma mão nas costas. Ela nem se mexeu. Devagar, começou a massajá-la. O calor da sua pele irradiava através da camisa.

— Estás demasiadamente quente. Precisas de água e de comida. E de mudar de roupa.

Aya retesou-se ao deitar fora o que tinha no estômago.

— Não posso comer — disse. Ele deslocou a mão para o pescoço dela, massajando-lhe os músculos tensos. O facto de ela permitir que lhe tocasse assim mostrava como se sentia mal.

— Não vomitaste à frente do príncipe, pois não? — provocou-a Will, sentando-se no chão quando ela se ergueu passado um bocado.

— Poupa-me — disse ela, esgotada, passando a manga da camisa pela testa. Parecia um farrapo.

Will franziu o sobrolho, olhando para o rosto dela.

— Comeste ou bebeste alguma coisa na rua?

— Não fui envenenada.

— Todo o cuidado é pouco. Sobretudo se pensarmos na receção pouco calorosa que Dominic nos deu. E se existirem rumores de que a Segunda Santa foi descoberta, e Kakos os ouviu, quem sabe o que eles podem fazer...

— Não me chames assim — murmurou Aya, com o rosto fechado e o olhar vago. — E Trahir é nosso aliado.

O sobrolho de Will ficou interrogativo.

— Foi isso que Aidon te segredou ao ouvido, no vosso pequeno passeio?

O olhar dela era frio quando encontrou o dele.

— Eu sei que ele está a estudar-me. Fui treinada para reconhecer tais coisas. Não sou estúpida.

— Não, não és — concordou Will, levantando-se do chão. Estendeu-lhe a mão para a ajudar, mas Aya sacudiu-o, com o rosto ainda fechado ao erguer-se com dificuldade. Ele ficou perto dela, à medida que ela se movia para o lavatório. Parecia estar prestes a ficar inconsciente.

— Vou pedir que arranjem um tónico qualquer, para ajudar com as náuseas.

Aya abriu a torneira sem dizer nada, com o olhar vazio ao encarar o reflexo de Will no espelho.

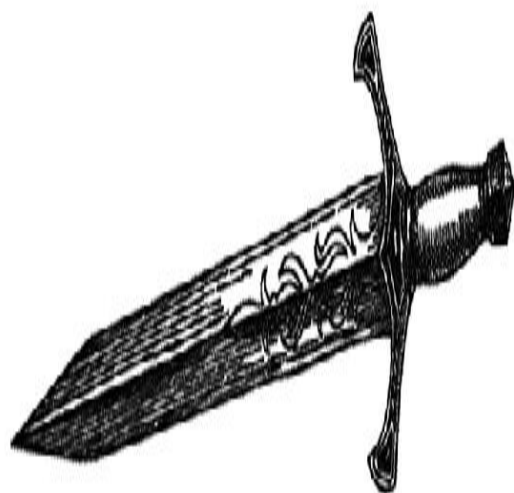
— Não tens assuntos do Conselho a resolver?

— Ora aí está uma maneira estranha de dizer «obrigado» — ironizou Will.

Aya fechou os olhos.

— Por favor, vai-te embora. — As palavras foram ditas com suavidade, e a exaustão que carregavam fizeram com que Will cerrasse os lábios ao observá-la novamente. Deu um passo para o lavatório, agarrando numa toalha e pondo-a debaixo da água fria. Ela estremeceu quando lha pôs na nuca.

— Vejo-te ao jantar — disse-lhe Will com suavidade.



— Já se começou a beber? — perguntou Aidon, caminhando calmamente pela sala de jantar, que tinha um chão de mármore tão polido que ele quase podia ver o próprio reflexo nele. Entrava uma brisa através das cinco arcadas abertas que formavam uma parede, e o terraço atrás deles inundava-se com a luz do crepúsculo.

Josie voltou-se no seu assento e sorriu-lhe, levantando o copo de vinho.

— Eu e o Will começámos agora mesmo.

Aidon fez um aceno de cabeça ao Justiceiro ao aproximar-se do seu próprio lugar, à cabeceira da mesa dourada, desabotoando a casaca cor de esmeralda.

— Porque é que ainda vestes isso, Aidon? — perguntou-lhe Josie, quando o viu pendurar a peça de roupa nas costas da cadeira de carvalho e sentar-se com um suspiro.

— Não podia deixar que vocês os dois estivessem mais bem vestidos do que eu, pois não?

A irmã envergava de facto um traje esplêndido, cor de vinho, com uma casaca abotoada a meio, deixando à mostra a sua pele mais abaixo. Will tinha vestido a habitual casaca justa e calças, e mexia com os dedos no colarinho da sua camisa branca. Josie sorriu com ironia.

— Será que o nosso príncipe do Norte está com problemas em se habituar ao clima?

— Se ao menos tivesse a tua sensibilidade para a moda, Josie.

Os olhos castanhos de Josie rebrilharam divertidos, mas o som da porta a abrir fê-la virar a cabeça, quando Aya entrou na sala.

Trazia um vestido de mangas curtas e um corpete largo, que se lhe apertava na cintura, antes de se tornar numa longa saia flutuante, que arrastava pelo chão. Aidon observou-lhe o tecido, verde-esmeralda. O criado tinha escolhido bem. Tinham combinado a roupa como se fossem um casal.

— O verde fica-lhe bem, não achas? — murmurou Aidon a Will, ao vê-la aproximar-se.

Tinha reparado no modo como o Justiceiro franzira a testa quando Aya entrou, com o dedo a andar à volta da base do copo de vinho ao olhar para ela. Will virou-se para Aidon, com o rosto inexpressivo, e bebeu um gole.

— Gosto mais quando ela veste preto.

— Aya! — Josie puxou a cadeira para trás e abraçou-a.

Aidon viu como Aya ficou tensa, com os braços hirtos ao colocá-los à volta de Josie.

— Estou muito contente por teres vindo com Will nesta viagem. — A irmã de Aidon recuou, com um sorriso conspirativo. — Sozinha, é difícil aturar estes dois.

Aidon não evitou a gargalhada que se formou dentro de si, recostando-se mais na cadeira.

— Magoaste-me, Josie. Fomos sempre uma alegre companhia para ti.

A irmã revirou os olhos e indicou a Aya a cadeira junto dela.

— Aquilo que ele está a tentar dizer é que eles se metem sempre em sarilhos, e eu tenho de estar constantemente a tirá-los deles.

— E eu a pensar que tu tinhas dito que eras mais velho e mais maduro — provocou Aya, com um ligeiro sorriso nos lábios ao olhar para Aidon. Tinha posto uma ligeira sombra cinzenta nas pálpebras, e o rosado suave dos seus lábios combinava bem com o toque rosáceo do pó de arroz que pusera nas maçãs do rosto. Trazia o cabelo em canudos soltos que lhe caíam pelas costas, mas de um dos lados tinha-o preso atrás de uma orelha com um gancho de prata em forma de pente.

Josie escarneceu, ao beber.

— Disseste isso, irmão?

— Posso ter dito alguma coisa parecida — retorquiu com ligeireza. Sentiu os seus próprios lábios estremecer ao olhar novamente para Aya, reparando no modo como ela punha um braço na mesa e inclinava o corpo dela para o seu.

Este era um jogo que ele podia jogar — e podia jogar bem.

— Parece que te sentes melhor — observou. Olhou mais uma vez para o vestido dela. Mas antes que continuasse abriu-se uma pequena porta de carvalho do outro lado do salão, e por ela entraram os seus pais e o rei.

O tio liderava o pequeno grupo, e apesar de ele e Enzo serem gémeos, nascidos com um intervalo de somente dois minutos, nunca lhe era difícil apontar as nítidas diferenças entre Dominic e o seu pai.

Dominic era grande, com pele clara, de maxilar quadrado e olhos verdes, que traziam sempre uma expressão de calculismo permanente, que pareceu intensificar-se ao olhar para Aidon e Aya, como se estivesse a medir a distância entre eles. O cabelo preto do rei estava cortado curto, era ondulado e tinha algumas cãs prateadas; usava a sua branquíssima coroa, da qual raramente se separava. Nessa noite vestia um traje de linho cinzento e uma camisa branca.

Enzo era uns centímetros mais alto do que o seu irmão mais velho, tinha uma constituição mais esguia e os seus olhos verdes mostravam um pouco mais de calor do que os do rei. O seu cabelo há muito que se tinha tornado cinzento, e só usava a coroa de prata, que trazia naquele momento na cabeça,

em ocasiões oficiais. Pelos vistos, aquela noite era um desses momentos. Usava calças bege de linho e uma casaca a condizer, com uma camisa branca por baixo, aberta no colarinho.

A mãe de Aidon e de Josie, Zuri, dava o braço ao pai deles, Enzo. O vestido dela era de um branco imaculado, preso em volta do pescoço, com um tecido fluido e esvoaçante, que lhe realçava as curvas e a sua pele negra. Mesmo calçando saltos altos, era vários centímetros mais baixa do que Enzo, e o vértice da esmeralda-verde no cimo da sua coroa de prata só chegava ao nariz dele. O seu longo cabelo estava amarrado numa trança que se enrolava na nuca.

Os quatro levantaram-se, saudando-os com uma vénia, com Enzo a levar Zuri até à cadeira ao lado direito de Dominic, antes de se sentar à esquerda do irmão. O Conselheiro Principal. O Rei. A Assessora.

— Bem-vindos — disse Dominic a Will e a Aya, numa voz profunda e suave, desde a cabeceira da mesa. — Por favor, sentem-se.

Os criados, que tinham estado à espera nas alas, entraram em ação, indo rapidamente para as cozinhas para trazer tabuleiros com comida. Dominic ergueu o seu copo e sorriu. — Às amizades duradouras — brindou. Uma saudação intencional, como Aidon pensou. Mas Will simplesmente ergueu o seu copo e replicou com gentileza:

— À vossa generosa hospitalidade, majestade.

O vinho que provaram era doce e espumoso, o companheiro ideal para a brisa quente que soprava das arcadas abertas.

— É um prazer receber-vos a ambos no nosso reino — disse Zuri, olhando para Aya. — Aidon disse-nos que esta é a tua primeira visita a Rinnia, Aya. O que achas da nossa cidade?

— É linda. — E voltando-se para Dominic: — Obrigada, majestade, por me ter recebido.

— Tenho de dizer — começou Dominic, no momento em que um criado levantava a tampa sobre o prato do rei — que estou surpreso por Gianna ter enviado *dois* dos seus mais fiéis Dyminara até às nossas costas. Em especial, depois de lhe ter garantido que os dois comerciantes agiam de forma independente da vontade do nosso reino.

Will pigarreou antes de falar.

— Aya precisa do conhecimento dos Saj da Maraciana, majestade. Pensámos que seria melhor não vos incomodar com duas visitas em separado, uma vez que teria de qualquer forma de vir até cá para discutir a nossa sempre florescente parceria.

Aidon reteve um sorriso perante as palavras diplomáticas de Will, mas Dominic não tinha ficado impressionado. Dificilmente reprimiu um esgar de

escárnio.

— Gianna diz que Kakos fez progressos, na sua tentativa de criar poder em bruto.

Aya anuiu com o queixo.

— Tenho a certeza de que ouvistes falar sobre o ataque levado a cabo contra os Athatis por Diaforaté, majestade.

Os olhos do rei brilharam e tomou um gole de vinho.

— Ajudado pela vossa general, se os boatos forem verdadeiros. Ouvimos dizer que ela foi apanhada com uma relíquia dos praticantes das artes obscuras.

O silêncio adensou-se à mesa, tenso e cerrado. Tal atitude era a pior forma de desonra. Aidon estudava cuidadosamente o rosto de Aya, mas a espia não denunciou qualquer emoção. Estava tão firme como tinha estado no templo, quando ele aludira aos problemas no Reino do Sul.

— E o que vai acontecer à vossa general, depois de tal crime? — prosseguiu Dominic.

Will apertou mais o seu copo por um breve instante, mas a voz dele estava calma quando disse:

— Asseguro-vos que a nossa rainha tem os seus próprios planos para lidar com esta infiltração. Enquanto isso, a pesquisa de Aya será crucial para ajudar o nosso exército a preparar-se. Ficaremos felizes por partilhar tudo o que encontrarmos com as vossas forças.

O rei fez um aceno com a mão, perante a oferta.

— Não temos necessidade de tomar medidas drásticas.

Aidon endireitou-se no seu lugar.

— Eu não chamaria «drástico» à preparação dos meus soldados, tio — interveio.

— Cá vamos nós — murmurou Josie, espetando um pedaço de espargo com o garfo. A mãe atirou-lhe um olhar, mas também parecia tão cautelosa quanto Dominic e Enzo, que olhavam para Aidon.

Mostravam igual reprovação nos seus olhares.

Aidon sabia que os soldados eram do tio. O povo do tio. Mas Aidon não queria deixar que Dominic falasse por ele daquela forma, em frente dos seus aliados.

— Com todo o respeito pelos nossos estimados visitantes, parece-me que este conflito é para ser resolvido pelas forças da rainha Gianna — observou o rei, refutando Aidon e voltando-se para Will.

Aidon cerrou os punhos por baixo da mesa.

Will endireitou-se mais na cadeira, com um sorriso gentil no rosto.

— Compreendemos a vossa hesitação, majestade. Talvez possamos

debater esta questão durante as próximas semanas. — Olhou para Enzo, que se mantinha impassível. — Por agora estamos simplesmente gratos por estar no vosso reino e continuar a reforçar a nossa parceria.

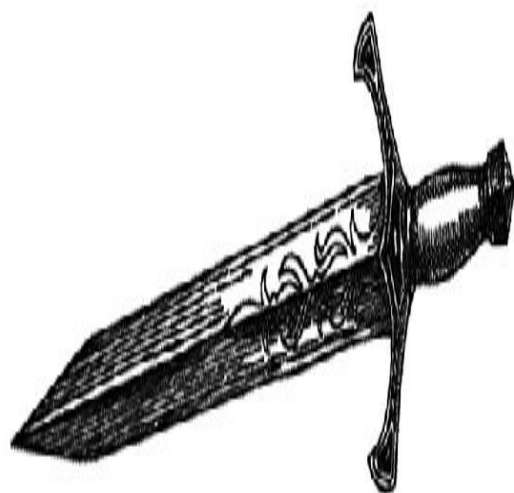
Calmo. Will estava totalmente calmo e Aidon pensou que o poderia detestar por isso. O tio já sorria e os seus ombros estavam mais descontraídos, à medida que a conversa mudava de assunto. Aidon não sabia ficar tão sereno, tão visivelmente impávido, quando o tio o censurava. Mas Will... parecia não se importar nem um bocadinho.

— Fico à espera daquilo que Enzo me vá dizendo sobre as vossas conversas no Conselho, William — disse Dominic. — É sempre um grande prazer encontrar o mais fiel conselheiro de Tala e o confidente *mais próximo* da rainha.

Aquelas palavras eram suaves e amigáveis, mas isso não evitou que soassem como pedras a cair naquela sala. Aidon também ouvira esses rumores. Viu como Aya olhava para Will, a primeira brecha na sua máscara tão cuidadosamente mantida.

Mas Will sorria apenas, e dizia em voz afável:

— Obrigado, majestade.



— **N**ão foi um desastre completo — murmurara Will a respeito do jantar, ao entrar no seu quarto e fechar a porta atrás dele com força, deixando Aya sozinha, a ruminar sobre tudo o que tinha acontecido.

Tirou o vestido cor de esmeralda e vestiu a curta camisa de dormir que um serviçal lhe tinha deixado. Ela ouvira o comentário de Aidon sobre a escolha da cor e tinha reparado no modo como os olhos dele a observaram de cima a baixo quando se tinha inclinado para ele, à mesa.

Um namorado, disse para si mesma. Ele era um namorado e era bom nisso.

Tal como ela. No entanto, surpreendia-a o pouco esforço que tinha de fazer com Aidon, como se a sua sedução não fosse minimamente forçada.

Não ajas como se o fosses expulsar da tua cama.

Aya baniu o pensamento com um rodar do pescoço. Não tinha tempo para tais distrações. Sobretudo agora, que sabiam que ia ser difícil levar Trahir a garantir ajuda militar se Kakos atacasse.

Não tinham falado mais de Kakos. Will tinha-a avisado que Dominic não acederia facilmente, e que, de acordo com as instruções de Gianna, deviam agir devagar. Mas Aya ainda estava surpreendida com a atitude desdenhosa de Dominic.

Ela sabia que Trahir dava maior importância à riqueza, e à modernização do seu reino, do que a servir os deuses, mas até mesmo Aidon tinha sublinhado que Trahir continuava a venerá-los.

Parecia que Will tinha tido razão: o príncipe seria de facto um aliado útil.

Aya olhou para o espelho ao ir para a cama, parando ao ver os traços dos ossos no rosto.

Não tinha mentido a Will quando lhe dissera que não conseguia comer. Era como se o poder que tinha explodido para fora dela no mercado não tivesse queimado apenas aquela praça... tinha-a também queimado por dentro. E não estava certa do que tinha sobrado.

Quase podia ouvir a voz exasperada de Tova: *És sempre tão dramática.*

A lembrança da amiga fez com que a dor difusa dentro do peito se tornasse mais aguda. As notícias da alegada traição de Tova tinham viajado até ali. Isso queria dizer que, em Tala, os soldados que ela comandava falariam entre si sobre a sua amada general, interrogando-se a si próprios como é que não teriam reparado nos sinais. E a família de Tova estaria sujeita à humilhação.

Aya e Will eram os heróis que a tinham capturado. Que tinham salvado o

reino do mal que vinha de Kakos, que tinham salvado os exércitos de Tala de serem derrotados, mesmo antes de a guerra ter sequer começado.

Mentira.

Era nojento.

Era desprezível.

E a culpa é tua.

Aya sentiu o corpo pesado, ao deitar-se sobre os lençóis.

Pelo menos encontrava algum conforto na promessa de Gianna de que cuidaria de Tova. Ela só esperava que, quando se encontrassem com o Conselho de Trahir, conseguissem alguma informação que ajudasse Lena na sua busca pelo fornecedor.

Mas não chegava para que parasse de pensar: quando tudo aquilo estivesse terminado — quando Aya conseguisse encontrar um modo de utilizar o que estivesse dentro de si e voltar para casa —, será que Tova a perdoaria por ela a ter deixado?

Aya deu um pontapé nas cobertas ao mexer-se na cama. Apesar de ter todas as janelas e portas abertas, o calor era opressivo. Doía-lhe a cabeça. O vinho espumoso tinha-lhe deixado a mente vazia e cheia, ao mesmo tempo, e os poucos pedaços de comida que tinha dificilmente conseguido engolir não lhe caíram da melhor forma, depois de ter vomitado durante a tarde.

Estremeceu ao pensar no que tinha acontecido no templo. O seu poder nunca se sentira assim. Quando tentou persuadir Aidon...

Inutilizado.

O poder dela pareceu-lhe inutilizado.

Algo tinha mudado, depois dos acontecimentos no mercado. Era como se a sua reserva de poder fosse agora uma ferida infecta que fizesse vir à tona a sua frustração e a sua raiva, pondo-as à vista de todos; e de uma forma que toldava a sua clarividência e o seu pensamento.

Aquela raiva que sentira quando atacara Will... Sentira raiva muitas vezes antes, mas dessa vez tinha-a possuído, e era mais do que conseguia controlar.

Aya sabia que nada era mais importante do que manter o controlo.

Deu mais voltas na cama, sentindo o bater do coração na sua garganta. Will escrevera a Natali quando tinham chegado. O que a esperaria, quando tivessem resposta ao pedido para visitar as bibliotecas?

Disse a si própria que, quanto mais depressa soubessem como usar o seu poder, mais rapidamente poderia voltar para casa.

Mas, apesar disso, uma parte dela desejava que isso demorasse.

Estás só a tentar evitar a verdade que eles te dirão.

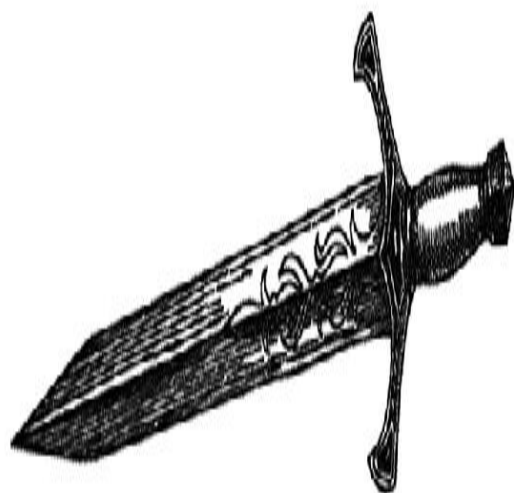
Aya estremeceu ao ter esse pensamento.

Não. Ela *precisava* de tempo para lidar com o Conselho. Não sabia ao certo o que pensar de Will, nem sobre a tensão que sentira nele quando chegaram àquela cidade. Não estava certa se deveria deixá-lo investigar o Conselho sem ela. E poderia conhecer melhor Aidon. Aprender quais eram as motivações do príncipe e como é que ele os poderia ajudar a firmar uma aliança.

Era *isso* que ela devia fazer. Reunir informação. Identificar fontes. Misturar-se com eles e passar através das suas defesas.

Era esse o poder com que os deuses a tinham abençoado.

Tudo o resto era uma maldição.



— **T**u andavas a queixar-te de que as coisas estavam aborrecidas por cá — sussurrou Peter a Aidon, quando o príncipe apertou a cana do nariz com os dedos.

Estavam sentados a uma longa mesa retangular na sala de reuniões no edifício do Conselho, onde as paredes com painéis de madeira de carvalho absorviam a luz do sol da tarde, que entrava pelas janelas do nível superior. Estavam reunidos há horas, apesar de esse ser o segundo encontro desde a chegada de Aya e de Will, duas semanas antes.

O Conselho Mercantil de Trahir andava sempre atrás de sangue.

Eram implacáveis nas negociações dos acordos de comércio com Tala, tentando aproveitar-se da agitação naquele reino. Aidon não tinha a certeza de concordar com aquelas táticas. Se a guerra estivesse realmente próxima, certamente teriam coisas mais importantes para tratar. Mas o seu pai, apesar de não concordar com a orientação de Dominic, não gostaria que Aidon interferisse. Aidon só estava ali por um motivo — e esse motivo era a mulher que se sentava à sua frente, com uma expressão entediada, a desenhar linhas na mesa com um dedo.

— Tendes de compreender, *príncipe*, que, dada a situação existente em Tala, temos as nossas... *reservas* quanto aos atuais acordos — disse Avis a Will, com uma voz grave que rolava por aquele espaço com o desdém estampado em cada sílaba. Um rubor subia-lhe ao rosto ao continuar a discussão.

Will recostou-se na sua cadeira, fazendo ranger a madeira ao incliná-la para trás com os pés. — O que eu esperava, Avis, era que aumentassem as vossas encomendas. Ou os vossos exércitos estão bem e abastecidos?

O rosto do conselheiro ficou vermelho, e o seu cabelo loiro brilhou à luz do sol ao encarar o Justiceiro. A expressão de Aidon endureceu e um murmúrio percorreu a mesa. Não precisava que Tala espalhasse medo entre o seu povo — nem que pusesse em questão as capacidades do seu exército.

Peter suspirou junto a Aidon, com a sua pele a parecer pálida à luz de uma tocha. Até o cabelo ondulado, que habitualmente penteava de maneira impecável, parecia estar em desalinho. Peter passou a mão pelo seu rosto largo e fixou os olhos em Will. — Julgava que as tuas intenções seriam manter os acordos que já tínhamos estado a preparar.

Will sorriu com malícia. — E são. Mas tu e os teus parecem estar mais interessados em renegociar, por isso talvez nós devêssemos fazer o mesmo.

Aidon lançou um olhar a Aya. Estava negligentemente sentada na sua

cadeira e mexia num fio da sua camisa curta e branca. Olhando em volta, Aidon reparou que ninguém lhe prestava atenção. E Aidon suspeitava que era exatamente isso que ela queria; que o Conselho a julgasse desinteressada e sem compreender nada do que se discutia, enquanto na verdade ela absorvia cada detalhe.

— Estás hipnotizado — sussurrou-lhe Peter. Aidon abriu a boca para o amigo, que continuava a seguir a discussão entre Avis e Will.

— Não estou nada — murmurou em resposta.

Peter suspirou novamente e passou a mão pelo seu cabelo espesso. — Se eu te lembrar que brincar com o fogo é *perigoso*, Aidon, será que tens cuidado?

Aidon teve a cortesia de fingir que pensava naquilo que o amigo lhe dizia.

— Acho que não.

— Já calculava.

Mas Aidon não era tolo. Não iria atrás de uma mulher que provavelmente trazia mais aço escondido preso ao seu corpo do que ele próprio, apesar de não fazer ideia de *onde* é que ela o esconderia, por baixo daquela blusa e das calças brancas que lhe delineavam as curvas.

Via Aya como um desafio, simplesmente. Esta era a mulher que servia como terceira na linha de comando, às ordens da rainha do Reino Original. Dizia-se que se movia como escuridão líquida, podia infiltrar-se em qualquer corte e silenciar quem ameaçasse a sua causa.

Pelos deuses, ela até podia ter espões nesta mesma cidade, talvez até nesta mesma sala.

Seria uma loucura olhar para a mulher sentada à sua frente e ver alguma coisa mais do que uma potencial ameaça ao seu reino.

Mas Aidon tinha de admitir que adorava um desafio.

Aya respirou fundo quando o Conselho por fim terminou a reunião daquele dia, massajando as têmporas à medida que os conselheiros abandonavam a sala.

Não estavam a chegar a lado algum.

Apesar de o Conselho de Trahir ter mostrado mágoa genuína pela sorte dos seus dois negociantes em Dunmeaden, estavam felizes por poder usar a situação em seu próprio benefício, para obter mais vantagens nos acordos pendentes. Para Aya era revelador que, se por um lado Dominic era relutante em considerar Kakos uma real ameaça, o Conselho de Mercadores tinha toda a vontade de utilizar a potencial instabilidade causada por uma guerra para negociar a seu favor.

Quando Aya e Will não se encontravam nas reuniões do Conselho estavam na cidade, encontrando-se com mercadores em tabernas e mercados, onde as suas conversas não parecessem suspeitas nem estivessem sob o olhar onnipresente de Enzo. Apesar disso, ela não se tinha atrevido ainda a tocar no seu poder de persuasão — pelo menos depois do que sucedera no templo, nem com os sonhos que a arrancavam do sono.

A curandeira tinha-a visitado de novo, desta vez no templo.

— *São estes os deuses que adoras?* — *tinha-lhe perguntado.* — *Porque é que eles não te ajudam?*

Aya não tivera resposta.

Will dizia que não encontrava sinais de mentira naqueles com quem falavam. E, mesmo que Aya estivesse sempre de pé atrás em relação ao que ele afirmava, não tinha sido capaz de discordar. Ela também vira os mercadores e analisava o que diziam, quando eles lhes faziam perguntas combinadas e lhes diziam mentiras já conhecidas.

Aqueles com quem tinham falado haviam sido verdadeiros. Nada sabiam do acordo que os dois comerciantes tinham eventualmente feito, nem sobre o seu fornecedor.

Aya desesperava por uma resposta diferente, por isso não podia sentir qualquer alívio.

Não que *quisesse* que Trahir estivesse envolvido. Preferia tê-los como aliados. Mas a sua inocência significava um beco sem saída, e mais um dia que Tova passaria trancada na prisão, e em desonra aos olhos do seu reino.

E significava mais espera por novas de Lena, cujos batedores e informantes percorriam agora as Midlands e tentavam atingir a fronteira sul com Kakos, à procura do fornecedor. E por Natali, que ainda tinha de responder à mensagem de Will.

E isso significava que havia ainda mais questões sem resposta sobre o Justiceiro. Se ele *estava* conluiado com Kakos, não faria mais sentido se apagasse o seu rasto? E que a fizesse pensar que Trahir *tinha* informações sobre o fornecedor, para que ela andasse a caçar gambozinos e se mantivesse ocupada com a atenção afastada dele?

Esse sentimento de impotência... parecia que a afogava.

— Isto foi penoso — suspirou Will. Encostou-se à ombreira da porta da sala vazia, desabotoando a camisa no colarinho. — Avis Lavigne é, ele próprio, uma forma de tortura, não é? Fazia-lhe bem que alguém o pusesse no seu lugar. — Fez um gesto com a cabeça para a rua movimentada. — Preciso de uma bebida, queres vir?

Aya ergueu a cabeça das mãos, com uma voz cansada.

— Vamos falar com alguém?

— Não — disse-lhe Will, enrugando a testa.

— Então não. — Doíam-lhe os membros ao levantar-se da cadeira e tinha o corpo moído, após longas horas sentada na madeira dura.

O sobrolho de Will franziu ainda mais e deu um passo para ela.

— É só o raio de uma bebida, Aya.

A raiva dela agitou-se. Não era só *o raio* de uma bebida, e ele sabia disso. Ela tolerava a presença dele quando era obrigatório. Faria o que fosse preciso pelo seu reino. Mas nada para lá disso.

Não era só a curandeira que lhe ensombrava os sonhos. Ainda ouvia os gritos de Tova.

Will olhou para o rosto dela, e os seus olhos cinzentos estavam perturbados por alguma emoção que ele não conseguiu identificar.

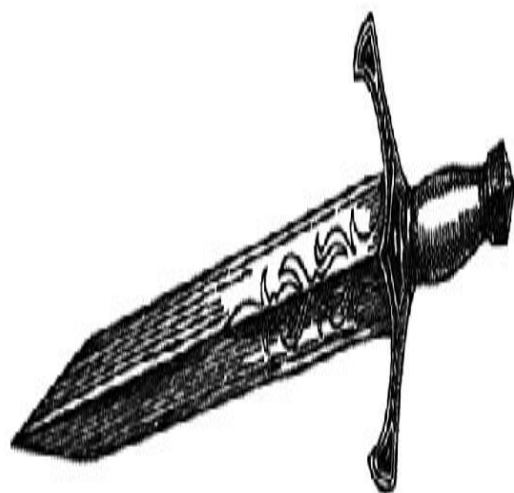
— Não sou teu inimigo — disse-lhe com suavidade.

— Tu nunca fizeste *algo mais* senão tentar tirar-me tudo o que alguma vez amei — atirou-lhe Aya violentamente, agarrando a borda da mesa com as mãos.

O seu lugar nos Dyminara. O seu lobo. A sua melhor amiga.

— Diz-me — rosnou ela através dos dentes cerrados — se isso não faz de ti meu inimigo.

Will mordeu a réplica que preparava, abanou a cabeça e saiu da sala, deixando-a voltar ao palácio sozinha.



Aya não voltou logo ao palácio. Em vez disso, deu por si a vaguear pela Cidade Velha, que estava cheia de gente que procurava jantar mais cedo.

Andava devagar, com as mãos metidas nos bolsos das calças de linho branco, olhando para os vários restaurantes e lojas à sua volta. Uma cor azul-viva do outro lado de uma praça chamou-lhe a atenção. Estava de volta à praça que Aidon lhes tinha mostrado no seu passeio pela cidade.

Aya olhou para os cidadãos que passavam por ali. Afastavam-se do restaurante, como se fosse perigoso estar sequer perto dele. Atravessou a praça e meteu pela ruela estreita junto ao edifício. Uma porta lateral estava aberta, muito danificada, como se ninguém se tivesse mais preocupado com a segurança depois do ato de vandalismo.

Aya olhou de soslaio para trás antes de entrar.

Entrou para uma pequena cozinha de balcões impecavelmente limpos, exceto pela fina camada de pó que se instalara sobre eles, e que ela percorreu com os dedos ao avançar. O ataque devia ter acontecido depois do fecho, quando toda a gente tinha ido para casa. Ao menos isso.

Entrou para a sala de jantar, ficando nas sombras, com cautela, ao percorrer o espaço com o olhar. Era pequeno, e se não fossem as mesas viradas de pernas para o ar e as cadeiras partidas seria convidativo. Aya franziu o sobrolho ao ver a madeira partida no chão. Alguma da mobília tinha sido completamente destruída. Baixou-se, tocando com os dedos nos pedaços de madeira.

— Terrível, não é?

Aya virou-se de repente e viu a silhueta alta que se encontrava no pequeno corredor que dava para a cozinha.

— Aidon — disse, ofegante, pondo uma mão no peito —, pelos deuses! Assustaste-me.

— Imaginem só, *tu* não gostas de pessoas que se dissimulam por aqui e acolá. — O sorriso provocador do príncipe não combinava totalmente com o olhar.

Aya levantou-se, sacudindo o pó das mãos.

— Não quis intrometer-me — disse, piscando os olhos —, mas é o hábito.

— Não, faz favor — convidou Aidon, fazendo um gesto largo para a sala —, talvez encontres algo que eu não tenha visto.

Ela fez um pequeno rodopio, cruzando os braços e percorrendo a sala com os olhos.

— A Guarda da Cidade não se apercebeu de nada?

Ele abanou a cabeça.

— O circuito da patrulha é muito vasto. Quando chegaram aqui, os Bellare tinham desaparecido. — A testa dele enrugou-se, a observá-la. — Porquê?

— Bem, entre os estragos feitos à mobília e a falta de ruído, tiveram de estar envolvidos pelo menos um Zeluus e um Caeli. A não ser... — mordeu o lábio inferior, hesitante.

— A não ser...?

— A não ser que os Diaforaté tenham chegado a Trahir. — Ela viu como Aidon ficou tenso e o calor que habitualmente lhe enchia o olhar fugiu, ao fixar-se nela. — É só uma teoria — disse Aya, tentando pacificá-lo —, mas de qualquer modo custa-me a acreditar que um guarda não ouvisse nem visse uma tal destruição, e só o fizesse depois de ter acontecido.

O príncipe respirou fundo, passando a mão pelo rosto.

— É algo em que devemos pensar. Vou falar com a Guarda.

Aya fez um aceno com a cabeça, pisando num montículo de destroços e indo para junto dele.

— Acho que o teu tio não vai gostar desta teoria.

Aidon sorriu com malícia, pondo-lhe a mão nas costas ao levá-la de volta para a porta lateral.

— Eu trato dele.

Aya estava quase a dormir, quando ouviu os passos de Will no corredor. Virou-se na cama, semicerrando os olhos para ver o relógio na parede, à luz mortiça das lamparinas mantidas por um Incend. Duas horas da manhã.

Ao ouvi-lo bater à sua porta, devagarinho, Aya rangeu os dentes, mas sabia que não o podia ignorar, pois ele faria algo idiota, como arrombar-lhe a porta. Aya afastou a roupa de cama e pegou no roupão de seda, de cor esmeralda, que tinha na borda da cama, lançando-o por cima da camisa de dormir branca.

— O que foi?

Os olhos de Will pareciam vidrados e tinha o cabelo em desalinho, como se tivesse estado a passar-lhe os dedos, ou alguém que não ele. Fez um movimento para entrar, mas Aya bloqueou-lhe a passagem com um braço.

— O que foi? — atirou-lhe novamente.

Will resmungou, apoiando a cabeça na ombreira.

— Já alguém te disse como és *encantadora*? — perguntou ele.

— Estás bêbedo. Vai para a cama.

Will ergueu a cabeça, fechando os olhos como se a pudesse fixar ali, naquele sítio, com o seu olhar.

— Sabes que o Aidon estava a seguir-te, não sabes?

Valham-me os deuses.

Aya agarrou no braço de Will e puxou-o para o quarto. Ele tropeçou ao ser empurrado para o sofá, deitando-se nas almofadas. Pôs a mão na anca dela, puxando-a, e ela caiu sobre ele, com as pernas de cada lado.

— Estás a ser atrevido — silvou Aya, tentando afastá-lo.

Will segurou-a com as mãos e o olhar brilhava quando lhe sorriu.

— Sabias, não sabias?

É claro que sabia. Sabia que o príncipe estava de olho nela, tal como ela estava de olho nele. E também sabia que, tal como a atração inicial que sentira por ele, a faísca no seu olhar quando a observava não era artificial. Por isso, quando passou pelo sítio onde Aidon e Peter se tinham sentado para tomar um copo, continuara a avançar para aquela praça, sabendo muito bem que ele a iria seguir.

— Precisava de o levar de volta ao restaurante destruído. Fui fazer buscas. E sugeri que um Diaforaté possa ter estado por trás do ataque.

Will semicerrou os olhos, passando o seu polegar de modo quase inconsciente pelo sítio logo acima das ancas dela. — Achas mesmo que foi isso?

Aya pôs-lhe uma mão no peito e empurrou-o para trás, pondo-se em pé.

— Não. — Era mais provável que a Guarda da Cidade não tivesse estado atenta durante a patrulha. Mas, apontando para aquela possibilidade, podia ser que Trahir comesse a pensar mais a sério sobre Kakos. Ou, no mínimo, conduzir Aidon nesse sentido. — Isto podia ter esperado até de manhã.

— Ah — disse Will, metendo a mão num dos bolsos —, mas isto não. — Deu-lhe um pequeno pedaço de pergaminho. — Natali aceitou ao nosso pedido.

Aya cerrou o maxilar ao ler os confusos rabiscos. Iam encontrar-se com eles no dia seguinte.

Will suspirou, passando a mão pelo cabelo desalinhado e deitando-se novamente nas almofadas. Olhou para ela, os seus dedos detendo-se nos fios de cabelo. — Podias ter-me dito *porque* te livraste de mim esta tarde.

— Do que estás a falar?

— De hoje à tarde, depois da reunião do Conselho. Percebo que não quisesses que ninguém ouvisse o que querias fazer, mas... — Will parou, ao perceber a confusão nela. Um riso breve e amargo escapou-se dele. — Claro.

Levantou-se, balançando um pouco com o movimento brusco.

Caiu para cima dela e ela amparou-o, segurando-o com firmeza.

— O que foi que te deu? — Ela olhou zangada para ele. Tinha a camisa fora das calças, o colarinho enrugado, como se não tivesse parado de lhe mexer. Não era dele, estar tão desleixado, tão desarranjado.

A cara dele estava junto da dela, e os olhos cinzentos de Will escureceram ao fixar-se nela. Podia sentir o coração dele a bater com força no peito, e contra o *seu* peito, quando se debruçou para ela.

— Detestas-me mesmo, não é?

Não era uma pergunta, mas Aya abriu a boca, com um *sim* pronto a sair.

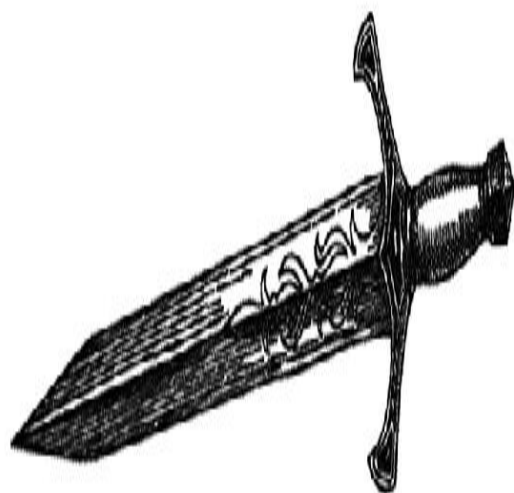
— Isso importa? — perguntou-lhe.

Will recompôs-se, tentando arranjar o cabelo com uma mão.

— Não.

A voz dele era fria e vazia.

— Boa-noite, Aya — murmurou, saindo do quarto.



A Maraciana era um complexo de bibliotecas, pertencentes aos Saj que estudavam em Trahir, e localizavam-se nos penhascos ocidentais de Rinnia, edificadas em parte na encosta das falésias, a alguma distância do templo que Aidon tinha mostrado a Aya. Parecia mais um pequeno palácio do que um lugar de estudo. Dois edifícios retangulares, junto ao complexo principal, erguiam-se agora perante Aya, e as suas fachadas estavam ligadas por uma ponte, muitos andares acima do chão.

— Os dormitórios — explicou Ezekiel.

O serviçal tinha-se oferecido para os levar lá, pois era preciso uma carruagem. Conversou alegremente durante o caminho, indicando-lhes vários outros lugares da cidade. Will tinha permanecido quieto, com uma expressão pensativa, olhando pela janela.

Talvez estivesse de ressaca.

Aya também tinha permanecido em silêncio, deixando que Ezekiel falasse sobre Rinnia e tentando concentrar-se em acalmar a respiração.

Ir ao encontro dos Saj da Maraciana era uma honra, dizia ele.

Ela não conseguia deixar de pensar que era mais uma sentença do que outra coisa.

— E aquela é a biblioteca principal. — Ezekiel indicava com um gesto de cabeça um terceiro edifício, mais baixo do que os outros dois, mas que era de longe o maior. A fachada branca alongava-se pelos penhascos, mais longe do que Aya conseguia ver. — Os outros ficam do outro lado. Não os conseguem ver daqui.

A biblioteca principal tinha três andares, todos com arcadas que se estendiam ao longo do comprimento do edifício. O topo tinha espirais sobre cada arco, disfarçando de modo subtil a cúpula cinzenta que reluzia ao sol.

Ezekiel deixou-os quando começaram a subir o pequeno caminho que atravessava o complexo. Aya olhou em frente, e apercebeu-se de alguém que aguardava no pórtico da biblioteca principal.

— Deveis ser Aya, eu sou Natali — disse a figura quando eles se acercaram, fazendo-lhes uma pequena vénia, que eles retribuíram. — Vou ser o vosso guia durante a vossa permanência connosco. — Algumas madeixas do seu cabelo cinzento, cortado pelos ombros, agitavam-se com a brisa, em volta do seu rosto aquilino. O tom de pele combinava com a areia que cobria o pátio, mesmo ali, no cimo dos penhascos. E, apesar de ter uma voz suficientemente doce, os olhos dela — grandes e redondos, de cor âmbar — mostravam apreensão ao olhar para eles.

— Justiceiro. — Natali acenou com a cabeça para Will, reconhecendo-o.

— É sempre um prazer, Natali — respondeu Will com suavidade.

— Não mintais, Justiceiro. É inapropriado, mesmo para vós. — Natali indicou a biblioteca. — Não desperdicemos palavras onde o vento sopra.

Aya seguiu-os, entrando no vasto átrio.

Foram conduzidos até uma biblioteca enorme, com chão de mármore verde e branco num padrão de xadrez, que se estendia até onde Aya podia ver. O átrio era rodeado por filas de estantes de mogno, que subiam até à cúpula do teto. Aqui e ali, as filas de estantes davam lugar a recantos de estudo, alguns dos quais se abriam sobre o mar. Aya seguiu Natali através do átrio, e depois viraram à esquerda. Subiram por uma rampa para o segundo andar, passando por algumas daquelas gigantescas estantes cheias de livros, e foram dar a uma ala da biblioteca, mais calma, onde se encontrava uma série de mesas.

— Por favor, sentem-se — disse-lhes Natali, segurando a porta para que entrassem. Aya e Will sentaram-se em duas pequenas cadeiras de madeira, observando Natali a alinhar livros na estante, antes de se sentar também. Juntou as palmas das mãos, olhando para eles por cima das pontas dos dedos, e esperou.

Aya pigarreou, passando os dedos sobre o leve tecido das suas calças cinzentas largas. Mas não conseguia dizer nada.

Will recostou-se na cadeira, pondo um tornozelo em cima do joelho da outra perna, dizendo:

— Como afirmei na nossa mensagem, estamos interessados em aprender mais coisas sobre a profecia da Segunda Santa.

— Fizestes uma longa viagem para saber de uma coisa que podem ler num livro. Certamente que em Tala, com toda a sua devoção aos deuses, existem tais textos. E existem Saj que vos podem ajudar nas vossas missões religiosas.

— É verdade, decerto, mas a nossa rainha sente que é fundamental que adquiramos *mais* conhecimento sobre este assunto, com a ameaça que está a surgir em Kakos — retorquiu Will com gentileza. — Daí o nosso pedido para vos encontrar.

Natali inclinou a cabeça, com um olhar pensativo.

— Ouvimos rumores sobre o que se está a passar. É familiar. — Aya tentou não estremecer perante aquele olhar firme, que parecia despi-la. — E qual é a *vossa* ligação a tudo isso?

— Dizei-nos — disse-lhe Will, com uma postura desconfiada que não era suficiente para lhe esconder a tensão no rosto. — O vosso poder reconhece os poderes dos outros. Não façais de conta que não nos lestes mal entrámos nesta sala, Natali.

Natali riu.

— Tão ansiosos por respostas, mas inseguros quanto às perguntas —

censurou ela. Aya tentou ficar calma ao ver os olhos âmbar de Natali fixarem-se nela, mais uma vez. — Sinto muita raiva em ti, Filha dos Segredos. Aqueles que estudam a lei religiosa dizem que a Segunda Santa é alguém que vem da luz. Mas tu...

Aya sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha.

— Não a enganeis, Natali — interrompeu Will. — É... *inapropriado*.

Natali ergueu o sobrolho.

— Então sejamos francos. Não estais aqui para saber o que eu sinto nela, Justiceiro? Para descobrir se ela é aquela de quem fala a profecia?

Will sorriu, mas ergueu as mãos num gesto de anuência. Aya engoliu a sua surpresa. Nunca tinha visto alguém dominar Will tão rapidamente.

— Estamos — disse Will calmamente —, e podeis entender a... *sensibilidade* deste assunto, não é? Não queremos que se saiba, pois existe quem lhe possa querer mal.

Natali contorceu os lábios.

— Acreditai em mim, Justiceiro. Não tenho vontade nenhuma de trazer Kakos para a nossa porta. O vosso segredo está seguro comigo.

Recostou-se na cadeira, com as mãos juntas mais uma vez, em contemplação, ao observar Aya. — A profecia fala com efeito de alguém como tu, com poder em bruto nas veias. Alguém que vem para corrigir o mal maior.

Aya sentiu um aperto no peito.

— Então... é verdade, afinal? Sou...

Não conseguiu balbuciar sequer a palavra. Não tinha ao menos ponderado essa hipótese durante mais do que breves instantes; não tinha pensado muito tempo no que tal coisa podia significar, o que isso poderia *mudar*.

Natali olhava simplesmente para ela, com um silêncio pesado que se instalava.

— Dizem que *esta* vai realizar aquilo que a outra não conseguiu — disse finalmente, devagar.

Aya franziu a testa.

— Evie expulsou o Decachiré.

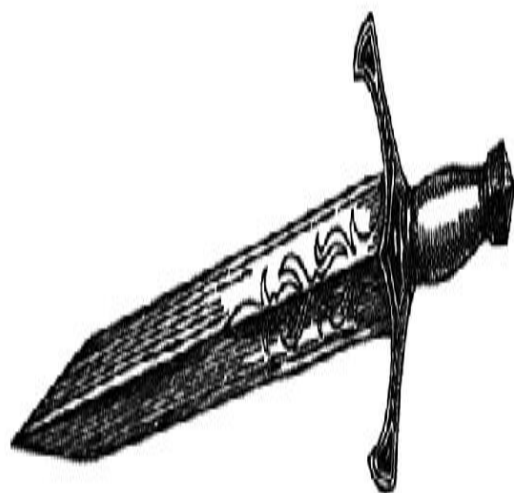
— Os deuses expulsaram o Decachiré. E a profecia nada diz sobre isso. Fala sobre uma outra que domina o poder em bruto, para que o mal maior possa ser corrigido.

Mais enigmas. Mais significados ocultos. Mais frustrações. E Aya não tinha tempo para tal.

— Isso é verdade? — atirou ela, apertando os braços da cadeira.

Natali deu um grande suspiro.

— Talvez. — E olhou para Aya. — Vamos ver do que és capaz.



Natali conduziu-os pela biblioteca e entraram noutro edifício da Maraciana.

— O complexo dos poderes — disse apenas.

Por aquilo que Aya podia ver, parecia uma escola. Havia várias salas de aulas e zonas de treino, onde estavam alguns Visya realizando exercícios.

— Há quem mande para aqui os filhos para estudar — murmurou Will enquanto caminhavam —, outros vêm para cá para aprofundar as suas capacidades.

— Sabes muitas coisas sobre os Saj da Maraciana.

Will encolheu os ombros.

— Estive atento quando cá vinha.

Natali levou-os até uma escadaria em caracol, que desceram durante muito tempo, fazendo com que Aya tivesse a cabeça a andar à roda quando chegaram ao destino. Parecia uma masmorra — uma área fria, escura e nada convidativa. Aya tentou não tremer quando sentiu o frio. Aquele espaço era parecido com as masmorras no palácio da rainha e o ar era húmido. Mas não havia celas abertas nas paredes de pedra, apenas salas, e foi para uma delas que Natali os levou.

Aya piscou os olhos para se habituar à pouca luz que davam as lanternas, já acesas, e Will soprou um riso, olhando para o espaço quase despido.

— Vós tendes seguramente jeito para o dramatismo, não é, Natali?

— Aqui é mais difícil sermos incomodados — disse ao fechar a porta. As suas longas calças roçaram no chão de pedra, ao ir para o centro da sala. — Se bem percebi, não quereis que os vossos anfitriões soubessem das vossas suspeitas.

Will sussurrou uma resposta qualquer, mas Aya nem conseguia ouvi-lo. Tinha o olhar fixo no chão de pedra, cujo padrão era exatamente igual ao do chão da prisão de Gianna. Cerrou os punhos, espetando as unhas nas palmas das mãos.

Que a paz dos deuses me acalme.

— Tal como os outros poderes, o poder em bruto estava contido, dentro dos limites de um Visya — dizia Natali —, mas a profecia diz que a Segunda será o reflexo da Primeira. O *teu* poder deve igualar o de Evie, sendo praticamente ilimitado.

Ao longe, Aya conseguia ouvir os gritos de Tova. Ouvia-os nas profundezas da sua mente, como se fosse um coro que acompanhasse as instruções de Natali e a prece que ela repetia em silêncio. — Sabemos mais

quando o *virtuos*. Teoricamente, libertar um poder funciona sempre da mesma maneira. Vais buscá-lo dentro de ti, às tuas profundezas. Com a diferença de a tua profundidade ser infinita.

— Aya — murmurou Will. Ela ergueu os olhos do chão para o fitar. Will franziu a testa ao olhar para ela. — O que é?

— Nada — mentiu-lhe ela. Moveu os ombros ao concentrar-se em Natali.

— Sente-o — disse Natali, dando-lhe sinal para começar.

Aya fechou os olhos e respirou fundo. Ela tinha feito aqueles exercícios quando era criança — olhar para dentro de si mesma, reconhecendo intimamente a profundidade do seu poder, de modo que invocá-lo e utilizá-lo era algo que fazia parte de si.

Agora, quase parecia ser um exercício idiota.

Chegou à superfície do seu depósito íntimo de poder, suave como vidro e frio como gelo.

— Mais fundo — ordenou Natali.

Os gritos eram mais audíveis, ecoando como sinos a repicar na sua mente.

Aya entrou pela superfície, mergulhando no seu poder.

Parou.

Porque por baixo daquela superfície fria, onde ela tantas vezes se instalava, por baixo daquela tampa que ela mantinha fechada sobre si mesma, trancada...

Existia um inferno em chamas.

Aya abriu os olhos, trémulos. Will ainda franzia a testa, com o rosto atento ao observá-la. Ela já tinha visto aquele olhar — era o mesmo que ela vira nele, 13 anos antes, à porta de sua casa.

O calor dentro dela tornou-se fúria, com uma emoção tão severa e tão rápida que teria ficado surpreendida se conseguisse libertar-se dela.

Os gritos eram mais claros agora, como se Tova estivesse a apenas algumas salas de distância.

— Aya... — disse Will, com uma voz baixa e profunda. Um aviso.

— O que sentes? — perguntou Natali, e parecia a Aya que a voz vinha de muito longe. Os olhos de Natali alternavam entre Aya e Will, sem conseguir parar.

Aya sentia muita coisa. A dor, a raiva, a culpa... iria queimá-la, de dentro para fora.

E em seguida incendiaria o mundo.

Uma chama atravessou-lhe a pele, enviando um raio de luz por aquele lugar escuro, e ela era uma tocha viva, ardendo com todo o medo e com todo o desespero que tinha dentro de si.

E os gritos... não estavam apenas dentro dela. *Eram* ela, e um som de pôr os cabelos em pé soltou-se ao sentir a dor a rasgá-la. Will mexeu-se e soltou um silvo, agarrando-lhe no rosto, e segurou-a. O olhar dele refletia as chamas que dançavam na pele dela.

— Respira — ordenou. Ela respirou fundo e o ar queimou-lhe os pulmões e apagou as chamas. Dor, sentia tanta dor... Em cada recanto seu.

— Outra vez.

Aya absorveu o ar, tentando acompanhar a cadência de Will. Continuou a inspirar profundamente até que sentiu as mãos calejadas dele contra a sua pele.

As chamas desapareceram, deixando-a fria e agoniada, com as pernas a tremer. Tropeçou na direção da parede e Will largou-a, virando-se para Natali.

— O que lhe está a acontecer?

Natali olhava simplesmente para Aya, com a cabeça inclinada para o lado.

— É assim que o teu poder tem reagido, ultimamente?

Aya obrigou-se a si própria a parar de tremer, inspirando mais uma vez, com dores.

— Não tem sido previsível. — Era uma evasiva. Porque havia mais do que isso, o poder estava a esgotá-la, roubando-lhe partes do ser, e ela interrogava-se se alguma vez as recuperaria. E obrigando-a a avançar cada vez mais até àquele lugar dentro dela, frio e escuro. — Porque é que isto acontece?

Natali pestanejou.

— Preciso de ir à biblioteca — foi a única coisa que disse.

— Pensei que conhecêsseis este poder — rosnou Will.

Natali ergueu o sobrolho.

— Esqueces-te, Justiceiro, que o *conhecimento* é a forma mais autêntica de poder. Aquilo que corre nas veias dela não é visto há séculos. — Natali virou os olhos para as mãos dele, que estavam vermelhas e inchadas. — Sugiro que me deixes prosseguir com a minha pesquisa, a não ser que queiras que *isso* aconteça outra vez. — Virou os olhos para Aya. — Volta daqui a dois dias. Sozinha.

Will disse um chorrilho de asneiras quando saíram.

— Sabe-tudo pretensiosa — murmurou. Virou-se e viu Aya com o olhar fixo nas suas mãos. — Parece pior do que é.

— Porque não te protegeste com o teu escudo? — O fogo tinha-lhe nascido do seu poder, no fim de contas. Com uma proteção adequada, ele não teria sido ferido.

— Eu protegi-me. — Girou o pescoço. — Mas parece que não fui

suficientemente rápido.

Deuses. Em apenas alguns segundos, ela quase lhe destruíra a carne. E ela... tinha estado em chamas, e tinha sentido a dor, que a tinha feito dar um grito lancinante, que lhe saíra do peito. Mas tinha a pele intacta. Incólume.

Will fechou o rosto ao observá-la, e instalou-se o silêncio até que disse por fim:

— As tuas náuseas não tiveram que ver com o calor no outro dia, pois não?

Ele já tinha visto a fraqueza dela. E ela pensou que não havia mal em dizer-lhe.

— Tentei persuadir Aidon.

Will mexeu o maxilar, apertando mais os seus olhos cinzentos.

— Devias ter-me dito.

Ela dirigiu-se para a porta.

— Acho que, sendo assim, ambos temos segredos.

— Como correram os teus estudos? — A voz de Josie atravessou o pátio do palácio, arrancando Aya ao seu transe. Nem tinha reparado na princesa, que se sentava a uma pequena mesa de ferro, com uma tela à frente. Tinha-se concentrado em voltar ao seu quarto, tendo deixado Will assim que chegaram aos portões do palácio.

O sorriso de Josie desapareceu ao ver o aspeto desganhado de Aya. Várias madeixas tinham-se soltado da sua trança, talvez por causa das vezes que lhe tinha passado as mãos, a tremer, durante o caminho de regresso. Estava certa de que tinha o ar esgazeado de alguém que estava fora de si. Aya tinha receado a verdade que ouviria nesse dia. O que não tinha esperado era ficar ainda mais confusa.

Era isto que Evie tinha passado quando tentava usar o seu imenso poder?

Porque és uma santa agora, é isso? Aya quase riu de escárnio para si mesma.

A princesa tinha pousado o pincel, devagar, com um sorriso malandro no rosto.

— Foi assim tão mau?

Aya deu-lhe um sorriso desmaiado.

— Não tenho a certeza de que Natali goste lá muito de mim.

Josie fez um aceno de mão.

— Não gosta de ninguém — disse, descontraída — tirando o Aidon. Mas toda a gente gosta do Aidon.

E Aya tinha começado a ver porquê.

— Senta-te — pediu-lhe Josie, indicando a cadeira em frente dela.

Aya hesitou, sentindo o peso do que acontecera nesse dia. Mas Josie sorriu-lhe tão calorosamente que Aya não conseguiu recusar, respirando fundo. A mesa estava coberta de papel bege, e cada centímetro dele estava coberto de tinta. Nalguns sítios havia grandes manchas de cor, onde ela tinha usado o papel como paleta.

Josie reparou no olhar de Aya.

— Detestam-me no estúdio, porque faço sempre esta balbúrdia. Mas preciso de ter espaço.

— No que estás a trabalhar?

Com cuidado, Josie levantou a tela para que Aya pudesse ver. Era um rosto, bem definido e anguloso. Tinha olhos azuis, grandes, suaves e acolhedores, ainda que um bocadinho maliciosos. Tinha cabelo negro, cortado curto, e a pele era de um tom rosado que se destacava na tela cinzenta.

— Ela chama-se Viviane — explicou Josie. Franziu a testa quando olhou para a pintura, mordendo o lábio. — Nunca consigo fazer os olhos em condições.

— Quem é ela?

— É a minha parceira. Faz anos para a semana e está sempre a pedir-me para lhe pintar alguma coisa. Adora arte, tem uma galeria na cidade. — Josie soltou um suspiro e encolheu os ombros ao colocar a tela novamente no cavalete. Aya lembrou-se de ter o olhar fixo, fazendo uma obra de arte assim — costumava fazer uma escultura, trabalhando as linhas, uma e outra vez, com a sua faca, até que ficava com cãibras nos dedos, e até que as costas lhe começavam a doer por ter estado dobrada durante muito tempo.

Engoliu a sensação que se formava na garganta e disse numa voz rouca:

— Acho que é lindo.

Josie acenou, como se não concordasse, mas Aya notou que ela corara, e reparou no sorriso tímido que fazia ao começar a arrumar os materiais.

— Amanhã vou à galeria. Devias vir. Sei que Viviane adoraria conhecer-te. Ela é obcecada pela cadeia montanhosa das Malas. Tem pelo menos cinco quadros diferentes delas, no estúdio, e sinceramente acho que ela sobe os preços deles em segredo, para que ninguém os compre.

Aya não se incomodou em dizer-lhe que era mais provável que ninguém apreciasse a beleza acidentada do Norte, ali em Rinnia.

— Posso ir ter contigo à Maraciana e depois vamos juntas.

Aya torceu os dedos no colo.

— Amanhã não vou à Maraciana.

Não conseguia decidir se isso era um alívio ou não.

Josie sorriu.

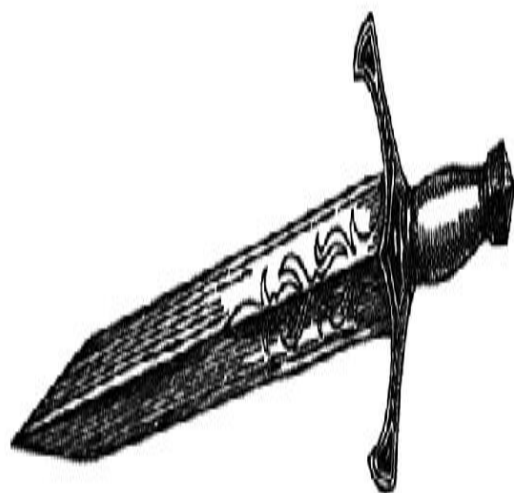
— Então está decidido. Saímos daqui as duas, à tarde. — Estendeu um braço pela mesa e pegou na mão de Aya, apertando-a. — Amanhã vai ser melhor — garantiu-lhe.

Era estranho, sentir como era confortável experimentar a pressão daquela mão na sua. Ter alguém a olhar para ela que não visse uma profecia, mas uma pessoa.

Aya fez um assentimento com a cabeça.

Amanhã vai ser melhor.

Mas não tinha a certeza de acreditar nisso.



O poste de treino abanava sempre que Aidon se lançava a ele com a espada, e as picadas que sentia nas articulações eram para ele o mais doce tipo de dor.

Um, dois. Um, dois. Um, dois.

Uma falha de comunicação. Tinha sido isso que a Guarda da Cidade lhe dissera quando os confrontou com a possibilidade de existir um Diaforaté entre eles. Aparentemente, a patrulha naquela noite estava desorganizada. O ataque não acontecera simplesmente durante uma mudança de turno... um guarda tinha abandonado o seu posto e ainda não tinha dito nada — até agora.

Ele tinha despedido o guarda. E voltado à estaca zero.

Um, dois. Um, dois. Um, dois.

Teria de contar aquilo ao rei — e o pai teria de certeza mais uma lição para lhe recordar.

Aidon tinha-se habituado, desde há muito tempo, a confrontar-se com o tio. Dominic podia ser pomposo, teimoso e indiferente, e tão irritante, que Aidon questionava-se como é que alguém podia entabular uma conversa com ele sem que tivesse uma infundável litania de insultos na cabeça.

Mas o pai...

Uma lição do pai era outra coisa. Essas conversas eram mais profundas, cheias de altos padrões de conduta, e possuíam uma densidade que Dominic não tinha, porque nelas não era o seu rei que discutia com ele, era o seu pai, e isso queria dizer algo mais.

Aidon não era apenas o seu filho, era o sucessor ao trono, e com isso tinha emergido a responsabilidade de o aperfeiçoar e de o preparar para aquilo que surgisse.

Um, dois. Um, dois. Um, dois.

Estas primeiras horas que passava na sala de treino mais afastada da caserna, forrada com painéis de madeira, eram como um tipo especial de bênção, quando a sua própria respiração e o baque dos punhos a golpear a madeira eram os únicos sons que se ouviam por todo o complexo. Aidon adorava passar um bom bocado, como qualquer um. Encontrava alegria nas noites passadas na cidade com os amigos, quando jogava às cartas com Clyde e o marido. Adorava navegar em volta das enseadas com Peter, ou conduzir a sua barca pela água, nas tardes mais difíceis, ou até tentar pintar com Josie, enquanto ela e Viviane riam da sua técnica.

No entanto, a verdadeira paz, para Aidon, não morava na quietude completa, mas nos momentos de sossego que conseguia roubar ao rebuliço dos dias. Como as sessões de tiro com arco nos bosques, onde o ranger do seu arco interrompia o murmúrio das conversas com o pai, ao fazerem pontaria aos respetivos alvos.

Não tinha sido sempre assim, a relação deles. É claro que sempre tinha havido *alguma* tensão — do género da que tipicamente existe entre pais e filhos. Will e Aidon tinham-se entendido tão bem, ao longo dos anos, por algum motivo. Aidon vira-o com Gale e reconhecera a frustração de ter um pai que não pretende apenas o melhor para o filho, mas exige-o.

E Gale era pior, muito pior, do que Enzo alguma vez fora ou seria.

Mas, à medida que se aproximava a hora em que Aidon herdaria o trono, o pai tinha-se tornado mais persistente.

Um dia, Aidon, vais reinar...

Como se ele não soubesse isso. Como se não tivesse sido lembrado disso durante toda a vida. Como se ele não soubesse que a esperança num rei melhor recaísse, pesadamente, nos seus ombros.

Um tossir baixo interrompeu-lhe o movimento. Aya apareceu à porta, vestida com um traje para luta de couro, castanho e sem mangas, e ele quase apostava em como fora Josie que lho tinha emprestado.

— Alguém se levantou cedo — disse, com o peito nu a arfar, ao tentar recobrar o fôlego. Não deixara de ver que Aya tinha corado um pouco, e tinha reparado que ela tentava manter os olhos dirigidos à sua cara.

— Espero não estar a incomodar.

— Claro que não. Só estou a tentar acompanhar a forma das minhas tropas. Temo que eles treinem mais do que eu, nos dias que correm.

Ela parecia cansada, como se não tivesse dormido nada.

— A noite foi difícil?

Aya olhou para a roupa que vestia, exibindo uma expressão de alguma surpresa.

— Quereis dizer que pareço mal, alteza?

— Nem por sombras, minha senhora.

Aya fungou ao ouvir o título que ele lhe dava, e cruzou os braços enquanto caminhava pela sala. Parou junto de um painel de madeira, onde se viam pequenas marcas na superfície.

— É a nossa contagem — explicou Aidon desde o centro da sala —, uma tradição que a Josie e eu mantivemos ao longo dos anos. Registamos quem ganha os nossos duelos.

Um *A* e um *J* meio apagados tinham sido gravados acima dos traços, que pareciam ter praticamente o mesmo número para ambos.

Ele respirou mais fundo.

— A Josie preferia juntar-se às minhas forças do que passar mais um momento que seja a apertar mãos em nome da Coroa. Mas o meu tio...

Aya deitou-lhe um olhar por cima do ombro.

— Ele não o permite.

— Ela acha que ele pensa que é fraca.

— E ele pensa isso?

Aidon franziu o sobrolho.

— Às vezes acho que ele pensa que todos são fracos. Todos, menos ele.

— Era uma confissão atrevida, mas inofensiva. Qualquer pessoa que se tivesse cruzado com Dominic poderia captar as suas características básicas. — Mas — suspirou Aidon, abanando ligeiramente a cabeça — é tudo dever, não capacidade. Ele só está a querer que façamos os nossos papéis no reino.

Dever.

Responsabilidade.

Lealdade.

Todos temos de fazer sacrifícios, tinha-lhe dito a mãe uma vez. Ele questionava-se se tinha imaginado a ânsia no rosto dela. E se, tal como os filhos, também ela desprezava em segredo a prisão em que o *dever* os retinha a todos.

Aya inclinou a cabeça, a observá-lo.

— Darás valor às mesmas coisas? O dever acima de tudo? Vais manter as pessoas confinadas aos seus papéis tradicionais?

Ele indicou com o queixo a contagem marcada na madeira.

— Depois disso? Seria idiota. E acho que isso é mais uma razão para que o meu tio receie que eu suba ao trono.

O sobrolho de Aya ergueu-se.

— Mais uma? Quantas há?

Ele acenou-lhe com a mão.

— Demasiadas para uma conversa, de certeza. Depois conto-te os detalhes. — Olhou para as roupas dela mais uma vez, sentindo que a ocasião se apresentava.

— Sabes... se estás à procura de um parceiro de treino, és mais do que bem-vinda para te juntares a mim todas as manhãs. Posso não pertencer aos Dyminara, mas, tal como a história mostrou, sou capaz de me defender contra um deles.

Os cantos da boca de Aya contorceam-se.

— O Will pode interpretar isso como sendo um desafio.

— E tu?

— Eu, de certeza que sim. — Com o dedo sentiu os sulcos gravados na parede, como se pudesse ver o orgulho que ali estava gravado. — Vocês têm Visya nas vossas forças — observou ela subitamente.

— Os nossos reinos podem ter ideias diferentes quanto ao uso que os Visya podem dar aos poderes que os deuses lhes conferiram, mas não nego a um guerreiro a oportunidade de brandir uma espada.

— E como é que eles treinam?

— Ah! — disse ele, percebendo o que ela queria dizer. Como podia ele negar essa oportunidade a um Visya, se ele não detinha poderes? Instalou-se no banco que estava encostado à parede mais afastada, esticando as pernas.

— Fui bem ensinado sobre os poderes. Se quero liderar, tenho de estar familiarizado com as armas que temos no nosso arsenal. Acho que não deve ser muito diferente da vossa general, a aprender os pontos mais fortes e mais fracos dos humanos que ela treina.

Aya ficou tensa quando ele mencionou a general da rainha, e Aidon estremeceu. Tinha-se esquecido que essa mulher tinha caído em desgraça.

— Além disso — prosseguiu rapidamente —, se temos de treinar com os poderes existe um tónico que os Visya podem tomar, para os ajudar a controlar os poderes até que encontremos a nossa coesão enquanto unidade.

O olhar de Aya fixou-se nele e fechou os lábios.

— Um tónico?

Aidon arregalou os olhos.

— Bem, se calhar dizer isto assim pode parecer insensível, mas ninguém é obrigado...

— Não — interrompeu Aya, abanando a cabeça —, é só porque eu nunca ouvi falar de tal coisa.

Aidon esfregou a nuca.

— Isso é porque só existe aqui. Os nossos curandeiros possuem a fórmula. O meu tio espera usá-la um dia como uma vantagem no comércio.

Ele viu o sorriso que lhe perpassou pela cara.

— Pondo isso de lado — prosseguiu —, tenho confiança que chegue nas minhas capacidades para me aguentar contra ti. Então, vais deixar-me ver se toda a conversa corresponde à realidade? — Levantou-se e esticou-se, evitando sorrir ao observar mais uma vez o brilho nos olhos de Aya. O rosto dela corou, ao ver a prateleira das espadas.

— Se insistes...

Ele não estava a brincar, pensou Aya. Aidon não precisava dos poderes dos Visya para ser um adversário mortal. Era bastante evidente porque ele era o general das forças do tio. Sabia como estar num campo de batalha e lutava com uma técnica que rivalizava com as dos melhores Dyminara.

Aidon sorria enquanto lutavam, e o clamor das espadas era o único barulho que se ouvia, além da respiração irregular de ambos. Ele era ligeiro e gracioso, rápido e feroz, e ela só conseguia bloquear-lhe os golpes, continuar a mexer-se, a tentar evitar os seus ataques, rápidos como relâmpagos.

Muito tempo. Tinha passado muito tempo desde a última vez que tinha treinado. E Aidon não estava a apertar com ela. Ela sabia que ele podia ver os momentos em que ela estremecia, ao sentir a picada no seu flanco, podia sentir a maneira como a lâmina, que tantas vezes não fora mais do que o prolongamento do seu braço, lhe pesava agora na mão.

— Não facilite comigo — tinha-lhe ela ordenado, através da respiração ofegante, ao chocarem mais uma vez com as espadas a retinir. As últimas três semanas começavam a cobrar o seu tributo. O trabalho de pés de Aya era mais lento, e a cada passo parecia que estava a atravessar um lamaçal.

— Vamos fazer uma pausa — disse ele, deixando cair a espada para um lado —, estou exausto.

Era mentira, mas... estava fraca. Ela tinha-se deixado enfraquecer. Afastou-se, a arfar, e assentiu. Tinha o corpo encharcado de suor e o cabelo estava agarrado ao pescoço. Aidon arrumou as espadas, com os músculos das costas a contraírem-se. Ela mexeu o pulso para um lado e para o outro, estremecendo ligeiramente ao sentir como estava dorido.

Aidon franziu a testa quando viu aquele movimento, dando passos largos até ela, e pegou-lhe no braço com suavidade, puxando-a para si a fim de lhe examinar o pulso.

— Estás ferida?

— Foi há muito tempo. Parti-o, e quando fui a uma curandeira não tinha recuperado como devia ser. Ela teve de o partir outra vez. Às vezes ainda dói.

Aidon passou o polegar pelo lado de dentro do pulso dela, com os olhos calorosos ao encontrarem os dela. O seu aroma a brasas na brisa do mar afagou-a, e o calor irradiava dele ao acariciar-lhe a pele. Algo se enrolou dentro do estômago de Aya quando ela sentiu aquele toque.

— Parece ter sido uma ferida e tanto.

Aya engoliu em seco.

— São as feridas internas aquelas com que mais me preocupo — confessou, e as palavras saíram-lhe dos lábios antes que as pudesse travar. Não tinha a certeza de por que motivo as dissera. Talvez devido ao que ele mesmo tinha confessado sobre Dominic. Talvez porque ela precisasse que ele confiasse nela. Talvez porque ela precisasse de alguém que ouvisse aquilo.

Ele aproximou-se mais dela, roçando com o seu peito no dela.

— E o que é que ajuda nessas feridas?

Uma vez mais, ela foi assaltada por aquela sensação de que havia *algo* nele. Ele era belo, todos viam isso. E era um namoradeiro, ainda que pudesse dizer a mesma coisa sobre ela, ou assim pensava. Mas havia algo que a atraía — que fazia com que a sua pulsação se agitasse ao olharem um para o outro.

— Isto — arfou ela, percorrendo com os olhos os traços do seu rosto.

Aidon sorriu e Aya aclarou a voz. — O treino — explicou, tirando suavemente a mão da dele. Pôs um bocado de cabelo para trás da orelha e recuou um passo.

Muito próximos. Tinham ficado demasiadamente próximos. E, no entanto, deu por si novamente a partilhar algo mais do seu íntimo. — Não posso estar sempre calma. É como se houvesse sempre esta energia permanente a tentar sair de mim. Não é apenas o meu poder, é a minha mente. Os meus pensamentos voam e eu só... — Divagou, apanhando uma sujidade na roupa. — O treino acalma-me. Ajuda-me a sentir que tenho controlo.

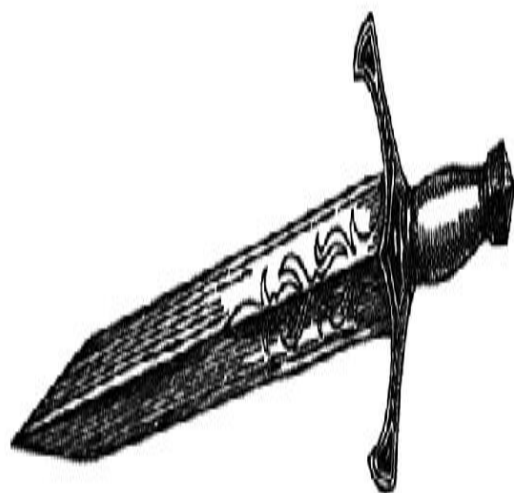
O príncipe manteve os olhos nela, com o rosto aberto e acolhedor.

— Pareces sempre tão controlada...

Aya cerrou os lábios, numa concordância cinzenta.

— Tem de ser.

E o modo como ele olhava para ela... fazia parecer que compreendia.



W

ill estava sentado numa das cadeiras de ferro do seu terraço, a ver o nascer do Sol, com um copo de água na mão. Tinha encontrado um curandeiro no dia anterior, fora do palácio, alguém que não queria saber quem ele era nem porque tinha a pele empolada e queimada.

As queimaduras tinham desaparecido, mas sentia uma comichão terrível nas palmas das mãos.

Não esperara que a pesquisa de Aya fosse fácil, mas não tinha pensado que ela se tornasse numa tocha viva.

Acho que ambos temos os nossos segredos.

Só que não se tinha avançado nada.

Uma batida na porta interrompeu-lhe o sossego. *Por favor, deuses, deixem-me em paz.*

O criado Sion entrou, tinha o cabelo loiro preso num rabo-de-cavalo e a pele bronzeada consumida pelo sol. Era ele que servia Will sempre que estava em Rinnia. Will não conseguia perceber quem gostava menos dessa situação, se ele ou o criado.

— Príncipe — saudou-o Sion, fazendo-lhe uma vénia de forma mecânica, antes de se dirigir ao armário encostado à parede mais distante.

— Será que vale a pena lembrar que sou capaz de me vestir sozinho? — dirigiu-se Will ao serviçal, afundando-se ainda mais na cadeira.

— Receio que não, príncipe.

Will nem se incomodou em chamar-lhe a atenção para aquela forma de tratamento. A corte de Tahir tinha sempre dito que era um sinal de respeito — e era algo que Gianna tinha começado, anos antes. Era graças a ela que tal tratamento o acompanhava para toda a parte, e não apenas em Tala. Era graças a ela que as pessoas tremiam na presença dele. E supunha que era graças a ela que as pessoas o tratavam com um pouco de respeito. Muitos não viam com bons olhos que o filho de Gale fosse tão respeitado no Conselho.

— Eles não se atreverão a gozar contigo quando eu te der o que pretendo dar — tinha-lhe prometido Gianna. E tinha cumprido.

Will observava os movimentos ondulantes do mar, e um pensamento espontâneo passou-lhe pela mente, cheio de tanto desejo que ele tentou imediatamente livrar-se dele.

Tinha esperança em que, um dia, aquele epíteto desaparecesse e que conseguisse o respeito das pessoas, não devido ao medo mas à verdade.

Esperava que um dia o seu nome fosse suficiente.

Que *ele* próprio fosse suficiente.

Apertou mais o copo que segurava. Não se podia dar ao luxo de ter tais esperanças. Nem tinha tempo para isso.

— Preparo-vos um banho? — questionou Sion desde a sala de estar.

— Não. Tenho de sair.

Will ficou surpreso ao saber que Dominic não fizera questão de se encontrar com ele na sala do trono. Parecia que era a escolha óbvia, dada a sua costureira pompa e circunstância. Mas, em vez disso, um serviçal levou-o, e a Aya, ao gabinete particular do rei; uma sala circular, cheia de estantes à volta, que terminava em dois altos janelões com cortinados carmesins. Em frente deles estava uma elaborada mesa de trabalho de madeira, e atrás dela estava sentado Dominic. Zuri estava por trás dele, com as mãos nas costas.

Aya ainda estava abalada e pálida, como se os efeitos que o treino com Natali lhe tinham provocado, no dia anterior, não tivessem desaparecido totalmente. Mas, pensou Will, era assim que ela parecia sempre, nestes últimos tempos. Mal tinha comido e ele sabia que também não andava a dormir quase nada, ao ver as olheiras dela. Aya não se lhe tinha dirigido quando se encontraram no salão principal. Mas Will tinha notado que o olhar dela se pusera logo nas suas mãos, vendo a pele regenerada.

— Suponho que estejais aqui para me encorajar a ir para a guerra — começou Dominic a dizer, quando eles se sentaram em frente dele e de Zuri.

Will pôs um braço nas costas da sua cadeira.

— Com todo o respeito, majestade, a guerra está a caminho daqui, queira envolver-se nela ou não.

Dominic riu entre dentes, sombrio.

— Sempre admirei a tua audácia, mas serei claro: não vou tolerar ameaças ao meu reino.

— Não é uma ameaça, majestade — interrompeu Aya, numa voz suave mas firme. — Se Kakos for capaz de fazer renascer o Decachiré, a guerra vai chegar a todos os lugares do mundo. Pensais que eles vos pouparão à sua vingança? Trahir também participou no embargo que lhes destruiu o reino.

— Uma ação que parece não ter sido eficaz — murmurou Dominic —, se a ameaça for verdadeira. Mas ainda não me deram qualquer prova.

— O comércio ilegal feito pelos *vossos* negociantes e o Diaforaté no nosso reino devia ser prova suficiente — retorquiu Will. — E os Bellare parecem estar perturbados por causa de alguma coisa.

Dominic não mordeu o isco.

— Ah, mas, ainda assim, esse Diaforaté não tinha dominado totalmente o poder em bruto, pois não? Vocês sobreviveram ao ataque. — Pelo canto do

olho, Will viu a mão de Aya ficar tensa, pousada no braço da cadeira. Dominic sorriu e prosseguiu. — E ainda há muita coisa que nós não sabemos sobre as experiências em Kakos. É uma pena que o Diaforaté tenha morrido durante o interrogatório.

Will pestanejou — o seu único sinal de surpresa.

Dominic acrescentou:

— Não sabiam? Gianna referia isso na carta que me enviou sobre a vossa missão — disse, fazendo um aceno de cabeça na direção de Aya. O rei tirou de uma gaveta um pergaminho marcado com o selo real de Tala e aclarou a voz. — «Soubemos que os Diaforaté estão a tentar obter poder em bruto, retirando os poderes de outros Visya.»

Novamente, pelo canto do olho, Will viu como Aya ficava tensa.

— Como? — perguntou ela.

Dominic levantou um dedo, continuando:

— «Foi a última coisa que confessou, antes de sucumbir às suas sensações durante o interrogatório» — leu. — «Peço-vos, Dominic, que penseis naquilo que está em jogo, se ele não for o único. As vossas forças serão essenciais para ajudar a nossa causa...»

Will lutou contra a vontade de ranger os dentes, irritado.

Zuri observava-o com atenção, com o sobrolho franzido.

— Pareceis surpreendido com esta carta, Justiceiro — disse. — Não sabíeis da morte dele?

Will fitou-a, tentando relaxar ao afundar-se mais no seu assento.

— O dever da minha rainha não é ser minha mensageira, senhora Zuri.

Estava furioso, claro está.

A sacerdotisa tinha dito que o homem estava enfraquecido devido a ter lidado com poder obscuro. E outros já tinham sucumbido antes devido a interrogatórios. Mas dar tamanho passo em falso...

E Gianna tinha-lhe dito para demorar o tempo que fosse preciso, para apresentar as preocupações de Tala devagar... e já tinha pedido a ajuda de Dominic. Ela estava a destruir a sua capacidade de estabelecer laços de confiança com esta corte; estava a criar ainda mais obstáculos, que ele teria de ultrapassar. E, a julgar pelo sorriso de autossatisfação na cara de Dominic, o rei sabia disso. Estava a adorar partilhar as suas novidades — recordando a Will que, apesar de o título de «príncipe» o acompanhar para todo o lado, ele não era mais do que um criado, que seguia as ordens da sua rainha.

— Acho estranho, majestade, que questioneis tantas vezes a palavra do vosso aliado — observou Aya, com a cabeça inclinada ao olhar para Dominic. — Dissemos-vos que Kakos está a preparar as suas forças. Tivemos provas de que há poder obscuro infiltrado no nosso reino. A sua heresia cresce, e, ainda

assim, perguntais se a ameaça é autêntica.

— Pergunto — rosnou o rei — porque me pedis que os *meus* exércitos se envolvam. Podemos ser aliados, mas isso não vos dá o direito de nos pedir ajuda para todo e qualquer problema que aflija o vosso reino. A *vossa* general não estava em conluio com os hereges? Quem me garante que *vocês* não implicaram os nossos comerciantes, para nos empurrarem para a guerra?

O maxilar de Will estremeceu, lutando para conter a frustração.

— Se pensarmos nos problemas que isso causou entre nós e o vosso Conselho, majestade, realmente isso foi um péssimo plano.

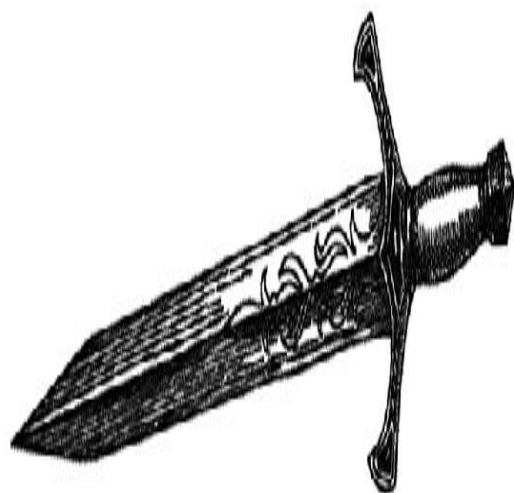
Dominic não cedeu.

— Ainda assim, isso tudo parece não ser mais do que uma escaramuça no vosso continente, com Tala no meio de tudo e com insubordinação nas vossas fileiras. Nós não *vos* pedimos para intervir contra os Bellare.

— Então não falemos em hipóteses — atalhou Will, inclinando-se para apoiar os braços nos joelhos. — A que ponto é preciso que a situação chegue, para que os vossos exércitos intervenham?

— Até que eu saiba, com segurança, de que se trata de uma ameaça séria para o meu povo, e não de um mero incidente, não vos garantirei ajuda, príncipe — respondeu-lhe Dominic.

Muito bem. Will pensou que era só uma questão de tempo até que Dominic obtivesse exatamente aquilo que pedia.



Aya quase tinha de correr para acompanhar o passo rápido de Will, quando deixaram o gabinete do rei. Will estava furo, isso era evidente. Não se tinha dado ao trabalho de esconder a surpresa ao ouvir a carta de Gianna, tal como agora não escondia que estava furioso.

Chegou ao pátio numa passada impressionante, com os olhos fixos nos portões do palácio.

— Onde vais? — perguntou-lhe Aya.

— Sair. — Ele nem olhou para ela. Talvez esperasse que o seu humor taciturno a afugentasse. Mas Aya não se impressionou. Seguiu-o apenas, acenando com a cabeça aos guardas quando começaram a descer o caminho para a cidade.

— Tu contavas com isto — lembrou-lhe Aya. — Tu sabias que Dominic não se envolveria com um acordo formal.

Will atirou-lhe um olhar tenso.

— Mas isso não o torna menos frustrante. — Passou uma mão pelo cabelo, respirando fundo. — Ao contrário do que me possas acusar, não gosto da ideia de que milhares de pessoas morram por causa desta guerra.

Ela abriu a boca para o corrigir, mas não conseguiu. Que desculpas poderia dar? Era exatamente aquilo que ela tinha sugerido, quando o acusou de estar em conluio com Kakos.

— Porque foi que ela pressionou Dominic na carta? — perguntou. — Não és tu que deves cuidar de tudo, para que Tahir se alie a nós? Ela disse-te para teres paciência.

Will riu, de forma vazia e em surdina, voltando-se para olhar para ela com um sorriso de escárnio.

— Isso admira-te, não é? A nossa rainha sabe que as atividades de Kakos são uma ameaça, não somente para o nosso reino como para os próprios deuses. Ela não deixa nada ao acaso.

No entanto, era revelador que Gianna não confiasse em Will para garantir a aliança, sem que ela mesma se envolvesse no assunto, sobretudo se se pensasse na maneira como ela o mantinha sempre a par de tudo. O Segundo da rainha tinha sido sempre o seu confidente mais próximo, ou assim parecia; tinha sempre pensado que era porque a rainha tinha uma confiança implícita nele.

Will virou-se, agarrando o corrimão enferrujado que corria ao longo da borda do penhasco, franzindo a testa ao olhar para o mar.

— Gianna é ambiciosa e altamente desconfiada — murmurou por fim,

absorto nos seus pensamentos.

— Mas tu és o seu Segundo — atalhou Aya — e...

O alegado amante dela.

Os olhos de Will estavam sombrios ao fitá-la.

— Tu e eu sabemos bem que nada fica no caminho de Gianna quando ela decide que quer alguma coisa.

Aquelas palavras soaram pesadamente entre eles. A perturbação inundou o estômago de Aya e Will virou-se de novo para o oceano, apertando outra vez o corrimão. Mas antes que ela pudesse falar, ele voltou a meter-se caminho abaixo.

— Acho que já tive interrogatórios que cheguem hoje — murmurou Will —, vou para a taberna. Dizia-te para vires comigo, mas sei como adoras a minha companhia.

Aya revirou os olhos. Ainda nem era meio-dia.

— Tens formas tão produtivas para lidar com a desilusão...

Will olhou-a, de rosto fechado.

— Kakos está a absorver poderes dos Visya. A seguir vão experimentar com humanos. Um ataque deve estar para breve. Estamos à beira da guerra, a negociar uma aliança com um rei que só olha para o seu umbigo, e tudo isto ao mesmo tempo que Gianna dá cabo dos nossos esforços em nome daqueles mesmos deuses que procuramos proteger, tentando deter esta ameaça — rosnou. — A nossa fonte mais importante morreu. Por isso, lido com a minha desilusão como bem entender. — Meteu-se pelo caminho com as mãos nos bolsos e de ombros encolhidos.

— Devias ter cuidado — berrou-lhe Aya. — A mulher de quem fazes pouco é a nossa rainha.

Ele não se virou para trás.

— Até eu, Aya, não seria estúpido ao ponto de fazer pouco da nossa rainha.

Um mentiroso, disse Aya para si mesma, ao vê-lo desaparecer na curva. Will era um mestre da mentira; quase tão bom quanto ela própria.

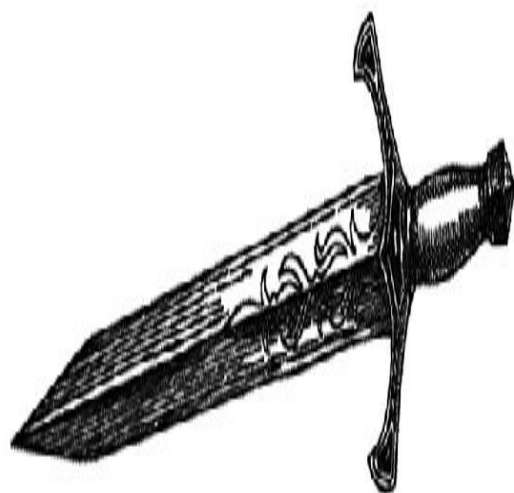
Mas esse pensamento era vazio.

Aya tinha sido treinada para confiar na sua intuição. Para pôr em causa aquilo que parecia lógico e exetável. Para ver totalmente. E o que via ela nele?

A frustração dele não era fingida. Com o Conselho, com Dominic e com Gianna.

Nem era ocioso. Will queria tanto obter respostas como ela.

E Aya não sabia em que situação é que isso a deixava.



Will fechou os olhos e encostou a cabeça às pedras frescas da muralha que dava para o mar. Agradeceu em silêncio aos deuses, quaisquer que eles fossem, que lhe tinham mostrado aquele lugar à sombra. O tempo estava sufocante, e ele sentia que estava prestes a rebentar, e que a dor de cabeça que sentia se tornava mais aguda e persistente.

Devia ter ido para uma taberna, como tinha dito a Aya que faria. Era um idiota por estar ali, à procura daquela ajuda. Mas estava desesperado.

Talvez pegasse em Aya e deixasse aquela porcaria de cidade sem dizer nada. Ele ajudá-la-ia a compreender o seu poder de alguma outra forma, e Gianna... bem, ele teria de arranjar uma forma de lidar com a rainha, fosse como fosse.

Não tinha planos para voltar para Tala.

— Pareces um farrapo — disse-lhe uma voz vinda das sombras.

Will suspirou pesadamente, gozando aquele momento de sombra bem-vinda, antes de se virar para olhar para a silhueta alta de pele morena e sedoso cabelo cor de carvão. Apesar do sorriso tímido que lhe retorcia os lábios, os seus olhos escondidos mostravam cautela ao fixarem-se em Will.

— Ryker — disse Will, saudando o rapaz.

Mas já não era um rapaz, como mostravam os muitos centímetros que tinha crescido nos últimos cinco anos. Não, Ryker era agora um homem. E foi uma voz de homem que falou:

— Ouvi dizer que estavas na cidade. Percebi logo que era apenas uma questão de tempo até que viesses ter com ela. Agora, porque concordou ela em ver-te, isso já me ultrapassa.

Will desencostou-se da muralha. Pelos deuses, Ryker era agora mais alto do que ele, apesar de ser três anos mais novo. E apesar de ser esguio, Will conseguia ver-lhe os músculos bem delineados quando cruzou os braços sobre o peito largo. Sempre tinha pensado que Ryker daria um bom lutador. Talvez até conseguisse entrar nos Dymnara, se admitissem humanos, e o rapaz tinha crescido em Tala. Mas Ryker tinha outras lealdades.

Pôs os olhos no bíceps de Ryker onde estava tatuada uma rosa, cujo pé aparecia a espreitar pela sua camisa. Era oficial, então. A última vez que Will vira Ryker, ele apenas andava a seguir os Bellare como um cachorrinho perdido.

— Estou a ver que ela ainda te faz andar um pouco por todo o lado — disse Will, sorrindo. O sorriso de Ryker desvaneceu-se e olhou fixamente para Will.

— Ela conta comigo para sua proteção. Já que ninguém mais se incomodou...

Calou-se, forçado por um simples gesto do poder de Will, e um grito abafado escapou-lhe da boca ao levar as mãos ao peito. Will podia não ser capaz de manipular os corpos como um Anima, mas conseguia reproduzir a sensação de ataque cardíaco quando quisesse. Não se importava muito que Ryker fosse um humano. Não quando ele podia muito bem fugir para junto da Guarda Real, nem com aquela tatuagem no seu braço — hoje não.

Os olhos de Ryker flamejaram, não de pânico mas de fúria. Definitivamente, já não era um rapaz. Will detestava ter de admitir que ficara impressionado. Mas isso não impediu a calma horrível que se lhe introduziu na voz quando disse:

— Aconselho-te a não terminares essa frase, Ryker. — Esperou até que Ryker lhe acenasse com a cabeça, tenso, para então o libertar do seu poder.

— És um merdas — silvou-lhe Ryker. Compôs o colarinho da camisa de linho, pondo-o no lugar. Will indicou a rua.

— Vamos lá tratar disto.

A casa de Lorna era uma espécie de chalé de pedra que se situava entre duas cabanas de praia em ruínas. A primeira e única vez que Will estivera ali tinha sido há cinco anos, e tinha pensado que era como uma mancha cinzenta no meio de cores brilhantes. Combinaria muito mais com as montanhas de Tala. Era surpreendente que Lorna tivesse encontrado uma casa que lhe lembrasse o seu reino natal, porque ela detestava Tala e a sua rainha.

A casa situava-se numa rua que ficava a alguns quarteirões de distância do barulho e do movimento da rua principal de Rinnia, e ainda que aqui não se ouvisse o oceano havia areia a cobrir as pedras.

Will fixou o olhar na leve porta de madeira, gasta pelo sal da atmosfera. Ryker não se incomodou em dizer-lhe adeus e foi embora rua abaixo, provavelmente para ficar à espera nalguma taberna até que aquele encontro terminasse.

Ela é corajosa ao pensar que não precisa do seu cão de guarda.

Mal tinha batido à porta quando ela se abriu, e uma mulher baixa piscou os olhos ao vê-lo. O seu rosto pálido estava exatamente igual ao que era da última vez que a tinha visto — a última vez em que ela tinha recusado dar-lhe aquilo de que ele precisava. Mas agora Will conseguia ver as marcas da idade a instalarem-se; as rugas nos cantos dos olhos azuis, os traços cinzentos no cabelo preto, comprido e ondulado.

— Lorna — saudou ele simplesmente. Ela deu um passo ao lado,

inclinando a cabeça para o convidar a entrar. Will seguiu-a para a apertada sala em forma de círculo, reparando na chaleira sobre a gasta mesa de madeira, que se encontrava frente a uma lareira que, provavelmente, nunca tinha sido acesa.

Ela desapareceu na pequena cozinha, dizendo por cima do ombro:

— Fiz sandes, se tiveres fome.

— Não tenho. — Will sentou-se no sofá de pele, pondo as mãos juntas enquanto esperava. Lorna trouxe as sanduíches de qualquer forma, e serviu-lhe o chá antes de se sentar na usada poltrona de pele à sua direita.

— É bom ver-te, William. Apesar de estar surpreendida.

Ele pousou a sua chávena no tabuleiro.

— Deves saber porque estou aqui.

— Tenho alguns palpites — suspirou Lorna. — Os boatos circulam, até mesmo nesta parte da cidade. — Bebeu um grande gole do seu chá, olhando para ele. Will resistiu à tentação de baixar os olhos. — Se estás aqui para nos pedir que pressionemos o rei a entrar numa aliança convosco, então deves ter-te esquecido de que nada tenho que ver com os Bellare.

Will deu uma gargalhada. Ela talvez não tivesse, mas Ryker tinha. E ambos haviam divulgado que Lorna era como uma segunda mãe para o rapaz, depois de os pais dele terem sido mortos no mar por piratas, anos antes.

— Não me interessam os Bellare nem o que eles querem. — Se lhe interessasse, já teria interrogado Ryker sobre os atos de vandalismo. Mas, tal como Dominic dissera, aquele assunto não lhes dizia respeito e Will tinha outros problemas, mais urgentes. — Tu tens conhecimentos sobre a profecia da Segunda Santa. Preciso deles.

Porque é que Kakos ainda não a tinha localizado, isso não conseguia saber. Ela podia jurar que não tinha envolvimento algum com os Bellare, mas Will não tinha dúvidas de que eles eram os responsáveis pela sua proteção. Ou isso, ou então ela tinha realmente vivido totalmente oculta, durante todos aqueles anos.

— Bem, então temo que já saibas qual é a minha resposta.

Ele passou os dedos pelo cabelo. Era inútil. Era completamente inútil ter ido ali, e ter gasto palavras. Ainda assim, tentou ficar calmo. — Estudaste essa profecia durante anos. Sabias que a tua pesquisa seria fundamental...

— A minha pesquisa não te diz respeito. Nunca devia ter-te falado dela.

— Então porque aceitaste ver-me? — perguntou, cortante.

Ela encolheu os ombros.

— Passou muito tempo. Pensei que podíamos pôr a conversa em dia. Esperava que tivesses deixado tais ambições para trás.

Will nem escondeu o seu riso amargo.

— Estou encantado, mas se não desejas ajudar, prefiro gastar o meu tempo na Maraciana. — E quando Will mencionou as bibliotecas...

Sim. Aí estava. Incomodidade a brilhar naqueles olhos azuis.

Lorna tinha tudo para ser uma Saj da Maraciana. No entanto, recusara juntar-se a eles quando chegou a Trahir. Utilizou as bibliotecas deles e aperfeiçoou o seu poder. Mas alguma coisa a tinha impedido de se entregar completamente ao estudo dos poderes.

Talvez houvesse mais de Tala nela do que aquilo que ela admitia.

A voz dela saiu-lhe sem emoção, quando disse:

— Até mesmo os Saj da Maraciana têm limites.

— O que queres, Lorna? O que é preciso fazer para que me dês aquilo de que preciso?

O rosto dela ficou sério e fitou Will durante um longo momento, cerrando os lábios. Por fim, pousou a chávina.

— Nada. Não há nada que me possas dar que me faça mudar de ideias.

— Pareces esquecer-te de que tenho outras formas de obter o que quero. — Ele não era o rapaz que fora há cinco anos. Ela tinha-se encarregado disso.

— Ouvi dizer que construístes uma certa reputação, desde a última vez que te vi. O Príncipe Negro de Dunmeaden. — Ela observou-o com um olhar analítico. — Dizem também que não és apenas o segundo na cadeia de comando, mas que és um amigo pessoal, muito próximo, de Gianna.

A voz de Will saiu como um rosnado, ao levantar-se.

— *Tu não me falas sobre Gianna.*

Lorna pestanejou apenas.

— Perdão, príncipe — sussurrou.

A porta abriu-se repentinamente e Ryker olhou para ambos.

— Eu disse-te que devia ter ficado — resmungou.

Lorna sorriu para o rapaz.

— O príncipe estava apenas a mostrar o seu desagrado sobre as minhas lealdades, filho.

Will sentia a mandíbula a doer de tensão, e rangia os dentes com tanta força que pensou que se iam partir. De mais — aquilo era de mais.

— Um dia, Lorna, vais ter de encontrar uma forma de viver contigo mesma. Os deuses sabem que terás muito tempo para a arranjar, quando estiveres nos sete infernos.

Will tinha quase chegado ao seu quarto quando Aya o intercetou no corredor, com Aidon a segui-la, saindo do quarto dela, com um baralho de cartas na mão. O príncipe deu-lhe as boas-noites, com um sorriso malandro nos lábios,

acenando a Will com a cabeça antes de os deixar.

— A tua ausência foi notada ao jantar — disse Aya.

Ele não queria saber. Esta corte — não, esta cidade — podia arder nos infernos. Não lhe respondeu, mas o silêncio não a impediu de o seguir até à porta do quarto dele. Will contou em silêncio até dez.

Uma noite de paz. Era tudo o que queria.

Pegou no puxador de bronze da sua porta, mas Aya foi atrás dele e fechou-a.

— Onde estiveste? E não digas que foi na taberna, porque não noto nem um bocadinho de álcool em ti.

— Não sabia que tinha de te dizer por onde ando.

— Tens, quando me perguntam onde estás. O Aidon...

— O Aidon que trate da vida dele — interrompeu-a Will, voltando-se para a fitar. O nome do príncipe atiçava-lhe a irritação que sentia. — Vocês os dois parecem estar muito confortáveis, um ao pé do outro — atirou, indicando o quarto dela com o queixo.

Aya corou com a insinuação, franzindo o sobrolho ao olhar para ele.

— Eras tu quem queria informações sobre a corte. Tu é que me incitaste a aproximar-me dele para que conseguíssemos esta aliança. Não me pareceu que tivesses sido capaz de o fazer com Dominic, hoje de manhã.

A fúria de Will aumentava claramente, como uma grande vaga de mar.

— Bom, não me lembro de te ter pedido para o foderes...

Uma rajada de vento, forte como uma muralha, atirou-o com as costas contra a porta, fazendo com que balançasse nos gonzos. Os olhos de Aya estavam iluminados de raiva e ela deu um passo na direção dele, silvando.

— Metes-me nojo.

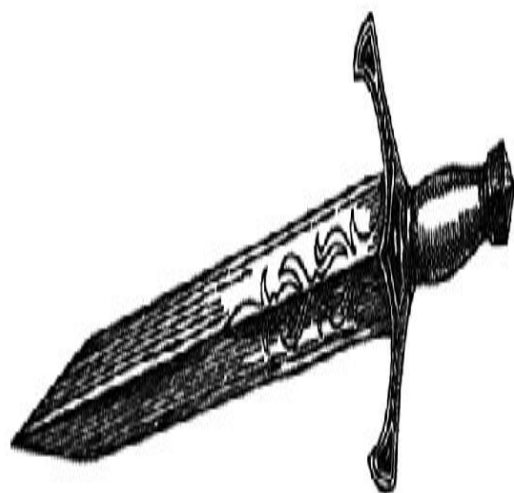
Will estremeceu, cheio de dores, conseguindo por fim soltar-se da força que o prendia à porta.

— Tinhas intenção de fazer isto?

Mas ela já estava a sair.

— Aya!

Ela meteu-se no quarto dela, batendo a porta com um estrondo que se ouviu pelo corredor.



Natali não perdeu tempo com gentilezas, quando Aya chegou à pequena sala de treino na manhã seguinte. Apenas cruzou os braços, de semblante carregado, a observá-la.

— Já estais furiosa?

Aya encolheu os ombros.

— Estou bem. A biblioteca serviu para saber como é que me tornei numa tocha viva?

— Deu-me algumas teorias. Começemos.

Aya reprimiu o incómodo e fechou os olhos, tentando encontrar equilíbrio.

Durante anos, o controlo era a única coisa que tinha impedido Aya de se desintegrar por completo. Mas agora, pouco a pouco, esse controlo escapava-lhe. Podia sentir isso no modo como o poder balançava dentro de si.

Talvez nunca tivesse tido controlo, afinal. Se o tivesse, não teria mandado Will cair, quase o matando. A melhor amiga não teria olhado para ela como se fosse um monstro. E a sua mãe...

Sabes que nunca quero deixar-te.

Aya focou-se no seu poder, invocando os seus limites.

Tinha lançado aquela rajada de vento na noite anterior, sem pensar duas vezes.

Aterrorizava-a.

Natali estava a dizer algo mas Aya não a conseguia ouvir, com o zumbido que sentia nos ouvidos, e não podia ver, com a escuridão que lhe toldava a visão. O frio percorreu-a, como se o próprio sangue se tivesse tornado gelo. Não havia nada na sua mente, a não ser a sua própria essência feroz.

É isso que dizes sempre. Mas vais-te sempre embora. És uma mentirosa.

Sentiu mãos nos ombros, abanando-a tanto que os dentes batiam.

Aya.

Aya.

— Aya! — A voz de Natali trouxe-a de volta à superfície. Aya estava no chão e sentiu os pulmões a doerem-lhe, quando a sua visão se estabilizou. Natali estava ajoelhada sobre ela, com os seus olhos cor de âmbar muito arregalados. Abanou a cabeça, sentando-se. — Eu temia isto — murmurou a Saj.

— O que aconteceu? — Aya sentia os pulmões a arder, mas a voz saiu-lhe calma e fria.

— Roubastes o ar. Eu protegi-me com o meu escudo, mas... poderíeis

asfixiar uma sala inteira, se quisésseis.

Aya rangeu os dentes ao sentir o estômago revirar-se. Ela era uma guerreira, uma arma, quando era preciso. Estava sempre disposta a fazer tudo o que fosse necessário para cumprir o juramento que tinham feito pelo seu reino e pelos deuses. Mas aquilo...

Será que ela aguentaria este nível de destruição?

Como podia aquilo ser uma dádiva dos deuses?

A visão de Aya girou, ao pôr-se em pé.

— Porque é que me sinto assim? — arfou, encostando-se à parede de pedra para não cair novamente.

— O poder em bruto pode tirar mais de vós.

Os poderes dos Visya não eram ilimitados, nem eram equiparáveis. Alguns nasciam com mais capacidades do que outros, e qualquer jovem Visya tinha de aprender a manipular com o seu poder; como encontrar os limites, as suas capacidades e alimentar o seu poder com energia. Mas, tal como todas as coisas da Natureza, havia um equilíbrio.

Um Visya que recusasse tocar no seu poder ficaria doente. Sem conseguir escapar, o poder podia acabar por consumir o seu hospedeiro. Mas para um Visya que não dominasse corretamente o seu poder, que não soubesse como o utilizar de modo equilibrado, que esvaziava a sua capacidade muito depressa, ou que ficasse demasiadamente seduzido pelos seus poderes, ou que não tivesse tempo para recuperar... os efeitos podiam ser-lhe fatais.

— Então, o que se passa, estou a chegar aos limites muito depressa? Pensei que este poder fosse quase ilimitado...!

Natali abanou a cabeça. Tirou um livrinho do bolso, abrindo-o numa página que tinha assinalado. Aya engasgou-se, ao ver um desenho grotesco de um homem cujos olhos se tinham enterrado na sua cabeça, e cuja pele se desfazia em farrapos, decadente. Parecia estar a gritar de agonia.

— Quando os praticantes do Decachiré forçaram os seus limites, o seu poder em bruto começou a devorá-los. Alimentou-se das suas capacidades, que tinham sido estendidas para lá daquilo que os deuses permitem.

Mas, se aquela imagem era verdade, então o poder não se alimentava só das suas capacidades...

— Devorava-os — arfou Aya, analisando as imagens naquela página.

Natali emitiu um som, como se estivesse em contemplação.

— Alguns dizem que os devorou até à sua essência; que eram naturalmente escuros, e que aquelas práticas os empurraram ainda mais para a escuridão, o que alimentou a sua corrupção. É o contrário dos Visya, que usam as suas capacidades corretamente. De dentro para fora. É uma ciência, um equilíbrio.

O estômago de Aya embrulhou-se, e enterrou os dedos nas palmas das mãos ao encontrar o olhar da Saj.

— É isso que sentis em mim? Escuridão?

Natali inclinou a cabeça, e os seus olhos cor de âmbar ficaram pensativos ao fitá-la.

— Os Saj da Maraciana podem identificar poderes. Podemos reconhecer a profundidade das capacidades. É claro que nunca antes sentimos poder em bruto; sois a primeira, em séculos, que exhibe tal poder.

Suspirlou, franzindo a testa ao prosseguir:

— Quando usais o vosso poder há... escuridão... que o alimenta. Uma energia que nunca senti antes. Tinha tido esperança de que fosse o Justiceiro que estivesse a afetar-vos — murmurou. — Que a escuridão dele atraísse a vossa, e afetasse, de algum modo, o vosso poder. Sois parecidos. Por isso sugeri que treinásseis sozinha.

Vai, tinha-lhe dito Will uma vez. Diz-me o monstro que eu sou, para que não tenhas de enfrentar o facto de que também és um.

— Mas Evie...

— O poder de Evie quase não tinha limites. E também não era alimentado pelas ações obscuras dos praticantes do Decachiré. A sua essência, se a ajudou a aprofundar o seu poder, era a luz. Talvez tenha sido por causa disso que ela foi capaz de brandir tanto poder. — Natali não precisava de dizer mais para que Aya soubesse o que ela estava a insinuar.

O que havia em Evie não havia nela.

Não pensaste mesmo que podias ser uma santa, pois não?

— Mas a profecia fala numa outra como ela — atalhou Aya, tentando que a voz não lhe saísse a tremer —, por isso, se não sou como Evie...

— A profecia tem muitas camadas. É complexa, e mal compreendida pelos devotos e pelos Saj, independentemente do estudo. O vosso poder está em bruto, como o de Evie, e é muito mais profundo do que aquilo que senti antes. Tudo poderia indiciar que sois vós aquela de quem a profecia fala. Mas a profecia nada diz sobre a essência de cada um, nem sobre a forma como alimentar um tal poder. E esse poder... também vos está a matar.

Aya ficou imóvel ao escutar as palavras de Natali, sentindo a pulsação a bater-lhe na garganta.

Será que os deuses escolheram mal?

— E no que é que isso me torna? Nalguma espécie da Santa Obscura?

Natali abanou a cabeça.

— Não sei.

Aya sentiu a garganta apertada, com uma súplica a formar-se sob o pânico que sentia.

— Ajudai... ajudai-me a consertar isto. De certeza que os praticantes do Decachiré encontraram algum modo de mitigar estes efeitos. Diz-se que eram mais de mil.

A Saj fechou o livro com força.

— Apesar de os Saj da Maraciana não seguirem os Costumes Antigos, há pecados sobre os quais nem sequer falamos — disse rotundamente. — Não nos preocupamos com o funcionamento dos poderes obscuros.

Os olhos de Aya estreitaram-se.

— Vós sois os Guardiães do Conhecimento. Estudastes os poderes ao longo dos séculos.

— Não vos posso treinar.

A respiração de Aya saiu-lhe em golfadas.

— Não podeis estar a falar a sério — ofegou, sentido o temor, pesado e implacável, a acumular-se-lhe nas entranhas.

— Não vos fará mal se utilizardes pequenas quantidades do poder. E o treino físico, duro e pesado, pode ajudar a anular os efeitos do poder não utilizado. Mas o poder de que necessitaríeis, para fazer alguma diferença na guerra que se aproxima, devorar-vos-ia totalmente.

— E não sabeis, apesar de tudo isso, como é que o poder da santa, à cabeça de um exército para corrigir o mal maior, tem de ser usado, pois não? — rosnou Aya. Natali não se deu ao trabalho de responder.

Aya praguejou, afastando-se da Saj, sentindo a raiva a crescer rapidamente. Voltou-se para Natali, premindo os dedos nas palmas das mãos, como se isso pudesse reter a sua fúria.

— Não poderei ajudar na guerra, se não compreender o meu poder!

— E não podereis compreender aquilo que recusais aceitar... — retorquiu Natali.

Que a morte sempre me seguiu. Que eu nunca estive cheia de luz.

— Não vos ajudarei a tornar-vos num hóspede insaciável, nem libertarei outra vaga de escuridão sobre este reino.

Não pratico o Decachiré!

A fúria de Aya pareceu acalmar-se, dando lugar ao silêncio.

Natali ergueu o sobrolho.

— Mas o vosso poder reage da mesma maneira. E os Saj da Maraciana têm limites. Não estudamos a escuridão.

As mãos de Aya baloiçaram ao abrir os punhos. O poder dela reagia da mesma forma. Porque não se alimentava apenas da sua energia. Tirava bocados dela, empurrando-a mais fundo, para uma escuridão que ela tentava desesperadamente manter trancada.

— Seria mais seguro para vós, e para o mundo, se vos mantivésseis fora

desta guerra — murmurou Natali.

— E agora? — silvou Aya. — Ignora-se a profecia porque os deuses escolheram mal? A escuridão vence de qualquer modo, é isso? Não posso ficar a assistir!...

— O vosso poder, por si só, não cumpre a profecia. Esqueceis-vos de que a Segunda Santa tem de ascender.

Mais uma não-resposta. Mais um enigma que ela não conseguia decifrar.

Mexeu no cabelo com os dedos.

— O que é que isso significa?

Ela não era diferente. Não era diferente dos Diaforaté que o mundo condenava; nem dos praticantes que haviam causado a destruição da paz, há tantos séculos.

Talvez este poder não tivesse vindo dos deuses. Talvez tivesse feito aquilo a ela própria, e tivesse, de algum modo, corrompido o seu poder, e criado... aquilo.

Porque os deuses... os deuses não a condenariam assim.

Gianna não ia aceitar aquilo. *Ela* mesma não iria aceitá-lo.

Não quando tinha estado tão perto.

Tão perto de quê?, soprou aquela voz dentro dela. *Sempre soubeste isto. Nunca serás a santa deles.*

Natali abanou a cabeça, com um olhar pesaroso no rosto, ao observá-la.

— Aquilo a que vos agarrais... vai destruir-vos — suspirou. — Podeis utilizar a biblioteca para investigar. Talvez haja informação que possa ajudar os vossos exércitos.

E foi embora.

Aya engoliu em seco, e o silêncio da sala tornou-se num rugido audível.

Pensei que o Justiceiro vos estivesse a afetar.

Não era a escuridão dele.

Era a dela.

Não é luz, aquilo que te conduz.

Será que estava mesmo surpreendida? Natali tinha dito que os praticantes do Decachiré tinham uma escuridão inerente. Talvez Aya tivesse começado a mergulhar na sua, há 13 anos.

Durante séculos, as pessoas tinham esperado por alguém que fosse como Evie. Uma Santa de Luz. E agora, o que restava...

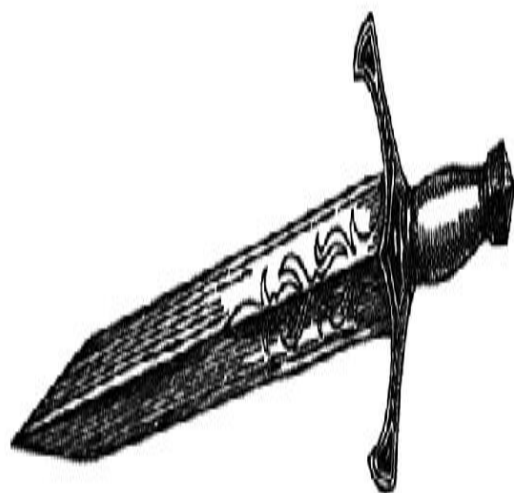
Aquilo a que vos agarrais... vai destruir-vos.

Tinha sido uma esperança.

Uma esperança que tinha entrado nela.

Uma esperança a que o povo se tinha agarrado, durante séculos.

Natali tinha razão. Aquela esperança louca iria destruí-los a todos.



Ela estava quase a rebentar. Aquele sentimento fervente e furioso dentro dela estava a crescer, pondo-lhe o sangue em ebulição até poder jurar que conseguia cheirar o fumo, e caiu de joelhos na clareira.

Morta. A sua mãe estava morta, e Aya...

Aya enroscou os braços à volta do peito, e a raiva crescia cada vez mais até que já não podia aguentar, dobrando-se e gritando, rasgando a garganta com a intensidade dos gritos.

A cabeça girava e a visão toldava-se com as lágrimas e com a névoa que a inundava, fazendo-lhe tombar de cabeça para o chão, enquanto a consciência a abandonava.

Quando acordou viu-se numa cama dura, num quarto pequeno e austero, onde nunca tinha estado. Uma mulher encontrava-se sobre ela, fitando-a com um rosto estoico.

Galda. Treinadora dos Dyminara.

Aya soltou a língua do céu da boca e engoliu em seco, sentindo o sabor a cinza quando articulou:

— Onde é que estou?

— Nos Aposentos — respondeu Galda. — Inclinou a cabeça, observando o rosto de Aya sulcado pelas lágrimas. — Encontrei-te, de cara no chão, no bosque. Tens sorte por estar viva, rapariga.

Viva.

Aya estremeceu ao ouvir a palavra, e Galda franziu mais o sobrolho.

— O que foi que aconteceu? — perguntou-lhe Aya. A última coisa de que se lembrava era de ter gritado, com raiva, e depois mais nada.

Galda agachou-se junto a ela, pondo o seu rosto ao nível do de Aya.

— Foste vencida. — Aya ia fazer mais perguntas, mas Galda levantou a mão. — És uma Persi bastante poderosa, sabias?

Aya tremeu, sentindo outra vez as lágrimas nos olhos.

Sim, ela sabia. Era uma bênção de Saudra. O que pensaria a sua deusa protetora daquilo que ela tinha feito?

Galda baixou a cabeça, para fitar o olhar de Aya.

— Mas sabes o que torna um Visya realmente poderoso?

Aya franziu a testa.

— A profundidade dos seus limites.

O riso de Galda era como gravilha a ser pisada, e os seus olhos

rebrilharam, abanando a cabeça.

— Não. — Pôs os braços na cama, a olhar para Aya. — Controlo. Os Visya mais poderosos aprendem a controlar os seus poderes e tudo aquilo que os influencia. Canalizam as suas emoções e aperfeiçoam o seu poder, tornando-o numa coisa tão afiada como uma lâmina. São os senhores do seu corpo, da sua mente e do seu espírito.

A respiração de Aya reteve-se no peito quando a treinadora a fitava, como se estivesse a ver cada pensamento dentro da cabeça dela.

— Tu, rapariga... tu podes aprender o controlo. E podes garantir que a única coisa que manda em ti és tu mesma.

Aya sentou-se, e disse em voz débil:

— Ensina-me.

Galda balançou sobre os pés, erguendo as sobrancelhas.

— Não sou uma treinadora dócil. Os métodos dificilmente são adequados a uma criança.

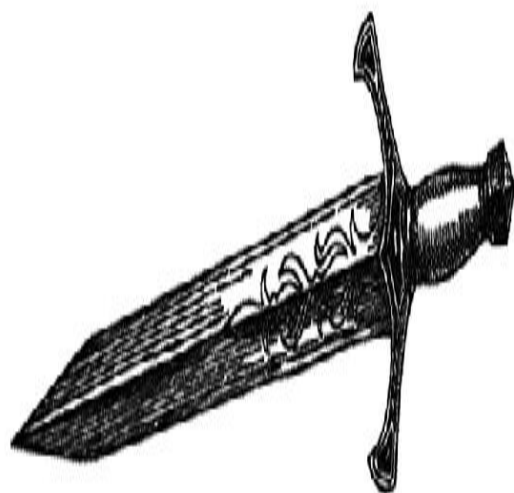
Aya pôs-se em pé, cerrando os punhos com determinação.

— Ensina-me.

A treinadora fitou-a, olhando para ela, ainda agachada, observando cada centímetro, como se estivesse a ver o que poderia trabalhar com Aya. Quase nada, numa menina de 8 anos.

Mas por fim levantou-se, fitando Aya mais uma vez.

— Começamos amanhã.



Aya ia aos tropeções pela cidade, e todo o barulho à sua volta era como um murmúrio, em pano de fundo ao zumbido que trazia na cabeça. Quase não tinha aguentado durante o jantar, no palácio, e depois...

Passar a noite no quarto, deixada sozinha com os seus pensamentos, era uma ideia que a sufocava. Por isso deu por si na zona de diversões da cidade, em ruas repletas de tabernas e bordéis de luxo. Os cidadãos de Rinnia preparavam-se para uma noite de farra, e ela esperava que o ritmo da música e a folia da embriaguez afogassem aquela voz insistente, dentro da sua cabeça — aquela que não tinha estado sossegada desde que Natali tinha confirmado tudo aquilo que Aya receava.

Ela era escuridão. Era amarga. Fria. E não traria nada, a não ser dor, àqueles que amava, como sempre fizera.

A curandeira dos seus sonhos tinha-lhe perguntado porque os seus deuses não a ajudavam. Talvez Aya tivesse agora a resposta.

Talvez sempre a tivesse tido.

Eu nunca quero deixar-te.

Aya enterrou a recordação da mãe e olhou para um edifício branco de janelas escuras. Podia ouvir a música sensual que escoava para a rua, e o ritmo constante dos tambores era quase hipnotizante.

Ela queria um escape. Queria ser outra pessoa — *outra* pessoa que não tivesse cometido os seus pecados.

A curandeira dos seus sonhos tinha-lhe perguntado porque os seus deuses não a ajudavam. Talvez tivesse finalmente a resposta.

Talvez sempre a tivesse tido.

Aya entrou na taberna.

O lugar era sedutor e escuro, decorado com cadeiras de couro escuro e com tons de castanho-escuro. A música, tocada por um grupo num recanto, inundava o espaço, lenta e alta, e ela sentia-a nos ossos. Havia ali uma energia carnal.

Aya fez sinal ao taberneiro que estava no balcão, de madeira escura. O *whisky* queimava-lhe a garganta, mas ela bebeu-o de um trago enquanto observava o lugar, e pôs os olhos num homem de cabelo escuro, com pele morena, afastado do sítio onde alguns casais se esfregavam uns nos outros a dançar. Ele passou devagar os olhos pela curta blusa que ela tinha vestida, pelo decote que mergulhava entre os seus seios e pelo tecido, que se amarrava atrás das suas costas. Ela tinha a parte inferior do tronco à mostra, e as calças de linho branco que vestia ajustavam-se às suas ancas. Os lábios do homem

desenharam um sorriso de apreciação e ele dirigiu-se a ela.

— Outro? — convidou, indicando o copo vazio. Aya inclinou a cabeça para trás, fitando aquele rosto anguloso.

— Por favor.

Aya perdera a conta ao que tinha bebido, quando ele a convenceu a dançar. Tudo o que sabia era que tinha a cabeça gostosamente vazia ao mover-se para ele, mexendo as ancas ao ritmo da música. Perdia-se no toque das mãos dele, feliz por se distrair, de que forma fosse.

— Vamos sair daqui — soprou-lhe ele na orelha, com o hálito quente a roçar-lhe o pescoço.

Seria certamente uma distração bem-vinda. Ia dizer que sim, mas uma voz cortou o ar, profunda e firme.

— Ela vai sair daqui comigo.

Aya deu um passo atrás ao ver Will surgir por trás do estranho, com as mãos nos bolsos das calças pretas. As mangas da camisa branca estavam arregaçadas até aos cotovelos e estava desabotoada até ao peito.

O homem virou-se, erguendo o sobrolho ao ver Will. O olhar dele alternava entre ele e Aya.

— Ela está contigo?

— Vai, Ryker. — A ameaça na sua voz chegou para fazer o homem ir embora.

A irritação irrompeu quando Aya viu o estranho sair.

— Obrigada por isto — resmungou zangada ao voltar-se para Will. — Acabaste de estragar uma noite perfeita. De onde é que o conheces?

Ele suspirou ao aproximar-se dela.

— É um velho conhecido. — Fitou-a, e os seus olhos cinzentos estavam apreensivos. — Fui à Maraciana para ir ter contigo depois do teu treino. Natali recusou receber-me. O que aconteceu?

A música acompanhava o bater do coração de Aya.

— Nada.

— Nada — repetiu Will ao chegar-se a ela. — Então estás só por aqui. Numa taberna, sozinha. Por nada.

— Vim aqui para dançar.

Will cerrou o maxilar e Aya julgou que os seus olhos ficaram mais escuros quando se inclinou para ela.

— Vamos, Aya.

Ela não podia. Ela não podia enfrentar esta verdade.

Engoliu em seco, sentindo o calor da sala ao pôr os olhos fixos em Will.

— Já te disse, vim aqui para dançar. — Ele reparou na inclinação teimosa do queixo dela e cerrou os lábios quando percebeu que ela não iria para lado nenhum.

Um criado passou perto deles e Will alcançou uma bebida da bandeja que ele trazia, engolindo-a de um trago.

— Ótimo — rosnou ele, ao pôr o copo na bandeja. Aproximou-se dela e colocou-lhe uma mão nas ancas. — Então, dança.

Aya não se mexeu. Will riu e ela sentiu a respiração dele a roçar-lhe nos lábios como uma carícia, os olhos a brilhar com desafio, como se a incitasse a afastar-se dele.

— A não ser que tenhas mudado de ideias.

Uma ova, ela não ia deixar que ele a fizesse sair dali.

Aya pôs-lhe uma mão por trás da cabeça, dobrando os dedos em volta da nuca de Will, sentindo o cabelo que se lhe encaracolava com o calor de Rinnia.

Sois parecidos.

Ela afastou o pensamento e moveu as ancas, num movimento sensual e lento, ao ritmo da música. Os olhos de Will flamejaram, e o seu corpo ficou tenso à medida que ela roçava nele.

— Aya...

— Estás a mudar de ideias, William? — provocou ela, passando-lhe a mão no peito e esfregando as ancas contra ele. A mão de Will subiu pelo braço dela acima, como se fosse afastar-lhe a mão que ela tinha na sua nuca. Mas parou, aliviando a expressão ao sentir de novo as ancas dela, e os seios de Aya pressionando contra o seu peito quando ela respirava. — É de mais para ti?

Ela tinha esperado que ele se afastasse. Que desistisse e fosse embora.

Mas ele inclinou a cabeça para a dela, falando em voz baixa.

— Nada em ti é de mais para mim.

Talvez tenha sido da bebida, mas a pele dela queimava quando ele passou a mão da anca para a cintura dela, passando os dedos na sua pele nua, ao apertá-la contra ele. Will começou a mover-se, balançando o corpo contra o dela, e a música continuava num ritmo sedutor.

Aya apertou mais a nuca de Will ao sentir as mãos dele novamente a pressionar-lhe as ancas, puxando-a mais para si.

Ela estava habituada a lutar contra ele, mas isto... era um tipo completamente novo de combate. Will baixou a cabeça, roçando o nariz no pescoço dela e pousando a mão outra vez na pele nua das costas. Ela estremeceu ao seu toque, sentindo o corpo arder como a chama que a devorara na sala de treino.

Estava a entregar-se totalmente, o seu corpo fundia-se com o dele e ela percorria as suaves madeixas do cabelo de Will com os dedos.

— Deuses — murmurou Will, quando ela pressionou o corpo contra o dele. Ela sentia cada centímetro da sua excitação. E apesar de ter dito a si própria que o odiava, o seu corpo soltou-se com o desejo, sentindo o seu âmag pulsar quando ele se encostava a ela.

Os lábios dele tocaram-lhe ao de leve no pescoço, e ela... inclinou a cabeça sem pensar duas vezes, convidando-o a tocar mais. O riso abafado de Will estremecia contra a sua garganta.

— Do que é que precisas, Aya, amorzinho? — O hálito dele na sua orelha fê-la arrepiar-se. Aya tinha o sangue a ferver e a sua mente rodopiava, com luxúria, desejo e álcool. Ela precisava de se libertar, precisava de esquecer.

Voltou-se, ainda segura por ele, pressionando as ancas contra ele, e sentiu-lhe a rigidez a tocar no seu âmag, enviando ondas de prazer que a percorreram. Will soltou um gemido, mexendo-lhe no cabelo com a mão e agarrando-lhe na nuca.

— Isto vai ficar mais intenso muito depressa, se não paras com isto — disse-lhe ele com firmeza.

— Não me importo. — As palavras saíram num sopro ofegante, e os seus movimentos ficavam mais rápidos, ao ritmo da música. Mas algo neles tinha feito Will ficar mais tenso, cerrando os dedos na anca dela, ao afastar Aya com suavidade.

— Espera. — A respiração dele era irregular e os olhos estavam cheios de luz e espantados, como se não conseguisse perceber como tinham chegado àquele ponto. Mantinha os dedos no cabelo dela e o polegar na sua nuca. Mas a testa franziu-se quando se fixou no rosto de Aya. — O que aconteceu?

Era ridícula, a facilidade como ele a lia, e como ela ficava furiosa com isso. A visão de Aya toldou-se quando olhou para ele, arfando.

Soltou-se-lhe das mãos.

— Queres saber o que me disse a Natali? — arfou, com aquele velho instinto agressivo a surgir. — Pelos vistos, sou tão obscura como tu. — Soltou uma gargalhada, estridente e amarga. — Ou pior, se é que consegues acreditar.

Percorreu-o com o olhar, observando o rubor na pele dele, e os sulcos que os seus próprios dedos lhe tinham feito no cabelo.

— Talvez isso explique isto — disse, mais para si mesma.

Porque a atração que existia... ela nunca fora capaz de a ignorar totalmente. Mesmo quando o tinha obrigado a atirar-se da muralha. Mesmo quando tinha querido matá-lo por aquilo que ele tinha feito a Tova.

— Então? Anda lá — provocou Aya, volteando, de braços abertos. —

Não sou a arma perfeita para Kakos? Não me devias levar para o Reino do Sul?

Ela não acreditava naquelas acusações, mesmo se as lançava naquele momento.

Desde há semanas que tinha sido obrigada a enfrentar, lentamente, uma verdade que crescera paulatinamente desde que o tinha atacado durante a viagem.

Se Will simpatizava com a causa de Kakos, ele não se importaria com nada. Não andaria a debater vigorosamente com o Conselho, como fazia, não ficaria furioso com a recusa de Dominic em levar a sério a ameaça.

Ele tivera razão, naquele dia, no camarote do navio: ela tinha deixado que o ódio lhe toldasse o discernimento. Tinha sido levada pelo desespero de evitar os seus demónios; o próprio destino.

Foi muito mais fácil pensar que Will era culpado, centrar-se mais nos erros dele do que nos seus.

Era isso que ela fazia há anos.

A testa de Will enrugou-se ainda mais, ao dar um passo atrás, e algo mudou nos seus olhos. Havia raiva neles. Mas sob ela...

Mágoa.

Will parecia magoado.

Meteu as mãos nos bolsos, com os ombros tensos, e disse em voz baixa:

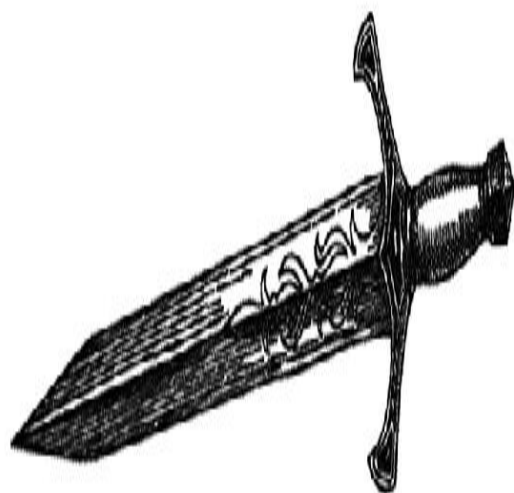
— Consegues ser uma grande cabra quando queres, sabias?

Ela sabia.

Will desapareceu por entre a multidão e Aya não conseguiu definir a emoção que lhe agitava as entranhas quando o viu partir. Só conseguiu fazê-lo horas mais tarde, quando estava deitada na cama, acordada, pois a sua mente recusava descansar.

Vergonha. Tinha sido isso que sentira com as palavras dele.

Tinha sido vergonha.



Aidon conseguia ver que Aya estava ausente. Estava com ela na sala de treino e as espadas entrechocavam, naquela manhã cedo.

Parecia que tinha atravessado os infernos, tinha papos sob os olhos, que eram de um azul-pálido à luz do amanhecer. Ele tinha tentado falar com ela sobre o que a afligia, mas Aya tinha apenas pegado na espada e dito para começarem.

Era uma ferida da alma, então.

Aidon grunhiu quando a lâmina dela chocou com a dele, e sentiu o impacto pelo braço acima. Ela lutava com uma vontade que ele ainda não lhe tinha visto. Ripostou, conseguindo afastar a lâmina dela e dirigindo-se ao seu lado mais exposto.

Mas Aya girou:

— Foda-se! — gritou, levando a mão à bochecha.

— Merda — silvou Aidon, deixando cair a espada. O sangue cobria os dedos de Aya, e tinha um longo corte que lhe subia pela face, onde a tinha atingido. — Desculpa, peço-te muita desculpa. — Pegou num trapo que estava no banco de madeira e pressionou-o contra a cara dela. — Não esperava que te virasses assim de repente. — Era um erro de amor, de facto. Um erro que um Dyminara experiente nunca cometeria. Aquilo que ela trazia na cabeça absorvia-a totalmente. — Peço-te muita desculpa — repetiu.

Aya pressionou o pano e respirou fundo.

— A culpa não é tua. Podia ter defendido o teu ataque facilmente, mas estou lenta.

Aidon baixou a cabeça, pondo os dedos no pulso dela, observando-a.

— Estás mesmo bem? — E não falava só da ferida.

— Se pensas que esta é a pior ferida que fiz enquanto treinava, estás a insultar-me. — Ele olhou para o pano e para o sangue.

— Vou levar-te aos curandeiros.

Ela não queria, mas Aidon insistiu e ela cedeu.

Apertou mais uma vez o trapo contra a bochecha, estremecendo ao de leve.

— Temo que todo este tratamento de realeza me tenha tornado preguiçosa — suspirou.

O riso que Aidon lhe deu em resposta inundou a sala.

— Eu ponho-te em forma outra vez — disse, ao ir pendurar as espadas. Ela sorriu, com uma expressão que não combinava com o olhar.

— Estou a contar com isso.

Aidon estacou junto à prateleira das armas, fitando-a. Ela ainda tinha aquela aparência cautelosa, aquele vazio que lhe enevoava os olhos.

— Deixa-me compensar-te por isto.

Ela ergueu o sobrolho.

— Jantar, esta noite. Como desculpa.

Os olhos dela passaram pelo rosto dele, mexendo levemente os lábios ao analisá-lo.

— Como desculpa... — repetiu Aya, com uma pergunta qualquer oculta sob as palavras. Aidon aproximou-se e passou o polegar junto ao corte no rosto dela, e sentiu aquela pele suave e quente.

— Talvez isso seja apenas um pretexto — admitiu em voz baixa, vendo os olhos azuis dela à procura dos seus.

Ela respirou profundamente.

— Eu ia adorar.

O treino com Aidon tinha-a ajudado um pouco, mas a mente de Aya ainda estava agitada. Depois de ter visto um curandeiro, meteu-se pelos sinuosos caminhos dos penhascos, e os músculos doíam-lhe ao correr, por causa daquele esforço, e a cabeça ainda latejava devido à bebida que ingerira na noite anterior.

Nem sinal de Will, nesse dia. Sentia alívio por isso, e sabia que essa sensação fazia dela uma cobarde.

O corpo gritava em protesto, a cada passo que dava, mas não ousava parar. O esforço acalmava-a, clareava-lhe a mente e domava os seus poderes. Correu até não poder dar mais um passo, com as pernas a tremer. Só então é que voltou para o palácio. Conseguiu encontrar um lugar calmo num dos terraços inferiores, antes de cair de joelhos, pressionando a cabeça contra a pedra fria da balaustrada e tentando respirar fundo.

— Devo mandar chamar alguém, ou estás só a fazer uma pausa?

Aya ergueu a cabeça e viu Josie a sorrir-lhe, usando um vestido amarelo comprido, de tecido vaporoso, que esvoaçava com a brisa marinha.

Sorriu-lhe de volta, debilmente.

— Estou a apreciar a paisagem.

A princesa deu uma gargalhada.

— Diz a verdade, estás quase a vomitar as tripas no terraço preferido da minha mãe.

Um sorriso abafado saiu da boca de Aya, e agarrou na mão que Josie lhe estendia, pondo-se em pé com as pernas ainda a tremer. Josie franziu o sobrolho ao fitá-la.

— Parece tão mal como o Will, hoje de manhã — disse secamente.

Aya cerrou os lábios.

— Viste-o?

— Saiu cedo, com pressa.

Aya engoliu em seco, sentindo uma vaga de inquietação.

— Tenho a certeza de que ele recupera, seja lá do que for — disse Josie, como se estivesse a ler-lhe o pensamento. Torceu o nariz. — Além disso, se pensares ir à procura dele é melhor tomares banho antes. — Aya deu-lhe um curto empurrão e Josie protestou, sorrindo mais ao ver Aya a dirigir-se para a porta.

— Vou procurar por almoço. Queres vir? — perguntou-lhe.

Aya parou. Podia ir para fora do palácio — e para longe de Will.

— Porque não?

Já era o final da tarde quando Josie e Aya regressaram, para que Aya pudesse arranjar-se para o jantar com Aidon. Josie tinha-a convencido a experimentar o peixe frito nas docas, e, apesar de inicialmente ter ficado de pé atrás, Aya tinha-o achado delicioso. Também tinham passado pela galeria de Viviane e percorrido a praça dos artistas, detendo-se nalgumas bancas para que Josie pudesse comprar materiais. Tova teria adorado aquele lugar. O peixe, Viviane, a agitação da praça dos artistas. A amiga teria adorado cada bocadinho.

Aya, quando voltou, afundou-se no banho que preparara agarrando-se à borda da banheira com os dedos. Ainda não havia notícias de Lena e da sua busca pelo fornecedor. Cada dia desperdiçado ali significava mais um instante que Tova passava naquela maldita prisão.

Mas pelo menos... Aya já congeminara um plano.

Não era certamente o seu melhor plano, mas faria qualquer coisa. Porque precisava de voltar para casa, para a amiga. E não podia fazer isso sem perceber e dominar o que tinha dentro de si.

Este poder... empurrava Aya para aquele lugar escuro e frio de onde ela sentia que não conseguia sair. Tinha sido mais fácil fazê-lo antes do que se passara no mercado, antes da profecia. Nessa altura, aquela raiva gélida era como uma máscara — uma coisa a que ela podia recorrer quando precisasse.

Agora parecia uma segunda pele.

A sua serviçal chegou pouco depois de Aya ter saído do banho, e Josie foi atrás, com um sorriso malicioso. Foi até ao armário de Aya e abriu-o.

— Vou escolher-te a roupa — atirou.

Aya olhou para a serviçal, que tentou esconder o aborrecimento que tinha na voz, ao dizer:

— Recordei sua alteza de que, como serviçal real, o meu dever é...

— E eu recordei-te que a minha amiga vai ter um encontro com o meu irmão, por isso tenho de ser eu a arranjá-la. Já me sinto deixada de fora que chegue — acrescentou Josie, piscando o olho a Aya.

— Não é um encontro — disse Aya secamente. Josie riu. — Não é, ele só está a ser hospitaleiro.

Algo se enrolou no seu estômago quando disse aquilo. Aya sabia bem que ela e Aidon se vigiavam simplesmente um ao outro, e que Aidon iria certamente tentar obter informação sobre as atividades dela durante o jantar. Era isso o que ela faria. Mas...

Talvez o pedido de desculpa seja apenas um pretexto.

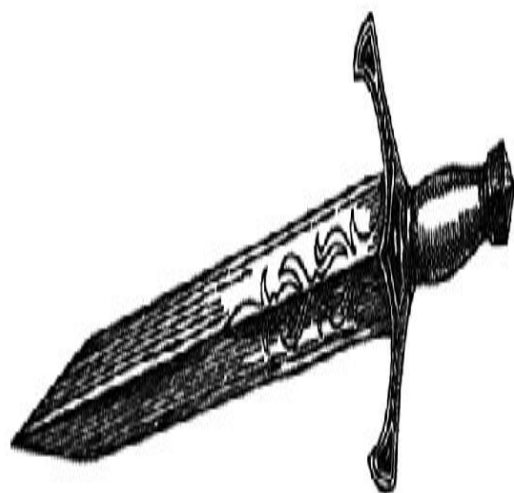
Algo mudava entre eles, esbatendo as fronteiras entre fontes de informação e amigos, e talvez até algo mais.

Josie levantou uma sobrancelha.

— O William foi convidado para este jantar hospitaleiro? — Aya cerrou os lábios e Josie sorriu, divertida.

— Vês? É um encontro.

— Vais mostrar-me quais são os planos diabólicos que tens para a minha roupa, ou tenho de me vestir sozinha?



Aidon tinha escolhido aquele restaurante à saída da Cidade Velha, porque era um sítio pequeno onde dificilmente seriam incomodados.

Ele adorava a forma como o seu povo o abordava. Mas às vezes gostava de apreciar uma refeição sem ter de estar a pousar o garfo repetidamente para saudar mais um casal, abraçar mais uma criança ou perguntar como estava mais uma mãe que se encontrava doente.

Além disso, tinha a sensação de que Aya não iria gostar de ver estranhos a aparecer junto à mesa deles sem serem anunciados, e a última coisa de que ele precisava, depois de uma longa semana, era que ela ameaçasse alguém com uma faca.

E também adorava a comida daquele sítio. Conhecia o *chef* há anos, tendo-o encontrado a primeira vez numa noite em que ele e Josie tinham sido mandados para a cama sem jantar, por se terem portado mal numa cerimónia da corte particularmente chata. Ele tinha levado a irmã para a cidade para que a choraminguice lhe parasse, e tinha descoberto aquele lugar encantador ao vaguearem pelas ruas residenciais. Desde então, fizera questão em voltar pelo menos uma vez por mês.

Aya estava sentada à frente dele, usando um vestido azul-pálido, de manga curta. As mangas tinham uma faixa branca à altura dos cotovelos, e a saia feita de seda ficava-lhe logo acima dos joelhos. O corpete tinha um decote profundo e fora apertado com uma faixa branca que fazia um laço atrás das costas. Fazia-a parecer mais suave. Ele imaginava se ela não o teria feito de propósito.

Aya olhou em volta, percorrendo com o olhar as pequenas mesas de madeira e as ásperas paredes de pedra. Ele pensava que tinha de lhe perguntar a opinião, mas ela fitou-o com um leve sorriso nos lábios.

— Adoro.

— Pensei que sim.

— O que é bom, aqui? — Ela olhou para a ementa, pondo uma madeixa do seu comprido cabelo castanho para trás de uma orelha. Ele sentiu alívio ao ver que a bochecha dela parecia lisa.

— Tudo.

Ela deu-lhe mais um raro sorriso e pôs a ementa de lado.

— Então confio em ti.

Aidon lançou-lhe um sorriso provocante.

— Algo me diz que não é comum que entregues o controlo. Devo preocupar-me?

Um sorriso calmo ergueu-se dela.

— Talvez esteja a mudar.

A maneira como ela dissera aquilo estava perpassada de pesar, mas ele sabia que não devia ir mais longe. Ainda era cedo. Talvez mais tarde ela partilhasse mais coisas com ele. Assim, fez-lhe perguntas sobre a sua casa, sobre os lendários Athatis que protegiam os Dyminara e sobre as suas tradições.

Em Trahir, as famílias já não cremavam os mortos, mas erigiam túmulos recobertos de ouro para honrar a sua memória, ao irem repousar junto dos deuses — ou, pelo menos, os mercadores mais prósperos faziam isso. Outras famílias enterravam os seus mortos em caixões de madeira. Aya quase deitara fora a bebida que tinha na boca quando ouviu isso. Em Tala, pelos vistos, a cremação era uma forma de libertar a alma, para que regressasse à terra; para que retornasse aos deuses. Dizia-se que aqueles que não eram cremados ficavam encurralados no véu, entre este mundo e o Além.

Aidon sabia que a devoção de Tala pelos deuses não tinha igual, em particular entre os Visya. Mas ver isso, testemunhar a forma como Aya falava do dever sagrado de servir os deuses e proteger os humanos...

Ele conhecia Visya suficientes em Trahir para saber que recusariam aquilo. Veriam tudo isso como subserviência. Mas não parecia que era subserviência quando Aya falava da sua devoção aos deuses e ao povo. De facto, lembrava-o de si mesmo, de certa forma. Ela era uma guerreira dedicada, cuja lealdade era algo que ele apreciaria nos seus soldados. Será que importava que ela sentisse que essa lealdade tinha sido imposta pelos deuses? A sua própria lealdade não lhe era imposta pela família? Pela sua posição e pelo nascimento?

No fim de contas, não adoravam eles os mesmos Divinos... de modo diferente?

— A tua entrega ao dever é admirável — disse ele, cuidadosamente, deixando que a seriedade que sentia lhe transparecesse no rosto. Tinham quase acabado de comer, e Aidon pousou o garfo a olhar para ela com atenção. — Mas nunca queres nada só para ti?

Talvez a questão fosse muito pessoal, tendo em conta o que estivesse a surgir entre eles. Ele nem sequer tinha a certeza do destinatário daquela questão, se ela, se ele. Talvez ambos.

O rosto de Aya estava pensativo, e passava com um dedo na borda do copo ao fitá-lo. — Irrita, não é verdade? — observou Aya, com uma voz suave como ele nunca lhe tinha ouvido.

— O quê?

— A responsabilidade.

Ela recostou-se na cadeira, com os olhos postos nele, continuando a mexer no copo.

Ele encolheu os ombros.

— É tudo o que sempre conheci.

Ela anuiu com a cabeça.

— Então, talvez saibas melhor do que eu que não vale de nada desejar algo que não se pode concretizar.

Havia um peso na voz dela que o fez inclinar-se para a frente, de sobrolho franzido, mas os lábios de Aya cerraram-se antes de lhe dar um leve sorriso, como se tivesse recuperado os sentidos.

— Desculpa. Já é pesar mais do que suficiente para uma noite.

— Então não devo perguntar-te como está a correr a tua pesquisa com os Saj?

Ela respirou fundo.

— É vagarosa — confessou. — Natali fala por enigmas constantes, e eles levam o seu tempo com tudo.

— Serão eles capazes de ajudar? — perguntou com ligeireza, intrigado. Mais uma vez, aquele olhar contemplativo possuiu-a e ela cerrou os lábios a observá-lo. A pensar no que lhe podia dizer, percebeu Aidon.

Porque, seduções à parte... ambos tinham papéis a desempenhar, deveres a cumprir.

Mas ela deve ter sentido alguma segurança no rosto dele, porque se recostou de novo na cadeira e disse:

— Não sei. O que é que alguém sabe verdadeiramente sobre o Decachiré? Aidon engasgou-se.

— A tua melhor opção seria encontrar os Vagantes, mas todos sabemos como isso acabaria. — O olhar vazio de Aya foi suficiente para o fazer dizer:

— Deves estar a brincar. Nunca ouviste falar dos Vagantes?

Os pais dele tinham-lhe contado, e a Josie, horríveis histórias para dormir que chegavam para o dissuadir de tentar descobrir e encontrar o pequeno grupo de adoradores devotos, não dos deuses mas de Evie, a Primeira Santa. Havia imensos boatos sobre eles. Dizia-se que era quase impossível encontrá-los — que tinha de se atravessar a floresta tropical de Agaré, as montanhas do Sangue Vermelho e o deserto de Preuve. E se a dura viagem não tivesse matado quem os procurava... os Vagantes fá-lo-iam. Dizia-se que eram os guardiães de uma relíquia de Evie. Disse isto tudo a Aya, vendo o modo como o seu sobrolho ficava franzido a cada palavra que pronunciava.

— O que é a relíquia?

Aidon encolheu um ombro.

— Alguns dizem que é a espada dela, a espada que os pais de Evie

usaram no horrível ritual. Outros afirmam que é um pedaço de osso dela. Nunca ninguém descobriu.

— Ninguém — disse Aya, impassível. — Parece uma história assustadora para dormir.

— Fala por ti. Eu cresci com as histórias dos Vagantes, e o simples facto de falar deles incomoda-me. — E, de facto, sentia um arrepio na espinha. — Diz-se que a sua sede de conhecimento não tem limites. Foram banidos da Maraciana há mais de um século devido à sua vontade de estudar os poderes obscuros. Diziam que isso era essencial para que pudessem compreender Evie melhor, para a poderem venerar, e aos deuses, mais completamente. Como é óbvio, isso foi... controverso, e não o foi apenas para os Saj da Maraciana, mas para o reino. Talvez não veneremos os Divinos da mesma maneira, mas ainda seguimos os seus preceitos. Mexer nos poderes obscuros não é permitido neste reino, e, apesar de eles venerarem a Primeira Santa, as práticas deles estão no limite da heresia. E ainda assim, ao longo dos anos, os mais desesperados tentaram procurar pelos Vagantes.

— Para quê? — perguntou Aya, com um sorriso divertido na boca.

— Conhecimento. Poder. Milagres. Quem sabe? É uma busca de tolos.

Ela bebeu um pouco de vinho e o seu olhar brilhava de travessura.

— Então, graças aos deuses que eu não sou tola.

Os olhos de Aidon caíram sobre ela, vendo o modo como passava a língua nos lábios. — Decerto que não és — murmurou. Reparou, satisfeito, no rubor que lhe inundava o rosto, e como os olhos azuis dela rebrilhavam à luz da lanterna. Ela fazia-lhe o coração bater rapidamente, sem jeito. Aquele olhar aquecia-lhe o sangue num instante, como se ele fosse simplesmente um jovem rapazola que acabara de descobrir os encantos de uma mulher.

Mas ele sabia qual era o propósito de Aya, e desconfiava que, para ela, não era mais do que uma fonte de informação. Repetiu para si próprio aquilo de que já se tinha recordado nessa manhã, quando a tinha convidado para sair.

Ela era uma missão, que o seu rei lhe tinha confiado.

Mas não podia negar que a troca de galanteios com Aya era como pisar num campo de batalha. A estratégia só o podia conduzir até um certo ponto. O resto era entregar-se à dança da luta e esperar que pudesse aguentar.

Sempre em perseguição, nunca disciplinado, dizia-lhe o tio, sempre a resmungar.

Aidon supunha que, de certa forma, ele tivesse razão. Era um general, no fim de contas. E se isso trazia a responsabilidade de dar e receber ordens, não mudava o facto de que havia alguma coisa no seu sangue que clamava por adrenalina.

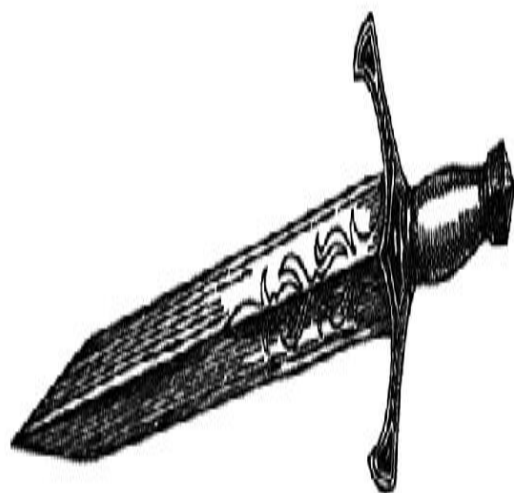
Havia uma excitação especial que vinha com a batalha. E Aya...

Ela era muito semelhante à excitação da violência.

Mas antes que pudesse fazer ou prosseguir, alguém se pôs ao lado da mesa deles, pigarreando. Devia ser um Guarda da Cidade. Aidon cerrou os olhos e pôs-se direito.

— O que é?

— Helene Lavigne, vossa alteza. Levaram-na.



As pedras do chão estavam cobertas de sangue.

Aya parou, do lado de fora da casa branca do conselheiro Avis Lavigne e da sua família. A porta bamboleava nos gonzos, permitindo que se olhasse para a entrada da casa, onde se viam cadeiras reviradas e pedaços de vidro pelo chão fora.

Era como se a filha de Avis tivesse tentado lutar.

— Deuses — ofegou Aidon ao ver a confusão. A expressão dele dizia tudo: teriam muita sorte se Helene estivesse viva. Vários guardas tinham rodeado a zona, mas isso não impedia que cidadãos ansiosos esticassem os pescoços para ver se vislumbravam alguma coisa do que estava a acontecer. — Isto é um pesadelo — murmurou, e franziu a testa ao ver a irmã a passar pelos guardas.

— A Vi e eu ouvimos os gritos de Claire Lavigne no estúdio — disse Josie ao chegar junto deles. — Deixei-a numa das lojas de curandeiros. Está em choque.

— Mas não ouviram Helene? — perguntou-lhe Aya. Josie abanou a cabeça e Aya voltou para a frente da casa, observando novamente a entrada. Não era necessário ter a força de um Zeluus, mas... era preciso ter força suficiente para deixar aquele rasto de destruição. E não se tinham preocupado em cobrir os vestígios, isso era evidente. Como se estivessem a deixar uma mensagem.

— Onde está Avis? — perguntou Aidon em voz baixa. Josie indicou com o queixo o lugar onde o conselheiro estava, em pé, roxo de tanto berrar com um dos guardas.

— O que posso eu fazer? — perguntou Josie, mas Aidon já se afastara.

— Vai para casa. — Voltou-se para Aya com uma expressão séria. — Assegura-te de que ela regressa em segurança. — Josie começou a discutir, mas Aidon não queria ouvir mais nada. — Não sei quem pretendem atingir. Isto foi um banho de sangue, Josie. Vai para casa. Agora.

Aquela voz... não era a voz suave e grave a que Aya se tinha acostumado. Era a voz do general.

— Anda — disse Aya, pegando ao de leve no braço de Josie —, isto vai ficar uma confusão. — Havia mais cidadãos a amontoar-se por trás dos guardas, e tinham reparado no príncipe e na princesa.

Josie bufou em silêncio ao afastarem-se, de lábios cerrados. Continuou em silêncio até terem chegado ao quarto dela, onde Josie começou a andar às voltas e Aya se sentou na colcha turquesa sobre a grande cama.

— Estás zangada — observou Aya.

— Ele diz que não concorda com o nosso tio. Diz que sou perfeitamente capaz de servir nas nossas forças. No entanto, ao mais pequeno sinal de perigo manda-me para casa. E pediu-te para me acompanhares, por isso, claramente, pensa que sou incapaz de me defender.

Aya não queria pensar muito sobre o facto de Aidon lhe ter confiado a segurança da irmã. Não podia parar um instante para ver o que isso poderia querer dizer; não agora, com uma Josie furiosa à sua frente.

— Já lhe disseste isso?

Josie gesticulou com uma mão, e a luz das velas refletiu-se nos anéis dourados que tinha nos dedos.

— De passagem.

— Talvez seja preciso uma conversa mais séria.

A princesa fez um som impercetível, e tinha o olhar perturbado quando por fim se sentou numa poltrona de braços de um azul vibrante, em frente de Aya.

— Coisas destas não acontecem por aqui.

Aquelas palavras caíram, pesadas, entre elas.

Aya retorceu os dedos, à procura do conforto que lhe davam as suas armas. Tinha-lhe custado muito afastar-se da casa dos Lavigne e acompanhar Josie de volta ao palácio. Mas tentava forçar aquela agitação que sentia nas veias a serenar, e tentava ficar calma ao pensar nos acontecimentos.

Aquilo não era apenas um rapto. Era uma afirmação.

Bateram à porta e a cabeça de Will apareceu, com os olhos cinzentos em alerta ao ver Aya.

O breve instante em que os olhos de ambos se encontraram pareceu ter durado uma eternidade, e a lembrança da noite anterior era como uma barreira entre eles.

— Posso levá-la, Josie? — perguntou Will, por fim.

Aya levantou-se, voltando-se para a princesa. Ficaria ali, se Josie lhe pedisse. Era o que Josie faria, se os seus papéis se invertissem. Era o que um amigo faria.

— Está tudo bem — disse Josie, como se sentisse a hesitação —, eu estou bem. Não há razão para ficarmos as duas a olhar para os polegares.

Aya anuiu com a cabeça.

— Voltarei se souber alguma coisa sobre Helene.

Will andava em passo rápido ao conduzi-la para o quarto dele. Não falou, nem mesmo quando fechou a porta. Apenas respirou fundo e apontou para o terraço com a cabeça. Aya seguiu-o, de braços cruzados, enquanto lutava com a vergonha que começava a mexer-se dentro dela.

Era muito mais fácil de a controlar quando ele não estava à sua frente.

Mas a sensação de queimadura pareceu desvanecer-se quando Will passou a mão pelo cabelo, coberta de sangue.

— Que raio aconteceu? — questionou ofegante, pegando na mão dele, e virando-a para a observar. Não tinha cortes nem ferimentos. Só sangue.

Will fez uma expressão séria, pondo os dedos em volta dos dela com gentileza, num impulso, e a confusão instalou-se no seu rosto. Fechou os olhos.

— Diz! — atirou asperamente. — Ela deixou cair a mão quando ele a libertou. — Se me vais acusar, então tem a coragem de o dizer, raios!

Aya pestanejou.

— Não te estou a acusar de teres raptado Helene.

— Tretas!

— Mas voltares para aqui, assim, é uma tolice, depois de teres deixado bem claro o desdém que sentes por Lavigne — prosseguiu ela, numa voz pausada e suave.

Ele afastou-se para o lado mais distante do terraço. Os músculos das costas estavam tensos, ao debruçar-se na varanda de pedra, e o cabelo roçava-lhe na testa ao inclinar a cabeça. Riu friamente.

— Pensas mesmo que sou um monstro, não é?

Aquelas palavras trouxeram outra recordação. *Detestas-me mesmo, não és?*

Aya engoliu em seco.

— Porque é que tens sangue nas mãos?

— Porque estive a ajudar o teu precioso príncipe a investigar — silvou Will. — Pergunta-lhe, se quiseres. Cheguei lá pouco depois de vires embora.

Desencostou-se da balaustrada, com raiva a brilhar nos olhos quando olhou para ela.

— Queres trocar segredos, Aya querida? Falemos dessa escuridão, que supostamente carregas.

Aya cerrou a mandíbula, fechando os punhos.

— Voltei à Maraciana — prosseguiu. — Esqueceste-te de dizer que Natali recusa treinar-te.

O coração de Aya batia sobressaltado, e sentiu os dedos estremecer quando ele se aproximou dela.

— Não te posso ajudar se não confias em mim.

— Confiar em ti? — perguntou Aya, com a voz em crescendo. — Há poucas semanas estava segura de que trabalhavas para Kakos. E esperavas que eu te dissesse que o poder em bruto me está a devorar? Que me vai destruir, tal como o fez com os seguidores do Decachiré?

Ele abanou a cabeça.

— Tu não és como essas pessoas, Aya. Talvez se praticares, se fizermos mais pesquisa...

— Não sou uma coisa onde possas testar as tuas teorias — atirou-lhe ela, ao fixar-se nele —, é a minha vida.

Ele estava frente a ela, pondo-lhe as mãos nos ombros ao fitá-la.

— Exatamente! É a tua vida, e estou a ver-te desperdiçá-la. Pensas que não reparo naquilo que te tem acontecido desde o que sucedeu no mercado? Como estás a cair, mais e mais, para dentro de algum sítio de onde não vou poder tirar-te?

— Pensei que não me podias sentir — silvou Aya.

— Não preciso de te sentir — disse ele, áspero —, posso vê-lo.

— Só te preocupas porque não podes desiludir Gianna.

Apesar de a fazerem parecer hipócrita, as palavras atingiram o alvo que ela queria. O ar ficou mais tenso e Will deu um passo atrás, deixando cair os braços. Ficou em silêncio por um instante, ouvindo as ondas bater nos penhascos.

— Isto não tem nada que ver com ela — disse, por fim —, mas talvez devesses partilhar a tua raiva com a nossa rainha.

O riso de Aya saiu-lhe frio.

— É essa a tua desculpa? Usares a mulher que amas...

— Eu não a amo! — Aquelas palavras saíram-lhe com tanto fel que Aya parou, tão apanhada de surpresa pela sua veemência que a resposta que ia dar desapareceu. Tudo o que via era o brilho nos olhos dele e a maneira como o peito de Will arfava, como se não conseguisse respirar. Aya sentiu as entranhas a revolverem-se, numa sensação que se espalhou aos pulmões, e a garganta apertou-se-lhe ao olhar para Will.

Dor.

Ela sentia a sua dor.

— Estou a sentir-te — sussurrou.

Ele estava em toda a parte. Da amargura que lhe apertava o coração à mágoa que se acumulava no seu âmago, passando pela raiva que lhe roubava o sopro e pelo ardor que lhe corria no sangue ao fitá-lo, uma e outra vez.

Will arregalou os olhos, e quando pestanejou a sua presença dentro de Aya desapareceu, deixando-a vazia e fria, e ela dobrou-se, ofegando.

Dor. Tanta dor.

E sob ela... estava ele. A essência de Will estivera em toda a parte; talvez até dentro da própria alma. Will também arfava, numa respiração tão irregular como a dela, quando disse:

— Mexeste no teu poder de Sensainos.

Mais uma vez, ele tinha-o feito. Tinha-a provocado o suficiente para que perdesse controlo e agisse sem pensar. Mas ela ainda estava a recuperar, ainda juntava os pedaços, e via o que era dele e o que era dela, sem conseguir dizer palavra.

Aquela não era dor do seu poder. Era a dor do poder dele. A sua agonia, a sua frustração. E, por debaixo disso, algo profundo ardia, tão autêntico que a sua ausência fazia-a sentir o seu coração a fender.

Will respirou fundo, e o seu rosto mostrava uma máscara fria, indiferente, ao encontrar o olhar dela.

— Não é divertido, pois não?

Não, não era. Ela sentia-se em carne viva, abalada e tão desequilibrada que o chão parecia balançar debaixo dos pés. Tentou recompor-se o mais que podia, endireitando-se, e respirou fundo, a tremer.

— Desculpa.

Ele ergueu o sobrolho, que desapareceu por baixo do seu cabelo.

— Não queria... não devia... — Ela ainda podia sentir a dor aguda da tristeza que se tinha instalado nela, como um peso. Aquela tinha sido a pior forma de intrusão. Aquilo que sentira... Ela não sabia o que se passava sob a pele dele.

Era uma agonia.

A máscara fria de Will deu lugar à preocupação, ao observá-la por uns instantes.

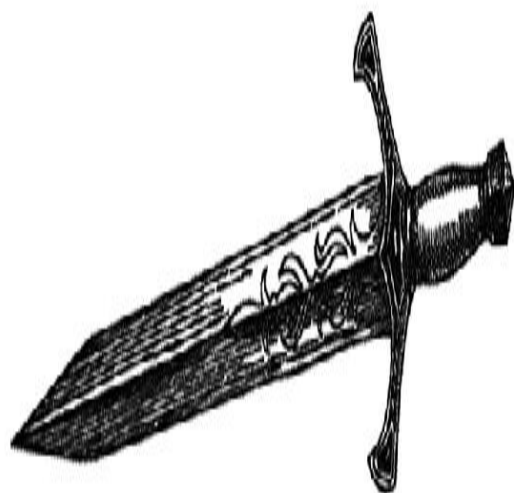
— Dei-te poucos motivos para confiares em mim, Aya — disse, por fim —, mas acredita quando te digo: aquela imagem perfeita de Gianna, a que te agarras? É mentira.

Ela pestanejou, a olhar para ele, e sentiu a ardência da brisa do mar.

— É tarde. Devias retirar-te.

Ela hesitou.

— Por favor. — E disse aquilo de uma forma tão ténue e tão suave, que ela saiu sem dizer mais nada.



W

ill tinha as mãos a tremer quando despiu a camisa e pegou numa toalha, com água fria a correr da torneira. Não paravam de tremer ao lavar a cara e o pescoço, e a água gelada que lhe corria pelo peito não era suficiente para o acalmar. Pôs a toalha no lavatório e agarrou-se às bordas da bacia de loiça, tentando acalmar a respiração.

Estou a sentir-te.

Se o simples pensamento não o fizesse ficar doente, seria uma surpresa. As emoções são coisas complexas, intrincadas e com várias camadas. Os Sensaios mais jovens tinham muitas vezes problemas em identificar apenas uma delas. Mas Will sabia que, da maneira que Aya tinha ficado, ofegante, ela não sentira apenas a sua raiva. Tinha ido mais longe.

Quanto ele não sabia. E isso metia-lhe medo.

Teria de trabalhar com ela, para controlar o seu estado. Era fácil ficar submerso pelas emoções de outra pessoa. E isso podia ser incapacitante, se ela não aprendesse a sentir os outros sem os personificar, como já tinha feito naquela noite.

E como ele mesmo tinha feito naquela noite em que os Athatis atacaram, quando pensou que ela estivesse morta.

Respirou fundo, expirando pelo nariz. Uma e outra vez, até que o tremor parou, até que conseguiu tirar os dedos do lavatório. Levantou a cabeça, vendo o seu reflexo no grande espelho oval. Tinha o cabelo em desalinho, nos sítios por onde passara os dedos, frustrado, com os olhos sombrios e o rosto tenso.

A maneira como Aya tinha olhado para ele, nessa noite... A dor que lhe vira na cara...

Ele não achava que a reação dela fosse apenas causada pelas sensações. Ela estava a reagir-lhe. Ela tinha-o visto, tinha-o visto verdadeiramente, e aquilo que viu tinha-a chocado.

Isso devia dar-lhe algum alívio, pensou. Mas, em vez disso, tudo o que sentia era pavor. Isso abateu-se sobre ele ao olhar fixamente para o seu reflexo no espelho.

Tinha gastado anos a edificar a sua proteção contra Aya. Tinha-se conformado em fazer coisas que nunca tinha imaginado fazer. E que ela o odiaria, e ele continuaria a armazenar essa chama de ódio até que ela ardesse o suficiente para que nem sequer olhasse para ele, para que não pudesse ver mais nada nele. A razão por que ele nunca seria capaz de lhe explicar tudo, porque pedira para ela ser expulsa dos Dyminara, porque a provocava até ao

limite, porque ele deixava que o mundo, e Gianna, pensassem que ele tinha interesse em ser o brinquedo da rainha, porque tinha cumprido a ordem de interrogar Tova e porque depois se tinha sentido mal, tão mal que tinha vomitado.

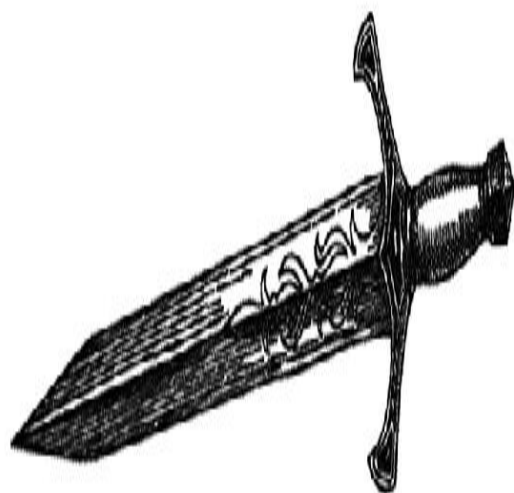
Mesmo que pudesse... tinha sempre duvidado que ela o ouvisse. Não que isso fosse importante. Não apagaria as coisas que ele tinha feito. Não apagaria a dor que tinha causado nem os pecados que cometera.

Will não tinha medo de no fim encontrar os deuses. Sabia aquilo que o aguardava, apesar dos sacrifícios que tinha feito, apesar de lutar até à morte, se fosse preciso, para proteger os inocentes deste mundo.

Não eram os deuses aquilo que ele temia.

Era ela. Ela saber a verdade, e ainda assim odiá-lo.

Ele aguentaria os tormentos dos sete infernos. Aguentá-los-ia de bom grado, mesmo que isso quisesse dizer que podia evitar o momento em que ela o sentiria totalmente, e, ainda assim, olhasse para si com nojo.



Meteu a mão no bolso, e os dedos tocaram no pequeno frasquinho do tónico. Aya estava no centro de um cercado abandonado e olhava em volta.

Tinha sido muito fácil meter-se à frente da espada de Aidon, para que ele a ferisse o suficiente para ela ir até às salas dos curandeiros. E ainda tinha sido mais fácil levar o jovem e voluntarioso curandeiro que lhe tratara a bochecha a partilhar segredos sobre o lugar, levando Aya a descobrir onde era guardado o tónico. E tinha sido fácil para ela voltar lá na noite anterior e roubar um bocadinho, o suficiente para não dar nas vistas.

Nem sequer tinha precisado de utilizar o seu poder.

Aya andava em pequenos círculos, roçando com a mão na madeira apodrecida da cerca que rodeava o prado. Josie tinha mencionado um sítio para onde a mãe se costumava escapulir com ela, para treinar. Pelo que parecia, o espaço não era usado há anos. Talvez Zuri e Josie tivessem encontrado outro sítio.

Quase não se sentia a brisa, ali tão longe dos penhascos, e se por um lado a densa floresta protegia o cercado dos olhares, também formava uma bolha de calor que a fazia transpirar por baixo da sua roupa de couro de treino, apesar de ainda ser muito cedo.

Respirou fundo ao abrir o frasco.

Não sabia no que acreditar — se os deuses tinham escolhido mal, ou se de algum modo tinha dado cabo do seu poder com tudo o que fizera.

Pensou que, no fim de contas, isso não importava. A escuridão era a escuridão, afinal.

Ainda não tinham tido notícias de Lena sobre o fornecedor. E quanto mais esperava, mais longe estava de poder ajudar Tova. E mais o reino esperava por uma santa que nunca chegaria.

E mais se aproximava a guerra.

Aya tinha feito um juramento — ao reino, ao mundo, aos deuses.

Talvez aquele tónico lhe permitisse mantê-lo, e lhe possibilitasse usar o seu poder em segurança.

Tu não és como aquelas pessoas.

Anos. Ela tinha passado anos a odiá-lo. Anos em que se convencera a si mesma de que Will não era nada, a não ser o monstro cruel e arrogante que as pessoas diziam ser, e que não se importava com ninguém a não ser consigo próprio. Anos a odiar a maneira como ela tinha de lutar contra o fascínio que ele emitia, e como algo nele a atraía. Ela tinha-se agarrado às ideias feitas sobre ele, e nunca as pusera em causa. Mas agora...

Não lhe podia escapar fugindo de uma missão, ou colocar Tova entre eles, ou usar a atenção da rainha como uma desculpa para se manter longe dele. E a dor que ela sentira, vinda dele, quando assumira que pensava que ele amava Gianna...

Era fúria. E raiva. E mágoa. E uma dor profunda que lhe parecia tão familiar que ela tinha ficado zangada por não conseguir dar-lhe nome.

Ela tinha-o julgado mal, e ele nunca a tinha tentado corrigir.

Aya tentou ignorar a sensação de incômodo ao pôr o frasquinho nos lábios, e bebeu um golinho do tônico. Parecia água.

Percorreu mais uma vez o cercado, dando pontapés às pedras espalhadas pela terra, enquanto esperava algum tipo de reação. Passaram dois minutos. E depois cinco. Franziu a testa, fitando o céu, de braços cruzados. Não sentia qualquer diferença.

Por fim girou o pescoço, abanou os braços, fechou os olhos e tentou concentrar-se.

Ali estava.

Aquele mar sempre selvagem que inundava os limites do seu poder tinha-se acalmado, e a sua essência era agora suave como vidro. O coração de Aya sobressaltou-se quando olhou para a mão, invocando uma gota do poder, enquanto visualizava na mente a sua amiga.

Subitamente, surgiu uma chama na palma da sua mão, agitando-se levemente, como a chama de uma vela. O seu riso de choque assustou-a e a chama desapareceu. Quis que ela regressasse, cerrando o maxilar ao mergulhar no seu poder novamente, desejando que a chama crescesse.

Invocar aquele poder bruto era simples, mas controlá-lo era muito mais difícil, muito mais complicado do que utilizar o poder de persuasão. Era como se fosse escorregadio. O suor caía-lhe pelo pescoço ao obrigar a chama a rodear-lhe o pulso. Parecia engasgar-se, e lutava com uma teimosia que rivalizava com a própria teimosia de Hepha, mas por fim cedeu e a chama formou um círculo perfeito, tremelicando. Aya fez mais força, obrigando a chama a rodear-lhe o braço, e rangeu os dentes com o esforço.

Era difícil, mas...

Nenhuma escuridão lhe toldava a visão. Não ouvia gritos a rasgarem-lhe a mente. Nem sentia tremores, nem náuseas, a contorcerem-lhe o corpo.

Estava a funcionar. O tônico estava a funcionar.

Aya ficou durante horas naquele cercado, trabalhando os poderes da Ordem dos Dultra. Testou cada poder dos elementos e descobriu que tinha preferência pelo gelo.

Sem surpresas.

A seguir vinha o fogo.

Trabalhou depois a terra, tentando fazer com que o musgo na cerca se expandisse. Tinha o cabelo colado ao rosto por causa do suor, e arfava, sentindo que lutava contra aquele poder como se fosse lama.

Tinha encontrado um obstáculo e era incapaz de avançar. O tônico de que Aidon tinha falado fizera certamente um bom trabalho. Talvez, se aumentasse a dose, pudesse controlar os poderes totalmente.

Mas agora, sob aquela sensação de peso... os seus limites começavam a agitar-se, mais uma vez. Podia sentir isso no modo como os seus músculos sofriam com câibras, e no modo como o poder parecia raspar as suas entranhas.

Aya deixou de se concentrar no musgo e soltou um berro de frustração, baixando violentamente o braço. O chão por baixo dela abriu-se, aparecendo uma fenda na terra.

— Impressionante.

Ela virou-se rapidamente.

Will estava encostado a uma árvore, junto à cerca. Vestia a sua roupa de couro para treinar, leve e castanha, sem mangas, como a dela. O cabelo, ligeiramente encaracolado por causa da humidade, agarrava-se-lhe à testa, e o corpo estava recoberto por uma leve camada de suor, como se tivesse acabado de treinar. Ela observou as formas dos seus bíceps quando ele se desencostou e saltou a cerca.

— Vejo que seguiste o meu conselho, quanto a praticares.

O rosto dele exibia serenidade — diversão, até. Mas Aya podia ver a tensão, apesar da distância a que ele se mantinha.

— Como foi que me encontraste?

— Estava a correr pela floresta. Não querias que te encontrasse?

— Não quis que tivesses muitas esperanças — admitiu Aya. — Quase não consigo ir suficientemente fundo para fazer alguma diferença.

— Acabei de te ver a praticar os poderes dos elementos, tão facilmente como se respirasses.

Então, ele já ali estava há algum tempo. Aya engoliu em seco, sentindo uma brisa fresca a atravessar o cercado.

— Então, os efeitos negativos desapareceram?

E talvez tenha sido aquele tom de esperança na sua voz — a possibilidade de que tudo pudesse ser resolvido facilmente — o que fez com que ela empurrasse mais para baixo, no seu bolso, o frasquinho com o tônico, incapaz de admitir a verdade. Pisou a fenda que criara no chão, com o rosto fechado.

— Natali diz que usar os poderes ao de leve não deve fazer muito mal. É

o trabalho mais profundo, aquilo que causa mais problemas.

A voz de Will soou solene, quando disse:

— Devias ter-me contado.

Mas não lhe perguntou porque não o fizera. Talvez houvesse uma resposta que ele não quisesse ouvir. Will olhou para ela durante um longo instante, com hesitação evidente. — Eu falava a sério, ontem à noite. Não estás sozinha. Vou ajudar-te. As respostas estão algures.

Tinha olheiras, mais fundas do que alguma vez haviam sido desde que tinham chegado. Habitualmente escondia tudo por trás da sua arrogância confiante, mas naquele dia, no sossego e na calma do cercado, Will parecia assombrado.

— Não devia ter-te lido.

Will encolheu os ombros, com uma leveza que não se encontrava no seu rosto.

— Isso não teria acontecido se eu não te tivesse provocado. Estamos empatados. — A garganta dele engolia em seco, e ainda tinha os olhos postos nela. — Peço desculpa. Por ter-te feito duvidar sobre onde estão as minhas lealdades. Por...

Interrompeu-se a si mesmo, abanando a cabeça.

— Lamento, apenas.

Aya estava quieta. Nunca o tinha ouvido dizer aquelas palavras, nem sequer uma vez.

Will olhava para ela com cautela, tentando adivinhar a resposta.

— Fala-me de Gianna — foi tudo o que Aya disse.

Ele suspirou e encostou-se à cerca, pondo um pé sobre ela, para trás. Hesitou um pouco, como se pensasse nas palavras antes de as dizer.

— Sabes tão bem como eu que Gianna usa a manipulação como um punhal. E que nós muitas vezes o fazemos, por ela.

A verdade naquelas palavras caiu pesadamente sobre Aya. É claro que ela sabia; tinha sido o seu trabalho, nos últimos três anos.

O olhar de Will continuava fixo nela, ao prosseguir:

— Ela é demasiadamente astuta para não saber o efeito que tem sobre ti o facto de manter Tova presa. E mesmo se Lena encontrasse o fornecedor, não duvido de que mantivesse Tova presa enquanto lhe conviesse.

— Até que controlasse o meu poder. — Não era uma pergunta, mas Will acenou com a cabeça, confirmando. — Tu fizeste a mesma ameaça — disse Aya.

— Eu sei. — As palavras saíam-lhe pesadas, e um olhar de desgosto ensombrou-lhe as feições. — E isso foi desprezível. Precisava que ficasses no barco, e sabia que se ameaçasse Tova obedecerias.

— E se não o fizesse?

Will abanou a cabeça uma vez, olhando para o chão como se não a conseguisse encarar. — Mas isso não quer dizer que não tenha feito coisas terríveis para conseguir o que quero.

Aya lembrou-se da tristeza que a inundara, na noite anterior. Talvez também houvesse culpa. Ela sabia que sim, no seu íntimo.

O silêncio espalhou-se entre eles, demasiado denso para que ela o quebrasse.

— Tentei evitar, sabes? — confessou, por fim. — Discuti com Gianna. E quando, ainda assim, ela me mandou para a masmorra, disse a Tova para gritar — para agir como se eu estivesse a interrogá-la. Porque eu sabia... — Interrompeu-se, e os seus olhos cinzentos estavam sombrios ao olhar para ela. — Mas Gianna desceu, para ver o interrogatório com os próprios olhos. E levou a Cleo.

E Cleo, com o seu poder de Sensainos, teria sido capaz de ver que Tova não sentia dor.

Aya fechou os olhos.

Gianna tinha censurado Will, à sua frente, por causa do que fizera a Tova. Fizera-o de maneira que parecesse que ele tinha ido longe de mais, e que usara demasiada força. Tinha mentido, e porquê?

Porque ela sabia que eu lhe obedeceria, se confiasse nela.

— Devias ter-me dito.

— Devia tê-lo feito antes ou depois de me tentares apunhalar? — Aya abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Will atalhou:

— Estou a brincar — garantiu.

Mas Aya inclinou a cabeça, de sobrolho franzido, a observá-lo.

— Deixas que as pessoas pensem que andas envolvido com ela. Porquê?

O rosto de Will era calmo, e desencostou-se da cerca.

— Isso é uma história para um outro dia. Treinamos?

Era uma evasiva inteligente, mas... levaria tempo. Levaria tempo, pensou Aya, para que se adaptassem a essa paz frágil que surgira entre ambos. Para que aprendessem a navegar pelos seus espaços e pelas suas potencialidades.

— Talvez devêssemos começar pelas bibliotecas da Maraciana — respondeu ela com suavidade. Porque o tónico se tinha dissipado completamente, e ela não estava segura quanto a testar os seus limites em Will.

Ele suspirou de modo dramático.

— Acho que tenho ciúmes do Aidon, pelo monopólio da atividade física que ele tem contigo.

— E porque o detestas? — aquelas palavras saíram-lhe da boca antes que

o pudesse evitar.

Will ficou parado, a fitá-la.

— Eu não o detesto.

— Bem, de certeza que não gostas dele.

O silêncio durou tempo suficiente para que Aya pensasse se não tinha pisado um limite; se teria quebrado aquela paz frágil, ainda antes de ela ter sequer realmente começado. Mas a voz de Will era baixa e calma, quando disse por fim:

— Porque ele não tem o fardo dos poderes.

Will encostou uma perna na cerca e cruzou os braços.

— Porque, apesar das discussões, o seu pai preocupa-se com ele. Porque o seu povo o adora. Porque ele é *bom*. Porque ele é tudo aquilo que um homem — e um verdadeiro príncipe — deve ser.

Não me chames isso.

Chamar «príncipe» a Will era de facto uma zombaria, comparado com alguém como Aidon. Supunha que era assim que Will encarava as coisas, aquilo que sentia de cada vez que alguém se dirigia a ele com aquelas palavras.

Quantas vezes tinha ela ouvido isso, desde que tinham chegado. E ela tinha-lhe também atirado aquele título e escarnecido dele, com raiva.

— Não olhes para mim assim — disse Will num sussurro, e a dor ensombrava-lhe a voz e o rosto —, não preciso da tua pena.

Ela engoliu em seco.

— Não tenho pena de ti.

E era verdade. Não era pena, o que ela tinha no pensamento. Era uma coisa muito pior.

Ela tinha sempre partido do princípio de que Will tinha orgulho na sua reputação; pensava que ele adorava a glória do título que o acompanhava para toda a parte. Mas ele tinha sido feito por Gianna. Como ela mesma.

Eram armas, os dois.

Ela aceitara-o bem. Tinha tido orgulho em servir a sua rainha e os seus deuses.

Mas agora já não tinha tantas certezas.

Ele fitou-lhe o rosto, como se lhe lesse os pensamentos.

— Sempre soube, Aya, que as minhas escolhas teriam consequências.

Ela desejou poder soltar-se da intensidade do seu olhar, mas estava presa nele, presa nalgum feitiço do qual parecia não poder escapar.

— Então, porquê fazer essas escolhas?

Algo ficou mais terno no seu olhar quando ela disse aquilo — alguma emoção, que lhe atravessou o semblante num piscar de olhos. Tinha a voz

rouca ao responder.

— Porque permitem que eu proteja aquilo que é mais importante. — Desencostou-se da cerca e com um movimento gracioso saltou por cima. — Amanhã vou contigo à Maraciana. Vamos descobrir o que se passa, juntos.

— Para onde vais, agora?

— Arranjar-me para um encontro com o rei. — Lançou-lhe um sorriso cinzento sobre o ombro e dirigiu-se para o palácio. — Tinhas razão. Fui tolo em regressar ao palácio coberto de sangue. Tal como tu disseste uma vez, a minha reputação precede-me. Por isso acho melhor ultrapassá-la, antes que ele suspeite que eu estivesse envolvido com Helene.

Errada. Ela tinha estado tão, mas tão errada...

— Queres que vá contigo? — Aquela oferta surpreendeu Will tanto como a ela, ao sair-lhe da boca. Will parou, olhando para trás como se não tivesse ouvido bem. Aya sentiu os lábios a estremecer. — O que foi? Estamos ligados por juramento, lembra-te?

Will sorriu.

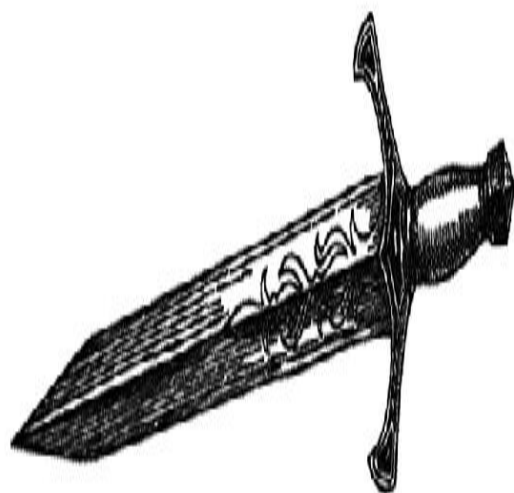
— Fico encantado pela oferta, mas detestaria dar a Dominic duas pessoas para agredir.

— Achas que não sou capaz de lidar com ele?

Will abanou a cabeça, com uma expressão suave.

— Acho que não há nada de que não sejas capaz, Aya, amorzinho.

Prosseguiu para o palácio, e Aya seguiu-o, sentindo o frasquinho a queimar-lhe o bolso.



Era incrível, pensou Aidon, que Will emitisse arrogância até na sala do trono. O Justiceiro estava em pé, entre dois dos pilares de mármore que circundavam a passagem para o trono, com as mãos metidas nos bolsos da sua casaca preta, de modo casual. Aidon estava ao lado de Dominic, que usava a sua coroa resplandecentemente branca, brilhando à luz do sol que entrava pelas altas janelas por trás do trono.

— Julgo que tendes um motivo para solicitar esta reunião — suspirou Dominic.

Will riu baixinho.

— Adoro a vossa concisão, majestade. Faz com que seja muito mais fácil ir direito ao assunto. — Dominic ergueu o sobrolho, mas Will prosseguiu: — Não vamos fazer de conta que não me iríeis convocar para me interrogar, após o rapto de Helene. Por isso, estou aqui para vos garantir que não tenho nada que ver com esse assunto.

Aidon fitava Will, enquanto dizia:

— É verdade. Ele chegou pouco depois de Helene ter sido levada e ajudou-nos a procurar.

O rei recompôs-se no trono, passando a mão pela sua pera.

— E tendes provas de onde é que estáveis antes de terdes chegado à casa dos Lavigne, Justiceiro?

— Tio, isto não é neces...

Will ergueu a mão, interrompendo Aidon.

— Estava naquela taberna de esquina, que Aidon tão gentilmente me deu a conhecer, há tantos anos — respondeu Will. — Tenho a certeza de que Amelia ficará mais do que contente por confirmá-lo.

— E a vossa companheira?

Aidon endureceu ao ver o olhar de Will fixar-se em si, com um sorriso leve na boca, ao perceber que Aidon ainda não tinha dito nada ao tio.

— Aya estava com o vosso sobrinho, a noite passada.

— Estávamos a jantar — atalhou Aidon rapidamente. Não importava. Ele podia ver o maxilar tenso do tio, quando este fez um aceno brusco com a cabeça. Ia haver uma discussão sobre aquilo, Aidon tinha certeza disso. Vigiar Aya era uma coisa. Cortejá-la... estava fora de questão.

Will começou a caminhar pela sala, com as mãos atrás das costas, exclamando:

— Devo dizer, majestade, que as vossas suspeitas me magoam. Tal como, estou certo, magoariam a nossa rainha. — Dominic abriu a boca, mas Will

encostou-se a um dos pilares, cruzando os braços. Era a imagem da insolência. E prosseguiu: — Talvez, tal como vós, nós também devamos rever os nossos acordos de comércio com Trahir.

— Ameaçais-me, Justiceiro?

Will ergueu o sobrolho.

— Ameaçar-vos? Nem por sombras, majestade. — Desencostou-se do pilar, metendo as mãos nos bolsos, e aproximou-se do trono. — Mas sois um homem de negócios. Compreendeis como os acordos podem falhar, se os parceiros não são sinceros durante as discussões. Desde há muito tempo que Tala oferece vantagens a Trahir, para adquirir as armas que têm feito proveito aos vossos exércitos, porque sois nosso aliado. E, mesmo assim, questionais-nos sempre que podeis. Será que errámos, ao negociar convosco?

Os nós dos dedos de Dominic estavam brancos, de apertar os braços dourados do trono. — Podemos fazer as nossas próprias armas, se isso vos agrada mais.

Will encolheu os ombros.

— À vontade. No entanto, acho que teriam problemas em fazê-las com tanta qualidade. Além dos materiais, acho que os Visya daqui habituaram-se a um modo de vida diferente, não concordais? Não ouvi falar sobre os vossos Anima, utilizando o seu poder de força, para fazerem armas que ajudem a defender o reino.

Aidon clareou a voz, levantando o queixo e olhando para o tio.

— Talvez Will esteja certo. Não esqueçamos a nossa amizade em alturas difíceis.

O rei olhava carrancudo para Will, mas fez um ligeiro aceno de cabeça, num sinal de concordância.

— Claro — anuiu. — Não queremos que os nossos amigos pensem que estamos a aproveitar-nos da sua generosidade.

Os astutos olhos verdes de Dominic voltaram-se para Aidon.

— Quero um reforço da guarda por toda a cidade — ordenou — e olhos extra nos Bellare. Com subtileza. Não pretendo que desconfiem de que suspeitamos de que eles estão envolvidos neste rapto. Pelo menos até sabermos mais.

— Avis Lavigne e a sua família são humanos — disse Will. — Decerto não vão fazer mal àqueles que eles consideram como sendo dos seus.

— Avis faz parte do Conselho, e é bem sabido que os Bellare discordam da modernização e da importância que damos ao comércio — pensou Aidon em voz alta. — Talvez tivessem pretendido enviar-nos uma mensagem.

— Má escolha — zombou Will. — Se há alguém tradicionalista, é Avis.

— Desculpai a interrupção. — Sion aproximava-se, vindo de uma porta

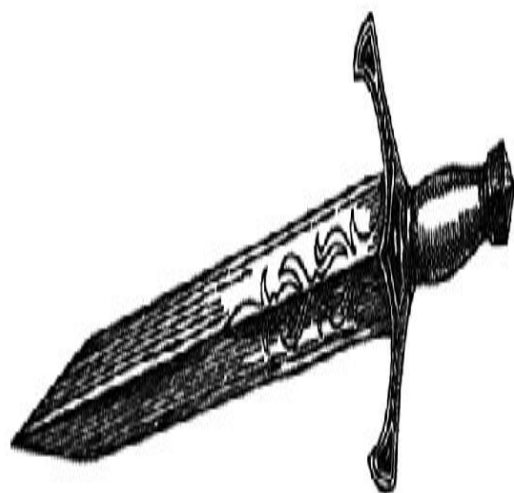
nas traseiras da sala. — Está aqui um homem que vos quer ver, Justiceiro.

— Já terminámos — disse Dominic com um aceno de mão. Will curvou-se quando saiu atrás de Sion. O rei suspirou, descansando a cabeça na mão.

— Foi só um jantar — murmurou Aidon, a olhar em frente.

O tio riu baixinho.

— Nunca é só um jantar, Aidon.



Will sentiu os ombros a ficar menos tensos, quando acompanhou Sion para fora da sala do trono.

Tinha feito *bluff* quanto aos acordos de comércio. Gianna nunca teria concordado com qualquer atitude que lhes pudesse custar a aliança. Mas não tinha mentido sobre a taberna. Amelia, que era taberneira naquele lugar, podia confirmar onde ele tinha estado. Não tivera coragem de dizer a Aya que fora até essa taberna para passar a noite a jogar cartas e a beber cerveja, para não pensar nela a jantar com Aidon.

Mas apertar a vigilância aos Bellare...

Não tinha mencionado Ryker. Ainda não. Para si não havia problema algum se Ryker apodrecesse na prisão. Mas se isso significava que ia perder a ajuda de Lorna — uma ajuda que já era tão difícil de obter —, estava demasiadamente desesperado para arriscar. Iria visitar novamente os Saj. Natali não se tinha sequer dignado a abrir-lhe a porta.

— Quem é, Sion? — perguntou, quando as portas da sala do trono se fecharam nas suas costas.

— Um jovem, que diz que é vosso amigo.

Will franziu a testa. Não tinha amigos naquela cidade maldita, exceto talvez Josie.

— Disse-te como se chamava, ou tenho de adivinhar? — Sabia, vendo o sorriso no rosto de Sion, que o serviçal adorava apanhá-lo de surpresa.

— Ryker. — O sorriso desapareceu-lhe do rosto, vendo Will a mudar de expressão, e disse em voz obsequiosa:

— Digo-lhe para ir embora, príncipe?

— Não — soprou Will —, leva-me até ele.

Quando Will chegou à sala de reuniões privadas, uma espécie de pequena biblioteca circular, a sua raiva latejava-lhe nas entranhas. Mal a porta se fechou agarrou Ryker, atirando-o para uma das poltronas de couro em frente à estante de livros.

— Perdeste o juízo? — rosnou. — Que diabo estás aqui a fazer? — Ryker tentou libertar-se, mas Will não o largou, tentando acalmar-se para não o matar logo ali.

— Vim aqui para te dizer que fiques longe de Lorna — grunhiu Ryker.

Will empurrou-o outra vez, antes de se afastar dele.

— Protetor, Ryker?

— É demasiado perigoso.

Will virou-se para ele.

— Não me fales em perigo, quando te dás ao trabalho de aparecer por aqui. Devia entregar-te, meu merdas. — O rei procuraria por toda e qualquer oportunidade de envolver Will no rapto de Helene. Ryker tinha sido suficientemente inteligente para ocultar a sua tatuagem, pelo menos isso.

Ryker fitou-o, a pestanejar, momentaneamente surpreso.

— Ser membro dos Bellare não é ilegal.

— Mas raptar a filha de um conselheiro é.

Ryker cerrou os lábios e os punhos.

— Devias confirmar as tuas informações, príncipe. Isso nada teve que ver conosco. Di-lo-ei à general com todo o gosto, se isso ajudar na sua busca. Não precisamos de raptar aqueles que tentamos proteger. Os Lavigne são humanos.

Aquilo não queria dizer nada. Porque Ryker tinha ido ali, e se estivesse a mentir, e os Bellare estivessem envolvidos...

— Podes fazer com que nos matem.

Ryker ergueu o sobrolho.

— *Nos?* — Recostou-se para trás na sua poltrona, com um olhar pensativo. — Isto é por causa da mulher na taberna, não é? Contaste-lhe como me conheceste?

— Cala-te, Ryker — avisou Will.

— Quem é ela para ti?

— Ninguém que te interesse.

O riso escarninho de Ryker enfureceu Will.

— Conheço esse olhar — disse Ryker. — É o mesmo que aparece na cara dos meus amigos quando começam a gostar demasiado das putas deles.

A racionalidade desapareceu da mente de Will, pelo que agarrou no rebelde, caindo com ele no chão. Nem sequer usou o seu poder. Queria sentir a carne de Ryker a apanhar. Deu-lhe um soco, depois outro e mais outro, e então alguém gritou, pondo-lhe as mãos em cima, tentando separá-lo do rapaz que sangrava no chão.

— Que diabo estás a fazer?!

Josie. Eram as mãos de Josie que lhe puxavam os braços, os gritos de Josie que tinham ecoado pela sala. De imediato, Will deixou Ryker, a arfar. Ryker rebolou para um lado, gemendo e cuspiendo sangue. Saía-lhe mais sangue do nariz, tinha um lábio inchado e rachado ao meio. Mas tinha uma expressão de triunfo ao fitar Will, sorrindo-lhe com o sangue vermelho a cobrir-lhe os dentes.

— Típico de ti — chiou. Levantou-se, com o corpo curvado. — Sempre a revelar em que sítio és mais vulnerável.

Will tentou atingir Ryker outra vez, mas Josie pôs-lhe o braço à frente.

— Saia, antes que ordene que o levem — ordenou ela a Ryker, num rosnado.

O rapaz não disse mais nada, fazendo uma vénia e lançando a Will um último sorrisinho, antes de sair da sala a mancar.

Josie deu a Will três segundos para se recompor antes de se atirar a ele, com os olhos castanhos a brilhar de raiva.

— Não achas que já temos que chegue para nos preocupar, para ainda te meteres numa briga?

Will inspirou, estremecendo.

— Peço desculpa. — Deixou-se cair numa das poltronas, passando as mãos pela cara. Sentia uma das faces a arder. Ryker devia ter-lhe dado um murro, e nem tinha reparado, no meio da sua fúria.

Sentiu-se ferido — como se o seu escudo se tivesse desfeito, e podia sentir tudo ao máximo. Isto não era dele. O Justiceiro não devia enervar-se, e ainda mais por causa de uma disputa mesquinha. Mas ao penetrar na sua proteção, Aya tinha libertado algo dentro de si.

— Quem é ele? — perguntou Josie, suavemente. Sentiu que ela se sentava na poltrona ao seu lado.

— Chama-se Ryker — suspirou Will ao ver o olhar de Josie. — Temos uma história complicada.

A princesa bufou.

— Já sei, não me vais dizer porque é que isto aconteceu, pois não?

— Quem me dera poder fazê-lo — disse Will com sinceridade. Ele e Josie tinham sempre tido uma relação cordial. Ela era gentil, divertida e leal.

E agora observava-o atentamente, de lábios cerrados.

— Vi o sangue, a noite passada — disse calmamente. Will abriu a boca, mas ela levantou a mão. — Sei que não estiveste envolvido no rapto de Helene. E como hoje já apanhaste...

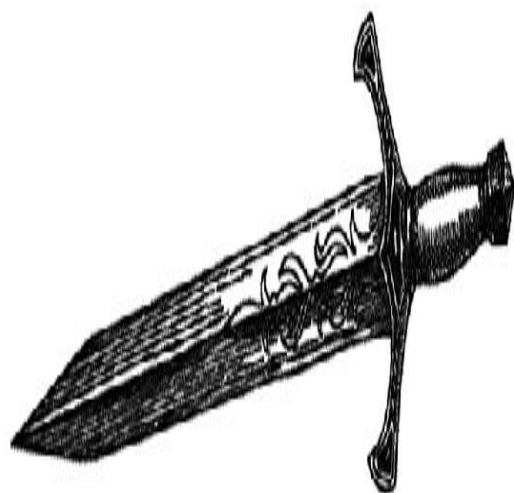
— Ele conseguiu dar-me um soco.

Josie revirou os olhos, prosseguindo:

— Achei melhor dizer que te conheço, e sei que não raptaste aquela rapariga.

Will engoliu em seco.

— Obrigado — disse com voz rouca. Sabia que devia dizer algo mais. Josie merecia saber o que a bondade dela significava para ele. Mas sentia um nó na garganta, a cabeça pesada, e Josie estava a apertar-lhe o braço como se, de qualquer forma, visse tudo e compreendesse.



Duas semanas depois, o Sol já tinha começado a pôr-se quando Aya e Will saíram da Maraciana, cheios de dores nas costas após mais um dia debruçados sobre os livros.

Aya tinha por fim encontrado algum equilíbrio — a primeira vez desde que tinha saído de Tala, sete semanas antes. De manhã cedo treinara com Aidon antes de ele partir para continuar à procura de Helene, cada vez mais frustrado, de cada vez que a Guarda da Cidade voltava de mãos vazias.

Apesar da curiosidade de Aya a ter feito pensar que talvez pudesse ajudar, ela e Will tinham assuntos igualmente urgentes. Assim, depois do treino, subiram até à Maraciana para investigar. Ele estava totalmente dedicado a aprender sobre Evie, convencido de que a santa lhes daria respostas.

— É expetável que tu sejas a segunda como ela — tinha dito.

Não sou uma santa.

Mesmo que os deuses *a tivessem* escolhido... uma santa de verdade não precisava de um tónico para sobreviver ao próprio poder. Uma santa de verdade não era alimentada pela escuridão. Mas Aya não dissera nada, engolindo as palavras ao ver o otimismo de Will.

— Não sou nada como ela — tinha dito, cansada.

Will apenas a fitara.

— Diz-me dessas.

De qualquer forma, não valia a pena.

Havia imensos textos sobre a salvadora do mundo, mas nada que realmente fosse útil. Will tinha ficado interessado ao saber que Evie adotara Pathos como seu deus protetor, antes de os Visya terem ficado limitados a um poder apenas, e isso causara rumores, que diziam que a santa era descendente desse deus — uma teoria que tinha sido recusada pelas Grandes Sacerdotisas, há vários séculos.

Uma coisinha interessante, mas inútil para o objetivo que Aya perseguia em segredo: tinha de haver uma maneira de sobreviver ao Decachiré. E se a conseguisse descobrir... poderia utilizar aquilo que trazia dentro de si sem precisar do tónico, que só lhe permitia ir até certo ponto, dentro dos limites do seu poder.

Enervava-se mais e mais à medida que as páginas se iam sucedendo sem respostas, mas o otimismo de Will era constante.

Aya costumava aliviar a frustração ao fim do dia, quando treinava os poderes no cercado, com Will, o suficiente para relaxar as sensações.

Ainda não lhe tinha contado sobre o tónico que beberricava antes dessas sessões, tal como não lhe tinha dito o que procurava realmente, de forma desesperada, naqueles livros. Não queria ver o olhar de Will, quando ele percebesse que ela estava a aceitar o seu destino; estava a afundar-se na escuridão que tinha dentro dela.

Nesse dia o anoitecer foi calmante e a brisa marinha refrescava o ar. Decidiram regressar a pé para o palácio e dispensar a carruagem. Ficaram em silêncio ao irem para o coração da cidade, tentando evitar o caminho movimentado que circundava a praia em forma de crescente. Will olhou para o céu, onde as nuvens surgiam com os tons rosa, laranja e púrpura do crepúsculo.

— Rinnia também tem a sua beleza, suponho — murmurou. Tinha as mãos nos bolsos e estava mais descontraído do que alguma outra vez nas últimas semanas. Ele viu o olhar dela e ergueu uma sobrancelha. — O que é?

— Nunca te perguntei porque não gostas deste lugar.

— Eu nunca disse que não gostava.

— Achas que não reparei? Ranges os dentes de tal maneira que qualquer dia não tens nenhum.

Will sorriu.

— Não sabia que me davas tanta atenção, querida Aya — atirou. Aya sentiu o rosto ficar quente e olhou em frente, rejeitando ver a satisfação dele por ter conseguido que ela reagisse assim. Will suspirou antes de prosseguir, sem o mínimo tom de provocação:

— Não tenho boas recordações deste lugar.

— Com o teu pai, é isso? — Chegaram a uma pequena praça e ela voltou-se para ele, reparando na sua expressão pensativa.

— Não me lembro de ele ser sempre um monstro — disse por fim Will. — Ganancioso, sim. E egoísta. Mas acho que algo mudou nele, depois de a minha mãe... — Fez uma pausa. — Ou talvez eu fosse incapaz de o ver. O que, se calhar, faz de mim um monstro como ele é.

Aya absorveu aquela confissão, a gravidade na sua voz abatendo-se sobre ela como a humidade que havia no ar. Todas aquelas vezes que ele tinha usado aquela palavra, acusando-a de ela pensar que ele era um monstro... Seriam os próprios medos de Will que se apoderavam dele?

Aya sabia o que era ser assombrada pelo passado.

— Lamento — murmurou. Will endireitou-se. — Pela tua mãe. A dor nunca te deixa.

— Não — concordou Will calmamente —, não deixa.

Continuou a olhar em frente e disse:

— Também lamento. Sei que o meu pai teve culpas na morte da tua mãe.

Aya respirou fundo, trêmula.

— A culpa não é tua. — Não dizia aquilo para apenas aliviar a culpa dele, mas porque era verdade. Havia apenas uma pessoa culpada, e não era Will.

Parou de repente, apanhando Aya de surpresa. Ela já ia alguns passos à frente, e olhou para trás.

— Mesmo assim. Lamento.

Dissera já aquelas palavras três vezes e Aya ainda não sabia bem o que pensar. Mas acenou com a cabeça, e isso deve ter sido suficiente, porque ele se pôs ao seu lado, caminhando com ela ao meterem-se pela rua estreita que dava para a praça seguinte.

— Terias ficado com o império mercantil do teu pai? Não te terias juntado aos Dyminara? — Era isso que toda a gente tinha esperado, antes de Will entrar nas provas. Ela interrogava-se se o pai dele tinha ficado surpreendido, ou até furioso. Will soltou um pequeno suspiro amargo.

— Não. Não me ligaria a ele mais do que já estou.

Aya tentou falar mais sobre o assunto, mas ele mudou de tema.

— Então, do que sentes mais a falta? — perguntou ele, batendo-lhe com o ombro quando um grupo de crianças passou por eles a correr, na direção da praia.

De Tova. Do meu pai. Do Tyr.

Mas já tivera demasiada seriedade para uma conversa só, e suspeitava que ele sentisse o mesmo. Assim, deu-lhe um sorrisinho forçado e disse:

— Do Ventaleh.

Will riu, e o som parecia encher a rua.

— Estou a falar a sério.

— E eu também — retorquiu Aya. — Não me importo com o frio. E quando o vento chega, isso significa lareiras quentes, *chaucholda* e a Aurora. Costumava sentar-me à lareira da biblioteca dos Aposentos e fazer esculturas durante horas, quando o Ventaleh começava a uivar.

Ele olhou para ela de lado.

— Não te vi cinzelar desde que chegámos.

Ela estava admirada por ele ter reparado que ela esculpia.

— Não tive tempo de pegar nas minhas coisas quando partimos.

Os olhos de Will puseram-se na rua novamente, mudando ligeiramente de expressão.

— De qualquer modo — prosseguiu Aya, afastando o pensamento desse dia da partida —, o Ventaleh tem a sua própria paz. Acho-o calmante. Nada como...

Ela fez um gesto com a mão na direção da praia, de onde vinha o som de risos e música. O Sol estava quase a pôr-se e as pessoas de Rinnia viviam

aquele momento como se fosse um festival. Juntavam-se para fazer fogueiras, em volta das quais comiam, bebiam e faziam brindes a mais um dia.

— Tenho saudades das montanhas — confessou Will. — É lá que encontro paz.

— E eu a pensar que ias dizer que tens saudades dos teus jantares elegantes no Éden...

— Ah, claro, disse também — atestou Will, com um sarcasmo que fez Aya sorrir. Tinham chegado à zona residencial da Cidade Velha, e a praça onde tinham entrado parecia mais um pequeno pátio. Estava calma, e só se ouvia o barulho da água na pequena fonte ao centro; os moradores deviam estar junto ao mar ou a beber algo na cidade.

— E tu...

As palavras morreram-lhe nos lábios ao ouvir um zumbido agudo junto à orelha. Aya voltou-se, agarrando instintivamente o punhal que trazia à coxa ao ver três homens encapuzados, dois deles com espadas desembainhadas e outro com um arco já retesado.

Percorreu o cabo do punhal com os dedos mas não o puxou.

Will deu um passo em frente.

— Podemos ajudar-vos, cavalheiros? — A voz era calma, mas as costas estavam tensas e os músculos estremeciam ao pôr uma mão na espada que trazia à ilharga. Os homens usavam roupas tradicionais do Reino Ocidental, mas Aya e Will também. Se Kakos os tivesse encontrado, e soubessem sobre ela...

— Tu e o teu pai são um insulto aos deuses — rosnou o homem do meio, com uma voz que parecia gravilha a ser pisada e um sotaque que dizia que era de Tahir.

— Os Bellare, suponho...? — perguntou Will com leveza.

Aya sentiu uma comichão a subir-lhe pela espinha e olhou sobre o ombro. Três outros homens desciam pela rua por detrás deles, com punhais e espadas desembainhadas.

Uma emboscada. Era uma emboscada.

— Will — disse entre inspirações, voltando-se para trás, encostando as costas às dele e observando os recém-chegados.

— Eu sei — murmurou ele. Agarrou-lhe no cotovelo com a mão quando ela ia sacar do punhal. — Porque é que não temos esta conversa sozinhos? — sugeriu Will aos atacantes. — Aya, vou ter contigo ao palácio.

O homem com o arco riu e Aya ouviu a corda ranger ao ser puxada.

— Deixamos a senhora ir embora. Não temos nada a tratar com ela.

Mas Aya rodopiou nos calcanhares, libertando-se da mão de Will e sacando o punhal. Um lembrete silencioso do juramento que os ligara. E

talvez algo mais — uma mão estendida, se ele quisesse.

— É estranho não puxares dessa arma contra mim — murmurou Will.

— Realmente é uma estreia.

Aya atacou, lançando o punhal com uma precisão letal.

O homem em frente dela nem teve tempo de gritar quando a lâmina se espetou na sua garganta, espirrando sangue para cima dos camaradas quando caiu. Ouviu o som de uma flecha a silvar, mas ela e Will já se mexiam. Will abateu o homem com o arco, e o grito que ele deu cessou tão rapidamente como começara, quando o poder de Will o atingiu. Aya atacou os outros dois homens que se aproximavam, escorregando para evitar a espada de um deles ao tirar o punhal do pescoço do homem morto, e cortou a barriga do outro rebelde. Ele arregalou os olhos ao agarrar-se às próprias entranhas, caindo de joelhos no chão com um baque tremendo.

Dois outros rebeldes carregavam sobre eles, rua abaixo, mas Aya foi rápida a bloquear a espada que lhe atacou o pescoço. Desviou o golpe com um grunhido, erguendo o punhal, e a ponta afiada atravessou a carne do homem logo abaixo das costelas. Ele titubeou, caindo pesadamente sobre ela. Aya sacudiu-o, girando o punhal na mão ao fitar os homens que chegavam agora.

Um grito de dor vindo da fonte cortou o ar, e Aya voltou o olhar, vendo Will a agarrar o seu flanco com os dedos escuros de sangue. Dois homens jaziam, mortos, aos seus pés, mas outros três estavam em frente dele, e um brandia a espada para a garganta de Will. Aya atirou o punhal sem pestanejar, e a lâmina espetou-se num olho do homem. Soltou um grito lancinante, pondo as mãos no rosto, e Will enterrou-lhe a espada no peito.

Aya sentiu um braço em volta do pescoço, que a apertava, sentindo o ar sair-lhe dos pulmões ao ser puxada para trás. Deu-se conta da ponta de uma lâmina abaixo das costelas. Will virou-se, com os olhos flamejantes de fúria, mas tropeçou, agarrando o flanco com a mão.

— Fá-lo, meu cobarde — silvou Aya ao seu adversário.

Sentiu o hálito quente do homem no pescoço quando ele riu. — Quero que a pequena merdas veja — disse ele. Os dois rebeldes junto a Will agarraram-no e obrigaram-no a ajoelhar-se. Ele debateu-se, arreganhando os dentes, mas nada podia fazer. Um deles puxou-lhe o cabelo, forçando-o a fitar Aya. Will abriu muito os olhos, a arfar pesadamente.

— Aya — silvou —, usa-o.

O seu poder. Porque o dele... não os podia tirar dali. Sem o tónico, Aya podia sentir aquela tempestade dentro de si, implorando para ser libertada. Para dizimar os rebeldes, a praça e talvez o mundo inteiro. Matava-os a todos.

— Aya! — silvou Will de novo.

— Baixa-te!

Aya seguiu por instinto aquela ordem que tinha vindo de algum sítio por trás dela. Foi o instinto que a fez desviar a cabeça para o lado, quando uma flecha silvou pelo ar e atravessou a garganta do homem que a segurava. O corpo dele era um peso morto, e caíram os dois no momento em que o som de passos a correr encheu a praceta.

A Guarda da Cidade tinha chegado. E, a julgar pelos barulhos que ela ouvia, os três rebeldes que restavam tinham sido capturados.

Aya apoiou-se nas pedras do chão, tremendo ao tentar levantar o homem de cima dela. Aquele peso desapareceu subitamente, e sentiu mãos debaixo dos seus braços, que a levantaram.

— Estás ferida? — A voz de Will era inquieta e percorria o rosto, os braços, os lados dela com as mãos — estava coberta de sangue dos rebeldes. Ela afastou-lhe as mãos e encostou uma das suas palmas no ferimento dele, e viu como o sangue escorria rapidamente.

— Aya.

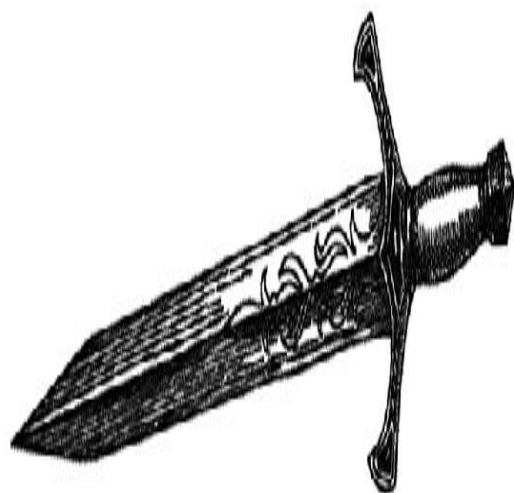
— Estou bem. — Olhou para cima e viu Aidon junto a eles, de arco na mão. — Obrigada.

O príncipe acenou com a cabeça, mas franziu o sobrolho quando viu o sangue que lhe encharcava a mão.

Aya lutou para manter a voz firme, e pressionou ainda mais a ferida de Will com a sua mão. — Ele precisa de um curandeiro.

Will pôs a sua mão na dela, fitando-a. — Estou ótimo — sussurrou, com um débil sorriso nos lábios. Mas o peso caiu para um dos lados e o corpo cedeu. Aya pôs um ombro por baixo do dele, continuando a pressionar a ferida.

— Um curandeiro, Aidon. Já!



A bebida queimava-a quando Aya a engolia, mas quase nada fazia para a acalmar. Estava em pé, no terraço de Will, com o olhar vazio sobre o mar.

— A dor vai permanecer — avisara o curandeiro. — Ele tem sorte por estar vivo.

Aya olhou para a palma da sua mão esquerda, onde estivera a cicatriz do juramento. A pele estava vermelha, por ter lavado e raspado o sangue.

Engoliu o resto da bebida de um trago.

— Porque não me serviste uma? — A voz de Will era rouca, um mero sopro contra o barulho das ondas a bater nos penhascos. Ela virou-se para ver que ele se encostava à ombreira da porta, com o cabelo desgrenhado e vestindo um par de calças pretas de algodão. Uma feia marca vermelha maculava o seu flanco, mas a pele estava lavada, ela tinha-o feito.

— Deixei água junto à cama.

Will tirou um copo de um armário, erguendo-o para que ela visse a bebida de tom acastanhado. — Eu sei. Por isso servi-me a mim mesmo. Saíste-me cá uma cuidadora — provocou ele, dirigindo-se para ela em passos curtos e ainda duros. Cerrou o maxilar ao pôr os braços na balaustrada.

— Tens fome? Posso mandar vir alguma coisa para comer — perguntou Aya.

Começou a ir para a porta, mas Will agarrou-lhe no pulso. Tinha um olhar sério ao observá-la.

— O que foi?

Mexeu os dedos, e com o polegar pressionou o meio da palma da mão dela, naquele sítio onde outrora existia a cicatriz do juramento.

— Sei que me curaste.

Ele tivera sorte por estar vivo. E ela tinha tido sorte — sorte, por ninguém ter visto o clarão de luz que lhe saía da palma da mão, quando tentava manter a carne de Will suficientemente apertada para estancar a hemorragia até que o curandeiro chegasse. Tinha tido sorte por usar o seu poder curativo e ter sentido que era como se tentasse encontrar luz dentro de si, em vez daquela profundidade escura que tinha sentido uns momentos antes.

— Estavas a esvair-te em sangue.

— Arriscaste curar-me, e ainda assim não tocaste no teu poder durante o ataque. Estavas disposta a morrer — murmurou Will.

— Podias ter usado facilmente o teu poder para te soltares. E não me venhas dizer que não o fizeste porque eles eram humanos. Estávamos a ser atacados.

Aya franziu o sobrolho, tentando ler aquilo que lhe ia no rosto. — Já te disse, não posso usar demasiado...

— Vi-te dizimar um esquadrão sem fazeres esforço.

Aya ficou tensa e puxou a mão da dele.

— É isso que queres que faça? Que mate tudo o que estiver no meu caminho?

— Se for para viveres mais um dia, sim, é exatamente isso que quero que faças — rosnou Will. — Ele tinha-te matado, se Aidon não tivesse chegado...

— Eu tinha-te matado, se Aidon não tivesse chegado! — Aquelas palavras fizeram ricochete, a verdade saiu-lhe dos lábios antes que o pudesse evitar. Abateu-se como uma pedra.

Ela não tinha dúvidas de que era a verdade; que, se ela tivesse libertado o seu poder, ele não se teria importado com quem viveria nem morreria. Cruzou os braços, sentindo subitamente frio, apesar da noite húmida.

— Não acredito nisso, nem por um segundo. — A voz dele era calma, e encostou-se à balaustrada a fitá-la.

— «Tu e eu sabemos que não é luz aquilo que te conduz.» Disseste-me isso uma vez.

O rosto de Will estava sério.

— Estava zangado — confessou —, não pensei realmente que...

— Para — pediu ela —, para de fingir que não sou um perigo para aqueles que ficam demasiado perto de mim. Para aqueles com quem me preocupo.

Algo mudou no olhar de Will ao ouvir aquilo, e ele deu um passo para ela, pousando a bebida na balaustrada. Pôs-lhe as mãos nos braços, subindo-as até aos ombros dela, e baixou a cabeça para a olhar fixamente.

— Eu vejo-te — disse bruscamente, apertando-lhe ligeiramente os ombros —, eu sempre te vi. E nada do que vejo em ti é escuridão, Aya.

Mas ele não conhecia aquele segredo que ela guardava enterrado tão fundo; aquele que ela não tinha contado a ninguém, nem mesmo a Tova. E não sentia a tempestade de poder em bruto dentro dela — e a maneira como ameaçava devorá-la até que nada restasse.

Vou destruir tudo o que alguma vez amei, como sempre fiz.

Ela abanou a cabeça, sentindo a emoção a crescer-lhe no peito, mas Will puxou-a mais para si.

— Eu estou aqui, para te puxar do abismo onde tens tanto medo de cair.

— Não me podes prometer isso — soprou Aya —, nem sequer sabemos onde fica a beira desse abismo.

O rosto de Will mostrava uma vontade inabalável.

— Então vou cair contigo. Para os próprios infernos, se for preciso. Não importa o tamanho da queda.

Aya pestanejou ao olhar para ele. Aquela honestidade entre ambos...

ainda era tão fresca. Mas as palavras dele pareciam uma promessa. Um juramento. Esfregou o polegar na pele nua da palma da mão esquerda, e Will passou a sua própria mão naquele lugar onde a marca outrora estivera.

— Sentes falta dela — supôs Will. Ela ainda não se tinha habituado à pele curada, a suavidade que tinha substituído os vincos e os alatinhos que sentira ali, durante aqueles anos nos Dymynara. Quase tinha querido que ficasse uma cicatriz no sítio onde Aidon lhe tinha feito o corte na face, para se sentir mais ela própria.

Se servisse como lembrança de que não era aquilo que o mundo tinha esperado que fosse.

— Sinto — concordou calmamente, passando a mão no flanco dele e vendo como os músculos lhe tremiam ao mínimo toque dela e a pele se arrepiava quando ela passava os dedos na ferida.

— É impressionante, não é? — disse ele, com um sorriso irónico; como se pudesse sentir a leveza de que ela precisava.

E, apesar da tensão toda daquele dia — daquelas semanas, na verdade —, Aya riu. Will sorriu-lhe em resposta, um sorriso deslumbrante, e o verde dos seus olhos faiscava ao olhar para ela. — Acho que ambos passámos por coisas bem piores — observou Aya.

Will abanou a cabeça, e a luz nos seus olhos desvaneceu-se tão depressa como surgira. — Não me lembres isso. Pensei que estivesse morta, naquela noite em que os Athatis atacaram. Quando não te consegui sentir, pensei que eles tivessem...

Abanou a cabeça outra vez e tossiu, como se as palavras lhe estivessem presas na garganta.

Uma imagem dele, de joelhos, surgiu na mente de Aya, e o eco da sua voz a chamar por ela atravessou-lhe a memória. Pousou a mão no flanco dele e Will ficou quieto, com os olhos fixos nela. Questionava-se se as emoções emaranhadas que sentia se refletiam nele: a confusão, a surpresa e a hesitação, e algo mais, que ela ainda tinha receio de explorar.

Engoliu em seco.

— Nunca te agradeci. Por teres ido atrás de mim nessa noite. Não teria escapado se não me tivesses encontrado.

Ele levantou o sobrolho.

— O que foi que aconteceu a «Tinha sido capaz de cumprir o meu juramento para com os nossos cidadãos, se tu não te tivesses metido»?

Aya gemeu.

— És insuportável.

O riso dele era como uma carícia pousada na boca dela.

— Sou coerente, querida Aya. — Ela sentia o calor dele, o seu perfume,

como mel e especiarias, a enroscar-se em volta dela, na brisa do oceano. O coração de Aya começou a bater, irregular, quando o sorriso de Will desapareceu, substituído por outra coisa completamente diferente. Endureceu o ar entre eles, tão densamente que Aya podia sentir que a puxava para ele. Mas Will soltou uma respiração profunda e afastou-se, pegando no copo que tinha pousado. Deu um último e longo gole. — Devíamos dormir um pouco.

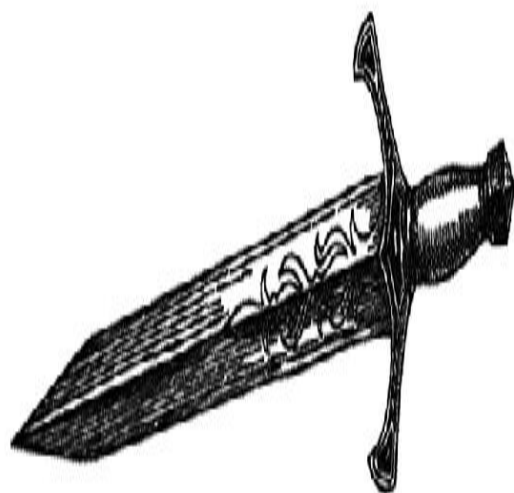
Ela pestanejou, como se voltasse a si. Dormir... claro. Parecia impossível conseguir. Mas ela anuiu e deu-lhe as boas-noites. Estava à porta do terraço quando ele a chamou.

— Tenho uma coisa para ti. Está na gaveta de cima da cómoda.

Ela virou-se para ele, mas Will voltara-se para olhar para o oceano, e a sua silhueta era uma sombra escura que se destacava do céu estrelado.

Um pacote, papel castanho atado com um laço branco. Ela tocou-lhe e susteve a respiração ao sentir uma pequena faca de esculpir e um bloco de madeira. Tinha um bilhete, escrevinhado numa letra que ela não reparara que lhe era familiar:

Só peço que não me apunhales com ela.



Aidon caminhava pela praia, circulando entre as fogueiras apagadas e parando aqui e ali para saudar as pessoas. A noite estava quente e o céu do crepúsculo exibia um tom púrpura carregado. Um quarteto de músicos tinha-se instalado perto da maior fogueira, que ia servir como centro das danças e das celebrações, apesar de o festival se estender ao longo de toda a praia em forma de crescente.

Estava aliviado por a celebração de Pysar ter finalmente chegado. A cidade precisava de festa. E, duas semanas já passadas desde o último ataque dos Bellare, talvez a boa disposição continuasse.

Mesmo se ele não a tivesse.

Apesar de ter tentado recusar, Aya tinha-o levado a almoçar logo após o ataque — como agradecimento por lhe ter salvado a vida, e a Will. Não lhe dissera que ele não sabia se o merecia.

Ainda trazia os gritos nas masmorras nos ouvidos. Os membros dos Bellare que tinham capturado nada haviam dito sobre o paradeiro de Helene, mesmo sob o interrogatório de poderes de Sensainos e de Persi.

Não é o poder por detrás da arma que conta, é o momento do ataque, adorava dizer a sua mãe. Tem paciência, Aidon.

Mas estava cada vez mais agitado.

Aidon suspirou e comprometeu-se em silêncio a afastar aqueles pensamentos, pelo menos durante aquela noite. Já via chamas no outro lado da praia. O Acendimento tinha começado.

Procurou por Aya entre a multidão. Queria que ela visse isto, que visse como as chamas se iam acendendo ao longo da praia, numa corrida até à fogueira central, onde pessoas segurando tochas aguardavam, prontas para a acender e começar oficialmente os festejos.

Encontrou-a a atravessar a multidão, vestindo um comprido vestido branco, que quase não tocava na areia. Tinha num dos lados uma longa racha que deixava ver as sandálias douradas, cujas tiras se lhe entrelaçavam pelas pernas acima. Tinha arranjado o cabelo em caracóis soltos, com um lado preso por trás da orelha e o resto a cair-lhe pelas costas como uma cascata. Josie vinha com ela, usando um vestido em tom de pêssego num tecido semelhante, com a saia a esvoaçar-lhe em torno dos pés.

Traziam copos de vinho espumoso e Josie ergueu o dela em saudação, antes de se afastar sem dizer nada, com um sorriso cúmplice. Não havia sinais de Will, mas Aidon não sentia falta dele. Tinha convidado o Justiciero por cortesia, e talvez como um pedido de desculpa pelo ataque. Não porque Aidon

sentisse prazer na sua companhia.

— Então... isto é que é o Pysar — disse Aya, percorrendo a praia com o olhar.

Por um instante, ele não conseguiu arranjar palavras para responder. Era como se a simples presença dela lhe tivesse prendido a voz, e tudo o que conseguia fazer era olhar para aquele belo vestido que se prendia no pescoço de Aya, deixando-lhe as costas nuas até quase ao fundo. Ela inclinou a cabeça para ele, com um sobrolho interrogativo.

— O que é?

— Nada — tossiu Aidon. — Sim, isto é o Pysar.

Ela sorriu-lhe. — Vais dizer-me do que se trata?

Aidon meteu as mãos nos bolsos das calças de linho bege e balançou apoiado nos pés. — Nem sempre fomos os líderes no comércio que somos hoje. Tornámo-nos conhecidos pelas nossas iguarias, somente desde que um grupo de marinheiros descobriu o padrão da migração de primavera de um peixe que é específico desta região. O festival de Pysar comemora essa descoberta. É o começo da primavera — um despertar.

Em volta deles começaram a ouvir-se vivas, e ele pôs-lhe as mãos nos ombros, sentindo a pele suave e quente dela.

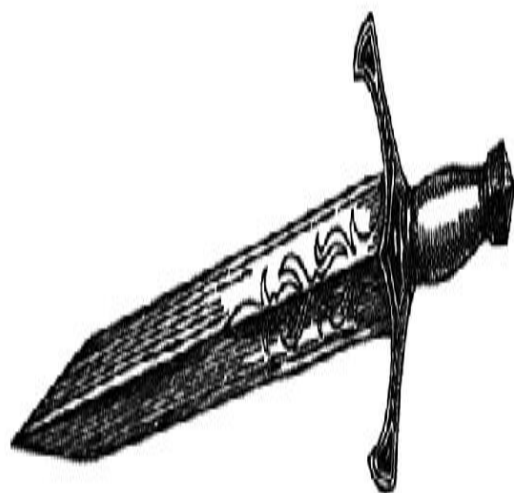
— Mas isto é só o começo — disse ele, voltando-a, no momento em que os fogos percorriam a praia e os gritos se alegravam mais e mais, ao ver-se a enorme estrutura da fogueira central a ser engolida pelas chamas.

— É fantástico — disse Aya num sopro. Olhou em volta pela praia, mais uma vez, com uma admiração calma no rosto.

— E o que fazemos agora?

O quarteto começou a tocar e Aidon sorriu, pondo-lhe a mão ao fundo das costas e conduzindo-a.

— Agora, dançamos.



Aya encontrou Will, longe do divertimento, a esconder-se nas sombras criadas pelas fogueiras.

— Pareces caloroso e divertido — sorriu ela, dando-lhe um copo de vinho borbulhante. Em abono da verdade, as calças bege e a camisa de linho branco faziam com que ele parecesse caloroso, apesar de se ter escondido por entre as sombras e isso fazer com que parecesse alguém desejoso por evitar olhares — sem ser bem-sucedido. Aya reparou nos olhares curiosos na direção dele, mas se Will deu conta deles não o disse. Apenas lhe sorriu, ao provar o vinho.

— Disseste que tínhamos de vir, porque Aidon nos convidou, não porque temos de nos divertir. — Os olhos dele fitaram-na de cima a baixo, detendo-se naquele vestido antes de pousarem no rosto corado. — Mas tu parece que estás a passar um bom bocado.

Aya encolheu um ombro, voltando-se para ver a dança seguinte.

— Estás chateado porque não há ruivas bonitas para seduzires?

Will sorriu com malícia.

— Cuidado, Aya. Posso ficar a pensar que tinhas ciúmes.

Ela virou-se para olhar para ele, sorrindo, mas não conseguiu dizer nada quando ouviu o som suave de um violoncelo a juntar-se à noite calma, numa melodia lenta e profunda. Os pares começaram a dançar mais devagar, alguns deles lançando olhares confusos aos músicos, mas o violoncelista continuava no seu ritmo doce, que não era, claramente, típico dessas terras. Outros simplesmente se aproximaram mais, para dançar ao ritmo regular e lento, não se importando com aquele som menos familiar que os envolvia.

Aya deu um passo para a fogueira, como se estivesse em transe, com os olhos postos no quarteto. Susteve a respiração quando o violino se juntou à música, lentamente, conduzindo a melodia num dueto belíssimo. Prosseguiram até que o outro violinista se juntou a eles, e a viola também, com o seu calor próprio a unir-se à melodia.

Ela conhecia este tipo de música; conhecia até esta mesma canção. Tinha dançado ao som dela, apenas uns meses antes, numa noite fria sob um céu cheio de estrelas.

— Isto é de casa — arfou Aya com os olhos a picar, fitando o quarteto. Sentiu que Will a observava e engoliu em seco, voltando-se para ele. — Tu pediste esta canção?

— Pedi.

— Porquê?

Mexeu a queixada ao pensar na resposta. Por fim, deu um pequeno suspiro.

— Porque também tenho saudades. — Parecia que queria dizer algo mais, mas havia cautela no seu olhar — uma cautela que, Aya sabia, ela própria tinha criado ao longo dos anos, com tudo o que fizera. Mas Will suspirou de novo, olhando para ela e deixando sair as palavras num sopro. — E porque quero dançar contigo.

Aquela confissão instalou-se entre eles, como uma ponte que os aproximava.

Pegou no copo dela e pô-lo na areia ao lado do seu. Estendeu-lhe a mão e olhou para ela, expectante, como se não tivesse medo do que aquilo podia significar; como se soubesse, ainda antes de ela o dizer, que aceitaria.

Mais um passo em frente, se ela o quisesse dar. Mais uma camada de desconfiança afastada, se ela aceitasse.

Eu vi-te, sempre.

As ásperas palmas das mãos dele juntaram-se às dela, e os dedos cruzaram-se quando ele a puxou para o meio daqueles que dançavam. Pôs um braço em volta da cintura de Aya, puxando-a para si ao começarem a mexer-se ao som da música, e a melodia doce envolveu-os. Era como se Aya pudesse sentir as cordas dos músicos na própria alma — a melodia percorria-lhe o sangue.

— Da última vez que fizemos isto pensei que me fosses apunhalar — disse Will.

— E quem diz que já não penso fazê-lo? — disse ela, provocante, inclinando para trás a cabeça para o fitar. Os olhos dele brilhavam, e a luz das chamas refletia-se nos pontos verdes no meio do cinzento.

Aya susteve a respiração ao sentir os dedos dele a percorrerem-lhe a espinha devagar, arrepiando-se ao sentir o toque nas costas nuas. Ele inclinou-se, e o seu rosto estava a poucos centímetros do dela.

— É esquisito — disse-lhe, numa voz vibrante —, não sinto nenhuma arma.

— Não onde tens os dedos — riu ela.

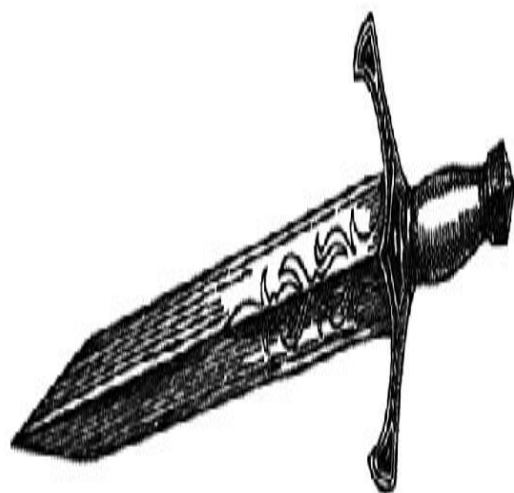
Will endireitou-se e olhou para ela, com uma expressão de surpresa. Inclinou a cabeça para trás e riu, e o som era como o de um tenor que tocava cada parte dela, iluminando algo profundo no seu âmago — algo novo, um sentimento que não lhe era familiar, no qual ainda não se tinha aventurado.

Ela sorriu de volta e ele puxou-a para si, e o seu perfume envolveu-a, de uma forma que era tão forte como os braços que a seguravam.

— *Touché*, querida Aya — murmurou. Ela deixou-se guiar, que a música a percorresse enquanto Will os conduzia pela areia, em passos firmes, com os

seus olhos cinzentos sempre postos nos dela. E por um instante era aquilo, simplesmente: a música doce, o perfume dele e uma calma dentro dela, não muito diferente do sentimento que ele tinha usado para a desarmar quando competiam nos treinos dos Visya, quando eram jovens, em Dunmeaden.

Um sentimento de paz.



Will fez a Aya uma vénia e piscou-lhe o olho quando a canção terminou, antes de ir embora por entre a multidão. Começou outra canção, desta vez mais rápida e alegre.

— A aproveitar o festival?

Aya voltou-se e o sorriso no seu rosto desvaneceu-se ao encontrar o olhar do rei Dominic. Ela recompôs-se, fazendo uma longa vénia e dizendo:

— Sim, majestade. Estou grata a Aidon por nos ter convidado.

Dominic emitiu um som apenas, virando os olhos para a festa. — Parece que Gianna não estava enganada sobre o modo como vocês iriam encontrar pontos em comum — disse.

Aya franziu a testa.

— Não sei se compreendo o que quereis dizer.

O rei prosseguiu, descuidado, voltando-se para a encarar.

— Gianna referia na carta que ela sentia que vós e o meu sobrinho poderiam dar-se muito bem. Ela referia-se a um casamento. — Ele deu uma gargalhada curta ao ver a expressão no rosto de Aya. — Decerto que sabíeis das intenções da vossa rainha. O tempo que passais com o meu sobrinho não me passou despercebido.

Aya respirou muito fundo.

— Com todo o respeito, majestade, a minha rainha não veria em mim uma parceira adequada para o vosso sobrinho. Ela tem os deuses na mais alta estima e nunca aceitaria uma Visya num trono.

O sorriso do rei tornou-se mais selvagem, e os olhos brilharam à luz das fogueiras.

— Ah, mas, minha querida Aya, vós não sois uma Visya qualquer, pois não?

O coração dela galopava quando o rei avançou um passo, e Aya cerrou os punhos.

Ele sabe. Como é que ele sabe?

— Vós sois os olhos de Gianna — prosseguiu o rei. — As vossas capacidades não têm rival.

Um alívio feroz percorreu-a, e tentou permanecer calma, dizendo:

— Lisonjeais-me. Mas não nos esqueçamos de que Will é o Segundo de Gianna.

— Não penseis que sou ingénuo ao ponto de acreditar que diríeis que o Príncipe Negro é mais poderoso do que vós. Além disso, todos sabemos que ele tem um lugar *especial* no coração de Gianna. Não tenho dúvidas de que os

sentimentos dela se refletem na posição que ele ocupa.

Aya sentiu-se corar, cerrando os lábios ao pensar em todas as maneiras como o poderia silenciar.

Dominic escarneceu:

— Tenho de dizer que é *fascinante* saber o quanto Gianna esconde da sua Triáde.

Ele estava a enganá-la, a testá-la para... o quê? Uma confirmação quanto aos sentimentos dela por Aidon? Quanto às aspirações de Gianna? Às intenções de Aidon?

— Posso garantir-vos, independentemente daquilo a que a rainha tenha feito alusão na sua carta, que Gianna não tem planos quanto a mim e a Aidon — disse calmamente. — Nunca iria admitir que um Visya governasse.

— Ah, mas vós não governaríeis, pois não?

Aya ergueu uma sobrancelha.

— Alguma vez partilhastes esses sentimentos com a vossa esposa, majestade?

Era uma tirada cruel, e Dominic eriçou-se, mas sentiu uma mão nas costas e de repente Aidon estava ao lado dela, com um sorriso fácil no rosto.

— Está tudo bem? — perguntou-lhe com suavidade. Aguçou o olhar ao encarar o rei. — Tio? — disse, com um ligeiro aceno de cabeça. Dominic retribuiu o gesto, olhando friamente para Aya antes de ir embora.

Aidon assobiou baixinho ao olhar para ela.

— Habitualmente ele guarda aquele olhar de fúria para mim. O que foi que lhe disseste?

Aya saiu de junto dele, cruzando os braços e afastando-se da multidão. Sentiu frio, de repente. Aidon seguiu-a, mantendo-se atrás dela enquanto se afastavam dos festejos.

— Gianna disse alguma coisa sobre nós na carta dela? — Tentou não dizer nada em tom acusatório, voltando-se para Aidon. Ela sabia que Aidon a vigiava... mas esconder-lhe isso?

O sobrolho do príncipe ergueu-se.

— Não li a carta, é a primeira vez que ouço falar dela. — Mexeu no colarinho, perguntando, hesitante: — O que queres dizer com... sobre nós?

Aya esfregou a cara, olhando para todo o lado menos para Aidon, tentando recompor-se. — O teu tio julga que Gianna tinha intenções de nos juntar.

Aidon franziu o sobrolho.

— Eu... — fez uma pausa, um segundo para pensar —, eu estou surpreendido por ouvir que ela daria apoio a tal coisa. Isso iria diretamente contra aquilo que os deuses decretaram.

— Foi isso que eu disse ao teu tio. Ela nunca aprovaria isso.

O sobrolho de Aidon ficou mais carregado, olhando para ela, e meteu as mãos nos bolsos.

— Mas suponho que, se não fosses coroada...

— Isso alguma vez aconteceu?

Aidon abanou a cabeça, como se voltasse ao presente.

— Que eu saiba, não.

Aya virou-lhe as costas, deixando que a brisa a acalmasse. Porque sequer sugerira o rei aquilo? Gianna nunca apoiaria algo assim. A não ser...

Ela já tinha dado provas de que estava desesperada por uma aliança. Se houvesse uma forma de garantir o apoio de Trahir sem desafiar diretamente os deuses, talvez patrocinasse.

Aidon andava lentamente em volta dela, tocando-a suavemente ao levantar-lhe o queixo. Mas os seus olhos castanho-escuros eram interrogativos e exibiam preocupação. — No que estás a pensar?

— Em muita coisa — respondeu ela, com calma. Ser instrumentalizada daquela forma... como um objeto...

Esse pensamento fazia-a sentir-se vazia.

Tinha-se realmente transformado em nada mais do que uma arma, brandida pela sua rainha. Apesar de Aya ter tido sempre orgulho em servi-la e em cumprir o seu dever, era mais uma vez confrontada com um terrível sentimento de que, talvez, essa devoção lhe tivesse toldado a razão.

Aidon passou-lhe a mão por uma face, pondo-lhe uma madeixa de cabelo para trás da orelha.

— Não acredito que o meu tio não me tenha dito nada — murmurou, com o rosto sério. — Eu pensei... pensei que nisso teria pelo menos uma palavra a dizer. — Aquela observação era distante e soava como se não estivesse a falar para ela. Aya abriu a boca para o confortar, mas as palavras ficaram na garganta e a sua mente corria.

Aidon pestanejou, fitando-a fixamente. — Isso não quer dizer que eu não... que não quereria... — Pôs-lhe as mãos, quentes e calejadas, no rosto. Ele estava demasiado perto para que ela pudesse pensar racionalmente, para não ser apanhada pela intensidade do seu olhar, ainda com o seu pensamento frenético, ou pelos lábios dele, que estavam tão perto dos seus.

— Talvez... nós... — Aidon parou, e os seus olhos fixavam os de Aya e os seus lábios. Era uma questão para a qual ela não tinha resposta.

— Que se foda — sussurrou ele. Cobriu a distância, e a sua boca era quente ao apertar-se contra a dela. As mãos de Aya agarraram-lhe o colarinho, insegura se o devia puxar mais para si ou empurrá-lo para longe. Aidon parecia estar também em conflito consigo mesmo, e pôs-lhe uma mão na nuca,

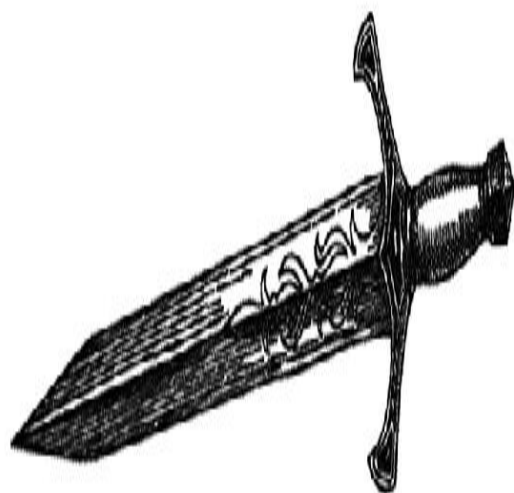
afundando-lhe os dedos no cabelo.

Alguém tossiu por trás deles e Aya recuou, pondo-se a alguma distância do príncipe.

— Detesto estragar este momento — disse Will, de mãos nos bolsos e o rosto imperscrutável, olhando para eles —, mas temos um problema.

Aidon fitou Will, como se o único problema que visse estivesse ali mesmo à sua frente. Mas Will não se deixou perturbar e anunciou com uma voz grave:

— Viviane desapareceu.



Will sentia os olhos de Aya postos nele ao percorrerem as ruas vazias de Rinnia. Os sons do festival ficavam longe, naquele silêncio adormecido que se espalhava pela cidade.

Varria as ruas com o olhar, por entre aquele ar tenso, e pelo meio do eco dos seus passos sobre as pedras da rua, ao seguirem Aidon por uma estreita rua lateral.

Josie tinha encontrado Will na praia, com o seu vestido em desalinho e os olhos aterrorizados, balbuciando incompreensivelmente. Tinha percebido as palavras *Viviane*, *casa* e *desapareceu*, e tinha sido capaz de juntar as peças facilmente.

Dominic ordenou que Josie voltasse para o palácio com os seus guardas, e a princesa parecia nem o ter ouvido. Pestanejava apenas, quando a levaram embora, como se o choque a tivesse esmagado. Will tinha dúvidas de que ela ficasse quieta quando o choque desaparecesse. A princesa era uma lutadora, preferia morrer do que ficar à espera, se alguém que ela amasse estivesse em perigo.

— Encontrem-nos — tinha sido a única ordem que Dominic dera ao sobrinho.

A Guarda da Cidade tinha sido enviada, e Aya, Will e Aidon tinham decidido começar a sua busca pela rua junto ao estúdio vandalizado de Vi. Percorreram as ruas até chegarem aos limites da zona residencial.

De repente, Aya lançou uma mão sobre o peito de Will, fazendo-o parar.

— Olha — murmurou. Ele seguiu-lhe o olhar para uma poça de sangue, num beco.

Will fechou os olhos por um segundo.

Não podia estar morta. Por Josie, não podia estar morta.

Aidon franziu a testa, ao ver o sangue e o beco que mergulhava na escuridão.

Aya pôs-se ao lado dele, concentrada. Olhou para as paredes, pondo uma mão nos tijolos.

— Está na parede.

Will inclinou-se sobre o ombro dela para ver. De facto havia manchas de sangue, quase invisíveis, sobre o vermelho-escuro dos tijolos.

— Achas que os Bellare estão a retaliar, depois do ataque na outra semana? — perguntou ela, inclinando a cabeça para ver os olhos dele.

— Não sei. — Afastou-se do aroma dela, hortelã e pinheiro, tentando ignorar a expressão de mágoa que viu atravessar-lhe o rosto.

Não estava a tentar ser cruel, mas a tentar acalmar as campainhas que tilintavam nos seus ouvidos sempre que olhava para Aidon, e estar perto dela não ajudava.

Não se tinha surpreendido por os ver beijarem-se. Ele praticamente empurrara-os um para o outro, no fim de contas. Mas tinha ficado surpreendido por sentir que aquilo fizera libertar-se alguma coisa; a maneira como tinha sentido o chão a escorregar-lhe por baixo dos pés, como se tivesse perdido um apoio que ele nem sequer sabia que tinha.

Aidon entrou mais no beco, de espada desembainhada. Aya seguiu-o, com passos silenciosos, a seguir o rasto do sangue.

— Aya — avisou-a Will. Não gostava daquilo — de nada daquilo. Mas ela continuou, percorrendo a parede de tijolo com a mão. Will praguejou baixinho e foi atrás deles. O ar era espesso e imóvel naquele lugar, como se a brisa do mar nunca ali entrasse.

Will seguiu pelo meio do beco, sentindo a respiração pesada. Libertou o seu poder, mas era como se atravessasse lama, lutando contra o ar pesado.

Aidon apareceu à frente deles, de espada baixa. — É um beco sem saída — disse.

Então, Will sentiu.

A dor, profunda e lancinante, atravessou-lhe as costelas e ele rangeu os dentes, silvando. Aya fitou-o, e rodopiou, com um punhal na mão, voltada para a entrada do beco.

Três silhuetas encapuzadas surgiram, e duas delas traziam a terceira, inerte, no meio deles.

Viviane.

O ar parecia pulsar e brilhar, antes do peso desaparecer e Will ouvir o sangue a pingar do punhal que um dos homens segurava na mão esquerda.

Haviam-se aproximado silenciosamente, e tinham-nos conduzido para aquele beco sem saída.

Ninguém os ouviria.

Os olhos de Aya fixaram-se na silhueta inerte, e a voz tremia-lhe quando chamou:

— Vi!

Não houve resposta. Will usou o seu poder de novo, sentindo, em vez de manipular. Podia sentir a dor e o terror.

— Está viva — murmurou para Aya.

— Não vencereis esta luta — disse o homem do punhal a Aidon, aproximando-se.

— Se acreditas nisso, julgaste mal quem estás a enfrentar — retorquiu Aidon. — Tratámos dos vossos camaradas. Também vamos cuidar de vós.

Aquelas palavras fizeram Will sentir uma inquietação nas entranhas. Não fazia sentido levá-los para ali assim, juntos. Os Bellare que os tinham atacado na praça estavam em vantagem numérica. Mas precisavam dela, eram humanos...

Estes homens eram Visya.

Voltou os olhos para Aya e também viu isso na expressão dela. Algo não batia certo. Ela abriu a boca para avisar Aidon, mas o príncipe caiu de joelhos, largando a espada, gritando, e o som reverberava no escudo de ar que um dos homens, um Caeli, havia criado. Arqueou as costas, esticando os tendões do pescoço e rangendo os dentes de dor perante aquilo que o outro homem, um Sensainos, libertara sobre ele.

Will rilhou os dentes e reforçou a sua proteção para bloquear a dor. Aya baixou-se para Aidon, mas um punhal brilhou no escuro e Viviane caiu no chão, e o seu próprio grito era terrível; quebrava o próprio crânio de Will, que caiu com ela, sentindo a sua dor; a morte dela corria para ele e esmagava o seu escudo, e ele dobrou-se de joelhos, arfando.

Era isto a armadilha? Tornar Will e Aidon indefesos e acabar com Aya? Será que Kakos a tinha encontrado?

Mas o Caeli não a atacou. Não imediatamente. Não, puxou o punhal que tinha acabado de mergulhar no coração de Viviane e correu para Will.

Os olhos de Will encontraram os de Aya, sentindo a dor que o percorria enquanto Viviane dava os últimos suspiros, num pico de agonia que deu lugar ao frio toque da morte, que se abatia igualmente sobre ele.

Mas não era a morte.

Era um jorro de gelo que voou do braço esticado de Aya e rachou o chão sob os pés dela, ao mesmo tempo que irrompia fogo, inundando o beco com uma luz que cegava. Por um instante, tudo o que ele sentia era fogo, gelo e dor — tanta dor que pensou que estava a morrer. A visão tremia, o beco dissipava-se sob o calor e o frio, e então... uma abençoada escuridão, e calma.

Mas ele lutou contra essa paz, agarrando-se à sua consciência e obrigando-se a ficar ali — onde a dor ainda se espalhava pelo seu corpo —, a ficar onde estava. A respiração ofegava por entre os seus dentes, abriu os olhos e viu Aya, gélida na sua posição, fitando-o, com o braço estendido na direção do Caeli.

Uma lança de gelo espetava-se no peito do Caeli, empalado a alguns passos de Will.

Morto.

Junto a ela Aidon estava de joelhos, de mãos pendentes ao longo do corpo ao olhar estarecido para o corpo queimado à sua frente, que não era diferente daqueles que Aya tinha deixado em Dunmeaden.

Will levantou-se, tentando acalmar-se e olhando para Aya. Pôs-lhe o braço no dela, baixando-o, tentando ler-lhe o rosto. Tinha a pele tão fria como o gelo que rachara o chão, e a sua mão tremia.

— Estás bem?

Ela fez um ligeiro aceno de cabeça. Mas o medo cobria-lhe os olhos azuis. Medo, culpa, e aquele olhar vazio que ele sabia que era o dela a cair em si mesma. Tentou acalmá-la, quando disse a brincar:

— Fogo e gelo, hein?

Aya respirou fundo e olhou para Aidon, ainda de joelhos, fitando a carne queimada.

— O fogo não fui eu.

Will virou-se para o príncipe. Ainda não tinha visto o chão queimado à frente do príncipe, como se o fogo tivesse saído diretamente de onde ele estava. Aya deu um passo para Aidon.

— A chama de Hepha — arfou ela. — Tu és um Incend. — Aidon sentou-se no chão, com uma expressão tensa ao voltar-se para ela.

— E tu não és só uma Persi.

— Depois — resmungou Will. Era muito perigoso ter aquela conversa ali.

Aidon levantou-se, com uma expressão de desconfiança na cara, e Will pensou que ele começaria a discutir. Mas o príncipe assentiu com a cabeça. E Will voltou-se para a silhueta inerte de Vi, com passos pesados.

Tinha desapontado Josie miseravelmente.

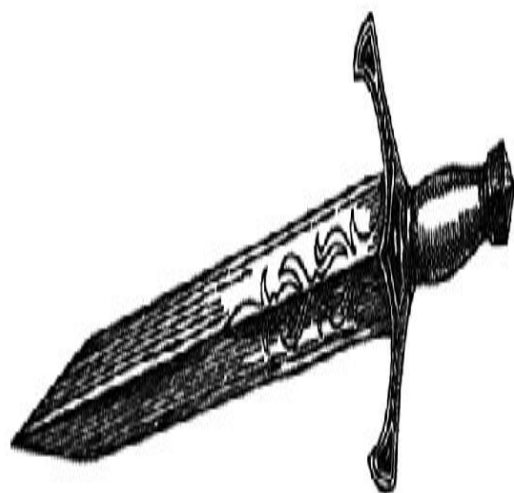
Agachou-se junto àquela silhueta e pegou no capuz, sentindo o coração saltar-lhe no peito quando encarou o rosto que se tinha congelado numa expressão de terror nos seus últimos instantes.

Olhos azuis, grandes e vazios. A boca aberta num suspiro de dor. E o cabelo loiro e brilhante, que ele não tinha visto, debaixo do capuz, no escuro.

Praguejou baixinho.

Não era Viviane.

Era Helene Lavigne.



O regresso ao palácio foi longo e lento. Will carregava nos braços o corpo sem vida de Helene, e o silêncio era tão tenso que Aya podia senti-lo em volta deles.

Visya que são membros dos Bellare, dissera Aidon quando cremara os corpos, ambos exibindo a tatuagem de uma rosa.

Aya não discutira. Apesar de Aidon ter uma vez mencionado que os Bellare tinham, de facto, alguns Visya devotos, aquilo não fazia sentido, tivessem tatuagens ou não. Este ataque tinha sido diferente do anterior.

Aya guardou as suspeitas para si ao chegarem aos portões do palácio, onde reinava o caos, com guardas a correr por todo o lado. Peter passou pelo meio da confusão para ir ter com eles, arregalando os olhos quando os viu. Ficou sem pinga de sangue quando viu o fardo que Will carregava.

— É...?

— Helene Lavigne — disse Aidon, antes de prosseguir, na sua voz de comando: — Chama os pais dela, imediatamente.

Peter engoliu em seco e fez um aceno de cabeça.

— Avis e Claire já cá estão. Na sala do trono. O teu pai mandou chamá-los, assim que se soube que Viviane desapareceu.

Foram atrás de Peter, e os seus passos ecoaram no chão de mármore. Peter empurrou as pesadas portas de madeira que abriam para a sala do trono, onde estavam reunidos o rei, Enzo, Zuri, Josie e os Lavigne. Josie virou-se para olhar para eles, e fixou-se de imediato no corpo que Will levava nos braços. De rosto devastado, lançou-se sobre ele. — Não! — gritou. — Não, não, não!

Aya alcançou-a, segurando-a.

— Não é ela — tranquilizou a amiga —, não é ela.

Mas Claire Lavigne parecia já saber, tinha visto as madeixas loiras que caíam do capuz. O seu grito de agonia dilacerou Aya, e a mãe de Helene caiu de joelhos no chão, com Zuri colocando-lhe um braço nos ombros.

Avis nem sequer olhou para a esposa. O seu olhar estava fixo em Will, e o seu rosto passou de lívido a vermelho, e depois púrpura.

— Tu! — rosnou, avançando para eles a passos largos. — Tu fizeste isto, *assassino*! — Os seus berros reverberaram pelo salão, e a sua fúria crescia como um vagalhão, avançando mais para Will. Aya ia soltar Josie, mas Aidon pôs-se entre os dois homens, de olhar sombrio.

— A vossa filha foi morta por dois rebeldes, antes que os pudéssemos dominar.

— Tretas! — cuspiu Avis, a tremer de fúria. — Sabeis quem ele é. O Justiceiro da rainha Gianna. Ouvistes aquilo de que ele é capaz. E ainda assim

permitis que ele ande por aqui entre nós, como se não tivesse saído dos infernos.

O rosto de Will mantinha-se inexpressivo enquanto ouvia Avis a lançar as suas acusações — mostrava somente a mesma severidade que se tinha instalado nele assim que descobrira o corpo de Helene. Mas Aidon deu um passo em frente e apontou para Will.

— Este homem quase morreu ao tentar salvar a vida da vossa filha. Foi ele quem quis trazer-vos o corpo dela.

Avis fitou o príncipe mas não disse nada, ao passar por ele e pegar na filha, tirando-a dos braços de Will. O coração de Aya rasgou-se-lhe, ao ver Avis olhar para Helene com uma dor tão grande que ela sabia que o iria perseguir para sempre.

Aidon olhou para o rei.

— Tratámos dos dois rebeldes, e os seus corpos foram atirados ao mar. Peço a vossa licença, tio, para me encontrar com a Guarda. Temos de verificar todos os postos dos rebeldes que nos são conhecidos. Esta noite.

Dominic anuiu.

— Talvez os nossos convidados queiram descansar. Foram mais do que úteis. — Apesar de aquelas palavras terem soado a agradecimento, havia dureza nos seus olhos.

Aidon fez uma vénia e lançou um olhar a Aya e Will, dizendo com uma expressão indecifrável:

— Eu acompanho-vos. — Olhou depois para Peter. — Reúne a Guarda. Quero toda a gente ao pé do centro de treinos, daqui a 20 minutos.

Aidon acelerou o passo ao chegarem ao pátio, de ombros caídos, ao dirigirem-se para a ala dos convidados.

— Eu vou contigo — disse Josie, que os seguia.

— O tanas é que vais.

Josie agarrou o braço ao irmão, e disse, enraivecida:

— Ela é a minha parceira e está em perigo. *Eu vou contigo.*

Aidon olhou para a irmã nos olhos, e disse numa voz calma:

— Eles sabem.

Josie voltou-se, estarrecida, para Aya e Will. O príncipe retomou o seu caminho, e em breve estavam dentro da sala de estar de Aya. O silêncio era outra vez pesado, e Aya e Aidon olhavam um para o outro.

— Então? — perguntou Aidon por fim, com uma expressão de desdém.

— Cuidado — avisou Will da poltrona onde se tinha sentado —, estou-te grato por me teres defendido da acusação de Lavigne, mas não hesitarei em tirar-te esse olhar da cara. — Aya olhou para ele fixamente, e Will encolheu os ombros. — A não ser que queiras fazer as honras, querida Aya.

Ela respirou fundo, virando-se para os irmãos à sua frente.

— Vocês sabem que o *Conoszenza* fala de outra, igual a Evie, que deverá surgir se a escuridão reaparecer? — Eles acenaram com a cabeça, com uma expressão de confusão no olhar. Aya respirou fundo novamente, apertando o seu vestido sujo com as mãos.

E contou-lhes, tudo. O fogo no mercado. Sobre Tova ter sido incriminada. A profecia e as ordens que recebeu para estudar com os Saj da Maraciana.

Contou tudo, menos o mais importante — que o seu poder estava lentamente a consumi-la. E que, a acreditar em Natali, ela não era a santa por quem tinham esperado.

Aya não tinha certeza porque é que tinha sido capaz de usar o seu poder nessa noite sem sofrer consequências, especialmente porque não tomara o tônico. Ainda assim não contaria tudo, numa altura em que estavam tão desesperados para terem a ajuda de Trahir.

Se a existência de uma santa fosse aquilo que encorajasse Aidon a pressionar o tio para fazer uma aliança, então que assim fosse.

Quando terminou, Aidon estava apoiado num sofá e massajava as têmporas com os dedos. Mas Josie continuava direita, de sobrolho alerta. Havia um tom de ceticismo na sua voz, ao dizer:

— Nunca tinha estado na presença de uma santa.

— É emocionante, não é? — interveio Will com ligeireza na voz, mas o seu olhar cerrado estava posto em Aidon, que ainda não dissera nada.

Aya olhou para a expressão do príncipe.

— Então deixem ver se percebo — murmurou ele por fim. — A vossa general está inocente. Tu és a Segunda Santa. E estás aqui para estudares o teu poder, em segredo, com os Saj da Maraciana. Mais algum segredo?

Demasiados.

— Eu falei a sério quando jantámos — disse Aya —, tenho tentado estudar o Decachiré para saber como é que o meu poder pode ajudar-nos na guerra. Porque a guerra aproxima-se, Aidon. Kakos está a preparar-se para fazer alguma coisa. Sabes isso tão bem como eu. E se não estivermos preparados para eles... tenho medo daquilo que possa acontecer ao mundo.

Aidon mexeu o maxilar e olhou para outro lado, passando a mão pela nuca.

— Acho que nos deveis agora uma explicação, vossa alteza — lançou-lhe Will.

— Estás a chegar a um ponto em que não me vou meter se ele tentar matar-te — avisou Josie.

— Já passou algum tempo, desde a última vez que eu e o príncipe nos

batemos.

— Chega! — interveio Aya. As provocações de Will não iriam levá-los a lado algum. Mas aquela intervenção nada mais fez do que atizar a fúria que se escondia sob a sua arrogância, e a postura relaxada de Will desapareceu, ao agarrar os braços da poltrona.

— Ele quer falar sobre segredos? Ele tem andado a mentir ao mundo inteiro há mais de quantos anos! — rosnou Will. — Quem sabe o que mais andam eles a esconder de nós?

— Isso é engraçado, vindo de ti — replicou Aidon. — Tens andado com uma arma que pode alterar o curso da guerra que aí vem e não disseste nada. E queres que confie em ti?

Aidon engasgou-se, e no seu pescoço surgiu uma veia, inchada. Tinha uma expressão de pânico, agarrando o pescoço com as mãos, como se lhe faltasse o ar.

— O que estás a fazer? — perguntou Josie.

Will recostou-se simplesmente na cadeira, com um olhar frio assente no príncipe. — A reproduzir a sensação de asfixia — disse, com uma voz perigosamente calma.

— Para! — ordenou Josie, feroz, sobrepondo-se ao choque que Aya sentia, mas antes que pudesse mexer um dedo Will deixou o que estivesse a fazer a Aidon. O príncipe ofegava, tentando recuperar o fôlego.

— Agora que sei que és um Visya, Aidon, espero que entendas com clareza que não terei problemas em soltar o meu poder sobre ti. E se te referires a ela como «arma» mais uma vez, não hesitarei e cortar-te a língua. Entendido?

Aidon continuava a respirar com aflição, mas virou-se para Aya e disse-lhe numa voz arrependida:

— Desculpa. Não fiz por mal.

Enterrou a cabeça nas mãos, deixando sair um gemido.

— Isto é tudo uma confusão de merda.

Josie pôs-lhe uma mão no braço, apertando com gentileza. Comunicaram em silêncio, sem dizer palavra, e Aidon pigarreou antes de dizer:

— Eu era uma criança doente, e nenhum curandeiro conseguia descobrir o que tinha. O meu tio mandou buscar um dos Saj da Maraciana, num último esforço para me salvar a vida, e ele descobriu o meu poder. Guardá-lo dentro de mim estava a matar-me lentamente. Aparentemente, alguém da minha linhagem era um Visya.

Aya mordeu um lábio ao observar o príncipe. Ele encarou o olhar com um sorriso débil. — Percebem, então, porque não quer o meu tio que isto se saiba. — Fez um riso forçado, passando a mão pela cara. — Um príncipe

Visya. O fim da linhagem, da minha família. — Aidon dobrou-se para a frente, com os braços apoiados nos joelhos. — Não posso herdar a coroa se alguém souber da verdade. Os deuses proibem-no.

Will mantinha-se em silêncio, com os olhos no príncipe. Aya podia ver as engrenagens da mente dele a mexerem-se, e tinha os dedos entrelaçados à sua frente.

As regras do reino eram claras: só o irmão mais velho poderia reinar. Passar a coroa para outra linhagem era algo que não tinha acontecido em mais de um século.

— O teu tio apoiaria Kakos? — perguntou finalmente Will, ainda com um olhar meditativo. Aidon abanou a cabeça.

— Não somos tão tradicionalistas como Tala, mas não aceitamos a heresia. Se Kakos está a tentar fazer renascer o Decachiré são uma ameaça, não apenas para os humanos e os Visya como para os deuses. Ele nunca apoiaria algo assim.

— Mesmo se a heresia te apoiar, um Visya, a ficares com o trono? — perguntou Will. — Porque duvido que Kakos ligue alguma coisa àquilo que os deuses decidiram.

— Mesmo assim. O apoio de Kakos não chegaria para varrer séculos de crença e de costumes deste reino — replicou Aidon. — O meu tio sabe isso. Acho que ele espera não ter de se envolver, e deixar que a vossa rainha lute sozinha nessa guerra religiosa, se Kakos atacar mesmo.

Seria a opção mais segura, pensou Aya. Especialmente se o sobrinho do rei quisesse lutar. Ela sabia que Aidon não se dedia com nada para defender o seu povo, incluindo revelar o seu poder, para os salvar.

— E se tivesses o apoio de Gianna para herdares o trono? — perguntou com suavidade, a olhar para o chão. — Será que isso fazia com que o teu tio concordasse com uma aliança?

— Ela nunca faria isso — replicou Will imediatamente.

Mas Aya continuava a olhar para uma lágrima no tapete, agarrando-se à borda da sua cadeira. — Se ela estava disposta a oferecer-me em casamento, acho que ela aceitaria qualquer coisa.

De novo, um silêncio tenso abateu-se sobre eles.

— Parece que perdi alguma coisa — disse Josie, devagarinho.

— O rei diz que Gianna tem a intenção de me casar com o teu irmão — explicou Aya. — Ele diz que ela fez alusão a isso, como uma eventual moeda de troca por uma aliança. — Não olhou na direção de Will, recusando ver o que ia naqueles olhos cinzentos.

— Gianna usar-te-ia desse modo? — perguntou Josie, num tom incrédulo — Porquê?

Aya abanou a cabeça, procurando as palavras para explicar aquilo de que suspeitava, mas foi Will quem respondeu, em voz inexpressiva:

— Porque não há maior concessão do que vos oferecer um dos dela.

— Mas tu és uma Visya — prosseguiu Josie.

— Talvez ela pense de modo diferente, se for uma santa a sentar-se no trono — respondeu outra vez Will, no mesmo tom de voz —, ou talvez não pense que é heresia, porque Aya não seria coroada.

Aya fitou o olhar duro de Will. O seu rosto era ilegível.

— Quaisquer que sejam as razões, se Gianna está assim tão desesperada para me oferecer, talvez o esteja suficientemente para apoiar um Visya no trono, se isso significar que o teu tio nos apoia com as suas forças — disse Aya.

— Há uma outra opção — atalhou Aidon —, uma opção que não envolve Gianna. — Os olhos dele percorreram Aya, como se procurasse pelo poder que ela exibira.

— Absolutamente não — rosnou Will.

— Se o meu tio souber que a profecia é verdadeira, pode ter mais vontade de lutar — insistiu Aidon. — E haveria provas infalíveis do poder que Kakos está a reunir.

— Há provas incontestáveis — interrompeu Will —, vimo-las no nosso próprio reino, e ainda assim ele recusa agir. A resposta é não.

— Ele tem razão — acrescentou Aya —, ainda há muita coisa que desconhecemos. Os meus estudos não terminaram. E se algo disto se souber em Kakos, isso poderia acelerar o conflito, antes de estarmos prontos.

Muito perto, andavam a passar muito perto da verdade sobre o poder dela.

Ninguém seguirá a escuridão para a batalha.

Aya enterrou os dedos no braço da cadeira e Aidon passou a mão pelo maxilar.

— Então, quando é que estas novidades se saberão? — perguntou.

O silêncio caiu entre os quatro amigos, e Aidon riu alto. — Vocês estão a gozar!...

— O meu poder é uma vantagem — argumentou Aya, desesperada em evitar que Aidon fosse mais fundo. — Tu, acima de todos os outros, sabes como o elemento surpresa pode ser valioso. Gianna dirá ao mundo quando for a altura certa.

— Pediriam às minhas tropas que entrassem na guerra sem saberem que existe uma santa.

— Eu não...

— O meu reino precisa de saber, Aya!

Aquela frase tombou, pesada, no quarto e a voz de Aidon estava cheia de autoridade. Aya levantou o sobrolho. Tinha falado um rei. Ela nunca tinha ouvido aquele tom de voz a Aidon. Até Josie parecia surpreendida ao olhar para o irmão.

Aidon esfregou o rosto, dizendo em voz tensa:

— Mas tudo bem. Por agora falarei com o meu tio. Tentar ver se há alguma coisa que o faria mudar de ideias para enviar as nossas forças.

Aya sabia que aquilo assinalava o fim da reunião. Josie já estava em pé, desesperada por encontrar Viviane. Aya conduziu-os à porta, mas Aidon deteve-se.

— Peço desculpa pela maneira como reagi — disse Aidon por fim, depois de Will ter saído. — Estava assustado.

Aya ergueu uma sobrancelha, com um sorriso leve nos lábios.

— Ainda bem que recuperaste os sentidos.

Aidon revirou os olhos.

— Assustado, mas não contigo — disse, incrédulo —, antes por ti. E por mim, também. Estava assustado por terem descoberto o meu segredo. E por aquilo que o teu segredo podia querer dizer. — Encostou-se a um armário, cruzando os braços.

— Não és lá muito assustadora, sabes?

— Mesmo sendo uma arma? — Tinha tentado que a provocação lhe saísse leviana, mas ela sabia que ele sentia que a tinha magoado.

— Não disse isso por maldade. É o modo como fui treinado para pensar sobre nós durante toda a minha vida. Mas não é como eu te vejo.

Nós.

Sim, porque ele era um deles. Um Visya, como ela.

Aya engoliu em seco, tentando aliviar a tensão que se instalara entre eles. Mas deu por si a hesitar, e as palavras que lhe vinham tão facilmente quando estava com Aidon pareciam agora sair pesadas e cheias de implicações. Ele inclinou a cabeça, a observá-la, com um sorriso triste no rosto.

— A proposta de Gianna está a afetar-te.

Aya mexia as mãos por trás das costas.

— Achas que isso incitaria o teu tio a fazer uma aliança?

— E isso iria fazer com que aceitasses a proposta?

Ela sabia qual era a resposta. Por Tala, pelo seu povo, ela aceitaria. No entanto, não o conseguia dizer. Dizia a si mesma que era porque lhe traria perigos. Mas talvez também fosse por causa da hesitação que viu no próprio olhar de Aidon, quando ele a fitara.

Será que ele poderia viver com isso? Saber que o seu casamento não se tinha originado pelo dever com a sua Coroa, mas pelo dever dela com a sua

rainha?

E ela, poderia?

Aidon ergueu-se.

— Antes de responderes, lembra-te de que isto não é somente sobre alianças, e deveres, e nós. É sobre ele também. — Não havia acusação na voz dele, mas isso não impediu Aya de rejeitar automaticamente aquilo que ele pensava, e abriu a boca para falar. Aidon impediu-a, com uma suave gargalhada. — Podes mentir-me quanto quiseses, Aya. Mas sê honesta contigo mesma. Tu tens sentimentos por ele. E por mim também — atalhou, com um sorriso matreiro. — Mas, ignorar aquilo que existe entre ti e o Will para tomares esta decisão seria tolo. E, se bem me lembro, disseste que não és.

Era uma decisão, sequer? Se Gianna insistisse naquilo, e Dominic aceitasse... eram apenas peões num jogo. Ela sabia que ele também sentia isso — sabia que isso estava implícito do beijo que ele lhe dera na praia. Importavam-se um com o outro, isso é certo, mas...

Nunca quiseste algo para ti mesma?

— Como é que manténs a calma? — perguntou-lhe Aya, com os braços cruzados e muito apertados um no outro.

Ele encolheu os ombros.

— Estou habituado a que o meu tio imponha as suas vontades. E, como tu mesma disseste uma vez, Aya, não ajuda desejar coisas que não podem acontecer.

Como as escolhas que eles não podiam fazer, por causa dos seus deveres.

— Além disso — prosseguiu Aidon —, há casamentos muito piores, não achas? — Ele sorriu, mas o sorriso não combinava com o olhar.

— Tu mereces escolher — ela precisava que ele ouvisse aquilo. Precisava que ambos ouvissem.

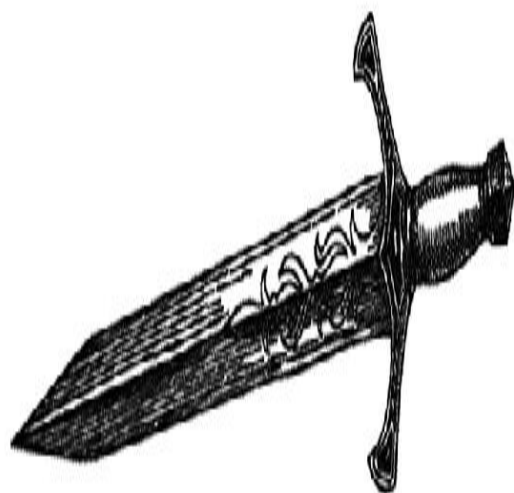
— Como tu. Por agora, temos assuntos mais urgentes. A Josie precisa de mim. Retomamos esta conversa no Genemai? Guardas-me uma dança? — O Festival do Nascer da Magia era daí a menos de 15 dias.

Aidon já estava de saída quando ela o chamou outra vez.

— Será que a hipótese de uma aliança te faria aceitares?

Os olhos castanhos de Aidon eram imperscrutáveis.

— Não sei — disse apenas, antes de sair e fechar a porta.



Will escorregou para baixo da água e deixou que o calor escaldante lhe mordesse a pele. Podia lavar o sangue que lhe cobrira os braços, e a cinza que se lhe agarrara à pele, mas não conseguia libertar-se das palavras que ela tinha dito a Josie naquele quarto.

Gianna tem intenção de casar-me com o teu irmão.

Sentia uma raiva viva, que o fazia ferver.

Não era importante o lugar onde Aya estivesse, nem o que aprendesse a fazer com o seu poder. Ela pertencia à rainha, e Gianna nunca abriria mão daquilo que lhe pertencia.

Tal como ele lhe pertencia, igualmente.

Acabou o banho e dirigiu-se às bebidas que tinha no quarto, sem se preocupar em agarrar num copo. Iria beber aquela garrafa de uma vez só, mas parou, com o gargalo encostado aos lábios, sentindo aquela impressão dentro de si, que lhe dizia que não se encontrava onde era preciso que estivesse.

Baixou vagarosamente a garrafa e encostou a cabeça à parede. Quase não se tinha controlado, uma hora antes. Não podia ir ter com ela agora, não assim, com as emoções a pulsar tão intensamente. Estava habituado às sensações; nunca tinha tido medo delas, dos outros ou das suas. Mas esta... intensidade parecia que o iria devorar. Como se estivesse na água que chocava contra os penhascos, e se não conseguisse controlar aquilo iria afogar-se.

Will praguejou, pousando a garrafa, e voltou ao quarto dela.

Sabia exatamente onde a iria encontrar: no terraço, a olhar para as ondas. E pelos vistos tinha estado a fazer isso desde que haviam saído. Ela tinha os braços cruzados à volta do tronco, com o vestido branco, manchado de sujidade, a esvoaçar ao vento. Will encostou-se à ombreira da porta, sentindo a brisa marinha a passar sobre ele, e a observá-la.

— Achas que é isto o que ela quer? — perguntou Aya, sentindo a sua presença, sem ele ter dito nada. Apesar da situação em que estava, a boca dele contorceu-se num sorriso. Mas desapareceu, quando viu os ombros curvados dela e os braços tensos, quando ela se apertou ainda mais.

— Vem para dentro.

Ela olhou por cima do ombro, e o coração de Will deu um salto, ao ver a desolação no rosto de Aya. Via como o peito dela arfava, em unísono com as ondas, vendo a respiração dela, que Aya tentava acalmar. O poder libertou-se por instinto — para acalmar, para suavizar —, mesmo que soubesse que nada iria encontrar.

Ele nunca tinha percebido como a presença dela era tão constante, até a

ter perdido; o quanto a essência de Aya se misturava com o próprio ser dele.

Mesmo quando ela tinha a sua proteção erguida, ele ainda fora capaz de a sentir sob esse escudo.

— Vem para dentro — repetiu, numa voz mais áspera. Pensou se ela conseguiria sentir o apelo, o rogo, que punha nas palavras.

Aya desencostou-se da balaustrada e atravessou o terraço, parando um segundo ao passar por ele. Tocou-lhe com o ombro e passou-lhe os olhos pela cara. Mas continuou fechada sobre si mesma, por isso ele manteve a distância ao ir à frente dela para o quarto de banho. Apontou com a cabeça para a banheira e abriu a água, pegando numa toalha que estava na prateleira ao lado dela. Aya sentou-se na borda, de olhar vazio. Will viu a temperatura da água com o pulso, após o que molhou a toalha.

Depois ajoelhou-se em frente dela, pegando-lhe suavemente num braço e fazendo-a libertar-se do seu próprio aperto sobre si mesma. Ela olhou para ele, vendo como lhe passava a toalha ao longo do braço, com gentileza. Lavou a sujidade e o sangue, com mãos firmes, apesar de sentir o coração aos saltos. Passou para o outro braço, em silêncio, e a respiração dela acalmava-se e os seus músculos relaxavam-se.

Fitou-o melhor quando ele lhe tocou no rosto, limpando a terra e a cinza que tinha. Ele passou-lhe a toalha pela testa, pela nuca, deixando que a água fresca a acalmasse de um modo que ele não conseguia. Ela deixou cair a cabeça, encostando a testa à dele, e a sua respiração trémula roçou nos lábios de Will.

Ele engoliu em seco, tentando evitar o rugido dentro de si.

Deixou cair a toalha na banheira e ela levantou a cabeça quando ele se afastou e se encostou ao lavatório. Durante longos instantes olharam um para o outro, com Aya a agarrar o bordo da banheira com tanta força que os nós dos seus dedos ficaram brancos.

— Então? — perguntou ela por fim, numa voz ligeiramente trémula.

— Então, o quê?

— Achas que este casamento é aquilo que ela quer?

— Não sei. — Esfregou a cara, sentindo a cabeça a doer-lhe.

— Achas isso sequer possível?

— Não sei.

Ele não queria falar sobre isso, não com ela. Na verdade, nem sequer podia considerar a ideia — não conseguia, sem que não tivesse vontade de bater nalguma coisa. Estava exausto, zangado, e se ela não deixasse de olhar para ele daquele modo poderia fazer algo de que se arrependesse.

Mas Aya não parava, e ergueu-se.

— Isto já alguma vez aconteceu no passado, um Visya casar com realeza?

— Não sei.

— Achas que a ideia de uma santa muda alguma coisa? Que as pessoas aceitariam?

As perguntas dela eram de mais, e as palavras jorraram da boca dele sem que as pudesse deter.

— Não sei, Aya! Com mil diabos, não sei!

Aya olhou estarrecida para ele, com a boca meio aberta, surpreendida com aquela explosão. Will praguejou, indo até à sala de estar. Não devia ter ido ali, sobretudo porque não se podia controlar.

— E tu, então? — perguntou ela, seguindo-o.

— Eu, o quê?

Ela pôs-se em frente dele, barrando-lhe o caminho para a porta. Os olhos brilhavam-lhe como brasas azuis, e ela não se afastou.

— Disseste-me para me aproximar dele. Sabias disto? Era isto o que querias?

Ele cerrou os punhos e tentou acalmar-se, mas a voz tremia-lhe.

— O que é preciso, Aya? O que mais tenho eu de fazer, para te provar que não sou teu inimigo? O que é preciso para que confies em mim? — Ele sabia que ela podia ver a raiva inscrita no seu rosto, e talvez sentisse até as vagas que o percorriam.

Não estava zangado com ela, mas com a porcaria que era a sua própria vida, toda a sua vida — e parecia que os deuses nunca o libertariam dela.

Aya cruzou os braços e disse em voz baixa:

— Não respondeste à minha pergunta.

— Pois não — disse ele, com os dentes cerrados, olhando para ela —, não te quero ver a enfeitá-lo. Não o quero a olhar para ti de cima a baixo. Não o quero ver a fazer-te rir e corar. Não o quero ver a tocar-te, como se ele...

Mordeu as palavras, como se tivesse medo de que o sufocassem.

Aya ficou calada por um segundo, com os olhos a brilhar ao perceber.

— Tens ciúmes — disse, ofegando.

— Ele está apaixonado por ti! — vociferou Will, agitando os braços. Como se isso fosse alguma explicação adequada para a agonia em que estava. Como se ela compreendesse.

— E tu tens ciúmes.

Ele sentiu os músculos da cara tremer. Ela aproximou-se dele, encarando-o. Estava muito próxima, tão perto que o peito dela roçava no seu, e ela olhou para cima para o fixar nos olhos. Tudo o que era estava refletido nos olhos de Aya. A trepidação. Os nervos. O desejo.

Foi o desejo, aquilo que o fez acariciar-lhe o rosto, e dizer, numa voz

baixa e rouca:

— E se tiver?

Aya tremeu, e a sua respiração tornou-se irregular, tal como a dele.

— Eu não te pertença — sussurrou, mas não havia impertinência naquilo que disse. Só havia o mesmo ardor que ele sentia, quando o corpo dela se encostava ao seu.

Will sorriu sombriamente, afastando-lhe do rosto uma mecha de cabelo e observou-a; viu como a maneira que ela olhava para ele era suficiente para o pôr de joelhos. Inclinou-se para ela e encostou-lhe os lábios ao rosto, e Aya susteve a respiração.

— Tu não pertences a ninguém, a não ser a ti própria — soprou-lhe ao ouvido, sorrindo ao sentir os dedos dela a pressionar-lhe os bíceps. Os olhos dela reluziam, quando ele encostou a testa à dela. — Não te esqueças disso.

Precisou de todo o seu autocontrolo para se afastar dela. Para desviar as mãos do rosto dela e deixar que o ar fresco percorresse o quarto, afastando-se e vendo a pele dela a arrepia-se. Ela olhava para ele, fixamente, de boca entreaberta, com o peito ofegante como o dele.

— Boa-noite, Aya.

Tinha sido um feito impossível, afastar-se dela. Deixá-la, quando ela o fitava com aquele olhar que o fazia pensar que talvez, se calhar, os deuses não o tivessem abandonado por completo.

Will suspirou, encostando-se à parede áspera de tijolo. Não queria estar ali, escondido à espera nas sombras, do lado de fora de uma das tabernas da cidade. Mas não conseguia livrar-se daquela sensação, desde que tinham sido emboscados nessa mesma noite.

E aquele olhar no rosto de Avis...

Aidon e a sua Guarda da Cidade percorriam cada casa e cada buraco à procura do mais pequeno sinal de Viviane, mas Will apostaria o seu melhor punhal em como voltariam de mãos vazias.

E ele iria prová-lo.

Passou pouco tempo até que Ryker saísse aos tropeções da taberna, caminhando para longe do centro da cidade. Will seguiu-o, esperando que o rapaz se metesse por uma das ruelas mais escuras antes de prosseguir.

Mas parecia que Ryker tinha ficado à espera dele.

Não, não dele.

Porque, quando o rapaz se voltou, não o fez para Will, mas para uma silhueta que surgira da escuridão, ao seu lado. O sangue de Will gelou quando viu Ryker puxar Aya para si, encostando o seu punhal à garganta dela.

— Bom, isto é interessante — grasnou Ryker, olhando para Will por cima da cabeça de Aya. O seu braço agarrou-a pela cintura, como se sentisse que Aya lhe media as forças, procurando escapar. Ela tinha vestido as suas roupas de combate, como se se tivesse preparado para aquilo.

O punhal de Ryker fez-lhe sangue, e o rapaz rosnou-lhe:

— Não me provoques.

O olhar de Aya era letal ao ficar quieta, e Ryker esfregou o nariz na orelha dela.

— É bom ver-te outra vez, docinho.

Will não tinha ido atrás de Ryker depois de os Bellare o terem atacado e a Aya. Não porque o quisesse poupar, mas porque via a desesperança no rosto de Aya, de cada vez que a sua pesquisa não dava em nada. Ainda precisava de Lorna, mas não estava preparado para jogar essa cartada.

Mas agora...

Devia tê-lo matado.

— Deixa-a — disse apenas.

Ryker fez um estalido com a língua, pondo-se direito e fitando Will com os seus olhos escuros.

— Acho que a vou manter aqui, para que te portes bem.

Will viu Aya a cerrar os punhos, mas ela não se atreveu a mexer-se, com aquele punhal encostado à garganta.

— O que querem vocês?

— Ela não tem nada a tratar contigo — disse Will.

Mais uma vez, Ryker olhou para Aya.

— Ah, ela estava a seguir-te. Interessante. Parece que não confia em ti.

Aquelas palavras tocaram nalgum sítio dentro de Will, mas ele continuava focado naquela lâmina, que, por fim, Ryker baixou um pouco. Will meteu as mãos nos bolsos, respirando fundo — para se acalmar e assumir aquela arrogância que, ela sabia, afastaria Ryker de Aya.

— Estou aqui para te poupar algum tempo. Os dois homens que procuras estão mortos.

Ryker franziu o sobrolho, deixando cair mais o punhal.

— Do que estás a falar?

— Os teus amigos mataram a filha de um conselheiro. Por isso, nós devolvemos-lhes o favor — disse Will secamente. Não precisou de usar o seu poder para ver que o choque no rosto de Ryker era verdadeiro.

— Helene está morta?

— Às mãos de rebeldes — atalhou Will, observando o punhal de Ryker a descair mais ainda. *Mexe-te*, implorou silenciosamente a Aya. Mas ela não estava a dar atenção a Ryker, mas a ele mesmo, e franzia a testa ao tentar

perceber o que se passava.

— Apanhámos dois deles, esta noite.

— Isso é impossível — disse Ryker num sopro, baixando totalmente o seu punhal. Aya ficou onde estava.

— Já fizeste a contagem dos vossos?

Fala, Ryker. Eu sei que tu sabes, por isso fala.

Ryker mordeu o lábio, com hesitação genuína no olhar, ao fitá-lo.

— Avis Lavigne pertence aos Bellare.

Aya libertou-se, e num instante tinha dominado Ryker, deitando-o ao chão e pondo-lhe um pé na garganta, com o punhal dele apontado ao coração.

— Gostava mais de ti por trás — chiou Ryker.

— E eu gosto mais dos homens deitados de costas — rosnou ela, pressionando a sua bota sobre a traqueia dele.

Will suspirou.

— Preciso dele vivo, amorzinho.

Aya atirou-lhe um olhar sobre o ombro.

— Ele pode não ter matado Helene, mas quase nos matou a nós.

— Não tive nada que ver com isso — disse Ryker debilmente.

Aya arreganhou-lhe os dentes e inclinou-se para ele.

— Mentas.

— Deixa-o, Aya. — O olhar que ela deitou a Will era mortífero. Ele pensou que o merecia, porque a tinha mantido na ignorância, mas não se importou. Ela estava muito zangada e em fúria.

— Por piedade — gemeu Ryker, chamando a atenção de Aya.

Ela aliviou a pressão do seu pé no pescoço do rapaz.

— Avis Lavigne é membro dos Bellare?

— É. — O olhar de Ryker voltou-se para Will. — Eu disse-te que nada tínhamos que ver com o rapto dela.

— Mas esqueceste-te de dizer o que Avis é — disse-lhe Will, tirando as mãos dos bolsos e cruzando os braços, a fitar Ryker. — Os Bellare têm algum motivo para lhe querer mal, ou à sua família?

— Porque é que te contaria isso, com a Guarda no nosso encalço? E não, Avis é um elemento destacado dos Bellare.

O sobrolho de Aya cerrou-se mais ainda e Will sabia que ela estava a chegar à mesma conclusão que ele.

Alguém estava a incriminar os Bellare.

Fez um gesto com o queixo na direção de Ryker, e Aya franziu o sobrolho, mas afastou-se deixando o rapaz levantar-se. Ryker não perdeu tempo com despedidas e desapareceu na escuridão.

Will ainda pensou em ir atrás dele, mas Aya só olhava para o jovem

rebelde a afastar-se, e os ombros dela estavam tensos. Will sabia que a verdadeira luta estava ali, e os olhos azuis de Aya eram como gelo, quando ela se virou para ele.

— Que diabo...? — disse. Will tentou tocar-lhe na ferida do pescoço, mas ela deu-lhe uma palmada na mão. — Como foi que te envolvereste com os Bellare?

Ele bufou:

— Não estou. Senti o choque de Avis quando Aidon os acusou de terem assassinado Helene. Tive sorte em ter Ryker, que poderia confirmar as minhas suspeitas.

— Tinhas um infiltrado e nunca disseste nada?

Will suspirou, passando a mão pelo cabelo.

— É complicado. Não se podia saber que tinha uma ligação aos Bellare, por mais pequena que fosse, se quiséssemos a ajuda de Dominic.

Aya franziu o cenho, com a dúvida a crescer-lhe nos olhos.

Will detestava ter de lhe dizer aquilo, daquela forma.

— Ele quase nos matou, e tu deixaste-o ir.

Will fechou os olhos, quase sem fôlego.

— Por favor, Aya, confia em mim. Contar-te-ei tudo, prometo. Mas agora há coisas mais urgentes.

Era uma esperança tola, pensou ele, pedir-lhe que confiasse nele assim. Mas Aya apenas franziu a testa, ponderando o olhar determinado dele, e pôs a mão no pescoço.

Estremeceu ao sentir o corte.

Will rasgou um bocado da sua camisa, afastando-lhe a mão e pressionando ao de leve a ferida.

— Sempre em desalinho — murmurou.

Os dedos dela roçaram nos dele ao agarrar no trapo.

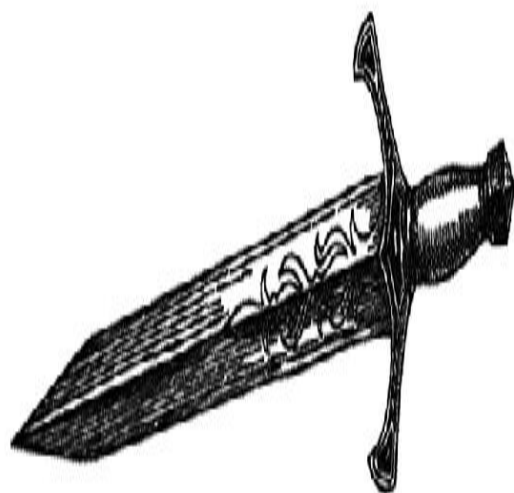
— Alguém anda a pôr culpas nos Bellare.

Will fez um sorriso amarelo.

— Dou-te três tentativas para adivinhares quem é — disse. Não ajudou a aliviar a tensão que Aya sentia. — Se o pudéssemos provar...

Will viu como uma determinação severa se apoderava da expressão dela, e Aya meteu uma mão num dos seus bolsos, tirando uma chave.

— Estou muito à tua frente.



Aya também tinha suspeitado. Tinha percebido que alguma coisa não batia certo, quando aqueles homens os tinham encurralado no beco, nessa noite.

Só não sabia bem o quê. Por isso, quando Will saiu do seu quarto mudou de roupa. E depois tinha-o seguido.

Mas antes surripiara a chave do gabinete de Dominic a um guarda desprevenido.

O castelo estava quase vazio, pois era de madrugada e os guardas estavam quase todos à procura de Viviane. E aquele silêncio era pesado, como se fosse algo misterioso que se tivesse abatido sobre aqueles salões.

Aya ia à frente, no escuro, varrendo os corredores com o olhar e rezando em silêncio a Saudra, para que os ajudasse naquela tarefa. Apesar de os passos deles serem silenciados pelos tapetes espessos que estavam colocados ao longo dos corredores até ao gabinete de Dominic, ainda lhe parecia que estavam a fazer muito barulho.

Sentia a sua pulsação a bater como um martelo ao chegarem à porta, com Will atrás dela.

Estamos quase lá.

Atrás dela, Will ficou petrificado.

Vinha um som abafado de passos do salão à esquerda, por onde tinham acabado de passar, que se aproximavam cada vez mais. Aya agarrou em Will, empurrando-o, avançando para o gabinete. Com um movimento rápido, tirou a chave do bolso e meteu-a na fechadura, abrindo a porta, e lançaram-se para dentro do espaço. Aya fechou a porta silenciosamente, e encostaram-se na sua superfície polida, à espera que os passos desaparecessem.

O coração de Aya batia como um tambor, e as mãos tremiam-lhe quando as passou pelo cabelo, assim que o silêncio regressou. Will praguejou baixinho, de olhos fechados, a recobrar o fôlego.

— Vamos acabar com isto — sussurrou.

Um pequeno brilho de luz prateada passava por entre os espessos reposteiros carmesim, que cobriam as duas enormes janelas do outro lado do estúdio. Will avançou para a mesa de trabalho, afastando os reposteiros apenas o suficiente para que tivessem um pouco da luz da aurora a iluminar a mesa, coberta de papéis. Aya trancou a porta antes de se juntar a ele, já Will pegava num maço de documentos. Ela avançou, pegando-lhe na mão.

— Deixa que eu faço isso — ordenou. — Dominic será capaz de sentir, se alguma coisa estiver fora do lugar.

Ele deu um passo atrás cuidadosamente, e Aya percorreu a mesa com o olhar. Informações comerciais, correspondência do Conselho, os livros do costume... nada que indicasse uma traição.

Mas Dominic era astuto, talvez mais até do que pensavam. Não deixaria uma prova assim, exposta.

Aya agachou-se ao lado da mesa, passando com os dedos pelos lados das gavetas. Deu um toque em cada uma. Todas trancadas. Abriu cada uma delas com o seu pequeno punhal, que brilhava na luz baça, e percorreu os documentos que encontrou.

— Espera aí — sussurrou Will, de olhos postos nalguma coisa sobre a mesa. Pôs alguns papéis de lado e franziu o sobrolho. — Deixa lá, pensei que...

Parou, e os olhares de ambos viraram-se para a porta. Vinham passos na direção deles, outra vez — Merda!

Mexeram-se depressa e Will arrumou os papéis sobre a mesa, enquanto Aya se baixava para fechar as gavetas. Na última, os olhos dela detiveram-se em algo familiar. Aya pegou no pergaminho, ignorando o silvo de Will, que lhe dizia para deixar aquilo.

Mas ali estava — a carta da rainha para o rei. A mesma de onde Aya tinha visto Dominic ler algumas passagens, quando lhe falaram de aliança, pela primeira vez. Se soubesse o que Gianna tinha escrito, então talvez...

A porta rangeu e Will praguejou ao afastar Aya, baixando-se e fechando a gaveta, trancando-a num movimento rápido e suave. Puxou Aya para trás do reposteiro, chegando-os o mais possível para junto das estantes que revestiam a parede, no momento exato em que a porta se abria. Ela sentia o coração dele a bater-lhe contra as suas costas, com os braços postos em volta da cintura dela, e a sua respiração quente e ofegante no seu pescoço, escondendo-se o melhor possível no sítio onde acabava a estante e começava a grande janela. Aya tentou acalmar-se ao ouvir os passos a aproximarem-se da mesa. Will apertou-a mais, quando o recém-chegado começou a afastar os reposteiros, e ambos sustiveram a respiração à medida que estes se abriam.

Estavam condenados.

Mas nesse momento... os reposteiros sustiveram-se e o espesso tecido carmesim ainda os ocultava. Os joelhos de Aya estremeceram de alívio, mas nem se atrevia a respirar, pois alguém estava ali, tão perto deles. Ouviu o som de uma gaveta a abrir, papéis a serem remexidos, e depois o estalido da gaveta a ser fechada. Aya continuou a suster a respiração, esperando até que os passos se dirigissem novamente para a porta, que foi fechada e trancada com um estalido sonoro, e só então emitiu um sopro profundo. Podia sentir o corpo de Will a distender-se, e então apercebeu-se como ele estava aninhado a ela, e

os seus braços ainda a agarravam ao seu corpo vigoroso.

Deixou cair a cabeça no ombro dela, com os lábios a roçarem-lhe o pescoço, ao dizer, ofegante:

— Se nos fizeres isto outra vez mato-te.

Ela não pôde evitar o riso que se formou dentro de si. Um riso verdadeiro, calmo, talvez causado pelo alívio enorme que ela sentia a percorrê-la, mas de qualquer forma um riso. Ela tremeu contra ele, cerrando os lábios ao tentar conter a histeria, que ameaçava emergir. Sentiu que Will sorria.

— Ainda bem que achas isto divertido — deu-lhe um ligeiro apertão antes de sair de trás dos reposteiros —, mas adorava saber o que é assim tão importante que fez com que quase fôssemos descobertos.

Aya foi atrás dele até à mesa e ajoelhou-se ao pé da gaveta mais uma vez, com as mãos a tremer devido à adrenalina que a percorrerá há poucos instantes. Usou o punhal para abrir a gaveta novamente e puxou-a.

Will ficou imóvel ao lado dela, ao ver a carta que Aya encontrara.

— Isso é...?

— A carta de Gianna — soprou Aya. Não era por causa disso que tinham ido até ali, mas assim que ela vira o selo real de Tala não conseguira afastar-se da mesa.

O coração saltava-lhe no peito ao percorrer as páginas.

— Ele não estava a mentir.

De facto, ali estava, escrita com a caligrafia confusa de Gianna, a alusão a que Dominic fizera referência na praia:

Suponho que ela e o vosso sobrinho se darão muito bem. Talvez exista potencial para uma amizade mais forte e mais formal entre os nossos reinos...

Aya virou o olhar para Will, vendo a tensão que se apoderava dele. Indicou a gaveta com o queixo, e tinha a voz tensa ao dizer:

— Tranca-a e vamos embora.

Deu passos decididos para a porta, como se quisesse sair daquele lugar o mais rapidamente possível.

Aya atirou a carta para dentro da gaveta, com as mãos a tremer, trancou-a e seguiu-o.

— Will.

Ela agarrou-lhe no braço, e o rosto dele estava reservado. Abanou a cabeça e agarrou o puxador, abrindo a porta para o corredor.

— Will...?

— Que diabo andam vocês aqui a fazer?

Aya ficou imóvel.

Ficara tão absorta a olhar para Will que nem sequer tinha pensado em detê-lo, em fazê-lo ouvir, escutar, e ali estava Josie, de olhos esgazeados, estarrecida ao vê-los ali, à porta do gabinete do seu tio.

Ainda usava o seu vestido do Pysar e tinha os olhos vermelhos e exaustos, como se tivesse acabado de voltar da busca por Viviane. Olhou em volta, cerrando os lábios, dirigindo-se a eles.

— Mas que raio estão a fazer? — silvou de novo.

Will fechou simplesmente a porta com um estalido suave, e disse, com uma voz incrivelmente calma:

— Quarto errado.

— Pensas que sou idiota?

— Josie... — disse Aya, vendo a fúria da amiga a crescer. — Josie, ouve, por favor.

A princesa voltou-se bruscamente para ela.

— A minha parceira desapareceu e vocês... vocês andam a vasculhar o gabinete do meu tio? O que esperavam encontrar?

Aya abriu a boca, mas a verdade morreu-lhe na garganta antes que conseguisse falar. Não podia partilhar as suas suspeitas, antes que soubessem ao certo qual era a relação de Dominic com os Bellare. Sobretudo porque Viviane ainda estava desaparecida.

— Estávamos à procura de qualquer indicação de que o teu tio possa estar em conluio com Kakos — disse, em vez disso.

Josie arregalou ainda mais os seus olhos castanhos, cerrando os punhos ao baixar o tom de voz. — Desculpa...?!

Aya sentiu as pontas dos dedos dormentes ao fitar a amiga.

— Deves com certeza compreender que estejamos com desconfianças, após a recente revelação de Aidon.

As palavras eram vazias, mas pesadas.

A cara de Josie mostrava repugnância.

— Nós dissemos-vos que...

— Eu sei — interrompeu Aya, numa voz calma que contradizia o turbilhão que lhe ia na cabeça, como se estivesse fora de si, a observar as mentiras que ela própria dizia —, mas precisamos de ter mais certezas antes de pressionarmos Gianna a avançar de modo formal e sugerir um casamento para cimentar uma aliança.

Caiu entre eles um silêncio ensurdecedor. O olhar de Josie circulava entre Aya e Will, com o peito ofegante, a procurar palavras. Por fim, soltou um riso

amargo.

— E pensar que antes me *senti mal* por ti, pensando que estavas a ser usada. E *és tu* que usarias Aidon dessa maneira. És tão má como a rainha que serves.

O estômago de Aya revolveu-se, mas foi Will quem rosnou:

— Cuidado, princesa.

Josie parecia não o ouvir, nem se importar com ele, dando um passo para Aya com a voz a tremer.

— Pensei que fosses *minha amiga*.

Aya avançou para ela, sentindo a mão de Will no seu braço, de forma impetível, como se a quisesse reter. Como se a recordasse do seu dever.

— *Eu sou* tua amiga — sussurrou Aya.

— Não — Josie abanou a cabeça —, uma amiga teria estado comigo esta noite, à procura de Viviane. Uma amiga teria posto os seus assuntos de parte, para estar comigo. Uma amiga não usaria alguém para atingir os seus fins. Uma amiga não brincaria com o futuro do meu irmão. Por isso, não te enganes, Aya. Não és minha amiga.

E desapareceu, em passo rápido, saindo da vista deles. A mente de Aya gritava-lhe para chamar por Josie, para a fazer entender, para a fazer ficar.

Aya voltou-se para Will, que a observava com inquietação. Cruzou os braços, engolindo a urgência que sentia em berrar com ele; mas não era culpa sua. Tinha sido descuidada, tinha-se distraído. Mexeu-se, incomodada com o olhar dele, que a observava como se sentisse a culpa dentro do estômago dela. Ele franziu o sobrolho, passando a mão pela nuca, dizendo:

— Raciocinaste depressa. Mas devemos preparar-nos para mais questões.

Aya fez um aceno de cabeça, apertando mais os braços.

— Aya... — Will avançou para ela, mas ela evitou-o.

— Vou para a cama. — Ele abriu a boca, mas ela prosseguiu. — Vemo-nos depois. — Um lampejo de mágoa atravessou o rosto dele, num segundo. Engoliu em seco e meteu as mãos nos bolsos, endireitando-se e fazendo um aceno de cabeça.

— Depois, então.

Aya quase não dormiu.

Sentia a raiva a crescer, mordendo-a. E quando o Sol já estava demasiado alto para ser ignorado, foi para o campo de treino, sentindo os punhos a doer ao atingir o poste de exercícios, uma e outra vez, abanando a madeira com a fúria dos seus golpes.

Tinha esperado encontrar provas em como Dominic estava a incriminar

os Bellare. Em vez disso, encontrara algo muito pior.

Tinha entrado em ebulição quando Dominic sugerira que a sua rainha a usaria de uma tal forma; mas ter a confirmação, ver a própria carta de Gianna, queimava-lhe as entranhas.

O poste estremecia, sob a vaga de socos seguintes de Aya, e ela respirava ofegante, com a emoção a crescer tão depressa dentro dela que pensou que podia sufocar.

Porque debaixo daquela raiva estava outra coisa, algo que lhe era muito familiar: a culpa.

Devia estar à procura de Vi. Esconder-se... fazia dela uma covarde. Mas não conseguia encarar Aidon, nem Josie, quando as suas frágeis amizades se tinham, provavelmente, estilhaçado. E não conseguia tirar a missiva da rainha da cabeça. E não conseguia deixar de ver exatamente porque é que Gianna sugerira tal coisa. A lógica que tinha, a razão de ser.

E também não conseguia evitar ver como é que isso a poderia ajudar.

Não podia usar o seu poder sem aquele tónico. Mas talvez não precisasse. Talvez o tónico fosse suficiente para apenas fazer Gianna pensar que ela tinha controlado as suas capacidades, e que a união com Aidon selaria a aliança. E aqui em Trahir, com Aidon, Aya teria um fornecimento ilimitado de tónico; e talvez os curandeiros o pudessem até melhorar, para ajudá-la a ir mais fundo nos seus limites...

Usá-lo-ias dessa maneira?

Esse simples pensamento fazia Aya ter nojo de si própria.

Estava habituada a usar as mentiras e a manipulação em nome da sua rainha. Tinha sido praticamente criada a usar o engano, porque começara a sua preparação quando era muito pequena. Mas as mentiras que disse, e as pessoas que usou...

Eram estranhos. Eram pessoas que ela não tinha de ver de manhã. Eram pessoas que queriam destruir aquilo que ela estimava. Aquilo que Gianna prezava.

Aidon e Josie não eram essas pessoas.

Não eram estranhos nem inimigos.

Eram aliados.

Amigos.

Tinha mentido a Josie sobre aquilo que procuravam e porquê. Mas havia um motivo para ter mentido tão facilmente.

Porque Josie estava certa: Aya pensaria em fazer o que fosse preciso para garantir uma aliança. Assim era, porque a sua rainha assim o ordenara, e era isso que Aya fazia: obedecia sem questionar. Agia sem pensar nas consequências. Deixava que a usassem como uma arma, e ela fazia a mesma

coisa com aqueles que eram os seus alvos.

Sim, Josie tinha razão.

Ela não era melhor do que Gianna.

E odiava isso.

Vieram-lhe lágrimas aos olhos, fazendo o poste de exercícios desvanecer-se. Aya rangeu os dentes, sentindo a emoção continuar a crescer, e a subir-lhe do peito para a garganta.

Deuses. Ela queria deixar de ser assim. Fria, calculista e nada mais do que uma peça de xadrez para ser movida num tabuleiro. E temia que tivesse de fazer algo ainda pior, e de ser muito pior, se quisesse ser útil nesta guerra.

Aya encostou a cabeça ao poste, cerrando os punhos, a tremer.

Não cederia. Não agora, quando havia ainda tanto para fazer.

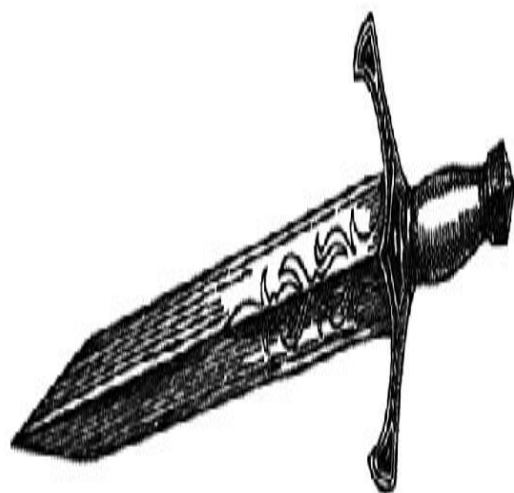
Levantou a cabeça, enxugando as lágrimas que se tinham escapado dos olhos e rolavam pelo seu rosto.

Ela não faria isso a Aidon nem a ela mesma. Havia outra maneira de usar aquilo que estava dentro dela.

Mas primeiro precisava de fazer uma coisa. Algo que precisava de esclarecer.

Tinha de falar do tónico a Will.

E tinha de o fazer nessa noite.



O quarto de Will encontrava-se vazio quando Aya lá chegou, e a porta estava destrancada. Percorreu a sala de estar, passando as mãos pelo tecido das calças largas.

Respirou fundo e meteu a mão num dos bolsos para tirar o tónico. Ele ia detestar aquilo. Ia detestar saber que, enquanto ele tinha procurado desesperadamente por informação sobre Evie, ela tinha andado a arranjar maneiras de lidar com a escuridão dentro dela.

Iria detestar saber que ela tinha ficado desesperada por não ter encontrado respostas na Maraciana. Tão desesperada que usou aquela última opção; a cartada final que tinha usado, desde que jantara com Aidon.

Iria detestar saber que as sessões de treino no cercado tinham sido uma mentira — ela não fazia progressos. Estava dependente de algo para controlar o seu poder.

E quando ele soubesse iria perceber que Natali tinha razão.

Ela era realmente alimentada pela escuridão.

Mas ele merecia saber, tudo. Ele tinha-lhe feito uma promessa.

Não importava o tamanho da queda.

Merecia saber o tamanho real dessa queda.

Aya sentou-se no sofá, agitando um pé a um ritmo nervoso, e olhava para o relógio. Onde é que ele andava?

Provavelmente não se tinha importado com as consequências de terem sido apanhados e tinha-se juntado a um grupo de busca.

Contar-lhe tudo é a coisa certa a fazer.

E ainda assim...

Ela não queria ver aquela luz quente a desaparecer-lhe do olhar, não queria que aquela fé que ele tinha nela desmoronasse, quando por fim percebesse que ela não era aquilo que o mundo esperava que fosse.

Que ela não era aquilo que ele esperava que ela fosse.

Levantou-se e andou às voltas, girando o frasquinho por entre os dedos, antes de o pousar na mesa de madeira, do outro lado da sala. Um tom carmesim debaixo de um molho de papéis chamou-lhe a atenção, e parou, olhando por cima do ombro para a porta fechada, antes de tirar o pergaminho de baixo dos outros documentos, revelando o selo real de Tala.

Aya desdobrou a carta com cuidado e percorreu a página com os olhos. Era um relatório de Lena, de há duas semanas. Estava tão bem codificado que ela teve de ler duas vezes, sentindo o coração a afundar-se a cada linha.

Lena não encontrara sinais do fornecedor. Os seus contactos a sul não tinham dito mais nada e as Midlands estavam a reforçar a segurança nas fronteiras — uma atitude drástica, para o vasto reino que ficava entre Tala e

Kakos.

Mas foi uma linha, perto do fim da carta, que mais fez Aya franzir o sobrolho.

A rainha quer um ponto da situação. Responde.

A mão tremia-lhe, ao pousar o pergaminho, e remexeu os outros documentos.

— Mas que raio...? — sussurrou Aya.

Três cartas de Lena. Três relatórios, que diziam respeito às últimas nove semanas. Ele não lhe tinha dito nada.

Aya rangeu os dentes e os olhos toldaram-se-lhe ao ver a escrita confusa de Lena. Largou as cartas e mexeu na gaveta da mesa, sentindo a pulsação mais rápida à medida que a raiva crescia. Mexeu em mais pergaminhos, rascunhos de cartas que ele nunca tinha enviado, antes de descobrir um grosso envelope por baixo de tudo, com o selo partido.

Tinha-lhe sido enviada a ela.

Aya soltou um grunhido abafado, com uma fúria tão grande que a engasgava.

Porque ela sabia, *sabia* exatamente, de quem era a letra que iria encontrar, ao puxar a carta para fora.

A letra de Tova.

Aya percorreu a página, devorando cada frase.

***Lena diz que não há respostas. O que se passa aí?
Gianna está cada vez mais ansiosa. O Conselho já
cedeu em alguma coisa? E se tivermos andado
a procurar pelo fornecedor no sítio errado, durante
este tempo todo? Foi ideia de Will levar-te para
Trahir. Ele pressionou Gianna fortemente para que
ela aceitasse... Faz o que for preciso. Vem para casa!***

Aya afastou-se da mesa.

Sentiu silêncio na cabeça. Silêncio que vagorosamente se tornou num rugido, bloqueando-lhe todo o pensamento, cada sentido, cerrando os punhos, e tentou refrear o que lhe ia nas veias. Havia uma fúria nela que era suficiente para queimar o palácio de cima a baixo.

— Aya.

Ela voltou-se, e tinha o punhal na mão num piscar de olhos. Mas Will estava pronto para ela e segurou-lhe a mão, pressionando-a e fazendo-a largar a arma, que ele apanhou. Empurrou-a contra a mesa, mas manteve o punhal

em baixo, e com a outra mão prendeu-lhe o braço atrás das costas.

— Mas que diabo!?!... — exclamou Will.

Ela tentou esmurrá-lo, mas ele evitou-a facilmente, imobilizando-a contra a mesa.

— Mentiroso de merda! — As palavras saíram num silvo emergindo das profundezas. Will ficou imóvel por um instante, vendo as cartas espalhadas pela mesa. O seu olhar era de culpa.

— Aya...

— Eu sabia! — silvou ela, tentando soltar-se.

— Aya, ouve-me.

Ela fez força contra ele, libertando-se. Tinha outro punhal na mão num instante, tentando atingir Will no rosto. Mas ele conhecia-a, tinha treinado com ela durante anos. Bloqueou mais uma vez o seu golpe, agarrou-lhe no braço e voltou-a, com as costas dela contra a parede.

— Eu ia contar-te — disse, apertando-a contra a parede. Ela tentou mover-se, mas não conseguiu.

— Quando te conviesse mais, de certeza.

— Quando tivesse certeza de que não ias fazer algo imprudente — atirou-lhe ele, tentando segurar-lhe as mãos. — Aya, ouve-me. A carta de Tova não é...

Ela estava demasiado furiosa para o ouvir, para aceitar que aquilo que ele dissesse fosse verdade. Deuses. Ele tinha-a mantido desatenta, primeiro com Aidon, depois com o «treino», seguidamente com ele, e ela tinha deixado Tova na prisão... *Foi ideia de Will levar-te para Trahir...*

— Foste tu que disseste a Gianna que eu devia vir contigo?

A pergunta era afiada como um punhal, e ela continuava a debater-se. Will engoliu em seco mas não a largou.

— Fui.

Ele disse alguma coisa sobre aquela ter sido a sua única opção, mas as palavras perderam-se de novo, com o rugido que ela sentia nos ouvidos e a fúria que a deixava sem ar.

— Confiei em ti! — disse, a sufocar. — *Confiei em ti!*

A dor passou pelos olhos de Will, e ele olhou outra vez para a mesa, como se estivesse a recompor-se. Mas estacou ao sentir o frasquinho que ela guardava no bolso.

— O que é isso?

Ela largou um riso frio e cruel.

Será que ela alguma vez tinha pensado que *aquela coisa* entre os dois era verdadeira? Que eles podiam confiar um no outro?

Era uma tola.

Empurrou-o de cima dela, brandindo o punhal.

— Um tónico para reprimir o meu poder — silvou Aya, fazendo Will recuar perante a lâmina que o ameaçava. — Tirei-o dos armazéns de Aidon.

Will cerrou o maxilar, com os olhos a brilhar.

— Tu não és *uma coisa* para seres domada!

— Não se isso servir para te arruinar os planos — respondeu, arfando. — Suponho que dececionarias Kakos, se eu não utilizasse todo o meu poder em prol deles, não é?

A raiva contorceu o rosto de Will, que disse num rosnado:

— Não podes estar a falar a sério.

— Por que outro motivo manterias estas cartas em segredo? — perguntou. — Porque esconderias tudo de mim?

— Pelos deuses, se me *ouvisses*...

— Porquê? Nunca disseste nada verdadeiro em toda a tua maldita vida!

— Algo no peito de Aya estava a estilhaçar-se, e ela não sabia se sobreviveria à dor.

— Estás mesmo a falar a sério, não estás? — ofegou Will, endireitando-se.

Deixou cair o punhal que segurava.

— Procurarias qualquer motivo para me acusar e condenar.

A amargura na voz dele transformou a raiva dela numa coisa feroz e clara, e tão inesperada, que ela corou, avançando para ele. Will não ergueu o seu punhal.

— Odeia-me se quiseres — silvou Aya —, mas ambos sabemos que serias a toupeira perfeita.

Will abriu os braços.

— Fui sempre leal!

— Leal? *Leal?! —* Ela podia sentir o calor da sua raiva a irradiar do corpo dela, à medida que avançava para ele. — Tu sabias do meu poder há anos, e não disseste a ninguém. Levaste-me a deixar Tova naquela prisão, para me fazeres sair de Tala. Deixaste-me na ignorância durante semanas: para quê?

— Eles queriam o teu poder — disse Will, como um trovão. — Sempre quiseram o teu poder! Estava a tentar manter-te em segurança.

Aya parou, absorvendo aquelas palavras, pesadas e fortes. A mão que segurava o punhal tremeu, ao olhar para ele.

— Não sabiam do meu poder. Estás a mentir — disse, ofegando.

Will abanou a cabeça.

— Não estou. E não podes continuar a acusar-me — prosseguiu —, não podes continuar a fazer de mim o vilão na tua história. Não tens ideia do que

eu fiz. Nem uma pista, sequer. Estás tão decidida em ver-me como um monstro, como a merda do teu inimigo, que não abres os olhos.

— *Estás a mentir* — atirou Aya, agarrando-lhe na camisa e puxando-o para ela, encostando a lâmina à garganta dele.

Will não se moveu. Não ergueu a sua arma. Fitava-a, com raiva e desilusão bailando-lhe nos olhos.

— Acaba sempre assim, não é, querida Aya? — disse num sopro. — Tu, com uma faca na minha garganta.

Continuou imóvel.

— Mata-me ou sai daqui. — A ordem era suave e feroz ao mesmo tempo. Aya ficou pregada ao chão, de queixo levantado e com a mão a tremer.

Ela devia fazê-lo. Devia cortar-lhe a garganta com aquela lâmina que segurava.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, e ela odiou-as quase tanto como detestava o facto de ter sido ele quem os tinha levado para ali.

Devagar, foi-lhe largando a camisa.

— Foi o que eu pensei — sussurrou Will, dando um passo atrás. Olhou para ela por um segundo, com dor no rosto e o cabelo desgrenhado. — Passei anos a tentar proteger-te. E aonde é que isso me levou, Aya?

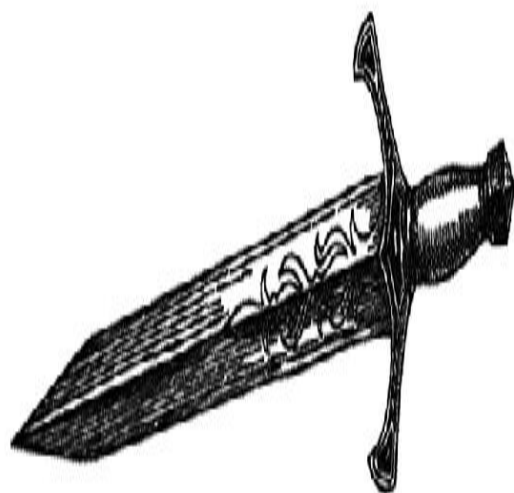
Atirou o punhal para o chão, entre eles, e a lâmina retiniu no meio daquele breve silêncio.

— A lado nenhum.

O sangue dela gelou quando ele lhe virou costas e se dirigiu para o quarto.

— Estava a falar a sério. Sai.

A porta do quarto fechou-se e a fechadura a ser trancada foi o último som que ouviu, e Aya ficou completamente só.



Aya nem se preocupou em arrombar a fechadura. Abriu a porta dos aposentos de Natali a pontapé. Não tinha sentido a mínima culpa quando usou o seu poder para persuadir o jovem Saj, que estava na biblioteca, a dizer-lhe onde dormiam. E não sentia culpa nenhuma agora, nem mesmo quando Natali se levantou de um salto da sua mesa de trabalho, claramente assustada.

— Podíeis ter batido — disse a arfar, com as mãos sobre o peito.

— E vós podíeis ser direta, pelo menos por uma vez na vida — rosnou Aya, atravessando o quarto.

Demasiado tempo, já tinha perdido demasiado tempo neste maldito reino.

E Natali tinha recusado ajudar. Tinha-a deixado a esgravatar desesperadamente por respostas, que ela não conseguia encontrar sozinha. Tinha-a deixado afogar-se nessa escuridão que estava dentro dela.

Aya agarrou a Saj e atirou-a contra a parede com uma mão e o punhal na outra. Encostou-o às costelas dela, para que Natali sentisse a lâmina.

Não havia medo no rosto de Natali, apenas pestanejava, expetante.

— Onde é que posso encontrar os Vagantes?

Era essa a sua última cartada.

Aya estava farta de esperanças vãs. Não era uma santa. Mas não precisava de o ser — não era preciso que fosse, se soubesse como dominar a escuridão dentro de si. E, a acreditar em Aidon, só havia um grupo de pessoas naquele maldito reino que tinha estudado o Decachiré suficientemente bem para lhe poder dar respostas.

Faz o que for preciso. Vem para casa.

Gianna queria uma arma, e Aya sabia exatamente como ser uma.

Natali largou uma gargalhada, que soou áspera.

— Então, desejais a morte.

Aya pressionou o punhal contra ela.

— Como vós, parece-me. Não tenteis a minha fúria, Natali. Arranco-vos a informação, se for preciso.

— E se eu não estiver disposta a ajudar-vos?

Aya fez um sorriso feroz.

— Tenho formas de te dispor a isso.

Mesmo assim, Natali não mostrava medo. Apenas uma resignação sombria, ao fazer um gesto com a cabeça para o pergaminho na sua mesa.

— Deveis querer escrevê-lo. Porque assim, quando encontrarem o vosso cadáver, saberão bem qual foi a estupidez que levou à vossa morte.

Aya soltou a Saj e agarrou no pergaminho.

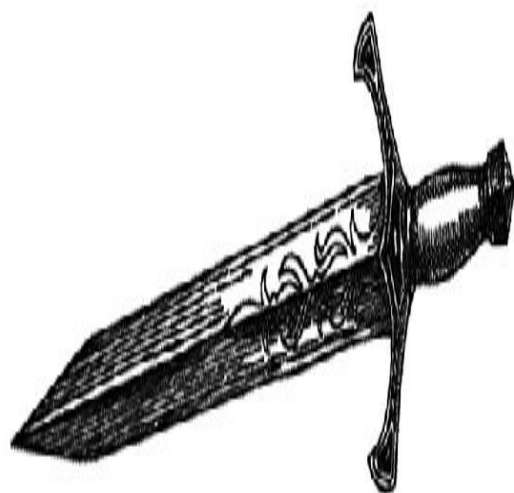
— Guardai as vossas lições para vós — disse-lhe.

Natali olhou para ela.

— Mereceis o destino que vos aguarda no deserto.

Pecados e santas





O barulho era imenso naquela taberna, onde a multidão rugia e a música enervava Will. Mas tinha pedido mais uma bebida, e depois outra, até que perdeu a conta e a música alegre do quarteto que tocava lhe tirou a vontade de se esfaquear a si mesmo.

Tinha deixado o palácio de manhã cedo. Não aguentaria ver Aya, depois da noite anterior. Por isso tinha andado pela cidade durante a maior parte do dia, até encontrar aquela taberna imunda e se sentar ao balcão, já há algumas horas.

— Pareces um destroço.

Will virou-se, sentindo o espaço a rodar ligeiramente ao ver Josie a sentar-se ao seu lado.

— Obrigado. — As palavras saíram enroladas, e semicerrou os olhos ao fitá-la. Ela não parava de girar. Deve ter dado a entender alguma coisa, porque ela riu.

— Quanto é que já bebeste?

— Não sei. O suficiente, se calhar. — Inclinou-se para ela e a testa franziu-se. — É agora que me vais atacar por andar a bisbilhotar? Quando tenho as defesas em baixo?

A princesa revirou os olhos.

— Não preciso que tenhas as defesas em baixo para te vencer numa luta.

— Ainda bem que não precisas. — Will fez-lhe um brinde, endireitando-se. Josie tirou-lhe o copo e trocou-o por um com água.

— Por mais que eu goste de te ver agir como um idiota, porque não bebes um bocado disto?

Will olhou para ela cuidadosamente.

— E porque estás a ser tão simpática?

Ela estava furiosa, da última vez que a vira, e ele entendia porquê. Mas agora Josie parecia apenas inquieta.

Inquieta porque provavelmente tinha andado à procura de Vi durante todo o dia.

— Há novidades? — perguntou ele com gentileza, censurando-se a si mesmo; essa devia ter sido a primeira coisa a dizer.

— Não — disse Josie com pesar —, não temos pistas. — Suspirou e cruzou os braços, apoiando-se no balcão, olhando para ele com ar sério. — E, quanto a ser simpática contigo... Sei que, se os nossos papéis se invertessem, também teria ido àquele gabinete, considerando as ameaças que enfrentamos. E sei que, apesar daquilo que Aya disse, não estavas à procura de motivos para apoiar um casamento entre ela e Aidon, mas de motivos para não o apoiar.

Ele sentiu os músculos da cara a ficarem tensos.

— Vi a maneira como olhas para ela, Will. E, se não posso desculpar aquilo que fizeste, entendo o teu desespero. O teu e o dela. O meu tio não tornou as coisas fáceis.

Will manteve-se calado e bebeu um gole de água, enquanto Josie fazia o mesmo com a sua cerveja, tremendo quando viu que estava morna.

— Ainda estou furiosa com ela — prosseguiu Josie —, e contigo. Mas não vejo do que vale continuar zangada. Temos coisas mais importantes para tratar. Mas contei a Aidon, ele merece saber.

Will passou um dedo numa mancha do balcão.

— Não esperava outra coisa. — Olhou para ela e inclinou ligeiramente a cabeça, a observá-la. — E, para que se saiba... teria orgulho em ter-te a lutar a meu lado.

Falava a sério. Josie daria uma guerreira incrível — e já o era, para ele, independentemente do que Dominic dissesse. Josie fitou-o por um instante, como se tentasse saber se era verdade. Relaxou os ombros.

— Sabes, foi a minha mãe que me ensinou a lutar — admitiu Josie. — O Aidon tinha sempre autorização para ir treinar com os guerreiros, quando era criança. E eu ficava furiosa. Por isso, ela foi ao meu quarto, uma noite, e fez-me prometer que não contaria nada ao meu tio. Levou-me para um velho cercado abandonado, para lá dos campos de treinos. Foi nessa noite que peguei numa espada pela primeira vez.

Will sabia exatamente qual era o cercado de que Josie falava. Engoliu em seco, olhando para o seu copo de água.

— Não me surpreende — confessou.

Zuri tinha sempre um brilho malandro nos olhos. Podia vê-la a levar a filha para treinar, de noite.

Josie respirou fundo.

— Se é que isso me fez algum bem — suspirou —, nem sequer consigo proteger aqueles que são importantes para mim.

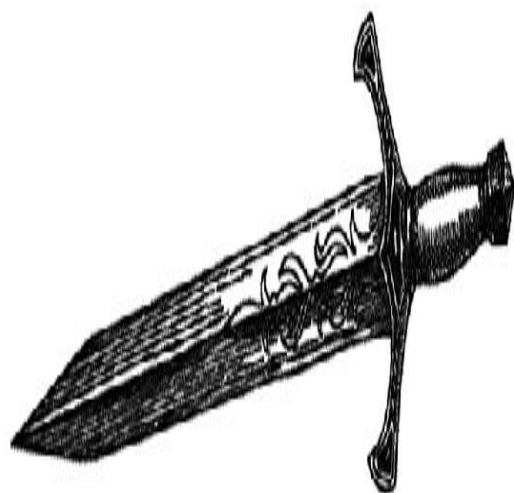
Will deu-lhe um toque com o cotovelo.

— Vamos encontrá-la — prometeu.

Ele sabia que Josie não tinha motivos para confiar nele, sobretudo depois do que tinham feito. E sabia que era por isso que ela não respondia.

Mas disse-o outra vez, de qualquer modo. Josie era sua amiga, apesar da raiva que pudesse sentir. E ele falava a sério.

— Vamos encontrá-la.



Aya só parou quando chegou à floresta tropical de Agaré, e mesmo aí sentia que seria capaz de cavalgar por toda a noite. Mas já tinha viajado durante todo o dia, e o cavalo que roubara de um estábulo, nos arredores da cidade — Fihir era o nome escrito numa placa sobre a cocheira onde ele estava —, precisava de descansar. O largo peito do animal arfava, depois da cavalgada que os conduziu através dos campos cultivados às colinas e aos caminhos sinuosos das terras altas, e, por fim, até ao denso arvoredor que assinalava o começo da floresta.

Aquele lugar emitia uma espécie de som abafado. Ela conseguia distinguir os ruídos dos animais que lá viviam, mas eram cobertos pelo ar, pesado e húmido.

Tinha conseguido encontrar uma pequena caverna para se aninhar; era na verdade um conjunto de penedos, suficientemente grandes para a proteger, e a Fihir, dos animais que vagueavam pela noite. Apesar de não ter dormido há mais de um dia, e de ter os olhos pesados e os pensamentos toldados, não conseguia descansar. Sempre que deixava cair a cabeça, o silvo de uma cobra ou um barulho qualquer na floresta faziam-na ficar alerta, e agarrava o seu punhal, observando a escuridão.

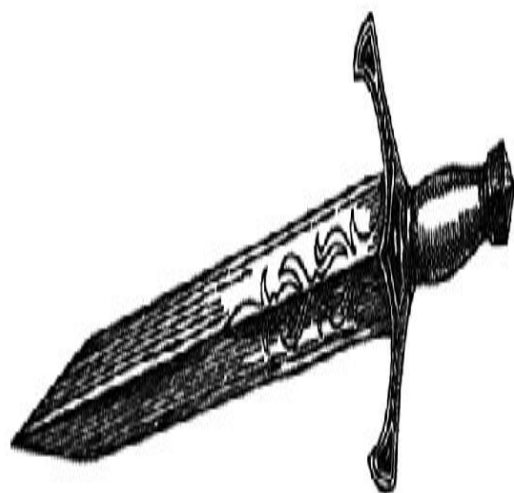
Fihir também olhava para a floresta com os seus olhos escuros, empinando-se, nervoso. Ele odiava estar ali. O chão molhado, a escuridão sem fim, o barulho constante de *algo* que espreitava sempre. O medo dele fazia Aya ranger os dentes, para tentar acalmar-se.

Se Natali estava correta, tinham de passar mais um dia na floresta antes de chegarem às montanhas do Sangue Vermelho, e em seguida era mais meio dia de viagem pelos desfiladeiros, até entrarem no deserto. Precisava de estar alerta. Natali tinha-a avisado sobre as distrações da floresta de Agaré: os espíritos que a podiam atrair com o conforto de uma fogueira, as bagas que pareciam suculentas mas que eram venenosas ao toque.

Precisava de descansar.

Aya não queria saber o que a iria visitar nos seus sonhos, nessa noite. Se a curandeira de cabelo negro iria regressar com mais uma questão sobre onde estavam os deuses dela, no meio de tudo aquilo.

Quando o sono por fim a conquistou, ela soube que não estava a tentar evitar a curandeira, mas sim Will e o seu olhar de desilusão esmagadora, que ela não conseguia evitar sempre que fechava os olhos.



— Imagino que Aya esteja muito ocupada com os Saj para poder ajudar nas buscas...?

A pergunta de Aidon era casual — demasiado casual — e fez com que Will desviasse o olhar do mapa que estudavam, no gabinete de Dominic.

Tal como tinha prometido, Will tinha-se juntado às buscas por Viviane. Ficara surpreendido por o príncipe não se ter referido à visita que tinham feito ao gabinete do rei. Mas Will tinha jurado a si mesmo que não deixaria que nada disso o detivesse. Ajudar era o mínimo que podia fazer por Josie, ou, pelo menos, era o que dizia a si próprio. Não tinha nada que ver com tentar evitar Aya.

Mas ela também não o tinha procurado. E, pelos vistos, Aya também estava a evitar o príncipe.

Aidon suspirou ao desenrolar o mapa, com marcas a vermelho, que assinalavam as casas que a Guarda da Cidade tinha descoberto serem pontos de reunião dos rebeldes. — Se Aya estiver perto de compreender o seu poder, o meu tio precisa de saber.

Will abanou a cabeça. Não daria essa informação a Dominic de maneira nenhuma, pois ainda suspeitava de que o rei tivesse incriminado os Bellare. Will tinha-se oferecido para procurar nos lugares mais improváveis da cidade, sítios onde os Bellare não tinham uma presença conhecida. Era mais provável que Vi aí estivesse do que naqueles lugares marcados a vermelho no mapa.

— Um sinal da profecia pode fazê-lo mudar de ideias — prosseguiu Aidon, sentando-se na cadeira do tio. — A ascensão da Segunda Santa provará que este conflito é bem mais do que aquilo que ele imagina. Será a prova de que a escuridão ressurgiu, e que é uma ameaça para todos.

— E se não o fizer mudar de ideias?

— Então, pelo menos pode fazê-lo considerar *a outra* proposta da vossa rainha. Duvido que até mesmo Dominic possa resistir ao encanto de ver o sobrinho casado com uma santa. Essa união garantiria a aliança.

Will ficou mortalmente quieto, agarrando a beira da mesa com as mãos.

— Aya já concordou com tal proposta?

Aidon cerrou os lábios, e o silêncio era a única resposta de que Will precisava.

— Então, sugiro que mantenha tais pensamentos para ti próprio. Ela não é um artigo qualquer para ser comercializado.

Aidon pestanejou, inclinando a cabeça e pondo os pés em cima da mesa.

— Eu preocupo-me com ela. Só quero que ela deixe de se esconder na

Maraciana e fale comigo. Não é só ela que quer respostas. Não é a única que tem dúvidas sobre tudo isto. Não é a única que abriria mão de alguma coisa, em nome do dever.

Will pegou noutro mapa, que era uma representação detalhada da Cidade Velha, e abriu-o. Não queria ter aquela conversa com Aidon.

— Além disso, não penso que os Saj tenham sido totalmente úteis — prosseguiu Aidon. — Ninguém estudou o Decachiré com tanta profundidade desde que os Vagantes o fizeram.

Will fixou-se no príncipe, sentindo o pulso a bater mais lento.

— O que foi que disseste?

Aidon tirou as pernas da mesa.

— Os Vagantes. São...

— Eu sei quem eles são.

Aidon endireitou-se ao ouvir o tom com que Will falava.

— Falaste com Aya sobre eles?

— Mencionei-os de passagem, mas disse-lhe para não se incomodar. Ela estava completamente desinteressada.

Will fechou os olhos, rangendo os dentes.

Aya pareceria estar desinteressada, só para evitar que Aidon suspeitasse que lhe tinha dado alguma coisa que ela queria. E guardaria a informação até que precisasse de a usar.

Até que estivesse desesperada, para experimentar tudo o que fosse preciso.

— Quando foi que a viste pela última vez?

Aidon levantou-se devagar da cadeira, com a confusão estampada no rosto.

— Há uns quatro dias. Na noite em que Helene foi assassinada.

Will praguejou e caminhou para a porta.

Tinha sido um idiota ao pensar que ela estava simplesmente a mergulhar no desespero pacificamente. Afinal, ele conhecia Aya e ela não se escondia, não assim.

— Preciso de um cavalo — atirou Will a Aidon, que o tinha seguido até ao pátio vazio. — Agora!

— Se foi para aí que ela foi, é uma busca de tolos, Will. Só a viagem...

Aidon gemeu ao ser atingido pelo poder de Will e o príncipe caiu de joelhos com um som surdo.

Will focou-se na dor que brandia, e arreganhou os dentes quando rosnou:

— Ela nem sequer iria, se não fosses tu.

Era mentira. A culpa era sua. Tinha-lhe escondido aquela porcaria das cartas. Tinha-a mandado sair do seu quarto, tinha-a feito pensar que não

existia outra opção, que aquela era a única saída.

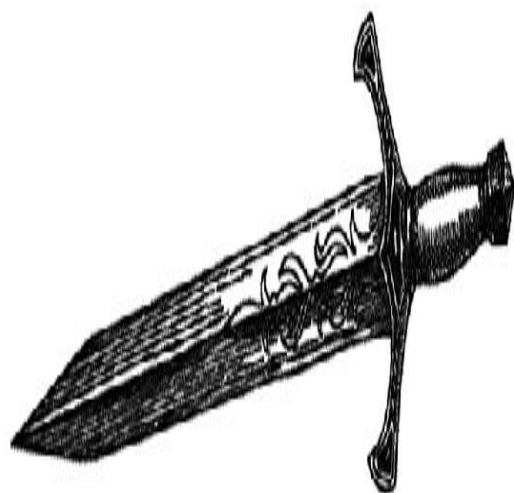
— Estás a esquecer-te de ti — silvou Aidon, por entre os dentes cerrados.

Will largou o seu poder instantaneamente, sentindo-se vazio.

— Tens razão — sussurrou, enquanto Aidon se levantava.

O príncipe estremeceu e o rosto exibia raiva. Mas respirou fundo e disse:

— Vou levar-te aos estábulos.



Três dias. Tinham já passado três dias naquele deserto maldito, e Aya começava a pensar que Natali a tinha condenado, que tinha feito de propósito. Enrugou a testa ao olhar para a bússola que Natali lhe tinha dado, e sentia a cabeça a doer, naquele calor escaldante. Tinha encontrado o segundo oásis na noite anterior, parando pelo tempo suficiente para deixar Fihhr descansar e para encher os cantis. Agora, segundo o mapa que tinha desenhado de acordo com as instruções de Natali, devia encontrar o oásis dos Vagantes nesse dia... mas não havia sinais dele. Não havia sinais de nada, a não ser dunas após dunas, entrecortadas apenas pelos crânios dos animais que se tinham perdido naquela extensão infinita de bege, que parecia engolir tudo.

Os cantis já estavam em níveis perigosamente baixos, e, apesar de ter racionado a comida, os alforjes estavam a ficar leves. Aya respirou fundo, sentindo os pulmões a doer com o calor e as areias no ar. Desejava nunca mais ver areia na vida.

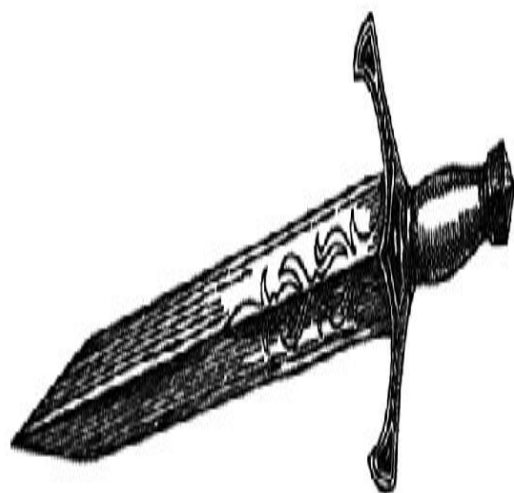
Deixou cair as rédeas. O cavalo andara mais devagar nesse dia, e ela não o culpava. Estava exausto, e se não encontrasse um lugar para que pudessem descansar duvidava que durassem outro dia no deserto.

Subitamente, as orelhas do cavalo estremeçeram e ergueu ligeiramente a cabeça baixa, ao ver alguma coisa à distância. Aya olhou também nessa direção, e o brilho do sol queimava-lhe os olhos.

Ao longe, nebulosas e trémulas, havia árvores, ou assim parecia. Inclinou-se para a frente, tentando que a mente combatesse as miragens provocadas pelo calor. Mas Fihhr, pelos vistos, não hesitava. O cavalo andou mais depressa, respirando ofegante, e começou a galopar. Aya praguejou, agarrando as rédeas, e a linha das árvores tornava-se mais nítida à medida que atravessavam a areia.

Uma paisagem verde e luxuriante surgiu-lhes por fim, ao chegarem ao topo de uma das dunas, e Aya soltou um enorme suspiro de alívio.

Não era miragem. Tinham encontrado o oásis.



Um dia, Aidon, reinarás...

Que tipo de rei seria?, perguntava-se Aidon.

Tentava permanecer relaxado ao ver Dominic a tamborilar os dedos na mesa de trabalho de mogno, e os seus olhos verdes eram calculistas como sempre, quando Aidon se calou.

Praticaria os jogos dos monarcas, e saberia exatamente quem usar, e quando?

O silêncio prolongou-se, e cada instante era assinalado pelo bater dos dedos do rei na mesa, mas Aidon manteve-se quieto. Já sabia há muito tempo que não podia pressionar o tio a falar.

Será que controlaria as vidas daqueles que lhe eram próximos, em nome do reino?

Dominic juntou as mãos, observando o sobrinho com uma expressão austera.

Será que quando quisesse alguma coisa para si seria implacável ao tentar obtê-la?

Um dia, Aidon, reinarás...

— Apreciei sempre a tua lealdade, Aidon — disse por fim o tio, fazendo Aidon erguer o sobrolho ao ouvir o elogio. — Há tão poucas pessoas em que possamos confiar, nestes dias...

Dever.

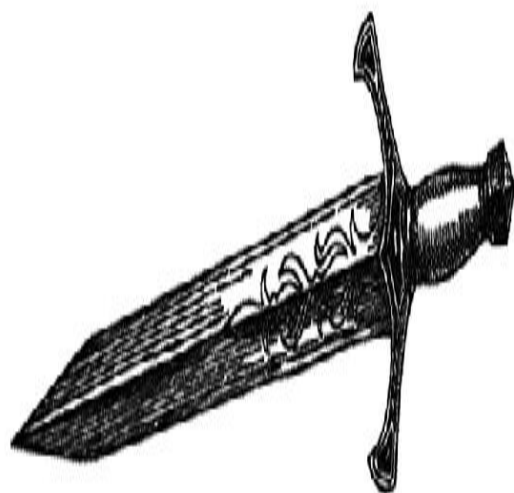
Responsabilidade.

Lealdade.

Um dia, Aidon, reinarás...

Aidon ficou sério e agarrou os braços da sua cadeira, fitando o olhar fixo do tio.

— O que precisais que eu faça?



Aidon tinha avisado Aya de que com os Vagantes não se brincava. E, com as mãos amarradas, dentro de uma das pequenas cabanas de argila que pontilhavam o oásis, Aya começava a pensar que não tinha dado importância a esse alerta.

Os Vagantes tinham-se abatido sobre ela, mal tinha desmontado. A exaustão da viagem tinha-a tornado demasiado lenta para eles e dominaram-na facilmente. Tinham-na vendado e amarrado, antes que pudesse alcançar um dos seus punhais. A venda parecera um bocado desnecessária, sobretudo porque lha tiraram logo que a amarraram àquela cadeira.

A cabana consistia numa só divisão, com uma cama a um canto, um fogueiro e uma mesa. Puseram a cadeira no meio do espaço e deixaram-na ali.

Aya encostou a cabeça para trás e respirou fundo. Podia romper aquelas cordas facilmente, com o seu poder. Mas pressentia que os Vagantes gostavam de drama, por isso esperou.

Não tinha a certeza de quanto tempo passara antes de um homem velho entrar na cabana. A pele dele era pálida, apesar do sol do deserto; era careca e tinha a pele enrugada. Mas os seus olhos fizeram soar um aviso, bem dentro dela. Eram quase totalmente negros; sem fundo, como os poços dos infernos.

Ele sorriu, empurrando uma cadeira, para que se pudesse sentar frente a ela. Usava vestes cinzentas.

— Já passou muito tempo, desde a última vez que alguém enfrentou o deserto para nos visitar. — Tinha uma voz débil e esganiçada, e Aya sentiu um arrepio na espinha ao encará-lo nos olhos. — E ainda mais tempo desde que alguém tenha sobrevivido. — Qual o teu nome?

Aya ergueu o queixo.

— Dizei-me o vosso, primeiro.

O homem deu uma gargalhada.

— Aqui não temos nomes.

Aya reprimiu a vontade de perguntar mais. Teve a sensação de que os Vagantes não eram generosos a dar informações. Não desperdiçaria perguntas.

— Aya — disse, por fim.

O homem recostou-se na cadeira, dizendo o nome dela com um sopro.

— *Ayaaa...* — repetiu. — E a que se deve este prazer, Aya?

— Desejo saber como é que os praticantes do Decachiré sobreviveram.

Ouvi dizer que, na vossa devoção a Evie, estudastes esses assuntos. — A resposta foi brusca, de uma forma que teria feito Will revirar os olhos, e senti o coração apertado ao pensar nele.

O Vagante riu novamente, com um riso áspero.

— Esperas que te ajudemos com a tua heresia?

— Estou apenas a pedir que compartilheis o vosso conhecimento.

Ele cruzou os braços magros, erguendo o sobrolho.

— E porque é que tens necessidade de tais informações?

Aya deixou que o seu poder de fogo crescesse e queimasse as cordas que a amarravam à cadeira. Depois invocou vento, fazendo com que espalhasse as cinzas das cordas em volta deles.

— Porque, tal como vós, sei que esse conhecimento é essencial para derrotar o Decachiré.

Os olhos do Vagante rebrilharam.

— O que és tu?

Havia ânsia naquela questão, algo que Aya queria evitar. Mas continuou a fixar o Vagante nos olhos.

— Sinto o teu poder em bruto, mas... — De repente soltou uma gargalhada deliciada, e o som ecoou por aquele espaço como um trovão. — Uma santa da escuridão? Poderá existir tal coisa?

Então, ele também sentia a escuridão que lhe alimentava os seus poderes.

Aya engoliu em seco. Aidon tinha-lhe dito que os Vagantes não conheciam limites na sua busca pelo conhecimento. E ela contava com isso.

— Não sei. Está a devorar-me, como o Decachiré.

O homem observou-a por um momento, fixamente.

— Não procuras conhecimento, procuras uma confirmação.

Aquela palavra agitava-se entre eles, pesada, naquele calor seco. Aya enrugou a testa, mas o Vagante prosseguiu:

— Ouviste as histórias de Santa Evie. O sacrifício que os seus pais estavam dispostos a fazer para se tornarem imortais.

— Um sacrifício que ela tentou impedir.

— Sim, e os praticantes dizem que foi a interferência de Evie que impediu que o ritual se completasse.

Aya pestanejou, fixa no homem.

— Como?

O Vagante inclinou-se para a frente, pondo os cotovelos nos joelhos. Aya lutava contra a tentação de se afastar dele, de fugir daqueles olhos de uma profundidade infinita.

— A quantidade de poder que é necessária para realizar o Decachiré devora aqueles que o praticam. Só sobrevivem os que continuam a alimentar o

seu poder com a escuridão.

— Não percebo.

Ele olhou para ela durante um longo instante.

— Têm de ceder à escuridão da sua alma. Têm de permitir que a sua natureza maléfica os guie, por completo. É assim que alguém consegue sobreviver ao Decachiré.

Os anos de treino de Aya obrigaram-na a esconder o medo, que lhe fazia gelar o sangue; anos de treino que a tinham obrigado a concentrar-se nos factos, e não nos seus sentimentos.

O Vagante continuou:

— É claro que os pais de Evie pensavam ir mais além, ponderavam romper os limites das suas capacidades. Queriam tornar-se imortais e acreditavam que o conseguiam, se se livrassem dos seus corpos mortais. Usaram a espada do pai da pequena Evie, mas ela interrompeu o ritual e os praticantes pensam que foi a preocupação dos pais em deixarem a filha sozinha — o amor deles por ela — aquilo que fez com que o ritual não fosse eficaz. Foi uma fraqueza, dizem eles, porque os que seguem completamente a sua natureza das trevas não podem ser afetados por emoções, como o amor.

— Mas eles eram aos milhares. Quereis dizer que todos eles se entregaram totalmente à escuridão?

— Muitos eram apenas seguidores, não eram praticantes. Só aqueles que invocavam poder suficiente para conferir poderes aos humanos, ou, no caso dos pais de Evie, buscar a imortalidade é que eram verdadeiros praticantes. Tinham ido além dos limites das suas capacidades. É o que era o Decachiré.

Aya franziu o sobrolho. Os livros de história na Maraciana nunca tinham indicado essa distinção.

— E os seguidores, o que faziam eles? Só se interessavam pela escuridão?

O Vagante encolheu os ombros.

— Aqueles que apenas entravam mais fundo nos seus limites, sem mais, que não os procuram romper, podiam viver com os efeitos negativos, sem entregar as suas almas completamente. A não ser, claro está, que fossem muito fundo. É tudo relativo, vê? Tudo uma ciência. Era perigoso, forçar demasiado o poder. Aprender até onde se podia ir, sem que o poder o devorasse.

Algo fez o estômago de Aya apertar-se, e os olhos do Vagante exprimiram algum aborrecimento.

— Os livros de história adoram deformar os contos, não é? Odeiam admitir que as forças do Decachiré não eram vastas porque eram todos eles praticantes do mal puro, mas porque tanta gente apoiava a causa dos

praticantes. Muitos acreditavam que não deviam ser só os deuses a terem poder ilimitado; os únicos a poderem mexer os fios do destino. Mas o autêntico conhecimento, e o verdadeiro poder, é a compreensão total. É por isso que não limitamos os nossos estudos a isto. Devemos compreender aquilo que queremos derrotar.

Mas não tinha sido realmente derrotado, porque estava a chegar uma segunda guerra.

Deu voltas àquelas informações dentro da sua mente, e estava pensativa ao fazê-lo. Mas o Vagante ainda não tinha terminado, ou assim parecia. Fez um sorriso irónico.

— És muito fascinante — cacarejou ele. — Estás à procura daquilo que és, mas não perguntas. Nunca alguém nos procurou sem perguntar pelo seu poder.

Aya apertou as coxas.

— Do que estais a falar?

O Vagante debruçou-se para ela, com entusiasmo nos olhos.

— Da espada de Evie.

Aya sentiu um choque, frio e feroz, a percorrê-la.

Impossível.

Aidon mencionara uma relíquia, mas Aya não tinha acreditado. Parecia muito rebuscado, muito ridículo, para pensar nisso sequer. Por outro lado, tinha-se concentrado em procurar alguém que soubesse coisas sobre o Decachiré, estava muito determinada em que Aidon lhe dissesse o suficiente sobre os estudos dos Vagantes sem lhe levantar suspeitas.

O homem sorriu. — As lendas dizem que, quando Evie tentou tirar a espada ao pai, o gesto lhe transmitiu o poder em bruto dos seus pais, fazendo dela o Visya mais poderoso do mundo. Suficientemente poderosa para encontrar os deuses. A essência de tal magia ainda se encontra na lâmina dessa arma.

— A espada... pode transmitir esse poder?

Será que podia substituir aquilo que ela tinha dentro de si? Poderia curar a escuridão dentro dela, para que pudesse ajudar na guerra?

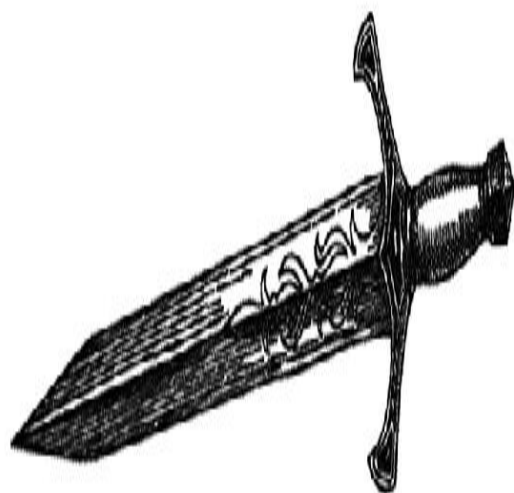
O Vagante riu novamente.

— Fazes as perguntas erradas. As respostas que procuras dizem respeito à tua *essência*. Afinal, é isso o que queres saber, não é? O que alimenta o teu poder? O que constitui o teu *ser*? Escuridão? Ou luz?

Aya engoliu em seco, e disse para si mesma que era o calor do deserto que lhe fazia doer a garganta assim.

Os olhos do Vagante eram tão escuros como uma noite sem luar, ao fitá-la.

— Diz-me, Aya, queres encontrar-te com a tua alma?



O s Vagantes esperaram até a Lua ter atingido o zénite para acenderem as fogueiras. Aya estava em frente da maior delas, com um grupo de vários Vagantes em volta dela e do homem idoso.

— Um julgamento da alma — tinha ele dito —, com um toque da espada, e serás ligada à tua verdadeira natureza... aquela que alimenta o teu poder.

E se o teu pertencer mesmo à escuridão? O que farás?

Aya não tinha resposta para essa pergunta que lhe ecoava na mente. Tinha ido ali para aprender a sobreviver ao poder dentro dela. E, se enfrentar a sua própria alma era a maneira de saber se o podia conseguir, então ela fá-lo-ia, quanto mais não fosse para obter as respostas às perguntas que se punha a si mesma desde há tantos anos.

O coração de Aya batia como um tambor e a pulsação agitava-se ao crepitar da fogueira, quando uma mulher se aproximou deles com algo comprido e estreito nos braços. O objeto estava envolto por um manto bege, e ela deteve-se frente ao Vagante idoso, inclinando a cabeça, com o seu longo cabelo escuro a cair-lhe sobre os ombros e o rosto.

Murmurou uma prece na Língua Antiga antes de entregar a espada e afastar-se.

O velho segurou no embrulho, dirigindo-o a Aya:

— Deves ser tu a tocar na lâmina.

Algures, nas profundezas da sua mente, ela podia ouvir Galda a ralar com ela, por aceitar fazer algo que desconhecia. Aquela espada tinha sido utilizada no mais sombrio dos rituais. Apesar de Evie a ter brandido, o que sabia Aya realmente sobre a magia contida na lâmina?

Uma coisa era um tónico feito por curandeiros de Rinnia, mas isto...

Sentindo a hesitação, o homem pôs-lhe uma mão rugosa no pulso.

— Nada há a temer. Basta um toque e poderemos começar.

Aquelas palavras não lhe acalmaram o bater feroz do coração, que parecia agitar-se ainda mais e mais depressa ao desembulhar a espada. Mas tinha tomado uma decisão. Não podia fugir mais.

A prata da lâmina brilhou à luz do fogo, e o punho da espada era simples e gasto pelo uso. Havia uma inscrição na lâmina que ela não conseguia ler, e tocou-lhe com os dedos, olhando para a relíquia com o coração a sair-lhe pela boca.

Na inspiração seguinte, agarrou na lâmina.

Sentiu um turbilhão dentro de si, *algo* que emergia e lhe corria pelo corpo, das pontas dos dedos à planta dos pés.

O velho Vagante sorriu.

— Começou o julgamento.

Além daquela sensação inicial, a espada nada mais tinha causado. Ou pelo menos era o que parecia, quando Aya ficou em pé junto ao velho Vagante em frente da fogueira, ouvindo o rugido das chamas até que o barulho se afogou na sua mente.

Ele fez com que Aya invocasse o seu poder, primeiro como uma chama, depois como gelo, em seguida como vento, e depois como terra, abrindo trincheiras em volta da fogueira até estar satisfeito. O poder dos elementos, explicou, era a primeira das Ordens, era o mais próximo da Natureza. Era a maneira mais simples de iniciar a descida às profundezas dos limites de Aya, o modo de ela se conectar com a sua verdadeira natureza, pois a sua essência era aquilo que nutria o seu poder. Fazia sentido, supunha Aya, que esse fosse o poder com que ela se sentira mais segura, mesmo quando bebia o tônico.

Aya limpou a transpiração da testa, que o fogo sufocante lhe provocava, e sentia também suor a escorrer-lhe pelas costas. Apesar de a noite do deserto ter trazido um frio cortante, não conseguia escapar ao calor. Envolvia-a por completo, abafando os sons e as vozes dos Vagantes, até que eram apenas um sussurro muito distante.

— Para que serve isto? — perguntou, com uma impaciência evidente, mas o velho homem nem lhe ligou. Apenas sorriu, com os olhos a brilhar como pedaços de obsidiana.

— Ainda resistes — disse, mais para si mesmo do que para ela. — Do que queres escapar de forma tão desesperada?

— Não estou a tentar escapar a nada — rosnou Aya. Mas o Vagante estalou a língua.

— As mentiras que dizemos a nós próprios para evitar a nossa verdade... — disse tristemente. — Tu podes sentir, não podes? A ferver, por baixo da superfície. Enterraste-a tão fundo que quase nem sabes como lhe chegar.

— Ao meu poder?

— À tua *essência* — respondeu num sopro, como se fosse a carícia de um apaixonado, com os olhos iluminados pelas chamas.

— *Quem és tu, Filha da Escuridão?*

As palavras não vinham dele.

Eram um silvo, algures nas profundezas da mente de Aya, numa voz que a provocava e lhe pôs os cabelos em pé. Ela rangeu os dentes e o Vagante aproximou-se, arregalando os olhos negros a observá-la. Dizia alguma coisa, mas as palavras eram abafadas pela voz recém-chegada.

— *Qual é a tua verdadeira natureza?*

Aya deu um passo para trás, evitando por pouco uma das trincheiras que abria. Tropeçou, e pelo canto do olho viu algo que quase a fez cair.

A escuridão rastejava pelo acampamento como se fosse uma bruma assombrada. Cobriu o oásis, o resto dos Vagantes, cobriu tudo até que ela só conseguia ver uma vasta extensão negra, que dava voltas em torno dela e do velho Vagante. A pele dele parecia brilhar, e soltou um riso deliciado que arrepiou Aya.

— O que é isto? — perguntou ela.

Ele sorriu.

— Vamos ver o que está lá dentro.

Aya não teve a certeza de quem tinha dito aquilo, se o Vagante, cujos olhos brilhavam de veneração, se aquela voz que lhe soprava ao ouvido. De qualquer modo, não gostava da forma como tinha soado. Mas, antes que pudesse falar, ouviu alguém chamá-la. Voltou-se na direção da voz. E, apesar de saber que era impossível, que ia contra todas as leis da Natureza e os deuses, ela sabia quem ali estava.

A sua mãe não tinha envelhecido um dia sequer. Estava exatamente como Aya se recordava, até mesmo com as calças castanhas e a túnica verde-esmeralda que vestia quando tinha ido embora. O seu longo cabelo castanho-escuro estava amarrado com um laço branco, e os seus olhos azuis-claros brilhavam, ao sorrir.

— Mãe — arfou Aya. Algo se partia dentro dela, alguma ferida que se reabria na alma, ao ver a sua mãe.

Mas a mãe não estava a olhar para ela. Olhava para uma menina, que estava mesmo junto a ela, uma menina de 8 anos, que estava ali, em pé, e que tinha os olhos azuis repletos de lágrimas.

— Não! — disse Aya, ofegante.

Não conseguia ver aquilo. Tentou mexer-se, mas o seu corpo estava imóvel, como se estivesse ancorado naquele sítio.

— Aya... sabes que nunca *quero* deixar-te..

Aya abanou a cabeça, e a voz da mãe ecoava pelo ar.

Isto não é real. Isto não é real.

— É o que dizes sempre, e acabas sempre por ir embora. És uma mentirosa — vociferou a menina, Aya, cerrando os punhos.

Aya tentou agarrar a menina, numa tentativa desesperada para a deter, para impedir as palavras que lhe iriam sair dos lábios.

— Aya... — começou a mãe.

— Não me importo. Vai!

— Aya, por favor...

— Vai!

E ela viu então a vaga de poder de persuasão que saiu da menina e envolveu a sua mãe. O olhar de traição, e talvez de medo, que passava pelo rosto de mãe, que deu um passo atrás. E depois outro.

Aya dobrou os dedos com tanta força que sentiu as unhas a espetarem-se nas palmas das mãos. O seu maior pecado, o seu maior arrependimento, estava à sua frente e nada podia fazer para o impedir.

Aya fechou os olhos, mas dentro de si as coisas não eram melhores. Aí estava, aquela profundidade sem fim, com o seu poder a deslocar-se em vagas tão violentas como as do mar de Anath.

— *É isso* — algures, a voz falava para ela. — *Sente-o.*

Ela não queria sentir aquilo. Aquilo era a sua dor. A sua culpa. O ódio por tudo aquilo que tinha acontecido. Aquele era o momento em que a escuridão maculara a sua alma, 13 anos antes.

— *O que é que a tua natureza nos mostra, Filha da Escuridão?*

Um grito lancinante cortou o silêncio, e Aya abriu os olhos para ver a mãe cair de joelhos. Aya lançou-se para ela, mas uma vez mais não conseguiu mexer-se. Olhou para o Vagante, que observava com calma, de mãos fechadas.

— O que é isto? — rosnou Aya, tentando libertar-se das amarras invisíveis. *Não é real.* Mas a sua mãe estava agora a olhar para ela, com o rosto contorcido de agonia. — Ajuda-a. — O pedido saiu-lhe da boca, antes de pensar no que quer que fosse.

— Só tu tens o poder para fazer isso — replicou o Vagante, olhando para a mãe dela a contorcer-se e a cair no chão. Aya olhou em volta freneticamente, procurando alguma coisa, o que quer que fosse, que pudesse ajudar. Só havia escuridão e uma nébula que os separava de *algo*, ou, se calhar, de tudo.

Deuses, ajudem-me. Imploro-vos. Ajudem-me.

Virou-se para a mãe, respirando em pânico.

— Isto não é real — disse, no momento em que Eliza caía de novo e se contorcia no chão. A mãe soltou outro grito lancinante.

— Mãe! — gritou Aya. Mas a dor dominava totalmente a sua mãe. Caiu outra vez, e os seus gritos duplicaram de intensidade. — Mãe! — A palavra era um soluço arrancado das profundezas de Aya, e viu como a água se acumulava sob a mãe. Eliza tossiu e saiu-lhe água da boca.

A afogar-se. A sua mãe estava a afogar-se.

Olhou para Aya, e os seus olhos azuis estavam tão brilhantes que quase ardiam.

— Vês o que me fizeste? — A voz da mãe já não tinha o calor do sol. Era

gelo, fúria e ódio, e pôs os cabelos de Aya em pé. — Isto é a eternidade a que me condenaste — silvou.

Porque o cadáver da mãe... nunca tinha sido cremado. A sua alma...

Encurralada. Presa no véu, impedida de passar para o Além.

Aya procurou o seu poder, aquele pedacinho de cura e de bondade que enterrara nas profundidades da sua alma revolta, para tentar encontrar Will. Mas só encontrou raiva, mágoa, e uma violência que lhe ribombava pelas veias como trovões.

A sua mãe não podia estar presa no véu. A sua alma tinha partido para descansar; estava em paz. A sua querida mãe...

Os deuses não permitiriam isto. Não a abandonariam assim. Não depois de tudo.

Aya tentou libertar-se, mas o seu corpo não lhe obedecia, não se movia. Eliza gritou novamente, mas o som foi cortado abruptamente, ao engasgar-se com mais água.

— Por favor — soluçou Aya. Já nem tinha certeza de a quem estava a implorar, nem se Saudra, ou algum dos Divinos, ainda a ouvia. Os olhos de Eliza reviraram-se totalmente, e foi sacudida por convulsões violentas, lutando por ar. — Por favor!

O corpo da sua mãe contorceu-se uma vez mais, arqueando as costas arfando por ar, que já não existia. E parou, imóvel, com os seus olhos azuis e vazios a fitar Aya.

Aya respirava em pânico ao ver o corpo destruído da mãe, e sentia o ar a queimar-lhe os pulmões. Morta. A sua mãe estava morta mais uma vez por culpa dela, e continuaria a morrer, presa no véu, naquele limbo que era um inferno. A dor de Aya era afiada e aguda como uma lâmina, e ela agarrou-se a ela, até a sentir crepitar no ar à sua volta.

— Agora vejo — sussurrou o velho Vagante. Aya virou a cabeça para ele. Sentiu a fúria a crescer dentro de si, tão forte e tão intensa que quase a sufocou.

Aquilo não era um julgamento. Era uma tortura.

— Para com isto — atirou-lhe.

O seu poder rodopiava, não apenas nela mas em seu redor, fazendo a bruma negra agitar-se como se fosse um vento amargo.

— *Diz-me, Filha da Escuridão. O que darias para corrigir o teu maior mal?*

Lá estava aquela voz outra vez, sussurrando-lhe com suavidade na alma, ao fitar o Vagante.

Aya rangeu os dentes, contra a atração do seu poder. Estava a crescer, a pressionar-lhe a pele, e ela podia ver traços de luz branca a relampejar pelos

seus braços.

A mesma luz que atravessara o Mercado dos Artistas, em Dunmeaden.

Aya tentou recuar e a voz riu. A escuridão em volta dela rodopiava, como se fosse uma tempestade a uivar.

— *É isso* — disse-lhe a voz, que era um sopro por cima do vento feroz. — *Abraça a tua raiva. Abraça a tua essência. Vê aquilo a que estás destinada.* — Aya levantou a mão contra o vento indomável, sentindo ar a queimar-lhe os pulmões ao lutar para se acalmar. — *O que darias para conseguires tudo aquilo que procuras? Para desfazeres o teu maior pecado?* — A escuridão volteava cada vez mais depressa e Aya sentia areia a cortar-lhe o rosto, até que mal podia ver o velho homem, que estava junto a ela.

E então, tão rapidamente como tinha começado, o vento cessou e por um instante o único som no deserto foi o da respiração ofegante de Aya.

A bruma negra dissipou-se como nevoeiro e revelou uma silhueta ajoelhada à frente dela. Tinha a cabeça inclinada e as mãos presas atrás das costas. O temor percorreu Aya, quando Will levantou a cabeça e olhou para ela, com um suspiro, a estremecer.

— Aya.

Ela abanou a cabeça devagar, tremendo ao observá-lo. O rosto dele era lúgubre, tinha os olhos cinzentos-escuros e com olheiras roxas. Aya sentiu terror nas entranhas, ao ver onde ele estava ajoelhado.

Ela não tinha cavado trincheiras.

Tinha aberto covas.

Ele era-lhe apresentado como um sacrifício.

— *Está tudo bem* — arfou Will, mas o tom na voz dele traiu-o. Pôs os olhos na mão dela, que segurava uma faca — a faca de esculpir que ele lhe tinha dado. Ela tinha-a posto no bolso, por impulso, antes de sair do palácio.

Não se lembrava de lhe ter pegado.

— *Acaba sempre nisto, não é, querida Aya?*

Algo molhado caiu-lhe pelo rosto e Will abanou a cabeça, lentamente.

— Aya, fica comigo.

A mão dela apertou o cabo da faca, e os seus pensamentos atropelavam-se uns aos outros, como uma torrente de lama. A espada tinha-lhe feito alguma coisa, e ao seu poder. Não conseguia recuperar o fôlego, não se conseguia acalmar perante o rugir do seu poder, dentro dela, dentro da sua *mente*.

Aya rangeu os dentes, tentando focar-se.

Aquilo não era real. A sua mãe estava em paz. E Will... estava em Rinnia, e provavelmente ainda não tinha reparado na sua ausência.

Não.

Ela conhecia-o. Ele iria perceber que ela tinha desaparecido e viria atrás dela, sem pensar mais na discussão que haviam tido.

— *O que é que darias aos teus deuses, Filha da Escuridão? Condenarias a alma dele, pela da tua mãe?* — A voz vinha agora do Vagante, e ela não conseguia distinguir a verdade do medo, ao voltar-se para Will.

A respiração dele era muito ofegante.

— Aya. — Ela abanou a cabeça, com a mão segurando a faca a tremer.

— Não — gemeu. Ela não faria isso. Não iria deixar que aquele fosse o seu destino: uma assassina, condenando à morte aqueles que amava. Não seria uma portadora de morte e destruição, e não se importava com aquilo que a sua natureza lhe pedia para ser. — Não. — Aya mergulhou no seu poder, refreando aquela luz que lhe bailava sob a pele. Obrigando-a a ir para baixo, para onde ela não o pudesse magoar.

O Vagante olhou para ela, arregalando os olhos negros.

— Aya.

Ela não percebeu o pedido de Will, nem mesmo teve tempo de o questionar, porque a sua raiva explodiu e ela lançou uma mão na direção do Vagante, atirando gelo da sua palma e acertando-lhe em cheio no peito. Ele aterrou na areia, e a sua respiração ruidosa era um sinal de morte que enchia o ar.

— Liberta-me — ordenou-lhe Aya, lutando contra as amarras invisíveis que a retinham. — Liberta-me e eu curo-te.

Um riso irrompeu do Vagante, um som fraco e alquebrado, diferente da sua voz grave, e ela soube que não vinha dele.

— *Não vês, pois não?* — Aquela voz ainda não era a dele, mas as palavras vinham dos seus lábios. Ele apoiou-se nos braços, pondo as mãos na garganta, e os seus olhos brilhavam de dor e algo mais, um brilho de terror que fez com que o coração de Aya desse um salto. — *A tua autêntica natureza decide sempre. Não podes escapar àquilo a que estás destinada.*

Will tossiu e Aya voltou-se para ele, sentindo o ar a faltar-lhe. Saía-lhe sangue da boca, que inundava a sua camisa negra, apesar de ela nem se ter mexido...

A sua faca estava cravada no peito dele, e Will caía, como a mãe dela. Aya quase nem reparava que podia finalmente mexer-se, e lançou-se para ele, caindo junto a Will.

— Não! — não era real, não era real. Era uma aparição, como a sua mãe; uma alucinação, causada pelo poder indomável dentro dela.

Mas ela conseguia tocar-lhe, conseguia sentir o seu corpo firme quando o puxou para si, podia sentir o calor do seu rosto ao pôr-lhe as mãos.

— Não, não, não.

Puxou a faca e pôs a mão na ferida, querendo que o seu poder de cura se libertasse. Brilhou uma luz débil na palma da sua mão, e ela pressionou-a contra a pele dele.

— Não. Por favor, não. Não me deixes, Will. — O seu pedido era um som quebrado, e ela apertou-o contra si. — Por favor, não me deixes.

A boca de Will mexeu-se, mas nenhum som saiu dos seus lábios.

Ficou imóvel, com os olhos cinzentos fixos nela, vidrados na morte.

Aya gritou, enterrando-lhe os dedos nos braços ao apertá-lo mais.

— *O que darias para corrigir este mal?* — disse-lhe a voz.

Tudo.

Ela daria tudo.

Disse-o alto, ao dobrar-se sobre Will, a soluçar violentamente. A dor dela era lancinante e fazia o vento redemoinhar em volta dela, à medida que os relâmpagos atravessavam o céu.

— Deixa — chiou o velho Vagante, com a própria voz. Bateu no chão, como se lutasse contra as palavras seguintes. — *Deixa o teu poder ascender* — disse a outra voz, com a boca dele. — *Deixa-o remover a tua dor.* Ela podia senti-lo a fazer precisamente isso: a sua raiva, a magia e o ódio a rodopiarem dentro dela, até poder prová-lo, até sentir que a doçura da vingança a consumia. Ergueu a cabeça e viu algo semelhante à neblina do deserto a cintilar à sua frente. Além dela algo se mexia, a aproximar-se, e ela pôde distinguir uma silhueta.

— *Não podes desfazer a morte. Podes criar vida.* — A voz era um sopro dentro da sua alma. Aya levantou-se, no meio da tempestade à sua volta, com o olhar posto naquela parede cintilante que tinha surgido, cuja essência ela quase podia tocar.

Ela iria trazê-lo de volta.

Iria trazê-los a ambos de volta.

E rasgaria o mundo para o fazer.

— *É isso* — silvou a voz. — *Entrega-te à tua verdadeira natureza. Mergulha no teu poder. Agarra tudo aquilo que os deuses que veneras recusam dar-te.*

Talvez a voz não fosse dos deuses.

Talvez fosse a sua.

Uma outra vaga de raiva irradiou pelo ar, e o véu em torno dela tornou-se mais espesso. Podia ver mais claramente o brilho cintilante que os deuses tinham criado. Aquilo que separava o mundo do Além. Aya rangeu os dentes ao sentir o seu poder a ascender, apertando a faca, que não sabia que ainda tinha na mão. Deixou o poder subir por ela, até que a dor fosse uma recordação distante, até que a sua mente não se lembrasse de nada mais a não

ser da sua necessidade de desforra. Sentia-se atraída para aquela *coisa* cintilante e queria destruí-la por completo.

A sua raiva era algo vivo, escoando dela como fogo, ao passar através do véu, queimando-o com o seu calor. Aya aproximou-se, com o corpo a zumbir, pois o poder libertava-se dela. Levantou a faca, espalhando o seu poder pela lâmina, pronta para cortar o véu.

Onde é que estavam os deuses, quando a sua mãe se afogou?

Onde é que estavam os deuses quando Tova foi levada para a prisão, ou quando Will caíra de joelhos?

Ela ia matá-los a todos.

Em frente dela surgiu a silhueta de alguém que se aproximava, a acenar com a mão.

Cabelo negro como um corvo, pele pálida, olhos azuis.

Aya ergueu mais a sua faca, vendo o brilho da lâmina.

— *A vingança está à espera* — silvou algo.

Mas fixou o olhar na lâmina. Libertou-lhe alguma coisa na sua mente, alguma coisa que lhe deteve a raiva, como se estivesse entre uma inspiração e uma expiração.

Dedos quentes percorriam-lhe as costas.

Viu o brilho de um sorriso malicioso.

— *Não!* — silvou a voz.

Mas aquele toque estava dentro dela agora, e era insistente. Aya afastou-se do véu, de olhos postos naquela faca de esculpir.

— *Não importa a profundidade da queda*, dissera ele.

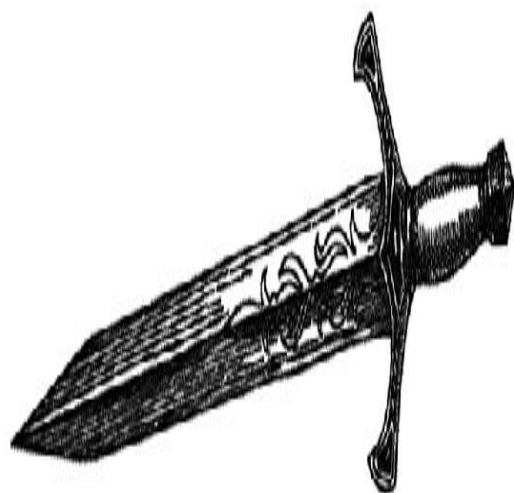
Deu outro passo para trás. Algures, a voz que a tinha chamado dizia-lhe com raiva para acabar a tarefa. Mas ela quase não a ouvia. Porque agora tinha a voz dele dentro dela, e as palavras eram uma melodia.

Não importa a profundidade da queda.

Só ela poderia parar aquilo, tinha dito o Vagante.

Não importa a profundidade da queda.

Foi a última coisa que ouviu, antes de mergulhar a lâmina no próprio peito.



A dor cegava-a e quase fazia com que Aya recuasse para os abismos negros que a agarravam, momentos antes. Era mais fácil estar dentro deles, mais pacífico.

Mas agora começavam as recordações. A mãe. O véu. Will. Abriu os olhos com um grunhido, e a luz do deserto queimava-os tanto que ela gemeu. Aya apoiou-se nos braços trémulos para se levantar apenas o suficiente para olhar em volta.

Só havia areia e dunas, ao longo de quilómetros.

Nenhum oásis.

Nenhum Vagante.

Não devia ficar surpreendida que eles a tivessem deixado como morta no deserto. Não depois daquilo que a relíquia tinha revelado da sua alma.

A tua autêntica natureza decide sempre. Não podes escapar àquilo a que estás destinada.

Aya olhou para o seu peito. Nem tinham tirado a faca. E ainda bem. Se o tivessem feito teria morrido. Não tinha acertado no coração, nem nos pulmões, a julgar pela respiração regular.

Era impressionante que, no seu terror, ainda tivesse conseguido tal precisão.

Não tivera a certeza de que fosse funcionar. Não tinha a certeza de que a faca fosse suficiente para a libertar das suas visões. Não queria pensar no que a tinha levado a fazer aquilo; que o ritual sombrio dos pais de Evie tinha deixado uma semente à qual ela se tentou agarrar em desespero, para se libertar da submissão a que o poder a sujeitara.

Se não tivesse resultado... ter-se-ia sacrificado.

Preferia morrer a entregar-se às trevas.

Muito tarde. Escolhi demasiado tarde.

Aya fechou os olhos ao ter esse pensamento. Não. Aquelas visões não tinham sido reais.

Mas a ferida era. Será que queria dizer que...?

A agonia sacudiu-a, tão forte que lhe tirou o fôlego.

— Por favor, Mora. *Por favor.* Imploro-te. — A oração à deusa do destino saiu-lhe num suspiro aflito e alquebrado.

Ele não podia estar morto. Aceitar isso significava deitar-se no deserto, e se o fizesse não voltaria a levantar-se.

Olhou à volta uma vez mais. Ao longe, tão longe que ela quase não conseguia distinguir a sua silhueta vermelha, estavam as montanhas. Olhou para trás e só via areia.

Não fazia ideia onde eles a tinham deixado. O melhor que podia fazer era

caminhar em direção às montanhas, e esperar que conseguisse lá chegar antes que morresse de sede.

Aya pegou no cabo da faca, respirando aos golfões. Ela podia fazer aquilo. Tinha de voltar para o palácio. Tinha de fazer alguma coisa para parar a agonia que ameaçava destruí-la.

Tocou no cabo, cerrando os dentes, sem conseguir conter o grito ao puxá-la para fora e tirá-la. Só tinha alguns instantes para agir. A palma da mão brilhou iluminada quando mergulhou no seu poder de cura, brandindo-o e recusando-se a deixá-lo cair, e pôs a mão no peito, reparando a sua carne até que ficasse apenas uma marca vermelha e rugosa. A dor continuava, mas... estava curada. Pelo menos, o suficiente para não se esvaír em sangue.

Deixou cair as mãos na areia, pondo-se de gatas para acalmar a respiração. Sentiu a náusea a varrê-la, por causa da dor ou devido aos primeiros sinais de desidratação. Não se conseguia lembrar de quando fora a última vez que tinha bebido água.

Com um gemido, Aya levantou-se, de olhos postos nas montanhas.

Iria regressar, e Will estaria lá.

Recusou-se a aceitar outra coisa.

Caminhou durante um dia, apenas parando durante alguns momentos para poder descansar as pernas trémulas. Tinha a boca seca e doía-lhe a garganta quando respirava. Desejou mais uma noite gelada, que ainda devia vir longe, a julgar pela posição do Sol.

Não se tinha atrevido a dormir, pois tinha medo de não acordar.

As pernas tremiam, sentindo o mundo a girar, cambaleando passo a passo. A confusão provocada pelo deserto era mais forte agora, até que tudo aquilo que era bege e azul apenas era um borrão, até que a única coisa que podia ver eram aquelas malditas montanhas, ao longe, que pareciam cada vez mais distantes.

Só mais um bocadinho. Deu mais um passo, com os pulmões a arder. Caiu, e algumas pedrinhas cortaram-lhe as mãos.

Só mais um bocadinho.

Arrastou-se para a frente, com um soluço de frustração, e a areia queimava-lhe as mãos. Iria a rastejar por todo o caminho, se preciso fosse.

Mas até isso era de mais para o seu corpo doente e esgotado. Os braços de Aya cederam e caiu pesadamente no chão.

— Por favor — arfou, sentindo as lágrimas a arder-lhe no rosto e a areia a entrar-lhe nos olhos. O seu coração saltou no peito, a pedir-lhe vida.

Conseguiu arrastar-se mais uns centímetros, nos limites da inconsciência.

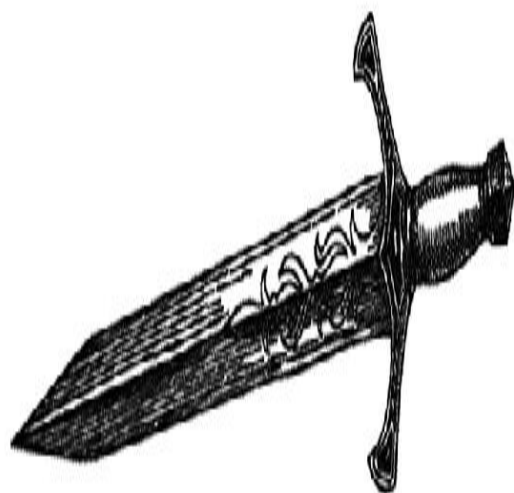
Uma nova rajada de vento fê-la fechar os olhos e ter vontade de se levantar daquele chão escaldante porque sabia que se caísse nesse abismo nunca mais se levantaria.

A mente dela tentou desesperadamente agarrar-se a alguma coisa, o que fosse, que a mantivesse ligada a este mundo.

Encontrou olhos da cor das pedras dos rios, com manchas verdes. O calor de uma mão calejada no rosto. O som cheio de um riso, que muito poucos tinham a sorte de ouvir.

— Por favor — sussurrou.

E o mundo tornou-se negro.



Se a morte era assim, era quente. Aya sentia a cabeça pesada e tinha a visão turva quando abriu os olhos. Consequia ouvir algo a estalar, um som regular, como se estivesse um fogo a devorar madeira, junto a ela.

Fogo!

A visão das chamas fê-la pôr-se em pé num salto, tentando apoiar-se no chão rochoso ao sentir que caía para trás.

Tinha de se afastar daquele fogo, das covas, da *morte*...

— Aya. — Mãos agarraram-lhe os braços e ela debateu-se, a arfar. Olhou para quem a atacava, e o seu coração saltou-lhe do peito quando viu Will, de joelhos, em frente dela.

Não, outra vez não.

Ela tinha-o visto morrer. Tinha-o segurado nos braços enquanto ele se esvaía em sangue, tinha visto a vida a abandonar-lhe o olhar, e, apesar de ter suplicado aos deuses que, quando acordasse no deserto, aquilo não fosse verdade, estava uma vez mais a viver aquele pesadelo.

Aya lutou contra o que a retinha no chão, tentando libertar-se dessas amarras, daquele inferno que não terminava. Mas não podia escapar, não podia, não conseguia...

— Aya. — O seu nome foi dito num sussurro, e Will pôs-lhe a mão na cara, com os olhos cinzentos cheios de inquietação. Libertou-lhe as pernas, e a mão quente no rosto de Aya fez com que ela se acalmasse um pouco e olhasse em volta.

Era uma gruta. Ela estava numa gruta, não no deserto.

E não estava amarrada, estava num saco-cama.

— Estás a salvo — disse-lhe Will baixinho, percorrendo o seu rosto com um polegar —, estás a salvo.

Aya respirou fundo, arfando, ainda em pânico. Abriu lentamente as mãos, largando o saco-cama que tinha agarrado em desespero, e olhou para Will. Ele tinha o cabelo desgrenhado e os olhos vermelhos. Olhou para o peito dele, à procura de algum ferimento. Não tinha nada. A sua camisa negra estava toda em desalinho, mas sem marcas.

— Isto é real? — A garganta dela estava seca como lixa, e as palavras saíam ásperas, cruas.

Will franziu o sobrolho e fez uma expressão de dor, ainda a acariciar-lhe o rosto.

— Claro que é real.

Ela queria acreditar, sobretudo porque ele sussurrava o nome dela como

se pudesse alcançar o terror que a afligia e afastá-lo. Aya passou-lhe os seus dedos trémulos pelo queixo.

Não estava ferido. Não havia sangue.

Ela tinha-o visto morrer, e a dor que sentira tinha-a feito querer ficar com ele no chão e nunca mais se levantar. A única coisa que a tinha feito arrastar-se por aquele deserto maldito era a esperança de que ainda o encontraria a respirar. E ali estava ele: inteiro, quente, vivo.

Deixou escapar um som mudo, como um gemido, e abraçou-o. Will vacilou com aquele impacto, mas puxou-a para si, apertando a cintura dela como aço. Se estava confuso, não o mostrou. Apenas a abraçou com tanta força como ela o abraçava, acariciando-lhe as costas com a mão.

Inclinou-se para trás, para olhar para ela. O olhar de Will ficou sombrio ao perceber alguma coisa no rosto dela, e disse em voz baixa:

— O que aconteceu?

Aya cerrou os lábios. Não sabia por onde começar — qual verdade devia partilhar primeiro. Mas Will voltou a pôr uma mão no rosto dela, e a suavidade do seu toque fê-la engolir um soluço.

— O que aconteceu? — insistiu.

Ela tinha lágrimas nos olhos.

— Matei-a.

E aí estava. A verdade, por fim, nua e crua.

Will pestanejou, e o seu polegar ficou imóvel no rosto de Aya, cujos lábios tremiam.

— Matei-a. — A confissão continuava a sair dela como uma avalanche, e toda ela estava a tremer. — Matei-a. Matei-a. Matei-a.

Começou a soluçar, enterrando a cabeça no peito dele, ao dizer aquilo que nunca se tinha atrevido a admitir.

— Ela foi embora porque eu a obriguei a ir. — Aya ofegava e apertava a camisa de Will com as mãos. Não conseguia olhar para ele. — Senti o meu poder e obriguei-a a ir embora. Persuadi-a a embarcar naquele navio.

Ela tinha visto a verdade, naquela aparição que a relíquia tinha invocado; tinha visto o momento que transformara a sua essência em algo obscuro.

— A minha mãe está morta por minha causa — disse num sopro.

— Ela não morreu por tua causa — respondeu Will de forma decidida, obrigando-a a olhar para ele.

— Eu vi — disse Aya —, fui ter com os Vagantes para aprender a como sobreviver ao Decachiré. Pensei que, uma vez que o meu poder provoca a mesma reação, que eles me pudessem ajudar. Mas os praticantes do ritual obscuro sobreviveram porque entregaram totalmente as suas almas à escuridão, deixando que as suas essências maléficas os dominassem por

completo. Os Vagantes têm uma relíquia de Evie, que invoca a tua verdadeira natureza. Pediram-me que me encontrasse com a minha, para ver o que alimenta o meu poder, e... é negro, Will. Tão negro...!

Will abanou a cabeça.

— Aya, a tua mãe era uma Visya experiente, que podia facilmente proteger-se da tua persuasão.

— Não se eu a controlasse, da mesma maneira como fiz contigo. Não se eu a tivesse obrigado a ir embora, do mesmo modo como fiz com que saltasses da muralha. — Respirou, trémula, a olhá-lo nos olhos. Tentou ler o que ia neles.

Não havia nada, a não ser uma compreensão bondosa. Will inclinou-lhe a cabeça para trás.

— A tua mãe teria entrado naquele navio, de qualquer forma. O meu pai não lhes deu escolha. Se a morte dela é da responsabilidade de alguém, é dele. — Aya tentou afastar o olhar, mas ele impediu-a. — Essa culpa está a matar-te. Está a convencer-te de que és uma coisa que não és.

Eu vi-te, sempre.

Ela não tinha resposta para lhe dar. Aquela culpa era tudo o que conhecia e que sentira durante anos. Era um fardo que ela não sabia como carregar. E ainda assim...

Tinha sentido algo mudar dentro dela, ao confessar. Como se ao verter luz sobre aquele lugar negro da sua alma o tivesse feito recuar.

— As visões... fizeram-me acreditar que a alma dela está presa no véu. Porque o seu corpo nunca foi cremado.

Will abanou a cabeça, mais uma vez.

— O corpo dela regressaria a terra, amor. O mar teria... — Parou, como se não quisesse dizer mais nada. Ele tinha razão: o corpo dela ter-se-ia decomposto e alimentado o mar. Will baixou a cabeça para a olhar nos olhos. — Por isso, se os deuses ainda seguem essa lei, então a alma da tua mãe está em paz.

Então, o que havia sido real?

Aya enrugou a testa e a sua mente lutava para distinguir a realidade das aparições.

— Pensei que também te tinha matado.

Will deu-lhe um sorriso débil.

— Típico. Devo ficar ofendido ou encantado? — Os olhos dele brilharam à luz das chamas, e apesar de tudo Aya riu, com lágrimas a correrem-lhe pela cara. Ele voltou a acariciar-lhe as costas, esperando.

E ela contou-lhe. Das visões. De como tinha visto a mãe a afogar-se. De como aquela voz — dos deuses, ou dela própria — tinha possuído o velho

Vagante. De como tinha pedido que ela escolhesse e o tinha mostrado a ele, Will. E de como ela tinha lançado o seu poder sobre o Vagante, mas que isso não surtira efeito.

Ela tinha matado Will, de qualquer modo.

A tua autêntica natureza decide sempre.

— Eu podia sentir-te — disse Aya, suavemente —, e eu... — estremeceu, obrigando-se a falar —, eu senti-te morrer.

Aí estava outra vez: aquela dor que a tinha atravessado tão ferozmente que ela tinha desejado que o mundo ardesse.

Will passou os nós dos dedos pelo queixo dela, muito ao de leve.

— Estava tão furiosa... Com a escuridão, de onde não conseguia escapar. Com os deuses, por não me ajudarem. E havia aquela voz, que me pedia para abraçar essa fúria, e eu entreguei-me a ela.

Aya afastou os olhos dos dele, com medo do que visse quando admitisse aquilo que precisava de admitir. — A voz perguntou-me o que eu daria para corrigir os meus erros. Para te salvar. — Engoliu em seco, a olhar para as chamas trémulas. — Eu daria tudo.

Tinha aprendido muitas coisas no deserto, e aquela era talvez a mais aterradora. Teria posto o mundo de pernas para o ar para trazer Will de volta.

— Eu vi o véu — prosseguiu, ainda de olhos postos na fogueira —, como se o tivesse invocado, de alguma forma. E vi alguém para lá dele. — Fez uma pausa, como se tentasse recordar-se de pormenores.

A curandeira. Parecia mesmo a curandeira dos sonhos dela. As alucinações que o toque da relíquia provocara tinham usado todos os seus medos.

— Senti-me como se o pudesse destruir por completo. E tê-lo-ia feito, se não fosse isto. — Olhou finalmente para Will, metendo a mão no bolso e tirando a faca de esculpir, coberta de sangue seco. Ele tocou com os dedos no seu cabo de madeira. — Ajudou-me a bloquear aquela voz.

A expressão de Will ficou tensa, ao ver o sangue.

— Como foi que te libertaste das visões? — perguntou ele em voz baixa, com um tipo de calma que ela sabia ser perigosa.

— Virei a faca contra mim.

Ela sentiu os músculos dele a ficarem tensos, e os seus olhos viraram-se para a camisa dela, esfarrapada. Ficou em silêncio por um instante, e os seus olhos cinzentos ensombraram-se ao ver a cicatriz que lhe desfigurava o peito.

Devagar, olhou-a nos olhos.

— Diz-me que estás a mentir. — A voz dele era rouca. Ela procurou palavras para lhe dizer, mas o silêncio foi a resposta. Will praguejou, e, com um movimento suave, afastou-a. Levantou-se, passando as mãos pelo cabelo,

dando uns passos.

— Sei que estás zangado...

— Zangado? Estou furioso! — Ele virou-se para ela e Aya abriu a boca para responder, mas Will prosseguiu, com os dedos no cabelo. — Estou furioso por te ter deixado sair daquele quarto. Que tenha levado vários dias para deixar de ficar cego de orgulho e perceber para onde realmente tinhas ido. Furioso por...

Engoliu em seco, com as palavras na garganta.

Passou a mão pelo rosto, a respirar fundo, uma e outra vez.

— Quase foi demasiado tarde — disse num murmúrio, deixando cair as mãos. — Vi-te deitada na areia e pensei que tinha chegado demasiado tarde.

Aya ergueu-se com dificuldade e com dores, rangendo os dentes.

— A culpa não é tua.

— Não faças isso — rosnou ele —, não tentes suavizar a minha culpa.

Ela deu um passo para ele, vendo como apertava as mãos uma na outra, e o modo como estava a tremer.

— A decisão foi minha.

— Quase morreste.

— A escolha foi minha. Se te enfureceres com alguém, zanga-te comigo.

— Ótimo — atirou Will —, também estou muito furioso contigo.

— Ainda bem. Podia ter feito coisas terríveis...

Will pôs-se em frente dela num instante, agarrando-lhe os ombros, a olhar para ela. Tinha raiva a bailar naqueles olhos da cor das pedras do rio, raiva e algo mais, que lhe endurecia a voz, quando disse:

— Não quero saber de nada que quase tenhas feito com essas pessoas malditas. A única coisa com que me preocupo é poder sentir o teu calor, neste momento.

Os olhos de Aya ardiam ao sentir o polegar dele a esfregar-lhe o ombro, como se tentasse provar a ele mesmo que ela estava ali. Que era real. Ela não merecia aquele calor, aquela compreensão. Apesar disso, queria ambos. Precisava deles, tal como necessitava de sentir os dedos dele na sua pele, dos braços dele em volta dela, como tinham estado no gabinete do rei. Era uma fome, maior do que tudo o que ela alguma vez sentira.

Will arfava, e a sua respiração roçava nos lábios dela quando a apertou para si.

— Não tens de fazer isto. Não tens de ser uma arma para Gianna usar. Podemos mandar a profecia para os infernos. Podemos desaparecer e fazer com que nunca mais nos encontrem.

Aya abanou a cabeça, com a voz embargada pela emoção.

— Tenho um poder que pode ajudar nesta guerra. Tenho de encontrar

uma forma de o usar.

— Não se isso for uma missão suicida, Aya!

— Tem de haver...

— Não te vais sacrificar por esta guerra.

— Vou fazer o que for preciso para proteger o nosso reino.

Ele largou-a e deu um passo atrás, e ela sentiu frio. Tentou argumentar com ele.

— É o meu dever. Com os deuses, com a nossa rainha. Fiz um juramento...

— *O teu juramento que vá para o diabo!* — rosnou Will, gesticulando.

— Isso que dizes é *traição* — ripostou Aya, detestando o tremor que tinha na voz. Não sabia porque lhe doía tanto o coração, mas alguma coisa na voz dele tinha-a despertado. Talvez fosse o facto de ele querer lutar por ela — para lhe dar uma escolha, quando mais ninguém o fizera.

A voz de Will saiu como um trovão distante, como se fosse o primeiro dos trovões numa tempestade que se aproximava.

— Ela vai usar-te até não precisar de ti. Ela não tem lealdade. Não tem amor por ti.

Aya nunca o tinha visto assim, tão nervoso. Ofegava e tinha os olhos cheios de lágrimas.

— E eu não vou ser capaz de a impedir. Por isso, para o inferno com o teu juramento.

Aquela confissão fora suave, alquebrada. Uma das lágrimas que se acumulavam rolou pela face de Will e ele fitava-a.

— *Tudo* o que fiz foi para te proteger. Para te preservar disto. E falhei. Falhei *sempre*. Não consegui manter-te longe de Gianna. Não te mantive afastada daqueles masoquistas do deserto. E não consigo *respirar* quando penso em todas as vezes que quase te perdi. De quantas vezes te falhei por completo.

As palavras partiram alguma coisa dentro de Aya, e ela via a dor, a frustração e o desejo no olhar dele.

Nunca alguém a tinha desapontado tão pouco.

Ela aproximou-se dele como por instinto, mas Will agarrou-lhe no pulso, abanando a cabeça.

— Não — murmurou. Os olhos de Aya ardiam e ela engoliu em seco, tentando falar.

— Porque não?

Will fechou os olhos por um segundo, como se tivesse dores, e apertou o pulso dela ao de leve. O silêncio instalou-se entre eles, tão profundo que ela teve medo que ele não respondesse, teve medo de não o ter compreendido.

Mas os olhos de Will ficaram mais sombrios, e pegou-lhe na mão. Pô-la sobre o seu peito, e ela pôde sentir o bater furioso do seu coração.

— Eu não... o meu controlo não é... — tentou encontrar as palavras, fixo no rosto dela — ...é demasiado — disse, ofegante. — Estou a sentir demasiadas coisas.

Aya pestanejou ao perceber do que ele se escondia.

A agitação dele não era fúria.

Era autocontrolo.

Devagar, ela pressionou a palma da sua mão contra o peito dele, sobre aquele coração que pulava, tocando com as unhas na pele por baixo da camisa.

Ela não teve a certeza de quem se mexeu primeiro, nem se importava. Tudo o que interessava era sentir os lábios dele nos seus, quando colidiram um com o outro, e os dedos dele entraram no seu cabelo quando inclinou a boca sobre a dela.

Não foi suave nem tímido.

Foi uma libertação, uma reivindicação.

Will gemeu, e o som acendeu a chama entre eles. Puxou-a para si, e Aya pôs os braços à volta do pescoço dele, com os dedos por entre o cabelo sedoso de Will.

Podia morrer, só do desejo que tinha.

A língua dele entrou pelos lábios dela, fazendo-a soltar um gemido abafado, e as suas mãos passaram pelas costas dela abaixo, até às ancas. Will afastou a boca da dela, para lhe beijar o pescoço, e ela enterrou-se nele, colando as suas coxas às dele. Will mordiscou-lhe o pescoço, fazendo-a suspirar.

Will riu baixinho, apertando-lhe as ancas com as mãos, e encostou a cabeça à curva do pescoço dela.

— Calma, amor. Estás a sobrestimar o meu autocontrolo.

Ela não queria saber. Se calhar até disse isso mesmo, porque Will riu outra vez, a beijar-lhe o queixo.

— Apesar de ser tentador possuir-te aqui, no chão desta gruta — disse ele, sorrindo com malícia ao apertá-la outra vez, para lhe mostrar que dizia a verdade —, precisas de descansar.

Aya abriu a boca para responder, mas Will beijou-a nos lábios novamente. O beijo era suave, gentil. Como se tivessem todo o tempo do mundo para se explorarem um ao outro. Ela sentiu isso, quando as mãos dele foram pelas costas dela acima, pelos ombros, até ao seu rosto.

Ele afastou-se o suficiente para a observar, com os seus olhos cinzentos a brilhar. Mas franziu ligeiramente o sobrolho, e ela retribuiu.

— O que é?

Will passou os nós dos dedos pelo maxilar dela, pensativo.

— Estou a refletir no quanto preciso de me preocupar. Tu deste uma facada em ti mesma há menos de dois dias. — Os olhos dele fitavam a cicatriz no peito dela, e passou os dedos naquele sítio. Aya estremeceu ao sentir o toque.

— Eu sinto-me bem. — A voz dela era débil, e quase não disfarçava o desejo que a percorria. A mão dele avançou pelo peito dela, segurando-lhe um seio ao beijá-la de novo, e ela tremeu. Lentamente, ele levou-a para o sacocama, ainda a beijarem-se.

Mas ela sentiu outra tremura, desta vez inadvertidamente.

Ele afastou-se de imediato, a ofegar.

— Estou bem — garantiu-lhe ela novamente. Mas Will franzia a testa, e fê-la deitar-se.

— Já te vi inconsciente vezes que cheguem — disse ele, cobrindo-a com uma manta. Aya tentou protestar, mas Will levantou-se e dirigiu-se para o alforge que tinha encostado à parede da gruta. Voltou com um odre de água, nozes e tâmaras.

— És insuportável — resmungou Aya, quando ele se sentou ao pé dela. Mas pegou no odre e levou-o à boca, bebendo pequenos goles, a tremer. Will pôs-lhe um braço em volta da cintura.

— Essa é uma maneira estranha de dizer «obrigada».

Ela deixou-se encostar ao seu corpo robusto, olhando para o rosto dele para absorver cada traço e o sorriso suave que ele tinha nos lábios ao olhar para ela.

Era um sorriso que ela nunca lhe tinha visto. Fazia-o parecer mais novo, mais aberto, mais livre.

Aya passou os dedos nos lábios dele.

— Encontrei-me.

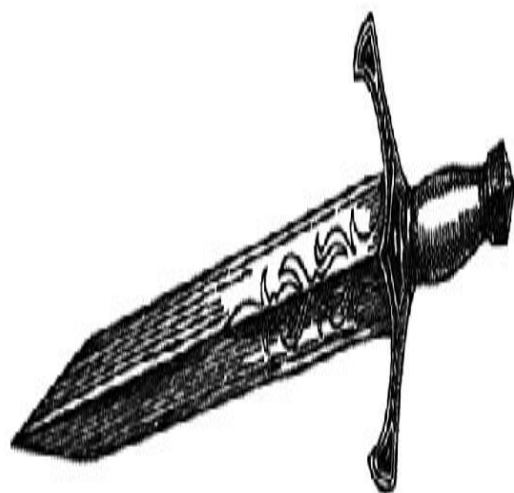
Ele tinha ido até ali por ela, como sempre tinha feito, mesmo nas alturas em que ela pensava que não se importava minimamente. Uma presença confiável e robusta. Uma muralha que a protegia, em todos os momentos.

Depois de tudo... ele tinha ido buscá-la.

Ela sorriu e pôs os seus lábios nos dele, baixando a voz para tentar imitá-lo.

— Se eu não te conhecesse, William, diria que te importas mesmo.

E ela pensou que o riso dele era o mais belo som que alguma vez tinha ouvido.



Will observava cada respiração de Aya enquanto ela dormia, com a cabeça apoiada num braço e o outro sobre o braço dele, em volta da sua cintura. Saboreava cada pedaço dela que sentia contra si, cada movimento, que significava que ela estava viva.

O fogo tinha-se reduzido a brasas, e, apesar de o frio do deserto começar a soprar pela caverna, ele quase nem tinha reparado nisso. Só havia o peito dela, movimentando-se conforme ela respirava, e as emoções avassaladoras que ameaçavam engoli-lo num trago.

Inspirar.

Expirar.

Inspirar.

Expirar.

Tinha-lhe revelado mais coisas do que alguma vez tinha pensado, ainda antes de chegarem àquele lugar. Ela não tinha feito perguntas. Tinha-o beijado. Mas ele sabia que as perguntas estavam a caminho. Sabia que havia mais verdades para lhe revelar.

Apertou Aya para si e fechou os olhos — como se isso fosse suficiente para se acalmar e poder controlar a vaga de sensações dentro dele.

Quando a vira inerte na areia, o seu controlo estilhaçara-se completamente, e ele nem tinha a certeza de que sobrara alguma coisa que pudesse consertar.

E agora, estar com ela, ali... com a recordação dos lábios dela nos seus...

Era demasiado.

Ela aninhou-se nele, chegando-se mais perto.

Tinha havido alturas em que julgara que a esperança de que ela não o odiasse o mataria. Que a esperança de escaparem daquilo ilesos seria o que o iria destruir. Mas agora imaginava se a possibilidade de a ter — de a ter, verdadeiramente — não seria a sua perdição.

Nunca tinha desejado tanto alguma coisa.

E nunca tinha tido tanto medo de a perder.

Aya estava obstinada em salvar o mundo, qualquer que fosse o preço a pagar. Mas ele não se importava com o maldito mundo.

A única coisa que ele queria salvar era ela.

Will encostou a cabeça à de Aya, e ficou simplesmente junto dela, a inalar profundamente o seu aroma a pinheiro e hortelã.

Não a iria perder, e ia garantir que assim fosse.

Mesmo se isso lhe custasse tudo.

Will desejava que a viagem se arrastasse. Os dois dias de jornada foram uma bênção, apesar dos infernos que enfrentavam. Mas tinham ficado mais calados, à medida que se foram aproximando de Rinnia.

— Vamos chegar mesmo a tempo do Genemai, hoje à noite — observou ele, quebrando o silêncio. Os coloridos edifícios de Rinnia tornaram-se mais visíveis, ao cavalgarem pelas terras de cultivo.

— Adoram as celebrações, por aqui. — Aya encostou-se ao peito dele, e Will passou as rédeas para a outra mão, pondo o braço livre em volta dela, a rir. Tinha tomado nota de cada ponto em que os seus corpos se tocavam, durante toda aquela viagem de regresso.

Apesar de tentar ser irónica, Will sentiu a tensão nela. Estava exausta, tinha a pele muito pálida e os olhos baços. A relíquia cobrava o seu preço. E ela tinha perdido muito sangue.

Queria que Aya fosse observada por um curandeiro assim que chegassem, mas sabia que isso teria de esperar. Tinha mais uma paragem a fazer; uma última verdade para lhe revelar.

— Vou tirar-te do palácio mais cedo — soprou-lhe Will ao ouvido. O riso dela foi como um gole de uísque, suave mas queimando-o por dentro. Ela mexeu-se um pouco, pondo os lábios na sua mandíbula. Um «obrigada» silencioso.

Ao chegarem às primeiras casas da cidade, pensou se ela ainda iria olhar para ele com aquele fogo no olhar, depois do que se iria passar a seguir.

Aya franziu a testa ao ver que Will não os estava a conduzir para o palácio, mas por uma rua estreita com casas em ruínas. Ele agradeceu aos deuses por terem voltado tão cedo. A visita que iam fazer daria menos nas vistas. Parou em frente àquele chalé de pedra, e escorregou da sela, fazendo uma festa ao cavalo enquanto esperava que Aya o seguisse.

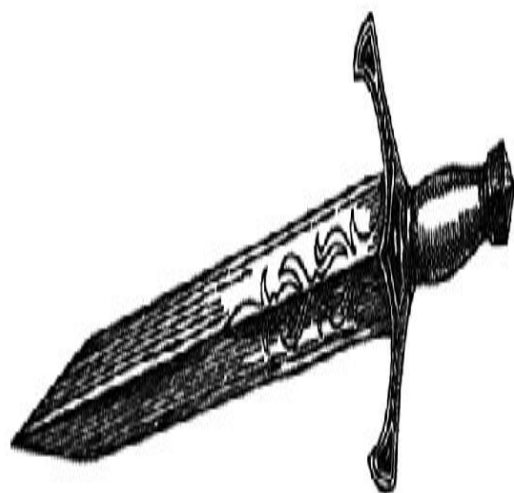
— Onde é que estamos? — Ela pegou na mão que ele lhe estendia e desmontou, franzindo mais a testa ao olhar para ele. Sem dizer nada, Will levou o cavalo para uma ruela lateral e prendeu-o a uma gamela que havia aí.

— Will.

O coração saltava-lhe do peito, quando bateu à porta. Era um risco gigantesco, levá-la ali. Ela nunca o tinha ajudado. Mas, talvez, se ela sentisse o poder de Aya e pudesse ver...

A porta abriu-se e Lorna apareceu à entrada. Aya empalideceu ao ver a mulher que estava à frente deles — quando reconheceu o cabelo escuro e os olhos, de um azul quase cinzento.

— Aya — murmurou Will —, lembras-te da minha mãe?



A mãe de Will achava-se viva e estava ali, em Rinnia. Por fim, Aya sabia para onde ele se esgueirava tantas vezes.

Tentou não olhar estarelecida para Lorna, que se sentou numa poltrona coçada em frente do sofá onde ela e Will se sentaram. Não houve calor entre mãe e filho. Will ficou perto de Aya, com os braços apoiados nos joelhos.

— Adorava saber o motivo desta visita — disse secamente Lorna, bebendo um gole de chá.

— Ao menos por uma vez na vida poupa-me às tuas mentiras — disse-lhe Will, com raiva. — Sabes muito bem porque estamos aqui. Sabes muito bem quem ela é. Identificaste o seu poder mal abriste a porta.

Aya virou-se para ele, mas Will manteve-se fixo na mãe, apenas lhe dizendo, num murmúrio:

— Senti o choque dela.

Se Lorna tinha detetado o seu poder, isso queria dizer...

Uma nova vaga de surpresa, gelada, atingiu Aya.

— És uma Saj da Maraciana — disse Aya num sopro.

— Não — respondeu Lorna, friamente —, mas estudei com eles e desenvolvi o meu poder tal como eles fazem. — Levantou o queixo e olhou para o filho. — Detestas-me assim tanto, para trazeres a morte a minha casa?

Will recostou-se, tocando com a perna na de Aya, e respirou fundo, nervoso.

— Gianna não vai saber que estás envolvida.

Aya pousou a sua caneca na velha mesa de madeira.

— É melhor que alguém comece a explicar o que raio se passa aqui. — Voltou-se para Will, a ranger os dentes. — Agora!

Os olhos cinzentos de Will encararam-na suavemente e Aya sentiu o calor do corpo dele.

— Há cinco anos vim a Trahir por causa de assuntos do Conselho de Mercadores. Uma noite saí de uma taberna e Lorna apareceu-me num beco.

Aya lembrava-se dessa viagem. Tinha sido pouco antes de começarem o treino para integrar os Dyminara. Will tinha desaparecido durante semanas, e quando regressou parecia ainda mais frio e letal do que era quando partira.

— Pensei que devia estar bêbedo. Na pior das hipóteses, estaria a perder o juízo. Ryker também lá estava, e conseguiu dominar-me o tempo suficiente para vir aqui falar em privado, e soube a verdade: que, há muitos anos, ela fingiu a própria morte e fugiu para Trahir.

— Porquê? — arfou Aya, olhando para Lorna.

— Já chega — silvou Lorna, com raiva a brilhar nos olhos.

Will prosseguiu, numa voz calma mas acutilante.

— Porque Lorna não é apenas uma Saj. É uma vidente. E é descendente da família que pressagiu a profecia da Segunda Santa.

Aya olhava estarecida para Will, cada vez mais frustrada.

Não!...

Will já lhe tinha dado provas de lealdade, mais do que uma vez. Se tinha ocultado Lorna dela era porque tinha motivos. Aya fitou a Saj. Exibia a mesma fúria sombria que vira tantas vezes em Will. Aya tinha sempre pensado que esse temperamento lhe vinha do pai. Mas agora, ao olhar para Lorna, via que ele saía à mãe.

— Satisfeito? — silvou Lorna, levantando-se. — É assim que me queres punir, pelas minhas falhas enquanto mãe?

— Punir? — perguntou-lhe Aya. — O que sabeis da profecia?

Lorna virou-se bruscamente para ela.

— Não vou arriscar a vida por ti.

Aya voltou-se para Will em busca de respostas, mas ele pôs-se em pé, arfando nervosamente, e apontou-lhe um dedo.

— Ela quase perdia a vida entre os Vagantes, por causa do teu egoísmo; porque tu te *recusaste* ajudar. Se achas que tudo isto é por causa de Gianna és uma idiota.

Lorna ficou pálida, e sentou-se vagarosamente na sua poltrona.

— Ninguém sobrevive a uma busca pelos Vagantes — disse num sussurro.

Aya fitava a mulher, franzindo o sobrolho e engolindo as perguntas que queria fazer sobre a rainha.

— Eu sobrevivi. Mas quase era levada pela escuridão que a relíquia deles provocou. Eu vi o véu. E, se tivesse ouvido até ao fim o chamamento da escuridão, tê-lo-ia destruído.

Lorna fechou os olhos, num rasgo de dor.

— Já começou — disse, num sopro, mais para si do que para eles. — Diz-me exatamente aquilo que viste.

Aya olhou para Will, reparando na surpresa estampada no seu rosto. Ele não tinha esperado que Lorna colaborasse. E isso queria dizer... que aquela visita não tinha sido calculada, fora motivada pelo desespero.

Não te vais sacrificar por esta guerra.

Aya não confiava nesta mulher. Mas confiava nele. Por isso, esperou até que ele olhasse para si novamente, e se sentasse ao pé dela no sofá, fazendo um assentimento com a cabeça, como se a encorajasse.

E ela disse tudo à mulher. Lorna não a interrompeu em momento algum, mas Aya podia ver a tensão a acumular-se-lhe no corpo. Reparou nas suas mãos a tremer, quando pegava na caneca, e em como cerrava os lábios à

medida que a história avançava.

Quando Aya terminou, instalou-se um tenso silêncio. Lorna fitava-a com um olhar vazio, como se estivesse perdida nos seus pensamentos.

— Ao contrário dos poderes dos Visya, que são variáveis através das gerações, o poder da vidência e da profecia é transmitido diretamente, ainda que de modo inconsistente, através das linhagens de Saj — disse Lorna, por fim. — Pode desaparecer durante várias gerações, em especial se a linhagem não conseguir dar origem a um novo Saj. E quando reaparece as visões são esbatidas, baças, enganadoras. Antes de mim, o poder da profecia não existiu na minha família durante mais de um século.

— E a vossa visão foi sobre a profecia? — perguntou-lhe Aya.

Lorna acenou com a cabeça.

— A profecia foi feita há muito tempo, é difícil saber quando. Foi adicionada ao *Conoscenza* há 250 anos.

— Então, a teoria da existência de uma Segunda Santa só foi criada séculos depois da guerra? — interrompeu Will.

Lorna encolheu os ombros.

— De acordo com a história da nossa família, o primeiro livro do *Conoscenza* foi escrito cerca de um século depois do sacrifício de Evie. É pouco provável que um tal detalhe tivesse sido deixado de fora, se já existisse nessa altura. — Cerrou os lábios, olhando para um e para o outro. — Os séculos permitiram que vivêssemos no anonimato, quanto mais tempo passava. E muito poucos videntes assumem ter este poder.

— Então porque estais preocupada com a vossa segurança? — Aya enrugou a testa.

Lorna deu um suspiro.

— Aos 15 anos tive a minha primeira e única visão. Nem sequer tinha a certeza do que estava a ver. — Virou-se para o filho. — Foi com a ajuda da tua bisavó que conseguimos juntar as peças. — Deu mais um suspiro, a tremer, como se quisesse proteger-se contra a verdade que iria revelar.

— Quando circularam os primeiros rumores de que Kakos estava a fazer experiências com poderes, o falecido rei Roderick reforçou as fronteiras de Tala e o embargo. Estava certo de que, com os Dyminara, as restrições ao comércio e as nossas alianças não haveria ameaça para Tala. Mas a filha não concordava. Gianna pensava que o pai não estava a levar a ameaça a sério, e que aquilo que os Diaforaté faziam, a ser verdade, era um insulto aos deuses, pelo que deveriam tratar disso. Ficou fascinada com a profecia da Segunda Santa. Gianna suspeitava que aquilo que estivesse a acontecer em Kakos fosse um sinal de que a profecia se estava a realizar, e que, se pudesse aprender o mais possível sobre o seu significado, sobre a sua origem, teria a chave para

conseguir derrotar os hereges.

— Estáveis preocupada que ela vos descobrisse — disse Aya, com uma ponta de repugnância na voz. Aquela mulher fingira a própria morte, abandonara o filho... para quê? Porquê fugir do reino mais devoto do mundo? Porquê recusar-se a ajudar a proteger o povo e os deuses?

Lorna irritou-se com Aya.

— Eu vi um rasgão no véu. Está fendido. É vulnerável.

— Os deuses utilizaram o seu poder para reparar o véu, depois de Evie o ter aberto para eles — retorquiu Aya. Era o que os impedia de interferir, e que evitava que os mortais buscassem a presença divina antes da morte.

— Não foi isso o que a visão me mostrou. E se o véu está rasgado, pode-se pôr em causa toda a profecia. Sempre acreditámos que, quando a profecia menciona o «mal maior», está a falar do Decachiré. Mas, e se o mal maior não for o Decachiré? Antes de tudo, porque é que Evie rasgou o véu? E se ela o enfraqueceu e assim nos deixou vulneráveis a algo muito pior?

Aya franziu o sobrolho.

— Mas se ela não o tivesse feito o Decachiré teria vencido. Teriam destruído o véu na mesma, não é assim? Para desafiar os deuses?

A acreditar nesta visão... o véu estava fragilizado.

E Kakos podia destruí-lo.

Lorna encolheu os ombros mais uma vez.

— Nenhum praticante atingiu alguma vez um tal nível de poder. Nenhum Visya, a não ser Evie. Até tu não terias sido capaz de destruir o véu, com toda a tua raiva no deserto. Mas com treino... talvez tivesses esse poder.

Aya massajou as têmporas com os dedos, para assimilar toda a informação.

— Quer dizer que se os praticantes do Decachiré souberem disto poderão invocar poder suficiente para acabar de rasgar o véu mais rapidamente do que se ele estivesse inteiro?

— Não apenas os praticantes — murmurou Will, com um brilho de entendimento no olhar. Lorna fez um aceno de cabeça ao filho.

— Que melhor maneira tem a vossa rainha de se vingar daqueles que cospem nos seus deuses, do que invocar a ira dos próprios deuses?

Aya ficou imóvel, sentindo o seu corpo gelar.

— Gianna nunca faria isso — disse num sopro. Porque isso causaria a destruição do próprio mundo. Os deuses tinham sido claros: não deveriam ser chamados novamente. Não haveria uma nova oportunidade.

— Será que não? — alvitrou Lorna, desafiante. — A devoção dela não tem limites. Os deuses recompensaram a tentativa de Evie para salvar o mundo — expulsaram apenas os hereges. Talvez Gianna pense que eles lhe

farão a mesma mercê, se lhes provar a sua devoção.

Mas correr um risco desses... esperar que os deuses só se vingariam dos praticantes do Decachiré e de mais ninguém, apesar de terem avisado...

— Gianna nunca faria isso — repetiu Aya.

Mas fincou as unhas nas mãos quando o disse.

— Dizes isso — sorriu Lorna —, mas posso ver a tua dúvida. E podes ver porque fugi. Era demasiado perigoso para mim, se ficasse. Se ela soubesse da minha ligação à profecia, se soubesse que eu podia ajudá-la a vingar os seus deuses, bem... todos sabemos que Gianna arranja sempre maneiras de conseguir o que deseja.

Virou os olhos para o filho, e Will vacilou. Vacilou como se ela o tivesse socado. Aya estava tensa, mas Will pôs-lhe uma mão na coxa e apertou com suavidade.

Não valia a pena. Lorna não merecia.

— Dissestes que, com treino, posso acumular um tal poder — disse Aya —, mas os Vagantes... eles disseram que, para sobreviver ao Decachiré, tem de se ceder à escuridão na nossa alma. Eu... — Calou-se e sentiu as palavras emaranhadas umas nas outras.

Pensava que não poderia sobreviver a tal coisa.

— Os Vagantes têm mesmo um interesse académico mórbido, não é? Mas até eles, como tantos outros, são vítimas do erro de se ver apenas uma verdade. É essa uma das razões que me fizeram abandonar a Maraciana há tantos anos. — Lorna observou-a, inclinando ligeiramente a cabeça. — Não somos só uma coisa, Aya. Somos aquilo que escolhemos ser. Aquilo que dizemos a nós mesmos que somos. Tu, na tua culpa e na tua vergonha, disseste a ti mesma que és escuridão. E por isso alimentaste o teu poder com essa escuridão, e criaste limites ao teu poder que nunca deveriam existir, que te fizeram ficar doente quando tentaste usá-lo. Acreditaste na tua escuridão com tanta força que, na tua raiva, estavas disposta a sacrificar-te a ela, por completo; a deixar que ela te consumisse, como quase fez quando invocaste o véu. Foi o que Natali sentiu em ti. Foi isso que a relíquia despertou em ti. Não tenho dúvidas de que, se buscassem outra energia melhor, se escolhessem outra verdade, o teu poder iria reagir de modo diferente.

Aya compreendeu que era verdade. Quando o seu poder atravessara o mercado para salvar Tova. Quando tinha sentido a angústia de Will e quando o curara.

Will esfregou o seu polegar pela coxa dela, como se também ele estivesse a lembrar-se.

— Aquela voz... aquela voz que me chamava... — sussurrou Aya.

— Era o teu próprio medo a guiar-te, porque deixaste. — Lorna dobrou-

se para a frente, e os seus olhos azuis estavam cheios de luz. — Enfrentaste o teu maior remorso no deserto. Trouxeste-o para a luz. E quando estavas perdida para a raiva fizeste uma escolha. Sacrificaste-te para salvars os outros. Essa não é uma escolha que entrega uma alma à escuridão. Nem é a escolha de alguém cuja verdadeira natureza seja obscura. As duas coisas vivem em ti, tal como em todos nós. O teu poder não decide — mas tu, sim.

Os olhos de Aya ardiam-lhe.

— Mas os Vagantes deixaram-me no deserto, como morta.

Lorna suspirou.

— Podemos ser limitados pelo nosso desejo de procurar apenas uma só verdade. Não tenho dúvidas de que os assustaste bastante. Talvez tenham pensado que te tinhas entregado completamente à escuridão, e em seguida andarias à procura da imortalidade.

Aya não sabia no que acreditar, a respeito da sua essência... Ainda tinha demasiado medo para ter esperança. Mas guardou as informações de Lorna até que fosse capaz de as examinar mais a fundo.

— Porque nos ajudaste, agora? — perguntou Will.

Lorna mordeu o lábio.

— Quando vieste aqui, à procura de respostas, pensava que era em nome de Gianna.

— E agora? — murmurou ele.

Ela olhou para ele durante um longo instante, e o seu rosto suavizou-se.

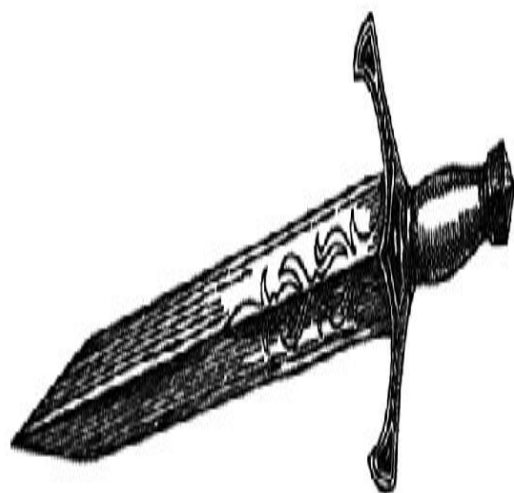
— A profecia está a concretizar-se. Agora é convosco decidir aquilo que vão fazer, com tudo o que vos disse sobre o véu. É convosco, decidirem se confiam.

Havia mais coisas para dizer. Aya podia vê-lo no modo como ela cerrava os lábios. Mas Lorna prosseguia:

— És muito parecida com a tua mãe — disse. Aya ergueu o sobrolho e Lorna sorriu, agora com alguma tristeza. — Fica na luz. Porque, tal como viste no deserto, a escuridão, com o teu poder... seria catastrófico. — Aya sentiu Will ficar tenso, mas Lorna prosseguia: — Se precisares de algo que te recorde... — Levantou-se, dirigindo-se a uma pequena escrivaninha do outro lado da sala. Abriu uma caixa e tirou dela uma corrente de prata, da qual pendia um pequeno triângulo invertido, dividido em quatro partes. Aya sentiu o coração a parar.

Era o colar da sua mãe.

— Foi encontrado nos destroços, depois da tempestade — explicou Lorna, entregando-lho. — Gale enviou-mo, com as minhas coisas. Acho que pensou que fosse meu. Deixa que o amor dela te fortaleça. Que guarde o teu coração. Tu é que decides qual é a tua essência, Aya. Mais ninguém.



Aya podia sentir a tensão de Will, ao cavalgarem de regresso ao palácio, com um silêncio pesado entre ambos, que fez com que a chegada fosse ainda mais estranha. Os criados do estábulo trataram do cavalo, e outros serviçais foram a correr para o palácio para anunciarem o seu regresso, sãos e salvos. Toda aquela súbita atividade era esmagadora.

Ainda assim, caminharam sozinhos dos estábulos para o palácio, e Will tinha uma expressão determinada, com o olhar fixo no caminho. O silêncio continuou, até que Aya pensou que iria explodir.

— Foi por isso que decidiste juntar-te aos Dyminara — disse ela, parando junto a uma das enormes árvores que delimitavam o caminho. Will voltou-se para ela, metendo as mãos nos bolsos, à espera; como se soubesse que ela ainda estava a juntar as peças e estivesse satisfeito por ela o fazer.

— Lorna disse-te que a profecia era o motivo da sua fuga. Por isso é que sabias que era real. E já suspeitavas que fosse eu.

— Já tinha treinado para combate, como sabes. — Will suspirou e deu um passo para ela. — Mas sim, tinha dois motivos, na verdade. Pensei que se me aproximasse de Gianna poderia saber porque tinha Lorna fugido de modo tão desesperado. Nunca me disse nada sobre a visão.

— Concordas com ela? Achas que Gianna faria uma coisa assim tão drástica?

Will respirou fundo.

— Não sei — admitiu com gravidade. — Quanto a suspeitar que fosses tu... não tinha a certeza. Mas quando te dei a notícia da morte da tua mãe senti algo diferente em ti. Estava a usar o meu poder, com a intenção de te acalmar. De te aliviar a dor. Mas tu repeliste-me totalmente. E não era um escudo qualquer. Nunca tinha sentido algo assim. — Passou os dedos pelo cabelo, rindo com suavidade. — Até aos Athatis — disse com ironia. — Quando voltei daquela viagem a Trahir, juntei-me aos Dyminara e decidi que te vigiaria. Não sei o que faria se fosses tu.

A expressão de Will era honesta e franca, e prosseguiu:

— Observei-te durante dois anos. Um dia, no começo do nosso treino, estávamos a esgrimir e eras forte, bonita, e com tão pouco medo de mim que quase ri. E, apesar de saber que me detestavas por causa do que o meu pai tinha feito, apesar de poder sentir a tua raiva e a tua repugnância... também podia sentir a tua curiosidade. Não me falavas como ao Príncipe Negro de Dunmeaden. E, pela primeira vez desde que soubera que a minha mãe estava viva, senti uma outra coisa sem ser raiva.

A pulsação de Aya saltava, quando ele a fitou.

— Tive a certeza de que eras aquela de quem a profecia falava quando me persuadiste a saltar da muralha. E fiquei em pânico. Estava aterrorizado com o que poderia acontecer se fosses descoberta. Ainda não sabia o que Gianna pretendia da Segunda Santa, mas já conhecia bem a sua ambição. E via a maneira como ela te observava de perto... como se também suspeitasse. Por isso tentei fazer com que fosses expulsa dos Dyminara. Pensei que seria melhor se me odiasses, a teres de enfrentar aquilo que viria.

E ela tinha-o odiado. Tinha-o acusado de lhe tentar tirar tudo aquilo que ela amava. Quando, na realidade...

Tinha sido ele quem tudo tinha perdido. Quem tinha sacrificado tudo.

— Mas, como é óbvio, Galda não mordeu — murmurou Will — e depois, não só estavas nos Dyminara como fazias parte da Tríade, e mais perto de Gianna do que nunca.

Estava a tentar manter-te em segurança.

Aya engoliu em seco.

— Tentaste afastar a atenção dela de mim — disse.

Will esfregou a nuca.

— Ela tinha mostrado interesse em mim algumas vezes. E pensei que, se mantivesse aquele interesse pelo tempo suficiente, talvez desviasse as atenções de ti.

Aya sentiu uma náusea, ao ouvi-lo prosseguir.

— Quando os Athatis atacaram provoqueei-te, quando te disse que eras escuridão, porque temia que fosses dizer à rainha que tinhas persuadido os lobos. Nunca acreditei, nem uma única vez, que a tua alma fosse escuridão, Aya.

O rosto dele ficou mais tenso e desviou o olhar, como se estivesse a reunir a determinação para continuar.

— Depois do incidente no mercado sugeri a Gianna que viéssemos para aqui, porque pensei que os Saj talvez tivessem respostas. Pensei em arranjar alguma forma de te ajudar a dominares o teu poder, para que pudesses lutar contra o que se aproximasse. E, de modo egoísta, pensei que podia descobrir uma forma de nos manter longe de Tala, depois disso. Fui a casa de Lorna muitas vezes, esperando desesperadamente que o conhecimento da profecia que ela tivesse pudesse ajudar-te a trabalhar com o teu poder. Mas não te podia levar comigo. Tinha medo de que ela fizesse algo imprudente, ou que te fizesse mal, porque podia não querer que a profecia se cumprisse. Mas quando me contaste acerca dos Vagantes, sobre aquilo que tinhas estado disposta a fazer, sabia que não podia continuar a resguardar-te dela, ainda que a probabilidade de ela nos ajudar fosse pequena. Pensei que, talvez se ela te

visse, se sentisse o teu poder, poderia ajudar.

Uma vez mais, Aya engoliu em seco. Tudo o que ele tinha feito, tudo o que tinha passado, fora para a proteger. Tinha-a deixado pensar o pior dele, deixar que o odiasse, se tal fosse preciso para ela estar em segurança.

— Conteí a Tova — confessou Will, com a voz embargada — quando fui à cela onde ela estava e lhe disse para fingir que estava a ser interrogada. Conteí-lhe das minhas suspeitas em relação a Gianna. Disse-lhe que precisávamos de te afastar dela, e ela concordou em me ajudar. É por isso que sei que a carta dela é falsa. Não te disse nada sobre as cartas, porque temia que voltasses a correr para Tala — exatamente para onde Gianna te quer ter.

Aya aproximou-se dele, pondo-lhe as mãos no rosto. Tinha demasiadas palavras dentro de si. Demasiadas emoções a crescer, e que ela não sabia expressar. Will fechou os olhos por um segundo, pegando-lhe nos pulsos e afastando as mãos dela.

— Aya — sussurrou. — Ela franziu a testa ao detetar a dor na sua voz. — Quando voltarmos ao palácio, Aidon vai fazer-te uma proposta para te cortejar. Por causa da aliança.

Ela recuou um passo.

— E então?

Will respirou fundo, apertando-lhe os pulsos, como se tentasse ganhar forças.

— Acho que deves concordar.

Aya ficou imóvel. As palavras viajavam na sua mente, ouvindo-as uma e outra vez, tentando encontrar algum sentido nelas.

— Não podes estar a falar a sério...!

Will olhou para ela, com a verdade estampada na cara.

Alguém lhe roubara o fôlego. Era a única explicação para a terrível sensação de aperto que sentia no peito.

— Sei que tens sentimentos por ele. — Aya abriu a boca para responder, mas ele abanou a cabeça.

— Se achas que esses sentimentos se podem tornar nalguma coisa séria, então deves fazer isto.

Aya deu mais um passo atrás, mas Will avançou. Não podia estar a falar a sério. Não podia, depois de tudo o que lhe tinha contado.

— Deves ficar com Aidon — disse num murmúrio, com a dor no rosto.

— Não estás a falar a sério...!

— Não ouviste nada do que Lorna disse? Fica com a luz. Deves ficar com alguém que seja bom, não com quem viveu uma vida nas trevas, durante tanto tempo.

— Mas... ela disse que somos aquilo que escolhermos ser...

— E, tal como te disse, fiz escolhas horríveis para conseguir aquilo que pretendo. E farei sempre, se estiveres em causa.

— Will...

— Não podes sacrificar o destino do mundo — o destino da tua alma — pelos sentimentos que achas que tens por mim. E se esta união nos der uma aliança, isso pode ser aquilo que te vai manter em segurança.

— E dizes tu que fugirias comigo... — disse Aya, ofegando.

— Exatamente — disse Will com voz forte —, por ti deixaria que o mundo inteiro ardesse. E se isso não é prova de que isto é errado, de que eu só te guiaria por um caminho sem retorno, de onde não pudéssemos voltar...

Ela abanou a cabeça. Não ia ouvir aquilo. Mas Will queria que ela escutasse. Deu um passo em frente, pegando nas mãos dela.

— Já tive muitos anos para abraçar a ideia de que nunca te terei, que nunca te importará comigo, depois do que fiz.

Mas ela importava-se, e queria gritar. Importava-se mais do que alguma vez se tinha importado com alguém. Só que o velho instinto de o magoar, antes que ele a pudesse magoar mais, despertara e o que saiu dela foi a amargura, não a razão.

— Com que então, usas-me como uma moeda de troca, como Gianna faz. Eu e Aidon seríamos apenas peças de xadrez.

Soltou um riso amargo, e Will largou-lhe as mãos.

A vulnerabilidade na cara dele só alimentou a raiva que soprava dentro dela.

— De facto, escuridão.

Era hipócrita. Um golpe baixo que o atingiu com força. Ela percebeu isso ao ver a dor que lhe enchia os olhos cinzentos. Mas ele não respondeu. Quase nem reagiu. Apenas acenou com a cabeça uma vez, como se estivesse satisfeito.

— Devem estar à nossa espera — disse, começando a afastar-se.

— Will.

Ele não se voltou.

— Graças aos deuses que estás bem. — Os braços de Josie abraçaram Aya com toda a força. Will tinha-se sumido dentro do castelo com um simples aceno de cabeça à princesa, e Josie tinha corrido para Aya.

Com suavidade, Aya empurrou Josie para trás. Precisava de olhar a amiga nos olhos, para lhe dizer aquilo que tinha de dizer.

— Desculpa — disse Aya com solenidade — por tudo. Por não estar aqui quando precisavas de mim. Por ter fugido. Naquele dia, no gabinete...

— Encontraram-na — arfou Josie com lágrimas nos olhos. Agarrou as mãos de Aya e apertou-as. — O meu tio disse-me, a noite passada. Encontraram-na.

Aya ficou imóvel. Dominic tinha encontrado Vi? Será que Will e ela se tinham enganado?

— Está...?

— Está bem. Abalada, mas bem. Encontraram um esconderijo dos rebeldes, a algumas cidades daqui. Vai voltar logo depois do Genemai. Querem que seja vista por um curandeiro.

— Isso é maravilhoso.

Josie pôs uma mão no rosto de Aya, com preocupação no olhar.

— Parece que estás mal — comentou, por fim. Aya disse que não, mas o sorriso de Josie desaparecera, e virou-se para o sítio por onde Will tinha saído. — Queres falar sobre isto?

Aya abanou a cabeça.

— Agora não. — Franziu o sobrolho ao olhar em volta e não ver sinais de Aidon.

— Tem estado a ajudar o meu tio nas buscas — disse Josie. — Vai estar no Genemai, hoje à noite.

— Esperava falar com ele. Para pedir desculpa por...

Por usá-lo, pensou. Mas as palavras não lhe saíram. Se fizesse aquilo que Will lhe tinha aconselhado a fazer ainda o usaria mais.

Josie apertou-lhe o braço.

— Ainda bem que temos tempo de praticar. Aquilo foi horrível — sorriu — e... — prosseguiu, conduzindo Aya para o palácio — ainda bem que temos tempo de falar, sobre tudo. — Josie sorria, indicando com o queixo o sítio por onde Will tinha desaparecido.

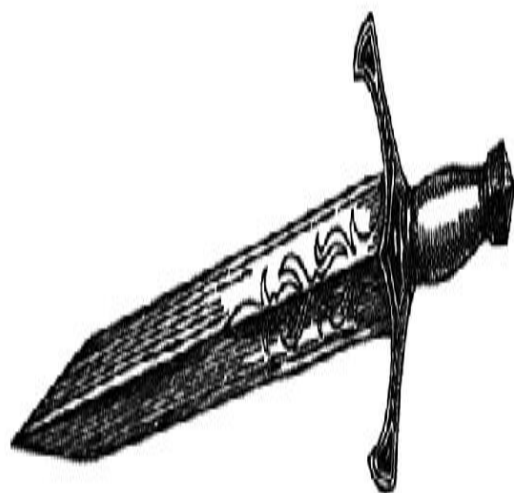
Aya riu, mas o riso saiu-lhe forçado.

Cansada. Sentia-se incrivelmente cansada. Talvez fosse por isso que ouvia a voz de Josie a ficar mais suave, quando lhe disse:

— Mas antes, que tal um banho e uma refeição quente?

Aya encostou-se à amiga, apertando-lhe também um braço.

— Parece-me divinal.



Aquele maldito salão de baile era o último sítio onde Will queria estar.

A música já tocava há cerca de uma hora e a corte e os convidados de Dominic giravam na pista de dança. Will encostou-se a uma das colunas de mármore, tentando ser discreto até que pudesse sair. Aidon tinha chegado, tal como Dominic e Zuri. Mas nem sinal de Enzo, de Josie ou de Aya.

Compôs o colarinho da camisa branca e alisou as dobras da casaca preta.

— É entediante, não é? — suspirou Aidon, aparecendo por trás dele.

— As festas? — perguntou Will num tom divertido. Aidon olhava para a pista, sem sorrir. Algo incomodava o general.

— Obrigado — disse Aidon. — Por a teres trazido de volta. Por teres percebido para onde tinha ido.

— Não o fiz por ti.

— Eu sei. — Aidon encolheu os ombros. — Mas não te sou menos grato.

Will desencostou-se e olhou para um dos pares a dançar. Se era para dar apoio, talvez pudesse começar agora.

— Vocês ficam bem juntos. — As palavras eram-lhe amargas, mas conseguiu que parecessem sinceras.

Aidon fungou.

— Isso foi completamente inacreditável. Queres tentar outra vez? — Will fitou o príncipe, mas Aidon sorriu apenas, numa atitude que não correspondia ao que lhe ia no olhar. — Não vamos casar em nome de uma aliança, Will.

Foi preciso um instante para que Will registasse aquelas palavras — para que conseguisse dominar a sua frustração e incredulidade, antes que surgisse uma ténue esperança.

— Estou a fazer uma escolha — disse Aidon. Tinha uma seriedade no olhar que manteve Will em silêncio, mesmo quando o príncipe olhou para outro lado. Seriedade e alguma coisa mais; alguma coisa urgente. Will franziu o sobrolho ao ouvir Aidon prosseguir:

— E parece que ela fez a escolha dela.

Seguiu o olhar de Aidon, que estava fixado na escadaria. Lá estava Josie, resplandecente, num vestido verde-esmeralda e com uma coroa de prata na cabeça. Mas Will não conseguia deixar de olhar para a mulher atrás dela.

— Lembro-me de teres dito que gostavas mais de ver Aya de negro — murmurou Aidon.

Ele tinha-o dito, sim. E não a tinha visto usar negro desde que tinham chegado a Tahir. Mas nessa noite...

Nessa noite Aya usava um vestido negro, preso por laços atados atrás do

pescoço, e um corpete que tinha um decote profundo. O vestido caía-lhe perfeitamente, acentuando-lhe cada curva, antes de mergulhar aos seus pés. O comprido cabelo castanho estava puxado para um dos lados e caía numa cascata sobre um ombro, em caracóis soltos. Tinha posto uma sombra nos olhos e pintado os lábios de vermelho-escuro, num tom profundo.

Era como se fossem sonhos e pesadelos, e tudo aquilo que ele alguma vez quisera.

Will deu um passo em frente, de boca aberta. Aya percorreu o salão com o olhar, e os seus olhos azuis relampejaram quando encontraram os dele. Levantou o queixo, e ele podia ver o desafio; podia vê-lo escrito no seu rosto orgulhoso, que o mirava.

— Para que fique registado — disse Aidon, oferecendo um copo de champanhe a Will —, não sou louco ao ponto de provocar o destino. — Aidon bateu com o seu copo no de Will, num brinde, com um sorriso sombrio. — Por isso... ao destino.

O príncipe afastou-se, sem esperar pela resposta de Will. Ele olhou para Aya novamente, atraído como se ela fosse um íman, e bebeu um gole de champanhe.

— Ao destino.

Aya questionava-se se seria assim arder lentamente até que nada restasse. A maneira como Will a olhara, quando ela desceu as escadas, tinha-lhe incendiado o próprio sangue, derretido a música, o salão, os convidados, até que nada mais existia a não ser os dois.

E agora não o conseguia encontrar. Josie tinha sido rodeada por convidados mal tinham acabado de descer a escadaria, e ela tinha ficado com a amiga, sabendo bem que aquela iria ser para ela uma longa noite; a espera por Viviane, no dia seguinte, estava a fazer com que para a princesa o tempo passasse devagar.

Josie apertou-a ao de leve.

— Ele vai procurar-te — murmurou entre dentes, saudando mais um convidado.

— Tens a certeza? — Aya estava segura de que tinha parecido mais confiante do que realmente estava.

— Absoluta. Vamos tratar disso — atalhou, com um sorriso malicioso.

— O que estás a fazer?

Josie deu-lhe o braço e puxou-a para a pista, no momento exato em que o quarteto de músicos começava uma canção alegre.

— Vamos fazer com que ele te veja. E que não possa desviar os olhos.

E dessa vez Aya não hesitou. Pegou nas mãos da amiga, deixando que a música a envolvesse, e começou a dançar. Assim, era assim que deveria ser *sentir*. Sair das sombras e ir para a luz. Viver.

Will estava a atravessar a multidão de convidados que se acumulavam em redor da princesa, quando Sion surgiu ao seu lado, com uma expressão grave.

— Anima-te, Sion, é uma festa — disse-lhe Will, em jeito de saudação. Mas o serviçal continuava sério. — O que se passa?

— O rei solicita a vossa assistência, príncipe — murmurou Sion. Will olhou em volta. Dominic estava ali ainda agora — ou não?

— Foi para o seu gabinete — explicou Sion.

Perto deles, Peter dizia alguma coisa ao ouvido de Aidon, que fazia uma expressão séria. Aidon saiu do salão sem olhar para trás, com Peter a segui-lo.

— É o grupo de Viviane... — começou Sion por dizer. — Foram atacados.

— Por quem?

— Não sei.

Will virou o olhar para Josie e viu a alegria no seu rosto. A esperança.

A mão de Sion pousou-lhe num braço antes que desse um passo para ela.

— Sua majestade não deseja informar a princesa, pelo menos até que saibamos mais.

Will deu um aceno de cabeça ao serviçal. Encontraria Aya mais tarde e explicaria tudo. E depois...

Maldição para tudo isto.

Ia pôr-se de joelhos e implorar pelo seu perdão, por aquilo que tinha sugerido, como um imbecil. Por aquilo em que tinha pensado falar com Aidon, apenas alguns momentos antes.

— Vamos.

Aya dançou até que a adrenalina e o júbilo já não conseguiam esconder a dor que sentia nos músculos. Tinha visto um curandeiro ao regressar ao palácio, e, apesar de ele ter tratado dos seus ferimentos, ainda não se sentia como antes. Assim, pediu licença para sair da pista, sorrindo ao ver um jovem nobre a rodopiar com Josie, e foi à procura de Will.

Estava cansada de esperar; cansada de esconder como se sentia e o que isso significava para ela.

Tinha feito a sua escolha. Iriam enfrentar isto juntos.

Tocou no colar que trazia ao pescoço — essa lembrança da força do amor — e sorriu com doçura para si própria. Mas o sorriso foi-se desvanecendo, à

medida que passava por entre os convidados e não via sinais de uma silhueta alta e forte. Tinha conseguido sempre vê-lo imediatamente, numa multidão. Will atraía as atenções, mesmo quando não queria.

Aya passou por alguns conselheiros e viu Sion perto de uma das saídas mais discretas.

— Viste Will? — perguntou-lhe, pondo-se em bicos de pés a observar a multidão. — Não o vejo em lado nenhum.

— Saiu, parece-me — respondeu Sion. — Disse que estava cansado da festa e que preferia ver os festejos nas tabernas locais. — Deixou sair as palavras com desdém.

Aya pôs-se direita.

— Mas a noite ainda agora começou!...

Sion fungou delicadamente.

— O Justiceiro tem o mesmo pensamento, mas em relação ao entretenimento na cidade.

Ela sentiu o rosto a corar, evitando o olhar de Sion. Talvez tivesse entendido mal o olhar de Will. Talvez tivesse falado a sério.

Se Will a queria evitar... tudo bem. Ela ia deixar. Mas não o poderia fazer para sempre.

— Diz-lhe... — começou Aya, escolhendo as palavras com cuidado. — Diz-lhe que o quero ver quando voltar.

Sion fez uma vénia.

— Como desejardes, senhora.

Aya viu Josie, ainda a dançar, com os olhos cheios de luz — mais luminosos do que haviam estado há algum tempo. Não iria perturbar a felicidade de Josie com a sua disposição sombria. Por isso, não se despediu e voltou para o quarto.

Fechou a porta suavemente, encostando a cabeça à madeira, a respirar fundo.

Talvez tivesse magoado Will a sério, com as palavras que lhe dissera. A muralha que tinha sido construída entre eles fora-o tanto por ela como por ele — e ainda mais desde que tinham chegado a Rinnia. Durante anos, nunca tinha dado a Will uma razão para pensar que ela via nele alguma coisa mais, sem ser o pior.

Cobriu o rosto com as mãos. Tinham ficado presos nas mesmas posições durante tanto tempo, que ela não sabia como desfazer isso. Como fazê-lo ver que ela estava ali, que queria aquilo. E que uma parte dela talvez sempre tivesse querido.

Pensou no festival da Aurora; na forma como usara o seu poder, sem pensar duas vezes, porque não suportaria vê-lo ferido.

Tinha-se-lhe fechado completamente, para que ele não sentisse a sua morte.

Só o tinha percebido no dia anterior, quando Will se tinha referido ao escudo impenetrável que ela tinha erguido contra ele.

Devagar, Aya baixou as mãos. Não tinha a certeza de saber encontrar esse lugar que trancara — aquela parte dela que era só para ele.

Mas tinha encontrado.

E quando o fez... tinha baixado o seu escudo.

Aya estava quase a ir deitar-se, quando ouviu uma batida na porta. A julgar pela luz que já havia no céu, percebeu que era quase manhã. As mãos tremiam-lhe ao abrir a porta, com um sorriso provocante nos lábios.

— Sabes mesmo como fazer alguém ficar à espera...

As palavras morreram-lhe na boca, ao encarar a gravidade no rosto de Josie. A princesa passou por ela, entrando no quarto, fechando a porta.

— Levaram-no — disse num rugido. O coração de Aya começou a bater veloz, ao fitar a amiga. — Levaram Will. Ouvi Peter a falar com alguns guardas e...

— Acusado de quê? — Aya já se movia, pegando num punhal que escondeu debaixo do vestido. Josie ficou tensa, ao ver a arma na mão de Aya.

— Espionagem — sussurrou. Aya ficou imóvel. Josie abanou a cabeça, com lágrimas nos olhos. — Lamento tanto, Aya. Não fazia ideia que eles... — A amiga calou-se e o rosto como que implorava.

Aya fechou os olhos por um segundo, querendo que o sangue descongelasse e refreando a raiva que crescia dentro de si.

— Onde é que ele está?

— No primeiro piso das masmorras. Há celas para interrogatório.

Aya embainhou o punhal, junto à coxa.

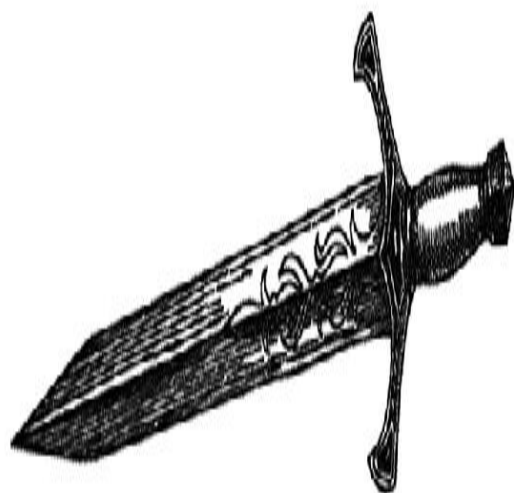
— Podes mostrar-me?

Josie anuiu.

— Lamento tanto — sussurrou, quando se dirigiram para a porta.

Aya estava de olhos fixos no corredor escuro.

— A culpa não é tua.



Tinham-lhe bloqueado o poder. Will dera conta disso, mal aqueles guardas o tinham agarrado no corredor — logo que um deles, um Anima, lhe tinha posto as mãos e feito o seu coração bater mais devagar. Mais tarde acordara numa sala grande, parecida com as ferrarias de Tala. Havia mesas e ferramentas, e apenas duas pequenas janelas que davam para o mar. Mas Will conhecia bem lugares como aquele. Sabia que aí não se soldava nada. Pelo menos ferro.

Deviam ter-lhe posto alguma coisa na bebida, ou em comida, a dada altura.

Ainda conseguia captar as sensações dos outros — sentia a tensão dos guardas que estavam à porta. Mas não as conseguia manipular. Era como se tivessem destruído o seu escudo protetor, deixando-o indefeso.

Will inclinou a cabeça para trás, na cadeira de ferro onde o tinham acorrentado, e respirou fundo, a estremecer. A espera era o pior de tudo.

Onde é que ela está?

Será que tinham ido também atrás de Aya? Tentou abafar o medo que o ameaçava engasgar. Se a magoassem, se lhe tocassem sequer...

Fechou os olhos, para afastar esse pensamento.

Levantou a cabeça ao ouvir barulho no corredor e olhou para a porta. Escutou vozes alteradas, passos, e...

O seu coração parou. Consequia identificar aquele tom gelado de voz em qualquer lado.

Ela não. Por favor, deuses, ela não.

A porta escancarou-se e um guarda empurrou Aya para a sala, segurando o punhal dela numa mão. Ela ainda estava com o seu vestido, e, à parte algumas madeixas de cabelo que lhe caíam pelo rosto, em desalinho, estava igual. Nem sequer se tinham dado ao trabalho de a algemar.

Estava ao lado de Will num instante, passando-lhe as mãos pelo rosto, pelos ombros, pelos braços.

— Estás ferido?

Will tentou lutar contra as correntes.

— O que estás aqui a fazer?

Ela foi para trás dele, analisando as correntes de ferro.

— Mas que raio de pergunta é essa?

— Tens de sair daqui.

— Está quieto. Tenho de congelar estas correntes para te libertar.

— Isso não será necessário — soou uma voz cavernosa, interrompendo-

os.

Will sentiu Aya a endurecer e saiu de trás dele. Dominic sorria-lhes desde a porta oculta que ficava num canto escuro da divisão, por onde entrara.

— Só teríamos de o acorrentar outra vez, e isso é entediante, porque temos muitas coisas para fazer.

— Uma explicação, majestade — ordenou Aya, com uma calma perigosa na voz. Mas, se Dominic sentiu perigo pareceu não se importar. Meteu as mãos nos bolsos e dirigiu-se para eles.

— Tudo a seu tempo — respondeu calmamente. — Mas primeiro vamos esperar pelo resto do nosso grupo.

Antes que Will pudesse dizer alguma coisa, a porta principal abriu-se de novo e outros guardas entraram, conduzindo Josie. Will viu Aya empalidecer, quando as duas amigas olharam uma para a outra, preocupadas.

— Tio!... — exclamou Josie. Dominic ergueu uma mão, de olhos postos na passagem por onde tinha entrado. Will ouviu passos a ecoar nas paredes de pedra, e o barulho de uma corrente a arrastar pelo chão.

Sentiu que devia tentar fugir — e tirar Aya dali.

Havia alguma coisa que não estava bem. Alguma coisa muito, mas muito errada. Sentiu Aya a encostar-se a ele.

Tudo pareceu ficar parado quando os guardas entraram pela pequena porta, com um prisioneiro acorrentado. Will ouviu o grito de raiva de Josie, como se estivesse muito longe, e viu-a lançar-se para eles, mas os homens que a guardavam retiveram-na.

Ali estava Viviane, ainda vestida como no dia do Pysar. Tinha o seu vestido azul rasgado, e o rosto pálido e macilento, fitando o vazio. Entraram mais guardas.

Apesar de Josie ainda estar a gritar, e Aya exigir respostas, a atenção de Will centrou-se na última pessoa que tinha entrado.

Aidon, que seguira os guardas através daquela porta. Aidon, que olhava sombriamente para Viviane, acorrentada entre os soldados. Aidon, que se pôs ao lado do tio.

Will pensou se não teria sido aí que Aidon sempre estivera.

— Agora podemos começar — disse Dominic calmamente, apertando as mãos uma na outra, como se aquilo fosse apenas mais uma reunião de negócios. Como se não tivesse ali o amor da vida da sobrinha, acorrentada entre seis guardas.

— O que raio é isto? — vociferou Josie, lutando com os guardas que a seguravam. Will reparou que eram muitos, pois não tinham subestimado a destreza da princesa. E tinha a certeza de que essa indicação não tinha partido de Dominic.

Fiz uma escolha. O príncipe tinha-lhe dito isso na cara. Will tinha estado demasiadamente envolvido pelos seus próprios sentimentos para ouvir como devia.

— Lamento que tenhas de estar envolvida, minha querida — disse Dominic, e Will viu o pesar nos seus olhos —, mas precisei de garantir que Viviane acedesse à nossa vontade.

— E qual é? — perguntou-lhe Aya em voz suave, ao seu lado. Se tinha ficado surpreendida por ver ali o príncipe, não o tinha mostrado. Exibia aquela máscara calma e fria, de «Olhos da Rainha», com os músculos retesados e os olhos postos em Dominic.

— Ouvi dizer que temos uma maravilha entre nós — começou o rei.

O estômago de Will contorceu-se.

— Canalha! — rosnou a Aidon.

Dominic ergueu o sobrolho e deu uma pequena palmada no ombro do sobrinho.

— É isto a lealdade, príncipe — disse zombando. — Uma coisa da qual nada sabeis.

— O que quereis? — O tom de voz de Aya mostrava que estava farta de esperar.

Dominic suspirou profundamente.

— Temos um problema no nosso reino — disse, caminhando. — Os Bellare têm conseguido mais apoiantes. E agora chegou ao meu conhecimento que um deles iria divulgar a todos o poder do meu sobrinho. Uma coisa que faria com que ele não pudesse subir ao trono.

Parou em frente de Viviane, inclinando a cabeça como se estivesse curioso, a olhar para ela. A culpa inundou os olhos dela, ao fitar o rei.

Josie parou de se debater, com lágrimas a rolar pelas faces, e olhou para a companheira. — Não — chorou, abanando a cabeça —, não.

— Sim — vociferou Dominic —, foste estúpida o suficiente para lhe contares. Ela teria usado essa informação contra a tua família. Contra o teu rei.

— Por isso é que incriminastes os Bellare — disse Aya num sussurro. — Eles nunca estiveram envolvidos nos ataques. Fostes vós, sempre.

— Dois ataques — corrigiu Dominic. — Fui responsável por dois. Pelos raptos. Os Bellare, com os seus ataques insignificantes contra os Visya, deram-me a oportunidade de continuar a influenciar o povo contra eles. E, claro está, fazer com que vos revelásseis.

Will sentiu Aya mais tensa. Mas ela não estava a usar o seu poder.

— Podemos não ser tão devotos como Tala — prosseguiu o rei —, mas não estou tão desligado dos deuses ao ponto de não esperar que aparecessem

boatos sobre a profecia, quando surgiram os rumores sobre aquilo que se estaria a passar em Kakos. Por isso fiquei curioso, quando chegastes para trabalhar com os Saj da Maraciana. Já tínhamos planeado fazer de Avis um exemplo. Mas, quando alguém começou a roubar o nosso tónico... fiquei fascinado.

Will retesou-se. Tinha sido Aidon quem falara a Aya sobre o tónico.

— Estáveis desesperada, suponho. Mas os meus curandeiros verificam cada gota do tónico que mantém o meu sobrinho em segurança. Quando soube que faltava algum, comecei a pensar. Seria possível? Será que a Segunda Santa existe? Estaria a tentar esconder o seu poder? Esperei que, com a motivação certa, vos revelásseis e pudésseis mostrar que as minhas suspeitas estavam corretas.

O olhar de Will desviou-se para Aidon, mas o príncipe continuava sereno, não mostrando qualquer emoção ao ouvir o tio. Will ficou tenso. No beco, o raptor tinha-o agredido primeiro e o outro atacara Aidon. Tinham dado a Aya a oportunidade de revelar o seu poder. Aidon dera-lhe a oportunidade perfeita de se mostrar.

Tinha sido tudo uma armadilha.

Dominic suspirou mais uma vez, puxando uns fiapos da sua jaqueta de linho bege. — Mas depois fostes a correr para os Vagantes — para saber como derrotar o Decachiré, imagino — e temi que tudo aquilo não tivesse servido para nada. Ninguém sobrevive a uma viagem para se encontrar com os Vagantes. Mas estou preparado para todas as eventualidades, Aya. Por isso, fiz uma visita à Maraciana.

Fez um aceno de cabeça na direção da porta. Will sentiu o sangue a gelar quando Natali foi arrastada para dentro da sala, com o rosto espancado e ferido.

— Com a dose certa de motivação, Natali ficou disponível para ajudar sobre uma prática muito antiga.

— O que quereis? — rosnou Aya novamente, cerrando os punhos.

— Quero que me proveis que sois a santa que o mundo aguarda.

Will lutou contra as suas correntes, e um dos guardas de Josie aproximou-se dele, vigiando-o.

Dominic fez um gesto na direção de Viviane.

— Transmíti-lhe algum poder, ou eu mesmo a matarei.

O grito de Josie rasgou o ar, e os guardas tiveram de a segurar. Will tentou entrar no seu poder, chocando contra a parede que o estava a bloquear.

— E porque é que aceitaria eu fazer isso? — perguntou Aya. Estava a tentar ganhar tempo. Will podia ver que ela se preparava para atacar, para lançar o seu poder como uma lança, através daquela sala.

Subitamente algo brilhou junto a Vi, e Will ficou sem ar, ao sentir a faca que um guarda passara pelo rosto dela.

O guarda junto a ele pôs-lhe uma mão no ombro e Will sentiu o próprio sangue a arder.

Era um Sensainos.

Will não conseguiu conter o grito que soltou, e o seu corpo contorceu-se com dor. Estava a ser queimado vivo, tinha a certeza. O Sensainos enviou mais uma vaga através dele. E depois outra, e outra.

Ao longe ouvia Josie a soluçar e Aya a implorar. Ouvia Viviane a gritar. Não conseguia distinguir o que lhes estavam a fazer, daquilo que lhe faziam a ele. Tudo o que sentia era dor.

Então era isto, o que sentiam as vítimas do seu poder. Estar do outro lado da dor. Talvez o merecesse.

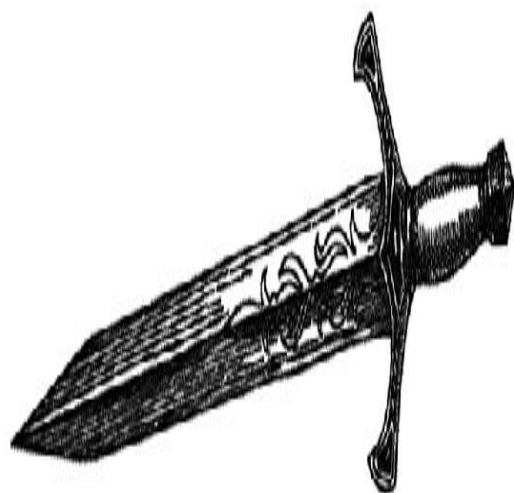
— Parai. — A ordem do rei ecoou pela sala e a dor aliviou-se, deixando Will ofegante. — Podemos fazer isto durante todo o dia, Aya. Mato-os aos dois.

A voz de Aya tremia, ao voltar-se para Dominic.

— Porque fazeis isto?

Ele olhou para ela por um instante, com uma expressão pensativa. Depois disse com calma:

— Porque vós ides ajudar-me a formar o exército de Kakos.



Aquilo eram as profundezas dos infernos. O abismo mais escuro e mais distante que ela poderia encontrar.

— Se pensais que vou ajudar Kakos estais enganado — sussurrou Aya —, prefiro morrer.

Dominic inclinou ligeiramente a cabeça.

— Vós não ides ajudar Kakos, minha querida. Mas o meu sobrinho vai.

Aya sentiu um arrepio na espinha e Dominic sorriu.

— Com as minhas ligações a Kakos, tive o prazer de conhecer os Diaforaté. Ao longo dos anos chegaram cada vez mais perto de reproduzir o poder em bruto, de que precisam para quebrar os seus limites. Mas esse poder é instável. Alimenta-se do seu hospedeiro de modo muito mais agressivo do que o Decachiré alguma vez fez. Mas eu tenho uma teoria. — O rei fitou-a. — O poder de uma santa é, por natureza, poder em bruto. E ilimitado. Talvez sejais a solução para o nosso problema, Aya. Talvez, se alguém absorver o vosso poder, não haja efeitos adversos.

— O que tem isso que ver com Viviane? — atirou-lhe Aya.

Dominic ergueu o sobrolho.

— Que melhor maneira pode haver de provar que o vosso poder é seguro para Aidon? — perguntou com suavidade. — O vosso poder é-me muito mais útil se pertencer a alguém leal à minha causa. E quando Aidon o tiver será o mais poderoso Diaforaté do mundo.

Aya sentiu-se entorpecida ao olhar para Aidon, mas o príncipe tinha os olhos postos no chão, com o maxilar tenso, em silêncio.

— Contava que fosses nosso aliado — vociferou Aya ao príncipe.

— Aliado...! — Dominic riu. — Quereis saber porque nunca nos juntaremos a Tala? Há 10 anos, a minha esposa estava às portas da morte. Nenhum curandeiro podia salvá-la. Mas ouvi os rumores e enviei um emissário para o Sul, esperando encontrar um Diaforaté que não estivesse limitado pelos ditames dos deuses.

O rosto do rei ruborizou-se, com a raiva causada pela recordação.

— Quase recusaram ajudar, devido ao embargo imposto pelo vosso falecido rei, devido ao acordo que demos a esse embargo. Mas Kakos foi misericordioso. Se lhes fornecesse recursos e apoiasse a sua causa quando chegasse a hora, eles ajudariam Madelyn.

O coração de Aya saltava-lhe do peito, vendo o olhar distante do rei.

— Nada havia que pudessem fazer, no fim de contas. Mas eu tinha feito uma promessa... e eles também. Apoiariam a pretensão do meu sobrinho ao

trono, tivesse ele um poder ou não.

A expressão do rei endureceu ao olhar para ela.

— Nesse dia fiz o juramento de nunca mais ser fraco a proteger aqueles que amo. Com o vosso poder em bruto, o meu sobrinho vai rivalizar com os deuses. E eu também, quando ele mo passar.

— Sois doentio — disse Aya, arfando.

— Sou? — Dominic tinha um ar desafiador. — Dizei-me: até onde iríeis vós, Aya, para salvar alguém que amais? Para tornardes realidade um futuro com o qual sonhastes?

Fez um aceno de cabeça e os gritos de Will troaram pela sala novamente, e Aya cairia de joelhos se um guarda não estivesse a segurá-la. O corpo dele agitava-se sob as correntes, e a sua jugular inchava conforme ele gritava.

Dominic iria matá-lo. Ela não tinha dúvidas. Ele mataria Will e Viviane, e a culpa seria dela.

A não ser que fizesse o que ele pedia. Mas nem sequer sabia se iria alcançá-lo. Não tinha conseguido dominar verdadeiramente o seu poder, no deserto. Não sabia se iria sobreviver — nem se Viviane poderia sobreviver ao poder que recebesse. Mas se conseguisse...

Podia ganhar tempo.

Iam precisar. Estavam em desvantagem numérica, não somente naquela sala como em todo o palácio.

Aya olhou para Vi e a mulher fitou-a sem vacilar. Havia medo no seu olhar, mas não era medo dela. Will deve ter reparado na mudança de expressão de Aya, porque respirou fundo e ordenou-lhe entre dentes:

— Não.

Dominic fez um gesto ao guarda, que se afastou de Will.

— Tenho uma condição — disse Aya. Não estava em posição de negociar, mas Dominic ergueu o sobrolho, curioso.

— Não — rosnou Will outra vez.

— Libertai-o e eu faço o que pedis. — Aya tinha os olhos postos no rei, mas podia ver Will a debater-se, protestando.

— Podia simplesmente matá-lo, agora.

Aya conseguia sentir a sua pulsação a bater-lhe na garganta. Mas prosseguiu, com o seu tom calmo e letal:

— Então nunca ireis saber se o meu poder é seguro para o tomardes.

Dominic olhou para ela por um instante, com os seus olhos verdes calculistas.

— Ele volta para o seu quarto, sob escolta. Se cooperardes, partirá ileso.

Aya tentava encontrar a mentira nas palavras. Era demasiado fácil. Mas Will tinha mais hipóteses de sobreviver se não estivesse naquela sala.

Anuiu, com um aceno de cabeça.

Dominic fez o mesmo na direção de dois dos guardas junto de Viviane, e dirigiram-se a Will com chaves nas mãos.

— Aya.

Ela nunca tinha ouvido terror na sua voz, nunca o tinha visto no seu rosto como agora.

— Não faça isto. Por favor, não faça isto.

Libertaram-no e empurraram-no, ainda algemado, para a porta.

— Aya!

O seu nome era uma ordem desesperada. Esticou-se para ele, tocando-lhe no braço, mas um guarda segurou-a. Ele estava quase na porta e os seus olhos cinzentos ainda estavam fixos nela ao ser levado para fora.

A porta fechou-se pesadamente quando ele saiu, e o barulho abafou os berros de Will.

Aya encarou o olhar fixo de Vi, que foi libertada das suas correntes e tinha apenas os pulsos e os tornozelos amarrados quando a puseram no meio da sala. Natali estava atrás do ombro de Aya, pois o rei ordenara-lhe que guiasse Aya através do ritual.

— É como se fosse uma cura — explicou Natali num sopro. — Lançais o vosso poder da mesma forma. Mas, em vez de o manterdes ligado a vós, soltai-o. Libertaís um pedacinho da vossa essência.

As mãos de Aya tremiam, quando as ergueu.

— Deves ir embora — disse Viviane com suavidade, dirigindo-se a Josie. Eram as primeiras palavras que dizia. Mas a princesa cerrou apenas os lábios e abanou a cabeça.

Josie não a abandonaria, mesmo na traição.

— Considerai isto uma mercê — atirou Dominic a Viviane. — Agradecei, minha querida, pois a minha sobrinha pode poupar a vossa vida.

Aya podia sentir o olhar de Aidon a pousar nela, como se conseguisse distinguir o poder que se acumulava sob a sua pele. Ela deixou que ele visse cada pedacinho de ódio que sentia, ao olhá-lo nos olhos. Ele era pior do que o tio, pior do que todo aquele maldito reino, que não dava valor a nada além de poder, riquezas e lucro.

Fica na luz, avisara Lorna.

Mas aquilo não era uma ação de luz. Era uma afronta aos deuses.

Ela devia matar Viviane. Devia acabar com ela de um modo rápido e sem dor, e tentar arranjar depois uma solução para o resto. Mas Vi levantou o queixo, num desafio subtil.

— Ainda aqui estou — disse apenas.

Era tudo o que Aya podia ouvir, ao mergulhar no seu poder sem fundo, agarrando-se à lembrança de Josie a abanar a cabeça, do amor que ligava aquelas duas, mesmo no meio de uma traição que podia ter posto aquele reino de rastos.

Pôs as mãos em Viviane, libertando o seu poder, que procurou por algo a que se agarrar ao entrar em Viviane. Rodopiava uma luz ofuscante em torno delas, e os guardas berravam ao vê-la crescer e pulsar por toda a sala. Aya deu um grito, sentindo dor no peito ao ser confrontada por aquela torrente de poder, tentando focar-se em soltá-la de si. O seu corpo contorcia-se com o poder que se movia selvaticamente.

Não te quero deixar, nunca.

— Está quase — disse Natali num sopro, e a sua voz foi uma âncora que a seguiu contra a súplica da mãe, na sua mente.

Aya ia morrer. Sabia isso, tão bem como conhecia aqueles olhos cinzentos que nunca mais iria ver. A dor era horrível, mas focava-se no encorajamento suave vindo de Natali.

Não és como essas pessoas, Aya.

Soltou mais um grito lancinante, sentindo a luz pulsar na direção de Viviane por uma última vez, antes de voltar para si. Viviane caiu no chão, tal como ela. Sentiu mãos a agarrá-la, a afastá-la de Vi, e uma picada no braço ao injetarem-lhe alguma coisa. Mas Aya queria ver Viviane, desesperadamente, para ver se ela estava ilesa.

Josie soltou-se dos guardas e baixou-se num instante, pondo a cabeça de Viviane no seu colo. Passou-lhe as mãos pelo pescoço, procurando ver como ela estava.

Aya susteve o fôlego ao ver a amiga a olhar para ela, com alívio no rosto e a acenar-lhe com a cabeça.

Natali fitou Viviane por um segundo, concentrada, antes de dizer:

— Foi bem-sucedido. O poder dela é puro. E não tem limites. — Olhou para Aya, e o seu olhar era glacial, muito mais frio do que Aya alguma vez vira. — Quando Aidon tiver o seu poder não haverá necessidade de guardar a santa, majestade. Podeis mesmo usar a humana para servir o príncipe, se quiserdes livrar-vos da santa mais cedo — prosseguiu, apontando com a cabeça para Viviane.

Aya dobrou-se de repente e vomitou. O guarda que a segurava praguejou, largando-a, e Aya ofegava, tentando respirar, e olhou para o rei.

Ia matá-lo. Procurou pelo seu poder, mas apenas encontrou uma parede dentro de si.

A injeção.

Não tinha importância. Usaria as próprias mãos. Lançou-se para Dominic, mas Aidon agarrou-a com um braço, obrigando-a a recuar. Aya bateu na mesa de ferro com um baque surdo, mas o impacto abanou-lhe a espinha e tirou-lhe o fôlego.

— Metes-me nojo — silvou para Aidon, quando ele se aproximou. Odiava-o. Odiava a forma como ele a tinha enganado e como ela se tinha deixado enganar. Abriu a boca para o amaldiçoar até às profundezas dos sete infernos, mas ele já se afastava, com passos lentos mas decididos.

Dois guardas agarraram-na, segurando-lhe os braços, e Dominic avançou para ela. A sua mão fria levantou-lhe o queixo, obrigando-a a olhar para ele.

— Podia manter-vos, sabeis? — disse com uma voz calma, pensativa. — Os Visya de quem os Diaforaté absorvem o seu poder tornam-se, por norma, sombras de si próprios. Quase seres sem alma, deixados a vaguear, miseráveis. Mas com o vosso poder ilimitado podíamos absorver ainda mais poder. E mais, e mais ainda. Alguma vez sentireis o vazio, Aya? Por quanto tempo poderei aproveitar o vosso poder, até que a vossa alma comece a ceder?

Aya cuspiu-lhe na cara e o rei recuou, apertando-lhe o rosto de uma maneira que ela pensou que lhe iria partir os ossos.

— É exatamente por isto que não vou incomodar-me a poupar a vossa vida miserável — rosnou. — Vou aproveitar o vosso poder, amanhã. Admito que há algo poético em tirar alguma coisa a Gianna, depois daquilo que as ações do pai dela quase me tiraram. E com o teu poder sem limites, Aidon vai alimentar o nosso exército por mim. E talvez Viviane também esteja disposta a doar poder para a nossa causa. De qualquer maneira, não terei de me incomodar mais com a vossa presença.

Atirou-lhe a cabeça para trás, asperamente, largando-a. — Levem-na para as masmorras — murmurou para os guardas. Os olhos verdes do rei eram frios, ao olhar para ela. — Considerai isto um presente de despedida, minha querida.

Ela não percebia o que ele queria dizer. E estava sem forças quando os guardas lhe algemaram as mãos e a empurraram para fora daquele lugar.

Levaram-na para um piso mais inferior, através de um corredor de pedra escuro e húmido, agarrando-a tão fortemente que a magoavam.

Ela não se importava.

Viviane e Will estavam a salvo.

Will iria arranjar alguma forma de procurar vingança. Ela só esperava que ele tivesse paciência e agisse na altura certa, e que não fosse imprudente. Que usasse o tempo que ela lhe tinha conseguido para fugir, para o mais longe possível.

Aya não se debateu nem fez perguntas para saber para onde a levavam.

Ela devia estar a sentir alguma coisa, pensou. Medo, raiva ou angústia. Mas tinha o peito vazio, e esse vazio ecoava em cada pedaço dela ao caminharem mais e mais para dentro das masmorras, e o único som era o dos passos que davam.

Talvez fosse melhor assim. Se o seu poder era capaz de tanta coisa assim, talvez fosse melhor morrer do que ter de o usar novamente.

A salvo. Eles estavam a salvo.

Ela enfrentaria aquilo que viesse, até a morte.

Os guardas dobraram uma esquina, levando-a até uma sólida porta de madeira. Não tinha abertura alguma, só uma grande fechadura. Sentiu o estômago a dar voltas, quando a libertaram das algemas e abriram a porta.

Os olhos tiveram de se ajustar à luz baça das chamas, que um Incend acendera em taças colocadas mais alto, na parede. Viu uma cama tosca, um pequeno quarto de banho e as correntes que pendiam de uma parede.

O coração dela deu um salto.

Sob as correntes, com a cabeça encostada à parede e de olhos fechados, estava Will. Aya emitiu um som mudo e os olhos de Will viraram-se para ela, dizendo o nome dela num sopro e pondo-se em pé.

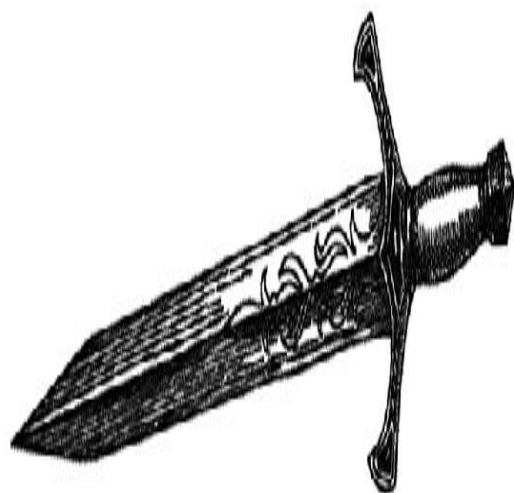
Os guardas empurraram Aya para a cela, e ela tremia ao deixar que ele a abraçasse.

Considerai isto um presente de despedida, minha querida.

Ele não estava a salvo.

Ia morrer.

Iam os dois.



—A_{ya.}

O nome dela era uma prece aos deuses — de agradecimento, de desespero e de raiva — quando Will a agarrou nos seus braços.

Estava viva. Tinha sobrevivido aos infernos para onde eles a tinham enviado, e estava ali, nos seus braços, e...

Olhava para os guardas, empalidecendo.

— Não — sussurrou ela, e o seu coração apertou-se ao ouvir a rendição naquela única palavra.

Ela atirou-se a eles, num movimento tão rápido que foi quase impossível segurá-la pela cintura. Ela debateu-se, tentando soltar-se de Will, lançando-se uma e outra vez contra aqueles guardas, que riam, saindo da cela.

— Não! — a palavra saiu-lhe num solavanco e ecoou nas paredes. Will mal pôde ouvir a porta a ser trancada, pois Aya agitava-se nos seus braços como um animal selvagem, gritando promessas de morte, de dor, e de todos os lugares sombrios que tinha dentro dela.

Will levou-a mais para dentro da cela. O seu corpo protestava, pois os ecos da dor que sentira ainda o atravessavam, mas tentou reprimir a dor ao apertá-la contra si, agarrando-a com força pela cintura.

— Aya — a sua voz era uma ordem calma e suave. Ajoelhou-se com ela, dizendo-lhe ao ouvido:

— Aya.

Desfeita; ela estava desfeita, quebrada. Pôs-lhe as mãos nos antebraços, enterrando-lhe as unhas na carne, como se assim ela conseguisse mantê-lo sempre ali.

— Não te podem levar. — O corpo de Aya tremia. — Não te podem levar.

Ele quis acalmá-la, dizer-lhe que os faria sair dali — que a faria sair dali, mesmo se morresse. Mas não lhe podia mentir, nunca mais.

Ela tinha arriscado a vida por ele. Depois de tudo o que ele fizera. Depois do que ele lhe tinha pedido para fazer, na véspera. Tremeu ao pensar nos braços para onde ele a tinha querido lançar, e como se tinha enganado.

Will tinha passado anos a tentar convencer-se a si mesmo que manter Aya à distância era melhor para ela. E para ambos. Tinha passado anos preso numa batalha consigo mesmo, entre aquilo que queria e o que julgava estar certo.

Tinha-a afastado. E Dominic, ainda assim, sabia como a magoar. Tinha usado Will para o fazer.

Will deixou cair a cabeça no colo dela, tocando a sua pulsação com os lábios. Respirou fundo, como se pudesse absorver o aroma inebriante dela, e levá-lo consigo para onde quer que fosse, depois desta vida.

Os sete infernos, provavelmente, se os deuses julgassem as suas ações.

— Aya — sussurrou novamente, com a verdade que tinha mantido enterrada a vir-lhe aos lábios. Ela fez outro som mudo e apertou-o mais, como se soubesse aquilo que ele ia confessar.

Como se soubesse o que significava, se ele o fizesse.

— Não. — Aya abanou a cabeça, com as lágrimas a rolares-lhe pelo rosto, agitando-se e agarrando a camisa de Will. Olhou para ele, abanando-o com suavidade. — Não faças isso — arfou —, não desistas.

Will passou uma mão pelo rosto dela, com um sorriso triste, como se a sua confissão fosse algo mais do que a sua própria entrega a ela, a uma verdade que ele tinha ocultado por demasiado tempo.

Ela tinha-o escolhido. Depois de ter sido um completo idiota, ainda assim ela tinha-o escolhido. Passou os olhos pelo vestido dela, pelo tecido rasgado e amarrotado.

Ela estava linda. Era sempre tão linda...

— Vi-te a descer aquelas escadas e desejei-te tanto que pensei que iria incendiar todo o maldito mundo, só para te ter — disse-lhe num sussurro, limpando-lhe uma lágrima da cara.

Ela deu um soluço abafado e apertou-o mais para si, enrolando os dedos no tecido da camisa dele.

— Lê-me — foi a única coisa que disse.

A mão de Will ficou imóvel no rosto dela, fitando-a.

— Não consigo. Desde o festival da Aurora...

— Eu ergui a minha proteção contra ti — disse ela, de rosto aberto e calmo. — Não quis que me sentisses morrer, por isso fechei-me para ti, completamente. Só percebi isso a noite passada. — Aya percorreu-lhe os braços com as suas mãos, apertando-o. — Lê-me.

Will franziu a testa e olhou para ela novamente, passando-lhe o polegar numa face. Ela fechou os olhos e disse num sopro:

— Por favor.

Ele não lhe podia negar nada. Por isso, pôs-lhe as mãos na cara, sentindo o coração a bater rapidamente ao fechar os olhos e tentar concentrar-se naquelas sensações que o subjugavam.

Will focou-se em Aya e ela nele.

Ela sentiu a barba dele por fazer, os músculos que estavam agora mais

relaxados, ao tentar lê-la. Lembrou-se do modo como sentia as mãos dele nos seus joelhos, a aspereza da sua pele, que não combinava com a maneira suave de ele a segurar. Os olhos de Aya absorveram cada linha do rosto dele, cada cicatriz, cada ângulo, cada centímetro. Deixou que todos os outros sentimentos desaparecessem e sentiu o calor a encher-lhe o peito, e uma onda a percorrer-lhe as veias, ameaçando derretê-la por completo.

Galda tinha-lhe sempre dito que nada havia mais poderoso do que o controlo. Mas Aya começava a supor que talvez a treinadora estivesse errada.

Porque aquilo que sentia — aquela vaga, a onda, ao sentir as mãos dele no seu rosto — era suficientemente forte para rasgar o véu.

Talvez até fazer explodir o Além.

Will entreabriu a boca, deixando sair a respiração, e abriu os olhos para encontrar os dela. O calor que havia neles chegava para queimar o mundo inteiro. Fitou-a por um instante, com o peito ofegante e lágrimas nos olhos.

Aya passou a mão pela nuca dele, metendo os dedos no seu cabelo e puxando a testa para a sua.

— Não importa a profundidade da queda — disse-lhe ela num sopro.

Era a confirmação de que Will precisava, e os seus lábios encontraram os dela. Aya pôs as mãos debaixo dos seus braços, e ele apertou-a mais para si, beijando-a com os seus lábios, suaves e exigentes ao mesmo tempo. Ela fez um som que ficou algures entre um soluço e um gemido, cheia de emoções, que ainda ameaçavam soterrá-la.

Ela deixou que o fizessem.

As costas de Aya bateram na parede quando Will a encostou contra ela, passando as mãos nos seus lábios, com as pernas entre as dela. Will gemeu ao sentir as mãos dela no seu cabelo, e o som fez com que ela o fizesse de novo, enquanto ele a beijava e lhe mordiscava o pescoço. Aya deixou a cabeça pender para trás, com uma sensação abrasadora nos olhos.

Os lábios de Will deixaram o pescoço dela, fitando-o, com uma mão no seu rosto.

— Magoei-te? — perguntou, ofegante. — Aya abanou a cabeça, levemente, cerrando os lábios.

Era de mais, tê-lo para ir perdê-lo. Saber que podia ter sido diferente. A agonia desse sentimento era como um peso sem fim no seu peito.

Ele pôs-lhe uma madeixa de cabelo para trás da orelha, respirando a custo ao beijar-lhe os lábios.

— Nunca seria demasiadamente longa — murmurou nos seus lábios. Passou-lhe os dedos pelo pescoço, parando na cicatriz no peito dela. — Mas mesmo assim, se pensas, por um segundo que seja, que não vamos lutar amanhã, então estás a esquecer-te de quem somos.

Podiam estar em desvantagem, e sem poderes nem armas iriam seguramente morrer. Mas...

De quem somos.

Aya puxou-o para ele, afundando o seu corpo no dele, beijando-o uma, duas e três vezes.

— Luta comigo — soprou-lhe ele nos seus lábios, puxando-a da parede e passando a sua língua pela dela. E com as mãos a acariciar-lhe o cabelo, conduziu-a lentamente pela cela até ao frágil colchão.

Ela não sabia se ele estava a tentar distraí-la ou convencê-la. Não tinha importância. Porque a sua mente não via mais nada quando as coxas dele chocaram nas dela, arrancando-lhe um suspiro ofegante quando os seus corpos se ligaram.

Ele percorria o pescoço dela com os lábios.

— Luta comigo — disse num gemido, contra a garganta dela.

A mão dele passeou-lhe pelas costelas, e os seus lábios encontraram os dela uma vez mais. Ela arqueou-se ao toque dele, querendo que aquela mão fosse mais acima. Will sorriu ao beijá-la, metendo a mão por baixo do vestido dela e acariciando-lhe um seio, fazendo-a reprimir um gemido com outro beijo ardente. Os dedos dele provocavam-na, arrancando-lhe mais um gemido ofegante e fazendo-a derreter-se com o seu toque.

A mão dela alcançou-lhe o cinto, mas ele agarrou-lhe o pulso e imobilizou-o na cama. Aya mexeu as ancas, desesperada por sentir uma fricção contra o desejo que crescia. A pressão dela fê-lo gemer, e disse-lhe, a ranger os dentes:

— Comporta-te — e mordiscou-lhe o pescoço.

— Quero-te — disse Aya, ofegante, tentando alcançá-lo com a sua outra mão, que ele também segurou. Ele olhou para ela, vendo o calor da sua expressão.

— E vais ter-me — prometeu Will, aliviando a pressão que fazia nos pulsos dela —, mas não aqui. — Ela abriu a boca para protestar, mas a mão dele escorregou para baixo dos braços de Aya, passando pelo tronco dela, pelas pernas... parando, para ver o tecido do vestido que ela trazia. Ela arqueou-se toda, quando ele lhe tirou o vestido, puxando-o.

Ele sentou-se, e o seu olhar percorreu o corpo dela, devagar.

— És tão bonita — disse num sussurro. Aya podia sentir as coxas a apertarem-se e o seu corpo desesperava pelo toque dele. Mas Will inclinou-se apenas para ela, beijando a cicatriz no seu peito.

— Vais ter-me — repetiu —, mas não assim. — Encostou a boca a um dos seios dela, e Aya gemeu ao senti-lo chupar, e ele continuou até que ela se contorcesse debaixo dele, passando para o outro. — Não quando pareces tão

contente em deixar que o amanhã aconteça como vai acontecer — murmurou Will, continuando a beijá-la, pelo peito e pelo pescoço acima. Ela fez um som de protesto, e sentiu-o sorrir enquanto a sua mão lhe percorria os flancos e ela se arrepiava ao toque.

Os dedos dele passaram-lhe pelas coxas, desenhando pequenos círculos na pele.

— Mas não recuso dar-te alguma motivação. — Tocou-lhe nos lábios com os dentes, e ela arqueou-se outra vez.

Ela pensou que o ia amaldiçoar. Não tinha a certeza, porque tudo aquilo que sentia era aquela maldita mão a passar-lhe pela coxa, perto de onde podia ter implorado que lhe tocasse. Will riu de novo, e tocou-a, e ela sentiu que ficava sem ar, respirando de um modo como se não conseguisse ar que chegasse.

— Luta comigo — sussurrou ele novamente, beijando-a nos lábios e continuando a tocá-la, fazendo-a ofegar. Fez deslizar um dedo para dentro dela com um gemido. — Foda-se, Aya. — Ela arqueava-se contra a mão dele, movendo as ancas ao sentir aquele dedo a mexer-se dentro dela. — Luta comigo — murmurou ele mais uma vez, e os seus olhos cinzentos brilhavam ao vê-la contorcer-se. Deslizou outro dedo, e um gemido escapou dela.

Cada movimento dos dedos dele era um eco do mundo.

Luta.

Ela mexia-se de encontro a ele, as suas ancas balouçando aos movimentos dele. Will gemeu e encostou a boca à dela, em mais um beijo escaldante.

Luta.

Continuou, naquele limite, até que o corpo dela estremecesse sem parar e o seu nome fosse uma súplica desesperada, que ela dizia num sopro, uma e outra vez.

Luta.

— Di-lo — ordenou Will suavemente, tocando com o seu polegar o ponto sensível entre as coxas dela.

Ela gritou e o seu corpo ficou tenso, com os músculos a estremecer.

Estava a ponto de se dissolver totalmente.

— Will — arfou ela —, por favor.

— Di-lo — rosnou ele.

Aya inclinou a cabeça para trás, contra a vaga que chegava.

— Eu luto contigo — disse, a arfar.

Will fez um ruído de aprovação, tocando-a novamente com o seu polegar e mordiscando-lhe o pescoço. Aya desfez-se, completamente.

Ele continuou a acariciá-la até ela deixar de tremer e ficar inerte nos seus

braços. Mas o fogo dentro dela ainda ardia, e sentou-se, erguendo uma mão para ele. Will agarrou-lhe no pulso, beijando-o.

— Motivação, lembra-te? — Os olhos dele brilhavam de malícia, ao sorrir-lhe.

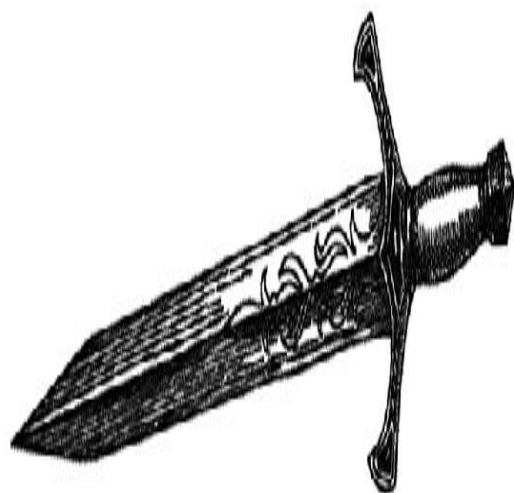
— Não podes estar a falar a sério. — Ela queria-o. Todo o seu corpo tremia com a força desse desejo. Mas Will puxou-a para si, encostando a sua cabeça à dela. O calor no sangue de Aya aumentou, quando ela sentiu como ele também a desejava.

— Sobrevive até amanhã — disse-lhe ele ao ouvido.

E estava a falar a sério.

Aya pensou que talvez ainda o pudesse odiar, apesar de tudo. E em dizer-lho. Mas Will ria, e o seu riso parecia deslocado do sítio onde estavam e do inferno que iriam enfrentar. O braço dele apertou-se mais em volta dela, aproximando-a de si.

— Às vezes fico admirado que sejas uma espia — soprou-lhe ao ouvido —, porque és uma mentirosa terrível, meu amor.



— Sonnoira, mi couera.

Dorme, meu coração.

Aquelas palavras eram um som doce no ouvido de Aya, que flutuava no espaço entre o despertar completo e o sono. Não tinha a certeza donde estava, nem daquilo que era real ou do que era a neblina de um sonho, flutuando para mais fundo, dentro de uma reminiscência.

Estava do lado de fora do covil dos Athatis, com uma anca encostada à muralha exterior. Uma voz melodiosa e profunda cantava na Língua Antiga — uma canção sombria, que ele cantava apenas quando pensava que ninguém estava a ouvir.

Apesar de aquilo lhe ter metido medo, naquela altura, pensou que ficaria contente se o pudesse ouvir para sempre.

Sem janelas na cela, era impossível saber se já tinha amanhecido. Mas Aya conseguia sentir o seu corpo a ficar mais tenso à medida que o tempo passava, e a mente já não a deixava cair naquele sono desassossegado. Ainda havia um muro entre ela e a sua magia, apesar das inúmeras vezes que se tinha atirado a ele.

Voltou-se para Will, e viu que ele a observava, com os seus perspicazes olhos cinzentos. Passou-lhe os dedos pela cara, arrepiando-se ao sentir a barba por fazer.

— Já vi esse olhar — disse-lhe.

Will ergueu uma sobrancelha, sorrindo malicioso ao morder-lhe um dedo.

— Sempre soube que não resistias a observar-me.

Aya encostou-se mais a ele, pondo a sua cabeça sobre o seu peito.

Will passou-lhe os dedos pelo cabelo, e ela sentiu a voz dele a vibrar quando disse:

— A nossa melhor hipótese é esperar até que estejamos onde eles nos quiserem levar. Esta prisão é um labirinto e Aidon tem os seus homens em vigia apertada.

Simplesmente pensar no príncipe fez com que ela quisesse gritar. Ainda não tinha tido tempo para pensar na sua traição — não tinha sido capaz de explorar a profundidade dessa ferida. Ele tinha feito o seu trabalho minuciosamente. Aproximara-se dela, fê-la sentir-se compreendida — pelos infernos, até fingiu que também ele se sentia nervoso e hesitante perante um casamento em nome do dever, tudo isso apenas para ganhar a confiança dela.

Ela pensava que eram amigos, e isso era o que mais doía.

— Seria uma tolice se Dominic nos levasse para o mesmo sítio — disse Aya, franzindo o sobrolho ao apoiar-se nos cotovelos —, mesmo com o tónico dentro de nós. — Também tinham dado uma injeção a Will, quando o haviam arrastado para a masmorra.

— Ah, mas ambos sabemos que o rei adora um bom espetáculo...!

Ela endireitou-se, e os dedos de Will ficaram parados no seu cabelo, movendo a mão até à nuca dela.

— Desculpa, não tive...

— Tato — disse ela com um leve sorriso. — É bom saber que estás como de costume. Senão, estes seriam mesmo os nossos últimos instantes.

Ele pôs-lhe os dedos na base do pescoço, devorando-a com os seus olhos cinzentos à luz trémula das tochas.

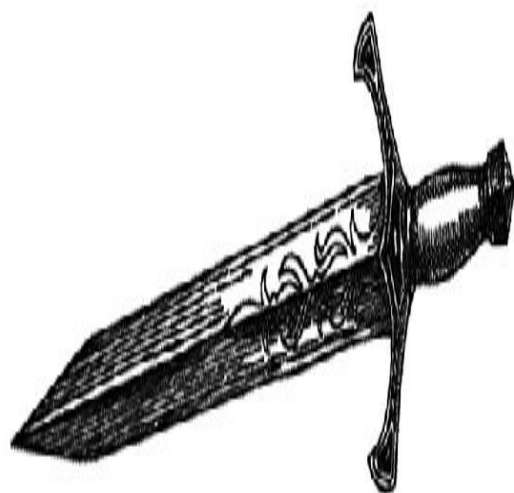
— Se estes são os nossos últimos momentos, então quero que saibas que treparei para fora dos infernos e lutarei com os deuses, se for preciso, para te encontrar novamente no Além.

Aya pestanejou, para afastar o ardor nos olhos, e inclinou-se para pousar os seus lábios nos dele. Ele segurou-a assim, e o coração batia-lhe ao ritmo dos passos que começaram a ouvir-se no corredor.

— Luta comigo — sussurrou Will uma vez mais.

Aya encostou a testa à dele, sentindo o perfume a madeira e mel que ele emanava, que lhe acalmava a pulsação.

— Sempre.



Era doentio, pensou Aya, que Dominic tivesse escolhido a sala do trono para a execução.

O rei estava sentado no seu trono dourado, e era o retrato da serenidade. Zuri estava ao seu lado esquerdo, com o rosto tenso, a olhar para a porta e a apertar as mãos uma na outra.

Aidon estava à direita do tio, com a mão no punho da espada, e Peter logo atrás dele.

Enzo não se via em lado algum.

Talvez tivesse discutido com o rei vezes de mais, ou talvez a hierarquia se tivesse alterado, simplesmente, em especial quando o príncipe absorveu poder de Aya.

Tala vai querer vingar-se disto. Este pensamento devia trazer algum conforto a Aya. Mas a guerra aproximava-se de qualquer forma, quer eles morressem quer não. O rei tinha escolhido Kakos. Por isso, o conflito entre os seus reinos era inevitável.

Os guardas deixaram Aya e Will no meio do salão, prendendo as algemas e as correntes ao chão e colocando-se junto às saídas. Aya olhou para Will e sentiu o coração apertado quando ele lhe devolveu o olhar. Não havia como escapar.

— Josie não se quer juntar a nós — disse Aidon ao rei. — Sugiro que comecemos.

Dominic fez um som, como se pensasse.

— Talvez, tal como o pai, ela vá aparecer.

Aya observou o rosto de Zuri, para ver algum tipo de reação, mas a mulher exibia um olhar de pedra, mantendo-se fixada nas portas da sala do trono.

— Muito bem — suspirou Dominic —, tragam a Saj.

Natali não se debateu quando os guardas a arrastaram, diretamente para a frente do rei. Baixou a cabeça, respeitosamente, e Aya não conseguiu evitar sentir a facada da traição a percorrê-la.

— Comecem com o Justiceiro — ordenou Dominic.

Mas Aidon não se mexeu. Os seus olhos estavam postos em Aya, sem nenhum do seu habitual calor.

— Não — disse, devagar —, deixem-no ver. Não consigo pensar em nada melhor para o Segundo de Gianna, não concordais?

Aya cerrou os punhos e sentiu o estômago a revirar-se.

— Com certeza. — Dominic acenou com a mão. — Comecem com a

santa.

Devagar, como se estivesse a contar cada passo, Aidon aproximou-se dela, com Natali atrás dele. Will debateu-se com as suas correntes, e o barulho que fazia encheu o salão, com o som das ameaças que vociferava a parecer um bramido distante, sob o bater do coração que Aya sentia nos ouvidos.

— É como o vosso tio disse, vossa alteza — dizia Natali. — Vai funcionar melhor se ela estiver indisposta. Há menos hipóteses de retaliação. Quando ela o estiver, lançai o vosso poder para dentro dela, da mesma forma que fazeis quando trazeis a vossa chama até à superfície. Agarraí-vos ao poder dela...

Aya tentava ouvir, discernir aquilo que a Saj estava a dizer. Mas as palavras eram um som distante, ao fitar o príncipe — o seu amigo — com os nós dos dedos brancos, ao apertar o cabo do punhal que tirou da bainha que lhe pendia a um flanco, enquanto Natali prosseguia.

— Lembras-te daquilo que me disseste, sobre feridas interiores? — murmurou ele, com os olhos castanhos fixos nos dela. Ela pestanejou, tentando processar a pergunta, debatendo-se contra os gritos que estavam dentro de si.

Luta. Luta. Luta.

Com um gesto suave, ele mergulhou o punhal no peito de Aya — mesmo acima da cicatriz.

Will estava a morrer. De joelhos, com o peito em chamas, reflexo da dor de Aya, gritava porque o seu coração lhe doía mais do que a ferida no seu peito, contra a qual não se podia proteger, com ou sem tónico.

Ele mataria Aidon; a ele e a toda a maldita corte.

Aya deu um silvo, ao ceder perante Aidon, e a sua respiração saía em golfadas húmidas. O peito dela estava encharcado de sangue, e o tecido negro do seu vestido não conseguia esconder a cor carmesim-escuro que saía dela. E Will continuava a gritar, lutando ainda contra aquelas malditas correntes.

Ele já se tinha sentido assim, com aquele frio que agora se apoderava dele.

Aya estava a morrer, e a dor disso iria matá-lo antes que o punhal de Aidon o fizesse.

Aya quase não deu conta do braço de Aidon à volta dela, ao lutar para respirar. O sangue escorria dela a uma velocidade alarmante, apesar do punhal alojado no seu peito.

Dominic estava a berrar alguma coisa. Will gritava. Natali murmurava

instruções, num sopro. E por baixo de tudo aquilo estava a voz grave de Aidon, a repetir alguma coisa, que ela não conseguia distinguir por entre a náusea que a percorria.

E mesmo com aquele punhal, ali...

Uma ferida exterior, aberta.

É com as feridas interiores que eu mais luto.

A imagem de Aidon esborratava-se à sua frente, e tentava concentrar-se.

É com as feridas interiores que eu mais luto.

O coração estava a parar — ela sentia a pulsação a enfraquecer e voltou-se para dentro de si para encarar a essência que tinha enterrado profundamente, que agora estava trancada por baixo daquele bloqueio que haviam colocado ao seu poder.

É com as feridas interiores que eu mais luto.

— Estás a ser imprudente. — Dominic vociferava, sentado no trono. — Fá-lo agora, Aidon!

Aya precisava de mais tempo. Olhou para o rei com uma respiração ruidosa, tentando focar a cara dele.

— Gianna estava disposta a oferecer-me a vós — silvou Aya. — Poderíeis ter-me mantido como vossa prisioneira.

— A vossa rainha nunca se separaria de um tal ativo — lançou Dominic. — Quando vos questionei no Pysar e vi que não tínheis a mínima ideia dos planos dela, desconfiei que ela não tinha verdadeiras intenções em avançar com tal casamento. Eu conheço a vossa rainha e a máscara que ela mostra ao mundo. Tal como sei que ela vos ofereceria a nós, e querer-vos-ia de volta, logo que estivéssemos de acordo em nos juntarmos a vós na guerra. — Apertou os braços do trono. — Que ricos aliados...! — Cuspiu as palavras como se fossem veneno. — E mesmo que ela honrasse a palavra... porquê guardar uma santa, se me posso tornar num deus?

Aya sentiu os pulmões a arder ao inspirar, atirando-se contra a parede que bloqueava o seu poder. Conseguiu começar a fazê-la ceder, mas o poder que escoou era muito pouco para fechar a ferida.

— Acaba com isto, Aidon — ordenou Dominic, levantando-se do trono, aproximando-se deles com passos largos. Mas Aidon não se mexeu. O seu olhar continuava fixo no rosto dela, a sentir cada respiração de Aya.

Aya agarrou no punhal e puxou-o do peito.

Os gritos de Will ecoaram pela sala do trono, misturando-se com os de Aidon e com os do rei, que rugia, furioso. Aya caiu ao chão, e contra o escudo dentro dela, gemendo à medida que o sangue escorria do seu peito. Só tinha alguns segundos.

Rolou para um lado, encontrando o olhar de Will. Ele estava de joelhos,

dobrado sobre si mesmo, gritando o nome dela.

Luta, tinha-lhe ele dito.

Aya soluçou, empurrando aquela parede dentro dela. Concentrando-se em fechar aquela ferida que tinha no peito.

Luta.

Aidon estava a berrar, com um braço posto em volta do tio, afastando-o dela, mas Aya só olhava para Will. Para a forma como os lábios dele se mexiam, pedindo-lhe que não fosse embora.

Luta.

Ela tinha-lhe feito uma promessa.

E foi a essa promessa que ela se agarrou, ao lançar-se contra aquela parede por uma última vez.

O barulho de algo a quebrar-se ecoou pela sala do trono, e as correntes que a prendiam rebentaram.

E Aya explodiu em luz.

Aidon atirou-se ao chão quando aquela luz inundou o salão, tão brilhante que ele podia sentir o calor dela, estoirando através daquele lugar. Ouviu um berro e um baque, e através do ardor nos seus olhos conseguiu ver Will a tombar no chão, com o punhal de Peter cravado na barriga. Aidon nem sequer tinha visto o amigo mexer-se. Mas Peter olhou Aidon nos olhos, com uma expressão sombria no rosto ao puxar a lâmina para fora das entranhas de Will com uma torção feroz.

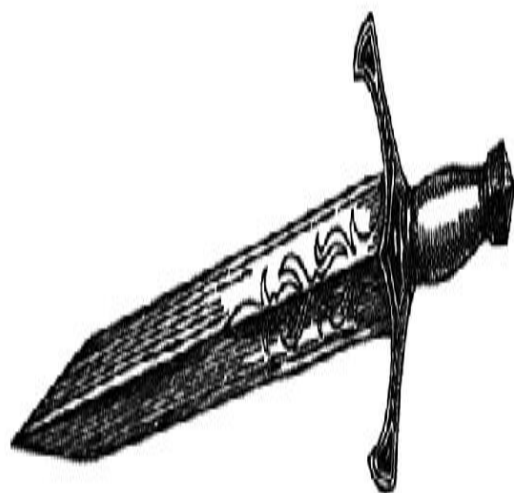
Aidon nunca ouvira algo igual ao grito que saiu de Aya. A pele dela estava iluminada de poder e fez um gesto com a mão na direção de Peter, que caiu como uma pedra. Os guardas avançaram, mas ela lançou mais uma vaga de luz e eles caíram como se fossem fantoches a quem tivessem cortado os fios.

Aya correu para Will, com o seu nome nos lábios, e caiu de joelhos, com as mãos brilhando de luz curativa, e implorou-lhe que ficasse, que não fosse embora. Não tinha olhos para mais nada — não deixaria que algo a distraísse daquela tentativa de o salvar.

Aidon percebeu isso quando o seu tio avançou para ela, erguendo o punhal que ainda tinha a lâmina a pingar com o sangue de Aya, pronto para o enterrar nas costas dela, debruçada sobre Will.

Aidon lançou-se ao tio e viu um clarão de prata. Levantou a cabeça a tempo de apanhar o punhal que a sua mãe lhe tinha atirado.

E mergulhou-o no coração de Dominic.



Aya ouviu o som de uma lâmina a atravessar carne. O gorgolejar da morte. Sentiu um baque atrás de si e virou-se a tempo de ver o rei cair, com o punhal que Aidon tinha enterrado no seu peito a brilhar à luz do sol que inundava a sala do trono.

Tinha esperado ouvir alguém gritar. Mas só havia silêncio quando Dominic exalou o seu último suspiro. O rosto de Aidon era frio e distante, ao olhar para o tio.

— Espero que apodreças nos infernos — disse, a ofegar.

Aya abriu a boca para dizer algo, mas os olhos de Aidon voltaram-se para Will e ela foi abalada pela sua respiração trémula.

Brilhou luz nas palmas das suas mãos novamente, e ela pôs-lhas na ferida, a tremer.

— Vai ficar tudo bem. Vais ficar bem.

Os olhos de Will fecharam-se quando Aidon se ajoelhou junto a ela, pressionando também a ferida de Will, e o sangue continuava a sair.

— Abre os olhos — ordenou Aya, numa voz alquebrada. Não os abriu. Aya brandia a luz curativa com toda a força que lhe restava. — Luta comigo — disse, entre dentes. A respiração de Will estava a desaparecer. Aidon dizia alguma coisa, mas ela não o conseguia ouvir, com todo o rugido que tinha nos ouvidos.

Mergulhou no seu poder de forma temerária, sugando toda a gota que pudesse encontrar, sem se importar se se esvaziaria depressa de mais, ou se aquilo a iria destruir completamente. — Luta comigo. — Encostou a cabeça à dele, irradiando aquela luz curativa, e Aidon continuava a fazer pressão na ferida, porque demorava a sarar.

Tanto sangue. Ele tinha perdido tanto sangue...!

— Por favor — implorou Aya.

A ferida fechou-se finalmente, mas Will não abriu os olhos.

Aya cerrou os lábios, engasgando-se com um soluço, e Aidon recuou, sentando-se no chão para lhes dar espaço. Para lhe dar tempo de se despedir de Will, cujo peito estava imóvel.

Mas ele tinha-lhe feito uma promessa.

Não importa a profundidade da queda.

— Não te atrevas a deixar-me — berrou ela, lançando-lhe mais uma golfada de poder curativo.

— Nunca te perdoarei.

Mais uma.

— Tiro-te para fora dos infernos e mato-te eu mesma.

Mais uma.

— Estou a falar a sério.

Will engasgou-se com aquela última golfada de poder, abrindo os olhos de repente ao conseguir respirar. As inspirações tornaram-se mais profundas quando ele olhou para ela, focando os seus olhos cinzentos no rosto de Aya.

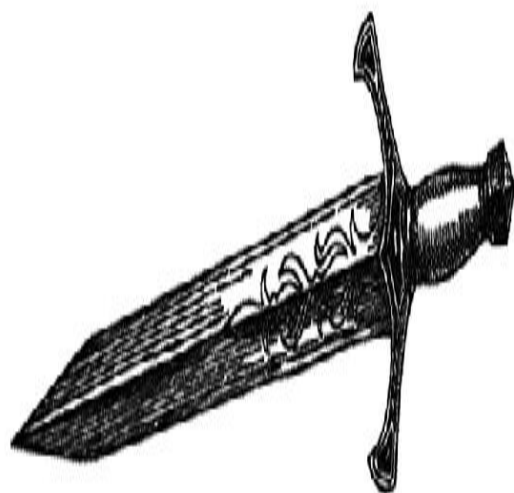
— Com ameaças dessas nem me atreveria — disse num sopro, com uma voz débil e muito rouca, que nem parecia a sua. Mas, mesmo assim, era o som mais belo que Aya alguma vez ouvira. Ela cerrou os lábios, a soluçar, e encostou a cabeça no peito dele.

Os dedos de Will entraram no seu cabelo mal se sentou, devagar, com Aya ainda encostada ao seu peito. Ela sentiu-o a ficar tenso, e viu que Will olhava para onde Dominic jazia. Aidon ainda estava de joelhos atrás dela, de olhos vidrados, a olhar também para o seu tio e para o sangue que se acumulara debaixo dele.

Zuri pôs-se ao lado do filho, com passos firmes. Com cuidado tirou-lhe a casaca, cobrindo o cadáver de Dominic com ela. Aidon continuou a olhar para a silhueta, de punhos cerrados.

— Aidon — disse Aya numa voz suave, dirigindo-se para ele. Aidon deu um salto, ao sentir o braço dela.

— Tu sabias — disse ele num sussurro. Aya não percebeu de imediato que ele não estava a falar para ela. Aidon tinha os olhos húmidos ao voltar-se para Zuri. — Tu sabias.



Tu sabias e não fizeste nada.

Tinham sido essas as palavras gritadas por Josie a Aidon quando ele entrou no quarto dela e enfrentou a sua fúria. Levou todos os murros que ela lhe quis dar, até por fim conseguir explicar-se. Depois tinha-a deixado a lidar com os guardas, enquanto punha também Viviane numa carruagem, às escondidas. Já deveriam ir nas montanhas.

O primeiro passo na sua penitência.

Tu sabias e não fizeste nada.

Não. Era pior, muito pior do que isso.

Ele sabia... mas não sabia o suficiente, não tinha resolvido aquele enigma de modo suficientemente rápido para garantir que não acontecia algum mal a qualquer deles.

Aidon levantou-se, com as mãos a tremer, e olhou para a mãe.

— Tu sabias — disse, ofegando. — Sabias que ele tinha procurado por um Diaforaté para salvar Madelyn.

A expressão de Zuri era grave, dando um passo para ele e pondo-lhe uma mão no braço. — Sabia — disse com calma.

— E aceitaste o que ele fez — silvou Aidon, afastando-se dela. Aquilo era de mais, era demasiado. Tinha de sair daquela sala. E, talvez, sair daquela maldita cidade.

A sua mãe manteve-se serena.

— Não sabia o que ele tinha aceitado em troca. Quando ela morreu, fez-nos acreditar que estava furioso com Kakos; que não se podia confiar neles, e que os rumores sobre as experiências deles com o poder da escuridão não passavam de mentiras. E culpou-os pela morte dela.

— Mas tu desconfiaste, não foi?

O olhar de Zuri suavizou-se.

— Temia aquilo que o teu tio fosse capaz de fazer. Mas sim, quando os negociantes foram apanhados, em Tala, o teu pai e eu começámos a desconfiar que as lealdades dele não eram as que ele apregoava. — A mãe levantou-lhe o queixo, obrigando-o a olhá-la nos olhos. — E esperei até que tivéssemos oportunidade de agir.

Porque Dominic tinha feito um acordo com o reino mais perigoso do mundo. Um acordo do qual ela não esperava que eles escapassem, pelo menos se não tivessem aliados.

Tinha ficado à espera.

Afinal, tinha sido a mãe que ensinara a Aidon o valor da paciência. Tinha

sido a mãe que lhe dissera que o poder por trás de uma lâmina não era tão importante como o momento do ataque.

Uma atitude que ele compreendia, no seu íntimo.

Sabia que Aya tinha roubado tônico desde há cinco semanas. Em pequenas quantidades, que dificilmente eram notadas dado o tamanho das suas reservas, mas sabia exatamente porquê. Tinha falado no tônico de propósito, para ver o que Aya faria — para ver se o seu tio tinha razão quanto às dúvidas em relação a Tala.

Dominic tinha-os acusado de quererem apenas fazer valer os seus interesses; que talvez tivessem até incriminado os negociantes, para terem vantagens nos acordos de comércio. Apesar de Aidon não o conseguir provar, tinha uma forma de ver se eles estavam mesmo ali para obter lucros para Tala.

Era arriscado, admitia que sim, mas Aya nunca teria suspeitado do real objetivo daquele tônico; nem que Aidon o tomava todos os dias, desde que o seu poder fora descoberto.

Disse-lhe que Dominic esperava usar o tônico num futuro acordo comercial. Mas, mesmo nesse momento, Aya e Will nada tinham feito com a informação. Uma vez que vigiavam a correspondência deles com Tala, ele teria sabido se enviassem uma amostra para lá, para que pudessem criar o seu próprio tônico, ou até passar a informação quanto à sua existência. Mandara revistar os quartos deles e não tinha havido sinais disso.

Assim sendo, esperou...

Porque alguma coisa o incomodava, e o seu sentido de combate instava-o a que prestasse atenção, para procurar ameaças, que ele não conseguia ver.

O rapto de Helene. O ataque a Aya e Will. A falta de revelações da parte dos Bellare durante os interrogatórios. O desaparecimento de Viviane. A raiva de Avis. As implicações de um casamento dele com Aya, que o seu tio nunca tinha partilhado consigo. Cada coisa era uma peça que ele não conseguia interpretar, andando às voltas de alguma verdade, de alguma coisa que não conseguia atingir, mas não sabia o quê.

E o seu tio... o tio tinha sido o elo comum a tudo aquilo.

Aidon passou a mão pelo rosto, sentindo a pulsação a galopar na garganta, e olhou para Aya e para Will.

— Conte-lhe sobre o teu poder para poder ganhar a confiança dele; para entrar no que ele estivesse a planear, para poder descobrir quem estava envolvido e acabar com tudo. Não fazia ideia de que ele já desconfiava de ti, nem que isto fosse o que ele pretendia.

Não tinha percebido que o tio vigiava o tônico com tanto cuidado — nem que suspeitasse da existência de uma santa entre eles. E tinha dado a Dominic a confirmação que o rei esperava, para fazer a próxima jogada.

Aidon tinha posto aquele plano em marcha, e tinha-os colocado a todos em perigo.

— Dominic disse-me que desconfiava do teu poder... e que tinha descoberto um plano dos Bellare para revelar o meu poder ao reino, tornando-me inapto para o trono. — Fitou Will. — Disse que fazias parte do plano, e que se regressasses deverias ser interrogado. Concordei, pensando que seria eu a fazê-lo, e que assim que voltasses podíamos pensar numa estratégia.

Tinha mostrado ao tio aquilo que ele queria ver:

Dever.

Responsabilidade.

Lealdade.

— Mas quando regressaram ele levou-me às masmorras, onde me mostrou Viviane e o meu pai. — *Era necessário*, tinha dito Dominic quando ele perguntara pelo pai, ao caminharem pela masmorra. *Ele não vai concordar com os meus métodos*. A sua mãe continuara livre, e Aidon sabia que isso era para ter a certeza de que ele seria sempre leal.

— Precisava de tempo — disse num sopro. Apontou com o queixo para Will. — Dei-te o tónico na esperança de que te dominasse só pelo tempo suficiente para se fazer o interrogatório. Deixei o meu tio acreditar que estava ao lado dele, para que me mantivesse no seu esquema. Para, quando visse uma oportunidade, poder livrar-nos a todos. A todos.

Dever para com o seu reino.

Responsabilidade para com a sua família.

Lealdade para com os seus amigos.

Tinham-no levado a andar no fio da navalha, suficientemente perto para saber os passos que dava, enquanto o tio ia dois passos à frente.

Aidon abanou a cabeça e olhou para Aya.

— Não fazia ideia de que ele iria usar Vi daquela forma, nem que queria roubar o teu poder, até estarmos naquela cela. Pensei que levasse Vi para ser interrogada. Nem sequer sabia que vocês os dois lá estavam.

Tinha sido quase impossível manter um rosto sério e desempenhar o seu papel naquilo tudo.

Paciência, Aidon.

Só que essa paciência quase tinha sido a morte para eles todos. Mas, enfim, tinham estado em desvantagem clara. Os seus amigos estavam em perigo e a sua família também. Ele teria feito tudo para os proteger, e desconfiava que Dominic sabia disso.

— Onde está a Josie, Aidon? — Havia preocupação na voz da mãe, que olhava ainda para as portas da sala do trono.

— Foi embora — murmurou. — Tirei-a do palácio, com Viviane.

Também podia ter mandado o pai com elas, mas...

— Mas ele veio ter comigo na noite passada, na prisão. — Natali completou a frase por ele. — Estava à procura de um modo de contrariar os efeitos do tônico, para que pudésseis ter acesso ao vosso poder. Eu disse-lhe que precisaria de ser evacuado totalmente através do corpo, durante dias, ou então seria necessário um curandeiro, que usasse o seu poder para o retirar.

Tempo. Aidon não tivera tempo e não sabia em que curandeiros podia confiar.

Os nossos poderes não são ilimitados, dissera Natali. Temos limites.

Ele tinha, e sabia disso. Mas Aya...

Aidon olhou para a marca vermelha que desfigurava o peito dela; o sangue que lhe cobria a pele. Não conseguiu dizer nada, por um momento.

— Pus-me a pensar se o teu poder em bruto não funcionaria de maneira diferente — disse por fim.

Aya voltou-se para Natali e a Saj encolheu os ombros.

— Sugeri motivação — disse ela. — Muita. Há equilíbrios no poder. É interessante, não é? Como tentamos tão desesperadamente consertar aquilo que é externo e deixamos o interior sem cuidados. E, ainda assim, às vezes um consegue melhorar o outro.

— É com as feridas internas que eu mais luto — sussurrou Aya.

Aidon também se tinha lembrado disso. E por isso tinha enfiado aquela lâmina no peito de Aya — mesmo acima da cicatriz com que ela voltara do deserto — e tinha-lhe dado uma só ordem, uma súplica.

Cura-te.

Cura-te, para poderem lutar juntos.

Cura-te, para poderem escapar vivos.

Aya franziu a testa, olhando para a Saj.

— Dissestes ao rei para me matar.

Natali apertou as mãos.

— Pois disse. Porque o vosso poder não tem limites, apenas em vós. Menti quando senti Viviane, sabendo que, se a fonte fosse eliminada, o rei não conseguiria concluir o seu trabalho para Kakos. Além disso — acrescentou com ironia — tinha esperanças de que o príncipe mudaria de ideias.

Will praguejou baixinho.

— Foi uma grande merda de risco, que vocês correram. — As palavras não foram ditas com intenção, e Aidon pensou se não seria um relutante «obrigado» vindo do Justiceiro. Ou, pelo menos, o reconhecimento daquilo que haviam feito.

— Nem fazes ideia. — Cuidadoso... tinha tentado ser cuidadoso, ao jogar aquele jogo com Dominic; ficando perto para deixar tudo acontecer, até um

ponto em que pudesse parar as coisas. E tudo acontecera muito depressa. O tio tinha escondido muita coisa.

A mãe pôs-lhe uma mão, suave e quente, no seu rosto. Talvez visse a agonia que ele tentava esconder. — Fizeste tudo o que podias para nos manter em segurança. E estamos. Agora, o governante legítimo pode subir ao trono — disse com suavidade.

Aidon não sabia o que dizer. Nem o que fazer. Mas o seu tio estava morto — o rei estava morto. E isso significava...

Pensou que pudesse estar doente. O seu olhar virou-se para os guardas mortos. Os seus soldados. E nenhum lhe tinha sido leal. Será que os outros iriam sê-lo?

Sentiu uma pressão no braço, que o tirou dos pensamentos. O olhar da mãe era firme, seguro.

— Vamos saber o que fazer, juntos. Mas primeiro... — olhou para Aya, que ajudava Will a levantar-se, tendo quebrado as correntes com o seu poder — vamos precisar de um plano — murmurou.

Um plano. Porque o tio estava morto, e, apesar de terem sido as únicas testemunhas, as notícias iriam espalhar-se. E quem iria acreditar neles, quando dissessem a verdade? Com quem poderia Aidon contar, além das pessoas naquela sala?

A Saj, que o tinha ajudado apesar da morte certa que a esperava, se ele falhasse.

Os aliados que se tinham tornado amigos.

A sua mãe, que o ajudara a salvá-los a todos.

E Josie, claro. A irmã que amava profundamente, até mesmo na traição.

— Eles não vão aceitar isto — murmurou Aidon, franzindo o sobrolho ao avançar para o trono. O Sol brilhava através das janelas por trás dele, e a luz daquele dia parecia deslocada com o que tinha acontecido nesse dia. — O nosso povo não estava aqui para testemunhar a traição do rei, e, apesar dos rumores da guerra que se aproxima, ele nunca lhes deu motivos para que os levassem a sério.

— Diz-lhes — a voz de Aya era um simples sopro. Ele olhou para trás do ombro e viu-lhe o sobrolho franzido, aquele olhar de determinação que era tão único, no seu rosto.

Aidon pestanejou.

— Não queres dizer...

— Diz-lhes.

Aidon olhou a amiga nos olhos.

— Se Tala confessar estar de alguma forma envolvida na traição do meu tio, os meus exércitos vão resistir a esta aliança — disse. Não tinha a certeza

do motivo de estar a discutir; não era aquilo que tinha pedido a Aya? Mas... — Isto é mais do que contar ao meu tio, ou até às minhas tropas. Isto é o reino, o mundo. Podemos perder a nossa vantagem na guerra que se avizinha.

Aya abanou a cabeça, teimosa como sempre, aproximando-se dele.

— Precisamos de te ter no trono, e dos teus exércitos, e que o teu reino te siga. Se esta for a prova que achas que é necessária, então diz-lhes.

Ficou surpreendido ao ver a calma no rosto dela, e Aya encolheu os ombros.

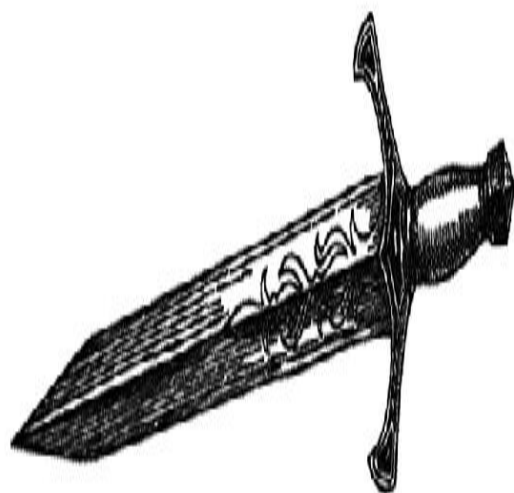
— Além disso, não era Tala que estava envolvida no que quer que seja — disse —, era eu.

Aidon fitou Will e viu como os olhos dele observavam Aya com uma intensidade ardente. Talvez também ele visse a transformação subtil que começava a produzir-se nela, que estava a acontecer à frente deles.

— Diz-lhes que a Segunda Santa é real. — Os olhos de Aya fitaram Zuri, que os observava com atenção. E depois de novo Aidon, com olhos tão azuis que pareciam gelo. — Diz-lhes que a Segunda Guerra chegou e que é tempo de escolherem um lado. Ou estão contra o Decachiré, ou estão contra os deuses.

Natali pôs-se ao lado de Aidon, com os seus olhos cor de âmbar fixos em Aya.

— E assim desponha a Segunda Santa.



Aya não tinha conseguido respirar regularmente até estarem no mar há três dias, até que a única coisa que vissem fosse a cor azul-escura das águas do mar de Anath.

Zuri tinha conseguido que saíssem rapidamente de Rinnia. Tinha escrito ela mesma uma carta a Gianna, avisando-a do regresso, e afirmando a intenção de Trahir em respeitar a aliança. Continuou como conselheira do rei — do novo rei — e trataria da correspondência com os outros reinos.

Aya estava preocupada com Aidon — com o peso das ações do tio, e da sua morte às mãos de Aidon. E apesar de ele ter dito que estava tudo bem...

Ela sabia como a raiva e a culpa, mesmo imerecidas, podiam ulcerar e infetar.

Will pôs-se ao lado dela, apoiando os braços no varandim, a olhar para o mar. Quietos. Pensativos.

— Estás preocupado — disse-lhe Aya, olhando para ele.

Zuri tinha mandado um curandeiro observá-los antes de partirem. E apesar de ele ter dito que Will iria recuperar na totalidade, ela olhava-o cuidadosamente, como se pudesse verificar cada respiração, cada expressão de dor que ele pensava poder esconder-lhe.

— Não gosto de entrar numa situação com tanta coisa que ainda não sabemos — admitiu ele.

Porque Gianna... ainda era algo desconhecido. Ela queria, desesperadamente, que Aya usasse o seu poder, mas porquê, e como? Aya queria acreditar que Gianna não lhe pediria que destruísse o véu, mas não tinha a certeza. Essas dúvidas tinham sido provocadas pela própria Gianna.

— Também não confio nela — murmurou Aya.

Will franziu o sobrolho, olhando para a água.

— Ultimamente tenho pensado se não será tolice confiar em quem quer que seja. — Apertou o corrimão do varandim. — Sei que perdoaste Aidon pelo que fez, mas eu não consigo.

Ela sabia que a raiva dele iria passar. Sabia que, com o tempo, ele iria compreender, como ela. Ambos sabiam o que era servir alguém que não se conhecia realmente, e tomar medidas desesperadas para salvar aqueles que se ama.

— Ele salvou-nos a vida — disse Aya, calmamente.

Ele olhou-a de lado.

— Foi um risco enorme. Podia ter-nos matado a todos.

Ela revirou os olhos.

— Sei bem disso, muito obrigada.

Will virou-se para ela, de braços cruzados, sorrindo.

— Mas estou curioso. Depois de uma tamanha demonstração de poder curativo — estendeu a mão esquerda, com a palma para cima, exibindo a cicatriz do juramento dos Dyminara —, achas que consegues curar isto?

Aya pestanejou, a olhar para ele. Os curandeiros não podiam curar pactos de sangue. Ela disse-lho, e Will sorriu com travessura.

— Bom, então graças aos deuses que ninguém diz que és uma curandeira. Não tens queda para isso. — Desviou-se do murro dela, agarrando-lhe o pulso e puxando-a para si. — Tem pena de mim — murmurou, junto aos lábios dela —, a não ser que aches que os teus delicados poderes de cura não são capazes de o fazer. Sei que a paciência não é o teu forte. — Um sorriso malicioso bailava-lhe nos olhos, como se também ele se estivesse a lembrar de como a tinha posto a suplicar para satisfazer o seu desejo na noite anterior. Ainda não tinham cruzado essa linha juntos. Não com os terrores que os arrancavam a ambos do sono.

Além disso, Will insistira que queria estar totalmente curado, para não estragar a experiência «transformadora».

Ela quase que o tinha esfaqueado outra vez.

Mas isso não queria dizer que não tivessem passado as últimas duas noites no mar a conhecerem os seus corpos das formas que podiam.

Aya afastou a recordação dos lábios dele a descer-lhe pelo peito, pelo ventre, mais abaixo, e pegou-lhe na mão, sussurrando algo a respeito de retaliação, corando fortemente.

— Oh, mal posso esperar — soprou-lhe Will.

— Deixa-me concentrar — disse ela, cerrando os lábios para não sorrir. Passou o polegar sobre a cicatriz de Will, devagar. Parou, mordendo o lábio a olhar para ele. — Tens a certeza?

Will apertou-lhe a mão.

— Absoluta.

Ela não lhe perguntou porquê. Ele tinha-lhe dado espaço para resolver a sua própria confusão — e ela faria a mesma coisa. Sobretudo no que dizia respeito a Gianna. Ele não lhe devia explicações.

Aya fechou os olhos e concentrou-se no calor da pele dele, sob as pontas dos seus dedos. Procurou a luz curativa, invocando-a até que ela cresceu, até que pudesse sentir a luz a escoar-se dela, focando-se naquela cicatriz, em remover a dor daquele juramento.

O juramento que ele fizera por ela.

Para a proteger.

Para estar perto dela.

Mesmo que tivesse de fazer com que ela o odiasse.

Ela tinha-se apaixonado por ele, de qualquer forma. Pela sua astúcia e pela sua lealdade. Pela sua confiança e pela sua coragem. Pela sua vontade de *sentir*. De viver. De ser. Ele tinha quebrado o gelo de que ela se tinha revestido durante anos. Tinha derramado calor na sua alma.

Aya abriu os olhos, passando o polegar sobre a pele suave da palma da mão dele.

Will apertou-lhe a mão com suavidade, com os olhos cinzentos a brilhar, e puxou-a para si.

— Obrigado — murmurou, encostando os lábios ao queixo dela. Pôs-lhe as mãos nas ancas e Aya abafou um som quando ele lhe beijou o pescoço junto à orelha. — Tenho mais um pedido — disse, em voz baixa, e ela sentiu o sangue a ferver quando ele a mordiscou.

— Há alguém que anda muito guloso — arfou Aya. Sentiu Will a sorrir junto ao seu pescoço, e a mão dele a passar da anca para a perna.

— Por ti? Sempre. — Passou uma corrente de ar entre ambos quando Will deu um passo atrás, e o punhal que ela tinha prendido à coxa estava agora na mão dele. Pestanejou. Nem tinha dado conta de ele o tirar.

— Parvalhão — murmurou.

Will rodopiou a arma, virando o punho para Aya.

— Deixa-me fazer um novo juramento.

Ela olhou para a lâmina que ele lhe estendia, para o rosto dele, e arregalou os olhos ao pensar no pedido que ele lhe fazia. Abanou a cabeça e deu um passo atrás.

— Não te posso pedir uma coisa dessas...

— Não pediste. — Ele baixou o punhal e inclinou-se para ela, pondo-lhe uma madeixa de cabelo para trás da orelha, passando o polegar pelo rosto dela, a olhá-la, a lê-la.

— Mas, claro, se achas que não...

— Não, nada disso — interrompeu-o Aya. Mas ele tinha detestado o juramento dos Dyminara.

Talvez porque não tenha sido um juramento aos Dyminara, pelo menos não o era, na realidade; tinha sido um juramento a Gianna.

— Não tenho objeções — disse-lhe Aya —, só ponho uma condição.

— Uma condição? — repetiu Will.

— Sim.

— Com certeza — disse Will, cruzando os braços. — Vamos negociar, Aya querida. — Ela passou as mãos pelos braços dele, até as pôr em volta do pescoço.

— Juntos — disse, apenas. Os olhos de Will faiscaram quando percebeu

o que ela queria dizer. Observou-a, como se quisesse confirmar.

— Tens a certeza?

Ela sorriu.

— Absoluta.

Deu um passo atrás e esticou a mão para a lâmina. Will entregou-lhe a arma e esticou a mão esquerda, com a direita posta na cintura dela. Não pestanejou quando ela lhe fez o corte na palma da mão. Olhava para ela, dizendo:

— Pelo meu sangue e perante os deuses, ofereço a minha vida para te proteger. Para lutar ao teu lado. — Sorriu suavemente. — Não importa a profundidade da queda.

Inclinou-se para beijar as lágrimas que caíam dos olhos dela. Aya entregou-lhe o punhal, e ele passou o polegar sobre a palma da mão dela, dando-lhe uma última oportunidade. Ela respondeu com o beijo que lhe deu nos lábios, e o corte da lâmina passou despercebido sob a tempestade de desejo que troava dentro dela. Encostou a testa à dele e fez o seu juramento com uma voz segura.

— Pelo meu sangue e perante os deuses, ofereço a minha vida para te proteger. Para lutar ao teu lado. Não importa a profundidade da queda.

Os pontos verdes nos olhos de Will cintilavam como estrelas ao beijá-la de novo, uma e outra vez, fortemente, esticando as mãos de ambos para o mar, para deixar o sangue pingar no oceano em baixo.

O juramento estava selado pela própria Natureza.

Havia tanto em que pensar... Gianna. O véu. A guerra iminente.

Mas Aya sentia-se segura ao olhar para a água, com Will por trás dela, quente e firme.

Juntos. Iam atravessar tudo, juntos.

Não importava a profundidade da queda.

EPÍLOGO



A dor tinha regressado. Ou, se calhar, nunca tinha ido embora. Identificava com dificuldade os momentos que tinham sido pesadelos e aqueles que haviam sido realidade, por isso era difícil distinguir a dor verdadeira da falsa.

Talvez tivesse sido tudo um grande pesadelo.

Ou fosse tudo dor autêntica.

Gritou ao senti-la, e sentiu a garganta a arder de secura. Quando tinha sido a última vez que lhe haviam dado água?

Já tinha deixado de tentar acompanhar o tempo. Todos os momentos fundiam-se num enorme borrão.

Ela ia morrer aqui. Tinha a certeza.

A dor desapareceu e ela estava ofegante.

— Não precisa de ser assim — ralhou uma voz. Ela detestava aquela voz. A sua suavidade já tinha sido quente e bondosa. Agora só queria dizer mais dor, mais visões, mais terror.

Ela anda atrás dela, e eu estou a tentar ajudá-la.

Agarrou-se a essa lembrança. Aquela em que ele aguentara o máximo que tinha conseguido; quando ele chorava com ela, ao perceberem que fariam coisas inimagináveis para proteger aqueles que amavam.

Ela estava a salvo. Eles estavam a salvo.

Era essa a única razão pela qual aquela mulher não a conseguia fazer ceder.

Tinham-na libertado. Ela estava a salvo. Eles estavam a salvo.

Ouviu passos suaves no chão de pedra, quase em uníssono com o pingar de sangue do seu nariz, a cair no chão. Os passos pararam perto de onde ela estava deitada, com o seu corpo esgotado.

Passou os olhos pelo chão, pelo padrão em espirais, até àqueles sapatos prateados, subindo pelo vestido branco, até ao rosto que era doçura, luz e malícia. O cabelo castanho-claro brilhava à luz do fogo que iluminava a cela. Dobrou-se, e os seus olhos castanhos fitaram-na com solenidade.

— Preferes mesmo esperar pelo meu Justiceiro?

Soltou um riso, e o som era como um silvo que lhe saía dos pulmões. Manchou de sangue aqueles sapatos prateados, mas não parou — não conseguia parar a histeria que vinha daquela ameaça.

— Há alguma coisa engraçada? — disse a voz.

— Pensais que ele é vosso — disse ela num sopro.

— Duvidas da lealdade do meu Segundo?

Uma nova vaga de histeria apoderou-se dela, e precisou de alguns momentos para se acalmar. Talvez estivesse a ficar louca.

Ela iria morrer ali. Tinha a certeza.

— Só da que ele te tem — conseguiu dizer, por fim.

Eu estou a tentar ajudá-la.

Ela estava a salvo. Eles estavam a salvo.

— Obrigada, Tova — ronronou a voz calma. Tova susteve a respiração e Gianna estava ali, em pé, de sobrolho franzido. — Ajudaste muito, hoje. Continuamos amanhã. Vamos talvez escrever uma carta.

Tova pestanejou, confusa. Tinha ajudado? Não lhe tinha dado nada. Ou teria?

Tova enroscou-se quando Gianna saiu da cela, e as suas palavras voavam em círculos, como abutres na sua mente.

Ajudaste muito, hoje.

Ela estava a salvo. Eles estavam a salvo. Tova e Will tinham conseguido isso. Ele não deixaria que nada acontecesse a Aya. E estaria com ela.

Ela estava a salvo. Eles estavam a salvo.

Ela estava a salvo. Eles estavam a salvo.

Ela estava a salvo. Eles estavam a salvo.

Mas perguntava-se se não iria ceder.

GLOSSÁRIO



Anima — Visya com o poder da vida e da morte

Aquine — deus da água

Athatis — os lobos sagrados que protegem os Dyminara e o reino de Tala

Auqin — Visya com o poder da água

Aurora — celebração de Santa Evie e do seu sacrifício, que libertou o mundo do Decachiré

Bellare — grupo rebelde em Trahir, que se opõe à modernização do reino

Caeli — Visya com o poder do ar

Cero — deus da terra

Conoscenza — o livro dos deuses, utilizado pelos Visya para venerar os Divinos Nove

Decachiré — o ritual das trevas, praticado por aqueles que ambicionam o poder sem limites

Diaforaté — Visya que absorvem poderes, para obterem o poder em bruto que tinham antes da guerra

Dyminara — a força de elite da Coroa, composta de guerreiros, espiões e eruditos Visya, que servem o reino de Tala

Genemai — o festival do Nascer da Magia

Hepha — deusa das chamas

Incend — Visya com o poder do fogo

Maraciana — casa dos Saj, onde os guardiães do conhecimento estudam os poderes

Mi couera — expressão carinhosa na Língua Antiga: «Meu coração»

Mora — deusa do destino

Nikatos — deus da guerra

Ordem dos Corpsoma — Visya com poderes físicos

Ordem dos Dultra — Visya com os poderes dos elementos

Ordem dos Espri — Visya com o poder da mente, das emoções e das sensações

Pathos — deus das sensações

Persi — Visya com o poder da persuasão

Phanmata — na Língua Antiga significa «os fantasmas permanentes dos pesadelos»

Pysar — uma comemoração, própria de Trahir, que celebra a chegada

da primavera e as iguarias que fazem a riqueza desse reino

Sage — deusa da sabedoria

Saj — Visya com o poder do conhecimento profundo

Saudra — deusa da persuasão

Sensainos — Visya com o poder das sensações e das emoções

Terra — Visya com o poder da terra

Tríade — os três Dyminara mais leais à Coroa

Vagantes — fiéis devotos de Santa Evie, que foram banidos da Maraciana

Velos — deus do vento

Ventaleh — o cortante vento do inverno em Tala; diz-se que é um sinal

dos deuses, que têm o poder de purificar o mundo

Visya — mortais que possuem fragmentos de poder divino

Zeluus — Visya com o poder da força

AGRADECIMENTOS

Sonhava em ser uma escritora desde os 11 anos. Ver esse sonho tornar-se realidade com *A Maldição das Santas* tem sido uma experiência verdadeiramente incrível e surreal, e não teria sido de todo possível sem a ajuda de tantas pessoas maravilhosas!

Em primeiro lugar, obrigada a Jessica Killingley, a melhor agente e amiga que uma pessoa poderia ter. Não existem palavras que cheguem para descrever a tua essência. És a minha maior campeã, a minha maior defensora e a rede que protege os meus saltos. Obrigada por me encorajares a continuar esta história, por me impelires em frente sempre que parava a fitar o ecrã a chorar, e por teres concordado em prosseguir nesta jornada comigo. Fazes com que os sonhos se tornem realidade.

Obrigada também a Jason, James, Joana e a toda a equipa da agência bks, pelo vosso apoio constante em tornar este sonho numa realidade, e pelo acolhimento mais caloroso que um novo escritor pode ter neste mundo.

Não haveria possibilidade de esta versão de *A Maldição das Santas* existir sem Rebecca, a minha incrível editora! Becs, obrigada por acreditares nesta história, por gostares de Aya tanto quanto eu e por me ajudares a transformar *A Maldição das Santas* na melhor história que podia ser. Ainda não acredito que cancelaste a tua festa de anos para ficares a trabalhar no livro, e que andaste pelo supermercado de telefone na mão, a falar comigo sobre punhais e feridas de punhal! És inegavelmente incrível.

Obrigada a toda a equipa de Michael Joseph na Penguin, cuja paixão por *A Maldição das Santas* é total e contagiosa.

Jorgie, Steph, Sophie, Eugenie, Clio, Nick e Jane... vocês fizeram com que a minha experiência como escritora iniciante fosse um conto de fadas. Não consigo agradecer-vos o suficiente.

Um enorme obrigada a Mary e a toda a equipa Casablanca na Sourcebooks, pelo vosso entusiasmo em divulgarem a história de Aya e Will nos EUA e no Canadá, e pela vossa disponibilidade e dedicação.

Este livro também não teria sido possível sem a incrível equipa de leitores sensíveis na Writing Diversely. Obrigada pelos vossos recursos, respostas e tempo, ajudando-me a tornar *A Maldição das Santas* representativo do mundo diversificado em que vivemos de um modo respeitoso e correto. E obrigada a Anna, que me deu o primeiro relatório editorial. O teu parecer foi crucial para transformar esta história, e apesar de ter passado um dia a chorar por causa dele era exatamente do que precisava para o transformar no livro que é hoje!

Estou eternamente grata aos autores que me atraíram para a fantasia, e que me inspiram diariamente. Obrigada, Sabaa Tahir, Victoria Aveyard, Ayana Gray, Leigh Bardugo e Mary Pearson pelo vosso brilhante trabalho.

Fico constantemente espantada com a comunidade de leitores que aderiu a *A Maldição das Santas* ainda antes de o livro estar terminado. Obrigada a ti, leitor, por teres pegado neste livro.

Obrigada, Yousr, por teres sido o primeiro leitor e o maior encorajador. Estou muito contente por o TikTok nos ter feito encontrar!

Obrigada, Kendall, pela tua amizade instantânea e pelas conversas estimulantes! E obrigada às comunidades BookTok e Bookstagram, que me ajudaram a colocar *A Maldição das Santas* no mapa, e que me encorajaram a «terminar o maldito livro»!

Os vossos apoio, paixão e entusiasmo mudaram-me a vida, e não consigo imaginar uma outra comunidade com quem seja tão bom partilhar Aya e seus amigos.

Por falar em amigos... andaria totalmente perdida sem os meus.

Obrigada, Ellie, por atenderes todas as chamadas e responderes a todas as mensagens. Os teus conselhos ao longo desta jornada ajudaram-me a prosseguir nos piores momentos, e estarei grata para sempre por me dizeres que contasse a história que trazia no coração.

Evan, estiveste ao meu lado durante os momentos mais marcantes dos últimos nove anos. Desde teres-me contratado para o meu primeiro trabalho de escrita a teres trabalhado comigo no nosso negócio junto ao rio, passando por pensarmos na vida juntos, escrever livros e tentar resolver «furos» na história. Não consigo expressar o quão grata estou por te ter na minha vida. Obrigada por seres um amigo incrível, hoje e sempre. És simplesmente o melhor.

Obrigada Rhonda e Jonnice, por terem festejado cada porção desta jornada comigo, e por gostarem de mim como eu sou. É uma bênção estar nesta vida convosco.

Shaylene, não podia imaginar melhor maneira de celebrar este livro sem ser contigo. Obrigada pelas chamadas por FaceTime, pelas gargalhadas e por seres um grande exemplo daquilo que é uma alma gémea.

Jensen, obrigada por me amares durante 28 anos e por seres sempre o meu rochedo. És o meu pilar, querido.

Obrigada, Liz e Remy, pelo apoio constante e por compreenderem sempre que digo que tenho de ficar em casa a escrever! Tenho sorte por ter amigos como vocês.

Laura, obrigada pelos anos de amizade, pelo meu saquinho de lavanda e por estares sempre disposta a sonhar comigo.

Brad, incentivaste-me quando recebi o relatório editorial (e em muitas outras ocasiões antes dessa), e estou-te incrivelmente grata. Obrigada por acreditares sempre em mim, especialmente nos momentos em que eu não acredito.

À minha mentora, Cheryl, obrigada pelos teus conselhos incríveis e lembretes de que não faz mal se um dia se bebe tequila em vez de champanhe!

E obrigada a cada um dos meus amigos que tiveram uma mãozinha nesta viagem... Tiffany, por sempre me teres incentivado a ir atrás dos meus maiores e mais audazes sonhos; Jenn, por teres sido a minha primeira amiga *online*; Topsyie, por toda a motivação; Tomasha, por me teres ajudado a encontrar a mim mesma após o trabalho; Jamar, por me lembrares de ser corajosa; Emily, por me teres iniciado à *fanfiction* e ao Scrivener; Amanda e Sam, por ignorarem o meu pedido para me obrigarem a concentrar noutro livro em vez de começar este; Sierra, pela opinião refletida; Alexandria, por me lembrares que Deus está comigo; Alec, por sempre me defenderes; e Tyler, David, Brooke, Shelby e Sirmantha, por serem amigos incríveis e me incentivarem a continuar e a sonhar.

Não estaria de todo aqui sem o apoio da minha família, que são o meu tudo. Obrigada, mãe e pai, por me incentivarem sempre a ir atrás dos meus sonhos e nunca ficar imóvel, e por fingirem que não sabiam que ficava acordada até às 3 h da manhã a ler, quando tinha aulas no dia seguinte.

Billy, sempre me protegeste e sempre foste o meu modelo. Obrigada por me enviares vídeos divertidos, por atenderes sempre as chamadas, por me alimentares, por aumentares os meus conhecimentos sobre *cocktails*, por ficares a pé até às 3 h da manhã para tentar apanhar o Pai Natal, e por me lembrares de ficar em contacto com o nosso espanto infantil. Quando a vida está nos momentos mais difíceis, és o meu porto seguro. Sempre foste e sempre serás o meu herói. Amo-te muito.

Obrigada, Courtney, por me ajudares a navegar por esta nova carreira, pelos macarronetes de manteiga, pelos meios dias de trabalho e pelos meios dias de bilhar, de compras de roupa e de programas de culinária, e pelos anos e anos de amizade que nunca conseguirei condensar numa página. Adoro-te mais do que até adormecer no teu sofá ao tentar ficar acordada a ver televisão, e ambas sabemos como eu gosto disso.

Obrigada, Morgan, pelo teu entusiasmo a respeito deste livro, pelos abraços, pelas conversas profundas e pela amizade, e por me dares sempre de comer quando eu apareço! Amo-te e estou muito contente por te teres juntado à nossa família!

Mollie, as palavras não conseguem transmitir o que nos une. Obrigada por seres a minha melhor amiga; pelas nossas conversas diárias, por me teres

ajudado em todos os momentos desta jornada, pelas tapas e pelas festas de anos, por tudo. E obrigada por seres, acima de tudo, um exemplo brilhante de como ser genuína num mundo que nos pede tudo menos isso. Adoro-te, meu doce.

Ao Bubbie e ao Squish, obrigada por me darem o papel de que mais gosto. Ser escritora é fantástico, mas ser a vossa tia Kate é a maior honra da minha vida, e amo-vos mais do que as palavras alguma vez conseguiriam dizer.

Obrigada aos meus bebés de pelo, Porter, Tilly, Duke e Clara, pelos constantes carinhos e beijinhos.

E, por último mas não menos importante, obrigada à minha outra metade, a minha alma gémea, a minha melhor amiga. Cassie, esta história não existiria sem ti, mas, ainda mais importante, eu não seria quem sou sem ti. Não há mais ninguém com quem eu goste tanto de estar nas Terras Altas escocesas, jogar em Las Vegas, caminhar por Nova Iorque ou por Londres, dormir no aeroporto, flutuar num lago de água barrenta, ou de me sentar num sofá. És a Tova da minha Aya. Seguir-te-ia para todo o lado — não importa a profundidade da queda. Amo-te daqui até a Lua, ida e volta. Obrigada por seres a melhor amiga que uma pessoa podia ter.

BIOGRAFIA



KATE DRAMIS vive em Atlanta. A sua obsessão com mundos fantásticos e em se perder numa boa história de amor levaram-na a perseguir o sonho de se tornar escritora.

Inspirado no imaginário de uma mulher que invoca um relâmpago para salvar um amigo, *A Maldição das Santas* é a estreia de Kate Dramis no romance fantástico.

Quando não está ocupada a escrever piadas que a fazem rir de uma forma embaraçosamente alta, está a reservar impulsivamente a sua próxima viagem rumo à aventura, aconchegada com os seus três cães e o gato, ou a atormentar a sua crescente legião de fãs no TikTok e no Instagram com *teasers* sobre este livro.

Mais informações em
katelyndramis.com

Mais informações em
www.sde.pt

GILD

RAVEN KENNEDY

UMA GAIOLA É SEMPRE UMA PRISÃO
MESMO QUE SEJA DE OURO

Personagem de
TIKTOK

SÉRIE A PRISIONEIRA DOURADA

RAVEN KENNEDY

**É CARACTERÍSTICO DOS
HOMENS DESVALORIZAREM AS MULHERES.
SERÁ IGUALMENTE A SUA RUÍNA.**

Sempre nos disseram que esta é a história do rei Midas. Ele é o rei dourado e eu sou a sua favorita — a mulher que, com apenas um toque, ele transformou em ouro. Para mostrar que lhe pertence. Para mostrar a todos o seu imenso poder. Ele prometeu proteger-me e, em troca, eu prometi-lhe o meu coração.

Mas quando a guerra chega ao reino, é necessário um acordo — e eu estou no centro dessa negociação. Subitamente, a minha confiança é quebrada e o meu amor é desafiado. Percebo finalmente que tudo o que sabia sobre Midas pode estar errado.

**Sempre disseram que esta é a história dele.
Mas talvez estejam errados... talvez
seja a minha história!**

Mais informações em
www.sde.pt